JORNAL DO BRASIL

© JORNAL DO BRASIL S A 1990 | Rio de Janeiro - - Domingo, 1º de abril de 1990 | Ano XCIX — Nº 354 | Preço para o Rio: Cr$ 50,00

Tempo

No Rio e em Niterói, céu claro a parcialmente nublado. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 35º em Santa Cruz e 20,3º no Alto da Boa Vista. Mar calmo e visibilidade boa. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, página 27.

Informe JB

☐ *Quase ninguém viu. Apenas alguns vizinhos mais atentos. Ao retornar de São Paulo, domingo, dia 25, depois de ter assistido ao Grande Prêmio da Fórmula-1, o presidente Fernando Collor de Mello subiu em sua moto e saiu anônimo para um passeio noturno, entre as mansões do Lago Norte. Tudo só para estrear o capacete novo que acabara de ganhar, em Interlagos, do piloto Ayrton Senna.* (Mais Informe, Página 6)

Moda presidencial

Cada presidente tem suas medidas — de estilo, não as provisórias. Fernando Collor de Mello, que gosta de ser identificado como uma pessoa dinâmica, e tem evidente cuidado com a imagem, revela sua obediência aos ditames da moda em detalhes como as camisas pólo, de Ralph Lauren, ou os ternos riscos de giz. Uma análise do estilo Collor, pela editora de moda do JB, Iesa Rodrigues, página 5.

Bolsa de valores

Com a fuga dos investidores do mercado de ações, desde o Plano Collor, o presidente da Bolsa do Rio, Francisco de Souza Dantas, faz uma previsão dramática: a BVRJ tem fôlego para permanecer aberta apenas por mais dois meses. O mercado, diz ele, está nas mãos do governo e do Congresso, esperando por uma tributação menor nos negócios. (Página 25)

Domingo

☐ *Ao disparar o único tiro de que dispunha para abater o tigre de hiperinflação, o presidente Fernando Collor trouxe de volta o desassossego a um profissional que desde o Plano Cruzado não apanhava tanto: o gerente. Gente como Wilem Tavares, que viaja de Guadalupe para 12 horas de trabalho no Supermercado Big do Leblon em troca de Cr$ 9 mil. Ou então Ciro Beltrão, gerente, também no Leblon, que uma agência do Banerj. Duros, para eles, foram os primeiros dias do Plano Collor, passados sob a pressão de clientes irados e fiscais do Tuma. Jaime Reis, 56 anos, 20 deles vividos entre prateleiras e carrinhos de compras num supermercado, chegou a enfrentar a humilhação de ser preso, aos gritos de "ladrão" do populacho. Hoje, ele desabafa: "Gerente, nunca mais".*

Programa

☐ *Ficar em casa, não gastar um níquel e ter boa diversão. A promessa, que não podia ser mais adequada para esses tempos de falta de liquidez, é de Rainha da Sucata, a novela da Globo que estréia amanhã às 20h30. No Barato do Domingo, um roteiro de passeios e lazer segundo os novos tempos.*

Idéias

ENSAIOS

☐ *Os 10% de brasileiros que levam um padrão civilizado de vida sentiram, este ano, o 1º abril se antecipar por 15 dias. O Dia da Mentira surgiu na forma do plano econômico que bloqueou contas bancárias, over, cadernetas e afins. O calote, porém, apenas reatualiza uma relação arcaica com a mentira, que desde a infância tem um papel primordial na vida humana, pensa o psicanalista Alberto Goldin, autor do best-seller Freud explica.* A mentira não é apenas algo que nos é roubado, mas tem uma face positiva. Saber mentir é, também, saber que podemos dominar nosso destino.

Moscou — AP

Manifestantes pedem a bota soviética fora da Lituânia, no Parque Gorki, em Moscou. Gorbachev exigiu que os lituanos recuem na declaração de independência. (Pág. 20)

Governo poderá desistir de leiloar cruzado

Antes mesmo do primeiro leilão de conversão de cruzados novos em cruzeiros, o governo já estuda a possibilidade de desistir dessa fórmula, segundo o diretor de Política Monetária do Banco Central, Luís Eduardo de Assis. "Mecanismos mais int. 'igentes de liberar cruzados novos" estão sendo procurados, para evitar prejuízos com o deságio que ocorreria nos leilões.

Uma das hipóteses de trabalho é a liberação de recursos para investimentos considerados de interesse do país. Flexível nessa questão, Assis não admite, porém, mudar os limites de saques da poupança. "Se o Congresso fizer isso, terá que arcar com as conseqüências", adverte. (Página 25)

Ministro tem 23 fazendas e adora búfalos

O pecuarista Antônio Cabrera Filho tomará posse terça-feria como ministro da Agricultura promovendo uma reunião de produtores rurais na porta do Ministério. Criador de búfalos e dono 23 de fazendas (200 mil hectares), Cabrera, de 30 anos, foi surpreendido pelo convite na sexta-feira, quando tentava, em Brasília, liberar dinheiro para pagar seus bóias-frias.

Cabrera tem pós-graduação em Zootecnica pelo Colégio Veterinário de Bombaim (Índia). Mais do que criador, é um apaixonado por búfalos. A paixão começou aos 15 anos, quando ficou chocado ao ver búfalos em cativeiro no Jardim Zoológico de São Paulo. Cabrera guarda no escritório a cabeça empalhada de um búfalo de seu primeiro rebanho. (Página 3).

A hora do Congresso

João Cerqueira

Nos primeiros dias nada parecia poder se opor ao rolo compressor gerado do Palácio do Planalto. Com a corda toda, o governo Collor, único ator no palco, disparava suas medidas provisórias e depois mandava os ministros explicá-las na televisão, num ritmo de atordoar. Na semana passada, porém, um outro poder da República despertou de uma letargia que muitos temiam sem volta, e o velho Congresso Nacional, ao seu jeito manhoso, sem nada que lembre o gosto do espetáculo cultivado no Executivo Collor, começou a entrar em ação. Hoje já está claro que ele não abrirá mão de seu papel de parceiro do governo na reforma econômica.

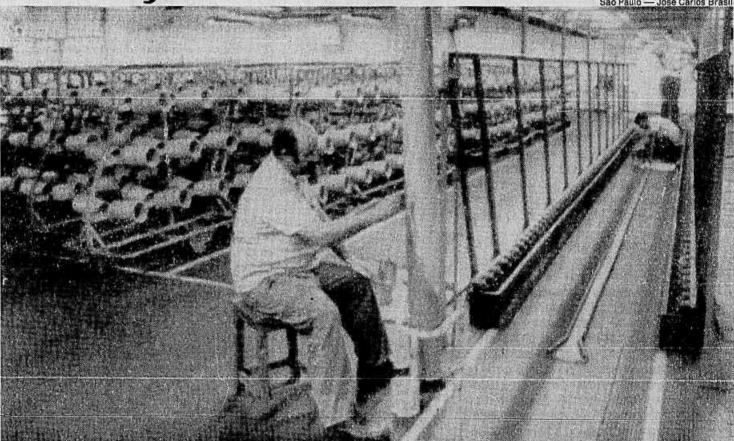
"Temos que manter o único do plano, mas assegurando à sociedade mecanismos para que o governo cumpra suas prédeterminações", afirma o deputado Nélson Jobim (PMDB—RS), uma das figuras-chave nesta fase de exame das medidas do governo pelo Congresso. Jobim tem uma imagem para definir o papel dos parlamentares: "Não temos saída, no sentido de voltar atrás. Ou seja, o doente já se atirou do décimo andar, está em queda livre e temos que assegurar agora determinadas condições que garantam que a cama elástica lá embaixo não vai romper." (Entrevista com Jobim, página 13; mais Congresso, página 4).

Recessão começa a mostrar a sua face

Os brasileiros mal tiveram tempo de se acostumar com o sumiço da inflação diária e já começam a ser assombrados por outra catástrofe econômica — alastram-se rapidamente pelo país os sinais de uma recessão talvez brutal. Pesquisas do próprio governo revelam uma queda de 20% na produção industrial de março em relação a fevereiro, uma substancial redução do consumo de energia elétrica e a paralisação das atividades de amplos setores da indústria e da construção civil.

Seja por falta de dinheiro para indenizações, seja por medo do delegado Tuma ou outras ameaças do governo, grandes indústrias evitam demissões em massa. Mas não deixam de paralisar a produção, recorrendo a um artifício cada vez mais comum — a licença remunerada. A indústria automobilística está quase toda parada, nesse esquema. Outras grandes empresas, como a fábrica de tecidos da Rhodia, em São Paulo, seguem o exemplo. E o pior é que, em torno de cada grande indústria que pára, cria-se um efeito dominó.

No caso da Rhodia, por exemplo, é claro que sua paralisação afetou fundamente seus 8.500 fornecedores habituais. É o que ocorre com Wilke Artefatos de Papel e Papelão. Com a suspensão das encomendas da Rhodia, principal compradora de seus tubos de papelão para enrolar fios, a Wilke teve de parar e dar licença remunerada a seus 450 operários. A recessão em cadeia vai seguindo por uma trilha que acaba chegando até o Bar e Café Grandinha, freqüentado pelos empregados da Wilke. Como eles não trabalham mais, o bar apresenta uma ociosidade que já preocupa seus 50 empregados. (Págs. 8, 23 e 24)

São Paulo — José Carlos Brasil

Na fábrica deserta da Rhodia, nada a fazer senão pequenos serviços de manutenção

Ambos no páreo, Botafogo e Flu jogam motivados

Motivados por seus mais recentes resultados, Botafogo e Fluminense jogam hoje às 18h30, no Maracanã, em circunstâncias bem diferentes do primeiro turno. Desta vez, os dois times, e não apenas o Botafogo, estão no páreo para vencer a Taça Rio, o returno do Campeonato Estadual. Ontem, fora de casa, o Vasco venceu o Itaperuna por 3 a 1. Na Academia de Tênis de Brasília, os brasileiros Danilo Marcelino e Mauro Menezes, ao vencerem os chilenos Pedro Rebolledo e Cristian Araya, garantiram a permanência do Brasil na Zona Americana da Copa Davis. (Páginas 29 e 30)

Japonês diz 'não' aos EUA em livro-bomba

As relações já difíceis entre o capitalismo americano e o japonês estão agora em pé de guerra, devido ao violento libelo — *O Japão que pode dizer não* — assinado por Akio Morita, presidente da Sony, e pelo político liberal Shintaro Ishihara. Os autores proibiram qualquer edição no exterior, mas uma tradução clandestina do livro circula nos gabinetes de Washington, espalhando indignação pelo tom de nacionalismo humilhado. Morita e Ishihara apontam a decadência dos Estados Unidos e proclamam: "América, renuncia a tua arrogância". (Página 22)

Ministro manda importar vacina para menigite

O ministro da Saúde, Alceni Guerra, surpreendeu as autoridades da área de Saúde do Estado do Rio ao anunciar que vai autorizar, amanhã, a importação de 6 milhões de doses da vacina cubana contra meningite meningocócica do tipo B. Entraves burocráticos ocorridos ainda no governo Sarney, agravados pela extinção da Interbrás, estão impedindo o embarque das vacinas, mas o ministro resolveu deixar a burocracia de lado. A vacinação já deveria ter ocorrido no ano passado, quando aumentou a incidência da doença em todo o Estado do Rio. (Página 18)

Coluna do Castello

Vencer a batalha é tarefa de Collor

O Congresso Nacional não é de demitir mas de nomear. Não é de extinguir repartições e empresas públicas mas de criá-las ou engordá-las. Essa a principal dificuldade do governo em vender a deputados e senadores um plano que demite e extingue, contrariando uma vocação clássica não só do Poder Legislativo mas da comunidade política do país. Entende-se que, sendo representantes do povo, isto é, de parcelas da população organizada eleitoralmente em partidos e clientelas, sintam-se os parlamentares vinculados aos interesses, aos empenhos, aos desejos e às aspirações dos que, de quatro em quatro anos, os credenciam pelo voto a representá-los como parcelas de um poder global do qual a parte mais visível é o presidente da República, eleito pelo conjunto do eleitorado em pleito nacional disputado em função de questões mais altas e de interesses gerais que no momento não se materializam em fatores. Que não fazem pensar, por exempmlo, em perder emprego, perder poupança, lucros do overnight ou qualquer outra coisa. Da defesa desses direitos, pequenos ou grandes, incumbem-se seus representantes na Câmara dos Deputados.

Está portanto dentro da regra, do previsível e do sabido, a reação das forças que dominam o Congresso ao Plano Brasil Novo. Contra a vocação da representação política, o presidente Fernando Collor terá de fazer prevalecer um comportamento que toma por baliza problemas mais abstratos para a maioria da população embora seus efeitos sejam bastante concretos, mas nem sempre perceptíveis. O Congresso também não é avesso a isso nem insensível às necessidades do país, que algumas vezes podem contrariar os de determinadas fatias do eleitorado ou a muitas delas, sobretudo se tudo é visto do ângulo estreito ou curto prazo. Quando é motivado pelos dramas maiores ou conduzido por lideranças explícitas à preservação do que mais importa, termina o Congresso por compreender o que deve fazer e a fazer exatamente o que deve. A história está cheia de precedentes.

Não é portanto insanável a situação atual, na qual o presidente da República sente ameaçado seu projeto de, com um tiro só, liquidar a inflação e reorganizar a economia do país mediante sacrifícios da população e em especial da burocracia do Estado. No debate estão postos por enquanto os propósitos de ajustar os pleitos menores ao projeto maior. Da capacidade de composição devem estar pendentes os primeiros e até mesmo o último. Uma das dificuldades do governo está visível na insuficiência dos seus agentes políticos para coordenar os que o apóiam e aliciar os que a ele resistem. Sem base em grandes partidos, exceção do PFL, dividido entre o compromisso com Collor e sua inarredável fisiologia eleitoral, o governo poderia suprir a carência mediante a ação de líderes e interlocutores ministeriais com presença maior e mais impressiva na Câmara e no Senado.

A tarefa não seria impossível, pois a partir do exemplo do PMDB, que de 1986 para hoje perdeu 130 dos seus 260 deputados, reduzindo-se à metade, e essa mesma corroída por hesitações e perplexidades, tudo indica que o campo não é difícil de ser lavrado. Ao invés de penetrar nessa seara, no entanto, os capitães da política oficial, líderes e ministros, assistem a defecções no próprio campo do PFL, reflorido pelo adubo da integração no governo. O líder do PDS, Amaral Neto, posto à margem, abriu a boca para rejeitar o relegamento do seu partido e para ameaçar, ele também, de mandar-se para fora.

O presidente Collor, quando sua equipe se mostrou insuficiente para a comunicação com a nação, assumiu ele próprio a responsabilidade, refazendo com sua presença na televisão o prestígio do seu governo. Terá ele condições, neste momento, de suprir seus líderes, recolocando o problema do seu plano no patamar adequado, que é o macro e não o micro? Esse o desafio que lhe foi colocado.

O que resta dos 22

Em 1986, o PMDB, montado no Plano Cruzado, elegeu 22 governadores em 23 estados. Em outubro próximo, na grande maioria desses estados o partido não tem condições de disputar como favorito os governos. Ele está praticamente excluído da competição eleitoral no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Alagoas, Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas, Acre e Rondônia. Tem condições de disputar bem na Bahia e em Goiás, mas com candidatos marginalizados pelo comando partidário. Em Pernambuco pode ter seu candidato eleito, mas graças ao apoio do sistema que o abandonou, o sistema de Miguel Arraes. Pode disputar no Paraná e no Rio Grande do Norte com alguma chance.

Esse o panorama do partido que sucedeu a Arena como o maior partido do Ocidente.

Carlos Castello Branco

Nova tabela aumenta farinha de trigo

BRASÍLIA — A Sunab divulgou ontem a nova lista de preços da cesta básica de consumo, que na segunda versão mantém os valores da primeira, com alterações apenas na especificação do tipo de produto tabelado, e inclui a farinha de trigo, com aumento de 60%. Pela portaria da Sunab, os preços de bens e serviços praticados no dia 16 de março devem ficar inalterados por tempo indeterminado, só podendo ser reajustados com autorização do Ministério da Economia.

Os preços são válidos para todas as marcas do mesmo produto, quando não houver discriminação na lista. Valem ainda para bens idênticos com o mesmo peso, volume, metragem ou quantidade, desde que tenham a mesma apresentação na embalagem. Os estabelecimentos são obrigados a afixar a lista da Sunab, que traz entre 80 a 150 produtos, variando em cada estado.

A portaria foi assinada pelo superintendente da Sunab, João da Silva Maia, que acumula o cargo com a Secretaria de Economia desde que Marcelo Paiva Abreu pediu demissão. Maia acumulava também a chefia do Departamento de Abastecimento e Preços, que a partir de amanhã terá como titular Edgar Pereira.

Segundo os técnicos da Sunab, a tabela está sendo cumprida rigorosamente nos estados. Há casos de preços que estão em média 10% abaixo da tabela oficial, devido à falta de cruzeiros em circulação.

Os preços da Sunab

Item	Apresentação	Preço Máximo Varejo -Cr$-
Açúcar refinado	1 kg.pac.	28,00
Amido de milho alimentício	200 g.pac.	21,00
Amido de milho alimentício	500 g.pac.	30,00
Arroz polido longo fino tipo 2 (exc.parbolizado)	1 kg.pac.	33,00
Biscoito água e sal	200 g.pac.	36,00
Biscoito Cream Cracker não integral	200 g.pac.	36,00
Biscoito Maria/Maizena não vitaminado	200 g.pac.	32,00
Café torrado e moído/vácuo compensado	500 g.pac.	130,00
Café torrado e moído/vácuo puro	500 g.pac.	150,00
Carne bovina c/osso/costela/ponta de agulha	1 kg.	120,00
Carne bovina s/osso 1ª Alcatra	1 kg.	230,00
Carne bovina s/osso 1ª Contra Filé	1 kg.	230,00
Carne bovina s/osso 1ª Coxão duro/Lagarto plano	1 kg.	195,00
Carne bovina s/osso 1ª Coxão mole/Chã de Dentro	1 kg.	205,00
Carne bovina s/osso 1ª File Mignon	1 kg.	280,00
Carne bovina s/osso 1ª Lagarto redondo/Tatu	1 kg.	215,00
Carne bovina s/osso 1ª Patinho	1 kg.	195,00
Carne bovina s/osso 2ª Acem/Agulha	1 kg.	165,00
Carne bovina s/osso 2ª Capa/Aba de Filé	1 kg.	165,00
Carne bovina s/osso 2ª Pá/Paleta/Braço	1 kg.	165,00
Carne bovina s/osso 2ª Peito	1 kg.	140,00
Carne bovina s/osso – Músculo	1 kg.	140,00
Carne bovina – Fígado	1 kg.	160,00
Carne Seca/Charque – Dianteiro	1 kg.granel	200,00
Carne suína congelada – Carré/Bisteca	1 kg.	210,00
Carne suína congelada – Lombinho	1 kg.	315,00
Carne suína congelada – Pernil	1 kg.	190,00
Carne suína – Banha	1 kg.pac.	55,00
Doce de frutas – goiabada (exceto cascão/dietética)	700 g.lt.	90,00
Doce de frutas – marmelada (exceto dietética)	700 g.lt.	100,00
Extrato de tomate	140 g.lt.	27,00
Extrato de tomate	190 g. copo comum	40,00
Extrato de tomate	360/370 g.lt.	56,00
Farinha de mandioca crua comum	1 kg. pac.	15,00
Farinha de trigo comum	1 kg. pac.	25,00
Farinha de trigo comum	5 kg. pac.	103,00
Farinha de trigo especial	1 kg. pac.	34,00
Farinha de trigo especial	5 kg. pac.	136,00
Farinha láctea	400 g.lt.	70,00
Feijão carioquinha/mulatinho	1 kg. pac./granel	42,00
Feijão preto tipo 1	1 kg. pac./granel	48,00
Feijão preto tipo 2	1 kg. pac./granel	42,00
Feijão preto tipo 3	1 kg. pac./granel	32,00
Frango congelado inteiro	1 kg.	74,00
Frango em cortes – coxa/sobrecoxa	1 kg.	135,00
Frango em cortes – filé	1 kg.	300,00
Frango em cortes – peito s/carcaça	1 kg.	180,00
Frango fresco/resfriado – inteiro	1 kg.	95,00
Leite em pó desnatado instantâneo	300 g.lt/pac/saco	127,00
Leite em pó desnatado instantâneo	400 g.cx.	166,00
Leite em Pó Infantil	454 G.Lt/Pac/Saco	167,00
Leite em Pó Integral	454 G.Lt/Pac/Saco	137,00
Leite em Pó Integral Instantâneo	400 G.Lt/Pac/Saco	132,00
Leite em Pó Semidesnatado Instantâneo	400 G.Lt/Pac/Saco	165,00
Maionese Comum Cica/Gourmet/Goodie/Minasa	250 G.Vidro/Plast.	50,00
Maionese Comum Hellmann's	250 G. Vidro/Plast.	58,00
Maionese Maionegg's	250 G. Vidro/Plast.	58,00
Margarina Comum Claybon/Primor/Bem-Te-Vi	250 G. Tablete	33,00
Margarina Comum Claybon/Primor/Bem-Te-Vi	250 G. Pote	34,00
Margarina Comum Claybon/Primor/Bem-Te-Vi	400 G. Cx.	57,00
Margarina Crem. Claybon/Primor/Doriana/Delicia	250 G. Pote	40,00
Massas Comum (Exceto Caseiras/Frescas/Inst.)	500 G. Pac.	32,00
Massas c/ovos (Exc. Caseiras/Frescas/Inst./Vitam.)	500 G. Pac.	40,00
Massas c/Semola (Exc. Caseiras/Frescas/Inst./Vitam.)	500 G. Pac.	35,00
Mortadela Comum (Exceto Tipo Exportação/Aves)	1 Kg. Granel	150,00
Oleo de Soja	900 Ml. Lt.	37,00
Ovo Branco Extra	1. Dez. Granel	61,00
Ovo Branco Extra	1 Dz. Isopor/Polpa	67,00
Ovo Branco Grande	1 Dz. Granel	59,00
Ovo Branco Grande	1 Dz. Isopor/Polpa	65,00
Ovo Branco Médio	1 Dz. Granel	55,00
Ovo Branco Médio	1 Dz. Isopor/Polpa	61,00
Pão de Forma/Industrializado Comum	500/600 G.	40,00
Sal Refinado	1 Kg. Pac.	20,00
Salsicha Viena Comum	180 G. Lt.	40,00
Salsicha Viena Comum (Exc. Tripa de Carneiro/Aves)	1 Kg. Granel	250,00
Sardinha Comum em Lata	132/135 G.	32,00
Vinagre Comum de Vinho Tinto/Branco	500 Ml. Gar	24,00
Vinagre Comum de Vinho Tinto/Branco	750 Ml. Gar	30,00
(Higiene/Limpeza/Utilidades)		
Absorvente higiênico aderente comum Sempre Livre	10 un.pac.	95,00
Absorvente higiênico regular Modess não Aderente	10 un.pac.	80,00
Água sanitária	1000 ml.	30,00
Aparelho de barbear descartável	1 unidade	25,00
Creme dental Colgate c/fluor MFP	50 g.bisnaga	20,00
Creme dental Colgate c/fluor MFP	90 g.bisnaga	27,00
Creme dental Kolynos c/fluor comum	50 g.bisnaga	20,00
Creme dental Kolynos c/fluor comum	90 g.bisnaga	27,00
Detergente em pó Minerva	400 g.cx.	45,00
Detergente em pó Minerva	800 g.cx.	80,00
Detergente em pó Omo	400 g.cx.	56,00
Detergente em pó Omo	800 g.cx.	100,00
Detergente líquido para louças	500 ml.frasco	28,00
Detergente líquido para louças	750 ml.frasco	40,00
Esponja de aço (exceto inoxidável)	60 g.pac.	20,00
Fósforo	10 un.pac./40 pal	30,00
Papel higiênico folha dupla alta qualidade	4 rolos-40 m	90,00
Papel higiênico folha simples alta qualidade	4 rolos-40 m	60,00
Papel higiênico folha simples boa qualidade	4 rolos-35/40 m	48,00
Papel higiênico popular	4 rolos-25/35 m	38,00
Pilha grande comum (exceto alcalina)	2 unidades	87,00
Pilha média comum (exceto alcalina)	2 unidades	75,00
Pilha pequena comum (exceto alcalina)	4 unidades	80,00
Sabão em pedra comum	200 g.tablete	6,00
Sabão em pedra extrusado	200 g.tablete	8,00
Sabão em pedra marmorizado	200 g.tablete	7,00
Sabão em pedra perfumado	200 g.tablete	10,00
Sabonete Gessy comum	100 g.	10,00
Sabonete Lux Suave	90/93 g.	13,00
Sabonete Palmolive Suave	90/93 g.	13,00

Nota: Os tipos de carne que constam da P.S.69/87 permanecem com os preços praticados aos níveis do dia 16/03/90

Cabrera assume terça-feira com reunião de produtores

BRASÍLIA — O novo ministro da Agricultura, Antônio Cabrera Filho, 29 anos, assumirá o cargo na terça-feira, em solenidade na porta do ministério que terá a presença de produtores rurais de todo o país. Cabrera foi apresentado ontem às 12h20 pelo ministro da Justiça, Bernardo Cabral, na porta da Casa da Dinda, residência do presidente Fernando Collor de Mello. Pecuarista que tem como paixão a criação de búfalos e um dos maiores proprietários rurais do país — possui 23 fazendas, no total de 200 mil hectares —, o novo ministro foi um dos principais consultores de Collor na elaboração do programa de governo para a área agrícola.

Após rápida apresentação feita por Cabral, Antônio Cabrera disse apenas uma frase: "Tudo faremos para que a agricultura retome seu verdadeiro lugar." Ele saiu da Casa da Dinda direto para o aeroporto, de onde, na companhia de técnicos do governo, foi para São José do Rio Preto (SP) estudar os impactos do Plano Collor sobre o setor agrícola.

O convite feito pelo presidente Fernando Collor pegou Antônio Cabrera Filho de surpresa. Segundo o jornalista Renato Moreira, seu amigo e futuro assessor, Cabrera, que contribuiu para os leilões da União Democrática Ruralista (UDR) durante a Constituinte, estava sexta-feira a Brasília poiur outro motivo. Ele viera negociar com o Banco Central a liberação de recursos para o pagamento dos salários dos empregados de suas fazendas, que trabalham como bóias-frias, sem registro em carteira de trabalho. As regras para liberação de recursos não prevêem caso de assalariados sem registro. Amigo de Collor, a quem ajudou nas eleições coordenando a campanha em 80 municípios do noroeste de São Paulo, Cabrera foi levar sua reivindicação ao ministro da Justiça e interino da Agricultura, Bernardo Cabral, de quem também é amigo.

Cabral avisou Collor da presença de Cabrera e o presidente pediu que o ministro levasse o pecuarista ao Planalto. Cabrera foi recebido com o convite. "Você quer ser meu ministro da Agricultura?", disseCollor. "Não tenho como recusar uma convocação do senhor, mas vamos conversar com calma", respondeu Cabrera. Ficou combinado um encontro para mais tarde na casa do embaixador Marcos Coimbra, na Península dos Ministros, Lago Sul.

Na conversa com Collor na casa de Coimbra, Cabrera pediu que o presidente expusesse suas propostas para a agricultura. Collor enunciou rapidamente suas idéias: viabilização imediata da produção agropecuária para retomada das exportações, paralisadas desde a posse do novo governo, e um projeto de reforma agrária classificado pelo presidente como "o maior do mundo".

O novo ministro da Agricultura é zootecnista com pós-graduação no Colégio Veterinário de Bombaim, na Índia — maior centro produtor de leite de búfalo do mundo.

TV Manchete — 31/03/90

Cabrera ficou surpreso com o convite

Uma paixão doentia por búfalos

Augusto Fonseca

BRASÍLIA — A grande paixão da vida do novo ministro da Agricultura, Antônio Cabrera Mano Filho, são os búfalos. Um namoro que começou aos dois anos de idade, quando ganhou da família seu primeiro rebanho. Quando tinha 13 anos de idade, parte de seu rebanho morreu. Cabrera então empalhou a cabeça de um dos búfalos, que o acompanha até hoje, preso na parede atrás da cadeira do escritório que estiver ocupando. Os amigos costumam classificá-lo como um *bufólatra*. Estas são algumas das informações que a revista *Guia Rural*, da Editora Abril, publicou na sua edição de abril de 1988, numa matéria sobre a personalidade excêntrica de Antônio Cabrera Filho.

Sua paixão pelos búfalos tornou-se um caso de amor quando, aos 15 anos de idade, visitou o zôo de São Paulo e viu alguns exemplares do animal presos em cativeiro. Em estado de choque, fez uma jura: "A partir de hoje vou trabalhar para colocar os búfalos no seu devido lugar." Pouco tempo depois iniciou uma campanha a favor dos animais, incluindo adesivos com a frase em inglês: "*Only milk buffalo beats love*". Tradução: "Só o leite de búfula é melhor que o amor." A campanha chegou ao inusitado quando, em 1977, Cabrera promoveu uma *bufeata* — passeata de búfalos — no centro de São José do Rio Preto (SP).

Marco Polo — Antônio Cabrera Filho já cumpriu mais de 720 horas de vôo — o equivalente a 698 mil quilômetros — visitando 50 países, sempre com o mesmo objetivo: divulgar os búfalos e aprender sobre eles. Seus amigos, segundo a reportagem da *Guia Rural*, o apelidaram de "Marco Polo dos Búfalos". Quando falam de sua paixão pelos búfalos, estes amigos costumam usar adjetivos como "doente, fanático, viciado e louco". Nos 200 mil hectares de suas 23 fazendas, Antônio Cabrera Filho possui 37 mil cabeças de gado, sendo quatro mil búfalos.

Além disso, planta café, trigo e soja. A produção de leite de búfala de suas fazendas, em 1988, era de 5 mil litros por dia. Uma história de família faz Cabrera acreditar que é um enviado dos deuses para cuidar dos búfalos na terra. Seus antepassados, de origem espanhola, chegaram ao Brasil em 1895, mesmo ano em que chegou o primeiro rebanho de búfalos ao país.

Milhares de cartas provocaram a reação do Congresso

Rosângela Bittar

BRASÍLIA — O Congresso Nacional começou a perceber na segunda-feira, dia 19, três dias após o início da execução do plano econômico do governo Collor, que deveria reagir ao estado de perplexidade com que os parlamentares receberam o choque aplicado por um presidente eleito com 35 milhões de votos. Naquele dia, começaram a chegar ao gabinete das lideranças dos partidos as cartas dos eleitores. Milhares de cartas, que depois se transformaram numa média de 750 a 800 por dia, levadas pelo correio aos gabinetes dos líderes Fernando Henrique Cardoso, Euclides Scalco, Ibsen Pinheiro, Afif Domingos, pedindo para o Congresso rejeitar as mudanças feitas na caderneta de poupança. "Aí, através da sociedade, o Congresso começou a perceber que havia imperfeições no plano", conta o líder do PSDB no Senado, Fernando Henrique, hoje, quando já contabiliza uma efetiva reação do Congresso.

Os empresários também apontaram erros. Em telefonemas a parlamentares amigos, mostraram que o governo precisava liberar o pagamento da folha de salários de março. A Contag (Confederação dos Trabalhadores na Agricultura) enviou a cada um dos congressistas documento técnico sobre as perdas que o novo cálculo do reajuste para o salário mínimo representaria para os trabalhadores rurais. A Ordem dos Advogados do Brasil começou a questionar a constitucionalidade das medidas 153 e 156 do programa econômico, que previam penalidades para crimes de abuso do poder econômico e contra o Erário.

O caminho — "Sem a poupança, sem a folha de salário e em estado de susto - as prisões, a violência contra o jornal *Folha de S. Paulo* - a sociedade apontou um caminho e o Congresso o seguiu", resume Fernando Henrique. A reação foi alimentada por algo que o líder do PSDB no Senado chama de "uma certa arrogância do segundo escalão do governo". Para a equipe de economistas do presidente Fernando Collor, estava tudo sob controle e o plano não podia ser mudado. Na quarta-feira, dia 28, o líder do PSDB na Câmara, Euclides Scalco, deu a senha para o novo discurso público dos líderes: "O Congresso não é um órgão de colaboração, é um poder", ensinou. No dia seguinte, 29, o líder do PMDB na Câmara, Ibsen Pinheiro, oficializou a reação: "A intocabilidade do plano está revogada".

Foram 10 dias de reuniões secretas, almoços e conversas nos cantos dos salões da Câmara e do Senado. O PMDB fez várias reuniões de bancada, algumas na casa de Ulysses Guimarães. O velho político aproveitou para reabilitar seu partido: "O PMDB deve assumir suas responsabilidades e responder aos que imaginam que o partido desapareceu", convidou Ulysses, em reunião com Ibsen Pinheiro, Genebaldo Correa, Antonio Brito, Osmundo Rebouças, e Cid Carvalho. O deputado Nelson Jobim (PMDB-RS), fez um estudo no início da primeira semana de pleno vigor do pacote e verificou que algumas medidas eram inconstitucionais. "Vamos encontrar soluções mas não vamos ceder à constitucionalidade", recomendou o deputado, conseguindo das lideranças dos demais partidos a aprovação do regime de urgência para os projetos de lei que o governo decidisse enviar para substituir as medidas inconstitucionais.

Ao mesmo tempo, extremamente organizado e com emendas bem definidas, o PSDB liderava outras articulações. Os senadores Jorge Bornhausen (PFL-SC) e José Agripino Maia (PFL-RN) procuraram Fernando Henrique para trocar idéias. Guilherme Afif Domingos, já na liderança do PL na Câmara, levou suas apreensões ao líder do PSDB no Senado, chegando a sugerir que organizassem um **forum de entendimentos**, utilizando como modelo os acordos de lideranças feitos à época da Constituinte. Euclides Scalco e Ibsen Pinheiro fizeram muitas reuniões a dois antes dos encontros oficiais da semana que passou. Até os líderes do governo foram chamados para discussões nos gabinetes do PSDB e do PFL. Fernando Henrique Cardoso define os objetivos do trabalho realizado nesses 10 dias: "Não queremos inviabilizar o plano. Queremos até abrir um canal com o governo, mas dentro do Congresso. E deixar claro que a responsabilidade pelo programa é dele e não nossa. Queremos apenas evitar injustiças".

Estrelas do Congresso

■ **Nelson Jobim (PMDB-RS)** — Dono de um carisma que impõe silêncio imediato ao barulhento plenário quando se dirige ao microfone para dar parecer sobre os aspectos jurídicos de qualquer matéria, este advogado e professor gaúcho, que completa 44 anos dia 12, consegue sempre arrastar para seu lado a maioria dos presentes quando declara seu voto. Iniciou a reação às medidas provisórias 153 e 156, que fixavam punição para os crimes de abuso do poder econômico, declarando-as inconstitucionais. As medidas foram retiradas pelo presidente Collor. (Entrevista na página 13)

■ **Ibsen Pinheiro (PMDB-RS)** — O líder do PMDB na Câmara, 54 anos, conseguiu impor-se nas negociações à custa de dois artifícios: 1) o Congresso Nacional deveria mostrar ao presidente Fernando Collor que não é submisso ao Executivo e que também vai disputar espaço na reivindicação da paternidade das medidas que compõem o plano econômico; 2) o PMDB, com 155 deputados, sendo ainda o partido de maior bancada no Congresso, tem obrigação de se apresentar com destaque na negociação em torno das votações.

■ **Osmundo Rebouças (PMDB-CE)** — Em seu primeiro mandato, Rebouças, 49 anos, destacou-se logo no início da Assembléia Constituinte por se tornar uma espécie de braço direito do deputado Ulysses Guimarães quando se tratava de resolver entraves econômicos na elaboração da Carta. Agora, Ulysses impôs seu nome para relator da principal e mais polêmica medida provisória — a de nº 168, que promoveu a reforma monetária e enxugou a liquidez do mercado.

■ **Luís Inácio Lula da Silva (PT-SP)** — O candidato derrotado à Presidência da República, 44 anos, participou de apenas duas reuniões extra-Congresso sobre o pacote econômico. A primeira, em São Paulo, com economistas do partido; a segunda, em Brasília, com a participação do ex-governador Leonel Brizola. Definiu-se por uma postura de oposição, com críticas fundamentadas em filosofia econômica.

■ **Luís Roberto Ponte (PMDB-RS)** — Sempre que a esquerda ou a direita precisam consultar algum representante do empresariado, correm ao deputado Luís Roberto Ponte, 56 anos. Negociador habilidoso, ele tem conseguido vencer no embate do diálogo até interlocutores difíceis como o deputado José Genoino (PT-SP). Ocupou a chefia do Gabinete Civil de Sarney nos dois últimos meses de governo, conseguindo ótimo trânsito entre os parlamentares ligados ao ex-presidente.

■ **José Serra (PSDB-SP)** — Foi na formulação do Plano de Ação do Governo, o PAG de Tancredo Neves, que o economista José Serra, hoje com 48 anos, ganhou projeção nacional. Eleito deputado federal em 1986 pelo PMDB de São Paulo, José Serra foi um dos mais respeitados constituintes, exercendo papel fundamental no capítulo da Ordem Econômica da nova Constituição. Hoje no PSDB, Serra é dos que acham que o governo Collor deu o remédio certo para a doença certa, mas exagerou na dose.

■ **César Maia (PDT-RJ)** — O deputado fluminense, de 44 anos, conseguiu quebrar um *encanto*: o de que político do PDT que briga com Leonel Brizola cai no ostracismo. Com vôo próprio, César Maia enfrentou o ex-governador do Rio e candidato derrotado à Presidência ao elogiar o plano de estabilização econômica do governo Collor e seu conceito só tem subido.

■ **Francisco Dornelles (PFL-RJ)** — De burocrata secretário da Receita Federal no governo do general Figueiredo, o deputado Francisco Dornelles, um mineiro de 55 anos, revelou-se um dos mais hábeis negociadores do Congresso Nacional durante a Assembléia Constituinte. Formou no time de economistas que formularam as diretrizes do governo Tancredo Neves.

■ **Delfim Netto (PDS-SP)** — O todo-poderoso da economia em três governos militares — Costa e Silva, Médici e Figueiredo — entrou para a Câmara dos Deputados para ajudar a formular a nova Constituição. Durante essa fase, ganhou o respeito das mais variadas tendências do Congresso Nacional, recebendo elogios até de Luís Inácio Lula da Silva (PT). Está com 61 anos.

■ **Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP)** — Tímido, discreto, o senador Fernando Henrique Cardoso não pode ser incluído no rol dos grandes negociadores do Congresso Nacional. Mas na discussão do Plano Collor o líder do PSDB no Senado, um carioca de 58 anos, teve a sensibilidade de perceber que o Poder Legislativo estava começando a ser atropelado pelo presidente da República, que se mostrava inflexível em relação às negociações com o Congresso Nacional.

Nélson Jobim

Luís Inácio Lula da Silva

César Maia

José Serra

Fernando Henrique

Delfim Netto

Governo superestimou o apoio dos parlamentares ao pacote

Dora Tavares de Lima

BRASÍLIA — Na sexta-feira à tarde, em seu gabinete no terceiro andar do Palácio do Planalto, o embaixador Marcos Coimbra, secretário-geral da Presidência da República, comentou com assessores: "As negociações no Congresso estão caminhando bem, nada de essencial foi mudado até agora no plano econômico". O irmão do presidente, Leopoldo Collor, que estava presente, não escondeu a surpresa: "É incrível como em Brasília tudo é tranqüilo. Em São Paulo a situação está infernal."

O mesmo quadro de inquietação, desta vez no Congresso, foi passado ao embaixador por um parlamentar governista que falou com ele ao telefone no mesmo dia. Ao receber de Coimbra a informação de que no Planalto estava "tudo bem", o congressista devolveu: "Pois por aqui as coisas não andam nada boas", disse, referindo-se à Medida Provisória 157 que acabava de ser aprovada na comissão mista que examinava a criação de certificados de privatização, por apenas um voto.

As duas cenas serviriam para ilustrar a situação de descompasso entre a avaliação que o governo faz do apoio que o plano tem no Congresso e o quadro real, em que os próprios governistas acham que o saque da poupança será alterado para um limite rejeitado pela equipe econômica. Na opinião de um amigo íntimo do presidente, o governo aparenta tranqüilidade simplesmente porque não há mais o que fazer a essa altura. "Agora, é esperar que a economia reaja até os primeiros dias da semana e torcer para que as pessoas recebam seus salários. Se isso não acontecer, o Congresso derruba o plano com apoio da opinião pública".

Lideranças — Para um outro amigo íntimo de Fernando Collor, que é parlamentar, o problema é mesmo de falta de informação. "Eles estão encastelados lá no Palácio do Planalto e não recebem avaliações corretas do Congresso", considera. Ele acha que o governo não estabeleceu canais competentes de comunicação com o Legislativo; não soube até agora apontar um parâmetro para a negociação nem detectar até onde o Congresso está disposto a ir para alterar o plano.

Isso acontece, segundo ele e outros parlamentares que apóiam o governo, por causa da fragilidade das lideranças que o governo tem na Câmara e no Senado e da disputa pela condição de interlocutor político do governo que se estabeleceu entre o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, e o líder na Câmara, Renan Calheiros. Enquanto Renan reivindicou a posição de único canal de comunicação entre os deputados e o presidente, os líderes partidários falam direto com Cabral e dele recebem orientações.

Considerado por um desses líderes "inocente de pai e mãe em política", Renan não tem conseguido se impor entre os congressistas mais experientes, convencidos de que ele está mais preocupado com a sucessão de Alagoas do que com o pacote econômico. O senador José Inácio Ferreira, líder no Senado, também candidato ao governo do Espírito Santo, sofre as mesmas críticas. No dia em que o governo retirou do Congresso, por serem inconstitucionais, as medidas provisórias 153 e 156 (crimes de abuso do poder econômico e contra a Fazenda), os dois ficaram alheios à movimentação que resultou no primeiro recuo do governo.

Renan, nesse dia, estava em Alagoas, e José Inácio dizia, no plenário do Senado, que o governo não cogitava da retirada das medidas e defendia sua constitucionalidade. Na sexta-feira, de novo a dupla causou má impressão ao simplesmente não aparecer, sem dar explicações, numa reunião de líderes no gabinete de Ibsen Pinheiro (PMDB). Naquela tarde, Renan Calheiros convocou o deputado paranaense Basílio Vilani para estar em Brasília no final de semana e, à noite, viajou com a mulher para Maceió.

Assombração agora vê fantasmas

Mário Rosa

O governo Collor começou a virar governo na semana que passou. Crises no Ministério, defecções no segundo escalão e dificuldades para sustentar as posições oficiais diante de um Congresso cada vez mais arredio marcaram o cotidiano do presidente Collor em sua segunda semana. Dono de uma cesta de 35 milhões de votos na campanha presidencial, Collor descobriu que sua verdadeira força estará em obter o apoio de 248 deputados e 38 senadores, um contingente eleitoral modesto do ponto de vista matemático, mas precioso quando visto do ângulo político.

A realidade de Collor no governo foi difícil. Na segunda-feira, teve que retirar duas medidas provisórias consideradas inconstitucionais até por membros do Executivo, como o procurador geral da República, Aristides Junqueira. Na terça, o ainda ministro Joaquim Roriz, da Agricultura, resolveu abandonar o posto e logo um recorde ingrato: O ex-presidente Sarney demitiu seu primeiro ministro, Francisco Dornelles, em cinco meses e meio. Roriz foi ministro por oito dias úteis.

Semana péssima — *"Está semana foi péssima", desabafava na madrugada da sexta-feira o líder do governo na Câmara, Renan Calheiros, num jantar no Hotel Nacional, em Brasília, com o governador de Alagoas, Moacir Andrade. Como qualquer governo, Collor teve que conviver com atritos entre técnicos do segundo escalão. Na quarta-feira, o economista Marcelo de Paiva Abreu entregou o cargo de secretário de Economia da pasta com o mesmo nome, após de rápida coletânea de divergências com a equipe da ministra Zélia Cardoso de Mello. Abreu queria autonomia para nomear subordinados e recebeu sua Secretaria montada ao sabor de injunções políticas. Pediu demissão sem barulho. Mas estrago já estava feito. "Não é bom para o governo essa idéia de crise na equipe econômica", dizia na noite de quarta, ao telefone, o sucessor de Abreu, o também economista João Maia.*

Mesmo um dos homens-chave no esquema Collor, o delegado Romeu Tuma, superchefe da Receita e da Polícia Federal, experimentou dissabores. Irritou-se com a iniciativa de seu subordinado em São Paulo, Marco Antônio Veronezi, de autorizar uma diligência no jornal Folha de São Paulo — e criar uma onda de protestos contra o governo. Segunda-feira, pressionado até por sua esposa e filhos para demitir Veronezzi, Tuma estava decidido e convencido de que houve uma quebra de confiança. "Acho que não tem mais jeito", disse a um amigo, num interurbano de Brasília para São Paulo. "Até sexta, essa questão estará resolvida". Mas a semana passou e Tuma nada fez. O xerife não pôde demitir para não passar uma imagem de esfacelamento do governo de que faz parte.

"O governo Collor acabou", exagera o deputado Roberto Freire, candidato derrotado do PCB à Presidência da República. "E nós nunca esperamos que esse fim viesse tão rapidamente". No final de seu governo, Sarney era assombrado por um fantasma capaz de ser tudo que ele não conseguia ser: Fernando Collor, imagem de político popular, decidido. Agora no governo, Collor passa a conviver com um fantasma igualmente incômodo: o de Sarney.

Seu sucesso não sobreviverá numa atmosfera de fiascos semelhantes ao de seu antecessor. E sua segunda semana foi muito parecida com as de Sarney. Saído Roriz, Collor nomeou outro ministro, Bernardo Cabral, da Justiça, para acumular o cargo interinamente. Nada mais Sarney, que usou e abusou dessa prática. O curto-circuito na nomeação de José Aurélio Barbosa, o Leleco, convidado e desconvidado em menos de 24 horas para presidir a Fundação Roquete Pinto, também poderia ter levado a assinatura de Sarney.

Leitão defende emendas ao plano

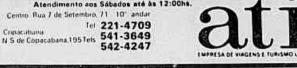
Ex-ministro votou em Collor mas não aprova "exageros"

"Politicamente, o governo saiu derrotado. Mas, ao decidir emendar o pacote, o Congresso exerceu um dever, pois não podia curvar-se." Assim o jurista João Leitão de Abreu, ex-chefe da Casa Civil dos governos Médici e Figueiredo, reagiu ao saber que o até então intocável pacote de estabilização econômica do governo havia tomado novos rumos, a bordo do poder de emenda do Congresso Nacional. Desde que o pacote fora editado, Leitão de Abreu estava preocupado com os "exageros" que levavam o presidente Collor a argumentar que o plano não podia ser emendado, sob o risco de condenar ao fracasso todos os seus efeitos. "A tese política da intocabilidade nunca afastou o poder congressual de emendar e até de rejeitar integralmente o pacote", ensina Leitão de Abreu.

Eleitor de Collor no segundo turno da eleição, desde o dia 16 de abril ele vem dizendo que o eleitorado que levou o presidente ao poder não deu simultaneamente a ele o voto o *aprovo* para o drástico pacote econômico que caiu sobre a população. "As medidas foram tremendamente violentas e, se o Legislativo não se decidisse a emendar o plano, o Brasil entraria num colapso sem precedentes", diz o ex-ministro, para comemorar: "Foi muito bom o Congresso resolver fazer esse acordo. Sempre achei que o *pacote* tinha de ser flexibilizado. E se o próprio presidente da República vem fazendo ajustes no plano, por que os parlamentares não podem fazer o mesmo".

Mas o argumento em que Leitão de Abreu mais insiste para justificar a decisão congressual de emendar o plano é o da constitucionalidade: "Quem tem o poder de fazer a lei neste País é o Congresso. O presidente da República tem o direito de editar medidas provisórias com força de lei, mas elas só se convertem realmente em lei, após o *aprovo* do Congresso. É preciso não esquecer que as medidas provisórias perdem toda a eficácia quando não aprovadas pelo Congresso". Para Leitão de Abreu, o que o país assistiu nesta semana foi a uma vitória da Constituição. "Do ponto de vista político, o presidente esperava que o Congresso não emendasse o plano. Mas do ponto de vista jurídico, não há a menor dúvida de que o Congresso devia emendar", diz, para acrescentar que "é ao Congresso que compete o poder jurídico de decidir os nossos destinos".

A aura de intocabilidade que cercou o pacote foi a principal razão para a geração de tantas desconfianças quanto à sua constitucionalidade no Congresso. Quando o próprio governo resolveu retirar as medidas provisórias 153 e 156, abriram-se os portões para as mais variadas e pretensas emendas mutiladoras de inconstitucionalidades, embora no Palácio do Planalto não se admita isso.

O consultor-geral da República, Célio Silva, diz que a primeira das duas medidas fazia-se necessária até para o governo mostrar que não tinha o propósito de fazer nada de errado. Silva considera "ótimo" que o Congresso discuta com a equipe econômica do governo mudanças capazes de aperfeiçoar o plano e diz que não está nem um pouco preocupado com a probabilidade de algum dos poderes sair derrotado ou vitorioso. "A Constituição diz que os três poderes são harmônicos e independentes entre si. Vamos ser harmônicos para salvar o Brasil. Desde que o acordo produza um bom projeto, não importa quem saia vitorioso", afirma. Preocupado apenas com a eficácia do plano, ele acrescenta: "O importante não é saber de quem é o pacote, mas seu resultado".

Collor faz da moda um estilo sofisticado de política

*Iesa Rodrigues **

Cada presidente tem suas medidas. Além das provisórias, as de estilo. Os *slacks* de Jânio Quadros, as meias de Juscelino Kubitschek, o jaquetão de José Sarney, impossível não notar estes detalhes em figuras tão fotografadas e televisionadas. O atual presidente, Fernando Collor de Mello, em pouco tempo superou seus antecessores, tanto em número de medidas econômicas como em idéias de moda. Começando pela campanha, quando usava camisas listradas de mangas arregaçadas ou curtas, acentuando o gesto de punhos cerrados. O caminhar desenvolto era facilitado pelas calças bem cortadas, de pregas.

Enquanto governador de Alagoas, em vez dos típicos ternos de linho branco, adequados à região, preferia belos ternos marinhos. Para saber as horas, consultava seu relógio Rolex de ouro, agora no Alvorada olha para o Breitling, legítimo representante da última moda dos marcadores de tempo, com sua pulseira de couro. O cabelo caía às vezes em franja. Mas o resultado era um tanto jovial demais para um chefe de nação, e durante a campanha foram repartidos quase ao meio e fixados com gel. Fica mais sério, dá um ar antigo e proustiano.

Poder da imagem — Mas não há tempo perdido para uma pessoa dinâmica, que acredita no poder da imagem. Assim como utiliza bem as câmaras de TV, investe na roupa certa para o momento certo. Quando viajou pelo mundo, antes de tomar posse, exibiu belos sobretudos de lã pelo de camelo bege (que estão na moda, mais do que os modelos pretos — favoritos de Gorbachev — ou marinhos — dos presidentes franceses) e correu de manhã cedo com agasalhos esportivos em Moscou. Em Brasília também faz exercícios matinais, alternando corridas e flexões, que realçam os logotipos laterais das calças da marca inglesa Reebok (de camiseta comum, com estampa da campanha ou turística, de Alagoas, de viagens feitas através da agência operadora Meliá).

O que mais denuncia o cuidado com a moda? A escolha de camisas com o cavalinho bordado, da etiqueta Polo, de Ralph Lauren; os ternos em risca-de-giz, de dois botões (como lançou Giorgio Armani em suas últimas coleções). Não que haja desprezo pelo jaquetão, mas não é o seu estilo favorito. Nos acessórios, fica mais evidente o capricho no uso de bons sapatos e do prendedor de gravata, um detalhe tão antigo quanto o penteado proustiano. Também nostálgica é a mania das camisas com punhos duplos, de cantos dobrados e dois botões: pode ser um efeito de numerologia, de ter duplicatas de punhos nas mãos, como os *L* do sobrenome. Ou uma lembrança de um estilo adotado pelos senhores do século 18, que eram chamados de *incroyables* (incríveis).

Gravatas — Mas é nas gravatas que se revela seu bom-gosto e requinte. São sempre de seda, com estamparia discreta (poás, listras de correntinhas, tressês) em fundo escuro. A maioria tem a etiqueta Hermès, francesa, um estilo considerado o mais elegante do mundo. Há quem prefira as italianas ou as inglesas, mas nenhuma marca atinge o prestígio dos quase US$ 80, sem cair na vulgaridade.

Quanto ao uniforme de camuflagem usado na viagem à Calha Norte, abstraindo significados políticos, sociais, militares, pouco tem a ver com tendências de moda. O manchado de marrom e verde foi moda do ano passado, na tendência australiana ou aventura e já cedeu lugar para as atuais, estamparias florais miúdas, listrados e motivos do mar. Pode-se encarar a adesão dos viajantes ao uniforme de selva como uma manifestação de amor à produção. Quem gosta de moda é assim, gosta de combinar hora com colorido, lugar com a estamparia. Portanto, selva era para camuflagem. Do ponto de vista moda, meio *passée*. A única sofisticação visível é o fato da família ter fardas provavelmente sob medida.

Rosane destoa — Ao alcance do bom-gosto do presidente, só a primeira dama, Rosane, é alvo fácil de críticas. Seus *tailleurs* são justos e curtos demais para sua posição e tipo físico; pecam por excesso de detalhes (laços, botões, bordados). E o cabelo, de natureza lisa, poderia ser mais curto e dispensar a permanente nas pontas, que dá uma aparência de orelhas de *cocker spaniel*. Em compensação, a elegância da ministra Zélia Cardoso de Mello é irretocável, impecável em meio ao desfile de moedas, medidas e titularidades.

Há nesta ênfase da figura uma certa semelhança com a era Kennedy? Talvez seja esta a intenção. Resta saber se, como John e Jacqueline, a era Collor deixará uma lembrança agradável bastante para virar tendência daqui a 20 anos. Pelo menos de moda.

* Editora de moda

Olavo Rufino

Sérgio Tomisaki

Gravata Hermès com prendedor, camisa de punhos duplos, mais simples do que o estilo da Primeira Dama. Informais, a calça Reebok e a farda de selva

Zaca Feitosa

Antes da campanha, a franja. Depois, a camisa social, com etiqueta Ralph Lauren (sem mangas arregaçadas). No dia da posse, o terno de dois botões, em risca-de-giz, o cabelo deixando a testa livre

Gilberto Alves

José Varella

Informe JB

A semelhança entre os últimos tempos do governo Sarney e os primeiros dias do governo Collor não param na acumulação de cargos por um mesmo ministro, como aconteceu com o da Justiça, Bernardo Cabral.

O deselegante comportamento do novo governo com Leleco Barbosa, nomeado e desnomeado para a presidência da Funtevê, em menos de 24 horas, encontra antecedente idêntico e na mesma área — da Comunicação — no governo passado.

Não é preciso muito esforço para lembrar que o jornalista Frota Neto, um dos muito porta-vozes de Sarney, foi nomeado presidente da Empresa Brasileira de Notícias (EBN), cargo no qual permaneceu por menos de 12 horas, período em que conseguiu indispor-se com o então ministro da Justiça, Paulo Brossard, que o demitiu.

Aliás

Mas as semelhanças não ficam aí.

Collor é tão supersticioso como o ex-presidente José Sarney.

O presidente não passa embaixo de escada, não deixa as roupas pelo avesso e, para espantar os maus fluidos, acende um charuto toda vez que vê um político malsucedido.

Terra em transe

É grande o descongelamento de terras em Alagoas.

Além do governador Moacyr Andrade, que iluminado por uma premonição sacou 1,5 milhão de cruzados na véspera do feriado bancário e do seqüestro da poupança, o secretário de Segurança José Rubem Fonseca de Lima (não misturar as fichas com as do escritor) andou fazendo shopping na semana do Plano Collor.

Comprou três propriedades rurais no município de Tanque D'Arca.

Bomba

O professor Mário Henrique Simonsen se confessa impressionado com o número de casos — que chegam ao seu conhecimento diariamente — de vitimas inocentes do Plano Collor, que tiveram seu dinheiro bloqueado.

— É cada caso de arrepiar o cabelo. Tanto de empresas como de pessoas físicas.

Desmilingüindo

O PMDB, que em 1986 elegeu 260 deputados e 45 senadores, mantendo uma fantástica bancada durante a Constituinte — 305 dos 559 constituintes —, chega ao final da legislatura visivelmente abalado.

Agora tem 130 deputados e 20 senadores. Até terça-feira, data-limite para as novas filiações de quem quer ser candidato, outras baixas podem acontecer, minguando ainda mais o PMDB de Ulysses Guimarães.

Método

De quem já viu tudo e agora vê longe:

— Parece o governo Castelo. Tudo o que era ruim se anunciava na sexta-feira para, além de tudo, a vítima perder o fim de semana.

Questão de gosto

Do ator José Mayer — o *Osnar* da novela *Tieta* — ao reclamar, em Belo Horizonte, providências do governo para compensar os prejuízos que a classe artística sofreu com a extinção da Embrafilme e outras entidades que financiavam produções culturais:

— É urgente que esse presidente voluntarioso e autoritário, dono das decisões, tão poderoso ministro da Economia, seja também ministro da Cultura.

□

Ou seja:

Ele quer um ministro da Cultura voluntarioso e autoritário.

Falando grosso

Perguntaram ontem ao ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, se o governo cogitava algum tipo de pacto social.

— O presidente, que tem 80% de popularidade, precisa fazer pacto com quem? — desdenhou o ministro.

Marketing político

Faixa anunciando liquidação de utensílios domésticos na loja Filtrolar, no Centro de Belo Horizonte: "Promoção Collorida".

Com direito ao *l* dobrado e às cores verde e amarelo, revivendo a propaganda eleitoral do então candidato Fernando Collor de Mello.

Calendário

Pelo andar da carruagem, quando o hiperpacote chegar ao plenário do Congresso, lá por meados de abril, o índice de popularidade das medidas econômicas poderá ser avaliado nas ruas por um novo número.

Ao lado daquele que avalia a queda dos preços, estará em curso a deflação dos salários.

A sério

A 7ª Feira Nacional de Brinquedos, que seria realizada agora em abril, em São Paulo, foi adiada para 7 de maio, segundo a Abrinq (Associação Nacional de Brinquedos), "em virtude das recentes medidas adotadas pelo governo".

□

Como se vê, a situação não está pra brincadeira.

Lá e cá

A edição comemorativa de 60 anos da *Fortune*, revista de negócios americana, traz numa retrospectiva a reprodução da capa do primeiro número, cujo preço era um dólar.

Hoje, 60 anos depois, o exemplar custa 5 dólares.

□

Deve ser terrível viver num país onde a inflação dá pulos!

Cheque e/ou

Mais um medo à solta na praça.

Consta que Ibrahim Eris está preparando um novo modelo de talões de cheque nos fornos do Banco Central: todos com o modelo *e/ou* da conta conjunta.

Vem o nome do cliente acompanhado do do e/ou Fernando Collor de Mello.

Pela culatra

O governo mineiro será pródigo em agradar à equipe do Governo Federal ao distribuir a Grande Medalha da Inconfidência, no próximo 21 de abril, em Ouro Preto.

Serão agraciados os ministros Francisco Rezek (Relações Exteriores), Antônio Rogério Magri (Trabalho), Ozires Silva (Infra-Estrutura), os secretários Marcos Coimbra (Gabinete Civil) e José Lutzenberger (Meio Ambiente). E também o ex-ministro Joaquim Roriz.

Só que o tiro pode sair pela culatra e o agrado, na prática, pode virar presente de grego, capaz de arranhar a popularidade dos escolhidos.

São tradicionais as vaias de 21 de abril na antiga Vila Rica e, em passado, o próprio governador Newton Cardoso reconheceu:

— Essa vaia faz parte da solenidade e sem vaia isso não presta. A vaia é própria de Ouro Preto.

Utilidade pública

Aviso aos puxa-sacos:

O diretor de Planejamento da Radiobrás, Januário Procópio, detesta ser chamado de "o marido da Margarida".

O desgosto vem desde os tempos de Alagoas, quando a atual ministra da Ação Social começou a despontar na vida pública, ofuscando o marido.

Ciente do problema, o presidente Collor tomou as dores de Januário e evita introduzi-lo em rodas sociais com a frase que ele mais odeia: "Esse é o marido da Margarida".

Odor

Há um cheiro de *maracotia* no ar.

Lance-Livre

● O Metrô do Rio gastou 30.750 metros quadrados de tapumes e 1.153 metros quadrados de placas, para as obras das novas linhas da Zona Sul. As contas são do presidente da companhia, José Maria Siqueira de Barros, em resposta a requerimento do deputado estadual Luis Henrique Lima (PDT-RJ).

● **Nos 15 dias em que participou do governo Collor, o ex-ministro Joaquim Roriz esteve apenas três dias no prédio do Ministério da Agricultura.**

● O deputado Adolfo de Oliveira (PFL) inaugura na próxima semana o **Disque-consumidor** para reclamações de todo o país. As denúncias, recebidas por 12 pessoas de sua equipe, serão levadas ao Palácio do Planalto.

● **O Rotary Club, organização filantrópica internacional, com sede em 167 países, acaba de chegar em Moscou. Desde 1986, a entidade já aplicou em todo o mundo 230 milhões de dólares em campanhas de vacinação antipólio.**

● A escola de samba Mangueira do Amanhã, presidida pela cantora Alcione, pretende sair ano que vem com 3.500 crianças, 20% a mais que esse ano. E já está em entendimento com o desenhista Maurício de Souza para desfilar o reino em quadrinhos na avenida.

● **O presidente da Shell do Brasil, Robert Brougton, assina sexta-feira, às 11h, contrato com o Instituto Pró-Natura para o projeto Programa Mata Atlântica de pesquisa e recuperação da floresta, elaborado pelo Jardim Botânico, do Rio.**

● O ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva, é o entrevistado de hoje do programa **Crítica e Autocrítica**, às 23h, na TV Bandeirantes. Em pauta, a retomada do crescimento econômico pela modernização da infra-estrutura, privatização das estatais e investimentos em transportes e comunicação.

● **E amanhã, o consultor-geral da República, Célio Silva, fala no** Debate em Manchete, **à meia-noite, na TV Manchete, sobre privatização das estatais e as relações entre o governo e o Congresso.**

● O PSDB, que em São Paulo é atendido pela DPZ, está procurando agência de publicidade no Rio.

● **Chega às lojas esta semana o elepê** If it doesn't kill you, it just makes you stronger, **do cantor-ator Bruce Willis, o galã do seriado** A gata e o rato. **O selo é BMG-Ariola.**

● Várias cidades do interior não tomaram conhecimento da extinção da Embrafilme. O Cine Fátima, em Montes Claros, Minas, continua anunciando para o dia 5 o filme **Doida demais**, distribuído pela empresa.

● **Há um cheiro de governo Sarney no ar.**

Ancelmo Gois, com sucursais

JORNAL DO BRASIL

Avenida Brasil, 500 — CEP 20949 — Caixa Postal 23100 — São Cristóvão — CEP 20922
Rio de Janeiro — Tel.: (021) 585-4422 L Telex (021) 23 690 — (021) 23 262 — (021) 21 558

Áreas de Comercialização

Rio de Janeiro: Noticiário (021) 585-4566
Classificados (021) 580-4049
São Paulo (011) 284-8133
Brasília (061) 223-5888

Classificados por telefone
Rio de Janeiro (021) 580-5522
Outras Praças **(021) 800-4613**

Avisos Religiosos e Fúnebres
Tels: (021) 585-4320 — (021) 585-4476

Sucursais

Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70302 — telefone: (061) 223-5888 — telex: (061) 1 011
São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 17º andar — CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone: (011) 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21 061, (011) 23 038
Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30130 — B. Horizonte, MG — telefone: (031) 273-2955 — telex: (031) 1 262
R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1 960, Morro Sta. Teresa — CEP 90640 — Porto Alegre, RS — telefone: (0512) 33-3711 (PBX) — telex: (0512) 1 017
Bahia — Max Center — Av. Antônio Carlos Magalhães, nº 846, Salas 154 a 158 — telefones: (071) 359-9733 (mesa) 359-2979 359-2986
Pernambuco — Rua Aurora, 325, 4º and., s/ 418/420 — Boa Vista — Recife — Pernambuco — CEP 50050 — telefone: (081) 231-5060 — telex: (081) 1 247

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, Santa Catarina.

Correspondentes no exterior
Buenos Aires, Paris, Roma, Washington, DC.

Serviços noticiosos
AFP, Tass, Ansa, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI.

Serviços especiais
BVRJ, The New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, Le Monde, El País, L'Express.

Atendimento a Assinantes

Telefone: (021) 585-4183
De segunda a sexta, das 7h às 17h
Sábados, domingos e feriados, das 7h às 11h
Exemplares atrasados JB
De segunda a sexta das 10h às 17h
Telefone: (021) 585-4377

Preços de Venda Avulsa em Banca

Estados	Dia útil	Domingo
RJ	30,00	50,00
MG-ES	45,00	63,00
SP	45,00	63,00
AL-MT-MS-SC-RS-BA-SE-PR-GO	60,00	75,00
MA-CE-PI-RN-PB-PE	75,00	88,00
Demais Estados	75,00	88,00

Com Classificados

Estados	Dia útil	Domingo
DF-MT-MS-PR-BA	75,00	88,00
PE	90,00	100,00
PA-RO-RR	105,00	113,00
Manaus	105,00	113,00

Entrega Domiciliar	Segunda/Domingo					Executiva (Segunda/Sexta-Feira)				
	Mensal	Trimestral		Semestral		Mensal	Trimestral		Semestral	
	Preço À vista	Preço À vista ou Cartão	2 Parcelas	Preço À vista ou Cartão	3 Parcelas	Preço À vista	Preço À vista	2 Parcelas	Preço À vista	3 Parcelas
Rio de Janeiro	980,00	2646,00	1707,70	4998,00	2699,70	660,00	1881,00	1214,00	3564,00	1925,10
Minas Gerais/Espírito Santo/São Paulo	1421,20	3837,20	2476,50	7246,10	3915,10	990,00	2821,50	1821,00	5346,00	2887,60
Goiânia/Salvador/Maceió/Cuiabá Curitiba/Florianópolis/Porto Alegre Campo Grande/(*) Brasília	1863,00	5030,10	3246,40	9501,30	5132,10	1322,20	3768,30	2432,00	7139,90	3856,60
Recife/Fortaleza/Terezina Natal/João Pessoa/São Luís	2301,20	6213,20	4009,90	11736,10	6339,30	1650,00	4702,50	3034,90	8910,00	4812,70
Camaçari-BA	—	—	—	13973,00	7547,50	—	—	—	10608,60	5730,30
Manaus	3183,80	8596,30	5548,00	16237,40	8770,60	2543,20	7248,10	4677,90	13733,30	7418,00
Pará/Rondônia	3183,80	8596,30	5548,00	16237,40	8770,60	2312,20	6589,80	4253,00	12485,90	6744,30
Entrega postal em todo o território nacional	—	6213,20	4009,90	11736,10	6339,30	—	4702,50	3034,90	8910,00	4812,70

* OBSERVAÇÃO: No caso específico de Brasília
— Trimestral (Sábado e Domingo) Cr$ 1.622,40
— Semestral (Sábado e Domingo) Cr$ 3.244,80

CARTÕES DE CRÉDITO (para todo o Território Nacional)
— BRADESCO
— CREDICARD
— NACIONAL

Atuação de Medeiros ressoa no governo

Lu Fernandes

SÃO PAULO — O ex-aprendiz de marinheiro Luiz Antônio de Medeiros, que começou a fazer política no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, onde ia em busca de uma refeição barata, não quis ser o ministro do Trabalho do presidente Fernando Collor, preferindo disputar a reeleição do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o maior da América Latina, e consolidar seu papel de interlocutor qualificado do movimento sindical junto às empresas e ao novo governo.

Hoje, duas semanas após a posse de Collor, Medeiros tem todos os motivos para festejar sua decisão. Conquistou seu segundo mandato na presidência do sindicato, com uma esmagadora vitória de mais de 70% dos votos sobre a arqui-rival Central Única dos Trabalhadores (CUT), exigiu uma pressão maior do governo sobre os bancos na confusão generalizada que se seguiu ao Plano Collor e encerrou a semana como o centro de uma decisão que aliviou a vida de milhões de trabalhadores ameaçados de se ver sem salários neste mês: a abertura de uma linha de crédito de até Cr$ 15 milhões destinada ao pagamento da folha.

Na quarta-feira da semana passada, por volta das 11h, Luiz Antônio de Medeiros, segundo seu próprio relato, ligou para o irmão do presidente, Leopoldo Collor de Mello. "Olha, a coisa está ruim", avisou o sindicalista. "As empresas estão dizendo que não vão pagar porque não têm cruzeiros ", informou. "Salário é sagrado. E antes que algum aventureiro o faça eu vou botar meu bloco na rua". Leopoldo retornou menos de uma hora depois. "Conversei com a ministra (Zélia Cardoso de Mello)", informou o irmão do presidente. "Ela quer falar com você. Vamos a Brasília agora". Às 13h30h, Medeiros e Leopoldo já estavam a bordo de um jatinho para um encontro com Zélia que acabou acontecendo às 16 horas.

Novo cálculo — A ministra procurou tranqüilizar o sindicalista. "Estamos estudando uma linha de crédito de 5 milhões de cruzeiros que vai beneficiar as empresas com até 700 trabalhadores", avisou a ministra, para espanto do também presidente da Confederação dos Metalúrgicos. "A senhora pode multiplicar isso por três. Esse cálculo está errado", mostrou ele. " Foi feito em cima do salário mínimo. E na minha base, por exemplo, o piso é Cr$ 9 mil. Mesmo assim, pouquíssimos ganham só isso". A ministra pediu então um demonstrativo das folhas de pagamento dos metalúrgicos paulistanos. Duas horas depois, com os cálculos feitos pelo sindicato, Medeiros apresentou sua lista com folhas de pagamentos de empresas com contingentes de 50 até 3.000 trabalhadores. E o governo acabou aprovando a linha de crédito de 15 milhões de cruzados que atinge mais de 80% dos metalúrgicos de São Paulo.

Roberto Faustino

Medeiros (D) com Magri e Chiarelli

A liberação do crédito para pagamento de salários foi uma das histórias que envolveram o presidente dos metalúrgicos paulistas. Mas os últimos 15 dias estiveram recheados de outros grandes fatos, criados com a sensibilidade de quem soube capitalizar conquistas que vinham sendo reivindicadas por outros segmentos do movimento sindical e da sociedade. " É que eu tenho uma atitude positiva. Quero que o plano dê certo e acho que é preciso negociar para melhorar o que não está bom", justifica Medeiros.

No dia 18, dois dias após o anúncio do Plano Collor, Medeiros ligou para o presidente. "Esse negócio de reter a poupança de aposentados não está certo. São 15 milhões que vivem com suas míseras economias", queixou-se, apontando também o caso de trabalhadores que haviam sido demitidos e aplicado suas indenizações para preservar o valor do cruzado. "Como eles vão viver?" Convidado pelo próprio Collor, foi a Brasília no dia seguinte, um domingo, munido de centenas de xerocópias comprovando o que havia dito. "Vamos dar um jeito nisso", prometeu o presidente.

Até tapas — Menos de 48 horas depois, no segundo dia das eleições em seu sindicato, Luiz Antônio de Medeiros ocupou as manchetes dos principais noticiários de televisão. Dessa vez, porque agrediu um gerente de uma agência do Bradesco que não queria liberar os salários dos trabalhadores da Arouca, uma fábrica de fechaduras da Zona Leste, região operária da cidade. "Os trabalhadores queriam ocupar o banco, fui até lá e tentei conversar com o gerente", explicou.

Depois de muito bate-boca e uma acareação entre representantes da fábrica — que diziam ter cruzeiros na conta — e o gerente — que negava —, Medeiros ligou para Marco Antônio Veronezzi, superintendente da Polícia Federal em São Paulo e colocou os dois em contato com o delegado. "Não adiantou. O gerente começou a dizer que no banco não havia dinheiro suficiente e começou a fazer um comício", contou Medeiros. " Quando o gerente me perguntou quanto eu estava levando para aprontar a bagunça, não agüentei e dei-lhe um empurrão", diz rindo. "Só pareceu, mas não foi um tapa".

O dinheiro acabou aparecendo. Mas o representante dos metalúrgicos não se conteve. Foi até à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e cobrou uma posição mais firme de seu presidente, Mário Amato, em relação aos bancos e à liberação de crédito. "As fábricas não estão pagando", cobrou. "Paciência", respondeu Mário Amato. "Paciência o quê? O senhor tem que sair dessa mesa, conversar com o governo, recomendar às empresas que paguem", reagiu. Logo depois, Medeiros telefonou ao Palácio do Planalto. "As firmas dizem que têm dinheiro no banco e eles alegam que não têm instruções do Banco Central. Assim não dá. Isso vai gerar o caos", insistiu ao presidente. "Não se preocupe, vou mandar fiscalizar os bancos", apaziguou Collor. Alguns dias depois Amato, banqueiros e o novo governo procuraram acertar os ponteiros.

Como um ministro sem pasta, na sexta-feira passada, Medeiros despachou, em seu gabinete, no quarto andar do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, ao mesmo tempo, com o ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri — de quem momentaneamente roubou o papel principal, na defesa do bolso dos trabalhadores — e com o ministro da Educação, Carlos Chiarelli, que veio a São Paulo para tratar de um programa de combate às drogas, mas que sempre cobiçou a pasta do Trabalho. Amanhã, Luiz Antônio aterrisa em Brasília. Agora para reverberar sua representatividade em outro vértice da Praça dos Três Poderes. "Essa articulação dos partidos — PMDB, PSDB,PFL — para melhorar o Plano Collor é muito boa", elogiou. "Vou me enfiar lá para garantir emendas contra a recessão e pela garantia de emprego", prometeu.

O sonho de construir uma CGT forte

SÃO PAULO — Com a força do voto de 60 mil metalúrgicos — contra 16 mil conquistados pela rival Central Única dos Trabalhadores (CUT) — e uma categoria extremamente organizada, o ex-quadro do Partido Comunista Luiz Antônio de Medeiros sonha com vôos mais altos. Mas não no mundo da política. "Quero ser o presidente da CGT", revela o líder sindical. "Mas de uma CGT reunificada, com sindicatos fortes e que me dê carta branca para implantar o verdadeiro sindicalismo de conquistas", diz, referindo-se às duas entidades que, com nomes diferentes — Confederação Geral e Central Geral dos Trabalhadores — disputam a mesma sigla.

Eleitor do senador Mário Covas no primeiro turno da eleição presidencial e do presidente Fernando Collor de Mello no segundo, o dirigente sindical promete transformar a dividida CGT na mais forte e organizada central do País. Na receita, pretende usar os mesmos ingredientes do que chama sindicalismo de conquistas e que deram certo com os metalúrgicos. "Independência total, negociação e organização. Essas são as palavras-chaves", define o orgulhoso Medeiros. "Não adianta conversar com o Roberto Della Manna (diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp). Primeiro precisa criar o fato. Botar a tropa na rua. Porque sem força, ninguém negocia com você", explica.

Medeiros criou um método diferente de organização dos metalúrgicos. Contra as críticas ao governo e aos patrões e a postura de luta ideológica da CUT, optou pelas conquistas por fábrica. "Negociamos o acordo geral e a partir daí vamos conseguindo mais em cada empresa. Quando o conjunto é representativo, voltamos à Fiesp e ampliamos pra todo mundo", conta. "E é claro que na maioria das fábricas temos trabalhadores organizados, que discutem antes e preparam a luta. São quase 6 mil delegados sindicais".

O recém-reeleito presidente dos metalúrgicos de São Paulo diz ter aprendido a fazer sindicalismo na prática. Mas não menospreza o embasamento teórico que conseguiu na União Soviética, onde se exilou nos anos 70 depois de ter passado pelo Chile e a Alemanha Oriental. "Estudei psicologia social, história, economia. Foram três anos na Escola Leninista Internacional, uma escola de elite para a formação de quadros comunistas", recorda o dirigente que hoje usa todos os métodos mais modernos de administração. O Sindicato é informatizado e na sua assessoria estão competentes economistas, publicitários e advogados. "O trabalhador precisa estar preparado para conseguir o melhor", aconselha.

O irmão — Leopoldo Collor de Mello, irmão do presidente da República e seu articulador político em São Paulo, ainda não conseguiu afastar do comando do PRN naquele estado o desconhecido administrador de empresas Fernando Galati, com quem está rompido desde a campanha eleitoral. Na verdade, porém, Galati já não exerce a presidência de fato do partido no âmbito regional, apenas a mantém de direito graças a uma liminar do Tribunal Superior Eleitoral. De fato, o atual presidente do PRN paulista é o deputado estadual Néfi Tales, escolhido pela convenção nacional, domingo, em Brasília. A disputa entre a cúpula do PRN paulista e o Movimento Popular de Reconstrução Nacional (MPRN), controlado por Leopoldo, chegou à Justiça por uma acusação de corrupção a Galati que levou o diretório nacional a destituí-lo. Nesta reta final de preparativos para as eleições de 1990, os interessados em se candidatar pelo PRN estão se dirigindo à gigantesca e luxuosa casa do bairro do Jardim América onde o grupo de Leopoldo mantêm seu QG e Néfi já se instalou.

Em surdina — A pedido do próprio presidente Fernando Collor, que assim começa a encaminhar o pagamento de um favor, o radialista Ferreira Neto filiou-se nesta semana ao PRN paulista. Cercada de sigilo, a inscrição foi protocolada quarta-feira no Tribunal Regional Eleitoral. Muito constrangido com o vazamento da informação, o apresentador do programa que tem o seu nome na TV Record de São Paulo continuava ontem tentando esconder o fato: "Não divulguem isso", pedia quase em tom de súplica. "Eu só me filiei porque não podia me furtar ao pedido de um amigo", disse, sem nomear o presidente da República.

Manifesto à Nação

O PDT, PT, PSB e o PC do B, representados por suas direções nacionais e o candidato das correntes democráticas e populares no segundo turno das eleições presidenciais, em reunião no dia 27 de março de 1990, no Congresso Nacional, vêm denunciar a escalada autoritária promovida pelo atual Presidente da República e alertar a sociedade brasileira para o caráter antidemocrático, recessivo, concentrador, monopolista, antinacional e antipopular do Plano Collor.

1. Este plano tem o nítido objetivo de reestruturar a economia e colocá-la a serviço dos credores externos, das empresas multinacionais e do grande capital nacional. É por essa razão que não intervém na principal causa estrutural da crise — o conjunto das perdas internacionais de nossa economia, no qual se ressalta a dívida externa. Tenta obter carta branca para um projeto irresponsável e entreguista de privatização de empresas públicas, na medida que não pretende permitir sua negociação nem sua discussão no bojo de um projeto coerente de desenvolvimento nacional.

2. Evidentemente, é necessário e inadiável o combate à inflação, à especulação e à crise. Entretanto, à semelhança do que ocorreu em todos os pacotes econômicos anteriores, o caminho escolhido pelo presidente foi o de penalizar os trabalhadores pelo confisco salarial, a classe média, o pequeno e médio empresário pelo confisco da poupança popular, justamente os setores que têm sido prejudicados pela crise provocada pelo grande capital. Tratar igualmente os desiguais é aprofundar a desigualdade: essa é a essência da reforma monetária do Plano Collor.

3. A negociação democrática com os poderes constituídos e com a sociedade civil — condição indispensável para qualquer programa sério de estabilização — é substituída pela pretensa capacidade de auto-regulamentação do mercado e pelo poder discriminatório dos tecnocratas. As atribuições do Congresso são transferidas ao arbítrio dos tecnocratas, o debate público é substituído pelos conciliábulos de gabinete e às decisões entre quatro paredes. É nosso dever repudiar as violações da Constituição, o policialismo, a chantagem e a ameaça como métodos principais para normatizar as realizações econômicas. Denunciamos a substituição do método democrático da negociação pela prepotência imperial e messiânica do Presidente da República, que não poupa sequer o Poder Judiciário, buscando atrelá-lo a seus interesses. Ao contrário, propomos a estabilização econômica dentro do Estado de Direito e da Democracia.

4. Para enganar o povo no conteúdo e na forma — técnica e arte na qual vem se revelando mestre — o Governo Collor conta com a mais gigantesca máquina de propaganda já montada, liderada pela Rede Globo e secundada por vetustos matutinos que ainda insistem em se considerar respeitáveis.

5. Mas não se governa apenas com máquinas de propaganda e publicidade. Não se desenvolve a economia com algemas e cassetetes. Não se consegue enganar todo um povo por muito tempo. Não se obtém o apoio, ou sequer a tolerância da sociedade civil, com sucessivos e cotidianos atos de arbítrio e violência. Lutamos contra a especulação e o aumento abusivo dos preços. Hoje, o Governo Collor comete as violações e abusos de conhecimento público, ao ponto de invadir um jornal como a *"Folha de S. Paulo"*. Amanhã, pode tentar fechar sindicatos, dissolver partidos políticos, prender e remover juízes e cercar com tanques o Congresso Nacional.

6. Os signatários desta nota conclamam a sociedade civil, as entidades representativas e o povo a defender seus direitos e reivindicações, e a não se curvar à prepotência. Nossos partidos continuarão lutando para que o Congresso Nacional exerça suas responsabilidades constitucionais de examinar, modificar e fiscalizar a execução do plano de estabilização. Para isso, o PT, o PDT, o PSB e o PC do B decidem atuar de forma conjunta e, assim, organizar um amplo movimento nacional de oposição democrática e popular, com o objetivo de desenvolver ações a nível parlamentar, com a participação de todos os partidos democráticos que, na Constituinte, garantiram as conquistas democráticas e forças extra-parlamentares, visando esclarecer o povo brasileiro sobre o verdadeiro caráter do pacote e mobilizá-lo na luta em defesa dos interesses populares e da soberania nacional.

Luiz Inácio Lula da Silva
Deputado Federal

Leonel Brizola
Presidente Nacional do PDT

Luís Gushiken
Presidente Nacional do PT

Jamil Haddad
Presidente Nacional do PSB

João Amazonas
Presidente Nacional do PC do B

PT dá 30 dias para grupos radicais deixarem partido

Márcio Chaer *

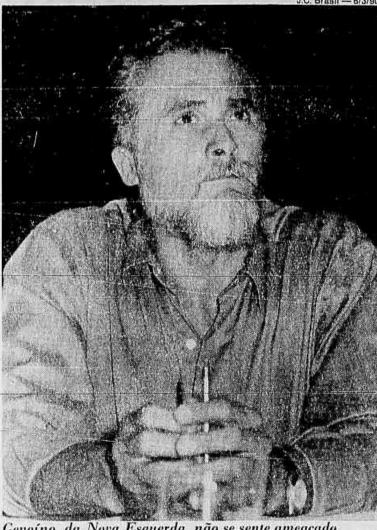
SÃO PAULO — Nos próximos 30 dias, o PT vai fazer de tudo para se ver livre de suas barulhentas correntes internas. "Vamos ajudá-los em tudo o que for possível para que construam seus próprios partidos", anuncia o presidente do PT paulista, Paulo Okamoto, um dos dirigentes que já não toleram mais a dupla militância dentro do partido. Depois de empurrar o problema com a barriga durante 10 anos — a idade da legenda —, o PT decidiu dar um ultimato aos pequenos grupos que se opõem, sistematicamente, às decisões da Executiva Nacional.

Essa resolução vai atingir duas das inscrições para candidato do PT ao governo paulista: a de Antônio Justino, o *Tonhão*, vice-prefeito de Diadema, que no ano passado organizou a invasão do gabinete do prefeito José Augusto Ramos, que acabou sendo agredido por militantes das tendências Causa Operária e Convergência Socialista; e do ex-presidente da Prodam (Empresa Processamento de Dados do Município) paulistana, Edson Cardoni, que foi exonerado depois de patrocinar com dinheiro público uma excursão de sem-terras a Brasília.

Um terceiro postulante a candidato a governador pelo PT, Magno de Carvalho, não teve sequer a chance de se inscrever. Ele propusera, no ano passado, a criação de brigadas urbanas armadas, com verbas das prefeituras e sindicatos ligados ao PT. Seu caso está sendo examinado pela comissão de ética do partido, que abriu sindicância para julgar suas posições.

Casos crônicos — Pelos cálculos da direção petista, todas as chamadas tendências trotskistas representam hoje menos de 20% da militância do partido. Nem todas, porém, são consideradas rebeldes. São tidas como "casos crônicos" a Causa Operária, que fez campanha contra o vice na chapa de Luís Inácio Lula da Silva, o senador José Paulo Bisol (PSB-RS), nas eleições presidenciais do ano passado, e grupos clandestinos como a Ala Vermelha do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário).

A resolução do Diretório Nacional, contudo, atinge também os grupos menos radicais como O Trabalho, Vertente Socialista, Democracia Socialista, Luta pelo Socialismo e outras correntes menores espalhadas pelo país. "Ou todos se convencem de que o PT é um só partido ou terão que sair", avisa o secretário-geral, deputado José Dirceu. A maioria desses subgrupos tem sede, jornais e receita própria. "Não é possível tolerar que esses agrupamentos continuem agindo por conta própria", adverte o presidente petista, deputado Luiz Gushiken.

J.C. Brasil — 6/3/90

Genoíno, da Nova Esquerda, não se sente ameaçado

Outro clandestino incrustado no partido, mas que acabou se enquadrando nas diretrizes do PT, é o PRC — Partido Revolucionário Comunista —, que tinha como principal expoente o deputado José Genoino (SP). O PRC, que chegou a deliberar, num congresso próprio, pela luta armada, transformou-se na tendência Nova Esquerda. Porém, reviu suas posições anteriores e acabou se livrando dos radicais, que migraram para outros segmentos escondidos no PT.

Nova Esquerda — Genoino pertence agora à Nova Esquerda e por isso está ameaçado de expulsão. Sem se abalar, ele diz não entender a decisão da cúpula partidária como ameaça, mas apenas como uma "correta tentativa de que as tendências atuem no partido e não disputando espaços com o partido". Genoino lembra que o PT reconhece o direito da tendência e que os grupos estão, assim, "dentro da regulamentação partidária". Para ele, a atitude da direção não significa nenhuma caça às bruxas, mas apenas uma orientação para que "se trave uma luta política interna, sem disputar espaços na sociedade ou nos movimentos", assegurou, cumprindo as orientações do partido sem rebeliões.

No Rio de Janeiro, o vereador Guilherme Haeser, da Convergência, nem admite a hipótese da expulsão. "Não vou opinar sobre uma coisa que não irá acontecer", afirmou. A Convergência é contra a aliança com o PDT, pretendida pela Executiva Nacional, para a disputa das próximas eleições. Haeser diz que sempre teve um bom relacionamento com os vereadores do PT na Câmara Municipal. Para um dos seus colegas, o vereador Chico Alencar, a verdade é que mesmo afastando a possibilidade de ficar sem legenda, esses vereadores e deputados estão preocupados. "As eleições se aproximam e eles precisam de um partido", lembra Alencar. O presidente do PT-RJ, Jorge Bittar, vê a Convergência Socialista como um partido. "Não podemos permitir que eles fiquem sobre o guarda-chuva do PT e não acatem a decisão da maioria", reagiu Bittar.

*** Colaboraram: Dodora Guedes (Brasília) e Jorgemar Felix (Rio)**

Vidal da Trindade — 23/06/81

Bittar: radicais fora

José Varella — 20/07/88

Plínio: vítima dos grupos

Tendências rejeitam ultimato

As duas correntes internas mais radicais do PT — Causa Operária e Convergência Socialista — não aceitam o ultimato da direção do partido: ou se submetem às diretrizes da legenda ou serão expulsas. "O PT não tem dono", protesta Rui Costa Pimenta, dirigente nacional da Causa Operária, grupo de ultra-esquerda que controla a direção dos sindicatos dos Trabalhadores nas Indústrias de Frios e Carnes de São Paulo, dos Bancários de Bauru (SP) e dos Funcionários dos Correios de Belo Horizonte. "Nosso partido é o PT e não faz parte do nosso projeto sair dele", avisa Pimenta, que classifica a resolução do Diretório de "perseguição política".

A Causa Operária se opõe, por exemplo, à aliança com o PDT, um "partido burguês". Além disso, considera a proposta de *governo paralelo* inócua — o papel do PT, acreditam, é "organizar as massas". Na opinião de Rui Pimenta, na raiz da decisão do partido estaria a oposição sistemática da Causa Operária à candidatura do deputado federal Plínio Arruda Sampaio para o governo de São Paulo. O candidato deles é o vice-prefeito de Diadema, Antônio Justino, o *Tonhão*.

A outra facção mais criticada, a Convergência Socialista, domina o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, o Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e a Federação Metalúrgica de Minas Gerais. "Não somos um corpo estranho no PT", proclama um dos dirigentes da tendência, Mauro Puerro, que compara a medida do Diretório à "política centralista" dos países do Leste Europeu. "Estão querendo cassar a democracia interna no partido", acha.

No texto final da resolução polêmica estão os casos de desrespeito às decisões partidárias da Causa Operária e da Convergência Socialista e, num plano mais compreensivo, a de grupos como O Trabalho. O Diretório manifesta repúdio total à "dupla militância", determinando a todos os filiados que, imediatamente, "abandonem suas vinculações a *outros partidos* que não o PT, sejam legais ou não, (...) com infiltrações ostensivas ou subreptícias dentro do PT."

O diretório petista decidiu não reconhecer a Causa Operária como tendência interna do partido, caso em que se enquadrariam outros grupos não nominados. A decisão de negociar uma mudança de comportamento, portanto, não vale nesse caso, porque esses grupos já foram considerados "corpos estranhos". O processo sumário previsto é o de conceder um prazo para o filiado fazer sua opção, período em que se proibirá a disputa de qualquer cargo eletivo dentro ou fora do PT. Os já eleitos serão cassados. A punição final para quem se mantiver na dupla militância é o desligamento.

Nos próximos dias, os dirigentes da Comissão Executiva Nacional procurarão pelos representantes de cada uma das tendências para entregar-lhes, oficialmente, o ultimato. O grande confronto, porém, está marcado para a primeira semana de junho, quando o PT realizará seu 7º Encontro Nacional, de onde deve sair a deliberação final a respeito do assunto. (*M.C.*)

No caminho dos partidos da Europa

Sergio Sá Leitão

Um jovem observador da cena política francesa pode não saber que o Partido Socialista de François Miterrand, hoje um belo representante da social-democracia moderna, foi há algumas décadas um partido operário com programa marxista. Mas é a verdade. O caso do PS francês é um bom exemplo da trajetória de boa parte dos partidos operários europeus deste século. A social-democracia foi o caminho escolhido por estes partidos de origem marxista — e a travessia teve a marca de alguns motins e expurgos. Como seus parentes do Primeiro Mundo, o Partido dos Trabalhadores segue o caminho social-democrata a olhos vistos. E os passos são largos. Nada mal, aliás, para um tempo que se pretende pós-moderno. A expulsão dos radicais, chiques ou não, pode lembrar os processos de Moscou. Mas lembra, com maior ímpeto, a cisão entre socialistas e leninistas ocorrida após a deflagração da Primeira Guerra. Embora todos os políticos do país considerem-se social-democratas, a história mostra que não há social-democracia sem a incorporação dos trabalhadores à cena política. Sem os radicais, o PT credencia-se para ocupar este espaço. E acrescenta um toque de Primeiro Mundo ao Brasil.

Luta interna começou em 79

Jorgemar Felix

A briga das várias tendências que sobrevivem no PT com a direção do partido é antiga. Antes da fundação, em 1980, já ocorreram casos de choques por causa da desobediência dos grupos radicais de ultra-esquerda. No dia 1º de maio de 1979, num comício em comemoração ao Dia do Trabalho, na Vila Euclides, o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernado e Diadema, Luís Inácio Lula da Silva, pretendia divulgar a idéia de fundar um partido que representasse os trabalhadores. No entanto, momentos antes do discurso de Lula, a Convergência Socialista distribuiu o jornal *Versus*, antecipando o anúncio. O sindicalista ficou tão revoltado que adiou o lançamento do PT.

A cada ano, durante os encontros nacionais, os petistas condenam essas correntes que se digladiam com os integrantes do chamado PT de Massas ou Articulação. Só que a exclusão desses grupos, até hoje, ficou na promessa. Essas correntes — O Trabalho, Convergência Socialista, Causa Operária e outras — sempre quiseram fazer do PT um partido repetidor de chavões revolucionários. Elas não representam nem 20% da militância petista, mas fazem muito barulho. Certa vez, Lula chegou a dar a receita para resolver o problema dos trotskistas: "É tudo muito simples. Basta tirá-los do mundo teórico e colocá-los no mundo real", recomendou.

No primeiro Encontro Nacional, em junho de 1980, quando ainda se delineava a proposta do partido, os sindicalistas tiveram um atrito com os ultra-radicais. Eles desejavam colocar no manifesto do PT que o objetivo da legenda era tornar-se um partido de "governo dos trabalhadores". Naquela reunião, no Colégio Sion, no bairro paulista de Higienópolis, os radicais foram vencidos na votação do manifesto. Em outro episódio, em 85, eles foram impedidos de participar do Encontro Nacional, no qual foi elaborado um estatuto para impedir a "dupla militância". As correntes não podiam ter jornais, sedes próprias e deveriam acatar as decisões da maioria. Porém, os radicais nunca chegaram a respeitar essas determinações.

Em 86, os petistas tiveram problemas com os radicais do diretório da Bahia. Cinco militantes do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário) assaltaram uma agência do Banco do Brasil, em Salvador, e foram indiciados. O fato teve repercussão suficiente para reacender a idéia de expulsar os radicais. Mas apenas os assaltantes foram obrigados a sair do partido.

Nas eleições presidenciais, quando o PT decidiu-se pela aliança com o PSB — e o senador José Paulo Bisol foi indicado para vice de Lula —, essas correntes chegaram a fazer campanha contra Bisol. Os radicais também interferiram na escolha da atual prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, na convenção do PT em 1988. Erundina acabou vencendo o deputado Plínio de Arruda Sampaio, candidato dos dirigentes do partido. Esses conflitos ganham sempre força após as eleições, época de "amadurecimento das análises", como diz o presidente do PT-RJ, Jorge Bittar. Ele garante que a pressão contra os radicais só está no começo. Ao que parece, se eles não se integrarem dessa vez, terão de arrumar as malas e procurar abrigo em outra legenda.

Recessão atinge vários setores e produção cai 20%

Maria Luiza Abbott e Teodomiro Braga

BRASÍLIA — Os primeiros indicadores econômicos após as mudanças do dia 16 apontam para a recessão. Oficialmente os autores do plano falam em crescimento zero da economia, mas levantamento preliminar de um dos institutos de pesquisa do governo revela uma queda de 20% na produção industrial de março em relação a fevereiro. Outros sintomas fortes da recessão são a diminuição do consumo de energia elétrica detectado pela Eletropaulo, principal companhia de eletricidade de São Paulo, a generalizada suspensão de negócios e a paralisação de importantes setores da economia, como as indústrias de construção civil e de automóveis.

O Plano Collor mostra o lado duro da tentativa de ajustar a economia justamente na semana decisiva da votação das medidas pelo Congresso e da entrada em cena da primeira folha de salários depois das mudanças do dia 16. Passado o terremoto da reforma monetária, o país começou a se dar conta da brutal dimensão do chamado enxugamento de liquidez determinado pelo programa. Enfrentando uma escassez de dinheiro jamais vista na economia brasileira, empresas de todos os tamanhos se viam em dificuldades na semana passada para juntar cruzeiros necessários às suas despesas essenciais, como pagamento de fornecedores e de salários.

Ibrahim Eris

Antônio Ermírio de Moraes

Salários — No laboratório dos autores do Plano Collor, a redução do dinheiro em circulação no país para um total equivalente a US$ 35 bilhões, ou 10% do Produto Interno Bruto (PIB), seria suficiente para o funcionamento da economia após o vendaval das mudanças impostas pelo novo governo. A partir desse número, foram determinados os valores dos bloqueios em cada aplicação financeira, calculando-se que a liberação de 20% do overnight, correspondente a US$ 14 bilhões, garantiria às empresas os recursos necessários para o pagamento das despesas essenciais e das folhas de salários.

"Algumas empresas enfrentarão uma crise de liquidez e outras terão cruzeiros em excesso. E a função do sistema financeiro é transferir de quem quer emprestar para quem tem que pedir emprestado", apostava o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, no dia do anúncio do plano. A realidade mostrou-se bem diferente do cenário imaginado no laboratório. Quem tem não quer emprestar ou está cobrando caro por seu dinheiro, aproveitando-se da falta de cruzeiros. A lei da oferta e da procura elevou o custo dos empréstimos para uma taxa de 45% ao mês, juro absurdamente alto para uma previsão de inflação próxima de zero.

Gestão — O enxugamento da liquidez pela aplicação de critérios iguais para situações diferentes provocou confusões e desajustes agravados pelos problemas de gestão do plano. Até sexta-feira, nem mesmo o Banco do Brasil sabia dizer o saldo de seus correntistas. Duas semanas após o início do plano, os computadores do Sistema de Liquidação de Títulos Federais (Selic) e da Central de Custódia e Liquidações Financeiras de Títulos (Cetip) ainda não tinham conseguido fechar as operações financeiras do dia 19, impedindo que cada instituição conhecesse seu saldo de caixa. O atraso acabou gerando boatos de quebra de bancos e uma verdadeira corrida a agências bancárias na última sexta-feira, afetando perigosamente a credibilidade do programa de Collor.

Nessas duas semanas, setores que estavam em má situação, como as empresas de transporte coletivo, viram o quadro se reverter radicalmente. Elas fazem parte do grupo privilegiado, também integrado pelos supermercados, que vêem entrar preciosos cruzeiros diariamente em caixa. No outro extremo encontram-se segmentos que até antes do plano desfrutavam de invejável posição e de repente descobriram-se sem capital de giro. Um dos exemplos mais contundentes são as construtoras, obrigadas a gastar cruzeiros para construir imóveis vendidos em cruzados.

Sem cruzeiros — O confisco do dia 16 deixou indústrias sem dinheiro sequer para pagamento de contas de luz, segundo revelou o presidente da Eletropaulo, Alfredo Almeida Júnior. O maior drama foi enfrentar a proximidade do dia de pagamento de salários sem cruzeiros suficientes em caixa, problema que atingiu empresas de todos os tamanhos. A liberação de linhas especiais de financiamento pelo Banco Central resolveu o problema apenas temporariamente porque daqui a um mês as companhias terão que pagar os empréstimos, o que dependerá da incerta entrada de cruzeiros.

Pressionadas pelo bloqueio de seus cruzados, empresas de grande porte, como a Transbrasil, a Klabin e a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira tiveram de recorrer a empréstimos bancários para juntar recursos para o pagamento de salários. Nem mesmo o sólido grupo Votorantim escapou ileso e enfrenta uma crise que levou seu presidente, Antônio Ermírio de Moraes, a declarar na televisão que pensou em deixar o país e recomeçar a vida no exterior. Boa parte dos US$ 500 milhões que Ermírio admitiu ter sido bloqueada pelo Plano Collor estava aplicada diretamente em Letras Financeiras do Tesouro (LFT) com nove meses de prazo para resgaste. Isto significa que o grupo Votorantim só poderá sacar os 20% permitidos pelo programa após o vencimento dos papéis, quando começa a contar o prazo de 18 meses para a prometida — e implausível — devolução do dinheiro bloqueado.

Consumo — Além da recessão, o programa de estabilização tem pela frente a ameaça paradoxal de uma "bolha de consumo". Ou seja, a possibilidade de que os salários de março, que começam a ser pagos nessa semana, sejam desviados por desconfiança no plano e descrédito dos mecanismos de poupança para o consumismo exacerbado, contrariando o apelo do presidente Collor. Uma corrida às lojas impediria a pretendida queda dos preços, trazendo de volta a escalada da inflação. O medo ~~do~~ destino que os trabalhadores darão aos seus salários é tão forte no governo que a equipe econômica quer adiar a discussão com o Congresso sobre os novos limites de saques na poupança. Somente depois de depois de conhecer os efeitos desses salários sobre o consumo é que os líderes do governo na Câmara e no Senado tentarão um acordo com os outros partidos políticos em relação ao bloqueio dos depósitos nas cadernetas de poupança.

Esse temor das autoridades econômicas sobre o impacto dos salários é reforçado pelo desconhecimento do volume de dinheiro que vai entrar na economia. O cálculo de que a folha de salários totaliza US$ 10 bilhões por mês é apenas uma grosseira estimativa, com base na suposição de que a participação do trabalho no PIB é de 35% no ano. O valor do PIB, que também é uma estimativa, é avaliado em US$ 350 bilhões. Por esses números, o total de salários no ano seria de US$ 122,5 bilhões, ou US$ 10,2 bilhões por mês.

TELE-RIO COLABORA COM O BRASIL NOVO BAIXANDO OS PREÇOS.

Confira as ofertas

VÍDEO E SOM

TV. PHILIPS TRENDSET
C. 4037 - 41 cm. 16" ... **25.950,**

TV. SHARP SOFTVISION
C. 2026 - 51 cm. 20" ... **29.900,**

TV. PHILIPS TRENDSET
C. 7692 - 28" 66 cm. c/caixas Dolby Surround Sound ... **94.500,**

TV. PHILIPS PRETO E BRANCO
TL. 6138 - 44 cm. 17" ... **11.700,**

RÁDIO GRAVADOR SHARP
CF. 1780 - B - Microfone embutido ... **5.250,**

RÁDIO GRAVADOR PANASONIC
RX. 1574 - AM/FM/SW ... **5.950,**

RÁDIO GRAVADOR PHILIPS
AR. 150 - Controle aut. nível gravação ... **4.550,**

RÁDIO RELÓGIO SEMP
RR. 7100 - AM/FM. Musica ou alarme ... **2.950,**

RÁDIO RELÓGIO PHILIPS
DS. 183 - AM/FM Eletronico ... **2.850,**

RÁDIO PORTÁTIL PHILIPS
DL. 087 - OM ... **950,**

RÁDIO PORTÁTIL OSAKA
RP. 088 - 2 faixas ... **1.380,**

COMPACT DISC PLAYER SONY
CDP M 35. Controle remoto de 28 funções ... **30.750,**

SYSTEM SONY AD 3500
Receiver AM/FM, duplo deck, equalizador grafico, mic mixing, toca-discos, 2 Cxs. e rack ... **25.490,**

SYSTEM PHILCO-HITACHI PRDT 300
AM/FM Stereo, cassete deck, KARAOKE, entrada p/Digi-Laser 2 Cxs. e rack ... **21.650,**

CONJUNTO PHILIPS F 1120
Receiver. T. discos, deck e 2 Cxs. ... **14.800,**

CONJUNTO CCE SHC 4200
Receiver AM/FM Stereo. T. discos T. Deck 2 Cxs. ... **7.680,**

CONJUNTO FRAHM ST 770
Receiver AM/FM. T. discos 2 Cxs. ... **4.650,**

MICRO SYSTEM CCE MS 30
AM/FM Stereo. Duplo Deck, equalizador grafico. Cxs. Destacaveis, pilha e luz ... **16.980,**

CAIXA CICLOTRON PR 200 X
Amplificada - Entrada p/instrumentos ... **12.700,**

RÁDIO PORTÁTIL STEREO
SOUNDESING - AM/FM ... **4.610,**

RÁDIO GRAVADOR CCE CR 600
AM/FM/TV Band pilha e luz ... **5.440,**

GRAVADOR CCE DR 2000
Ideal p/informatica ... **3.650,**

HEADPHONE STEREO SONY MDR
Leve, confortável, sofisticado ... **1.060,**

WALKIE TALKIE SOSECAL
Intercomunicador de longo alcance ... **3.850,**

FITA PARA VIDEOCASSETE
GRADIENTE T 120 HQ VHS ... **298,**

REFRIGERAÇÃO

REFRIGERADOR BRASTEMP
BRV. 34 Y - 340 litros. Duplex ... **34.250,**

REFRIGERADOR CONSUL
RU. 05-D - 45 litros. Escritorio ... **11.500,**

FREEZER VERTICAL CONSUL
VU. 18-L - 180 litros "Freezing" ... **21.900,**

ESTÉTICA - BELEZA

BARBEADOR PHILIPS
HP. 1622 - Tracer. 2 cabeças ... **3.580,**

DEPILADOR LADYSHAVE
HP. 2616 - Glamour. Luxo ... **4.030,**

SECADOR PHILIPS
HL. 2883 - Quick Fashion ... **860,**

ONDULADOR PHILIPS
HL. 2889 - c/escova ... **820,**

SECADOR ARNO
MTA. Miniturbo 1000 W. ... **1.195,**

INFRAPHIL PHILIPS 2816
Raios infravermelhos p/massagens ... **2.430,**

AR E VENTILAÇÃO

AR CONDICIONADO SPRINGER
7.000 BTU. 3/4 HP. Topline ... **20.900,**

AR CONDICIONADO SPRINGER
10.000 BTU. 1 HP. Mundial ... **31.500,**

AR CONDICIONADO SPRINGER
12.000 BTU. 1 HP. Topline ... **33.800,**

AR CONDICIONADO SPRINGER
18.000 BTU. 1 1/2 HP. Mundial ... **50.900,**

AR CONDICIONADO SPRINGER
21.000 BTU. 2 1/2 HP. Topline ... **68.500,**

AR CONDICIONADO CONSUL
CF. 10-D. 10.000 BTU. 1 HP ... **25.900,**

AR CONDICIONADO CONSUL
CF. 30-D. 30.000 BTU. 3 HP ... **84.500,**

AR CONDICIONADO ENXUTA
10.000 BTU. 1 HP. c/rodizios ... **26.900,**

AR CONDICIONADO ELGIN
3010. 10.000 BTU. 1. HP ... **23.000,**

AR CONDICIONADO WESTINGHOUSE
10.000 BTU. 1. HP ... **23.000,**

CIRCULADOR LOREN SID
Suave Clima. 12 grades direcionais ... **2.060,**

VENTILADOR ARNO
V.10 - 25 cm. 2 velocidades ... **1.950,**

VENTILADOR ARNO
GL. 12 - 30 cm. 3 vel. Gran Luxo ... **3.600,**

VENTILADOR ARNO
V. 16 - 40 cm. 3 velocidades ... **3.375,**

CIRCULADOR ARNO
Tc. 16 - 40 cm. Grade rotativa ... **3.190,**

CIRCULADOR FAET
1076 - 30 cm. Grade giratoria ... **2.200,**

UTILIDADES

CADEIRA PENEDO
Reclinável e 2 posições ... **590,**

FAQUEIRO HÉRCULES 130 Pçs.
Mod. 493. Aço INOX. Fino Acabamento ... **26.980,**

FAQUEIRO MERIDIONAL 101 Pçs.
Estoril. Aço INOX c/Estojo Madeira ... **13.100,**

FAQUEIRO HÉRCULES 101 Pçs.
Mod. 300. Aço INOX ... **3.450,**

FAQUEIRO TRAMONTINA 24 Pçs.
MALIBU. Aço INOX c/Estojo ... **1.950,**

FAQUEIRO WOLFF 24 Pçs.
LIDER. Aço INOX ... **540,**

AP. JANTAR BEATRIZ 42 Pçs.
Porcelana. Várias dec. À partir de ... **9.750,**

BAIXELA TRAMONTINA 10 Pçs.
FALSTAFF. T 005 INOX, fino acabamento ... **11.300,**

BAIXELA JANTAR WOLFF 8 Pçs.
Moreninha. Aço INOX ... **2.160,**

CONJUNTO PANELAS 5 Pçs.
EBERLE. Aço INOX, com fundo de Cobre ... **12.530,**

PANELA PRESSÃO MARMICOC
4,5 Lts. Especial Alumínio Polido ... **1.240,**

BANDEJA ART-PRATA
FLORAL 04. Aço INOX. Alto Luxo ... **1.010,**

CONJUNTO COZINHA 4 Pçs.
GAZOLA. Aço INOX ... **860,**

FRIGIDEIRA FRANCESA
MARMICOC com TEFLON II. À partir de ... **340,**

ESCORREDOR JÓIA SUPREMO
Cromado Epoxi ... **880,**

RELÓGIO DE PAREDE HALLER
Eletrônico, quartzo alta qualidade ... **890,**

VASSOURA FEITICEIRA
COMPACT PLUS. Ideal p/limpar carpetes ... **760,**

CONJUNTO FACAS HÉRCULES
Mod. 6693. Corte Laser. Aço INOX ... **397,**

DIVERSOS

LAVADORA SUPER ARNO
LAVS - Eficiente sistema de lavagem por turbilhonamento ... **7.500,**

LAVALOUÇA ENXUTA
077 - Eletrônica. 6 pessoas ... **17.250,**

MÁQUINA OLIVETTI
College c/estojo ... **5.700,**

PURIFICADOR DE AR SUGGAR
0,60 - Filtragem dupla ... **3.650,**

BATEDEIRA ARNO
BCA. Ciranda. Possante ... **2.500,**

ASPIRADOR ARNO
APA. Portátil c/acessórios ... **4.690,**

ENCERADEIRA ARNO
Uma haste. Automática ... **4.420,**

PROCESSADOR ARNO
PRO. Liquidificador e processador ... **3.950,**

NOVO ESPREMEDOR ARNO
NEA. c/jarra de alça embutida ... **1.220,**

LIQUIDIFICADOR ARNO
LE. 5 velocidades ... **1.790,**

MULTI PROCESSADOR ARNO
PROT. Triton. Três-em-Um ... **5.590,**

CENTRÍFUGA WALITA
Extrai suco de qualquer fruta ... **4.450,**

FRITADEIRA WALITA
C/Teflon II por dentro e por fora ... **6.770,**

FERRO BLACK & DECKER
VFA. 1110 - Automatico. Extra leve ... **775,**

FACA BLACK & DECKER
KFL. Eletrica de luxo ... **1.450,**

GRILL BLACK & DECKER
HGW. 1112 - 3 graduações ... **2.430,**

FORNO BLACK & DECKER
HFL. 1115 - Toaster Oven ... **4.480,**

BICICLETA MONARK
XUXA - Aro 10 ... **3.620,**

BICICLETA MONARK
Brisa - Aro 14 ... **5.300,**

BICICLETA MONARK
BMX. Super Star - Aro 16 ... **6.150,**

BICICLETA MONARK
Ranger - Aro 26 ... **6.920,**

BICICLETA MONARK
Barra Circular - Aro 26 ... **7.650,**

CADEIRINHA CALOI
Para transporte de criança ... **1.250,**

CÂMARA POLAROID CL 635
Gratis: Filme e Bolsa Térmica ... **6.850,**

CÂMARA KODAK S 100
Tampa Protetora da Lente, flash eletrônico, filme e pilha ... **5.530,**

CALCULADORA OLIVETTI 612
Escritorio, visor e fita ... **10.998,**

CALCULADORA DISMAC LC 12
8 digitos, %, V, memoria ... **510,**

DRIVE TRADECO P/MSX
Com Fonte e Interface ... **23.990,**

RELÓGIO DESP. HALLER
Eletrônico, varios mod. À partir de ... **775,**

CARTUCHO P/VÍDEO GAME
PHANTOM. Varios titulos. À partir de ... **2.240,**

CARTUCHO DYNACOM
Varios titulos. À partir de ... **2.040,**

WATEROZON OZONIZADOR
Vacchion. Purificador c/filtro ... **3.890,**

FOGÕES

FOGÃO BRASTEMP QUALITY
51-X. 4 bocas. Mesa inox ... **18.600,**

FOGÃO BRASTEMP QUALITY
76-U. 6 bocas. Auto limpante ... **29.300,**

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 7/4/90
ou enquanto durarem nossos estoques, após voltarão aos preços anteriores.

• CENTRO • CINELÂNDIA • COPACABANA • TIJUCA • MÉIER • CAMPO GRANDE • MADUREIRA • NOVA IGUAÇU • NITERÓI • ALCÂNTARA • PETRÓPOLIS • CAXIAS • BONSUCESSO • PENHA • DEPTº ATACADO RUA ENGº ARTUR MOURA, 268 2º ANDAR LOJA DO DEPOSITO RUA ENGº ARTUR MOURA, 268 TERREO BONSUCESSO TELS. PBX 280-4112 CENTRO SUL PBX 221-1212

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

VICTORIO BHERING CABRAL — *Consultor*

MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Novos Cenários

Passadas as duas primeiras semanas de vendaval reformista, é hora de institucionalizar o Brasil Novo anunciado pelo presidente Collor. O carisma pessoal do presidente pode ser um dado necessário à tarefa de reconstrução nacional — na medida em que o regime continua a ser presidencialista. Face aos desafios de agora, entretanto, ressalta a importância do trabalho de institucionalização. É o que distingue um país organizado de um outro onde forças cegas disputam a primazia.

Esse trabalho de recuperação das instituições ganha um valor adicional quando se passa a vista pelo cenário regional onde o Brasil se inscreve. No norte do continente, o México adianta seu processo de integração no "mercado comum" constituído pelos Estados Unidos e Canadá. Os mexicanos têm permanentemente diante dos olhos o exemplo de sociedades organizadas e eficientes, tanto política quanto economicamente.

Deste lado da América, temos o caso oposto. O que um escritor chamou, há tempos, de "o drama da América Latina" é hoje o drama da América do Sul (já que a América Central constitui um caso à parte, com seus países minúsculos e artificiais). Da Colômbia ensangüentada pela violência à Argentina sufocada por uma crise econômica que lhe rói o produto nacional e o capital de esperanças, os exemplos são todos de desorganização política, social e econômica.

Nem sempre os motivos são os mesmos. Na Colômbia, a violência tem origens antigas e perpetua um choque de clãs e interesses oligárquicos. Na Argentina, fogem raciocínios para explicar o desbaratamento de um patrimônio extraordinário de riquezas. No Peru, parece prosseguir de modo fantasmagórico o conflito entre os índios da montanha e os espanhóis da cidade.

Esse quadro de dimensões apocalípticas estabelece os limites para a já famosa política de integração regional do Brasil. Essa política pode e deve ser executada, na medida das possibilidades, tendo em vista sobretudo a formação de um "mercado comum" no âmbito do Cone Sul. O Chile, ultrapassado o período mais agudo de crise política, é um novo espaço aberto à aproximação já em curso entre Brasil, Argentina e Uruguai. Mesmo a Argentina, entretanto, único país da região com peso geopolítico que sustente comparação com o do Brasil, vive um período tão angustioso da sua história que os projetos de integração precisarão caminhar com cautela redobrada e equivalente perda de velocidade.

Nesse contexto é que se podem entender declarações recentes feitas no México pelo chanceler brasileiro, Francisco Rezek, para quem está na hora de estabelecer um novo diálogo com o mundo desenvolvido e de abandonar a retórica terceiro-mundista. É uma verificação pragmática, que decorre de qualquer leitura serena dos dados disponíveis. Avalie-se, por exemplo, o que resultou da tão falada política africana de governos anteriores e que nos levou, anos atrás, a um reconhecimento açodado do governo marxista que se instalava em Luanda. De todo o ideário terceiro-mundista, restam hoje não mais que fragmentos de frase, a retardar uma visão desanuviada da atual conjuntura.

A idéia de Terceiro Mundo esfacelou-se à medida que o cenário internacional abandonava a velha rigidez dos blocos. O Terceiro Mundo queria oferecer-se como alternativa ao antigo mundo bipolar. O mundo de hoje está dividido em outras unidades: distribui-se não mais em blocos, mas em mercados; e o que pretendia ser Terceiro Mundo não é mais que uma nuvem a esfumar-se no horizonte.

Ao Brasil, cumpre passar a limpo o velho vocabulário; e procurar, finalmente, discernir onde se encontram os seus interesses e melhores possibilidades. É um trabalho a ser executado com urgência e com a possível competência, antes que os novos espaços estejam todos demarcados. A pior sorte é sempre a dos retardatários.

Conduta Sofrível

O serviço público brasileiro passa pelo seu momento da verdade. Durante anos a fio, ele vem perdendo em consistência. Seus quadros se deterioraram em qualidade à medida que ganhavam em estabilidade. Um funcionário público, vencidas as forças caudinas da estabilidade, sentia-se ungido pelo direito divino de permanecer no cargo enquanto bem entendesse, isto é, para sempre, sem se sentir desafiado pela necessidade de responder com trabalho.

Comparado a outros países, o serviço público brasileiro (com as exceções de praxe) exibe *performance* acabrunhante. Qualquer cidadão maltratado num guichê sabe disso. O ponto culminante de uma longa trajetória de decadência ocorreu há pouco mais de um ano, quando se deu o colapso de todas as administrações públicas, nas cidades, nos estados e na União. As folhas de pagamento estouraram os orçamentos de Norte a Sul, acendendo uma luz vermelha para a situação de caos na administração pública.

Antes de mais nada, é preciso reconhecer que o grande fracasso da arrecadação, dramatizado pela inflação galopante, se deve em boa parte ao próprio funcionalismo. Ele pode ser responsabilizado pelo abismo cavado entre a prestação do serviço e os direitos espezinhados dos cidadãos, que se limitavam a pagar impostos e viam seu dinheiro sumir no labirinto do serviço público, onde órgãos concomitantes eram criados para fazer coisas que outros órgãos com função semelhante deixavam de fazer.

Ao invés de procurar talentos para desembrulhar as crises nacionais, o governo incentivava entre os políticos o esporte da caça aos cargos. A cada mudança de governo, a administração era loteada pelos partidos sem um mínimo de critério no preenchimento de cargos técnicos. Havia tanta gente pendurada em cabides de empregos que num determinado momento a folha de pagamento chegou a 120% da arrecadação, com 0% de eficiência. A crise do serviço público atingia o ponto culminante, enquanto a credibilidade dos servidores caía ao ponto mais baixo.

A crise se traduzia na retórica dos altos funcionários, que, expressando a aliança entre a burocracia pública e os setores beneficiados pelas benesses cartoriais, estabeleciam prioridades que, de tanto serem colocadas em primeiro lugar, deixavam de expressar na essência qualquer prioridade. O resultado foi a inércia político-administrativa que durante muitos anos impediu a revisão de prioridades reais, programas, funções, gastos.

Dentro deste panorama, todos os programas eram prioritários, e todos os órgãos, fundações e empresas eram essenciais, sendo que qualquer funcionário se considerava indispensável. Hoje, com a eliminação de mais de cinqüenta órgãos finalmente reconhecidos como inúteis, e a demissão ou disponibilidade de milhares de funcionários, pode a nação enxergar como, na verdade, eles não faziam a mínima falta: o país continua a existir e vai até melhor, sem eles.

O setor público sempre empregou demais, com produtividade baixa. Como disse o cientista político Sérgio Henrique de Abranches, a sobrecarga e a diminuição da capacidade de governo aumentam as frustrações e insatisfações com o desempenho do setor público, comprometendo a sua legitimidade e credibilidade. A crise social pode se agravar porque o Estado, de árbitro do conflito distributivo, tornou-se um de seus agentes. O problema do setor público, ainda segundo o cientista político, deixa de ser uma questão de ajuste macroeconômico, ou de reforma administrativa, e passa a ser um problema ético.

Em última análise, atropelados por sua incompetência, incapazes de reagir à degeneração da própria qualidade, milhares de funcionários reagem como touros enfurecidos ao serem atingidos pelo estocada governamental, indo às ruas para protestar contra suas dispensas. Para eles, o bonde da história está perdido, e já vai longe. Resta-lhes a consciência do dever não cumprido em decênios de inércia, durante os quais as carreiras se degradaram e se perderam incentivos à produtividade e profissionalização do servidor.

Agora é começar tudo do zero, esperando-se que possam ser vencidas as resistências culturais que, dentro e fora da administração pública, impedem a descentralização administrativa.

Lições de Moscou

O projeto de reforma econômica, com a redução dos subsídios e o fechamento de empresas estatais não lucrativas, poderá levar ao desemprego. A análise não é de nenhum economista brasileiro. Foi feita pela agência soviética de notícias, a Tass, a propósito das medidas de liberalização dos preços, para introduzir, em regime de tratamento de choque, fundamentos mínimos de economia de mercado na vida soviética. A própria Tass acrescenta não estar "claro se a população suportará essa terapia de choque".

O fracasso econômico, político e social do planejamento central está levando o Leste europeu e a União Soviética, que iniciara o processo de reformulação econômica do comunismo com a *perestroika*, a promoverem radicais mudanças na estrutura econômica. Não há, no entanto, cirurgia sem dor para recolocar qualquer economia nos trilhos que levam ao mercado.

Ainda não surgiu o modelo econômico que substitua com eficiência o funcionamento do mercado, definido por Adam Smith há dois séculos. O mercado, obviamente, não é perfeito, nem resolve sozinho as contradições das sociedades. Mas o planejamento central provou também não ser a panacéia para todos os males.

Essas lições devem servir de meditação aos políticos, economistas, sindicalistas, empresários e às elites brasileiras neste momento em que todos devem remar na mesma direção para levar a nação a porto seguro. Está na hora de pensar grande e implantar um modelo de economia de mercado moderno e eficiente no Brasil para a construção de um país mais democrático, forte e socialmente justo.

Lan

Cartas

Bancos

Apesar de não estar de acordo com a maioria das medidas constantes do Plano Brasil Novo, (...) sou obrigada a declarar que para uma coisa ele serviu. Para mostrar a *podridão* em que se encontra a prestação do serviço bancário deste país. Nos últimos anos os bancos têm se beneficiado escandalosamente, obtendo lucros altíssimos, às custas dos pobres usuários, sempre mal atendidos e muitas vezes roubados vergonhosamente.

Faço um apelo às autoridades para que tomem uma providência urgente e enérgica no sentido de fazerem as instituições bancárias cumprirem com o seu papel, sem as desculpas esfarrapadas de que estão sobrecarregadas. (...) É muito fácil o Dr. Tuma prender o quitandeiro da esquina; quero ver é ele prender o banqueiro que não está cumprindo com o seu dever. (...) **Regina Petrillo — Rio de Janeiro.**

Volta Redonda

No próximo dia 5/4/90 será promulgada a Lei Orgânica do Município de Volta Redonda, apesar das dificuldades impostas pelo Executivo, que se associou a alguns vereadores mais conservadores, para impedir as conquistas populares que garantem maior transparência administrativa, participação na gestão da coisa pública e outros avanços nas questões relativas ao meio ambiente, saúde, reforma urbana e educação.

Mais uma vez o povo venceu, através da luta e da organização dos movimentos populares. (...) **Carlos A.R. Azevedo — Volta Redonda (RJ).**

Brasil Novo

Afinal começam a despertar as força vivas da nação. Será enorme a luta. Todavia, creio na capacidade de liderança do presidente, no seu entusiasmo, que transmite fé aos humildes. (...) **Antonio Andrade de Oliveira — Rio de Janeiro.**

Agradecimento

Ao deixar a presidência da Petrobrás, após os 11 meses mais difíceis de sua história, quero registrar meus agradecimentos ao **JORNAL DO BRASIL** pelo tratamento correto, isento e preciso que deu à empresa em suas páginas. As eventuais críticas do JB aos procedimentos da Petrobrás nos serviram sempre de alerta para revisão de posições ou, quando era o caso, rebater e esclarecer os fatos, procurando estabelecer a correção da informação.

Em diversas ocasiões — e lembro aqui os editoriais, publicados em dezembro de 1989, "Revisão inadiável", "Consciência do perigo" e "Ameaça no ar" — esse jornal prestou à empresa um inestimável serviço ao levar aos seus leitores análises claras e inteligentes dos motivos da crise da Petrobrás, hoje sendo vencida.

Registro também minha simpatia e respeito pelo exercício profissional da cobertura dos fatos do dia-a-dia da empresa pela jornalista Teresa Lobo.

A todos do JB, diretores e corpo editorial, meus sinceros votos de continuado sucesso em sua importante missão de formar e informar a opinião pública. **Carlos Sant'Anna — Rio de Janeiro.**

Óleo no mar

O Sr. Wilson Barbosa de Oliveira, responsável por "engenharia de segurança e meio ambiente" da Petrobrás, em matéria no caderno **Cidade** de 23/3/90, alega que "as reações aos acidentes com os navios da empresa" fazem parte de "uma campanha injustificada", discorrendo mais, não satisfeito, que os acusadores "desconhecem o trabalho" que estaria sendo desenvolvido para que o meio ambiente não seja agredido. Adiante, admite que "os vazamentos de petróleo no mar são preocupantes, mas devem ser atribuídos a acidentes eventuais".

Entretanto, o **JORNAL DO BRASIL**, na mesma matéria, desmente a "eventualidade" alegada, demonstrando com números que, desde 20/1/88 até 14/3/90, (em quase 26 meses) ocorreram 22 acidentes "eventuais". (...) **Alexandre Ney de O. Raed — Rio de Janeiro.**

Fantasmas

Não sou muito feliz com o **JORNAL DO BRASIL**, onde encontro de vez em quando uma farpa contra minha humilde pessoa. A de 29/3, foi à pag. 4, sob o título "Leleco assume a Rádio Roquette Pinto", onde sou incluído entre as "centenas de funcionários fantasmas" daquela organização.

Não é verdade. Há 17 anos sou cronista diário da Rádio MEC, tendo sido convidado pelo então diretor José Cândido de Carvalho, depois de ter colaborado gratuitamente por alguns anos para a emissora, ao tempo de Murilo Miranda e Fernando Tude de Souza.

Brigido

Minhas crônicas eram lidas por mim. Depois passei a cronista de rádio e autor de um projeto de adaptação de peças teatrais brasileiras para o rádio e a televisão, projeto deixado de lado porque envolvia despesas de salário de atores, direitos autorais e gravações. Há dois anos a Rádio MEC me compeliu a assinar um documento pelo qual o meu trabalho passava a ser propriedade da emissora, o que é ilegal. E agora, em julho/89, intimou-me a pedir exoneração (claro, eu já não era irmão do presidente), (...) sob pena de processar-me com a acusação de que eu acumulava cargos. Uma inverdade, pois tenho apenas uma função de confiança na Uni-Rio, universidade que fundei, e onde agora organizo a seção especial da biblioteca que tem meu nome, com alguns milhares de livros por mim doados. Exonerei-me sob protesto.

A TV Educativa, que engloba a Rádio MEC, chamou-me à Justiça do Trabalho para me obrigar a receber o FGTS, quando se sabe que o FGTS só é pago a quem é demitido pelo patrão. Tal intimação era feita para camuflar a ilegalidade da minha exoneração sob coação. Recusei-me a receber o que quer que seja, e movo uma ação contra a Rádio MEC para que me reintegre em seus quadros e me demita, se quiser. (...) **Guilherme Figueiredo — Rio de Janeiro.**

Rolls-Royce

Como colecionador de automóveis venho retificar informação divulgada sobre o Rolls-Royce da presidência da República.

O automóvel limousine Rolls-Royce "Silver Wraith", carroceria Mulliner, (...) de cor preta, que hoje pretence à presidência da República, foi adquirido por amigos do presidente Getúlio Vargas em 1952. O então presidente recebeu o carro em 31/1/53. (...) O carro foi emplacado em nome do presidente, pois foi comprado em nome de sua pessoa física. Ao término de seu mandato, ele resolveu doar o carro à presidência da República, mas em virtude de sua morte, a doação não foi efetivada. Somente em 1955 é que a família do ex-presidente cumpriu o seu desejo e doou o carro à União. (...) **Antônio Sérgio Ribeiro — São Paulo.**

Médicos

Mais uma vez o médico é apontado como responsável pelas mazelas da assistência médica no Rio de Janeiro (JB-25/3/90). Pena que o mal disfarçado fervor punitivo da deputada Sandra Cavalcanti não lhe tenha permitido uma análise mais profícua do assunto. E se detenha em generalizações aleivosas, a entender que os exemplos que ela pinçou de mau atendimento sejam o tipo de serviço e o padrão de comportamento de toda uma categoria profissional. (...)

Brigido

Como ex-médico concursado do serviço público, sinto-me no dever de tentar ampliar a discussão e dar o meu testemunho. Infelizmente há médicos que trabalham pouco ou não trabalham (como também há deputados, com a diferença que estes, trabalhando ou não são regiamente pagos), mas há também aqueles que em número muito mais expressivo, arrostando todas as dificuldades e miseravelmente pagos, ainda assim cumprem as suas obrigações e o seu dever.

O fenômeno das filas, que se verifica até nos países mais avançados, não depende unicamente da consulta médica. As estatísticas demonstram que o número de consultas na rede pública, não só no Rio de Janeiro mas em todo o país, é dos mais elevados do mundo e só tem aumentado. E ainda por cima, no Brasil, as filas têm característica própria. É que a fome é mãe e irmã xifópaga da doença, e grande parte dos que lá estão buscam apenas medicalizar as suas carências, estimulados pelo governo, incapaz de resolver suas verdadeiras necessidades básicas.

Finalmente (...) a nobre deputada diagnostica "o câncer que está matando a assistência médica no Brasil". Seriam as eleições para a direção dos hospitais. É que, pela sua ótica de democrata, a maioria dos que ali trabalham e contribuem para o seu funcionamento é constituída de apadrinhados, parasitas e preguiçosos, e portanto incapazes de escolher umm diretor íntegro, honesto e trabalhador. Sem comentários. **Carlos F. de Azevedo — Rio de Janeiro.**

Remoção

Gostaria de fazer um apelo ao governador Moreira Franco. Sou professora de 1º grau, leciono em horário noturno na Escola Dr. Cícero Pena, na Av. Atlântica, e resido no Riocentro, Jacarepaguá, desde 1989.

Por entraves burocráticos, não consigo a remoção solicitada desde aquela época, sendo obrigada diariamente ao transporte em ônibus especiais que, além de onerarem meus parcos vencimentos, expõem-me à violência que atinge a todo e qualquer habitante desta cidade, principalmente à noite. Tenho um filho de cinco anos e muitas vezes quando não tenho com quem deixá-lo, e para não faltar à escola, o exponho também a esta penosa viagem.

Tenho 17 anos de magistério, duas menções honrosas em meu currículo e a satisfação de haver conquistado a estima e o respeito de quantos ajudei em sua formação. Estou certa de que o governador se sensibilizará, concedendo-me a tão esperada remoção. (...) **Sonia Maria do Nascimento Alves — Rio de Janeiro.**

Telefone

Meu marido e eu compramos um telefone da Cetel, em março de 1987, e pagamos à vista Cr$ 30 mil, mas até hoje o *bendito* telefone não nos foi entregue. Nosso contrato tem o número 703858, estação CAC, classe residencial. **Angela Maria de Fátima de Brigida — Rio de Janeiro.**

□

Queremos protestar pela atitude antisocial e de desrespeito à classe médica por parte da Telerj, pois a SinMed solicitou transferência do endereço do seu telefone em 24/1/90, e até hoje a empresa somente indicou o novo número, porém a ligação não foi realizada "por defeito do cabo". **Dr. Armando Gueiros Ferreira, presidente, SinMed-Sindicato dos Médicos de Niterói e São Gonçalo — Niterói (RJ).**

Lições da História

Ao comentar as eleições realizadas na Alemanha Oriental, o JB apresentou o novo chanceler daquele país, Lothar de Maizières, como "filho de imigrantes franceses". Na realidade, trata-se de um descendente de huguenotes, protestantes franceses forçados a se converter ao catolicismo por Luís XIV, em 1685. Centenas de milhares conseguiram deixar a França, grande parte deles rumo à Alemanha. (...)

Mas as lições da História raramente são aprendidas, e a Alemanha, beneficiária de sua política de tolerância no século XVIII, veio a beneficiar outras nações através do êxodo de cérebros que se seguiu à intolerância racial nazista, e que lhe custou a liderança (...) no mundo científico e cultural. Às vésperas da reunificação (...) parece claro que o caminho para a retomada de seu lugar de prestígio no mundo passa pela tolerância e não pela exclusão, pela democracia e não pelo autoritarismo, por 1685 e não por 1933. **Daniel Roberto Pinto — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Dou a mão à palmatória

Barbosa Lima Sobrinho *

No artigo de minha autoria publicado no JB do último domingo, eu chegara a perguntar se existiam, realmente, os três Poderes a que se reportava Montesquieu, o Legislativo, o Judiciário e o Executivo, em face de um monte de medidas provisórias para as quais se exigia a aprovação, sem emendas, pelo Congresso Nacional. E venho agora dar a mão à palmatória. Vejo que os outros Poderes acordaram e estão se manifestando em torno das 27 medidas provisórias, forçando a retirada de algumas e procurando podar as que ficaram, com as três mil emendas já apresentadas no Congresso Nacional.

O Poder Judiciário, pela autoridade do procurador-geral, Dr. Aristides Alvarenga Junqueira, pôs em dúvida a constitucionalidade de duas Medidas Provisórias que atentam contra a Constituição de 5 de outubro de 1989, que é muito moça para já estar sendo violada. Recorria, por isso, à autoridade do Supremo Tribunal Federal, para uma decisão final. As razões apresentadas tiveram força bastante para convencer o próprio Presidente da República, que [illegible] a sabedoria, de certo louvável, de retirar as duas medidas provisórias impugnadas pelo Procurador-Geral da República.

Também alguns juizes estão se manifestando, corrigindo excessos de alguns projetistas irresponsáveis e que se deixaram envolver pelo ambiente de violência e de absolutismo que se procurou criar em torno do combate a uma inflação de três por cento ao dia, e quando havia ainda quem teimasse em que não havia perigo de uma hiperinflação, que toda a população já estava sentindo na própria carne, com uma vertigem de preços que se alteravam de um vendedor para outro, estimulados, todos eles, por um processo inflacionário que parecia não ter limites, antecipando os preços do dia seguinte. Como quem saca para o futuro, dando desconto ao espírito de lucro dos concorrentes.

Será que o Poder Legislativo terá tempo para corrigir, ou evitar, os excessos e desvios de 27 medidas provisórias que mobilizara não sei quantas centenas de tecnocratas ávidos de substituirem os senadores e deputados que constituem o Congresso Nacional? Se se procurasse atribuir percentagens à contribuição do Poder Legislativo, com as leis emanadas das duas casas do Congresso, e a dos tecnocratas que, desde 1937, vêm inchando colunas e colunas de dispositivos enfeixados nos Decretos-Leis, nos Atos Institucionais e, já agora, nas medidas provisórias que vão surgindo em enxurradas, ficaríamos na dúvida em saber quem é, realmente, e quem exerce o Poder Legislativo, pela muito maior participação do Poder Executivo.

Já se está sentindo, em face das medidas provisórias do Governo do Sr. José Sarney e, já agora, do Sr. Fernando Collor, que a Assembléia Constituinte errou, ao não estabelecer limites mais precisos para a edição de medidas provisórias, com que se substituem decretos-leis das duas Constituições de 1937 e de 1967. Não há nada que impeça que as medidas provisórias se apresentem como os Atos Institucionais do regime militar. Tem razão o procurador-geral da República quando chama a atenção de todos para essa omissão dos constituintes de 1988.

Não seria o caso de restringir as medidas provisórias ao campo das providências que se destinassem, diretamente, ao combate à inflação? Diretamente, e não aproveitar a inflação para exigir a reforma do próprio Estado.

Temos que dar de bandeja a economia da redução do número de ministérios, o que ainda vai depender de muitos fatores, uma vez que se transformam em secretarias. Para a coordenação de todas elas bastaria o entendimento entre os seus titulares.

Há muitas medidas provisórias que não têm nenhum efeito, pelo menos a curto prazo, no combate à inflação. Melhor seria que se transformassem em projetos de lei, para um exame mais demorado, até mesmo de suas intenções e efeitos, dando também margem aos especialistas que não concordam com os tecnocratas reunidos em torno da Sra. Zélia Cardoso de Melo, cujo maior mérito é não constituir obstáculo à vontade do Presidente eleito com 35 milhões de votos. Trinta dias não bastam para isso, nem seria recomendável a repetição das medidas provisórias não aprovadas no prazo de 30 dias. Essas pesquisas de opinião, que estão surgindo, valem tanto como se se perguntasse à população o que pensa do sexo dos anjos, tal a extrema complexidade dos assuntos em debate. Por que, pois, não restringir a participação do Congresso Nacional nas propostas financeiras e fiscais que possam ter relação direta com o processo inflacionário?

Confesso que até fiquei contente com a eliminação das ações ao portador, o que me parece importante na arrecadação do imposto sobre a renda, podendo concorrer para o crescimento da receita pública. Não estamos fazendo mais do que aceitar os exemplos das fortalezas do capitalismo, como os Estados Unidos e a Inglaterra. Mas fico em dúvida quanto ao futuro do plano quando vejo o dólar recuperar-se rapidamente, de um dia para o outro, não sei se por influência das multinacionais que atuam no Brasil, ou se como conseqüência dos que procuram o dólar como solução para o descrédito da caderneta de poupança, exposta a confiscos que não poderão alcançar moeda estrangeira. Não será tempo perdido o negar o confisco da poupança, com a troca por títulos públicos privados de liquidez? Será que as empresas de pesquisa de opinião incluem, nas suas perguntas, a confiança nessa futura devolução, levando em conta a experiência de nossa história financeira?

> *"Não estamos fazendo mais do que aceitar os exemplos das fortalezas do capitalismo, como os Estados Unidos e a Inglaterra"*

No conjunto das medidas provisórias, há as que merecem atenção e até mesmo aprovação, como se encontram outras que nem deveriam ter sido apresentadas. É o caso, por exemplo, da que tomou o número 159, que nem figura na separata publicada pelo *JORNAL DO BRASIL*. Deixa de lado os aspectos financeiros para instituir um severo regime disciplinar para os funcionários públicos da União. E vai tão longe que considera crime do funcionário "referir-se de modo depreciativo ou desrespeitoso às autoridades públicas ou aos atos do poder público". Assim como "compelir outro servidor público a filiar-se a associação profissional ou sindicato ou a partidos políticos". Tendo como sanção "a aplicação de penalidade de suspensão, acarretando o cancelamento automático do valor dos vencimentos do servidor durante o período de sua vigência". O que não se limita aos funcionários na ativa, pois que o art. 9º dessa medida provisória acrescenta que "será cassada a aposentadoria ou a disponibilidade do inativo que houver praticado, na atividade, falta punível com a demissão".

Tão-somente uma pequena amostragem dessa medida provisória número 159, tão escassamente divulgada, mas que conta com as rubricas indispensáveis, a de F. Collor e a de Zélia Cardoso de Melo, tudo isso, evidentemente, a título de combate à inflação.

Edmundo Moniz, na última reunião do Conselho Administrativo da Associação Brasileira de Imprensa, não teve dúvida em averbar essas medidas como atentado contra os direitos da pessoa humana. Como se houvesse, por aí, um prêmio destinado a quem propusesse sanções mais violentas. E como se tudo isso fosse essencial à luta contra a inflação, em que o Brasil ia afundando. Sem se explicar, também, que esse combate inclui a supressão do capital de risco das empresas privadas. Será que isso também fez parte das indagações dos institutos da opinião?

** Membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Associação Brasileira de Imprensa*

Cultura: A política do patrimônio

Joaquim Falcão *

Privatizar é regra geral do governo Collor. Na área cultural, também. A extinção da Embrafilme e da Lei Sarney sinaliza nesta direção. Mas toda privatização tem limites. Não seria razoável esperar privatizar o Museu Imperial e as jóias da Coroa. Ou as funções de tombar e fiscalizar nosso patrimônio histórico.

Na verdade, privatizar é estabelecer limites. De mão dupla. Limites para a ação do Estado. E do mercado, também. E se o modelo do novo governo são os países capitalistas democráticos, donde flui a idéia da privatização, estes limites são perfeitamente delineáveis. Privatizar pode até conduzir à extinção da Embrafilme e Lei Sarney, apesar de França e Portugal terem incentivos fiscais ao mecenato. Mas, necessariamente, significará modernizar e fortalecer as instituições culturais paradigmáticas da Nação. Como a Biblioteca Nacional, o Museu Histórico, o Museu de Belas Artes, os Teatros Municipais (Rio, São Paulo, Brasília, Manaus), o patrimônio histórico, os arquivos públicos, as orquestras sinfônicas, por exemplo.

Todos os países do Primeiro Mundo possuem biblioteca nacional, museu histórico, arquivos públicos e teatros municipais. Mantidos e geridos pelo Estado. É através destas instituições que nossa cultura dialoga e participa da cultura do Ocidente. Se o objetivo é entrar no Clube do Primeiro Mundo, lá não se entra, pela porta da cultura, sem estas instituições.

O exemplo mais recente é a grandeza da França moderna que passa, mais do que nunca, pela ampliação de instituições culturais estatais: Louvre, Beaubourg, La Villette, Opera, Washington, permanentemente, moderniza a National Gallery e o Smithonian. A Itália tem até um Ministério dos Bens Culturais só para proteger seu patrimônio histórico.

Visão simplista aprisionaria a política cultural à redução de pessoal e fusão de órgãos e funções. Estas decisões podem até ser necessárias no Brasil, hoje em crise. Mas só ganharão significado e legitimidade quando derivadas além da política administrativa, de uma política cultural também. Que o Estado faça menos, tudo bem. Mas que faça melhor, também. Já sabemos que pretende fazer menos. Como pretenderá fazer melhor?

Tomemos dois exemplos. Se imaginarmos a Biblioteca Nacional cabeça do sistema de bibliotecas, centro da inovação técnica, guardiã de nosso depósito legal e produtora de edições significativas sem interesse para o mercado, aí, sim, faz sentido incorporar-lhe o Instituto Nacional do Livro. Do mesmo modo, se imaginarmos o Museu de Belas Artes como registro de nossas artes plásticas e fomentador da inovação e do diálogo internacional contemporâneo, aí, sim, faz sentido incorporar-lhe o Instituto Nacional de Artes Plásticas. Que, aliás, usa as próprias salas do Museu para fazer as ousadas exposições que o Museu deveria fazer.

Não é impossível conciliar reforma administrativa com política cultural. Desde que esta, fim, determine aquela, meio. Mas sem definir previamente a identidade cultural das instituições, a reforma administrativa paira no ar. E, compreensivelmente, a muitos, inquieta.

Apesar de esforços recentes, o principal desafio das nossas instituições patrimoniais dificilmente é excesso de pessoal. Isto pode ser verdade em outros ministérios. Na cultura, provavelmente, não. O desafio de nossas bibliotecas, serviços de patrimônio, museus e arquivos é quase o contrário: necessitam de pessoal melhor qualificado, correção de distorções funcionais, maiores salários, tecnologias mais modernas, e, sobretudo, de uma política cultural menos ensimesmada.

Pois são raros os museus e bibliotecas que se dão como meta o aumento dos usuários. Mais lembram o personagem de Guimarães Rosa que "de tão egocêntrico se colecionava". Aumentar os índices mensais de freqüência é modo de auferir a sintonia com o povo. É a taxa da democratização cultural, por excelência. Que estas instituições deveriam prosseguir permanentemente. É também o índice da eficiência de gestão. Indicador da adequação de pessoal e tecnologias. Síntese das políticas cultural e administrativa.

Até agora, pretendeu-se acabar com o modelo antigo, onde o Estado, em algumas áreas, subsidiava o mercado. Falta explicitar o novo modelo. A nova política do patrimônio cultural. O que certamente será feito. Quando então, com certeza, o Estado assumirá suas inevitáveis responsabilidades. Como em qualquer país civilizado, investirá mais na cultura.

Pois, em nenhum país do mundo, um Museu Histórico, técnica e tecnologicamente bem aparelhado, ou uma Biblioteca Nacional de amplo acesso popular, geográfica e informaticamente falando, contribuem para o déficit público. Ao contrário, é um dever do Estado e um direito do cidadão.

Presidente da Fundação Roberto Marinho

Por Júpiter!

*Wilson Figueiredo**

Quando queria a perdição de alguém, Júpiter simplesmente lhe tirava a razão. Era tiro e queda. Atualmente, quando quer fazer das suas, Júpiter providencia a eleição de um presidente com 35 milhões de votos. Não há quem possa manter o juízo em estado de uso depois de receber uma fortuna política em consignação democrática.

Por Júpiter vale mais que uma interjeição anacrônica. O efeito da surpresa faz sorrir mas não implica qualquer compromisso de parte a parte. Mesmo assim, por Júpiter, o presidente deve se cuidar. Tanta coincidência não cabe na semelhança. Já se viu este filme ou é refilmagem? O empenho de forçar a mão no contraste com o presidente Sarney ainda se entende, mas podia evitar ao menos ressuscitar a lembrança de Jânio Quadros.

A eleição se encarregou de ressaltar semelhanças desagradáveis, e o governo não está infelizmente administrando as diferenças que seriam a nossa salvação. Jânio Quadros e Collor de Mello gozaram da desconfiança declarada da esquerda e perderam, em proporções parecidas, a confiança da direita. Collor confessou a intenção de deixar a direita perplexa e a esquerda surpresa, e a recíproca parece mais verdadeira.

Por conta das coincidências de que se servia, Jânio Quadros arrancou em excesso de velocidade e, pneus cantando, fazia curvas apertadas sem reduzir. Com sete meses, não estava mais onde o puseram os votos. Até hoje procura uma boa explicação para oferecer.

Por Júpiter, as pesquisas de opinião ainda têm muito a dizer. Depois de acertarem em cheio na eleição presidencial, firmaram reputação científica elevada. O presidente eleito e empossado, com baixa resistência à lisonja majoritária, não esperou um mês para ir ao encontro delas. Ele tem aquela necessidade compulsiva que levava a rainha da história de Branca de Neve a insistir que o espelho lhe dissesse a verdade. A certeza está, portanto, nas pesquisas. E se, por acaso, elas disserem o contrário?

Governantes também têm direito de se reconhecerem na opinião dos contribuintes. Podem encomendar pesquisas desde que observem a diferença entre se informar e utilizar os resultados. Publicar resultados que falam bem de governantes obriga, porém, a fazer o mesmo quando forem desfavoráveis. Até hoje só se leu a favor.

O presidente Collor conseguiu na primeira semana saldo favorável de opinião pública. O presidente Sarney conheceu os mais altos índices de popularidade mas acabou agraciado com os mais baixos pela lei das compensações. Os brasileiros se refizeram, menos o ex-presidente que não recuperou o juízo. Júpiter preferiu usar com ele a sintonia fina, descontando o voto indireto que não perturba cabeças.

Pela confiança no contraste com o seu antecessor ou pelas razões mais grossas de Estado, o presidente Collor entendeu melhor fazer tudo de uma vez. Para quê? Maquiavel recomendava fazer o mal de uma vez e devagar o bem. Tinhas as suas razões. Jânio, quando reparou, já estava do lado de fora — e sem volta.

A concordância acima de oitenta por cento recolhida na primeira pesquisa não quis esperar pelos primeiros resultados. O que não é natural e assusta um pouco são aqueles noventa e mais alguma coisa por cento por trás do aplauso às prisões de gerentes de supermercados e bancos. Por Júpiter, um democrata tem o direito de ficar alerta. O advento de uma falsa luta de classes não substitui a verdadeira no papel que desempenhou até sair de cena sem que o público entenda a peça.

O forte do presidente Collor nas suas relações perigosas com os cidadãos é a capacidade de captar na sociedade e traduzir sinais coletivos que não encontram forma democrática de se exprimir. O seu sucesso político se deveu à percepção do potencial que estava à disposição do primeiro que chegasse às camadas anônimas da sociedade. O moralismo revelou-se nas pesquisas um rico filão de votos, cuja lavra os políticos desprezaram depois dos insucessos da UDN em 1945, 50 e 55. No entanto, Jânio Quadros se elegeu em 60 jogando o moralismo em cima do desenvolvimento. Firmou-se então o conceito de que o moralismo elege mas não governa. Apesar de tudo que as pesquisas diziam, os outros candidatos fecharam os olhos ao eleitor oculto. É tempo de abri-los, antes que seja tarde.

Toda vez que esteve para cair nas pesquisas, Collor atacou o presidente Sarney pelo lado moral do seu governo. Não falhava o recurso. No final da campanha, Collor precisou de reforço e prometeu que o seu primeiro ato, ao receber o poder das mãos de Sarney, seria prendê-lo ali mesmo. Nunca mais tocou no assunto e, para aplacar a fome de punições, entregou cabeças de gerentes.

Por Júpiter, não é difícil rastrear nos noventa e alguma coisa por cento que aplaudem prisões de gerente o resíduo antidemocrático trajado de desejo moralizador. Há nesse aplauso um ressentimento social de que o cidadão não se dá conta, mas que o leva à luta de classes pela metade.

Há remédios caseiros de comprovada eficácia para baixar a febre de poder toda vez que ela chegar perto dos 35 milhões de votos. Como tantas vezes se viu, o sistema presidencialista de governo também perde os governantes sem que Júpiter precise mover uma palha.

Estamos longe do parlamentarismo e, não obstante, pertíssimo. Fernando Collor leva jeito de repetir a ilusão de que o presidencialismo possa ser salvo pessoalmente por um presidente. Não pode, como se verá. Por Júpiter, em matéria de presidencialismo, os Estados Unidos são a regra e a exceção a um só tempo. Os americanos montaram um sistema de governo para atender às suas necessidades, e não têm culpa se o modelo não funciona como imitações. Não se sabe de outro país onde o presidencialismo tenha dado certo.

Por Júpiter, o que acabou definitivamente no Brasil foi o presidencialismo, com toda a sua capacidade de excitar o que os democratas têm de menos democrático.

**Redator do JORNAL DO BRASIL*

FRASES DA SEMANA

"O que me assusta nele é que todos os economistas o adoram."

- Humorista Jô Soares, sobre o Plano Collor. Terça-feira, dia 27, em São Paulo.

●

Gilberto Alves

Joaquim Roriz

"Não era nosso desejo participar do governo."

- Joaquim Roriz, ao pedir demissão do cargo de ministro da Agricultura, duas semanas depois de tomar posse. Quarta-feira, dia 28, em Brasília.

●

"Para matar a barata, eles botaram fogo no apartamento."

- Ex-ministro Delfim Netto definindo o Plano econômico do governo. Quarta-feira, dia 28, em Brasília.

●

"Não tenho nada. É zero mesmo."

- Empresário Antônio Ermírio de Morais, ao negar ter dólares no exterior. Terça-feira, dia 27, em São Paulo.

●

"Na Europa Oriental, os ex-comunistas estão querendo tirar a polícia da economia. No Brasil, está se pretendendo exatamente o contrário: colocar a polícia na economia."

- Ex-ministro Roberto Campos. Quarta-feira, dia 28, no Rio.

●

"Não gostamos do sistema beija-mão, em que todos vão correndo discutir no Planalto. Lugar de discutir e negociar é no Congresso."

- Senador Fernando Henrique Cardoso, ao receber os líderes do governo no Congresso. Quarta-feira, dia 28, em Brasília.

●

"Desculpe, mas houve um mal-entendido e, em função de problemas políticos, você não poderá ocupar a presidência da fundação."

- Cláudio Humberto, porta-voz do governo, ao *desconvidar* o publicitário Leleco Barbosa um dia depois de ser ele indicado para a presidência da Fundação Roquete Pinto. Quinta-feira, dia 29, em Brasília.

Cadeia, para quem?

Fernando Pedreira

Às vezes, como na celebre história do rei que estava nu, é preciso olhar com os olhos da simplicidade e da inocência para ver a verdade que os sabidos e os "expertos" não conseguem enxergar. Hoje, no Brasil, talvez estejamos precisando de um moderno Voltaire que reescreva o seu "Candido, ou o Otimismo" para escalpelar e jogar no ridículo a presunção e a empáfia dos nossos doutores, financistas e tecnocratas.

Por que dói tanto, em tantos dentre nós, pobres mortais, a mordida do Plano Collor? Sem dúvida, porque perdemos dinheiro (pouco ou muito); e porque perdemos, ou melhor, porque deixamos de faturar um ponderável subsídio inflacionário fornecido pelo governo, ao qual já nos havíamos habituado. Entre financistas e doutores, entretanto, a mordida terá doído ainda mais porque eles se deixaram apanhar e passaram a si mesmo (em muitos casos) o diploma de tolos ou de falsos espertos.

Havia outra saída? Nos últimos anos, o Estado brasileiro havia-se transformado numa espécie de Drexel Burham Lambert, a célebre corretora dos *junk bonds* norte-americanos, que estourou ainda há uns poucos meses, marcando o fim de uma época dourada da especulação financeira nos Estados Unidos. No caso da Drexel, os responsáveis estão sendo processados, indiciados ou mesmo presos. E os investidores e credores (ao menos, os que não se safaram a tempo), muitos deles grandes empresas e instituições, perderam parte substancial dos seus haveres ou dos seus ganhos.

No caso do Brasil, ao menos até agora, apenas esta segunda parte ocorreu. Para evitar a falência iminente, o novo gerente da nossa Drexel verde-amarela decretou sua concordata, mandando para as calendas gregas cerca de 80% da dívida, que na verdade não serão pagos nunca, ou que só poderão ser pagos nas primeiras décadas do Terceiro Milênio, se até lá a economia brasileira tiver crescido tanto a ponto de poder produzir e absorver (sem traumas) excedentes da ordem de 120 bilhões de dólares.

> *"Os que de fato roubam o Brasil, os que assaltaram o Tesouro público são outros e para alcançá-los a demagogia populista e o primarismo policialesco são inúteis"*

Perderam os investidores grandes e pequenos, portanto, embora, tal como se costuma fazer nas falências, se tenha tratado de garantir prioritariamente a dívida trabalhista, os salários e pensões. Mas, os responsáveis pelo estouro, os gerentes e administradores que, durante meses e anos, emitiram catadupas de títulos que a empresa não poderia pagar e que eles, na verdade, deviam saber que não seriam afinal honrados, esses gerentes (ministros, políticos, burocratas) não foram, no caso brasileiro, processados ou responsabilizados — ainda que muitos deles, não só do primeiro como do segundo e do terceiro escalões (e também do quarto e do quinto), tenham ficado muito ricos, e até, no caso de alguns mais notórios, imensamente, nababescamente ricos.

Passou-se uma esponja na pedra, mesmo porque essas são coisas difíceis de apurar, especialmente num país de normas e critérios tão pouco estritos quanto os nossos. Mas, não há dúvida que os Boestski, Milken e companhia, que, nos Estados Unidos, estiveram, estão ou estarão na cadeia, prosperaram também entre nós e são (hoje) ainda mais ricos, em dólares, que seus colegas do norte.

Se o doutor Collor quisesse apanhá-los, certamente não o conseguiria com o auxílio do tributarista Tuma, que invade um grande jornal por causa de uma troca de faturas de publicidade e prende uma família inteira de comerciantes porque duas etiquetas, dois preços, entre centenas de itens de um supermercado, estavam fora da tabela. Os que de fato roubam o Brasil, os que assaltaram (continuam assaltando) o Tesouro público são outros, e para alcançá-los a demagogia populista e o primarismo policialesco são inúteis.

Quanto ao caso específico dos grandes responsáveis, presidentes da República, ministros da Fazenda ou do Planejamento, presidentes do Banco Central, que usaram a filipeta financeira para empurrar com a barriga suas próprias dificuldades (políticas ou administrativas) e, de quebra, enriquecer uma minoria de privilegiados, enquanto levavam o Estado à falência e a economia à beira do caos — esses, o que se pode dizer em favor de sua impunidade é que, afinal, eles tinham consigo a conivência e a cumplicidade, ativa ou passiva, não só da comunidade financeira em geral, mas dos vastos setores da sociedade que se fizeram clientes das tetas do Estado.

Políticos, funcionários públicos, estatocratas, empresários subsidiados, especuladores e financistas, o que todos queriam era que não se interrompesse o fluxo, era continuar mamando até a última gota, até o último minuto. Ainda agora, depois do Plano Collor, um desses beneficiários, que acumulou respeitável fortuna, me dizia: "Tinha que ser; tinha que acabar. Mas, se ao menos eu tivesse mais um ano de contas remuneradas!" Pois a verdade, da qual nem todos se dão conta, é que a "rentabilidade" da filipeta do BC, nesses meses finais, era crescente e maior do que nunca. Um respeitado banco de primeira linha que, ao longo de todo o ano de 1989, ganhou 40 milhões de dólares só em janeiro de 1990 fez 25 milhões.

A punição, ao menos, dos principais culpados (e beneficiários) por esse criminoso festival que arruinou o Estado brasileiro, talvez fosse politicamente (e tecnicamente) inviável, no quadro das nossas leis, além de parecer traumática e chocante num país com os hábitos do nosso. Seria preciso distinguir e poupar os que não se locupletaram, os que agiram de boa fé. Mas o castigo ou a simples denúncia dos grandes responsáveis teria ao menos o mérito de tornar as coisas mais claras e fáceis de entender.

Não há inocência na inflação. Há ganância. Acima de um certo limite, ela é fruto da falta de escrúpulos e da irresponsabilidade (da impunidade) dos governantes. As pessoas que investiram (ou foram forçadas a investir) na ciranda financeira, e agora se sentem pungadas nas suas economias, não são vítimas do Plano Collor, que apenas decretou a concordata, mas dos gerentes infiéis e corruptos que levaram a firma, o país, a nossa Drexel Burham verde-amarela, à bancarrota.

Quem não se dá conta disto (e poucos se dão) corre o risco de aliar-se agora aos membros do Congresso (eles mesmos velhos agentes e beneficiários da mamação inflacionária) para tentar abrir brechas no Plano Collor e enxertar pedaços da inflação velha no (suposto) Brasil novo que se quer inaugurar.

Tal como vêm fazendo, aliás, muitos jornalistas, lobbistas e funcionários, demasiado apegados ao seu rico dinheirinho, aos seus privilégios antigos, ou às suas respeitáveis, ainda que tortas, paixões ideológicas e partidárias.

* Jornalista

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Acúmulo de funções

Nunca se subestime a sabedoria política dos ingleses. Eles mantiveram a monarquia e inventaram o parlamento porque assim as duas principais funções do governo, a de ser a pátria personificada e institucionalizada e a de governar, não se misturam nem se atrapalham. A monarquia constitucional é o único tipo de governo em que tudo está previsto. As pompas e os paramentos do poder de um lado, quem manda mesmo do outro. Mas a monarquia não pode ficar recolhida à sua majestade, também deve viver o poder como aventura. Senão não adianta, o esquema não funciona. Quem reclama que a família real inglesa é um anacronismo que devia pelo menos ser mais discreto, já que não pode ser mais barato, é porque não entendeu o espírito da coisa. Está subentendido que família real deve ser visível, saliente — e numerosa. Não basta que exista um rei ou uma rainha simbolizando o poder perene, é preciso que existam filhos ativistas, noras jovens, netos safados, tios malucos e pelo menos uma prima malfalada para que todas as expectativas do poder sejam satisfeitas, enquanto o primeiro-ministro e o parlamento, longe da atenção do público, se xingam e governam. A atual mistura da família real inglesa está perto do ideal. Ela tem tudo que qualquer povo precisa ver no seu governo, da ponderação maternal ao *sex appeal*. Se o príncipe for a algum posto avançado do império e levar seus filhos em uniforme de campanha, estará representando os sonhos guerreiros de muitos garotos ingleses e apenas desempenhando seu papel no teatro do poder. Já no regime presidencialista imperial, o teatro e o poder de verdade devem coexistir na mesma pessoa, às vezes no mesmo Collor. Ele tem que ser, ao mesmo tempo, primeiro-ministro e família real. Diz-se que a realeza inglesa é ridícula, mas essa é exatamente a sua função: concentrar todo o ridículo a que o poder se arrisca, para que o poder de verdade se salve, e prevaleça. Quando não existe a divisão e existe o acúmulo de funções, pode prevalecer o ridículo. Que já derrotou mais monarcas do que toda a pregação republicana na história.

Da Série

"poesia numa hora destas?!"

Precisamos nos acostumar com a idéia
que um dia até a Luma de Oliveira será pó,
e Brasília que era só um descampado,
um dia será um descampado só.
E que de toda essa gente no palco
hamleteando para o povo
só a caveira de mentira
será usada de novo.
E você aí preocupado com o over!

A emenda digna do soneto (ou existirá um sabotador?)

*Nilo Batista **

Foi recebido com unânimes aplausos a retirada, pelo Presidente da República, das Medidas Provisórias nº 153 e 156, objeto de severas criticas por parte de acreditadas representações da sociedade civil e inúmeros juristas. Esperava-se, quando da notícia daquela retirada, que o próximo passo fosse a constituição, no Ministério da Justiça, de comissão(ões) para, a curtíssimo prazo, ouvindo porém interessados e especialistas, produzir anteprojetos de lei: 1. criminalizando o abuso do poder econômico, 2. modernizando a lei de economia popular, nela inserindo os novos delitos contra o consumidor, e 3. atualizando a legislação concernente à sonegação fiscal.

Divulgada, contudo, a Medida Provisória nº 175 — que anulava as Medidas 153 e 156 —, uma desagradável surpresa perturbou os aplausos. É que, no artigo 2º e seu § 1º, se mantinha, com leve alteração, a mais polêmica das disposições da MP 153: negar, para os crimes contra a economia popular, a concessão de fiança (pela nova MP 157, só o juiz poderá concedê-la, o que na prática significa a permanência da prisão por período mínimo de 1 a 5 dias) e negar também, nesses casos, a concessão de liberdade provisória sem fiança. Neste sentido, pois, a emenda era digna do soneto. Levando-se em conta, entretanto, que o próprio Presidente da República houvera revelado o intento de prestigiar o pensamento predominante daquilo que chamou de "comunidade jurídica", é intrigante refletir sobre o motivo da inserção, exatamente na MP 175 — consubstanciadora da louvável reconsideração — desse dispositivo tecnicamente insustentável, politicamente desgastante e, na prática, potencialmente corruptor. Haveria, em algum desvão palaciano, um sabotador disposto a diminuir a nobreza do gesto de recuo e a indispor o Governo com a sociedade civil, em geral, e os juristas, em particular?

> *"Não há razão plausível para qualquer restrição à concessão de liberdade provisória nos crimes contra a economia popular"*

Em primeiro lugar, não há razão plausível para qualquer restrição à concessão de liberdade provisória nos crimes contra a economia popular, se a providência é cabível, por exemplo, para um acusado de homicídio, de roubo ou de estupro — desde que se evidencie a desnecessidade da prisão. Se a prisão em flagrante por um lado responde a um impulso natural reconhecido juridicamente — conter, no momento do próprio ato criminal, o violador da norma —, com a função técnica de expungir do processo o debate sobre a *autoria* (inquestionável diante da lavratura do auto), a permanência mecanicista de tal prisão, por outro lado, estabelece inegável tensão com o princípio constitucional da presunção de inocência (art. 5º, inc. LVII CR). Por isso mesmo, o conceituado prof. Tourinho Filho adverte para o grande risco de, em casos de flagrante, ser mantido "preso aquele que não foi definitivamente julgado", com a antecipação prática de uma pena que não se sabe ao certo se é merecida.

O artigo 2º da MP 175 estimulará o comerciante a optar pela fuga e não pelo esclarecimento; o medo à prisão injusta superará a via do diálogo, impossibilitando uma intervenção construtiva do agente público. Quando o Código Nacional de Trânsito quis fomentar o atendimento às vítimas, procedeu de modo exatamente oposto: vedou a prisão em flagrante do infrator que prestasse socorro (art. 123 CNT). O direito premial oferece perspectivas às vezes mais atraentes e eficazes que o direito penal.

Porém o mais grave é que o artigo 2º da MP 175 estimulará também a corrupção. É notório que, ao lado de policiais admiravelmente consagrados ao reto exercício de seus deveres, existem — como, infelizmente, em tantas outras agências do serviço público — aqueles que se prevalecem de seu poder para obter vantagens pessoais. No regime jurídico da Lei de Economia Popular e do Código de Processo Penal, pode o comerciante achacado e injustamente preso deixar que o auto de prisão em flagrante seja lavrado, requerendo fiança à autoridade policial e mais tarde demonstrar ao Promotor de Justiça a inconsistência da acusação. No regime jurídico da MP 175, o comerciante de quem, sob acusação sem fundamento, se exija alguma vantagem ilícita sabe que, se não pagá-la, ficará preso por alguns dias. O valor da fiança que mais tarde seria arbitrada pelo juiz (10.000 a 100.000 BTN's) funcionará como critério quantificador do suborno na delegacia.

Sem nenhuma dúvida, é urgente a elaboração de leis penais modernas e eficientes para as áreas de abuso do poder econômico, economia popular e defesa do consumidor e ainda sonegação fiscal. Tão ou mais urgente que tais leis é a criação de mecanismos judiciais cíveis que permitam ao consumidor lesado a mais pronta e eficaz reparação de seu prejuízo. Nesta direção, a criação de Juizados Especiais do Consumidor, tal como previsto na Constituição da República (art. 98, inc. I CR), compostos por consumidores e presididos por juízes togados, valendo-se de procedimentos orais sumaríssimos e competentes para a execução imediata de suas decisões, seria a maior contribuição.

Isolado da necessária reforma geral da Lei de Economia Popular, o artigo 2º da MP 175 é apenas um complicador que rompe a unidade do sistema jurídico, estimula práticas disfuncionais e dissemina o medo. Contrapõe-se ao pronunciamento presidencial, no sentido de que desejava acatar a opinião doutrinária comum. Perturba os aplausos que sua autocrítica suscitara. Existirá um sabotador?

* Advogado

Congresso também quer gerir o plano

A primeira semana do novo governo foi de sucesso para o presidente Fernando Collor. Seu plano de estabilização econômica parecia perfeito, acabado, consistente — "imexível", como disse o ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri. Na segunda semana, um Congresso Nacional no ocaso, ainda desgastado pelas tenebrosas transações da época da Constituinte e abatido pela força popular de um presidente que fez campanha desmoralizando os políticos, assumiu o centro das decisões sobre o futuro do país, ao começar a analisar os detalhes do plano econômico. Neste Congresso, que se apega agora os poderes atribuídos pela Constituição de 1988 como última chance para recuperar a imagem de suas bancadas, destaca-se a figura de um advogado de 43 anos que mete medo nos assessores jurídicos do mais forte governo já saído das urnas. Quando o Palácio do Planalto envia ao Congresso um projeto de lei ou mais uma medida provisória, o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, por exemplo, corre a telefonar para o deputado Nelson Jobim (PMDB-RS), desculpando-se por eventuais heresias jurídicas do texto, ou se eximindo de responsabilidade pela redação. Ao se transferir direto de uma cadeira de professor de Direito Processual Civil da Universidade de Santa Maria (RS) para o seu primeiro mandato político, em 1987, o deputado Nelson Jobim assustou logo o mais sábio de todos os deputados, o venerado Ulysses Guimarães. Tinha se trancado antes durante dez dias, na casa do sogro em Tupanciretã (RS), e leu tudo o que encontrou sobre todas as constituintes brasileiras e as de Portugal e Espanha. Doutor Ulysses passou a ouvi-lo sempre. Semana passada, suas opiniões contribuíram para o primeiro recuo do governo, o reconhecimento da inconstitucionalidade de duas medidas provisórias. Sexta-feira, na redação do JB, ele concedeu esta entrevista a Marcos Sá Corrêa, Flávio Pinheiro, Villas-Bôas Corrêa e Marcelo Pontes.

— Em que pontos o Congresso vai mexer no plano econômico do governo?

— Estamos envolvidos numa análise responsável do plano. Evidentemente, não podemos obstruir o governo nas suas soluções, pois se trata de governo eleito pela maioria e com responsabilidade de formulação da política monetária. Temos que manter o núcleo do plano, mas assegurando à sociedade mecanismos para que o governo, executando o núcleo do plano, cumpra as suas pre-determinações. Daí porque não concordo, por exemplo, com delegações legislativas. Na Medida Provisória 168, por exemplo, tem algo assim: a ministra da Economia poderá ampliar ou reduzir os limites de saques e os prazos estabelecidos nos artigos tal e tal. Isso significa que o limite de Cr$ 50 mil e o prazo de 18 meses são uma mera referencia. Esse tipo de coisa jogaremos fora. Queremos ter uma participação no destino do plano. Não temos saída, no sentido de voltar atrás. Ou seja, o doente já se atirou do décimo andar, está em queda livre, e temos que assegurar agora determinadas decisões que melhorem as condições do pára-quedas e garantam que a cama elástica lá de baixo não vai romper.

Queda livre

"O doente se atirou do décimo andar, está em queda livre. Temos que assegurar as condições do pára-quedas"

— Que outras correções devem ser feitas?

— Poderia ser estabelecido, por exemplo, um mecanismo que devolva a confiança ao sistema financeiro, para evitar que você saque dinheiro para botar dentro de um cofre ou debaixo do colchão.

— Quinze dias depois que foi anunciado, o senhor gosta do plano?

— É difícil responder se gosto ou não. O que eu acho é que não se pode antecipar a votação do plano. Temos que começar a votar isso na próxima quarta-feira e encerrar na outra quarta. O senador Nélson Carneiro (que preside as sessões do Congresso) queria começar a votar o plano neste sábado. Isso não tem nenhum sentido. Temos que dar mais um tempo de gerência ao plano para ver o comportamento real da economia. Se antes havia justificativas racionais de que ninguém deveria ter sabido com antecedência do plano, nada justifica agora que decisões sobre a sua implementação e ajustamento sejam secretas. Salvo se você quiser romper com o plano.

— Não estaria havendo a suspeita de que o plano é tão potencialmente ruim que não pode ser mexido? É como se fosse uma bomba, que para ser desarmada precisa de uma técnica especialíssima?

— É isso. Você tem que ter muito acuidade no uso dos instrumentos. Pode mexer no plano, no sentido de ajustá-lo, mas não pode mexer no sentido de implodir. Temos que fazer os recortes. Mas se cortar o núcleo, explode. Há que se saber se o núcleo é aceitável. Ou irreversível.

Sem segredo

"Nada justifica agora que decisões sobre implementação e ajustamento do plano sejam secretas"

— O que a seu ver é o núcleo?

— O plano econômico tem uma espinha dorsal. São as medidas provisórias dos salários e a dos cruzeiros. Depois, temos as muletas do plano: a reforma administrativa, a reforma tributária e as asneiras das medidas penais trocadas recentemente. Fora disso, tem o aspecto pirotécnico do plano. Venda de apartamentos, por exemplo, é necessária, mas não é fundamental. O núcleo seria, por exemplo, essa filosofia do plano que passa pelo conceito de que você teria determinado número de cruzados que não pode passar para o lado de cá da economia real, o lado dos cruzeiros. E que isso teria que ser controlado.

— Por uma autoridade só?

— O controle não pode ser de uma autoridade só. É preciso criar algum mecanismo que assegure que todas as pessoas vão ter o dinheiro de volta.

— O pacote já sai do Congresso com isso detalhado?

— Espera-se que sim. Você pode criar também mecanismos automáticos para devolver a confiança na poupança. Vivíamos um período em que havia um divisor de água: daqui para baixo, era a tal de poupança garantida pelo Tesouro federal, o que hoje dá Cr$ 1.900.000. Acima disso, havia a poupança de risco. Pode-se até pegar esse parâmetro como mecanismo, digamos, de passagem de cruzados para cruzeiros. Poderia ser deixada à autoridade monetária a possibilidade de botar excepcionalmente mais dinheiro no mercado, tentando outras coisas.

Uma bomba

"Temos que fazer recortes no plano. Se cortar o núcleo, explode. Há que saber se o núcleo é aceitável"

— Diante de uma interferência tão profunda na vida das pessoas, o senhor não acha que falta na Constituição um capítulo de defesa dos direitos da pessoa humana contra programas econômicos?

— Realmente, o texto não protege o sujeito contra eventuais políticas monetárias. O que você está citando é o conflito entre uma situação posta em determinado momento e as alterações que uma política monetária determina. O que está na base disso tudo é a concepção de direito adquirido. O que fica muito claro é que em relação à política monetária não tem nada que fixe a estabilidade de uma determinada situação. Não tem como fazer isso.

— Por que?

— Veja bem, quem é que vai gerir a política monetária, quem vai estabelecer a política monetária como definitiva, quem vai definir os direitos adquiridos em política monetária?

— Não se poderia proibir, por exemplo, que se fizesse por medida provisória uma reforma monetária, uma coisa tão abrupta apenas com uma assinatura?

— Por aí, sim, mas mesmo assim você não garante direito individual. O que você faz é ampliar o raio do processo de tomada de decisão, estendendo-o a outros personagens, no caso o Congresso. Eu apresentei um projeto para regulamentar as medidas provisórias, proibindo-a em questões de lei complementar, questões orçamentárias e tributárias. Eu sou favorável ao instituto da medida provisória, porque é necessária, considerando-se a urgência de certas decisões. Mas a partir da Constituinte o Congresso não se ajustou à sua função de ator das decisões públicas. Deu-se um vazio de poder. O caminho que Sarney usou para suprir isso foi o das medidas provisórias. É aí desnaturou o instituto.

— O que o Congresso pode fazer agora para zelar pelo dinheiro tomado da população?

— A única forma seria ao menos criar algumas soluções técnicas para assegurar a devolução do dinheiro, pois temos precedentes muito sérios.

— Além de mecanismos não poderiam ser criadas sanções? O responsável pela guarda do dinheiro, se não o devolver, não teria que responder por isso?

— Responsabilidade política ele tem. É a responsabilidade sem conteúdo criminal e civil. A responsabilidade civil e criminal, nesse tipo de coisas, não tem precedentes, salvo em processo revolucionário. Dentro do processo democrático, não se encontram técnicas de responsabilidade civil em equívocos de determinados políticos. O que há, às vezes, são ilícitos penais embutidos dentro de uma política. A política pode ter conseqüências desastrosas e não ter características criminosas, no sentido de ilícito penal.

— O cidadão, então, fica desprotegido?

— Sinceramente, não sei qual seria a fórmula para proteger o cidadão dessa nova atividade em que o Estado, além de intervir na economia, mete a mão no teu bolso. A sociedade já descobriu técnicas para proteger o cidadão do Estado sancionador. Mas para esse caso do Estado gestor da economia, não. Uma coisa é certa: a gente só cria as coisas depois do fato. Nisso, os acadêmicos são muito ruins. Ou seja, só aprendemos depois de apanhar.

— Na questão da privatização, que alterações o Congresso pode fazer no plano do governo?

— Dou um exemplo. A Medida Provisória 155 tem o tal conselho de privatização que pode tudo. É composto por ministros e duas ou três pessoas de "notório saber econômico". Os economistas estão agora usando uma expressão que tradicionalmente pertenceu aos advogados: "notório saber jurídico". Esse critério é o mesmo que o Congresso dizer: privatize da forma que bem entender. Há uma certa concepção de que precisamos privatizar. Isso passa pela sociedade. Passa por nós também que é muito difícil privatizar por individualidades, porque cria problemas regionais, aquele negócio do varejo, em que o Congresso é muito sensível. Mas, se você estabelece uma regra de privatização, e fixa limitações para esse conselho e a possibilidade de uma fiscalização a posteriori do próprio Congresso Nacional, cria mecanismos em que se assegura a participação da sociedade, ou pelo menos de representações mais amplas no controle das privatizações.

— Se ocorrer isso, o plano ganhará credibilidade?

— Creio que sim. Dentro dessa preocupação, qual foi a resposta do presidente Collor numa entrevista de televisão a uma pergunta sobre a garantia que a população teria de que o dinheiro seria devolvido. Ele disse que a garantia era ele próprio, a palavra dele. Isso não tem cabimento. Nas sociedades democráticas, as garantias não passam pela garantia da manifestação de vontade do detentor do poder. Passam por toda uma estrutura do estado de direito.

— O senhor descarta a possibilidade de o Congresso rejeitar todo o plano?

— É difícil. A rejeição seria uma grande irresponsabilidade.

— Como vai agir o PMDB, que é a bancada majoritária?

— Quando fui líder terminal do PMDB na Constituinte, a relação do meu partido com Sarney provocou uma coisa curiosa, enfrentada primeiro pelo senador Mário Covas, depois por mim e em seguida pelo deputado Ibsen Pinheiro. Os líderes do PMDB acabavam sendo gestores de conflitos. Não éramos a bancada do governo, mas éramos responsáveis pela produção do Congresso, porque éramos a bancada hegemônica. Ou seja, o Mário, depois eu e depois o Ibsen sentávamos na ponta da mesa e de um lado se sentava o pessoal de direita, do outro o de esquerda. Nós passávamos o tempo todo negociando para conseguir o entendimento entre os dois grupos e produzir uma decisão. Aconteceu que a nossa bancada, que ficava atrás, não tinha líder, porque o líder apenas geria o conflito de esquerda e direita. Agora, o PMDB começa a sentar consigo mesmo, para tentar produzir unidade. Existe um núcleo que aponta alguns caminhos e os leva para discussão no interior da bancada. O Ibsen deu também instruções para que aproveitássemos as convenções municipais de domingo passado para sentir a reação das bases ao plano. Eu percorri 12 municípios e vi, por exemplo, sinais de desemprego, de produtor rural que não tem como pagar compromissos.

Devolução

"É preciso criar algum mecanismo que assegure que todas as pessoas vão ter o dinheiro de volta"

— O presidente da República, que tem maioria nas ruas mas não tem maioria parlamentar, usou a tática de jogar as reformas como fato consumado diante do Congresso. Isso é um foco de crise?

— É evidente. Isso vai se repetir se não houver uma compatibilização entre a eleição do presidente e a do Congresso. Se continuar esse desnível de um presidente com mandato de cinco anos e o Congresso com quatro, sem coincidência de eleições, não vamos afastar a ameaça de confronto. Normalmente, quando você elege o presidente tem que eleger junto congressistas que possam lhe dar sustentação durante todo o seu mandato. Você sabe que o presidencialismo não tem soluções para crise. As crises institucionais do presidencialismo têm três soluções: ou o suicídio de 1954, ou a renúncia de 1961, ou o golpe de 1964.

— O presidente Collor tem alguma solidariedade mais ou menos compulsória, partidária, no Congresso?

— Tem não. Os próprios personagens que dentro do Congresso têm relações com o governo circulam sem a autoridade necessária. São pessoas produzidas não por dentro do Congresso, mas pelas relações com o presidente. É uma autoridade por adesão. E autoridade por adesão é um negócio muito complicado, é uma autoridade subordinada. O líder do governo, deputado Renan Calheiros, por exemplo, vim conhecer agora. E eu fui líder dele.

Líder do líder

"O Congresso tem autoridade por adesão. O líder do governo vim conhecer agora. E eu fui líder dele"

— O apoio popular ao plano intimida o Congresso?

— Não creio. O Congresso enxerga com muita clareza que este governo tem toda legitimidade para produzir a sua política. Não temos direito nem legitimidade para obstruir essa situação. Se obstruirmos estaremos contribuindo para um confronto grave. Mas é evidente que este governo é responsável pelas conseqüências desastrosas que as suas opções de política criarem.

— Por que a atual representação no Congresso não assumiu antes o papel de ator das decisões?

— Durante o regime militar, o Congresso Nacional ficou à margem do processo de tomada de decisões. Não participava não só da formulação de políticas, como da definição do gasto público, pois seu poder de emendas em relação a isso tinha sido suprimido. A rigor, em relação ao orçamento, tinha só que aprovar ou rejeitar. Esse fato determinou que estados e municípios percebessem, não racionalmente, mas na prática, que precisavam ter no Congresso não parlamentares, no sentido clássico, mas agentes de interesse regional. O parlamentar passou a ser um reivindicador de recursos federais para a sua região. Em 1986, a eleição foi em cima disso, não teve nada a ver com Constituinte. O discurso constituinte era periférico, uma coisa lateral.

Confronto

"Se continuar o desnível de um presidente com mandato de 5 anos e o Congresso com 4, não afastamos a ameaça de confronto"

— Como isso se refletiu dentro do Congresso?

— Quando o deputado eleito chegou a Brasília, não tinha uma visão nacional. Tinha uma pulverização completa de posições. As transações que dizem ter sido feitas durante a Constituinte em troca de votos para o mandato de cinco anos do presidente da República não beneficiaram necessariamente o personagem envolvido. Na época, veio ao meio ouvido que se eu votasse a favor de cinco anos seria aberta uma estrada na minha região. Outros colegas nossos acabaram votando cinco anos porque a região exigiu deles. O que eles queriam não era cinco anos, mas uma estrada. Eu votei quatro anos.

CORREÇÃO

Dou a mão à palmatória

Barbosa Lima Sobrinho *

No artigo de minha autoria publicado no JB do último domingo, eu chegara a perguntar se existiam, realmente, os três Poderes a que se reportava Montesquieu, o Legislativo, o Judiciário e o Executivo, em face de um monte de medidas provisórias para as quais se exigia a aprovação, sem emendas, pelo Congresso Nacional. E venho agora dar a mão à palmatória. Vejo que os outros Poderes acordaram e estão se manifestando em torno das 27 medidas provisórias, forçando a retirada de algumas e procurando podar as que ficaram, com as três mil emendas já apresentadas no Congresso Nacional.

O Poder Judiciário, pela autoridade do procurador-geral, Dr. Aristides Alvarenga Junqueira, pôs em dúvida a constitucionalidade de duas Medidas Provisórias que atentam contra a Constituição de 5 de outubro de 1989, que é muito moça para já estar sendo violada. Recorria, por isso, à autoridade do Supremo Tribunal Federal, para uma decisão final. As razões apresentadas tiveram força bastante para convencer o próprio Presidente da República, que [illegible] a sabedoria, de certo louvável, de retirar as duas medidas provisórias impugnadas pelo Procurador-Geral da República.

Também alguns juízes estão se manifestando, corrigindo excessos de alguns projetistas irresponsáveis e que se deixaram envolver pelo ambiente de violência e de absolutismo que se procurou criar em torno do combate a uma inflação de três por cento ao dia, e quando havia ainda quem teimasse em que não havia perigo de uma hiperinflação, que toda a população já estava sentindo na própria carne, com uma vertigem de preços que se alteravam de um vendedor para outro, estimulados, todos eles, por um processo inflacionário que parecia não ter limites, antecipando os preços do dia seguinte. Como quem saca para o futuro, dando desconto ao espirito de lucro dos concorrentes.

Será que o Poder Legislativo terá tempo para corrigir, ou evitar, os excessos e desvios de 27 medidas provisórias que mobilizara não sei quantas centenas de tecnocratas ávidos de substituírem os senadores e deputados que constituem o Congresso Nacional? Se se procurasse atribuir percentagens à contribuição do Poder Legislativo, com as leis emanadas das duas casas do Congresso, e a dos tecnocratas que, desde 1937, vêm inchando colunas e colunas de dispositivos enfeixados nos Decretos-Leis, nos Atos Institucionais e, já agora, nas medidas provisórias que vão surgindo em enxurradas, ficariamos na dúvida em saber quem é, realmente, e quem exerce o Poder Legislativo, pela muito maior participação do Poder Executivo.

Já se está sentindo, em face das medidas provisórias do Governo do Sr. José Sarney e, já agora, do Sr. Fernando Collor, que a Assembléia Constituinte errou, ao não estabelecer limites mais precisos para a edição de medidas provisórias, com que se substituem decretos-leis das duas Constituições de 1937 e de 1967. Não há nada que impeça que as medidas provisórias se apresentem como os Atos Institucionais do regime militar. Tem razão o procurador-geral da República quando chama a atenção de todos para essa omissão dos constituintes de 1988.

Não seria o caso de restringir as medidas provisórias ao campo das providências que se destinassem, diretamente, ao combate à inflação? Diretamente, e não aproveitar a inflação para exigir a reforma do próprio Estado.

Temos que dar de bandeja a economia da redução do número de ministérios, o que ainda vai depender de muitos fatores, uma vez que se transformam em secretarias. Para a coordenação de todas elas bastaria o entendimento entre os seus titulares.

Há muitas medidas provisórias que não têm nenhum efeito, pelo menos a curto prazo, no combate à inflação. Melhor seria que se transformassem em projetos de lei, para um exame mais demorado, até mesmo de suas intenções e efeitos, dando também margem aos especialistas que não concordam com os tecnocratas reunidos em torno da Sra. Zélia Cardoso de Melo, cujo maior mérito é não constituir obstáculo à vontade do Presidente eleito com 35 milhões de votos. Trinta dias não bastam para isso, nem seria recomendável a repetição das medidas provisórias não aprovadas no prazo de 30 dias. Essas pesquisas de opinião, que estão surgindo, valem tanto como se se perguntasse à população o que pensa do sexo dos anjos, tal a extrema complexidade dos assuntos em debate. Por que, pois, não restringir a participação do Congresso Nacional nas propostas financeiras e fiscais que possam ter relação direta com o processo inflacionário?

Confesso que até fiquei contente com a eliminação das ações ao portador, o que me parece importante na arrecadação do imposto sobre a renda, podendo concorrer para o crescimento da receita pública. Não estamos fazendo mais do que aceitar os exemplos das fortalezas do capitalismo, como os Estados Unidos e a Inglaterra. Mas fico em dúvida quanto ao futuro do plano quando vejo o dólar recuperar-se rapidamente, de um dia para o outro, não sei se por influência das multinacionais que atuam no Brasil, ou se como conseqüência dos que procuram o dólar como solução para o descrédito da caderneta de poupança, exposta a confiscos que não poderão alcançar moeda estrangeira. Não será tempo perdido o negar o confisco da poupança, com a troca por títulos públicos privados de liquidez? Será que as empresas de pesquisa de opinião incluem, nas suas perguntas, a confiança nessa futura devolução, levando em conta a experiência de nossa história financeira?

> *"Não estamos fazendo mais do que aceitar os exemplos das fortalezas do capitalismo, como os Estados Unidos e a Inglaterra"*

No conjunto das medidas provisórias, há as que merecem atenção e até mesmo aprovação, como se encontram outras que nem deveriam ter sido apresentadas. É o caso, por exemplo, da que tomou o número 159, que nem figura na separata publicada pelo *JORNAL DO BRASIL*. Deixa de lado os aspectos financeiros para instituir um severo regime disciplinar para os funcionários públicos da União. E vai tão longe que considera crime do funcionário "referir-se de modo depreciativo ou desrespeitoso às autoridades públicas ou aos atos do poder público". Assim como "compelir outro servidor público a filiar-se a associação profissional ou sindicato ou a partidos politicos". Tendo como sanção "a aplicação de penalidade de suspensão, acarretando o cancelamento automático do valor dos vencimentos do servidor durante o período de sua vigência". O que não se limita aos funcionários na ativa, pois que o art. 9º dessa medida provisória acrescenta que "será cassada a aposentadoria ou a disponibilidade do inativo que houver praticado, na atividade, falta punivel com a demissão".

Tão-somente uma pequena amostragem dessa medida provisória número 159, tão escassamente divulgada, mas que conta com as rubricas indispensáveis, a de F. Collor e a de Zélia Cardoso de Melo, tudo isso, evidentemente, a título de combate à inflação.

Edmundo Moniz, na última reunião do Conselho Administrativo da Associação Brasileira de Imprensa, não teve dúvida em averbar essas medidas como atentado contra os direitos da pessoa humana. Como se houvesse, por aí, um prêmio destinado a quem propusesse sanções mais violentas. E como se tudo isso fosse essencial à luta contra a inflação, em que o Brasil ia afundando. Sem se explicar, também, que esse combate inclui a supressão do capital de risco das empresas privadas. Será que isso também fez parte das indagações dos institutos da opinião?

** Membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Associação Brasileira de Imprensa*

Cultura: A política do patrimônio

Joaquim Falcão *

Privatizar é regra geral do governo Collor. Na área cultural, também. A extinção da Embrafilme e da Lei Sarney sinaliza nesta direção. Mas toda privatização tem limites. Não seria razoável esperar privatizar o Museu Imperial e as jóias da Coroa. Ou as funções de tombar e fiscalizar nosso patrimônio histórico.

Na verdade, privatizar é estabelecer limites. De mão dupla. Limites para a ação do Estado. E do mercado, também. E se o modelo do novo governo são os países capitalistas democráticos, donde flui a idéia da privatização, estes limites são perfeitamente delineáveis. Privatizar pode até conduzir à extinção da Embrafilme e Lei Sarney, apesar de França e Portugal terem incentivos fiscais ao mecenato. Mas, necessariamente, significará modernizar e fortalecer as instituições culturais paradigmáticas da Nação. Como a Biblioteca Nacional, o Museu Histórico, o Museu de Belas Artes, os Teatros Municipais (Rio, São Paulo, Brasilia, Manaus), o patrimônio histórico, os arquivos públicos, as orquestras sinfônicas, por exemplo.

Todos os países do Primeiro Mundo possuem biblioteca nacional, museu histórico, arquivos públicos e teatros municipais. Mantidos e geridos pelo Estado. É através destas instituições que nossa cultura dialoga e participa da cultura do Ocidente. Se o objetivo é entrar no Clube do Primeiro Mundo, lá não se entra, pela porta da cultura, sem estas instituições.

O exemplo mais recente é a grandeza da França moderna que passa, mais do que nunca, pela ampliação de instituições culturais estatais: Louvre, Beaubourg, La Villette, Opera, Washington, permanentemente, moderniza a National Gallery e o Smithonian. A Itália tem até um Ministério dos Bens Culturais só para proteger seu patrimônio histórico.

Visão simplista aprisionaria a política cultural à redução de pessoal e fusão de órgãos e funções. Estas decisões podem até ser necessárias no Brasil, hoje em crise. Mas só ganharão significado e legitimidade quando derivadas além da política administrativa, de uma politica cultural também. Que o Estado faça menos, tudo bem. Mas que faça melhor, também. Já sabemos que pretende fazer menos. Como pretenderá fazer melhor?

Tomemos dois exemplos. Se imaginarmos a Biblioteca Nacional cabeça do sistema de bibliotecas, centro da inovação técnica, guardiã de nosso depósito legal e produtora de edições significativas sem interesse para o mercado, aí, sim, faz sentido incorporar-lhe o Instituto Nacional do Livro. Do mesmo modo, se imaginarmos o Museu de Belas Artes como registro de nossas artes plásticas e fomentador da inovação e do diálogo internacional contemporâneo, aí, sim, faz sentido incorporar-lhe o Instituto Nacional de Artes Plásticas. Que, aliás, usa as próprias salas do Museu para fazer as ousadas exposições que o Museu deveria fazer.

Não é impossivel conciliar reforma administrativa com politica cultural. Desde que esta, fim, determine aquela, meio. Mas sem definir previamente a identidade cultural das instituições, a reforma administrativa paira no ar. E, compreensivelmente, a muitos, inquieta.

Apesar de esforços recentes, o principal desafio das nossas instituições patrimoniais dificilmente é excesso de pessoal. Isto pode ser verdade em outros ministérios. Na cultura, provavelmente, não. O desafio de nossas bibliotecas, serviços de patrimônio, museus e arquivos é quase o contrário: necessitam de pessoal melhor qualificado, correção de distorções funcionais, maiores salários, tecnologias mais modernas, e, sobretudo, de uma politica cultural menos ensimesmada.

Pois são raros os museus e bibliotecas que se dão como meta o aumento dos usuários. Mais lembram o personagem de Guimarães Rosa que "de tão egocêntrico se colecionava". Aumentar os índices mensais de freqüência é modo de auferir a sintonia com o povo. É a taxa da democratização cultural, por excelência. Que estas instituições deveriam prosseguir permanentemente. É também o índice da eficiência de gestão. Indicador da adequação de pessoal e tecnologias. Síntese das politicas cultural e administrativa.

Até agora, pretendeu-se acabar com o modelo antigo, onde o Estado, em algumas áreas, subsidiava o mercado. Falta explicitar o novo modelo. A nova politica do patrimônio cultural. O que certamente será feito. Quando então, com certeza, o Estado assumirá suas inevitáveis responsabilidades. Como em qualquer país civilizado, investirá mais na cultura.

Pois, em nenhum país do mundo, um Museu Histórico, técnica e tecnologicamente bem aparelhado, ou uma Biblioteca Nacional de amplo acesso popular, geográfica e informaticamente falando, contribuem para o déficit público. Ao contrário, é um dever do Estado e um direito do cidadão.

** Presidente da Fundação Roberto Marinho*

Por Júpiter!

*Wilson Figueiredo**

Quando queria a perdição de alguém, Júpiter simplesmente lhe tirava a razão. Era tiro e queda. Atualmente, quando quer fazer das suas, Júpiter providencia a eleição de um presidente com 35 milhões de votos. Não há quem possa manter o juízo em estado de uso depois de receber uma fortuna politica em consignação democrática.

Por Júpiter vale mais que uma interjeição anacrônica. O efeito da surpresa faz sorrir mas não implica qualquer compromisso de parte a parte. Mesmo assim, por Júpiter, o presidente deve se cuidar. Tanta coincidência não cabe na semelhança. Já se viu este filme ou é refilmagem? O empenho de forçar a mão no contraste com o presidente Sarney ainda se entende, mas podia evitar ao menos ressuscitar a lembrança de Jânio Quadros.

A eleição se encarregou de ressaltar semelhanças desagradáveis, e o governo não está infelizmente administrando as diferenças que seriam a nossa salvação. Jânio Quadros e Collor de Mello gozaram da desconfiança declarada da esquerda e perderam, em proporções parecidas, a confiança da direita. Collor confessou a intenção de deixar a direita perplexa e a esquerda surpresa, e a recíproca parece mais verdadeira.

Por conta das coincidências de que se servia, Jânio Quadros arrancou em excesso de velocidade e, pneus cantando, fazia curvas apertadas sem reduzir. Com sete meses, não estava mais onde o puseram os votos. Até hoje procura uma boa explicação para oferecer.

Por Júpiter, as pesquisas de opinião ainda têm muito a dizer. Depois de acertarem em cheio na eleição presidencial, firmaram reputação científica elevada. O presidente eleito e empossado, com baixa resistência à lisonja majoritária, não esperou um mês para ir ao encontro delas. Ele tem aquela necessidade compulsiva que levava a rainha da história de Branca de Neve a insistir que o espelho lhe dissesse a verdade. A certeza está, portanto, nas pesquisas. E se, por acaso, elas disserem o contrário?

Governantes também têm direito de se reconhecerem na opinião dos contribuintes. Podem encomendar pesquisas desde que observem a diferença entre se informar e utilizar os resultados. Publicar resultados que falam bem de governantes obriga, porém, a fazer o mesmo quando forem desfavoráveis. Até hoje só se leu a favor.

O presidente Collor conseguiu na primeira semana saldo favorável de opinião pública. O presidente Sarney conheceu os mais altos índices de popularidade mas acabou agraciado com os mais baixos pela lei das compensações. Os brasileiros se refizeram, menos o ex-presidente que não recuperou o juízo. Júpiter preferiu usar com ele a sintonia fina, descontando o voto indireto que não perturba cabeças.

Pela confiança no contraste com o seu antecessor ou pelas razões mais grossas de Estado, o presidente Collor entendeu melhor fazer tudo de uma vez. Para quê? Maquiavel recomendava fazer o mal de uma vez e devagar o bem. Tinhas as suas razões. Jânio, quando reparou, já estava do lado de fora — e sem volta.

A concordância acima de oitenta por cento recolhida na primeira pesquisa não quis esperar pelos primeiros resultados. O que não é natural e assusta um pouco são aqueles noventa e mais alguma coisa por cento por trás do aplauso às prisões de gerentes de supermercados e bancos. Por Júpiter, um democrata tem o direito de ficar alerta. O advento de uma falsa luta de classes não substitui a verdadeira no papel que desempenhou até sair de cena sem que o público entenda a peça.

O forte do presidente Collor nas suas relações perigosas com os cidadãos é a capacidade de captar na sociedade e traduzir sinais coletivos que não encontram forma democrática de se exprimir. O seu sucesso politico se deveu à percepção do potencial que estava à disposição do primeiro que chegasse às camadas anônimas da sociedade. O moralismo revelou-se nas pesquisas um rico filão de votos, cuja lavra os politicos desprezaram depois dos insucessos da UDN em 1945, 50 e 55. No entanto, Jânio Quadros se elegeu em 60 jogando o moralismo em cima do desenvolvimento. Firmou-se então o conceito de que o moralismo elege mas não governa. Apesar de tudo que as pesquisas diziam, os outros candidatos fecharam os olhos ao eleitor oculto. É tempo de abri-los, antes que seja tarde.

Toda vez que esteve para cair nas pesquisas, Collor atacou o presidente Sarney pelo lado moral do seu governo. Não falhava o recurso. No final da campanha, Collor precisou de reforço e prometeu que o seu primeiro ato, ao receber o poder das mãos de Sarney, seria prendê-lo ali mesmo. Nunca mais tocou no assunto e, para aplacar a fome de punições, entregou cabeças de gerentes.

Por Júpiter, não é difícil rastrear nos noventa e alguma coisa por cento que aplaudem prisões de gerente o resíduo antidemocrático trajado de desejo moralizador. Há nesse aplauso um ressentimento social de que o cidadão não se dá conta, mas que o leva à luta de classes pela metade.

Há remédios caseiros de comprovada eficácia para baixar a febre de poder toda vez que ela chegar perto dos 35 milhões de votos. Como tantas vezes se viu, o sistema presidencialista de governo também perde os governantes sem que Júpiter precise mover uma palha.

Estamos longe do parlamentarismo e, não obstante, pertíssimo. Fernando Collor leva jeito de repetir a ilusão de que o presidencialismo possa ser salvo pessoalmente por um presidente. Não pode, como se verá. Por Júpiter, em matéria de presidencialismo, os Estados Unidos são a regra e a exceção a um só tempo. Os americanos montaram um sistema de governo para atender às suas necessidades, e não têm culpa se o modelo não funciona como imitações. Não se sabe de outro país onde o presidencialismo tenha dado certo.

Por Júpiter, o que acabou definitivamente no Brasil foi o presidencialismo, com toda a sua capacidade de excitar o que os democratas têm de menos democrático.

**Redator do JORNAL DO BRASIL*

FRASES DA SEMANA

"O que me assusta nele é que todos os economistas o adoram."

- Humorista Jô Soares, sobre o Plano Collor. Terça-feira, dia 27, em São Paulo.

●

Gilberto Alves

Joaquim Roriz

"Não era nosso desejo participar do governo."

- Joaquim Roriz, ao pedir demissão do cargo de ministro da Agricultura, duas semanas depois de tomar posse. Quarta-feira, dia 28, em Brasília.

●

"Para matar a barata, eles botaram fogo no apartamento."

- Ex-ministro Delfim Netto definindo o Plano econômico do governo. Quarta-feira, dia 28, em Brasília.

●

"Não tenho nada. É zero mesmo."

- Empresário Antônio Ermírio de Morais, ao negar ter dólares no exterior. Terça-feira, dia 27, em São Paulo.

●

"Na Europa Oriental, os ex-comunistas estão querendo tirar a polícia da economia. No Brasil, está se pretendendo exatamente o contrário: colocar a polícia na economia."

- Ex-ministro Roberto Campos. Quarta-feira, dia 28, no Rio.

●

"Não gostamos do sistema beija-mão, em que todos vão correndo discutir no Planalto. Lugar de discutir e negociar é no Congresso."

- Senador Fernando Henrique Cardoso, ao receber os líderes do governo no Congresso. Quarta-feira, dia 28, em Brasília.

●

"Desculpe, mas houve um mal-entendido e, em função de problemas políticos, você não poderá ocupar a presidência da fundação."

- Cláudio Humberto, porta-voz do governo, ao *desconvidar* o publicitário Leleco Barbosa um dia depois de ser ele indicado para a presidência da Fundação Roquete Pinto. Quinta-feira, dia 29, em Brasília.

Cadeia, para quem?

Fernando Pedreira

Às vezes, como na celebre história do rei que estava nu, é preciso olhar com os olhos da simplicidade e da inocência para ver a verdade que os sabidos e os "expertos" não conseguem enxergar. Hoje, no Brasil, talvez estejamos precisando de um moderno Voltaire que reescreva o seu "Candido, ou o Otimismo" para escalpelar e jogar no ridículo a presunção e a empáfia dos nossos doutores, financistas e tecnocratas.

Por que dói tanto, em tantos dentre nós, pobres mortais, a mordida do Plano Collor? Sem dúvida, porque perdemos dinheiro (pouco ou muito); e porque perdemos, ou melhor, porque deixamos de faturar um ponderável subsídio inflacionário fornecido pelo governo, ao qual já nos havíamos habituado. Entre financistas e doutores, entretanto, a mordida terá doído ainda mais porque eles se deixaram apanhar e passaram a si mesmo (em muitos casos) o diploma de tolos ou de falsos espertos.

Havia outra saída? Nos últimos anos, o Estado brasileiro havia-se transformado numa espécie de Drexel Burham Lambert, a célebre corretora dos *junk bonds* norte-americanos, que estourou ainda há uns poucos meses, marcando o fim de uma época dourada da especulação financeira nos Estados Unidos. No caso da Drexel, os responsáveis estão sendo processados, indiciados ou mesmo presos. E os investidores e credores (ao menos, os que não se safaram a tempo), muitos deles grandes empresas e instituições, perderam parte substancial dos seus haveres ou dos seus ganhos.

No caso do Brasil, ao menos até agora, apenas esta segunda parte ocorreu. Para evitar a falência iminente, o novo gerente da nossa Drexel verde-amarela decretou sua concordata, mandando para as calendas gregas cerca de 80% da dívida, que na verdade não serão pagos nunca, ou que só poderão ser pagos nas primeiras décadas do Terceiro Milênio, se até lá a economia brasileira tiver crescido tanto a ponto de poder produzir e absorver (sem traumas) excedentes da ordem de 120 bilhões de dólares.

"Os que de fato roubam o Brasil, os que assaltaram o Tesouro público são outros e para alcançá-los a demagogia populista e o primarismo policialesco são inúteis"

Perderam os investidores grandes e pequenos, portanto, embora, tal como se costuma fazer nas falências, se tenha tratado de garantir prioritariamente a dívida trabalhista, os salários e pensões. Mas, os responsáveis pelo estouro, os gerentes e administradores que, durante meses e anos, emitiram catadupas de títulos que a empresa não poderia pagar e que eles, na verdade, deviam saber que não seriam afinal honrados, esses gerentes (ministros, políticos, burocratas) não foram, no caso brasileiro, processados ou responsabilizados — ainda que muitos deles, não só do primeiro como do segundo e do terceiro escalões (e também do quarto e do quinto), tenham ficado muito ricos, e até, no caso de alguns mais notórios, imensamente, nababescamente ricos.

Passou-se uma esponja na pedra, mesmo porque essas são coisas difíceis de apurar, especialmente num país de normas e critérios tão pouco estritos quanto os nossos. Mas, não há dúvida que os Boestski, Milken e companhia, que, nos Estados Unidos, estiveram, estão ou estarão na cadeia, prosperaram também entre nós e são (hoje) ainda mais ricos, em dólares, que seus colegas do norte.

Se o doutor Collor quisesse apanhá-los, certamente não o conseguiria com o auxílio do tributarista Tuma, que invade um grande jornal por causa de uma troca de faturas de publicidade e prende uma família inteira de comerciantes porque duas etiquetas, dois preços, entre centenas de itens de um supermercado, estavam fora da tabela. Os que de fato roubam o Brasil, os que assaltaram (continuam assaltando) o Tesouro público são outros, e para alcançá-los a demagogia populista e o primarismo policialesco são inúteis.

Quanto ao caso específico dos grandes responsáveis, presidentes da República, ministros da Fazenda ou do Planejamento, presidentes do Banco Central, que usaram a filipeta financeira para empurrar com a barriga suas próprias dificuldades (políticas ou administrativas) e, de quebra, enriquecer uma minoria de privilegiados, enquanto levavam o Estado à falência e a economia à beira do caos — esses, o que se pode dizer em favor de sua impunidade é que, afinal, eles tinham consigo a conivência e a cumplicidade, ativa ou passiva, não só da comunidade financeira em geral, mas dos vastos setores da sociedade que se fizeram clientes das tetas do Estado.

Políticos, funcionários públicos, estatocratas, empresários subsidiados, especuladores e financistas, o que todos queriam era que não se interrompesse o fluxo, era continuar mamando até a última gota, até o último minuto. Ainda agora, depois do Plano Collor, um desses beneficiários, que acumulou respeitável fortuna, me dizia: "Tinha que ser; tinha que acabar. Mas, se ao menos eu tivesse mais um ano de contas remuneradas!" Pois a verdade, da qual nem todos se dão conta, é que a "rentabilidade" da filipeta do BC, nesses meses finais, era crescente e maior do que nunca. Um respeitado banco de primeira linha que, ao longo de todo o ano de 1989, ganhou 40 milhões de dólares só em janeiro de 1990 fez 25 milhões.

A punição, ao menos, dos principais culpados (e beneficiários) por esse criminoso festival que arruinou o Estado brasileiro, talvez fosse politicamente (e tecnicamente) inviável, no quadro das nossas leis, além de parecer traumática e chocante num país com os hábitos do nosso. Seria preciso distinguir e poupar os que não se locupletaram, os que agiram de boa fé. Mas o castigo ou a simples denúncia dos grandes responsáveis teria ao menos o mérito de tornar as coisas mais claras e fáceis de entender.

Não há inocência na inflação. Há ganância. Acima de um certo limite, ela é fruto da falta de escrúpulos e da irresponsabilidade (da impunidade) dos governantes. As pessoas que investiram (ou foram forçadas a investir) na ciranda financeira, e agora se sentem pungadas nas suas economias, não são vítimas do Plano Collor, que apenas decretou a concordata, mas dos gerentes infiéis e corruptos que levaram a firma, o país, a nossa Drexel Burham verde-amarela, à bancarrota.

Quem não se dá conta disto (e poucos se dão) corre o risco de aliar-se agora aos membros do Congresso (eles mesmos velhos agentes e beneficiários da mamação inflacionária) para tentar abrir brechas no Plano Collor e enxertar pedaços da inflação velha no (suposto) Brasil novo que se quer inaugurar.

Tal como vêm fazendo, aliás, muitos jornalistas, lobbistas e funcionários, demasiado apegados ao seu rico dinheirinho, aos seus privilégios antigos, ou às suas respeitáveis, ainda que tortas, paixões ideológicas e partidárias.

* Jornalista

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Acúmulo de funções

Nunca se subestime a sabedoria política dos ingleses. Eles mantiveram a monarquia e inventaram o parlamento porque assim as duas principais funções do governo, a de ser a pátria personificada e institucionalizada e a de governar, não se misturam nem se atrapalham. A monarquia constitucional é o único tipo de governo em que tudo está previsto. As pompas e os paramentos do poder de um lado, quem manda mesmo do outro. Mas a monarquia não pode ficar recolhida à sua majestade, também deve viver o poder como aventura. Senão não adianta, o esquema não funciona. Quem reclama que a família real inglesa é um anacronismo que devia pelo menos ser mais discreto, já que não pode ser mais barato, é porque não entendeu o espírito da coisa. Está subentendido que família real deve ser visível, saliente — e numerosa. Não basta que exista um rei ou uma rainha simbolizando o poder perene, é preciso que existam filhos ativistas, noras jovens, netos safados, tios malucos e pelo menos uma prima malfalada para que todas as expectativas do poder sejam satisfeitas, enquanto o primeiro-ministro e o parlamento, longe da atenção do público, se xingam e governam. A atual mistura da família real inglesa está perto do ideal. Ela tem tudo que qualquer povo precisa ver no seu governo, da ponderação maternal ao *sex appeal*. Se o príncipe for a algum posto avançado do império e levar seus filhos em uniforme de campanha, estará representando os sonhos guerreiros de muitos garotos ingleses e apenas desempenhando seu papel no teatro do poder. Já no regime presidencialista imperial, o teatro e o poder de verdade devem coexistir na mesma pessoa, às vezes no mesmo Collor. Ele tem que ser, ao mesmo tempo, primeiro-ministro e família real. Diz-se que a realeza inglesa é ridícula, mas essa é exatamente a sua função: concentrar todo o ridículo a que o poder se arrisca, para que o poder de verdade se salve, e prevaleça. Quando não existe a divisão e existe o acúmulo de funções, pode prevalecer o ridículo. Que já derrotou mais monarcas do que toda a pregação republicana na história.

Da Série

"poesia numa hora destas?!"

Precisamos nos acostumar com a idéia
que um dia até a Luma de Oliveira será pó,
e Brasília que era só um descampado,
um dia será um descampado só.
E que de toda essa gente no palco
hamleteando para o povo
só a caveira de mentira
será usada de novo.
E você aí preocupado com o over!

A emenda digna do soneto (ou existirá um sabotador?)

*Nilo Batista **

Foi recebido com unânimes aplausos a retirada, pelo Presidente da República, das Medidas Provisórias nº 153 e 156, objeto de severas críticas por parte de acreditadas representações da sociedade civil e inúmeros juristas. Esperava-se, quando da notícia daquela retirada, que o próximo passo fosse a constituição, no Ministério da Justiça, de comissão(ões) para, a curtíssimo prazo, ouvindo porém interessados e especialistas, produzir anteprojetos de lei: 1. criminalizando o abuso do poder econômico, 2. modernizando a lei de economia popular, nela inserindo os novos delitos contra o consumidor, e 3. atualizando a legislação concernente à sonegação fiscal.

Divulgada, contudo, a Medida Provisória nº 175 — que anulava as Medidas 153 e 156 —, uma desagradável surpresa perturbou os aplausos. É que, no artigo 2º e seu § 1º, se mantinha, com leve alteração, a mais polêmica das disposições da MP 153: negar, para os crimes contra a economia popular, a concessão de fiança (pela nova MP 157, só o juiz poderá concedê-la, o que na prática significa a permanência da prisão por período mínimo de 1 a 5 dias) e negar também, nesses casos, a concessão de liberdade provisória sem fiança. Neste sentido, pois, a emenda era digna do soneto. Levando-se em conta, entretanto, que o próprio Presidente da República houvera revelado o intento de prestigiar o pensamento predominante daquilo que chamou de "comunidade jurídica", é intrigante refletir sobre o motivo da inserção, exatamente na MP 175 — consubstanciadora da louvável reconsideração — desse dispositivo tecnicamente insustentável, politicamente desgastante e, na prática, potencialmente corruptor. Haveria, em algum desvão palaciano, um sabotador disposto a diminuir a nobreza do gesto de recuo e a indispor o Governo com a sociedade civil, em geral, e os juristas, em particular?

"Não há razão plausível para qualquer restrição à concessão de liberdade provisória nos crimes contra a economia popular"

Em primeiro lugar, não há razão plausível para qualquer restrição à concessão de liberdade provisória nos crimes contra a economia popular, se a providência é cabível, por exemplo, para um acusado de homicídio, de roubo ou de estupro — desde que se evidencie a desnecessidade da prisão. Se a prisão em flagrante por um lado responde a um impulso natural reconhecido juridicamente — conter, no momento do próprio ato criminal, o violador da norma —, com a função técnica de expungir do processo o debate sobre a *autoria* (inquestionável diante da lavratura do auto), a permanência mecanicista de tal prisão, por outro lado, estabelece inegável tensão com o princípio constitucional da presunção de inocência (art. 5º, inc. LVII CR). Por isso mesmo, o conceituado prof. Tourinho Filho adverte para o grande risco de, em casos de flagrante, ser mantido "preso aquele que não foi definitivamente julgado", com a antecipação prática de uma pena que não se sabe ao certo se é merecida.

O artigo 2º da MP 175 estimulará o comerciante a optar pela fuga e não pelo esclarecimento; o medo à prisão injusta superará a via do diálogo, impossibilitando uma intervenção construtiva do agente público. Quando o Código Nacional de Trânsito quis fomentar o atendimento às vítimas, procedeu de modo exatamente oposto: vedou a prisão em flagrante do infrator que prestasse socorro (art. 123 CNT). O direito premial oferece perspectivas às vezes mais atraentes e eficazes que o direito penal.

Porém o mais grave é que o artigo 2º da MP 175 estimulará também a corrupção. É notório que, ao lado de policiais admiravelmente consagrados ao reto exercício de seus deveres, existem — como, infelizmente, em tantas outras agências do serviço público — aqueles que se prevalecem de seu poder para obter vantagens pessoais. No regime jurídico da Lei de Economia Popular e do Código de Processo Penal, pode o comerciante achacado e injustamente preso deixar que o auto de prisão em flagrante seja lavrado, requerendo fiança à autoridade policial e mais tarde demonstrar ao Promotor de Justiça a inconsistência da acusação. No regime jurídico da MP 175, o comerciante de quem, sob acusação sem fundamento, se exija alguma vantagem ilícita sabe que, se não pagá-la, ficará preso por alguns dias. O valor da fiança que mais tarde seria arbitrada pelo juiz (10.000 à 100.000 BTN's) funcionará como critério quantificador do suborno na delegacia.

Sem nenhuma dúvida, é urgente a elaboração de leis penais modernas e eficientes para as áreas de abuso do poder econômico, economia popular e defesa do consumidor e ainda sonegação fiscal. Tão ou mais urgente que tais leis é a criação de mecanismos judiciais cíveis que permitam ao consumidor lesado a mais pronta e eficaz reparação de seu prejuízo. Nesta direção, a criação de Juizados Especiais do Consumidor, tal como previsto na Constituição da República (art. 98, inc. I CR), compostos por consumidores e presididos por juízes togados, valendo-se de procedimentos orais sumaríssimos e competentes para a execução imediata de suas decisões, seria a maior contribuição.

Isolado da necessária reforma geral da Lei de Economia Popular, o artigo 2º da MP 175 é apenas um complicador que rompe a unidade do sistema jurídico, estimula práticas disfuncionais e dissemina o medo. Contrapõe-se ao pronunciamento presidencial, no sentido de que desejava acatar a opinião doutrinária comum. Perturba os aplausos que sua autocrítica suscitara. Existirá um sabotador?

* Advogado

Congresso também quer gerir o plano

A primeira semana do novo governo foi de sucesso para o presidente Fernando Collor. Seu plano de estabilização econômica parecia perfeito, acabado, consistente — "imexível", como disse o ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri. Na segunda semana, um Congresso Nacional no ocaso, ainda desgastado pelas tenebrosas transações da época da Constituinte e abatido pela força popular de um presidente que fez campanha desmoralizando os políticos, assumiu o centro das decisões sobre o futuro do país, ao começar a analisar os detalhes do plano econômico. Neste Congresso, que se apega agora os poderes atribuídos pela Constituição de 1988 como última chance para recuperar a imagem de suas bancadas, destaca-se a figura de um advogado de 43 anos que mete medo nos assessores jurídicos do mais forte governo já saído das urnas. Quando o Palácio do Planalto envia ao Congresso um projeto de lei ou mais uma medida provisória, o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, por exemplo, corre a telefonar para o deputado Nelson Jobim (PMDB-RS), desculpando-se por eventuais heresias jurídicas do texto, ou se eximindo de responsabilidade pela redação. Ao se transferir direto de uma cadeira de professor de Direito Processual Civil da Universidade de Santa Maria (RS) para o seu primeiro mandato político, em 1987, o deputado Nelson Jobim assustou logo o mais sábio de todos os deputados, o venerado Ulysses Guimarães. Tinha se trancado antes durante dez dias, na casa do sogro em Tupanciretã (RS), e leu tudo o que encontrou sobre todas as constituintes brasileiras e as de Portugal e Espanha. Doutor Ulysses passou a ouvi-lo sempre. Semana passada, suas opiniões contribuíram para o primeiro recuo do governo, o reconhecimento da insconstitucionalidade de duas medidas provisórias. Sexta-feira, na redação do JB, ele concedeu esta entrevista a Marcos Sá Corrêa, Flávio Pinheiro, Villas-Bôas Corrêa e Marcelo Pontes.

— Em que pontos o Congresso vai mexer no plano econômico do governo?

— Estamos envolvidos numa análise responsável do plano. Evidentemente, não podemos obstruir o governo nas suas soluções, pois se trata de governo eleito pela maioria e com responsabilidade de formulação da política monetária. Temos que manter o núcleo do plano, mas assegurando à sociedade mecanismos para que o governo, executando o núcleo do plano, cumpra as suas pre-determinações. Daí porque não concordo, por exemplo, com delegações legislativas. Na Medida Provisória 168, por exemplo, tem algo assim: a ministra da Economia poderá ampliar ou reduzir os limites de saques e os prazos estabelecidos nos artigos tal e tal. Isso significa que o limite de Cr$ 50 mil e o prazo de 18 meses são uma mera referencia. Esse tipo de coisa jogaremos fora. Queremos ter uma participação no destino do plano. Não temos saída, no sentido de voltar atrás. Ou seja, o doente já se atirou do décimo andar, está em queda livre, e temos que assegurar agora determinadas decisões que melhorem as condições do pára-quedas e garantam que a cama elástica lá de baixo não vai romper.

Queda livre

"O doente se atirou do décimo andar, está em queda livre. Temos que assegurar as condições do pára-quedas"

— Que outras correções devem ser feitas?

— Poderia ser estabelecido, por exemplo, um mecanismo que devolva a confiança ao sistema financeiro, para evitar que você saque dinheiro para botar dentro de um cofre ou debaixo do colchão.

— Quinze dias depois que foi anunciado, o senhor gosta do plano?

— É difícil responder se gosto ou não. O que eu acho é que não se pode antecipar a votação do plano. Temos que começar a votar isso na próxima quarta-feira e encerrar na outra quarta. O senador Nélson Carneiro (que preside as sessões do Congresso) queria começar a votar o plano neste sábado. Isso não tem nenhum sentido. Temos que dar mais um tempo de gerência ao plano para ver o comportamento real da economia. Se antes havia justificativas racionais de que ninguém deveria ter sabido com antecedência do plano, nada justifica agora que decisões sobre a sua implementação e ajustamento sejam secretas. Salvo se você quiser romper com o plano.

— Não estaria havendo a suspeita de que o plano é tão potencialmente ruim que não pode ser mexido? É como se fosse uma bomba, que para ser desarmada precisa de uma técnica especialíssima?

— É isso. Você tem que ter muito acuidade no uso dos instrumentos. Pode mexer no plano, no sentido de ajustá-lo, mas não pode mexer no sentido de implodir. Temos que fazer os recortes. Mas se cortar o núcleo, explode. Há que se saber se o núcleo é aceitável. Ou irreversível.

Sem segredo

"Nada justifica agora que decisões sobre implementação e ajustamento do plano sejam secretas"

— O que a seu ver é o núcleo?

— O plano econômico tem uma espinha dorsal. São as medidas provisórias dos salários e a dos cruzeiros. Depois, temos as muletas do plano: a reforma administrativa, a reforma tributária e as asneiras das medidas penais trocadas recentemente. Fora disso, tem o aspecto pirotécnico do plano. Venda de apartamentos, por exemplo, é necessária, mas não é fundamental. O núcleo seria, por exemplo, essa filosofia do plano que passa pelo conceito de que você teria determinado número de cruzados que não pode passar para o lado de cá da economia real, o lado dos cruzeiros. E que isso teria que ser controlado.

— Por uma autoridade só?

— O controle não pode ser de uma autoridade só. É preciso criar algum mecanismo que assegure que todas as pessoas vão ter o dinheiro de volta.

— O pacote já sai do Congresso com isso detalhado?

— Espera-se que sim. Você pode criar também mecanismos automáticos para devolver a confiança na poupança. Vivíamos um período em que havia um divisor de água: daqui para baixo, a tal de poupança garantida pelo Tesouro federal, o que hoje dá Cr$ 1.900.000. Acima disso, havia a poupança de risco. Pode-se até pegar esse parâmetro como mecanismo, digamos, de passagem de cruzados para cruzeiros. Poderia ser deixada à autoridade monetária a possibilidade de botar excepcionalmente mais dinheiro no mercado, tentando outras coisas.

Uma bomba

"Temos que fazer recortes no plano. Se cortar o núcleo, explode. Há que saber se o núcleo é aceitável"

— Diante de uma interferência tão profunda na vida das pessoas, o senhor não acha que falta na Constituição um capítulo de defesa dos direitos da pessoa humana contra programas econômicos?

— Realmente, o texto não protege o sujeito contra eventuais políticas monetárias. O que você está citando é o conflito entre uma situação posta em determinado momento e as alterações que uma política monetária determina. O que está na base disso tudo é a concepção de direito adquirido. O que fica muito claro é que em relação à política monetária não tem nada que fixe a estabilidade de uma determinada situação. Não tem como fazer isso.

— Por que?

— Veja bem, quem é que vai gerir a política monetária, quem vai estabelecer a política monetária como definitiva, quem vai definir os direitos adquiridos em política monetária?

— Não se poderia proibir, por exemplo, que se fizesse por medida provisória uma reforma monetária, uma coisa tão abrupta apenas com uma assinatura?

— Por aí, sim, mas mesmo assim você não garante direito individual. O que você faz é ampliar o raio do processo de tomada de decisão, estendendo-o a outros personagens, no caso o Congresso. Eu apresentei um projeto para regulamentar as medidas provisórias, proibindo-a em questões de lei complementar, questões orçamentárias e tributárias. Eu sou favorável ao instituto da medida provisória, porque é necessária, considerando-se a urgência de certas decisões. Mas a partir da Constituinte o Congresso não se ajustou à sua função de ator das decisões públicas. Deu-se um vazio de poder. O caminho que Sarney usou para suprir isso foi o das medidas provisórias. E aí desnaturou o instituto.

— O que o Congresso pode fazer agora para zelar pelo dinheiro tomado da população?

— A única forma seria ao menos criar algumas soluções técnicas para assegurar a devolução do dinheiro, pois temos precedentes muito sérios.

— Além de mecanismos não poderiam ser criadas sanções? O responsável pela guarda do dinheiro, se não o devolver, não teria que responder por isso?

— Responsabilidade política ele tem. É a responsabilidade sem conteúdo criminal e civil. A responsabilidade civil e criminal, nesse tipo de coisas, não tem precedentes, salvo em processo revolucionário. Dentro do processo democrático, não se encontram técnicas de responsabilidade civil em equívocos de determinados políticos. O que há, às vezes, são ilícitos penais embutidos dentro de uma política. A política pode ter conseqüências desastrosas e não ter características criminosas, no sentido de ilícito penal.

— O cidadão, então, fica desprotegido?

— Sinceramente, não sei qual seria a fórmula para proteger o cidadão dessa nova atividade em que o Estado, além de intervir na economia, mete a mão no teu bolso. A sociedade já descobriu técnicas para proteger o cidadão do Estado sancionador. Mas para esse caso do Estado gestor da economia, não. Uma coisa é certa: a gente só cria as coisas depois do fato. Nisso, os acadêmicos são muito ruins. Ou seja, só aprendemos depois de apanhar.

— Na questão da privatização, que alterações o Congresso pode fazer no plano do governo?

— Dou um exemplo. A Medida Provisória 155 tem o tal conselho de privatização que pode tudo. É composto por ministros e duas ou três pessoas de "notório saber econômico". Os economistas estão agora usando uma expressão que tradicionalmente pertenceu aos advogados: "notório saber jurídico". Esse critério é o mesmo que o Congresso dizer: privatize da forma que bem entender. Há uma certa concepção de que precisamos privatizar. Isso passa pela sociedade. Passa por nós também que é muito difícil privatizar por individualidades, porque cria problemas regionais, aquele negócio do varejo, em que o Congresso é muito sensível. Mas, se você estabelece uma regra de privatização, e fixa limitações para esse conselho e a possibilidade de uma fiscalização a posteriori do próprio Congresso Nacional, cria mecanismos em que se assegura a participação da sociedade, ou pelo menos de representações mais amplas no controle das privatizações.

— Se ocorrer isso, o plano ganhará credibilidade?

— Creio que sim. Dentro dessa preocupação, qual foi a resposta do presidente Collor numa entrevista de televisão a uma pergunta sobre a garantia que a população teria de que o dinheiro seria devolvido. Ele disse que a garantia era ele próprio, a palavra dele. Isso não tem cabimento. Nas sociedades democráticas, as garantias não passam pela garantia da manifestação de vontade do detentor do poder. Passam por toda uma estrutura do estado de direito.

— O senhor descarta a possibilidade de o Congresso rejeitar todo o plano?

— É difícil. A rejeição seria uma grande irresponsabilidade.

— Como vai agir o PMDB, que é a bancada majoritária?

— Quando fui líder terminal do PMDB na Constituinte, a relação do meu partido com Sarney provocou uma coisa curiosa, enfrentada primeiro pelo senador Mário Covas, depois por mim e em seguida pelo deputado Ibsen Pinheiro. Os líderes do PMDB acabavam sendo gestores de conflitos. Não éramos a bancada do governo, mas éramos responsáveis pela produção do Congresso, porque éramos a bancada hegemônica. Ou seja, o Mário, depois eu e depois o Ibsen sentávamos na ponta da mesa e de um lado se sentava o pessoal de direita, do outro o de esquerda. Nós passávamos o tempo todo negociando para conseguir o entendimento entre os dois grupos e produzir uma decisão. Aconteceu que a nossa bancada, que ficava atrás, não tinha líder, porque o líder apenas geria o conflito de esquerda e direita. Agora, o PMDB começa a sentar consigo mesmo, para tentar produzir unidade. Existe um núcleo que aponta alguns caminhos e os leva para discussão no interior da bancada. O Ibsen deu também instruções para que aproveitássemos as convenções municipais de domingo passado para sentir a reação das bases ao plano. Eu percorri 12 municípios e vi, por exemplo, sinais de desemprego, de produtor rural que não tem como pagar compromissos.

Devolução

"É preciso criar algum mecanismo que assegure que todas as pessoas vão ter o dinheiro de volta"

— O presidente da República, que tem maioria nas ruas mas não tem maioria parlamentar, usou a tática de jogar as reformas como fato consumado diante do Congresso. Isso é um foco de crise?

— É evidente. Isso vai se repetir se não houver uma compatibilização entre a eleição do presidente e a do Congresso. Se continuar esse desnível de um presidente com mandato de cinco anos e o Congresso com quatro, sem coincidência de eleições, não vamos afastar a ameaça de confronto. Normalmente, quando você elege o presidente tem que eleger junto congressistas que possam lhe dar sustentação durante todo o seu mandato. Você sabe que o presidencialismo não tem soluções para crise. As crises institucionais do presidencialismo têm três soluções: ou o suicídio de 1954, ou a renúncia de 1961, ou o golpe de 1964.

Líder do líder

"O Congresso tem autoridade por adesão. O líder do governo vim conhecer agora. E eu fui líder dele"

— O presidente Collor tem alguma solidariedade mais ou menos compulsória, partidária, no Congresso?

— Tem não. Os próprios personagens que dentro do Congresso têm relações com o governo circulam sem a autoridade necessária. São pessoas produzidas não por dentro do Congresso, mas pelas relações com o presidente. É uma autoridade por adesão. E autoridade por adesão é um negócio muito complicado, é uma autoridade subordinada. O líder do governo, deputado Renan Calheiros, por exemplo, vim conhecer agora. E eu fui líder dele.

— O apoio popular ao plano intimida o Congresso?

— Não creio. O Congresso enxerga com muita clareza que este governo tem toda legitimidade para produzir a sua política. Não temos direito nem legitimidade para obstruir essa situação. Se obstruirmos estaremos contribuindo para um confronto grave. Mas é evidente que este governo é responsável pelas conseqüências desastrosas que as suas opções de política criarem.

— Por que a atual representação no Congresso não assumiu antes o papel de ator das decisões?

— Durante o regime militar, o Congresso Nacional ficou à margem do processo de tomada de decisões. Não participava não só da formulação de políticas, como da definição do gasto público, pois seu poder de emendas em relação a isso tinha sido suprimido. A rigor, em relação ao orçamento, tinha só que aprovar ou rejeitar. Esse fato determinou que estados e municípios percebessem, não racionalmente, mas na prática, que precisavam ter no Congresso não parlamentares, no sentido clássico, mas agentes de interesse regional. O parlamentar passou a ser um reivindicador de recursos federais para a sua região. Em 1986, a eleição foi em cima disso, não teve nada a ver com Constituinte. O discurso constituinte era periférico, uma coisa lateral.

Confronto

"Se continuar o desnível de um presidente com mandato de 5 anos e o Congresso com 4, não afastamos a ameaça de confronto"

— Como isso se refletiu dentro do Congresso?

— Quando o deputado eleito chegou a Brasília, não tinha uma visão nacional. Tinha uma pulverização completa de posições. As transações que dizem ter sido feitas durante a Constituinte em troca de votos para o mandato de cinco anos do presidente da República não beneficiam necessariamente o personagem envolvido. Na época, veio ao meio ouvido que se eu votasse a favor de cinco anos seria aberta uma estrada na minha região. Outros colegas nossos acabaram votando cinco anos porque a região exigiu deles. O que eles queriam não era cinco anos, mas uma estrada. Eu votei quatro anos.

Manobra revoga tombamento de rua em São João del Rei

BELO HORIZONTE — Promulgada há duas semanas, a nova Lei Orgânica de São João del Rei está causando polêmica entre os habitantes do município, a 186 quilômetros desta capital, por ter revogado um decreto de tombamento dos imóveis localizados na Avenida Hermilo Alves, a mais central da cidade, entre eles alguns edifícios em estilo neoclássico e *art nouveau* construídos no início do século.

Pelo texto da nova lei, apenas a Câmara de Vereadores, através de disposição legal, poderá tombar edifícios e monumentos, garantindo-lhes proteção municipal. Os imóveis em estilo colonial tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Isphan) não foram atingidos e continuam sob proteção da União.

Especulador — O vereador Antônio Carlos de Jesus Fuzzato (PT), um dos três integrantes da Câmara que votaram contra a revogação do decreto do ex-prefeito Cid Valério (PMDB), editado em 1987, acusou seu colega José Vicente Davin (PMDB), proprietário de uma pequena imobiliária, de ter interesse particular no destombamento da Avenida Hermilo Alves. Davin foi o autor da emenda à Lei Orgânica de São João del Rei que revogou o decreto do ex-prefeito e estabeleceu a obrigatoriedade de o tombamento municipal ser submetido à Câmara. "Ele é um conhecido especulador imobiliário e estava muito interessado no não-tombamento", acusou Fuzzato, que tentou, sem sucesso, suprimir o artigo acrescentado por Davin à Lei Orgânica durante o segundo turno da votação.

Em dezembro, o vereador do PT chegou a apresentar um projeto assegurando na nova Lei Orgânica a permanência do tombamento decretado por Cid Valério. A comissão de sistematização rejeitou a proposta. Em janeiro uma emenda popular com o mesmo conteúdo foi apresentada no primeiro turno de votação e reprovada por 12 votos a três. Segundo Fuzzato, dos 15 vereadores da Câmara local, apenas ele e mais dois colegas, do PDT e do PDS, foram contrários à emenda proposta por Davin.

Segundo o vereador Fuzzato, o destombamento ameaça de demolição os edifícios em estilo neoclássico e *art nouveau* da Avenida Hermilo Alves, incluindo os do Teatro Municipal, da prefeitura e do Círculo Militar (clube do 11º Regimento de Infantaria do Exército, sediado em São João del Rei). Ele teme que um prédio onde funcionou um supermercado por muitos anos (conhecido por *leiteria)*, que está vazio atualmente, e um edifício vizinho, ambos situados na avenida e construídos por imigrantes italianos no início do século, sejam os primeiros atingidos pelo destombamento.

Supermercado — O vereador José Vicente Davin disse que o decreto do ex-prefeito era prejudicial ao município, porque não discriminava os imóveis da Avenida Hermilo Alves sujeitos ao tombamento, garantindo proteção até a um edifício de cinco andares onde está localizada a agência local do Banco do Brasil e dois outros prédios modernos. Além disso, segundo ele, o edifício onde funcionou o supermercado está abandonado e descaracterizado e sua demolição não comprometeria a preservação do patrimônio artístico do município. "A *leiteria* não tem nada de antiga. Como o patrimônio não dá assistência acho que poderia até ser demolida para melhorar a aparência da cidade", argumentou Davin.

O vereador garantiu que não tem interesse particular no destombamento e anunciou que pretende apresentar, nos próximos dois meses, um projeto de lei garantindo proteção aos imóveis da Avenida Hermilo Alves que têm valor artístico e histórico. "Minha imobiliária é pequena e apenas compra terrenos para depois loteá-los. Nunca fiz construções ou vendi casas. Esse Fuzzato é um petista doente que fica contra o crescimento da cidade", criticou Davin. Segundo ele, seu projeto de lei discriminará os edifícios a serem tombados na avenida, entre eles a prefeitura, o teatro e a sede do Círculo Militar.

Prefeito é dono de construtora

O vereador Antônio Fuzzato (PT) acusa o prefeito de São João del Rei, Rômulo Viegas (PMDB), de ser favorável ao destombamento da Avenida Hermilo Alves para favorecer grupos interessados na construção de edifícios no Centro da cidade. "O prefeito sempre foi a favor de destombar, mas nada fez antes por causa da pressão popular , disse o vereador.

Em meados do ano passado, de acordo com Fuzzato, o prefeito pretendia enviar um projeto de lei à Câmara destombando a avenida, mas desistiu depois que algumas entidades culturais do município se manifestaram contra a proposta. "Ele, inclusive, é dono de uma firma de construção", afirmou o vereador.

Rômulo Viegas contestou as acusações do vereador petista, mas disse ser contrário ao tombamento indiscriminado de todos os imóveis da Avenida Hermilo Alves. "No decreto de tombamento, o prefeito anterior não se preocupou com os donos dos imóveis. Além disso, ficaram preservados pelo decreto até prédios modernos como o do Banco do Brasil. Se fosse feito um plebiscito, a população seria a favor do destombamento", argumentou o prefeito, que diz ter poderes para revogar o decreto, mas preferiu deixar que a Câmara tomasse a decisão. "Apesar disso, tenho comigo vários abaixo-assinados da população favoráveis ao destombamento", declarou Viegas.

Rômulo Viegas revelou que o prédio conhecido como *leiteria* já foi vendido ao Bradesco, que pretende instalar ali uma agência. Salientou, porém, que a transformação do edifício em agência bancária obedecerá as normas de proteção em vigor no município. O prefeito confirmou ser sócio da EA Empresa Associada de Construção, mas disse que está afastado da diretoria.

Roberto Faustino

Manoel (D) já conseguiu uma noiva e Francisco ainda espera encontrar alguém que o faça ficar no Brasil

Portugueses buscam noiva por jornal

SÃO PAULO — Um pequeno anúncio classificado de nove linhas publicado durante três dias desta semana no jornal *Folha de S. Paulo* por dois turistas portugueses à procura de namoradas brasileiras mudou inteiramente a rotina tranqüila de seus autores e os lançou como personagens de episódios reservados normalmente a celebridades. Desde que os amigos Manoel Oliveira Pereira, 40 anos, e Francisco Ferreira Cassagne, 25 anos, recém-chegados ao Brasil, resolveram desembolsar os cerca de Cr$ 15.000,00 pelo anúncio, um exército de cerca de mil mulheres congestionou os telefones e inundou o endereço provisório dos portugueses — o Hotel Comodoro, tradicional quatro estrelas encravado no bairro de Campos Elísios.

Dois Portuguêses

Chegados há 3 dias no Brasil, solitários; um com 25 anos, outro com 40 anos, bem constituídos imigrantes, boa situação financeira: procuram mulatinhas, com casa própria p/ futuro aqui no Brasil, que tenham boa situação, não importa que tenha filhos. Resposta p/ Hotel Comodoro Apto 1.406 Av. Duque de Caxias Tel.. PBX (011)220.1211-S.Paulo.

O anúncio que atraiu centenas de brasileiras

"Nunca imaginei que isso poderia acontecer", espanta-se Pereira, um ex-boxeador peso-pesado, divorciado há dez anos, que trabalhava em Israel por US$ 2.500 por mês como montador de aparelhos de ar condicionado para automóveis. "O nosso PABX ficou totalmente congestionado", diz Izildo Batista, gerente do hotel.

Mais do que um simples anúncio sentimental, desses que os jornais publicam com freqüência, a proposta dos dois portugueses revestiu-se de ousadia. "Há três dias no Brasil, solitários, bem constituídos, imigrantes, boa situação financeira, procuram duas moças brasileiras, brancas, mestiças ou mulatinhas, com casa própria para futuro aqui no Brasil, que tenham boa situação. Não importa que tenham filhos", dizia o texto do anúncio publicado pela primeira vez na segunda-feira. A reação das pretendentes foi avassaladora — pelo menos 200 mulheres foram pessoalmente ao hotel, tumultuando o cotidiano dos funcionários. Diante de tanta procura, os dois autorizaram a gerência a não transferir mais nenhuma ligação. "Algumas pareciam muito solitárias", revela Francisco Cassagne, solteiro, ex-gerente, na cidade do Porto, de uma loja de automóveis.

"O anúncio foi também uma forma de conhecermos a cidade", diz Francisco. E o que poderia ser um divertimento passageiro, típico de um período de férias, transformou-se, para pelo menos um dos dois, numa aventura com pitadas de romantismo. Na tarde de quinta-feira, Manoel Pereira recebeu no hotel a carta comovida de uma pretendente. "Sou uma pessoa sozinha, sem compromisso, com um filho de seis anos. Às vezes sinto falta de companhia", dizia na carta da secretária C. L. O., solteira de 24 anos, de Itaquaquecetuba, a 35 quilômetros da capital.

O tom da carta bastou para convencer o português do real interesse da garota. Marcaram o primeiro encontro para a noite do mesmo dia na porta de uma agência bancária do centro de Itaquaquecetuba. Saíram enamorados da conversa e do jantar. Pouco mais tarde, já em seu quarto do Hotel Comodoro, o português Manoel Pereira comemorava ao lado da nova namorada rasgando a passagem aérea que o levaria na próxima semana de volta a Portugal. "Ela me pareceu uma pessoa muito séria", elogia ele. E faz planos de comprar um hotelzinho em São Paulo e casar com ela.

Francisco não tem ainda nenhuma conquista para comemorar, mas já possui uma lista de pretendentes, interessadas pelo seu anúncio, como a gerente de um motel com quem conversou pelo telefone. "Ela tinha uma voz muito meiga",suspira à espera do primeiro encontro. "Quem sabe eu também não fico por aqui", torce ele.

Em uma época em que milhares de brasileiros abandonam o país em busca de emprego e vida mais tranqüila em Portugal, a vinda dos dois foi uma aventura desde o início. Em férias na Espanha, encantaram-se há duas semanas com folhetos sobre as belezas naturais brasileiras. Com dólares suficientes no bolso para uma estadia confortável, deixaram o carro no estacionamento do aeroporto da cidade espanhola de Vigo e vieram. Surpreendidos pelo pacote econômico que fez desabar a cotação da moeda americana, perderam boa parte do poder aquisitivo — e de seu interesse pelo Brasil: "ficamos desanimados e já estávamos dispostos a ir embora", conta Pereira. "Foi quando eu tive a idéia do anúncio", diz, satisfeito com a reação feminina à sua idéia.

Bicheiro foragido comanda império em SP

Vasconcelo Quadros

SÃO PAULO — O mais poderoso banqueiro do jogo do bicho de São Paulo, Ivo Noal — dono de uma das maiores fortunas do estado —, com prisão preventiva decretada pela Justiça sob acusação de mandante de assassinato de outros integrantes da comunidade da contravenção, dribla a polícia há quase um ano e, ao que tudo indica, tem condições para continuar foragido pelo tempo que quiser. Noal tem em seu encalço dois setores da polícia paulista — a Divisão de Capturas e a Corregedoria da Polícia Civil —, e, mesmo assim, comanda pessoalmente uma estrutura que movimenta diariamente uma cifra em torno de Cr$ 40 milhões, o que equivale a 40% do total arrecadado pelos 10 mil cambistas que atuam na Grande São Paulo.

A situação do contraventor começou a se complicar no dia 23 de junho do ano passado, quando o juiz Cláudio dos Santos, da 1ª Vara do Tribunal do Júri da Zona Sul, decretou a primeira das três prisões preventivas que tiraram seu sossego. Dois ladrões, Gilberto Motta, o *Alemão*, e Newton Marques, o *Véio*, presos no início de 1989, durante tentativa de assalto a uma lanchonete no Guarujá — um sofisticado balneário na Baixada Santista —, delataram Noal como mandante de pelo menos três assassinatos: os dos bicheiros Basílio de Jesus Leandro, em 5 de novembro de 1986, Wilson Nanini, em 2 de setembro de 1987, e Adilson Ribeiro da Silva, em 9 de setembro de 1987.

Na polícia, os ladrões disseram que Noal teria determinado os assassinatos para *limpar* seu caminho no cobiçado mercado do jogo do bicho, argumentando que seus negócios estavam sendo ameaçados com o crescimento de pequenos e médios banqueiros. Na Justiça, entretanto, *Alemão* e *Véio* negaram a acusação e, a partir disso, dois mandados de prisão foram revogados, mas permanece em vigor o terceiro, relacionado à morte de Adilson Ribeiro da Silva.

O advogado do bicheiro, José Roberto Batochio, um dos mais famosos criminalistas paulistas, diz que foi armada contra seu cliente uma "grande trama", mas sustenta que Noal é inocente e não teria motivos para encomendar assassinatos. Apesar dessa convicção, o advogado prefere que o banqueiro espere como foragido uma decisão da Justiça sobre a revogação do último mandado de prisão, para então se apresentar e esclarecer toda a história.

Noal tem, entretanto, aguçado o interesse de alguns policiais, ciosos em capturá-lo. "Nós tivemos algumas pistas sobre os paradeiros dele, mas chegamos atrasados", diz o delegado Guilherme Santana Silva, chefe da Corregedoria da Polícia Civil, para quem a prisão de Noal é uma questão de honra para a cúpula da polícia. "O Ivo Noal é um assunto que temos grande interesse", acrescenta o delegado, lembrando que freqüentemente são veiculadas notícias de que o bicheiro alimenta com propina setores da Polícia Civil. "Ele precisa esclarecer isso e, na primeira oportunidade que tivermos, vamos pegá-lo", garante, preocupado também em identificar os policiais que estariam recebendo propina da contravenção.

Outro delegado, Marco Antônio Ribeiro de Campos, da Divisão de Capturas do Departamento Estadual e Investigações Criminais (Deic), a quem cabe a função de prender os procurados pela Justiça, também garante que comandou pessoalmente várias operações para encontrar Noal, mas não obteve sucesso porque a estrutura econômica e financeira do contraventor lhe permite uma grande mobilidade. O policial disse ter tido informações de que o banqueiro reforçou a segurança pessoal e acha que, num eventual encontro, dificilmente ele se entregaria sem resistência. "Se ele reagir, leva chumbo", avisa Ribeiro de Campos. Se não conseguir prender, a polícia pelo menos já conseguiu fazer algumas baixas na estrutura operacional do bicheiro. Pelo menos quatro *chalés* de apuração do jogo foram estourados nos últimos meses na Grande São Paulo. Além disso, a caçada sem tréguas tem deixado Noal acuado.

"Ele está apreensivo e não vê a hora de liquidar com essa situação. Ivo não deve nada e confia na Justiça. Por isso até agora não se apresentou", diz um dos assessores mais próximos do bicheiro. Apesar de acusado, nesse quase um ano de perseguição Noal não deixou São Paulo e, segundo seus colegas de contravenção, consegue administrar seus negócios driblando todas as tentativas da polícia em localizá-lo.

Além de controlar 40% do movimento do bicho na Grande São Paulo, Noal é dono de empresas e imóveis — a bela mansão onde mora sua família, numa nobre região do Morumbi, Zona Sul, uma imensa casa de campo que possui em Ilhabela, na Praia da Feiticeira, um cassino e um hotel na região de Lindóia, divisa entre São Paulo e Minas Gerais, vários apartamentos no Guarujá, terrenos e casas na Grande São Paulo, uma empresa de táxi aéreo no Campo de Marte, que opera com aviões e helicópteros, uma fazenda no Estado de Goiás, uma empresa de telecomunicações e negócios no Paraguai. O bicheiro teria acumulado também uma fortuna incalculável em ouro e dólares e mantém gordas contas bancárias e grandes somas em aplicações financeiras. Tudo isso, evidentemente, originário do jogo do bicho

O Castor de Andrade que não deu certo

O grande sonho do banqueiro do bicho Ivo Noal era penetrar nos restritos círculos da sociedade paulistana, influir como cartola dos clubes de futebol e, ainda, posar como patrocinador de escolas de samba. "Ele queria ser o Castor de Andrade paulista", diz um antigo amigo do bicheiro, referindo-se ao mais importante contraventor do Rio de Janeiro, que, apesar de sucessivas prisões, mantém um razoável *status* social para quem integra a comunidade da contravenção. Noal é um bicheiro rico — sua fortuna é incalculável —, mas amarga a frustração de ser tratado como simples criminoso, apesar de já ter tentado ser generoso com grandes clubes de futebol, escolas de samba e outras entidades.

Pai de seis filhos — três homens e três mulheres —, Ivo Noal tentou candidatar-se à presidência do Corintians no início da década de 80, época da chamada *Democracia Corintiana*, mas acabou sendo impedido pelo hoje deputado estadual Adilson Monteiro Alves (PMDB). Contudo, um dos filhos do contraventor, Ricardo, de 19 anos, é centroavante da equipe amadora do clube, mas até hoje não conseguiu chegar ao time profissional. Em 1986, Noal teve barrada pela Justiça Eleitoral sua pretenção de se candidatar a deputado estadual. Nesse período, ele chegou a financiar pequenas escolas de samba, mas isso não lhe deu projeção. O preconceito contra Noal começou cerca de 20 anos antes, quando ele teve de cumprir um ano de cadeia na Casa de Detenção paulista por roubo e contravenção.

Mesmo na cadeia, continuou administrando o jogo do bicho, mantendo-se entre os quatro banqueiros que dominavam o mercado. Em 1964, foi acusado de encomendar vários assassinatos, mas nada conseguiu ser provado e os inquéritos acabaram arquivados. A partir de então, conseguiu consolidar sua posição entre os grandes da contravenção acumulando a herança deixada pelo pai, o também bicheiro Luiz Noal, já falecido. Entre 1986 e 1987, exatamente quando se tornou o mais poderoso banqueiro, Noal voltou a ser apontado como suspeito do assassinato de outros bicheiros de porte médio. Essas acusações sempre foram rebatidas por ele que, na ocasião do assassinato de outro banqueiro, Walter Spinelli de Oliveira, o *Marechal*, morto no final de 1988, foi pessoalmente ao velório para demonstrar que não tinha nenhuma culpa. Num ambiente de tensão, ele atravessou sozinho o saguão da capela e, aparentemente desarmado, foi direto ao irmão da vítima, o Valteir Spinelli, herdeiro de *Marechal*, para garantir que não tinha nada a ver com o crime.

No início do ano passado, entretanto, Noal teve contra si o depoimento de um antigo companheiro de cela na Casa de Detenção, Newton Marques, o *Véio*, que o acusou de tê-lo contratado — junto com outro ladrão, Gilberto Motta, o *Alemão* — para assassinar médios banqueiros que estariam atrapalhando seus negócios. A vida do contraventor transformou-se então num inferno, com a decretação das prisões preventivas. Apesar de poderoso, transformou-se num foragido da Justiça e agora, mais do que antes, pode dar adeus ao sonho de ser um Castor de Andrade paulista. (*V.Q.*)

O Universo visto pelos telescópios

Getúlio Vilanova

Século 15 Luneta de Galileu Mostrou que os planetas são mundos como a Terra, que a Via Láctea é feita de estrelas e revelou as luas de Júpiter e os anéis de Saturno.

Século 18 Grandes telescópios Mostraram que o Universo é cheio de estruturas nebulosas em forma de espiral e revelaram a existência do planeta Urano.

Século 20 1930 Telescópios de 5 m Mostraram que as nebulosas espirais são galáxias como a Via Láctea e detectaram a expansão do Universo, o que levou à teoria do Big Bang.

1990 Telescópio Espacial Hubble Vai permitir a descoberta de outros sistemas solares, fotografando planetas em órbita de outras estrelas. Poderá fotografar Plutão.

2000 Supertelescópio Europeu Vai sondar os limites do espaço e do tempo e poderá observar a própria origem do Universo, captando luz que foi emitida há 15 bilhões de anos.

Geração de telescópios marca início de nova era astronômica

Lee Dye
Los Angeles Times

TUCSON, EUA — A década de 90 marca o início de uma nova era para a astronomia. Toda uma geração de telescópios está em fase final de desenvolvimento na Europa, nos Estados Unidos e na União Soviética. São máquinas poderosas como o telescópio espacial Hubble, que será colocado em órbita no próximo dia 12, capazes de produzir uma revolução em nossa concepção de Universo, só comparável à que resultou da primeira luneta de Galileu. Novas tecnologias e um grande interesse popular pela astronomia, nos países de Primeiro Mundo, uniram-se para tornar possível esse avanço repentino na arte de olhar o céu.

O que acontece nos Estados Unidos é um bom exemplo. Há alguns anos não havia verbas para novos telescópios e os astrônomos viam suas propostas serem rejeitadas pelas comissões de orçamento. O telescópio de 5 metros de largura no Observatório de Monte Palomar, na Califórnia, foi durante cinco décadas o maior do mundo. Simplesmente não havia tecnologia para construir um maior. Hoje as verbas continuam apertadas, mas a tecnologia já permite construir telescópios fantásticos a preços atraentes.

Paralelamente a astronomia tornou-se a ciência favorita do povo americano. "As pessoas gostam da astronomia porque conseguem entendê-la", comenta o astrônomo Wayne Van Citters, diretor do programa da desenvolvimento de telescópios da Fundação Nacional de Ciências. Apesar da decepção causada pelo cometa de Halley, em 1986, as revistas e os livros de astronomia popular inundam as livrarias. O americano médio conversa sobre quasares, buracos negros e galáxias com a tranquilidade com que discute esporte ou economia. Esse entusiasmo público influencia o governo e os políticos, que chegaram a aprovar um orçamento de 100 milhões de dólares para a Nasa procurar seres extraterrenos.

Megascópios — Os novos supertelescópios, já batizados de megascópios, poderão incentivar esse interesse com novas descobertas espetaculares. O mais badalado é o telescópio Hubble, que o ônibus espacial Discovery vai colocar em órbita. O Hubble poderá mostrar, pela primeira vez, como é a superfície do planeta Plutão e verificar se existem planetas em órbita de outras estrelas. Os soviéticos não ficam atrás e querem colocar em órbita um radiotelescópio. Trata-se de uma antena parabólica capaz de sondar a estrutura dos misteriosos quasares, os astros mais brilhantes do Universo e observar o que existe no centro de nossa galáxia.

Na superfície da Terra a tecnologia de construção de telescópios convencionais avançou tanto que já compete com os telescópios espaciais. No monte Mauna Kea, no Havai, o Instituto de Tecnologia da Califórnia termina a construção do telescópio Keck, de 10 metros de diâmetro. Construir um espelho côncavo de 10 metros de largura é um feito de engenharia que foi considerado impossível por muito tempo. Os projetistas do Keck usaram 36 espelhos, conjugados por computador, para criar o espelho gigante, capaz de concentrar a luz para ampliar a imagem de astros distantes.

Antes mesmo de ficar pronto, o Keck já está obsoleto. Engenheiros europeus criaram um novo tipo de espelho fino, que muda de forma sob controle de um computador, mantendo uma concavidade perfeita, imune às distorções causadas pelo peso e as mudanças de temperatura. Instalado num pequeno telescópio de 3,5 metros de diâmetro, no Observatório Europeu Austral, nos Andes chilenos, o novo tipo de espelho já fez uma descoberta surpreendente: ampliou um remoto ponto de luz, que os astrônomos acreditavam ser uma estrela comum, revelando uma complexa galáxia espiral. Um mini-universo cuja existência passara despercebida por décadas.

Instrumentos ainda mais avançados estão sendo projetados. Na Universidade de Tucson, no Arizona, foi criado um forno giratório que derrete o vidro e depois o faz esfriar e endurecer, já na forma de grandes espelhos para telescópios. Com esse novo forno será possível criar espelhos inteiriços, de oito metros de diâmetro, oticamente perfeitos. Com esses espelhos, os americanos querem construir dois telescópios gigantes em associação com os italianos. Montados lado a lado, os dois telescópios de oito metros funcionarão como binóculos gigantescos, produzindo uma ampliação equivalente à de um único telescópio de 11 metros de abertura.

Quando for inaugurado em 1996, o telescópio duplo será o maior do mundo, mas por pouco tempo. Um consórcio de oito países europeus quer construir um complexo de quatro telescópios de oito metros num pico dos Andes chilenos. Os quatro espelhos poderão funcionar separadamente ou juntos, produzindo uma ampliação equivalente a um espelho de 16 metros. Isto é mais de três vezes a potência do telescópio de Monte Palomar, na Califórnia, o maior dos Estados Unidos. Com esse telescópio, será possível detectar fenômenos que ocorreram durante a criação do Universo, há 15 bilhões de anos.

O telescópio espacial por dentro

Raios luminosos de objetos distantes
Antena de rádio
Porta
Espelho secundário
Espelho primário
Sensores de orientação (três)
Espelhos que desviam a luz para os sensores
Instrumentos científicos
Painéis solares

Da luneta de Galileo à antena parabólica

Fiquem na Terra ou no espaço, os telescópios podem ser de três tipos básicos: refratores, refletores e radiotelescópios. Os primeiros telescópios, como o usado por Galileo, eram refratores, popularmente conhecidos como lunetas. No telescópio refrator, a luz de um objeto distante é captada por uma lente colocada na ponta de um tubo. Essa lente concentra a luz num ponto dentro do telescópio, o foco, criando uma imagem ampliada do objeto. Essa imagem é observada através de uma outra lente, a ocular, colocada na parte traseira do tubo.

A desvantagem do refrator é que as lentes costumam separar a luz em suas cores constituintes, criando aberrações cromáticas. São bordas coloridas na beirada das imagens, que se observam nas lunetas de má qualidade. Um meio de corrigir essas distorções é construir tubos cada vez mais compridos, como as lunetas de 20 metros de comprimento construídas no século 18. Para acabar de vez com as aberrações cromáticas, Isaac Newton criou o telescópio refletor, que usa um espelho côncavo no lugar da lente.

No refletor é o espelho que capta a luz e a concentra no foco, criando uma imagem do objeto que é observada pela ocular. Além de não ter aberrações cromáticas, o espelho côncavo é mais barato e mais fácil de construir do que uma lente de grande tamanho. A invenção de Newton foi um sucesso tão grande que todos os telescópios modernos, incluindo o telescópio espacial que a Nasa vai lançar em abril, são refletores com espelhos no lugar de lentes.

Os radiotelescópios também são refletores, com a diferença de que captam as ondas de rádio e não a luz. O maior do mundo é o radiotelescópio de Arecibo, em Porto Rico, cuja estrutura básica é reproduzida em todos os outros radiotelescópios. No lugar de um espelho côncavo, temos uma antena parabólica em forma de pires, que capta as ondas de rádio e as concentra num ponto, o foco. Nesse foco é colocado um receptor de rádio, ligado a um computador, produzindo imagens dos astros a partir das ondas de rádio que eles emitem.

A velocidade finita da luz transforma os telescópios em máquinas de observar o passado. Quando os astrônomos apontam um telescópio para Alfa do Centauro, a estrela mais próxima da Terra, estão observando o astro como ele era há quatro anos e meio, porque a luz que emitiu levou esse tempo para alcançar a Terra. Do mesmo modo, uma galáxia a 180 milhões de anos-luz de distância revela o aspecto do Universo há 180 milhões de anos. É por isso que se diz que o supertelescópio europeu poderá observar a criação do Universo, já que seu alcance será de 15 bilhões de anos-luz, captando luz que foi emitida no momento em que o Universo se formava.

Fenômenos celestes inspiram artistas

Jorge Luiz Calife

O interesse popular pela astronomia é tão grande na América do Norte que até criou um tipo especial de arte, a arte astronômica. Pintores e ilustradores como David Hardy e Ron Miller especializaram-se em produzir concepções artísticas dos fenômenos descobertos no céu pelos astrônomos. Com óleos, acrílicos e aerógrafos, eles visualizam galáxias em colisão, pulsares, estrelas de nêutrons e paisagens planetárias. Cada detalhe, as cores, o formato e o tamanho que um astro teria, visto de um determinado ponto do espaço, são checados com os observatórios astronômicos.

O resultado vai parar nas capas das revistas especializadas, é vendido em galerias de arte e aparece reproduzido em belos álbuns de arte astronômica. São livros como Cycles of Fire , de Willian Hartman, e *Grand Tour*, de Ron Miller, nos quais a mais sofisticada arte da ilustração se une à divulgação científica. Além das pinturas, o leitor encontra descrições dos fenômenos representados. Pôsteres reproduzindo as últimas obras dos artistas mais famosos são anunciados nas revistas de astronomia popular.

Sky and Telescope e *Astronomy* são as revistas mensais de astronomia mais conhecidas nos EUA. Elas oferecem artigos onde as últimas descobertas são esmiuçadas em linguagem jornalística, trazem mapas do céu do mês, mostrando o que há para ver, e promovem concursos de fotografia astronômica. A maioria dos leitores dessas revistas não se contenta apenas em ver fotos e pinturas das maravilhas celestes. Eles compram pequenos telescópios e passam noites acordados fotografando cometas e galáxias. Companhias de turismo fornecem excursões especiais quando ocorrem fenômenos importantes, como a passagem de um grande cometa.

No Brasil, o alto preço, mesmo das menores lunetas, sempre dificultou a popularização da astronomia. Não há revistas especializadas no assunto e os livros de astronomia popular ficam praticamente concentrados numa única editora, a Francisco Alves, que tem em seu catálogo algumas obras do americano Carl Sagan e do brasileiro Ronaldo Rogério de Freitas Mourão. Na época da passagem do cometa de Halley, em 1986, houve uma enxurrada de livros sobre cometas, mas foi um fenômeno passageiro como os cometas.

Diretores ambientais têm novo espaço nas empresas

SÃO PAULO — Na esteira dos esforços pela preservação do meio ambiente, grandes empresas poderão acabar elegendo como responsáveis pela produção diretores mais familizarizados com a ecologia do que com a produtividade — os chamados diretores ambientais. A previsão otimista é do engenheiro João Baptista Galvão Filho, pós-graduado em Saúde Pública e Ocupacional, mestre em Ciências do Meio Ambiente (Universidade de Cincinnati, nos EUA) e ex-coordenador do programa de poluição para a Grande São Paulo e Cubatão, da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb).

Desligado da empresa estatal onde trabalhou 17 anos e criador, há dois anos, da firma Engenharia de Controle da Poluição Ltda (ECP), Galvão baseia sua expectativa no contato com clientes como o Pólo Petroquímico de Camaçari, Firpavi, Dedini e Ondalit, para as quais realizou serviços que vão da avaliação da qualidade do ar, estudos e relatórios de impacto ambiental a planos de controle de poluição.

"É impossível fazer o controle sem pessoal especializado. Não recomendo que ninguém faça sozinho", diz Peter Baines, diretor superintendente da Ondalit, empresa do setor químico instalada há 40 anos no município de Osasco, nos limites da Grande São Paulo. Duas vezes multada pela Cetesb por emissões de poluentes na fabricação asfalto e alcatrão e hostilizada pelos moradores dos bairros vizinhos, a Ondalit espera finalizar, ainda este mês, o terceiro e último estágio do projeto de controle da poluição, encomendado à ECP. "Mas já eliminamos 90% das emissões e há dois meses ninguém mais reclama", comemora Baines.

À previsão de que diretores ambientais passarão a gerenciar industrias, o engenheiro Galvão acrescenta a de que poderá ocorrer também uma mudança no tratamento dos resíduos. "Os países desenvolvidos já aprenderam que a solução para a disposição de resíduos industriais, muitas vezes extremamente perigosos, não pode ser o simples encaminhamento para aterros", diz.

Um dos exemplos citados por Galvão refere uma indústria de nylon localizada no estado do Texas, no sul dos Estados Unidos, em que, após a implementação de um programa de minimização de resíduos, não apenas foi reduzida em 50% a emissão de efluentes líquidos — cerca de 3 mil litros de solventes residuais não clorados por minuto — mas foi viabilizada a sua queima para geração de vapor usada como energia, em substituição ao óleo combustível, com uma economia de US$ 10 milhões ao ano.

Brasil ganha amplo projeto florestal

Cilene Pereira

SÃO PAULO — Uma equipe multidisciplinar envolvendo cientistas, ambientalistas e industriais do setor de papel deverá concluir até o final de abril um dos mais amplos e ambiciosos projetos de reflorestamento já idealizados para o país: o projeto Floram, um programa que, se aplicado nos moldes em que foi planejado, recobrirá com florestas típicas nada menos do que 201.480 quilômetros quadrados de território, equivalente a repovoar de árvores quase cinco estados do Rio de Janeiro.

Idealizado a partir de um sonho cultivado há anos pelo geógrafo Aziz Ab'Saber — um dos mais conceituados ambientalistas do país —, pelo engenheiro-químico Rodes Leopold, especialista em papel e celulose, e pelo engenheiro-sanitarista Werner Zulauf, presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), o Floram prevê o plantio de pelo menos 10 bilhões de árvores, num prazo de 20 a 30 anos.

Todo este arsenal, entretanto, está reservado apenas para algumas regiões do país. Estão excluídos do projeto a Amazônia, o Pantanal e o Nordeste, por apresentarem características físicas e ambientais diferenciadas do resto do Brasil. "A Amazônia não tem problema de reflorestamento, mas de preservação da riqueza biológica que a floresta contém", explica o engenheiro Rodes Leopold. No Pantanal, considerado um dos maiores santuários ecológicos do planeta, o raciocínio é praticamente o mesmo. "Não há o que reflorestar dentro do Pantanal", entende o geógrafo Ab'Saber. "O que devemos fazer é promover o florestamento das cabeceiras dos rios que banham a região, no Planalto Central", sugere.

O Nordeste, onde o índice pluviométrico chega a minguados 750 milímetros por ano, receberá, segundo o geógrafo, atenção especialíssima. As áreas desérticas do Sudeste do Rio Grande do Sul ganharam um projeto especial, anunciado pelo secretário especial de Meio Ambiente, José Litezenberger, e pelo governador Pedro Simon. A região vai se transformar num viveiro para produção de acácoa negra e eucalipto para produção de celulose.

Critérios — A seleção dos locais de reflorestamento nas áreas restantes submeteu-se a rigorosos critérios privilegiando a qualidade do solo, a proximidade dos centros industriais e o estado de degradação do meio ambiente. No planejamento dos responsáveis pelo Floram — uma equipe de 12 pessoas, entre pesquisadores e industriais —, o programa de reflorestamento deverá obedecer a necessidades ecológicas e industriais. "Se designarmos regiões específicas para plantio de árvores com fins industriais, a devastação em locais que deveriam ser preservados vai diminuir", raciocina Ab'Saber.

Seguindo estes objetivos, o projeto foi dividido em três grandes tipos de reflorestamento: o corretivo, que prevê a reconstrução da mata original, com especial atenção para as florestas de encosta e matas ciliares; o híbrido, onde poderiam conviver pacificamente a atividade industrial e a proteção do meio ambiente; e o tipicamente industrial, voltado totalmente à exploração da madeira aproveitando a baixa qualidade do solo.

Henrique Buffato

Dos 201 mil quilômetros quadrados selecionados, 28.900 (2,5%) ficaram reservados para o reflorestamento corretivo, concentrados no Extremo Sudeste do Rio Grande do Sul, onde a erosão transformou antigos campos em um deserto de dunas de areia. O reflorestamento misto recebeu 27.913 quilômetros quadrados (2,4%), espalhados principalmente na porção oriental do Mato Grosso do Sul, às bordas da floresta amazônica, e os planaltos ocidentais da Bahia e do Noroeste de Minas. Já as regiões determinadas para o aproveitamento industrial receberam 144.667 quilômetros quadrados (12,6%), localizados a oeste do Rio São Francisco, onde o solo não é bom para a agricultura, e também a oeste do Paraná e São Paulo, terras de baixa produtividade e muito próximas de grandes centros consumidores. Nestas áreas, no entanto, o plantio de eucaliptos para corte deverá ser combinado com o reflorestamento nas cabeceiras dos rios mais próximos.

No mapa desenhado por Ab'Saber não faltaram designações expressas de áreas consideradas *ecológicas*, como a faixa de pouco mais de 34 mil quilômetros quadrados que restou da Mata Atlântica, no litoral da região Sudeste. Também não foi esquecida a floresta de araucária no Sul, praticamente desaparecida. "Planejamos um programa de replantio ", conta Ab'Saber.

Árvore reduz risco do superaquecimento

Se forem respeitadas as metas do projeto Floram, os 10 bilhões de árvores do programa deverão consumir em seu processo de fotossíntese pelo menos mais 20% do gás carbônico lançado na atmosfera no país, contribuindo para a diminuição do temido efeito estufa — superaquecimento da temperatura do planeta provocado pelo aumento da emissão de gás carbônico, que atua como um paredão impedindo a dissipação do calor.

Além do meio ambiente, as indústrias também ganham nas previsões do programa. "As empresas interessadas conseguiriam matéria-prima disponível de maneira racionalizada", acredita o geógrafo Ab'Saber, de 66 anos, mais da metade deles dedicados à pesquisa sobre as características físicas e ambientais de praticamente todas as regiões do país. Cortando madeira sem destruir o meio ambiente, as indústrias ganhariam ainda uma valiosa imagem favorável junto à população.

Essas empresas, segundo o pesquisador, poderiam comprar as faixas de terra destinadas à produção industrial de madeira. "Elas também podem fazer uso do processo de indução, levando o proprietário do terreno a fazer o plantio e participar dos lucros", sugere o geógrafo.

TELE-RIO COLABORA COM O BRASIL NOVO

BAIXANDO OS PREÇOS.

GRADIENTE E TELEFUNKEN

CRÉDITO NA HORA ATÉ 3 MESES ENTRADA ZERO 1º PAGAMENTO 30 DIAS APÓS

TV. TELEFUNKEN
20-C 3250 - 51 cms. 20" VHF/UHF. Sintonia fina automática. Supressor automático de ruídos. Fonte estabilizadora. Ajuste permanente de cor. Memória eletrônica de sintonia. Filtro de contraste removível.

25.950,

EXPERT PLUS 24.200,
EXPERT DD PLUS 40.600,
MONITOR MBW 12 ..... 20.700,
JOYSTICK JS 1.100,

LINHA EXPERT PLUS - A INFORMÁTICA SIMPLIFICADA E ACESSÍVEL.

ATARI

VÍDEO GAME ATARI
SUAS EMOÇÕES AUMENTARÃO COM O ATARI
ACOMPANHA 2 JOYSTICS E 1 CARTUCHO.

5.750,

TARGET

SYSTEM DIGITAL DDS 99
CONTROLE REMOTO INFRAVERMELHO
Sintonia automática digital com 24 memórias AM/FM. Controle de volume eletrônico com tecla SOFT TOUCH, Duplo cassete deck com contínuos play e synchro dyp, Equalizador gráfico para 5 faixas de frequências, MIC-MIXING (KARAOKE), entrada AUX/CD para toca discos (Laser). Toca discos BELT DRIVE com braço auto return. 2 Caixas Acústicas BASS REFLEX, Estante Rack.

27.990,

STEREO MUSIC SYSTEM POLYVOX PS 300
Receiver AM/FM stereo com controle automático de frequência. Cassete deck auto stop com sistema ONE TOUCH RECORDING Um toque para gravar. Toca-discos Belt drive, 2 caixas acústicas BASS REFLEX com duto sintonizado por computador e entrada para microfone. "Design", o mais arrojado e atualizado do mercado.

12.750,

Conquest Turbo

REMOTO CONTROL DIGITAL SYSTEM 800 W
DS 88, CONTROLE REMOTO INFRAVERMELHO
Sintonia automática digital com sintetizador de frequências a quartz, 12 memórias AM/FM, módulo de potência PM-80. Duplo cassete deck com contínuos play, equalizador gráfico para 5 faixas de frequência, MIC-MIXING (KARAOKE). Entrada AUX/CD para Toca discos Laser com controle remoto, toca discos modular com braço retilíneo retorno automático, cápsula magnética e tapete de borracha, 2 Caixas Acústicas BT 150. Sistema BASS REFLEX de 3 vias com acabamento em figueira e estilo. Estante rack com prateleira regulável e porta de vidro e fecho magnético.

65.900,

IMPACT

STEREO VIDEO SYSTEM

IMPACT STEREO VÍDEO SYSTEM SV-21
Sistema áudio-vídeo formado por Vídeo-cassete estéreo SV-21 e caixas acústicas amplificadas SAS-30 90 PMPO de potência. Recepção de programas transmitidos em estéreo. Timer com programação para 6 eventos em 14 dias e backup para 10 dias de falta de energia. Tuner de 110 canais VHF/UFH. Controle remoto unificado para as funções do SV-21 e SAS-30.

41.000,

CDP - 380 RC - 420 RC

COMPACT DISC PLAYER CD
Toca discos digital (Laser) com memória programável para 15 músicas, FUNÇÃO REPEAT para todo o disco, função SEARCH que permite a busca de trechos da música em alta velocidade. Controle remoto total.

24.690,

VIDEO GAME PHANTOM SYSTEM
Vídeo game de última geração. Design moderno e arrojado. Alta definição de imagem e cor. Efeitos especiais de grande beleza e realismo. Acompanha 1 cartucho e 2 módulos de controle.

9.850,

meu primeiro gradiente

O BRINQUEDO IDEAL PARA AS CRIANÇAS
KARAOKÊ - AMPLIFICADOR DE VOZ. GRAVADOR.
É o primeiro aparelho de som exclusivo para as crianças. Fabricado com material atoxico, teclas coloridas para facilitar a identificação das funções. Alça anatômica, acompanha uma fita K7 GRÁTIS com os maiores sucessos que a criançada curte.

5.100,

Conquest Matrix

SYSTEM DIGITAL DS 66 135W
CONTROLE REMOTO INFRAVERMELHO
Sintonia automática digital com sintetizador de frequência, 12 memórias AM/FM estéreo, equalizador gráfico para 5 faixas de frequências, MIC-MIXING (karaokê), duplo cassete deck com contínuos play, entrada aux/cd, toca-discos Belt-Drive modular, 2 caixas acústicas BS 125 Bass-Reflex e 2 caixas acústicas compactas SMG 10, para efeito MATRIX SURROUND, estante rack.

47.790,—

Starlet

SYSTEM MS 5
Receiver AM/FM stereo, controles deslizante de graves, agudos e balanço, cassete deck com auto-Stop e ONE TOUCH RECORDING. Toca discos BELT DRIVE, entrada para microfone, 2 Caixas Acústicas e Estante Rack.

16.900,

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 7/4/90
ou enquanto durarem nossos estoques, após voltarão aos preços anteriores.

• CENTRO • CINELÂNDIA • COPACABANA • TIJUCA • MÉIER • CAMPO GRANDE • MADUREIRA • NOVA IGUAÇU • NITERÓI • ALCÂNTARA • PETRÓPOLIS • CAXIAS • BONSUCESSO • PENHA • DEPTº ATACADO RUA ENGº ARTUR MOURA, 268 - 2º ANDAR LOJA DO DEPÓSITO RUA ENGº ARTUR MOURA, 268 TÉRREO BONSUCESSO TELS. PBX 280-4112 CENTRO SUL. PBX 221-1212

O Universo visto pelos telescópios

Getúlio Vilanova

Século 15 Luneta de Galileu
Mostrou que os planetas são mundos como a Terra, que a Via Láctea é feita de estrelas e revelou as luas de Júpiter e os anéis de Saturno.

Século 18 Grandes telescópios
Mostraram que o Universo é cheio de estruturas nebulosas em forma de espiral e revelaram a existência do planeta Urano.

Século 20 1930 Telescópios de 5 m
Mostraram que as nebulosas espirais são galáxias como a Via Láctea e detectaram a expansão do Universo, o que levou à teoria do Big Bang.

1990 Telescópio Espacial Hubble
Vai permitir a descoberta de outros sistemas solares, fotografando planetas em órbita de outras estrelas. Poderá fotografar Plutão.

2000 Supertelescópio Europeu
Vai sondar os limites do espaço e do tempo e poderá observar a própria origem do Universo, captando luz que foi emitida há 15 bilhões de anos.

Geração de telescópios marca início de nova era astronômica

Lee Dye
Los Angeles Times

TUCSON, EUA — A década de 90 marca o início de uma nova era para a astronomia. Toda uma geração de telescópios está em fase final de desenvolvimento na Europa, nos Estados Unidos e na União Soviética. São máquinas poderosas como o telescópio espacial Hubble, que será colocado em órbita no próximo dia 12, capazes de produzir uma revolução em nossa concepção de Universo, só comparável à que resultou da primeira luneta de Galileu. Novas tecnologias e um grande interesse popular pela astronomia, nos países de Primeiro Mundo, uniram-se para tornar possível esse avanço repentino na arte de olhar o céu.

O que acontece nos Estados Unidos é um bom exemplo. Há alguns anos não havia verbas para novos telescópios e os astrônomos viam suas propostas serem rejeitadas pelas comissões de orçamento. O telescópio de 5 metros de largura no Observatório de Monte Palomar, na Califórnia, foi durante cinco décadas o maior do mundo. Simplesmente não havia tecnologia para construir um maior. Hoje as verbas continuam apertadas, mas a tecnologia já permite construir telescópios fantásticos a preços atraentes.

Paralelamente a astronomia tornou-se a ciência favorita do povo americano. "As pessoas gostam da astronomia porque conseguem entendê-la", comenta o astrônomo Wayne Van Citters, diretor do programa da desenvolvimento de telescópios da Fundação Nacional de Ciências. Apesar da decepção causada pelo cometa de Halley, em 1986, as revistas e os livros de astronomia popular inundam as livrarias. O americano médio conversa sobre quasares, buracos negros e galáxias com a tranquilidade com que discute esporte ou economia. Esse entusiasmo público influencia o governo e os políticos, que chegaram a aprovar um orçamento de 100 milhões de dólares para a Nasa procurar seres extraterrenos.

Megascópios — Os novos supertelescópios, já batizados de megascópios, poderão incentivar esse interesse com novas descobertas espetaculares. O mais badalado é o telescópio Hubble, que o ônibus espacial Discovery vai colocar em órbita. O Hubble poderá mostrar, pela primeira vez, como é a superfície do planeta Plutão e verificar se existem planetas em órbita de outras estrelas. Os soviéticos não ficam atrás e querem colocar em órbita um radiotelescópio. Trata-se de uma antena parabólica capaz de sondar a estrutura dos misteriosos quasares, os astros mais brilhantes do Universo e observar o que existe no centro de nossa galáxia.

Na superfície da Terra a tecnologia de construção de telescópios convencionais avançou tanto que já compete com os telescópios espaciais. No monte Mauna Kea, no Havai, o Instituto de Tecnologia da Califórnia termina a construção do telescópio Keck, de 10 metros de diâmetro. Construir um espelho côncavo de 10 metros de largura é um feito de engenharia que foi considerado impossível por muito tempo. Os projetistas do Keck usaram 36 espelhos, conjugados por computador, para criar o espelho gigante, capaz de concentrar a luz para ampliar a imagem de astros distantes.

Antes mesmo de ficar pronto, o Keck já está obsoleto. Engenheiros europeus criaram um novo tipo de espelho fino, que muda de forma sob controle de um computador, mantendo uma concavidade perfeita, imune às distorções causadas pelo peso e as mudanças de temperatura. Instalado num pequeno telescópio de 3,5 metros de diâmetro, no Observatório Europeu Austral, nos Andes chilenos, o novo tipo de espelho já fez uma descoberta surpreendente: ampliou um remoto ponto de luz, que os astrônomos acreditavam ser uma estrela comum, revelando uma complexa galáxia espiral. Um mini-universo cuja existência passara despercebida por décadas.

Instrumentos ainda mais avançados estão sendo projetados. Na Universidade de Tucson, no Arizona, foi criado um forno giratório que derrete o vidro e depois o faz esfriar e endurecer, já na forma de grandes espelhos para telescópios. Com esse novo forno será possível criar espelhos inteiriços, de oito metros de diâmetro, oticamente perfeitos. Com esses espelhos, os americanos querem construir dois telescópios gigantes em associação com os italianos. Montados lado a lado, os dois telescópios de oito metros funcionarão como binóculos gigantescos, produzindo uma ampliação equivalente à de um único telescópio de 11 metros de abertura.

Quando for inaugurado em 1996, o telescópio duplo será o maior do mundo, mas por pouco tempo. Um consórcio de oito países europeus quer construir um complexo de quatro telescópios de oito metros num pico dos Andes chilenos. Os quatro espelhos poderão funcionar separadamente ou juntos, produzindo uma ampliação equivalente a um espelho de 16 metros. Isto é mais de três vezes a potência do telescópio de Monte Palomar, na Califórnia, o maior dos Estados Unidos. Com esse telescópio, será possível detectar fenômenos que ocorreram durante a criação do Universo, há 15 bilhões de anos.

O telescópio espacial por dentro

Raios luminosos de objetos distantes
Antena de rádio
Porta
Espelho secundário
Espelho primário
Sensores de orientação (três)
Espelhos que desviam a luz para os sensores
Instrumentos científicos
Painéis solares

Da luneta de Galileo à antena parabólica

Fiquem na Terra ou no espaço, os telescópios podem ser de três tipos básicos: refratores, refletores e radiotelescópios. Os primeiros telescópios, como o usado por Galileo, eram refratores, popularmente conhecidos como lunetas. No telescópio refrator, a luz de um objeto distante é captada por uma lente colocada na ponta de um tubo. Essa lente concentra a luz num ponto dentro do telescópio, o foco, criando uma imagem ampliada do objeto. Essa imagem é observada através de uma outra lente, a ocular, colocada na parte traseira do tubo.

A desvantagem do refrator é que as lentes costumam separar a luz em suas cores constituintes, criando aberrações cromáticas. São bordas coloridas na beirada das imagens, que se observam nas lunetas de má qualidade. Um meio de corrigir essas distorções é construir tubos cada vez mais compridos, como as lunetas de 20 metros de comprimento contruídas no século 18. Para acabar de vez com as aberrações cromáticas, Isaac Newton criou o telescópio refletor, que usa um espelho côncavo no lugar da lente.

No refletor é o espelho que capta a luz e a concentra no foco, criando uma imagem do objeto que é observada pela ocular. Além de não ter aberrações cromáticas, o espelho côncavo é mais barato e mais fácil de construir do que uma lente de grande tamanho. A invenção de Newton foi um sucesso tão grande que todos os telescópios modernos, incluindo o telescópio espacial que a Nasa vai lançar em abril, são refletores com espelhos no lugar de lentes.

Os radiotelescópios também são refletores, com a diferença de que captam as ondas de rádio e não a luz. O maior do mundo é o radiotelescópio de Arecibo, em Porto Rico, cuja estrutura básica é reproduzida em todos os outros radiotelescópios. No lugar de um espelho côncavo, temos uma antena parabólica em forma de pires, que capta as ondas de rádio e as concentra num ponto, o foco. Nesse foco é colocado um receptor de rádio, ligado a um computador, produzindo imagens dos astros a partir das ondas de rádio que eles emitem.

A velocidade finita da luz transforma os telescópios em máquinas de observar o passado. Quando os astrônomos apontam um telescópio para Alfa do Centauro, a estrela mais próxima da Terra, estão observando o astro como ele era há quatro anos e meio, porque a luz que emitiu levou esse tempo para alcançar a Terra. Do mesmo modo, uma galáxia a 180 milhões de anos-luz de distância revela o aspecto do Universo há 180 milhões de anos. E por isso que se diz que o supertelescópio europeu poderá observar a criação do Universo, já que seu alcance será de 15 bilhões de anos-luz, captando luz que foi emitida no momento em que o Universo se formava.

Fenômenos celestes inspiram artistas

Jorge Luiz Calife

O interesse popular pela astronomia é tão grande na América do Norte que até criou um tipo especial de arte, a arte astronômica. Pintores e ilustradores como David Hardy e Ron Miller especializaram-se em produzir concepções artísticas dos fenômenos descobertos no céu pelos astrônomos. Com óleos, acrílicos e aerógrafos, eles visualizam galáxias em colisão, pulsares, estrelas de nêutrons e paisagens planetárias. Cada detalhe, as cores, o formato e o tamanho que um astro teria, visto de um determinado ponto do espaço, são checados com os observatórios astronômicos.

O resultado vai parar nas capas das revistas especializadas, é vendido em galerias de arte e aparece reproduzido em belos álbuns de arte astronômica. São livros como Cycles of Fire , de Willian Hartman, e *Grand Tour*, de Ron Miller, nos quais a mais sofisticada arte da ilustração se une à divulgação científica. Além das pinturas, o leitor encontra descrições dos fenômenos representados. Pôsteres reproduzindo as últimas obras dos artistas mais famosos são anunciados nas revistas de astronomia popular.

Sky and Telescope e *Astronomy* são as revistas mensais de astronomia mais conhecidas nos EUA. Elas oferecem artigos onde as últimas descobertas são esmiuçadas em linguagem jornalística, trazem mapas do céu do mês, mostrando o que há para ver, e promovem concursos de fotografia astronômica. A maioria dos leitores dessas revistas não se contenta apenas em ver fotos e pinturas das maravilhas celestes. Eles compram pequenos telescópios e passam noites acordados fotografando cometas e galáxias. Companhias de turismo fornecem excursões especiais quando ocorrem fenômenos importantes, como a passagem de um grande cometa.

No Brasil, o alto preço, mesmo das menores lunetas, sempre dificultou a popularização da astronomia. Não há revistas especializadas no assunto e os livros de astronomia popular ficam praticamente concentrados numa única editora, a Francisco Alves, que tem em seu catálogo algumas obras do americano Carl Sagan e do brasileiro Ronaldo Rogério de Freitas Mourão. Na época da passagem do cometa de Halley, em 1986, houve uma enxurrada de livros sobre cometas, mas foi um fenômeno passageiro como os cometas.

Diretores ambientais têm novo espaço nas empresas

SÃO PAULO — Na esteira dos esforços pela preservação do meio ambiente, grandes empresas poderão acabar elegendo como responsáveis pela produção diretores mais familiarizados com a ecologia do que com a produtividade — os chamados diretores ambientais. A previsão otimista é do engenheiro João Baptista Galvão Filho, pós-graduado em Saúde Pública e Ocupacional, mestre em Ciências do Meio Ambiente (Universidade de Cincinnati, nos EUA) e ex-coordenador do programa de poluição para a Grande São Paulo e Cubatão, da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb).

Desligado da empresa estatal onde trabalhou 17 anos e criador, há dois anos, da firma Engenharia de Controle da Poluição Ltda (ECP), Galvão baseia sua expectativa no contato com clientes como o Pólo Petroquímico de Camaçari, Firpavi, Dedini e Ondalit, para as quais realizou serviços que vão da avaliação da qualidade do ar, estudos e relatórios de impacto ambiental a planos de controle de poluição.

"É impossível fazer o controle sem pessoal especializado. Não recomendo que ninguém faça sozinho", diz Peter Baines, diretor superintendente da Ondalit, empresa do setor químico instalada há 40 anos no município de Osasco, nos limites da Grande São Paulo. Duas vezes multada pela Cetesb por emissões de poluentes na fabricação asfalto e alcatrão e hostilizada pelos moradores dos bairros vizinhos, a Ondalit espera finalizar, ainda este mês, o terceiro e último estágio do projeto de controle da poluição, encomendado à ECP. "Mas já eliminamos 90% das emissões e há dois meses ninguém mais reclama", comemora Baines.

A previsão de que diretores ambientais passarão a gerenciar indústrias, o engenheiro Galvão acrescenta a de que poderá ocorrer também uma mudança no tratamento dos resíduos. "Os países desenvolvidos já aprenderam que a solução para a disposição de resíduos industriais, muitas vezes extremamente perigosos, não pode ser o simples encaminhamento para aterros", diz.

Um dos exemplos citados por Galvão refere uma indústria de nylon localizada no estado do Texas, no sul dos Estados Unidos, em que, após a implementação de um programa de minimização de resíduos, não apenas foi reduzida em 50% a emissão de efluentes líquidos — cerca de 3 mil litros de solventes residuais não clorados por minuto — mas foi viabilizada a sua queima para geração de vapor usada como energia, em substituição ao óleo combustível, com uma economia de US$ 10 milhões ao ano.

Brasil ganha amplo projeto florestal

Cilene Pereira

SÃO PAULO — Uma equipe multidisciplinar envolvendo cientistas, ambientalistas e industriais do setor de papel deverá concluir até o final de abril um dos mais amplos e ambiciosos projetos de reflorestamento já idealizados para o país: o projeto Floram, um programa que, se aplicado nos moldes em que foi planejado, recobrirá com florestas típicas nada menos do que 201.480 quilômetros quadrados de território, equivalente a repovoar de árvores quase cinco estados do Rio de Janeiro.

Idealizado a partir de um sonho cultivado há anos pelo geógrafo Aziz Ab'Saber — um dos mais conceituados ambientalistas do país —, pelo engenheiro-químico Rodes Leopold, especialista em papel e celulose, e pelo engenheiro-sanitarista Werner Zulauf, presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), o Floram prevê o plantio de pelo menos 10 bilhões de árvores, num prazo de 20 a 30 anos.

Todo este arsenal, entretanto, está reservado apenas para algumas regiões do país. Estão excluídos do projeto a Amazônia, o Pantanal e o Nordeste, por apresentarem características físicas e ambientais diferenciadas do resto do Brasil. "A Amazônia não tem problema de reflorestamento, mas de preservação da riqueza biológica que a floresta contém", explica o engenheiro Rodes Leopold. No Pantanal, considerado um dos maiores santuários ecológicos do planeta, o raciocínio é praticamente o mesmo. "Não há o que reflorestar dentro do Pantanal", entende o geógrafo Ab'Saber. "O que devemos fazer é promover o florestamento das cabeceiras dos rios que banham a região, no Planalto Central", sugere.

O Nordeste, onde o índice pluviométrico chega a minguados 750 milímetros por ano, receberá, segundo o geógrafo, atenção especialíssima. As áreas desérticas do Sudeste do Rio Grande do Sul ganharam um projeto especial, anunciado pelo secretário especial de Meio Ambiente, José Litezenberger, e pelo governador Pedro Simon. A região vai se transformar num viveiro para produção de acácoa negra e eucalipto para produção de celulose.

Critérios — A seleção dos locais de reflorestamento nas áreas restantes submeteu-se a rigorosos critérios privilegiando a qualidade do solo, a proximidade dos centros industriais e o estado de degradação do meio ambiente. No planejamento dos responsáveis pelo Floram — uma equipe de 12 pessoas, entre pesquisadores e industriais —, o programa de reflorestamento deverá obedecer a necessidades ecológicas e industriais. "Se designarmos regiões específicas para plantio de árvores com fins industriais, a devastação em locais que deveriam ser preservados vai diminuir", raciocina Ab'Saber.

Seguindo estes objetivos, o projeto foi dividido em três grandes tipos de reflorestamento: o corretivo, que prevê a reconstrução da mata original, com especial atenção para as florestas de encosta e matas ciliares; o híbrido, onde poderiam conviver pacificamente a atividade industrial e a proteção do meio ambiente; e o tipicamente industrial, voltado totalmente à exploração da madeira aproveitando a baixa qualidade do solo.

Dos 201 mil quilômetros quadrados selecionados, 28.900 (2,5%) ficaram reservados para o reflorestamento corretivo, concentrados no Extremo Sudeste do Rio Grande do Sul, onde a erosão transformou antigos campos em um deserto de dunas de areia. O reflorestamento misto recebeu 27.913 quilômetros quadrados (2,4%), espalhados principalmente na porção oriental do Mato Grosso do Sul, às bordas da floresta amazônica, e os planaltos ocidentais da Bahia e do Noroeste de Minas. Já as regiões determinadas para o aproveitamento industrial receberam 144.667 quilômetros quadrados (12,6%), localizados a oeste do Rio São Francisco, onde o solo não é bom para a agricultura, e também a oeste do Paraná e São Paulo, terras de baixa produtividade e muito próximas de grandes centros consumidores. Nestas áreas, no entanto, o plantio de eucaliptos para corte deverá ser combinado com o reflorestamento nas cabeceiras dos rios mais próximos.

No mapa desenhado por Ab'Saber não faltaram designações expressas de áreas consideradas *ecológicas*, como a faixa de pouco mais de 34 mil quilômetros quadrados que restou da Mata Atlântica, no litoral da região Sudeste. Também não foi esquecida a floresta de araucária no Sul, praticamente desaparecida. "Planejamos um programa de replantio", conta Ab'Saber.

Árvore reduz risco do superaquecimento

Se forem respeitadas as metas do projeto Floram, os 10 bilhões de árvores do programa deverão consumir em seu processo de fotossíntese pelo menos mais 20% do gás carbônico lançado na atmosfera no país, contribuindo para a diminuição do temido efeito estufa — superaquecimento da temperatura do planeta provocado pelo aumento da emissão de gás carbônico, que atua como um parede impedindo a dissipação do calor.

Além do meio ambiente, as indústrias também ganham nas previsões do programa. "As empresas interessadas conseguiriam matéria-prima disponível de maneira racionalizada", acredita o geógrafo Ab'Saber, de 66 anos, mais da metade deles dedicados à pesquisa sobre as características físicas e ambientais de praticamente todas as regiões do país. Cortando madeira sem destruir o meio ambiente, as indústrias ganhariam ainda uma valiosa imagem favorável junto à população.

Essas empresas, segundo o pesquisador, poderiam comprar as faixas de terra destinadas à produção industrial de madeira. "Elas também podem fazer uso do processo de indução, levando o proprietário do terreno a fazer o plantio e participar dos lucros", sugere o geógrafo.

TELE-RIO COLABORA COM O BRASIL NOVO BAIXANDO OS PREÇOS.

GRADIENTE E TELEFUNKEN

CRÉDITO NA HORA ATÉ 3 MESES ENTRADA ZERO 1º PAGAMENTO 30 DIAS APÓS

TV. TELEFUNKEN
20-C 3250 - 51 cms. 20" VHF/UHF. Sintonia fina automática. Supressor automático de ruídos. Fonte estabilizadora. Ajuste permanente de cor. Memória eletrônica de sintonia. Filtro de contraste removível.

25.950,

EXPERT PLUS 24.200,
EXPERT DD PLUS 40.600,
MONITOR MBW 12 ..... 20.700,
JOYSTICK JS 1.100,

LINHA EXPERT PLUS - A INFORMÁTICA SIMPLIFICADA E ACESSÍVEL.

VÍDEO GAME ATARI
SUAS EMOÇÕES AUMENTARÃO COM O ATARI
ACOMPANHA 2 JOYSTICS E 1 CARTUCHO.

5.750,

SYSTEM DIGITAL DDS 99
CONTROLE REMOTO INFRAVERMELHO
Sintonia automática digital com 24 memorias AM/FM. Controle de volume eletrônico com tecla SOFT TOUCH, Duplo cassete deck com continuos play e synchro dyp, Equalizador grafico para 5 faixas de frequências, MIC-MIXING (KARAOKE), entrada AUX/CD para toca discos (Laser), Toca discos BELT DRIVE com braço auto return. 2 Caixas Acusticas BASS REFLEX, Estante Rack.

27.990,

STEREO MUSIC SYSTEM POLYVOX PS 300
Receiver AM/FM stereo com controle automático de frequência. Cassete deck auto stop com sistema ONE TOUCH RECORDING Um toque para gravar. Toca-discos Belt drive, 2 caixas acústicas BASS REFLEX com duto sintonizado por computador e entrada para microfone. "Design", o mais arrojado e atualizado do mercado.

12.750,

REMOTO CONTROL DIGITAL SYSTEM 800 W
DS 88. CONTROLE REMOTO INFRAVERMELHO
Sintonia automática digital com sintetizador de frequências a quartz, 12 memorias AM/FM, modulo de potência PM-80. Duplo cassete deck com continuos play, equalizador gráfico para 5 faixas de frequência, MIC-MIXING (KARAOKE). Entrada AUX/CD para Toca discos Laser com controle remoto, toca discos modular com braço retilineo retorno automático, capsula magnética e tapete de borracha, 2 Caixas Acusticas BT 150. Sistema BASS REFLEX de 3 vias com acabamento em figueira e estilo. Estante rack com prateleira regulavel e porta de vidro e fecho magnético.

65.900,

IMPACT STEREO VÍDEO SYSTEM SV-21
Sistema áudio-vídeo formado por Vídeo-cassete estéreo SV-21 e caixas acústicas amplificadas SAS-30 90 PMPO de potência. Recepção de programas transmitidos em estereo. Timer com programação para 6 eventos em 14 dias e backup para 10 dias de falta de energia. Tuner de 110 canais VHF/UFH. Controle remoto unificado para as funções do SV-21 e SAS-30.

41.000,

COMPACT DISC PLAYER CD
Toca discos digital (Laser) com memoria programavel para 15 músicas, FUNÇÃO REPEAT para todo o disco, função SEARCH que permite a busca de trechos da musica em alta velocidade. Controle remoto total.

24.690,

VIDEO GAME PHANTOM SYSTEM
Vídeo game de última geração. Design moderno e arrojado. Alta definição de imagem e cor. Efeitos especiais de grande beleza e realismo. Acompanha 1 cartucho e 2 modulos de controle.

9.850,

O BRINQUEDO IDEAL PARA AS CRIANÇAS
KARAOKÊ - AMPLIFICADOR DE VOZ. GRAVADOR.
É o primeiro aparelho de som exclusivo para as crianças. Fabricado com material atoxico, teclas coloridas para facilitar a identificação das funções. Alça anatômica, acompanha uma fita K7 GRATIS com os maiores sucessos que a criançada curte.

5.100,

SYSTEM DIGITAL DS 66 135W
CONTROLE REMOTO INFRAVERMELHO
Sintonia automática digital com sintetizador de frequência, 12 memorias AM/FM estereo, equalizador gráfico para 5 faixas de frequências, MIC-MIXING (karaokê), duplo cassete deck com continuos play, entrada aux/cd, toca-discos Belt-Drive modular, 2 caixas acusticas BS 125 Bass Reflex e 2 caixas acusticas compactas SMG 10, para efeito MATRIX SURROUND, estante rack.

47.790,—

SYSTEM MS 5
Receiver AM/FM stereo, controles deslizante de graves, agudos e balanço, cassete deck com auto-Stop e ONE TOUCH RECORDING. Toca discos BELT DRIVE, entrada para microfone, 2 Caixas Acusticas e Estante Rack.

16.900,

gradiente PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS — CONHEÇA O AMAZONAS

TELEFUNKEN

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 7/4/90
ou enquanto durarem nossos estoques, após voltarão aos preços anteriores.

• CENTRO • CINELÂNDIA • COPACABANA • TIJUCA • MÉIER • CAMPO GRANDE • MADUREIRA • NOVA IGUAÇU • NITERÓI • ALCÂNTARA • PETRÓPOLIS • CAXIAS • BONSUCESSO • PENHA • DEPTº ATACADO RUA ENGº ARTUR MOURA, 268 - 2º ANDAR LOJA DO DEPÓSITO RUA ENGº ARTUR MOURA, 268 TÉRREO BONSUCESSO TELS PBX 280-4112 CENTRO SUL PBX 221-1212

Ministro manda importar vacina contra a meningite

O ministro da Saúde, Alceni Guerra, anunciou ontem no Rio que vai autorizar amanhã a importação de 6 milhões de doses da vacina cubana contra meningite meningocócica para distribuição no estado do Rio. A vacina já está à disposição em Cuba, mas não foi enviada por entraves burocráticos, que Alceni espera resolver depois de liberar a importação. Após vistoriar o Hospital do Inamps do Andaraí, que considerou caótico, e a Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), em Manguinhos, o ministro se reuniu com os secretários de Saúde do município, Pedro Valente, e do estado, Maria Manuela Pinto, a quem garantiu que a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) vai começar pelo Rio.

A decisão do ministro de autorizar a importação da vacina contra meningite foi uma surpresa. O acordo feito com Havana, ainda no governo Sarney, foi de trocar 7 milhões de doses da vacina — 1 milhão ainda não foi produzido — por frangos congelados, farelo de milho e ônibus. Ocorre que o governo brasileiro não tem dinheiro para comprar esses produtos e efetuar a inusitada troca. O impasse aumentou com a extinção da Interbrás, empresa estatal responsável pela operação. Numa atitude ousada, Alceni resolveu autorizar a entrega das vacinas e deixar que a burocracia seja resolvida depois.

As vacinas ficarão estocadas na Fiocruz até que seja feita a distribuição pelo estado. A coordenadora estadual de Saúde Coletiva, Diana Maul, acredita que dois meses após o recebimento do medicamento será possível iniciar a vacinação, feita em duas etapas. Serão beneficiadas as crianças de 6 meses a 10 anos da capital e mais sete cidades do Grande Rio. "Não há comprovação de que a vacina cubana realmente imunize as crianças, por isso vamos acompanhar os resultados para avaliar sua eficácia", disse ela. A vacina cubana é a única no mundo destinada ao combate à meningite meningocócica de tipo B, a mais grave. Em 1989, houve 617 casos de meningite no estado.

Verbas — Pedro Valente informou que, em reunião que teve com o ministro e o ex-secretário de Saúde do estado, José Noronha, na quarta-feira passada, em Brasília, Alceni assinou a liberação de Cr$ 2,2 bilhões do SUS para serem repassados ao estado do Rio. A capital deverá ficar com cerca de 60% desse montante, referente ao primeiro trimestre do ano. No encontro de ontem, realizado no antigo escritório regional do Inamps, no Centro, decidiu-se criar comissão para planejar a aplicação do SUS no município. Dois representantes de cada nível de governo serão indicados terça-feira, e terão 30 dias para elaborar o estudo.

A prioridade para o Rio na implementação do SUS foi comunicada a Valente e Noronha em Brasília, embora só agora divulgada. Alceni Guerra disse que pretende agilizar a criação do SUS "a toque de caixa". O Sistema Único de Saúde vai transferir aos estados e municípios a maior parte da rede de atendimento médico, e também das verbas federais para o setor. O SUS, criado pela Constituição federal, é a maior reivindicação dos profissionais de saúde do estado e do município, que estão em greve exigindo isonomia salarial com os funcionários do Inamps, que deverá ser obtida com a unificação do sistema. Em assembléia marcada para quinta-feira, os grevistas vão decidir se voltam ao trabalho.

João Cerqueira

Alceni Guerra: chocado com o caos do Hospital do Andaraí

Número de casos no Rio aumenta

De acordo com a Coordenação de Vigilância Sanitária da Secretaria estadual de Saúde, a campanha de vacinação contra a meningite deveria ter sido realizada no ano passado, pois, a partir de 1986, o número de casos da doença aumentou muito, sobretudo no Rio de Janeiro e nos municípios da Baixada Fluminense e Região Serrana.

A partir do segundo semestre do ano passado, a incidência da doença no estado do Rio se tornou preocupante, segundo a Secretaria de Saúde. Enquanto em 1988 ocorreram 270 casos na capital e 227 no interior, em 89 foram registrados 290 casos na capital e 327 no interior. A meningite meningocócica, que é contagiosa, representa 30% dos casos e sua taxa de mortalidade é de 15%.

No entanto, com a extinção da Interbrás, os 4 milhões de doses da vacina cubana contra a meningite B e C ficaram retidos em Havana e, assim, deixaram de ser imunizadas todas as crianças entre 6 meses e 10 anos, nos locais de maior incidência da doença no estado. Ao contrário da epidemia de 1974, quando o principal vírus encontrado foi o menigococo tipo A, agora a incidência maior é dos tipos B (80%) e C (20%). O produto cubano é o único no mundo destinado ao tipo B.

Visita de surpresa ao Hospital do Andaraí

O ministro Alceni Guerra imprimiu em sua passagem pelo Rio o mesmo estilo jovial do presidente Fernando Collor. Caminhando rápido, deixava assessores e imprensa para trás. Toda a programação foi cumprida durante a manhã, com o tempo cronometrado. "Estou no horário?", indagou a um assessor, no elevador que o levava para a reunião com os secretários de Saúde do município e do estado. Encontro que, por sinal, ele quase abriu sem a secretária estadual, Manuela Pinto, que se atrasou 35 minutos. No vocabulário do ministro, eficiência era a palavra-chave.

A incursão de surpresa pelo Hospital do Andaraí revelou ao ministro algumas mazelas da rede hospitalar pública. Dos 12 médicos da emergência, só oito compareceram ao trabalho. Não havia um neurocirurgião sequer. Após breve movimentação pelos corredores, Alceni se dirigiu para a Fiocruz, onde fez o diagnóstico final: "A Fundação me impressionou", disse ele, referindo-se ao Hospital Evandro Chagas, administrado pela Fiocruz. "Os pacientes estão satisfeitos, o pessoal de enfermagem motivado, as instalações limpas, ao contrário do Hospital do Andaraí, que é um caos". Alceni aproveitou a deixa para obter do secretário de Saúde do município, Pedro Valente, a promessa de reexaminar a determinação da Prefeitura para que 2.165 médicos e auxiliares emprestados ao Inamps retornem ao município até o final de abril.

O ministro se surpreendeu com a tranqüilidade na Fiocruz, onde esperava encontrar uma assembléia de funcionários. "Recebi ontem (sexta-feira) um telex da associação de funcionários dizendo que estavam em assembléia permanente". A preocupação dos 3 mil profissionais da fundação é o possível fechamento de unidades, que seriam transferidas para Brasília, além do afastamento da direção, como ocorreu em todas as outras fundações vinculadas ao Ministério da Saúde. "Esse desmembramento da fundação é boato. O que fizemos foi nomear uma comissão do mais alto nível para fazer o reconhecimento de todo o sistema", justificou.

Moreira cumprirá o mandato

Governador não será candidato a deputado federal

Gisele Vitória

Após aguçar a expectativa de companheiros políticos e auxiliares da administração estadual, o governador Moreira Franco decidiu que completará os quatro anos de gestão, afastando a hipótese de deixar o cargo amanhã — prazo final imposto pela Constituição — para lançar-se candidato a deputado federal. Na tentativa de resgatar sua imagem política, desgastada junto à opinião pública — a ponto de estar, por dois meses, em maratona diária de inaugurações de obras pequenas e médias em todo o estado —, Moreira iniciou prestação de contas do governo em ritmo de campanha eleitoral.

"Não fui eleito para dar prioridade à ação política, para ser presidente da República. Sou político e me orgulho disso. Mas fui eleito para ser governador, briguei para sê-lo porque acredito que o estado do Rio precisa voltar a crescer", argumentou o governador. Embora alguns membros do diretório regional do PMDB defendessem a saída de Moreira para facilitar a costura de alianças políticas com o PFL e o PTB, para o governador sua permanência no governo é importante do ponto de vista político e partidário.

"Acredito que posso ajudar mais meu partido ficando no governo, concluindo alguns objetivos administrativos. Fui eleito para cumprir um mandato", disse. Outra razão da permanência diz respeito ao Plano Collor: "Creio que vamos viver tempos difíceis decorrentes do programa econômico do governo federal e eu me sinto na obrigação de estar aqui, à frente do estado."

O governador espera poder cumprir, no último ano do mandato, as promessas assumidas durante a campanha de 1986, apesar de reconhecer a existência de obstáculos. E, para explicar o lento avanço nos últimos três anos de projetos como a expansão do metrô e a instalação do pólo petroquímico — este, já em fase final —, citou dificuldades externas: a Lei 1.469 (que congela empréstimos a estados e municípios junto ao governo federal), que inviabilizou o financiamento do metrô pelo BNDES, e as brigas com o ex-ministro Roberto Cardoso Alves, que atrasaram o processo de instalação do pólo.

Moreira enumerou obras como a construção de 2.000 quilômetros de tubulação de água e esgoto na Baixada Fluminense e o aumento de 465 milhões de metros cúbicos na produção de água. Citou a ampliação de 76 mil hectares da estrutura de irrigação no estado, contra 71 mil hectares encontrados quando assumiu o governo do estado, e garantiu que foram criados 2.200 leitos na rede hospitalar. O governador disse ainda que assumirá o compromisso de garantir à rede pública de educação do estado o melhor ensino de Português e Matemática do país, embora reconheça que sejam muito baixos os salários dos professores estaduais. Mas observou que os professores de São Paulo, assim como de outros estados, ganham menos.

No último ano de sua gestão, o governador vai utilizar como trunfo, para recuperar a imagem que o elegeu pela Aliança Democrática em 1986, os dados comparativos, levantados por suas secretarias, dos investimentos feitos no estado em seu governo e no governo Leonel Brizola. "Não há governo que tenha um acervo de realizações maior que o meu, em três anos", garante. "A comparação com o governo Brizola mostrará", acrescentou.

Para o governador, a imagem que vem transmitindo não tem sido absorvida pela população porque a prestação de contas só começou este ano. "Estava preocupado em fazer, e não em mostrar o que estava fazendo. Agora estou prestando contas, mostrando os números", explicou. "Isso aconteceu também em Niterói, onde fui prefeito. As pessoas só perceberam o volume de realizações no fim do mandato", assegurou.

Amaral não queria governo

Vice se aflige com indefinição

Em conseqüência da indefinição do governador Moreira Franco em deixar ou não o governo até o fim da semana, o vice-governador Francisco Amaral esteve sem saber se poderia se lançar candidato a deputado federal, como é sua vontade, ou se teria de assumir o governo do estado. Com o anúncio da permanência do governador no cargo, Amaral vai se candidatar, mas não precisa se desincompatibilizar — a Constituição não o exige para vice-governadores, pois se trata de "expectativa de cargo".

Um único problema o afetará: durante a campanha eleitoral, todas as vezes que o governador viajar para o exterior, Amaral terá de sair do país também, pois assumir o governo na ausência de Moreira fere a Constituição. Amanhã, quando Moreira viajar para Barcelona, Amaral não poderá assumir, se quiser sair candidato e terá que se ausentar do país também. Pela lei, assume o presidente da Assembléia Legislativa, Gilberto Rodriguez.

Adriana Lorete

Na festa de inauguração do Centro, as crianças leram livros pendurados nas árvores

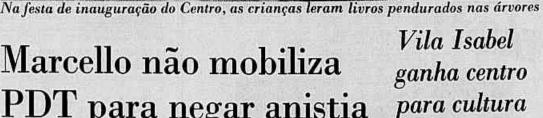
Marcello não mobiliza PDT para negar anistia

O prefeito Marcello Alencar saiu arranhado no episódio de votação do requerimento que julga inconstitucional o artigo 70 da Lei Orgânica, que concede ampla anistia fiscal aos devedores dos últimos 5 anos, aprovado na madrugada de sexta-feira. O requerimento deveria ser votado ontem, mas, até às 18h, não havia quorum suficiente para a votação. Marcello foi acusado por Regina Gordilho (PDT) de não ter se empenhado para persuadir os vereadores de seu partido a comparecerem para votar contra a medida. Os vereadores de oposição afirmam que a anistia jogará novamente a Prefeitura na falência. Dos 9 vereadores da bancada do PDT, apenas 5 compareceram: Tito Ryff, Fernando William, Maurício Azedo, Mário Dias e Regina Gordilho.

A sessão de ontem, para a votação da Lei Orgânica, prevista para começar às 14h, só pôde ser aberta às 15h15 por Francisco Milani (PCB), com apenas 19 vereadores presentes. Antes da sessão, o vereador Chico Alencar (PT) comentou que a responsabilidade pela aprovação do artigo 70, de autoria de Beto Gama (PS), é dos partidos que compõem o *Centrão* (PL, PMDB, PTR, PFL, PS, PTB, Pasart) e, especialmente, do PDT, porque foi sua bancada que decidiu a votação. "Alguns votaram pela anistia, enquanto outros sumiram", descreveu o vereador do PT, argumentando: "Cabia ao prefeito sensibilizar os seus parlamentares para evitar uma nova falência no município".

Até as 15h, o vereador Tito Ryff não perdia a esperança de ver em plenário Túlio Simões (PFL), Américo Camargo (PL), e principalmente Jorge Filipe, líder de sua bancada. Ryff fez um apelo irônico à imprensa: "Estamos tentando trazer a plenário o nosso líder. Pedimos por favor a quem tiver notícias de seu paradeiro que informe ao prefeito ou a esta bancada". Tito Ryff contou que Marcello Alencar estava empenhado em conseguir votos para o requerimento junto à bancada, mas também não conseguiu encontrar o líder Jorge Filipe. O presidente da Câmara, Roberto Cid (sem partido), definitivamente não era esperado. Sua expulsão administrativa do PDT foi decidida em dezembro, quando ele teria prazo para recorrer e não o fez.

A maior parte dos vereadores presentes à sessão de ontem estava interessada em apontar a inconstitucionalidade do artigo 70 e votar pela aprovação do requerimento. Os ausentes, do *Centrão*, foram considerados por Chico Alencar em seu discurso como "boas-vidas".

Vila Isabel ganha centro para cultura

Começou a funcionar no Colégio Estadual João Alfredo, em Vila Isabel (Zona Norte do Rio), o Centro Cultural Noel Rosa, que tentará suprir a ausência de teatros, cinemas e espaços culturais no bairro. A festa de inauguração, ontem, teve oficinas de arte infantil, sessão de leitura, show de música e a pintura do muro da escola por artistas plásticos.

No prédio da escola, que abriga boa parte da história do bairro — era uma fazenda de café do século 18 — vão funcionar ursos de teatro, dança e música. No ginásio, serão realizados os shows de música e dança. "Queremos transformar o Centro em um espaço para o surgimento de novos talentos", explicou um dos coordenadores das atividades, Silamir Santos, que pretende reunir gente de todas as gerações.

O produtor teatral Jorge Dias, um dos idealizadores do Centro, espera contar em breve com o apoio do comércio do bairro. "Nossa preocupação é atrair as pessoas do bairro a partir dos alunos da escola", explicou Dias. A atriz Ana Rosa começou um curso de interpretação e corpo com alunos do grupo de teatro do segundo grau da escola, que recebem, ainda, noções de cenografia, maquilagem e história do teatro.

Na festa de inauguração, as crianças puderam ler os livros pendurados nos galhos das árvores do colégio, pintar e desenhar orientados pelos animadores do Centro e participar de jogos com material improvisado.

Entidades vão à Justiça contra detenção de crianças

Tim Lopes

"Moço, é verdade que a polícia vai prender a gente? A polícia vai botar a gente no camburão? A gente não faz nada, a gente só quer matar a fome." A menina de 10 anos, de bermudinha rota, camiseta encardida e pés descalços, faz uma pergunta atrás da outra. Esquece de vender as balas, no sinal da Rua Miguel Lemos com Barata Ribeiro, em Copacabana, ao entardecer da quinta-feira. O sinal abre, o carro arranca e olhar assustado da menina fica distante.

A portaria do juiz de menores, Liborne Siqueira, que determina o recolhimento, a partir de amanhã, de "menores que forem encontrados em estado de abandono e marginalização", está causando medo e muita apreensão entre as crianças que vivem nas ruas, dormem embaixo das marquises, muitas vezes aquecidas pelos respiradouros do metrô.

Por considerarem a medida inconstitucional, 25 entidades ligadas à criança e ao adolescente encaminharam mandado de segurança coletivo ao Conselho de Magistratura do Tribunal de Justiça, contra a portaria. De acordo com as entidades, a decisão do juiz Liborne Siqueira vai de encontro ao Artigo 227 da Constituição Federal, pois é medida privativa de liberdade e, portanto, só pode ser adotada com garantias constitucionais e cuidados especiais para não ferir direitos.

A notícia de que a polícia começa a recolher as crianças já neste fim de semana levou integrantes e voluntários de entidades não-oficiais a promoverem vigília na Cinelândia, que começou sexta-feira. Advogados dessas entidades entrarão com habeas-corpus toda vez que uma criança for detida.

Os protestos contra a medida começaram quinta-feira na Assembléia Legislativa, através da deputada estadual Heloneida Studart (PSDB), que enviou ao governador Moreira Franco um requerimento de informações, pedindo explicações. O argumento é que, nos outdoors espalhados pela cidade, o governo do estado diz que cumpre a Constituição, mas, até o momento, não tomou qualquer atitude contra a portaria do juiz, que usará a polícia para tirar crianças das ruas.

Não há um número exato para avaliar a quantidade de crianças que ficam pelas ruas da cidade, vendendo balas, engraxando sapatos, cheirando cola e pedindo comida, muitas delas ajudando no orçamento da família. O juiz de menores fala em 4 mil crianças, mas as entidades acreditam que esse número pode chegar a 12 mil.

Em entrevista no início da semana, o juiz Liborne Siqueira disse que as crianças recolhidas serão encaminhadas à Fundação Estadual de Educação do Menor (Feem). A chefe de gabinete da Feem, Adeniura Barreto, disse que a instituição vai receber as crianças recolhidas: "É a nossa rotina", afirmou. Segundo ela, a Feem vai cumprir a ordem do juiz, mas não tem condições de dar atendimento adequado às crianças.

Nos quatro centos de triagem da Feem, estão abrigadas, aproximadamente, 1 mil crianças e adolescentes, que são atendidos por 153 assistentes sociais. "Esses centros, na realidade, são a porta da rua", diz Adeniura, explicando que as unidades se destinam apenas a fazer triagem e que, ali, as crianças deveriam permanecer apenas 72 horas, embora algumas estejam lá há mais de três anos.

O juiz Liborne Siqueira não foi encontrado no Juizado de Menores. Um funcionário disse que ele está de férias e só volta a trabalhar segunda-feira, quando sua portaria, se não for revogada, entra em vigor.

Um dos quatro coordenadores nacionais do Movimento Nacional dos Meninos de Rua, Volmer do Nascimento, que atua na Baixada Fluminense, acredita que a decisão do juiz Liborne Siqueira é absurda. "Por que ele não usa sua força de magistrado para obrigar as escolas a terem turno integral?", questiona Volmer. Ele disse que, só na Baixada Fluminense, existem cerca de 2 mil crianças que dormem nas ruas.

Nos fins de semana, afirma Volmer, essas crianças vão para a Zona Sul do Rio. "Nós não temos uma solução e sim uma opinião", diz ele, acrescentando que esteve na tarde de sexta-feira na Funabem, em Quintino, Zona Norte do Rio, e ficou assustado: "Havia 300 crianças, quando a capacidade é para a metade na triagem."

Volmer prevê uma verdadeira guerra, quando a polícia começar a "caçar" crianças amanhã. Ele diz que os agentes vão encontrar as crianças junto com mães e pais, que não vão deixar seus filhos serem presos. O resultado, acredita, vai ser um grande número de mães brigando com a polícia.

A advogada Fernanda Barros Duarte, do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente D. Luciano Mendes, tem a mesma opinião. "Esta portaria é uma violação da Constituição e faremos pressão para evitar esse absurdo", afirmou.

Frederico Rozário

Entidades de apoio à criança estão em vigília na Cinelândia desde a madrugada de sexta-feira

Alyrio Cavallieri apóia portaria de Liborne

A portaria do juiz de menores Liborne Siqueira, que determina o recolhimento de menores encontrados em estado de abandono e marginalização social, foi publicada no *Diário Oficial* do dia 8 de março. O juiz argumenta que "não se podem mais tolerar as seqüelas marginalizantes com triste cenário dos pequeninos que, durante o dia, imploram caridade pública nas mais diversificadas formas, explorados por adultos inconseqüentes e, à noite, dormem nas sarjetas como párias inermes sobre folhas de jornal e trapos, imundos e abandonados".

A portaria diz: "Já é tempo de darmos um basta ao paternalismo e ao assistencialismo políticos, assim como manter o estado de coisas para fazer da miséria o apanágio de concepções ideológicas, objetivando desacreditar as instituições e desmoralizar as autoridades."

O ex-juiz de menores do Rio Alyrio Cavallieri, vice-presidente da Associação Mundial de Juizes de Menores, concorda com Liborne: "Conheço todas as objeções às diligências de arrastão de menores das ruas, para as quais se usa até uma expressão cruel, a de limpar a cidade, como se eles fossem lixo. Mas eu pergunto se alguém pode ser contra retirar das esquinas e da sarjeta uma criança com menos de 6 anos de idade que esteja dormindo ou mendigando." Para ele, não há ideologia política que possa aceitar uma situação dessas. É justamente o que o juiz Liborne Siqueira quer mudar".

"Dou meu testemunho de que ele sempre se opôs ao condenável arrastão de menores", diz Cavalleri. Supor que a atitude do juiz Liborne Siqueira, ao baixar a portaria, se deve ao fato de o juizado ter perdido seus poderes, com o novo Estatuto da Criança, em tramitação no Congresso, segundo Cavallieri, "é um absurdo, pois que autoridade não gostaria de ver aliviadas suas obrigações?" (*T.L.*)

A lei maior e o juiz menor

Deodato Rivera*

Os direitos constitucionais de milhares de crianças e adolescentes pobres desta cidade estão gravemente ameaçados. De fato, o Juiz da 1ª Vara de Menores do Rio de Janeiro editou uma portaria-manifesto que equivale a uma ordem indiscriminada de prisão contra todos os meninos que a partir da próxima segunda feira, dia 2 de abril, se encontrem nas ruas "mendigando ou dormindo na sarjeta".

Ora, a Constituição manda mais que o juiz. Desde 5 de outubro de 1988 ninguém pode ser preso a não ser em flagrante delito, ou por ordem fundamentada da autoridade judiciária. A prisão por pobreza — "perambulância", mendicância, "atitude suspeita" — foi abolida no novo Estado de Direito, e toda criança e todo adolescente passaram a ter, entre outros, o direito à liberdade, ao respeito, à dignidade e à proteção especial "contra toda forma de violência, crueldade e opressão", conforme os artigos 5º e 227 da Carta Magna.

Como interpretar então esse atentado à Constituição, que está semeando o terror entre as crianças e jovens mais vulneráveis do Rio?

Há duas explicações. Segundo a primeira, o magistrado desejou dar uma demonstração de força, usando os meninos pobres como "reféns" do hoje obsoleto e inconstitucional Código de Menores (criado em 1927 e alterado para pior em 1979), tendo em vista que esse instrumento jurídico está com seus dias contados devido à aprovação próxima, pelo Congresso Nacional, do Estatuto da Criança e do Adolescente, que regulamenta o novo direito nesta área. Outra hipótese seria que o juiz desejou dramatizar a falta de atenção das autoridades estaduais e municipais, assim como da cidadania em geral, para esse verdadeiro escândalo que é a degradação humana de tantas crianças e jovens em nossa cidade.

Realmente é preciso cobrar das autoridades em todos os níveis, e de todos nós, cidadãos, a "absoluta prioridade" que a Lei Maior determina seja concedida à criança e ao jovem. Mas os caminhos do Código foram revogados em outubro passado. Com efeito, essa lei arcaica, último entulho autoritário ainda não totalmente removido, a pretexto de "tutela", concentrava contraproducentemente no Estado-Juiz, na figura do Juiz de Menores, os poderes Judiciário, Legislativo e Executivo — caso único no mundo!

Com a vigência da nova Constituição, porém, acabaram os superpoderes e os superpoderosos, inclusive no Judiciário, e é missão das instâncias superiores da magistratura corrigir as eventuais recaídas autoritárias, assim como ao Executivo estadual compete recusar aos recalcitrantes os instrumentos da execução de provimentos inconstitucionais.

Assim, à sensibilidade política e social do governador Moreira Franco certamente repudiará a idéia de permitir que as nossas Polícias Militar e Civil sirvam de "capitães do asfalto" de um juiz equivocado, embora certamente bem-intencionado, para a caça tão abominável quanto funesta desses escravos contemporâneos — escravos da miséria, previstos por Joaquim Nabuco, logo após a Lei Áurea, em profético discurso.

Por outro lado, há meios legais, humanitários e tecnicamente adequados de tratar essa delicada questão dos meninos jogados na rua. Eles não podem mais ser tratados como "questão de polícia". Eles não são lixo para serem "recolhidos" com violência, contra a sua vontade, nem depositados como objetos em instituições massificadoras e desumanizantes. Eles são cidadãos extremamente vulneráveis, aos quais devemos respeito e solicitude especiais, e os quais devem ser acolhidos e protegidos, com ainda mais absoluta prioridade que as demais crianças e jovens.

Cabe assinalar que nos "considerandos" da portaria cata-menino se reconhece haver 23 mil prisioneiros sociais no estado — isto é, crianças e adolescentes privados de liberdade exclusivamente por pobreza, internados em condições degradantes apenas por sua condição, não por comportamento destrutivo. Eles custam caríssimo ao contribuinte e custariam muito menos se em vez de internamento a opção sensata fosse tomada: auxiliar as respectivas famílias a assegurar as suas necessidades básicas.

Isto quer dizer que o Juizado de Menores do Rio de Janeiro não está fiscalizando a FEEM adequadamente, como é seu dever. Ora, a "operação arrastão" que pesa sobre os meninos jogados na rua só faria superlotar ainda mais esses verdadeiros depósitos de crianças, além de traumatizar, humilhar e desrespeitar ainda mais essas vítimas da omissão dos poderes públicos e da sociedade.

Ordens de prisão indiscrimina como essa abrem passo, como sabemos, a todo tipo de abuso e arbitrariedade, pois o "recolhimento" à mão armada gera efeitos deletérios e criminogênicos, decorrentes do já estudado fenômeno da "carrocinha de menores", que é a produção sistemática de delinqüentes e outros degradados sociais devido à brutalidade e incompetência sócio-pedagógica dos programas e dos agentes do Estado no tratamento desta questão.

Em resumo, não há disputa doutrinária que justifique um atentado contra o Estado de Direito, nem boa intenção que embeleze o terror. Maior do que o próprio Presidente da República, a Constituição é também maior do que qualquer juiz.

* Cientista Político, membro da "Conspiração da Absoluta Prioridade"

INFORME/Internacional

A volta de Gabo

O escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez mudou de idéia e decidiu fazer uma visita a seu país. Na semana passada, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, ele anunciara que havia desistido de voltar à Colômbia depois que seu amigo e principal candidato da esquerda às eleições de maio, Bernardo Jaramillo, foi assassinado. "Sinto-me agora angustiado e em desespero", disse ele ao saber da morte de Jaramillo. O escritor voltou atrás e, desde quinta-feira, está em Bogotá cercado por um forte esquema de segurança que o protege contra ameaças de esquadrões da morte.

Varadero à espanhola

No dia 1º de maio, Cuba vai colher o primeiro fruto de sua política de abertura comercial para o exterior adotada recentemente pelo regime comunista. Trata-se de um luxuoso hotel cinco estrelas no balneário de Varadero construído pelo governo cubano em parceria com uma empresa espanhola, que investiu US$ 14 milhões. O hotel tem 408 apartamentos, seis quadras de tênis, piscinas térmicas e um campo de golfe. Outro hotel com capital espanhol está sendo construído no Malecón, a avenida beira-mar de Havana.

'Glasnost' em Maryland

Não. O freguês não encontrará manuais de como comer criancinhas na Victor Kamkin, a maior livraria soviética do mundo. E nem ela está localizada ao lado do Kremlin, em Moscou, mas sim na rua Rockville, no estado americano de Maryland. Fundada 60 anos antes da *glasnost*, a Kamkin atrai um número cada vez maior de leitores interessados em adquirir livros até alguns anos atrás proibidos sobre a cultura ou tecnologia soviéticas. A loja foi aberta originalmente em Xangai por Victor e Elena Kamkin com o objetivo de atender a comunidade soviética na China. Quando veio a revolução chinesa, em 1949, o casal mudou-se para os Estados Unidos, onde a livraria prospera até hoje.

Galileo e o cardeal

O físico, astrônomo e sábio Galileo Gallilei continua a criar problemas para a Igreja Católica de Roma. Há 358 anos do processo que lhe moveu a Santa Inquisição, concluído com sua condenação ao desterro pela *heresia* de sustentar que os planetas giram em volta do sol e não em torno da terra como queria a Igreja, Galileo esta semana refez-se vivo (348 anos depois de sua morte), trazendo problemas ao cardeal Joseph Ratzinger, temível presidente da Congregação para a Doutrina da Fé, antigo Santo Ofício. Mal-interpretado durante uma conferência em Parma, o cardeal Ratzinger foi obrigado a negar que tenha divergências com João Paulo II sobre a necessidade da completa reabilitação de Galileu. Quem ouviu a conferência pensou que o cardeal considerasse a reabilitação de Galileu pela Igreja apenas uma questão de oportunismo político.

Triângulo do ópio

Enquanto se discute o combate ao narcotráfico na América Latina, um outro mercado de drogas prospera incólume no chamado Triângulo do Ouro — Burma, Tailândia e Hong Kong. A produção de ópio nesta região duplicou nos últimos anos, gerando uma superprodução que vem inundando a Europa e os Estados Unidos, segundo o jornal britânico *The Independent*. Em matéria de primeira página, o jornal prevê que as *gangs* do tráfico que operam em Hong Kong vão transferir seus *negócios* para a Europa quando a ilha passar do controle britânico para o chinês, em 1997.

Tropa de tênis

A alta cúpula das Forças Armadas argentinas recebeu com alívio a verba de US$ 50 milhões liberada pelo governo na última quinta-feira. O Exército, de modo especial, vinha enfrentando graves dificuldades para cumprir suas funções diante da escassez de recursos. A classe de serviço militar que deveria estar sendo incorporada desde o início de março só agora começará a ser convocada a se apresentar nos quartéis. O atraso se deve à falta de dinheiro para pagar uniformes e equipamentos para os novos recrutas. Pelo mesmo motivo, em algumas unidades, sub-oficiais e soldados têm sido dispensados do serviço. Economiza-se assim no rancho da tropa. Comenta-se também que o ex-comandante do Exército, general Cáceres, ficou escandalizado, poucos dias antes de morrer vítima de um aneurisma cerebral, quando, ao passar em revista os alunos do colégio militar, notou que alguns soldados usavam tênis em vez de botas militares.

Regina Zappa, com correspondentes

Gorbachev consolida ocupação e pede recuo à Lituânia

Moscou — AP

Punhos cerrados pela Lituânia

MOSCOU — O presidente soviético, Mikhail Gorbachev, fez um dramático apelo ao Soviete Supremo (Parlamento) e ao povo da Lituânia, pedindo que voltem atrás na declaração de independência do dia 11, para negociar segundo a Constituição soviética, e advertindo para "as graves conseqüências" da insistência na decisão unilateral, não só para a situação interna na URSS como "para a estabilidade mundial".

Em Vilnius, tropas do Ministério do Interior soviético ocuparam as instalações da imprensa nacional da Lituânia, onde são impressos os principais jornais e revistas da república. Depois da sede do Comitê Central do PC local, do Instituto de História da Academia de Ciências e do escritório do procurador da República, os militares ocuparam ainda a única parte do prédio do Comitê Central por onde ainda era livre a circulação: a garagem.

Um dia depois da primeira reunião do novo Conselho Presidencial à frente do qual se encontra — e que lhe deu poderes para emitir decretos como os que determinaram a ocupação militar de prédios públicos em Vilnius, capital da Lituânia, e para confiscar armas na república rebelde —, Gorbachev disse, em mensagem transmitida pela agência Tass, que "a situação na república [da Lituânia] e em torno dela está assumindo um caráter dramático".

Segundo ele, o povo soviético está exigindo a defesa da Constituição da União e a proteção de seus cidadãos "contra os males causados pelos atos dos separatistas". A declaração de independência lituana foi considerada ilegal pelo Congresso dos Deputados do Povo em Moscou, mas apesar disso, prosseguiu Gorbachev, "a atual cúpula lituana se obstina em não dar ouvidos à razão, insistindo em adotar medidas contrárias à Constituição, de provocação aberta e ofensivas a toda a União Soviética".

"Quero declarar mais uma vez que este caminho é destrutivo e só leva a um beco sem saída", disse o líder soviético, convocando os deputados lituanos a "reconhecerem sua responsabilidade histórica frente ao povo lituano — incluindo os de outras nacionalidades que vivem na Lituânia —, a bem da segurança da democracia em nosso país e da estabilidade mundial".

"Proponho ao Soviete Supremo da Lituânia que revogue este seu ato ilegal. Este passo abriria caminho para o exame de todos os problemas sobre a única base possível, a da Constituição da URSS", concluiu Gorbachev.

Em Vilnius, o secretário geral do PC lituano rebelde, Algirdas Brazauskas, e a primeira-ministra Kasimira Prunskiene negociavam na tarde de ontem com os chefes militares que ocuparam a sede do Comitê Central, e que estavam acompanhados de dirigentes da facção do PC que se mantém fiel a Moscou. A ocupação, solicitada pela ala fiel ao Kremlin, foi, na terça-feira, a primeira de uma série destinada a preservar o controle soviético sobre os prédios públicos da república secessionista.

Apesar da ocupação do Comitê Central, os dirigentes do PC rebelde ainda estavam sendo autorizados a circular pelo prédio, o que aparentemente foi também impedido ontem.

O presidente do Soviete Supremo (Parlamento) lituano, Vytautas Landsbergis, foi à TV na noite de sexta-feira denunciar a ocupação do escritório do procurador da República como "uma vergonha para a União Soviética": "Eles estão tentando destruir nosso sistema legal. Já tivemos este tipo de desafio, fizemos frente e voltaremos a fazer", disse ele.

Os soviéticos destituíram o procurador geral nomeado por Landsbergis e deram posse a um outro, mas segundo fontes ouvidas pelas agências internacionais a quase totalidade dos funcionários da procuradoria se recusou a voltar a trabalhar.

No prédio da imprensa nacional lituana — onde é impressa, entre outras, a edição local do *Pravda* —, um dirigente comunista fiel a Moscou disse que as tropas estavam ali apenas para patrulhar, sem interferir nas atividades, o que foi confirmado por um porta-voz dos secessionistas. Três diários circularam ontem, depois da ocupação na madrugada.

A referência de Gorbachev ao agravamento da situação também em torno da Lituânia diz respeito provavelmente à advertência da Bielorrússia de que voltará a fazer uma reivindicação territorial sobre Vilnius e seis distritos rurais se a secessão se concretizar.

Dezenas de milhares de pessoas participaram em Kiev, capital da República Soviética da Ucrânia, de manifestação de apoio aos separatistas lituanos. Manifestações menores ocorreram também no Parque Gorki, em Moscou, e na República da Geórgia.

□ **O primeiro partido não comunista a surgir na URSS — O Partido Liberal Democrático — realizou em Moscou seu congresso constituinte, elegendo como presidente o advogado Vladimir Zhirinovski. Com 3 mil militantes, 200 delegados de nove repúblicas e expectativa de reunir 2 milhões de filiados em dois anos, o partido defende a economia mista, a legalização da propriedade privada e a desideologização das instituições de Estado.**

Violência e xenofobia em escalada

Governo francês desfecha campanha contra o racismo

Silvio Ferraz
Correspondente

Paris — Alarmado com uma série de assassinatos de origem racista, o governo francês decidiu desfechar uma campanha nacional contra o racismo. O primeiro-ministro Michel Rocard não quis fazê-lo sem antes tomar o pulso da gravidade da situação. A pesquisa que encomendou revelou uma postura ainda mais assustadora: 76% dos entrevistados acham que há muitos árabes no país; 46%, que há muitos negros; 40%,que há muitos asiáticos e 24%, muitos judeus. No documento de 400 páginas divulgado pelo governo francês, 51% acreditam que os políticos deveriam deixar claro nas campanhas eleitorais que "árabes e negros são racialmente inferiores aos europeus".

Na verdade, este fenômeno está se espalhando pela Europa à medida que a direita avança. Rocard expressou sua amargura com esta situação e mostra-se disposto a uma ofensiva de envergadura: no dia 3 de abril, reunirá os líderes políticos do país — à exceção de Jean-Marie Le pen, de extrema direita, autoproclamado racista — para com eles montar o "Plano Nacional contra o Racismo". Uma das medidas: criar comitês anti-racistas em todo o território e nomear "mediadores oficiais" para aliviar as tensões nas comunidades mais agitadas. A tarefa não será fácil. Afinal, 90% dos franceses acreditam que o país está sofrendo de uma onde de racismo.

"Há momentos no metrô em que só vejo mais dois franceses; os demais passageiros são árabes, indianos, africanos e sei lá o que", desabafa uma senhora na aristocrática Neuilly-sur-Seine. Este ponto de vista não é uma posição isolada: 51% dos franceses concordam com a afirmativa de que "hoje não estão mais em casa como antes"..

O grande alvo da onda racista são os árabes originários da Argélia, Marrocos e Tunísia. Por onde passam colhem antipatias e tratamento diferenciado. A comissão nomeada por Rocard para examinar o problema de perto constatou, por exemplo, que 4% das fichas de emprego examinadas eram claramente racistas. "Isso explica por que muitos árabes e negros, legalmente vivendo na França, não conseguem empregos", explicou uma fonte do governo.

O racismo não fica apenas restrito ao mercado de trabalho. Nos chamados HLM — grandes conjuntos residenciais construídos pelo governo e dotados de um estatuto especial de aluguel, — a onde racista aumentou muito nos últimos anos. "Se as ações concretas de racismo permanecem no mesmo nível que em 1982, as ameaças, através de grafites, registraram uma brutal elevação", afirma um membro da comissão. No ano passado, 30 pessoas ficaram feridas e uma foi assassinada por motivos raciais.

Espiral — A atitude segregacionista da população francesa pode ser constatada também pela resposta à pergunta: "Como reagiria se sua filha de 17 anos estivesse saindo com um rapaz árabe?" Apenas 285 afirmaram que não interfeririam; 185 proibiriam e 49% fariam a filha "repensar" sua atitude.

"Temos que acabar com a espiral maldita que faz passar da incompreensão à xenofobia, da xenofobia ao racismo", afirmou Rocard. Para ele, "o racismo não é uma opinião como qualquer outra que possa ser dada sem pensar no que isso significa".

Se agora os franceses reclamam do alegado excesso de árabes em seu país, mantiveram-se no entanto calados, assim como a maioria dos países europeus, quando na década de 60 ocorreu a grande imigração de árabes para executar tarefas que os próperos europeus já não mais estavam dispostos a cumprir. Que suíço calçava ruas? Que alemão varria as ruas? Que francês recolhia lixo? Estas atividades, menos *nobres* eram reservadas aos imigrantes. Ávidos de conforto e de conseguir amealhar o suficiente para educar os filhos ou construir uma casa em seu país de origem, os imigrantes árabes ou africanos não deixavam que uma oportunidade de trabalho passasse. O patronato francês que opera na chamada economia negra simplesmente não teria vingado, não fosse a mão-de-obra ilegal dos imigrantes.

Mas tudo isso se perdeu na memória dos europeus. O fato que os incomoda é que se sentem invadidos. E, curioso, uma pequena fração dos imigrantes é muito responsável pelo antagonismo existente. São os fundamentalistas que tentam, por todas as formas, impingir sua maneira de ser e de viver. Este foi o caso, por exemplo, dos islâmicos que forçaram suas filhas a cobrir a cabeça com lenço e a não participar de algumas atividades escolares, alegando obediência ao Corão. Para as escolas públicas francesas, onde a laicismo é pedra fundamental, esta atitude provocou uma celeuma nacional de grandes proporções e só fez aumentar o racismo.

No fim desta semana a Frente Nacional, partido de extrema-direita que tem Jean-Marie Le Pen como seu *Führer*, reuniu-se nacionalmente para lançar as bases de uma ousada conquista de 30% do eleitorado. Detentor de 12% dos votos nacionais, Le Pen tem conseguido mais apoio à medida que o racismo aumenta. Uma pesquisa do *Figaro*, divulgada nesta semana, mostra que embora apenas 12% dos entrevistados tenham votado em Le Pen nas últimas eleições, 31% estão de acordo com seus pontos de vista. São indicadores para tirar o sono de qualquer governante democrata.

Londres — AFP

Durante horas, os policiais tentaram dispersar os manifestantes no centro de Londres

Protesto contra impostos em Londres termina em violência

LONDRES — Dezenas de pessoas ficaram feridas na Inglaterra — entre elas 36 policiais — em violentos choques entre tropas antimotim e manifestantes, que protestavam contra a nova política de impostos do governo. A Praça Trafalgar, no centro de Londres, transformou-se em um campo de batalha e até o início da noite os bombeiros tentavam apagar o fogo ateado em dois prédios. O protesto, que reuniu 150 mil pessoas, segundo os organizadores, e 50 mil, segundo a polícia, foi o maior desafio dos últimos anos à primeira-ministra Margaret Thatcher.

Os policiais, muitos deles a cavalo, investiram contra a multidão depois que manifestantes começaram a lançar pedras e garrafas e se dirigiram à rua Downing, onde fica a residência oficial de Thatcher. A TV britânica mostrou cenas de policiais caídos no chão e de manifestantes sendo presos. "Havia sangue por todo lado", disse uma testemunha ferida por uma pedrada. Pelo menos oito carros de bombeiros tentavam apagar incêndios, um deles na sede da embaixada sul-africana.

A primeira-ministra reiterou que não voltará atrás em sua política de impostos, que há dias tem sido motivo de protestos em todo o país. Thatcher tem hoje o pior índice de popularidade desde que chegou ao governo há mais de uma década. Além de Londres, houve manifestação ontem em Glasgow, na Escócia, onde mais de 25 mil pessoas saíram às ruas. Segundo o político veterano Tonny Ben, de esquerda, o protesto de Londres foi o maior que ele já viu na Inglaterra.

A manifestação começou pacificamente no início da tarde. Quando a multidão se aproximou da rua Downing, os 40 policiais que ali estavam pediram reforço à polícia antimotim. Um policial foi atingido por uma pedrada e desmaiou, dando início à violência generalizada. Pelo menos 60 pessoas foram presas e, segundo um policial, um "número considerável" de ambulâncias foi enviado ao local.

CNA suspende encontro entre o governo e lideranças negras

JOHANNESBURGO — O Congresso Nacional Africano (CNA) suspendeu unilateralmente o primeiro encontro entre lideranças negras e o governo racista da África do Sul, marcado para o próximo dia 11. O anúncio foi feito pelo dirigente do CNA Ahmed Kathrada, afirmando que a medida é uma resposta à repressão policial na cidade de Sebokeng, que matou 11 negros e deixou 400 feridos na segunda-feira passada.

A suspensão foi confirmada mais tarde pelo líder negro Nelson Mandela, que disse tê-la comunicado pessoalmente ao presidente sul-africano, Frederik de Klerk, com quem falou por telefone. "Ele me perguntou o motivo e eu disse que a ação da polícia contra as pessoas é algo que nós não podemos tolerar. Nunca poderemos aceitar esse massacre. Fatos como este não criam um clima favorável às negociações", afirmou Mandela.

A única reação do governo foi uma curta declaração do ministro das Relações Exteriores, Pik Botha: "O governo lamenta a decisão do CNA. Nós estamos investigando as mortes em Sebokeng", disse ele. O encontro do dia 11 seria a primeira reunião formal entre representantes da maioria negra e o governo de minoria branca. Seu objetivo era analisar os obstáculos à abertura de negociações para que se ponha fim ao regime racista do *apartheid.*

Na quarta-feira passada, o governo divulgou a lista de sete ministros e um vice-ministro que participariam do encontro juntamente com o presidente De Klerk. O diálogo entre as autoridades e o CNA era encarado como um passo fundamental no processo de reformas políticas iniciadas em fevereiro, com a legalização das organizações negras, entre elas o CNA, e a libertação de Mandela depois de 27 anos de prisão.

"Eu conversei com De Klerk e lhe disse que o comitê (do CNA) havia me instruído a informá-lo da suspensão do encontro", disse Mandela ontem, ao participar de uma grande manifestação na região semi-autônoma do Ciskei. O estopim da crise foi a violência policial contra milhares de manifestantes negros que se dirigiam à cidade branca de Vereeniging para protestar contra a alta no custo de vida. Mas de 400 pessoas ficaram feridas e o CNA chegou a mencionar a morte de 17 pessoas, embora o número oficial seja 11.

Inicialmente, o Congresso Nacional Africano se calou sobre a violência, mas, na quarta-feira, Mandela indicou que a organização reagiria. "Precisamos fazer alguma coisa a respeito", dissera ele. O diálogo com o governo é a segunda importante reunião conciliatória cancelada pelo CNA em menos de 24 horas. Na sexta-feira, Mandela suspendeu o encontro que teria amanhã com o chefe zulu Mangozuthu Buthelezi, líder da organização negra Inkatha. Os dois tentariam pôr fim à violência entre os dois grupos rivais na província de Natal.

José Roberto Serra

Galeano lamenta a tradição que ensina a copiar e a consumir em vez de criar

Maravilhas e horrores da América

Galeano espera que latinos se descubram

Regina Zappa

O escritor, poeta-historiador uruguaio, Eduardo Galeano, mergulhou desde cedo no resgate da memória dessas terras americanas, na esperança de descobrir "tudo o que elas têm de horroroso e de maravilhoso". Quase 20 anos depois de escrever *As veias abertas da América Latina,* onde percorre todo o continente, narrando histórias de extermínio, opressão e exploração desde os tempos do descobrimento, Galeano não perdeu a esperança. Nesses tempos de "idolatria do mercado", alerta ele, e em que nos aproximamos de 1992 (ano da unificação européia) é chegada a hora da América Latina se descobrir — "ela que sempre foi descoberta por outros" — de se desenvolver e cumprir seu destino, que "é bem melhor do que esse mísero tempo presente, que o sistema acha que é a eternidade"

Galeano, 49 anos, começou a ganhar a vida como jornalista e desenhista antes de partir de seu país por causa da ditadura militar. Hoje vive no Uruguai, desde que voltou do exílio na Espanha, há cinco anos. Antes da Espanha, viveu de 1973 a 1976 na Argentina, onde foi diretor da revista de cultura latino-americana *Crisis,* fechada pela censura em 76. Chegou ao Brasil na quarta-feira para visitar os amigos, que são muitos, os filhos — "uma filha e um filho, bem mais velhos do que eu, que vivem em São Paulo e Campinas" — e participar de um debate ou "papo aberto" sobre cultura latino-americana amanhã à noite no Centro Cultural Laurinda Lobo, em Santa Tereza.

Linguagem — Mora em Montevidéu com a mulher, uma filha — ao todo são quatro filhos —, a cadela Pepa Lúmpen e o cachorro Martinho da Costa. Acaba de publicar um livro novo, *Livro dos Abraços,* com desenhos seus, que está sendo traduzido no Brasil, e tem um projeto com a TV espanhola para fazer 11 filmes a partir da trilogia de *Memórias do fogo.* Gosta de falar da linguagem "sem fronteiras" de seus trabalhos e do esforço para romper com o limite que separa o ensaio da ficção e, na ficção, o que é poesia, o que é romance.

"Tento comunicar coisas que merecem ser *contagiadas:* a energia de vida, a beleza, a alegria, que são desconhecidas numa região do mundo, a América Latina, especializada em ignorar-se porque est'a treinada a cuspir no espelho, a se auto-desprezar, ajudada por meios de comunicação que a *incomunicam* e por centros de educação que a *deseducam.*"

A paixão com que fala do continente americano é tão forte quanto o repúdio que sente por certas tendências na América Latina. "A grande peste dessas terras é sua tradição de *copiandite,* que ensina a copiar e consumir e não a criar. Que privilegia o eco, e não a voz, a sombra, e não o corpo. E transforma o macaco e o papagaio em ídolos da condição humana. O nível mais alto almejado por um latino-americano é chegar a ser um bom papagaio ou um ótimo macaco".

Raízes — Galeano aproveita a imagem e faz uma crítica à esquerda. Se essa mania de copiar é verdadeira para o sistema, é também para a esquerda. "Ela sempre trabalhou prisioneira de esquemas e modelos alheios a nós." Para ele, o discurso da esquerda é hoje chato, formal e rígido, e é preciso buscar uma linguagem nova, fórmulas novas, "senão ninguém agüenta". "Nesse momento de crise do socialismo mundial, é preciso redescobrir as raízes do socialismo latino-americano na nossa própria história. A tradição mais antiga e mais americana de todas é a da propriedade comunitária. A comunidade como eixo do sistema produtivo e da vida humana. A vida e a produção centradas na solidariedade."

Ele critica com veemência a "relação religiosa" que existe nos dias de hoje com o mundo do mercado, como se ele fosse "o centro mágico do universo", onde se resolvem todas as contradições. "A liberdade do dinheiro no Terceiro Mundo está quase sempre vinculada à opressão das pessoas. No plano cultural, essa espécie de religião neo-liberal implica um desprezo pela criação em benefício do consumo, nos condena a ser consumidores, e não criadores, dos nossos símbolos de identidade. No plano econômico, é a vitória da especulação sobre a produção".

Com a convicção de um profundo conhecedor das raízes americanas ("se há uma idéia que não é estrangeira na América, que vem das tradições indígenas, essa idéia é o socialismo") Galeano acredita que o passado ajudará a resgatar o futuro. "A América tem tradições próprias de democracia, de respeito à natureza, de liberdade, de fraternidade".

Sensível e atento às pequenas histórias cotidianas que vão acontecendo à sua volta a ponto de interromper a conversa para se certificar de que o drama ao lado não passava de uma briga de namorados, Galeano sorri quando é indagado se *as veias da América Latina* continuam *abertas.* "Esse é um título um tanto truculento, não sei se usaria hoje". Mas emenda logo. "A verdade é que a realidade é truculenta". E brinca: "Se o conde Drácula ressuscitasse ficaria com um tremendo complexo de inferioridade diante do trabalho dos grandes banqueiros, das grandes multinacionais."

Futuro — Galeano falou ainda sobre reformas no Leste europeu ("a liberdade é sempre uma boa notícia"), sobre Cuba ("a *perestroika* em Cuba é diferente. Cuba corre o risco de ser invadida pelos EUA e teve que se transformar numa fortaleza, teve que recorrer à militarização e ao isolamento. Discordo de alguns aspectos da realidade cubana, mas se somos agora na América Latina um pouquinho dignos, se falamos com uma voz um pouco mais alta e mais própria, é graças a Cuba") e sobre o continente e o primeiro mundo ("Todos os países do terceiro mundo querem ser do primeiro. Melhor ser rico, jovem e sadio. Mas os ricos só são ricos porque são poucos e vivem dos outros. De nós").

Se ainda acredita num futuro mais justo, mais generoso, num destino melhor para a América? "Se não acreditasse, mudaria de tema. Passaria a me ocupar de outras coisas que também me interessam como o sexo e a cozinha. Mas meu tema central, a América, está ligado a uma certeza, não a uma sensação de esperança".

Narcos ameaçam nova ofensiva na Colômbia

BOGOTÁ — A organização de narcotráfico Os Extraditáveis, ligada ao Cartel de Medellín colombiano, declarou novamente guerra ao governo — e à população —, ameaçando explodir bombas de 5 toneladas de dinamite em "bairros da oligarquia" em Bogotá, se prosseguirem as extradições de traficantes para os Estados Unidos e não forem libertados dois de seus homens presos esta semana nas proximidades de Medellín, onde o governo instituiu uma zona de emergência e de operações militares.

Em comunicado distribuído à imprensa, a organização de Pablo Escobar Gaviria — que havia decretado uma trégua em janeiro, libertando pessoas seqüestradas e entregando laboratórios de refinamento de cocaína — ameaça também "executar juízes, políticos que vendem a pátria, torturadores e os principais membros da família Cano". Guillhermo Cano era o diretor do diário liberal *El Espectador*, assassinado pelos narcotraficantes em 1986. Em setembro do ano passado, uma caminhão-bomba desvastou a sede do jornal.

A guerra dos traficantes ao governo começou em agosto do ano passado, após as primeiras extradições, com o assassinato do candidato governista à eleição presidencial de maio, Luis Carlos Galán. Na quarta-feira, o governo reiniciou as extradições, mandando para os Estados Unidos, onde será julgado, o traficante Fernando Gutierrez.Quinze traficantes já foram extraditados, e 15 outros aguardam decisão judicial no mesmo sentido.

Grupo dos 8 considera TV-Martí uma agressão

CIDADE DO MÉXICO — Os chanceleres de sete países da América Latina — entre eles o Brasil — condenaram as transmissões da TV-Martí, uma emissão americana destinada a divulgar mensagem anti-comunista para Cuba, e qualificaram a iniciativa americana de "uma agressão política contra o governo de Havana". A informação foi dada pelo secretário de Relações Exteriores do México, Fernando Solana, ao final de uma reunião de dois dias dos países que integram o Grupo do Rio.

Solana disse que seus colegas do Peru, Argentina, Colômbia, Uruguai, Venezuela, além do Basil, consideraram a TV-Martí uma ameaça às relações hemisféricas. "O que preocupa é que os Estados Unidos estão violando a lei internacional que é básica para a paz no mundo", afirmou o chanceler peruano, Guillermo Larco Cox, acrescentando: "A agressão política (dos EUA) cresce em intensidade com o passar do tempo." Segundo Larco, o Grupo do Rio "reafirma a necessidade de se defender o cumprimento da lei internacional, especialmente da soberania dos Estados e do princípio de não-intervenção".

Desde quarta-feira, o governo americano vem tentando transmitir a programação da nova tevê dirigida especialmente para Cuba. Mas suas duas tentativas fracassaram depois que o sistema de defesa cubano conseguiu interferir nas ondas e bloqueou a transmissão. O governo de Havana protestou ante as Nações Unidas pelo que considera uma agressão à soberania da ilha e pediu a solidariedade internacional, sobretudo da América Latina.

Reuters — 17/5/89

Solana: defesa da soberania

O grupo dos Oito também exortou o governo do Panamá a fazer uma consulta popular para legalizar sua existência, já que o presidente da República, Guilhermo Endara, foi empossado no cargo sem mandato e com a ajuda das tropas americanas de ocupação. Endara garante ter vencido as eleições de maio do ano passado, que foram anuladas antes da apuração pelo ex-presidente Manuel Antonio Noriega, deposto pelos americanos em dezembro último.

Combate — Pelo menos 52 pessoas morreram e mais de 100 ficaram feridas ontem no Líbano durante combates entre tropas cristãs rivais. Há três dias, forças leais ao general Michel Aoun estão empenhadas em uma luta sangrenta contra as Milícias Libanesas, comandadas por Samir Geagea. Ao mesmo tempo, um desconhecido grupo palestino no Líbano reivindicou a autoria de um atentado que feriu dois diplomatas poloneses.

Deportado — A Inglaterra deportou ontem para o Iraque um executivo da Linha Aérea Iraquiana envolvido no contrabando de detonadores nucleares para Bagdá descoberto no início da semana. O Iraque, que desmentiu haver comprado os detonadores, ameaçou retaliar a Inglaterra caso o executivo Omar Latif Hasta fosse deportado.

Violência — Guerrilheiros peruanos do Sendero Luminoso abriram fogo contra militantes da coalizão Frente Democrática, do candidato Mario Vargas Llosa, favorito para as eleições presidenciais do próximo dia oito. Pelo menos uma pessoa morreu e 12 ficaram feridas no ataque. O Sendero, que tenta sabotar o pleito, também fez oito atentados a bomba em bancos na capital e provocaram o descarrilamento de um trem nas montanhas.

Japão diz 'não' aos EUA em livro explosivo

Clóvis Marques

Um livro-bomba, *O Japão que pode dizer não*, está envenenando ainda mais as relações entre os dois grandes rivais do mundo capitalista neste final de século — os Estados Unidos e o Japão. Escrito para ser lido exclusivamente no Japão, onde foram vendidos mais de 500 mil exemplares, ele tem como co-autores dois expoentes da elite industrial e política japonesa — Akio Morita, presidente da Sony, o gigante da eletrônica, e Shintaro Ishihara, romancista, antigo ministro e deputado da direita do Partido Liberal Democrático, no poder há 35 anos.

Em capítulos alternados, os dois discorrem sobre a decadência dos EUA e as razões que o Japão tem para usar sua crescente pujança como instrumento de afirmação mundial. O tom é de nacionalismo humilhado a exigir reparações, o objetivo, mostrar as armas de que a potência oriental dispõe na guerra pela primazia industrial, tecnológica e comercial. De um lado do Pacífico, mazelas e arrogância; do outro, virtudes que precisam transformar-se em liderança e exemplo.

Embora os autores tenham proibido expressamente qualquer edição no exterior, o livro foi traduzido para o inglês por um americano residente em Tóquio, e circula hoje em Washington, por iniciativa do Departamento de Estado, como um *samizdat* — as antigas edições-piratas que, no tempo da censura, circulavam na União Soviética.

Em 10 anos, o Japão ficou muito mais rico e poderoso, o que se mede sobretudo pelos investimentos maciços no exterior e pela fúria exportadora, paralelamente ao crescimento — simultâneo — da poupança e do consumo internos. Ontem fornecedor de motos e câmeras, hoje ele inunda o resto do mundo rico com aparelhos de TV, carros e componentes eletrônicos, preparando-se para passar à biotecnologia e ao setor agro-alimentar, enquanto compra bancos, obras de arte e universidades em toda parte e determina a sorte do dólar a partir da Bolsa de Tóquio. Um satélite partirá em breve das ilhas japonesas para girar em torno da Lua.

Mesmo sem ter sido publicado oficialmente fora do país, *O Japão que pode dizer não* está hoje no centro do debate sobre esta nova *pax nipponica* a ditar regras para o resto do mundo capitalista. Primeiro, pela importância dos autores, e por ser a primeira resposta agressiva às insistentes acusações que não partem apenas dos EUA, mas de uma Europa em que a *invasão* japonesa não se faz sentir menos, tirando o sono dos estrategistas da unificação prevista para 1993. Depois, porque, apesar da apologia do niponismo justificadamente conquistador, posto que virtuoso, encerra verdades reconhecidas por debatedores do outro lado.

> *"A América fecha os olhos a suas injustiças para criticar o Japão."*
>
> *Akio Morita*

Os americanos e europeus acusam o Japão de superproteger seu mercado, de escorar sua política de "dominação mundial" em práticas predadoras esquecidas na América desde que as leis anti-truste contiveram os Carnegie e Rockfeller no fim do século passado, de recusar as regras modernas da cooperação e da livre-troca.

Os japoneses contra-atacam afirmando que o déficit comercial persistente dos Estados Unidos decorre de taras bem conhecidas de sua economia: falta de investimentos, consumo exagerado sem contrapartida produtiva, baixo nível de gastos com pesquisa e desenvolvimento, má gestão financeira da indústria, ineficácia do sistema de formação da mão-de-obra e de sua gestão.

Em comum, os dois autores de *O Japão que pode dizer não* têm a convicção de que os Estados Unidos "nunca mais" serão a potência capitalista de ponta, o emprego da mesma lógica da eficiência e da expansão que fez a força hoje em declínio do adversário e o desejo de que os japoneses revejam seu *ethos* cultural para aprender a dizer não.

Morita, que comanda um conglomerado de estratégia global sem equivalente, é aparentemente mais suave e contemporizador, embora tenha seus motivos para ficar embaraçado com a divulgação internacional do livro. Ele não apenas declara a superioridade da organização industrial japonesa, em relação à americana. Devagarzinho, com reiterados apelos à cooperação e ao entendimento, vai pondo o dedo na ferida, até chegar a este grito de guerra: "América, renuncia a tua arrogância!"

Degeneração — A indústria e a tecnologia são os motores do mundo. Em ambas as frentes, a América perdeu uma liderança que hoje pertence ao Japão. Logo, cabe ao japão afirmar internacionalmente sua primazia.

Esta equação, raciocínio central de *O Japão que pode dizer não*, começa a ser explicada no primeiro capítulo assinado por Morita, "O Declínio de uma América que só consegue enxergar 10 minutos à frente". Freqüentador de gabinetes de executivos, salas do poder político, conferências e seminários na Europa e nos Estados Unidos, o presidente da Sony se diz preocupado com o fato de que os americanos "parecem ter esquecido a importância das atividades produtivas".

"Os americanos ganham dinheiro através de *jogos*, fusões e aquisições de empresas", escreve. "Lucros enormes e rápidos são obtidos simplesmente movimentando o dinheiro por computador, satélite ou até por telefone." E no entanto, "o dinheiro não deve ser objeto de especulação, pois sua função fundamental não é enriquecer bancos e empresas de seguros, mas abrir caminho às atividades produtivas. Tem-se afirmado que a América entrou na chamada sociedade pós-industrial, na qual é cada vez maior o peso do setor da indústria de serviços. Mas quando as pessoas esquecem como produzir bens — o que parece ser o caso na América — deixam de ser capazes de atender a suas necessidades básicas."

Jogo na Bolsa, especulação sobre cotações, busca de lucros enormes e rápidos. No diagnóstico de Morita, a economia americana é cada vez mais "simbólica e sem substância": "Está na moda considerar a indústria de serviços como a 'terceira onda futurista', a informação como o negócio do futuro. Mas isto não produz nada. Negócios, na minha opinião, são apenas aqueles em que há acréscimo de valor real: precisamos adicionar valor e experiência às coisas, e isto a América parece ter esquecido."

Morita dá duas *dicas* para os responsáveis americanos ainda preocupados em impedir "a degeneração do país", incapaz de produzir "coisas de valor tangível": taxar mais duramente os lucros fáceis do jogo financeiro que os ganhos de capital, e, seguindo o exemplo do Japão e dos outros países industriais avançados, adotar uma política governamental de apoio à indústria.

Além disso, que os políticos, e o presidente George Bush, deixem de reclamar do déficit comercial com o Japão (e do déficit orçamentário americano) enquanto não tiveram a coragem contrariar a euforia consumista da *reaganomics*, elevando os impostos — da gasolina, por exemplo, que custa para os americanos quatro vezes menos por galão que no mercado internacional.

Morita acostumou-se a ver toda uma parafernália de produtos japoneses nas casas dos executivos americanos com os quais joga golfe — os mesmos executivos que criticam o Japão por não comprarem produtos americanos. "Será que estão querendo que compremos produtos que vocês não querem comprar?" Lee Iacocca, o presidente da Chrysler, é citado como um dos que reclamam, "mas não fazem qualquer esforço para vender seus carros no Japão".

O Japão, aliás, não obriga ninguém a comprar seus produtos, "mas há poucas coisas nos Estados Unidos que os consumidores japoneses queiram comprar". Num outro capítulo — "As críticas ao Japão como imitador não têm fundamento" —, Shintaro Ishihara retoma o mote, investindo, como Morita, contra a "América que fecha os olhos a suas próprias práticas injustas para criticar o Japão".

Exemplo: o tratado sobre aviação comercial entre os dois países, "relíquia da era da ocupação", no pós-guerra. Ishihara queixa-se de que os aviões de passageiros e de carga americanos podem partir de qualquer aeroporto dos Estados Unidos em direção a qualquer aeroporto do Japão, e dali para onde bem entenderem, ao passo que os aviões japoneses só podem partir de Tóquio, Osaka e Nagoya e usar San Francisco, Los Angeles e Nova Iorque como trampolim para a Europa, São Paulo e Rio de Janeiro (desde 1982 nestes dois casos).

Além disso, os produtos americanos — entre eles os aviões de carreira! — não são confiáveis. Após a queda de um avião da Boeing no Japão, rememora Ishihara, os responsáveis pela falha técnica constatada não foram processados: "Afirmou-se que é melhor prevenir um novo acidente do que empenhar energias em descobrir responsabilidades, mas a idéia de que só evitando um processo judicial é possível dizer a verdade é difícil de engulir para as famílias das vítimas."

Eficiência — Na raiz do problema, o despreparo da mão-de-obra americana. "Constatou-se que a Boeing Corporation tinha problemas com os métodos de trabalho de seus empregados, e logo a empresa começou a promover melhorias", relata Ishihara. "É verdade que a reeducação dos diretores pode ser feita com rapidez, para atender aos interesses do Japão e dos outros países, mas como o nível dos empregados em geral é tão baixo, nossa preocupação permanece. Quando perguntaram ao presidente da fábrica da Boeing em Seattle quanto tempo seria necessário para que o processo de reeducação desse frutos do ponto de vista da confiabilidade tecnológica, ele respondeu: 'Sete anos.' Sete anos! Como podemos viajar por aí em jatos durante sete anos, sem saber que tipos de defeito podem ter?"

A percentagem de peças defeituosas na indústria americana, segundo Ishihara, baixou nos últimos anos, mas ainda é de cinco a seis vezes maior que no Japão. "Os Estados Unidos querem que todos comprem semicondutores eletrônicos americanos, e eles estão sendo usados até no Japão [que detém o virtual monopólio mundial do setor], mas o número de peças defeituosas é impressionante. Quando reclamamos, eles respondem: 'O Japão é o único país que está reclamando.' Isto me faz pensar que não há mais esperança para os Estados Unidos."

Em contraste, Ishihara conta o caso exemplar de uma operária japonesa de 18 anos, da fábrica Kumamoto da Nippon Electric Corporation, onde a percentagem de peças defeituosas era muito maior que nas demais fábricas da empresa. Ninguém dava jeito no problema, até que um belo dia a operária teve o trem em que se dirigia ao trabalho interceptado num cruzamento, para passagem de um trem de carga. A vibração intensa que sentiu a levou a concluir que a maquinaria de precisão da fábrica, ali perto, podia estar sendo afetada. Não deu outra: cavou-se entre a fábrica e a linha férrea um fosso, que hoje, cheio d'água, permitiu baixar o percentual de peças defeituosas.

"Esta mulher se orgulhava dos produtos fabricados por sua empresa e se identificava com ela. Este tipo de resultado se explica pelas enormes diferenças em nosso sistema educativo", conclui Ishihara. "Seja como for, quando se trata de relações econômicas entre países do mundo livre, a base é a guerra econômica. Não podemos ficar parados e ser derrotados só porque o adversário está fazendo muito barulho. É esta, exatamente, a posição do Japão hoje."

Ishihara começa por onde Morita, depois de muitos circunlóquios, termina: pelo ataque frontal aos Estados Unidos, superpotência apontada como decadente, arrogante e racista. Admirador dos estrategistas que conceberam o ataque a Pearl Harbor e de seu falecido e ultra-chauvinista colega de letras, Yukio Mishima, ele insiste em que as bombas atômicas que puseram fim à guerra foram seletivamente jogadas sobre um povo amarelo. Segundo Ishihara, este mesmo racismo está na base dos ataques dos políticos americanos ao Japão. Mas atenção: se estes ataques hoje rendem mais votos nos Estados Unidos que o anti-sovietismo, a modernidade como criação e monopólio da raça branca é algo do passado.

Neste contexto é que deve ser entendida, frisa Morita, a "atração fatal" — ou a interdependência econômica — entre os Estados Unidos e o Japão. Uma atração que pode estar atuando de maneira perversa — o Japão, financiando o déficit americano (especialmente com a compra maciça de bônus do tesouro), fornece divisas graças às quais os Estados Unidos continuam comprando produtos japoneses —, mas que precisa ser reequilibrada. Cabe aos japoneses entender que "talvez" ou "quem sabe" nunca serão entendidos como "não", quando for o caso de impor seus interesses. Aos Estados Unidos, conclui Morita, resta renunciar a "uma certa arrogância": "Quando analisamos as atuais condições, é evidente que os Estados Unidos já não são suficientemente fortes, de um ponto de vista fundamental e estrutural. O que devemos é dizer aos americanos: Não se apeguem à imagem de superpotência e tratem de pôr sua economia no caminho da recuperação."

AFP — Nova Iorque, 31/10/89

Solene, o correspondente da TV japonesa anuncia a compra do Rockefeller Center pela Mitsubishi

O transistor, obra-prima do 'marketing'

O transistor foi inventado nos Laboratórios Bell, americanos. Mas quem fez do rádio transistorizado um fenômeno mundial foram os japoneses. Expoliação? Não: criatividade. Não basta inventar: é preciso aplicar as novas tecnologias à produção em massa e saber comercializar os produtos resultantes. Estas duas formas subseqüentes de criatividade faltam aos Estados Unidos, ensina o capítulo seguinte de Morita, "A própria América é injusta".

O transistor era usado apenas em aparelhos para surdos quando a Sony adquiriu os direitos de exploração, em 1953. Vale a pena conhecer a história, contada do ponto de vista da Sony:

"Quando trouxemos este novo transistor para o Japão, o sr. Ibuka, da Sony, disse: 'Não há muitas possibilidades em aparelhos de surdez. Vamos desenvolver um novo transistor e fabricar rádios.' Aplicamos então todas as nossas energias no desenvolvimento de rádios com transistores. Um dos nossos pesquisadores nesse projeto, o sr. Esaki, iria em seguida trabalhar para a IBM, e ganhou um Prêmio Nobel, mas foi em nossa empresa que realizou um trabalho digno do prêmio.

"Foi no entanto uma empresa americana que primeiro produziu um rádio-transistor. Tornei-me vendedor, e levei meu produto, cheio de confiança, aos Estados Unidos. Na época, a mais recente novidade era um tipo de amplificador que ocupava enorme espaço. E a empresa americana, famosa no ramo da fabricação de rádios, simplesmente desistiu de produzir rádios transistorizados, pois os clientes em potencial diziam: 'Quem vai querer comprar estes radiozinhos, se temos este som amplo com os alto-falantes grandes?'

"Mas nós tínhamos uma idéia diferente. 'Existem atualmente em Nova Iorque cerca de 20 estações de rádio, transmitindo 20 programas diferentes ao mesmo tempo. Se cada pessoa tiver seu próprio rádio, poderá ouvir o programa que bem desejar. Não se satisfaça com um rádio só para toda a família. Tenha o seu próprio rádio.' O passo seguinte foi fazer o mesmo com os aparelhos de TV. Era um novo conceito de *marketing*. Um rádio para cada pessoa: era uma espécie de *slogan* da campanha, e em conseqüência os rádios transistorizados da Sony ficaram famosos no mundo inteiro.

Morita não vê a situação muito mudada, após uma visita recente à Bell Laboratories: "Pude observar boa parte das pesquisas que ali fazem em tecnologia avançada. Percebi que podem se sair com uma novidade ainda mais importante que o transistor, mas como os Laboratórios Bell são parte da American Telephone and Telegraph (ATT), só pensam em aplicações possíveis para as telecomunicações. Não há ali uma só pessoa pensando em como usar em negócios as novas tecnologias que estão desenvolvendo. É esta em minha opinião uma área em que os Estados Unidos deixam a desejar. Creio que, embora os tempos sejam bons atualmente e o nível de emprego seja elevado, a América nunca mais recuperará sua força industrial."

Reprodução

Num passado recente, o tipo de relacionamento que agora tem fim

Quem tem a tecnologia faz as armas

"A tecnologia avançada japonesa está no coração do poderio militar". Sob este subtítulo, Shintaro Ishihara deixa claro um dos sentidos em que os japoneses podem atender à "necessidade de reformar sua consciência" — título do capítulo inicial do livro — para se imporem no cenário internacional.

Os recentes acordos americano-soviéticos para redução de arsenais nucleares de médio alcance, pondera ele, não são fruto de uma súbita consciência humanística dos dirigentes das duas superpotências. Segundo Ishihara, decorrem simplesmente do fato de que os mísseis americanos e soviéticos são capazes de mirar seus alvos com precisão, respectivamente, de apenas 15m e 60m.

Ora, a precisão absoluta necessária depende de micro-sistemas de computação — os semicondutores de 1 megabit — de que o Japão tem o monopólio. E embora os Estados Unidos possam vir a desenvolver esta tecnologia, não terão em prazo razoável a capacidade de produzir os semicondutores em escala industrial — pois não dispõem de um mercado como o do Japão, que há anos utiliza os semicondutores em produtos como panelas para cozinhar arroz e outros utensílios domésticos.

Esta constatação, garante Ishihara, está num relatório confidencial da Comissão de Ciência do Departamento de Defesa americano, segundo o qual não só o aparato militar dos Estados Unidos se torna cada vez mais dependente de fornecedores estrangeiros, como tais equipamentos correm o risco de chegar às mãos dos soviéticos.

Em seu tom habitual, Ishihara considera que a "inusitada histeria" dos americanos a respeito explica-se por estar esta tecnologia decisiva nas mãos de um país que, pior que estrangeiro, é asiático. Daí a jogar com a ameaça de aproximação nipo-soviética no terreno da cooperação tecnológica é um passo.

Num outro capítulo — "O Japão deve viver em harmonia com a Ásia" —, Ishihara adverte: "Agora mesmo há americanos sugerindo a possibilidade de ocupação militar do Japão se começarmos a vender semicondutores à União Soviética." Depende então dos políticos japoneses jogarem a carta diplomática da tecnologia, como jogaram americanos e soviéticos quando usaram fotos tiradas de satélites para ajudar seus respectivos aliados — a China e o Vietnã — na guerra que travaram na década de 70.

Esta aproximação diplomático-tecnológica entre os Estados Unidos de Nixon-Kissinger e a China de Deng Xiaoping foi aliás, reclama Ishihara, uma manobra deliberada para ameaçar o Japão. "A América pode novamente ameaçar o Japão, aproximando-se da União Soviética para que nos tornemos menos necessários. Mas o Japão tem uma carta semelhante a jogar, para neutralizar o blefe americano."

O Japão pode, portanto, negociar tecnologia com a URSS, "montando uma campanha de relações públicas para mostrar ao resto do mundo que a transferência desta tecnologia destina-se apenas a aumentar a eficiência do sistema ferroviário da Sibéria e assim neutralizar uma tentativa de intervenção americana: a Grã-Bretanha e a França são exímias nesse jogo de relações públicas associado à diplomacia".

Mas o Japão deve, além disso, dizer não ao guarda-chuva nuclear americano, "pura ilusão do ponto de vista do povo japonês". Denunciando o tratado de segurança que atrela o Japão aos EUA contra seus próprios interesses, Ishihara termina com um hino pan-asiático em que mostra a aliança dos americanos com os senhores feudais filipinos, em contraste com a contribuição japonesa para o desenvolvimento dos *dragões* vizinhos — Coréia do Sul, Formosa e Cingapura.

Iacocca, o capitalista sem ética

Um personagem do capitalismo americano sai particularmente chamuscado de *O Japão que pode dizer não*. É Lee Iacocca, o presidente da Chrysler, capitão de uma indústria — a de automóveis — em que é mais patente a agressividade japonesa e o recuo americano.

Lee Iacocca

Seu comportamento, e o do setor produtivo que lidera, é submetido a implacável escrutínio em dois capítulos assinados por Akio Morita, um deles intitulado "A América é que é injusta".

Na base do problema está o protecionismo americano no setor. Desde 1980, os Três Grandes da indústria automobilística — Chrysler, Ford e General Motors — beneficiam-se de quotas máximas de importação impostas aos carros japoneses nos Estados Unidos. Mas nem por isso sua fatia do mercado deixou de encolher.

O que mais deixa indignado Morita, no entanto, são, por um lado, as queixas desses concorrentes que não se mostram capazes de competir apesar da proteção, e por outro, a subserviência dos políticos japoneses.

Uma apresentadora da TV americana perguntou ao presidente da Sony o que achava de Iacocca. "Fui absolutamente franco", conta ele. "Disse que ele é uma vergonha, além de injusto. Iacocca vem ao Japão e diz que os japoneses são injustos. Ainda recentemente, começou sua frase dizendo: 'Quero ser bastante claro' — e passou a caluniar o Japão. Sei que ele escreveu um livro em que chama o Japão de 'injusto', mas acho que quem é injusto é Iacocca."

Fábula — Morita explica: "O presidente de uma das fábricas da Chrysler veio ao Japão. Eu sabia que sua função era vender carros, e portanto perguntei como iam as vendas. Ele respondeu muito simplesmente que não viera vender carros, mas comprar peças e máquinas japonesas para revendê-las nos Estados Unidos. Os três grandes fabricantes americanos compraram 250.000 automóveis do Japão em 1987. Quantos venderam? Somente 4.000. Eles não fazem o menor esforço para vender seus carros ao Japão, e ainda chamam o Japão de injusto por vender demais aos Estados Unidos e não comprar seus produtos."

Depois de extrair desta pequena fábula um ensinamento moral na mais perfeita tradição liberal — o Japão não está impondo, mas apenas vendendo produtos em grande demanda —, Morita volta a fustigar Iacocca e os Três Grandes, num capítulo cheio de lições sobre como dizer não "para aprofundar o entendimento recíproco".

"A América", começa, "forçou o Japão a limitar suas exportações de automóveis a 2 milhões de unidades por ano, sob o disfarce de restrições voluntárias. Quando o mercado americano tornou-se mais lucrativo e o número de carros importados podia ser aumentado, os fabricantes americanos exigiram que a quota fosse triplicada. O Ministério da Indústria e do Comércio Internacional e o primeiro-ministro japonês concordaram.

"Em minha opinião", prossegue Morita, "foi um grande erro. O ministro e o primeiro-ministro deveriam ter declarado injustas as exigências americanas. Os Três Grandes já haviam aumentado enormemente seus lucros, e pessoas como Lee Iacocca e Roger Smith estavam recebendo mais de US$ 1 milhão em dividendos cada um. Eles simplesmente exigiam tratamento especial para aumentar seus lucros com os produtos japoneses — que revendiam —, quando pediram a triplicação das quotas. Era o momento de o Japão ter dito: 'Vocês estão sendo hipócritas, criticando os outros como injustos enquanto exigem o que na verdade é uma injustiça'."

Este perfil nada lisongeiro de um capitalista específico abre-se em panorâmica cinemascope para a classe empresarial americana em geral num outro capítulo. Já no título, Morita pergunta: "Será a América um país que protege os direitos humanos?" As respostas sintetizam-se em dois subtítulos: "Os direitos dos trabalhadores são ignorados pelas empresas americanas" e "Os executivos americanos preferem os lucros imediatos".

Particularmente escandaloso, para o velho Morita, é — além da "espantosa defasagem de renda entre os executivos japoneses e americanos" — o chamado *guarda-chuva de ouro* que permite a estes últimos, quando suas empresas fracassam, aterrisar numa vida particular de luxo. No Japão, ensina, o trabalhador é contratado pelo resto da vida, e apesar desta segurança que poderia ser conformista empenha-se no crescimento da empresa, animado por um sentimento de lealdade a patrões que não vivem na ostentação. Nos Estados Unidos, os sindicatos são ferozes — levando inclusive o empresário a preferir importar ou investir em países de mão-de-obra barata — porque ao menor sinal de recuo nos lucros a demissão é a regra.

Recessão se estende pelo país com o 'efeito dominó'

Informe Econômico

Duas semanas depois do pacote, começa a sair de cena a admiração com o brilho do programa e a audácia do presidente Collor. E entra em seu lugar uma desconfortável sensação de realidade. Os preços caem, o que é bom para a maior parte do país, mas a falta de dinheiro, a redução das atividades produtivas e os problemas no pagamento de salários compõem um ambiente de desânimo.

Com uma agravante: a sensação generalizada de que a administração do dia-a-dia do pacote é atrasada e confusa.

A circunstância toda favorece a ação dos antigos sócios da inflação, os que ganhavam com a escalada dos preços e dos juros. Poderão pegar carona com os que querem arrumar o pacote e tentar implodi-lo de uma vez. Vai ficar confuso.

Seguros em perigo

As companhias de seguros têm uma situação especial. Elas são obrigadas a ter uma reserva técnica — que é dinheiro aplicado em ações, over, fundos etc — para poder pagar imediatamente os segurados em caso de sinistro.

O Plano Collor não deu tratamento diferenciado para as seguradoras, de modo que 80% de suas reservas técnicas acabaram bloqueadas.

Ocorrendo sinistros, tudo que as companhias têm para cobrir o seguro são os velhos cruzados. E lá com o Banco Central.

Privilégio

Os supermercados saíram-se muito bem do Plano Collor. No dia do pacote, todo o estoque virou imediatamente cruzeiros, os cruzeiros que os clientes passaram a deixar nos caixas. Já as dívidas ficaram em cruzados.

Não é de se estranhar que muitos supermercados tenham comprado cruzados nos últimos dias, com belo deságio. Ou seja, poucos cruzeiros por muitos cruzados, com os quais os supermercados matam as faturas com seus fornecedores.

Faltando trocados

A estatal Açominas, que executa no momento um *lobby* enorme para o governo federal liberar US$ 384 milhões, com os quais pretende concluir algumas partes no'..s da siderúrgica, está sendo cobrada pela Sulzer Bombas por duas modestas faturas já vencidas, uma de 5.081 e outra de 79.485. Em cruzados.

De volta para o futuro

Há uma explicação para a paralisia dos computadores que registram as posições das instituições financeiras desde o Plano Collor. Parece que o pessoal deu uma "rodada informal" nos computadores, anotando o impacto do plano sobre as operações, do dia 13 para cá, e o resultado foi desanimador, para dizer o mínimo.

Muitas instituições teriam ficado sem cruzeiros para pagar seus clientes. Estariam tecnicamente quebradas.

Assim, giraram-se os computadores para trás e, agora, antes de voltar para a frente, as instituições tentam resolver com o Banco Central os problemas que sabem que vão aparecer.

Aristocracia

Do vice-presidente do Grupo Multiplan, Rui Schneider:

— Está na praça uma nova aristocracia econômica. São as pessoas que tocam negócios com capacidade de gerar cruzeiros. Donos de empresas de ônibus é o exemplo óbvio. Mas tem executivo de banco levando feirante para almoçar. Um sujeito que tenha aí umas sete bancas em feiras deve estar cheio de cruzeiros.

Lobbies

Pelo menos quatro assessores do Ministério da Economia trabalharam na empresa de comércio exterior Cotia Trade. São eles: Sérgio Nascimento, chefe de gabinete da ministra Zélia Cardoso de Mello; Marcos Gianetti da Fonseca, secretário de Planejamento; e João Cunha e Carlos Moraes, ambos da assessoria da ministra. Os quatro deixaram a Cotia entre 1980 e 1986, por motivos diversos, e chegaram agora ao governo também por motivos diferentes.

Moraes era sócio da ministra na consultoria ZLC, Nascimento integrou a campanha de Collor, João Cunha trabalhou na equipe de transição e Fonseca foi secretário de Fazenda do governo Montoro, que também contou com a participação de Zélia. As acusações que os quatro sofrem por terem trabalhado na Cotia são atribuídas, no Ministério da Economia, a um *lobby* de funcionários da Interbrás para reverter a extinção dessa estatal, que atuava no comércio exterior.

Concorrência

A Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel prepara-se para defender sua participação dominante no valioso mercado soviético. Com o fim do Acordo Internacional do Café, a Colômbia, que tinha quotas pequenas para a União Soviética, quer aumentar suas vendas.

No ano passado, os fabricantes brasileiros colocaram 19 mil toneladas de café solúvel na União Soviética. Os colombianos, 2 mil. O mercado soviético cresce, inclusive porque diversos programas de combate ao alcoolismo sugerem a troca de vodka por bebida forte e quente.

Carlos Alberto Sardenberg, com sucursais

Marcos Emílio Gomes

SÃO PAULO — Entre uma pose e outra para os fotógrafos, o diretor-geral da Polícia Federal e secretário da Receita Federal, Romeu Tuma, gastou boa parte de seu tempo nesses primeiros 16 dias do novo governo preocupado em conter as possibilidades de desemprego com pressões sobre grandes empresas. Chegou mesmo a participar de uma diligência à sede da fábrica de computadores Prológica, em São Paulo, revertendo por um mês a demissão de 140 funcionários, que acabaram incorporados à mais nova modalidade do ramo de administração de empresas surgida no país — a licença remunerada.

Trata-se de um expediente através do qual as grandes e médias fábricas, em dificuldades para vender seus produtos, mandam os operários para casa, pagando o salário sem descontar os dias parados. Agem assim porque, em primeiro lugar, não têm liquidez suficiente para adiantar o dinheiro das férias e, segundo, economizam despesas com alimentação e transporte dos empregados, energia elétrica, material de limpeza, copinhos de café e até papel higiênico, enquanto os funcionários aguardam em casa a chamada para retornar a seus postos.

Essa novidade espalhou-se como notícia ruim no empobrecido parque industrial brasileiro. Apenas na região do ABC paulista, onde as montadoras de automóveis foram pioneiras na aplicação desse recurso, a semana terminou com 50 mil operários nessa condição, detonando no circuito dos chamados empregos indiretos a revelação de uma dura realidade: mesmo que o delegado Romeu Tuma inspire temor aos grandes empresários, não há como atingir milhões de pequenos negócios, prestadores de serviço e integrantes da ex-vigorosa economia informal, que respondia, segundo a média das estimativas disponíveis, por algo como 30% da mão-de-obra em atividade no país.

"É lógico que qualquer aperto na economia estoura primeiro nessas pontas distantes de qualquer controle", afirma o secretário de Habitação de São Paulo, Murilo Macedo, que experimentou a recessão branda no início dos anos 80 como ministro do Trabalho do governo Figueiredo. "Há um mundo que pára completamente quando uma grande empresa desliga suas máquinas", avalia a pesquisadora Annes Andraus, da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e do Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (Dieese), expondo uma rara concordância entre todos os segmentos envolvidos com o mercado de trabalho.

"Há um sentimento generalizado de que essa situação está ocorrendo neste momento", confirma o consultor Antônio Zayat, da Hay do Brasil, uma empresa especializada em mercado de trabalho que vem propondo a licença remunerada, a redução de jornada e outros mecanismos de controle de custos a diversos de seus clientes, entre eles poderosas multinacionais. Apesar do acordo sobre o diagnóstico, nenhum dos três tem indícios sobre o tamanho da doença.

"Infelizmente, nunca se pôde medir a profundidade desse processo", resume o ex-ministro Murilo Macedo, prescrevendo um vigoroso incentivo à construção civil para conter esse perverso *efeito dominó* que se abate primeiro sobre a mão-de-obra não-especializada, naturalmente. Se não podia ser medido, esse fenômeno era pelo menos claramente visível durante toda a semana, mesmo no meio da nuvem de poeira levantada pela ausência de cruzeiros, cancelamentos de encomendas e até algumas explosões localizadas de consumo. Podia-se seguir sua trilha a partir de qualquer empresa cuja produção tivesse sido estancada para acomodar-se aos novos figurinos da economia.

Totalmente parada pela primeira vez em sua história de três décadas, a unidade têxtil da Rhodia em Santo André, o *A* da região do ABC, constituía, por um ângulo, um cenário inquietante e inédito para 1.200 operários compulsoriamente postos em licença e, por outro, o eixo de um desses universos de produção abalados até o infinito pelo desaquecimento da produção.

Enquanto pintava uma coluna do galpão de fiação, o chefe de manutenção Antônio Ribeiro dos Santos, há 13 anos na Rhodia e um dos poucos empregados mantidos em atividade para limpar máquinas e tirar a poeira, confessava o medo produzido pela paralisação daqueles equipamentos que jamais tiveram descanso, nem no Natal ou no Ano Novo. "A gente fica pensando no dia de amanhã", dizia.

Nas empresas que trabalham para a Rhodia e, mais adiante, nos estágios seguintes do *dominó*, cujas peças se equilibram com mais dificuldade à medida que diminuem de tamanho, a mesma reflexão envolvia pequenos empresários incertos quanto ao destino de seus estoques, empregados preocupados com o salário atrasado e, já em alguns casos, prestadores de serviços esporádicos também mandados para casa sem o conforto de qualquer pagamento.

Rhodia pára e prejudica os fornecedores

SÃO PAULO — A unidade têxtil da Rhodia, atingida pelos efeitos do Plano Collor, emprega 4.500 pessoas, um terço delas diretamente na produção. A fábrica mantém um estoque de 30 mil itens, comprados de 8.500 fornecedores. Em 1989, a Rhodia gastou US$ 89 milhões com a compra de mercadorias e a unidade têxtil registrou a média de 1.500 pedidos por mês.

Desde o último dia 16, quando o plano de estabilização colocou a economia do país numa geladeira que levou a fábrica a conceder licença remunerada a partir de segunda-feira passada até o início desta semana, só foram emitidos 125 pedidos, apenas para resolver casos inadiáveis de manutenção. "Nada de gastos", repete várias vezes por dia o gerente da unidade, Nelson Tadeu Passotti Pereira, obrigado a fechar, a seu modo, uma torneira que controla boa parte da atividade dos fornecedores.

Nas empresas que giram em órbita mais próxima da Rhodia, juntam-se casos de perplexidade, de ação rápida e até de um otimismo quase ingênuo. O espanhol Francisco Morales, dono de um depósito de distribuição de óleos vegetais para a indústria — normalmente consumidos em caldeiras — está perplexo. Com faturamento de NCz$ 1 milhão diário, anterior ao plano, caiu para Cr$ 400 mil e ele se preocupa com o que pode ocorrer se seus pequenos compradores também fizerem como a Rhodia, cuja encomenda mensal de 18 toneladas ficou limitada a duas nesses últimos 16 dias.

São Paulo — José Carlos Brasil

Souza está sem entrega para fazer com seus caminhões

Proprietário também de uma fábrica de óleo de mamona em Itapuí, a 330 quilômetros da capital, Morales começou por lá os cortes de gastos cuja cadeia começou no comando da Rhodia, em São Paulo, desempregando cinco funcionários sem registro que ajudavam os 10 de carteira assinada na produção.

Embalado pelo mesmo ritmo do setor que representa metade do seu faturamento de US$ 2 milhões por mês, o empresário Heitor Paulo Battaggia viu as indústrias têxteis reduzirem a zero as encomendas de tubos de papelão para enrolar fios e mandou de licença remunerada os 450 operários da Wilke Artefatos de Papel e Papelão.

Cachaça — *Para a Rhodia, a Wilke costumava fornecer 90 toneladas de tubos por mês, mas desde o dia 16 não saiu de seus estoque uma única peça para esse grande cliente. De sua janela, Battaggia vê medrarem também os negócios do estabelecimento mais próximo, o Bar e Café Gradinha, um desorganizado boteco que vendia 12 garrafas de pinga e 40 lanches por dia quando a Wilke estava ativa e agora só abre duas garrafas de cachaça e não chega a fazer 10 sanduíches. São 50 empregados que temem pelos seus salários.*

Outro fornecedor da Wilke, a Lume Comércio de Alimentos, arranja-se como pode com a queda brutal no ramo de refeições prontas. O normal da empresa era vender 1.700 marmitas por dia, mas o processo de cortes e contenção iniciado lá atrás, na Rhodia, colaborou para que sua produção desabasse para 850.

Mais adiante, por sua vez, o fornecedor de carnes da Lume, o Frigorífico B.B., do empresário Bertalan Braun, anda curiosamente animado. Braun não se incomodou com a redução do volume de encomendas de seus 200 fregueses e, enquanto a maioria dos outros frigoríficos paralisava as vendas à espera de acerto nos preços, ele arrancou de sua tabela os custos financeiros e foi à luta. Conseguiu 100 clientes novos, manteve em dia o salário de 120 empregados e só lamenta duas coisas: a desorganização dos bancos e o fato de que não sabe quanto está lucrando — se é que está.

Menos engenhoso nesse tipo de malabarismo, o dono da Mecânica Santo André, Bonini Santi, que se orgulha de uma empresa que há 53 anos sobrevive de produzir peças de ração dos bancos e o fato de que não sabe quanto está lucrando — se é que está.

Peças — *Menos engenhoso nesse tipo de malabarismo, o dono da Mecânica Santo André, Bonini Santi, que se orgulha de uma empresa que há 53 anos sobrevive de produzir peças de reposição para multinacionais, não gosta da idéia de endividar-se e não sabe de onde vai tirar Cr$ 1,4 milhão para pagar o salário de seus 45 empregados.*

Luís Gomes de Souza, proprietário da ABC Metais, costumava mandar seus três caminhões Ford Cargo encherem os tanques com 140 litros de óleo diesel cada um pelo menos duas vezes por semana. Sem entregas a fazer, os caminhões não apareceram mais no Posto Casabranca, onde o gerente Paulo Barboza já anda pensando que seis empregados é muita gente para vender 2.800 litros de combustível por dia, quando a mesma turma dava conta folgadamente da venda de 4.000 litros, 20 dias atrás. De empresa grande para média, de média para pequena e desta para micro, o efeito-dominó do Plano Collor não tem como recorrer aos préstimos do delegado Tuma para conter essa cadeia de desaquecimento e desânimo (M.E.G.)

Operário da Bangu teme redução de salário

Ronaldo Lapa

José Pitangui da Silva, 50 anos, trabalha há 13 anos como ajudante de mecânico na Companhia Progresso Industrial Bangu, mais conhecida como fábrica de tecidos Bangu. Mês passado recebeu NCz$ 6,5 mil de salário dos quais NCz$ 3 mil já comprometidos com a alimentação de sua família, formada pela esposa Zélia Pitangui Silva e quatro filhas. Pitangui da Silva não paga aluguel, mas gasta mensalmente em torno de NCz$ 2 mil com as contas de luz, água, gás e impostos, e costumava reservar NCz$ 700 para passar o mês. Até o início da semana passada imaginava que teria condições de honrar todos esses compromissos com o redimento do seu trabalho. Um aviso da empresa, no entanto, praticamente mudou sua vida.

Pressionada pela falta de sua principal matéria-prima, o algodão, e obrigada a enfrentar séria crise nas vendas, a direção da Bangu avisou ao Sindicato dos Empregados na Indústria de Fiação e Tecelagem que estaria estudando a redução dos salários de seus empregados em 25%, combinada com a diminuição da carga horária em 50%. A empresa, que recen''mente mudou de mãos — foi vendida pela família Silveira ao grupo Dona Isabel, de propriedade do industrial Ricardo Hadad —, está respaldada na Lei 4.923 da CLT para fazer esta proposta aos seus funcionários. José Pitangui e seus 1.800 colegas de trabalho, no entanto, começam a passar por momentos difíceis.

Mesmo admitindo que terá que passar muitas necessidados, cortando fundo inclusive despesas com alimentação, o ajudante de mecânico pensa em negociar com a empresa uma proposta menos cruel desde que seu emprego seja assegurado. "Não vou conseguir outro serviço nessa idade", teme.

Assembléia — Essa não é, entretanto, a tendência da maioria de seus colegas. A presidente do sindicato, Marly Ferreira de Almeida, que não é filiada a qualquer central sindical, garante que a categoria deverá rejeitar a proposta apresentada pela Bangu em assembléia marcada para a tarde desta segunda-feira nos portões da fábrica. A previsão da líder sindical é endossada por um grupo de funcionários — a maioria mulheres — reunidos, depois do expediente, num boteco nas imediações da Bangu.

"Nossa posição é não negociar redução de salários", explica Paulão, que faz questão de não revelar seu nome verdadeiro ou mes mo ser fotografado: teme represálias de superiores. Ele conta que mora em Paracan bi, vem para o trabalho em ônibus da pr pria empresa mas considera Bangu o se bairro. Ganha Cr$ 5 mil mensais e gas 50% desses vencimentos com a alimentaç da família. Mora num barraco sem pag aluguel e, portanto, não se preocupa com contas de luz e água que devoram parte salário de Pitangui da Silva. Os Cr$ 2,5 restantes Paulão gasta com vestuário e re dios para a filha, "sempre doente por f de comida, e é só, não dá para mais nada

"Ganho Cr$ 5 mil, tenho dívidas na p ça que já devem chegar a Cr$ 25 mil e ai vem me falar em redução de salário, pod Se não tiver outro jeito a gente faz queb quebra", garante. Eleitor de Fernando Co lor de Mello, Paulão está decepcionado co o novo presidente. "Ele pegou os ricos m os ricos *pegou* os pobres. E no final nã adiantou nada", analisa o funcionário d Bangu, que também se confessa contrário às idéias de Lula "porque ele não tem estudo e não sabe falar".

Contramão — Na contramão de todos esses problemas, o diretor de Recursos Humanos da empresa, Raul Peixoto, procura acalmar os ânimos. Observa que a redução dos salários foi apenas uma proposta apresentada ao sindicato a título de sondagem. "A idéia era adotar esse esquema no médio prazo e não imediatamente. Mesmo porque o nosso salário médio está hoje em torno de Cr$ 10 mil", confessa.

No seu diagnóstico, a empresa já vinha em dificuldades muito antes do programa econômico do presidente Collor de Mello em conseqüência das dificuldades de comprar matéria-prima e comercializar a produção. Lembra que quando as vendas começaram a sentir os efeitos a primeira providência foi dar férias coletivas para uma parte do pessoal, pagando todos os salários. Mais tarde, no dia 13 de março, outro grupo saiu em férias coletivas, mas sem receber nada. Os bancos ficaram fechados devido ao feriado bancário e isso deve ter acarretado muitos problemas, avalia Peixoto.

"Agora — continua — estamos tentando resolver o problema de outra forma. Começamos a receber algodão, reiniciamos a fiação, e fizemos essa proposta apenas como sondagem para sentir a reação dos trabalhadores e do sindicato. Se eles rejeitarem a proposta vamos procurar outra saída", garante.

Marcia Kranz

José da Silva: Cr$ 700, fora as contas, para passar o mês

Empresas revêem estratégia para recomeçar negócios

Nilton Horita

SÃO PAULO — A guerra está declarada. Não tem salário, os cruzeiros são escassos, há ansiedade no ar, boa parte do dinheiro foi confiscada e o risco de quebradeira geral está mais próximo do que nunca. Esta configuração da sociedade brasileira da era Collor exige mais que competência administrativa das empresas — requer, na verdade, uma revisão total de sua filosofia de trabalho.

É fazer nascer um novo empreendimento a partir do zero, apagar o cruzado da cabeça e pensar apenas em cruzeiros. "Não adianta mais ficar lamuriando os cruzados perdidos, mas tratar de seguir em frente para conseguir cruzeiros; chega de entender o pacote", decretou o presidente do Banco Pontual, José Baia Sobrinho, à sua equipe de trabalho. "Vocês têm que sair à rua para conseguir clientes e negócios."

A postura desse banqueiro revela como, mesmo em meio ao coro de lamúrias pós a edição do Plano Collor, algumas empresas trocaram as queixas por mais trabalho. "Enquanto as pessoas ficam pensando em como encontrar brechas na lei para resgatar os cruzados perdidos, perde-se tempo e energia para girar mais cruzeiros", afirma Baia Sobrinho.

Concordata — O Plano Collor representou, na verdade, uma grande concordata do país frente a ele mesmo. E nesta situação de guerra, a sociedade precisa aprender a sobreviver com os poucos cruzeiros que ainda existem na economia e tratar de trabalhar para construir uma nova riqueza, sustentada a partir do aumento de produtividade.

O que isto significa para o dia-a-dia das empresas é uma revisão geral das estratégias administrativas. O presidente da empresa de consultoria Boucinhas, Campos e Claro, José Fernando Boucinhas, adotou regras em sua própria empresa que servem de exemplo para os clientes, também empresas lutando para sobreviver ao enxugamento de liquidez.

Trata-se de combinar mais agressividade para conseguir negócios com um espartano enxugamento de gastos operacionais. Muitas empresas começaram cortando já no tradicional cafezinho e na água mineral, como é o caso da própria Boucinhas. Os telefonemas interurbanos foram limitados a um máximo de tempo, a partir do qual a ligação é cortada automaticamente. As viagens dos executivos da Boucinhas, cerca de 800 por mês antes do Plano Collor, não passam de 300, índice que deverá cair ainda mais.

Arquivo — 25/01/89

José Baia Sobrinho: principal agora é obter cruzeiros

Cortes — "Antes bancávamos nós mesmos as viagens para atendimento dos clientes, agora pedimos que elas próprias paguem as despesas", afirma José Fernando. Os materiais de escritório também foram drasticamente cortados. Os papéis de uma grande rede de varejo são, agora, utilizados na frente e no verso. Nesta mesma rede, os empregados trazem suas próprias xícaras para tomar o seu cafezinho, enquanto ele ainda é servido, para economizar a compra de copinhos de plástico.

Cada empresa é uma nova empresa nascida com pouco capital de giro em cruzeiros e pouco crédito. Há ainda uma característica importante: esta nova empresa em cruzeiros reduziu seu capital de giro, mas continuou com o mesmo tamanho físico da era cruzado (quantidade de funcionários, equipamentos e infra-estrutura).

Uma empresa que possuía um capital de giro de, por exemplo, US$ 1 milhão, que estava aplicado no over, renasce teoricamente com US$ 200 mil. Ou seja, sua diretoria fica com duas opções: reduzir a empresa ao tamanho equivalente aos US$ 200 mil ou desenvolver mecanismos de sobrevivência. É aí que surge a combinação dos fatores agressividade empresarial e cortes profundos nos gastos.

Prazo maior — Isto significa definir claramente as fontes para formação de cruzeiros. A primeira dessas fontes está na dilatação do prazo com o qual a empresa paga seus fornecedores de insumos ou matéria-prima. Antes do Plano Collor, este prazo, de forma geral, era de sete a 14 dias. Hoje, está-se ampliando brutalmente.

As empresas do Pólo Petroquímico de Camaçari, na Bahia, por exemplo, já praticam entre 30 e 60 dias. É o caso da EDN Estireno do Nordeste, que passou a vender seus produtos nesses prazos, cobrando juros de 18% para vendas em um mês e de 24% para dois meses. Para quem paga à vista, concede desconto de 10% no preço.

A EDN, aliás, é outro exemplo de proposta de renascimento com esquecimento do passado: "Fechamos o nosso planejamento de vendas para abril e decidimos que o esforço de vendas será manter os mesmos níveis do ano passado, ou seja, 7.500 toneladas de estireno", afirma Francisco Teixeira Garcia, do Departamento de Produtos da EDN.

Outros setores, como embalagens, brinquedos, eletrodomésticos e confecções, também estão vendendo com prazos ampliados. A tática é empurrar os seus respectivos fornecedores para trás, o máximo possível. Outra forma de internar cruzeiros rapidamente é girar os estoques em velocidade supersônica, remarcando preços drasticamente para baixo. Outra forma que vem sendo aplicada pelas empresas é a chamada depuração da linha de produtos. Ou seja, procura-se diminuir a variedade de produtos, optando pelas mercadorias de baixo valor unitário e giro rápido.

Empresários buscam eficiência maior

As empresas já perceberam que o momento é o mais oportuno para aumentar a eficiência produtiva, sem realizar grandes investimentos, mesmo porque não há dinheiro para isto. Quem já vinha desenvolvendo projetos de aumento da produtividade utilizando recursos tecnológicos, como o Lloyds Bank, a Rhodia e a Kodak, está hoje em um estágio invejável. Mas para aquelas empresas que passaram os anos investindo no mercado financeiro, não há outra alternativa a não ser começar tudo de novo. Afinal retroceder para uma situação como a de antes do Plano Collor, agora, é colocar o Brasil na desordem econômica: "Temos a consciência de que o retorno seria a hiperinflação, em que não sobrariam nem os 20% do over como ocorreu agora", afirma o diretor financeiro da Rhodia, José Carlos Alcântara.

Portanto, a alternativa que se coloca é produzir mais, com menos recursos. "A riqueza se constrói em cima da eficiência", afirma o vice-presidente executivo do Lloyds Bank, José Roberto Martins. "Este país tem um índice muito baixo de produtividade e o nosso crescimento tem de ser sustentado por uma melhora aí, ou seja, por um grande esforço de trabalho." O Plano Collor apanhou o Lloyds em meio a uma estratégia de aumento de eficiência, enfocada a partir de duas premissas básicas: mais racionalização e produtividade. Ou seja, o pessoal foi totalmente treinado e os níveis de automação cresceram bastante (há 1.600 microcomputadores em toda a rede). O resultado já pode ser medido. Houve um aumento da produtividade em cerca de 15%.

Austeridade — A Rhodia, gigante dos setores químico e têxtil com 14 mil funcionários, decidiu decretar um estado de austeridade na administração de seu caixa, agredir o mercado interno e externo (principalmente o último), mas vive igualmente uma boa situação. "Nós investimos há vários anos no aumento de nossa eficiência como filosofia de trabalho", afirma Alcântara.

Uma das pernas desse aumento da produtividade, aliás, pode estar na utilização também de mão-de-obra temporária, segundo o presidente da Gelre Serviços Temporários, Jan Wiegerinck, que possui 45 unidades espalhadas por todo o país e que administra um contingente de quatro mil trabalhadores. Num primeiro momento houve queda de 30% na demanda da empresa. "Acredito, porém, que dentro de dois meses a demanda vai crescer bastante, pois a mão-de-obra temporária tem mais flexibilidade de mobilização e desmobilização". E, de resto, Wiegerinck recomenda: "Não adianta chorar sobre o leite derramado. É hora de arregaçar as mangas". Ou seja, como disse o presidente Fernando Collor de Mello, "virem-se." (*N.H.*)

Arquivo — 9/12/87

Galan: exame minucioso na hora de comprar

Arquivo — 25/6/89

Nabuco: salários reduzidos e estabilidade

Produtividade é a salvação para economia

A tese central do pensamento do vencedor do Prêmio Nobel de Economia de 1987, Lawrence Klein, é de que não bastam medidas fiscais e financeiras para salvar uma economia em crise como a brasileira. Somente com os pés firmes na realidade e buscando mais produtividade, ou seja, com o estabelecimento de um choque produtivo, é que as economias conseguem se salvar, ensina o economista.

No Brasil essa teoria poderia ser hoje traduzida pela aplicação, num primeiro momento, de um tratamento de choque para cortar a inflação e, simultaneamente, sem esperar a implementação do Plano Collor, incentivo para que as pessoas passem a produzir com maior eficiência. Ou seja, depois de reduzir a liquidez e, consequentemente, a demanda, tentar controlar o equilíbrio dos preços pelo aumento da oferta.

A história mostra que a adoção isolada de um programa como os contornos do Plano Collor não traz resultados positivos. Enganam-se aqueles que imaginam que o Japão chegou onde está em razão de um simples choque fiscal e financeiro no pós-guerra. Segundo o professor Yuichi Tsukamoto, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, um japonês de nascimento que viveu o fim da Segunda Guerra no Japão, é preciso produzir mais para aumentar a oferta.

"Com a rendição do Japão em 1945, o país mergulhou num ambiente de desgraça, regido pelo que é hoje no Brasil a famosa Lei de Gerson, em que todos gostam de levar vantagem em tudo, e ameaçado com um hiperinflação de 800%", afirma. Havia três problemas centrais: faltavam recursos externos, recursos humanos e tecnologia.

"Em 1946 foi decretado um plano de reordenamento monetário semelhante ao Plano Collor", lembra Tsukamoto. Foi feito um bloqueio nos ativos financeiros, mudou-se fisicamente o papel-moeda e estabeleceu-se um teto para saques. Seis meses depois, porém, a inflação japonesa voltou a subir e a ameaçar de novo o país.

"A razão principal para que isto ocorresse foi a falta de oferta de produtos", recorda Tsukamoto. Para sanar o problema, as forças de ocupação americanas e o governo japonês adotaram várias medidas de estímulo à produtividade.

"A redução do desperdício e a distribuição justa da riqueza converteu-se na principal preocupação dos trabalhadores", ensina Tsukamoto. Em 1948 o Japão conseguiu recuperar sua produção para 60% do PIB anterior à guerra a partir virtualmente do nada. Em 1974 e 1975, já um colosso do capitalismo mundial, o país sofreu outro período de ameaças ao crescimento econômico com a crise do petróleo. Novamente os problemas foram atacados: "Mas, dessa vez, o agente principal foram os consumidores, que estabeleceram um mutirão nacional contra o desperdício e as remarcações abusivas de preços", afirma Tsukamoto.

"Temos, portanto, que expurgar do pensamento brasileiro a idéia de que a produtividade é um assunto exclusivo de fabricantes e engenheiros. Para que o Plano Collor dê certo, não basta coragem e coerência teórica, mas é preciso também competência de gestão", conclui. O bloqueio dos ativos poderá fazer nascer uma mentalidade de aumento da produtividade entre os brasileiros; primeiro, via abolição dos desperdícios. "O momento atual é uma oportunidade para iniciar o movimento da produtividade".

Contenção de custos vira lema comum

Um dos itens fundamentais para as empresas conseguirem sobreviver aos novos tempos é a coragem. É preciso coragem, por exemplo, para vender produtos com promoções de toda ordem (já há lojas oferecendo vendas em 12 vezes). "Apesar de ser necessário, muitas indústrias ainda relutam, por incrível que pareça, em oferecer promoções para vender mais", constata José Fernando Boucinhas, presidente da Boucinhas, Campos e Claro Consultores. De qualquer forma, as linhas de produtos precisam ser concentradas de modo a promover dois ganhos adicionais nos custos de produção. Primeiro, ganha-se um ciclo de produção menor (o período em que o estoque fica parado é bem menor e a venda mais rápida) e, depois, existem menos itens de matérias-primas a serem comprados.

Outro ponto fundamental para as empresas sobreviverem é fazer o que for possível para não deixar sair cruzeiros de seu caixa. Se o governo Collor fechou de forma brutal as torneiras do dinheiro, por que os empresários não podem fazer o mesmo? As empresas que estão preocupadas com o futuro já decidiram que a única área que ainda pode gastar um pouco é o setor comercial.

Uma empresa agropecuária do Mato Grosso adotou formas curiosas de economia. Ao invés de cafezinho, só servido para as visitas, ela oferece aos funcionários chá de erva cidreira, feita a partir da planta que nasce nos fundos da sede. Além disso, o comprador desta empresa, que mantém contatos diários com fornecedores de São Paulo e Rio, enviou telex a todos informando que a partir de agora correrão por conta deles todas as ligações interurbanas.

Há outros pontos. Cálculos do setor administrativo da empresa indicaram que cada funcionário gastava uma caneta Bic a cada 15 dias. A diretoria ordenou que os empregados trouxessem caneta de casa (geralmente a mesma que a empresa forneceu há alguns meses). "Cortei todas as verbas de representação, os cursos de inglês, viagens só ocorrem com meu voto pessoal e os telefonemas locais ou interurbanos caem após alguns minutos. Com tudo isso, sinto que ganhei a consciência dos funcionários de que os tempos serão difíceis e qualquer sacrifício é válido para sobrevivermos todos", conta o presidente do Banco Pontual, José Baia Sobrinho.

Antecipando — A maior produtora de equipamentos fotográficos da América Latina, a Kodak do Brasil, também está pensando na frente e reduziu não apenas as viagens ao exterior, mas também as locais. "Todas as nossas compras, agora, passam por um minucioso pente fino", relata o diretor de marketing da Kodak, Gilberto Galan. "E como as vendas caíram muito, estamos aplicando descontos para pagamento à vista."

Além disso, a Kodak também ampliou os prazos de venda para 30 dias, reduzindo as taxas de juros, mas oferecendo estímulo no preço de acordo com o prazo de pagamento. Quem desembolsa em 30 dias paga os juros totais, mas o comprador que liquidar a fatura mais cedo ganha desconto. Na parte de pessoal, a Kodak, que possui 3.500 empregados, organizou um inventário do seu quadro. "Quem está ocioso, vai fazer alguma coisa em outro setor", conta Galan. Evidentemente, todas as empresas sabem que a recessão será forte e haverá baixas no caminho.

"Mas não há outro jeito, temos que sobreviver de alguma forma", afirma o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Fernando Nabuco. A Bovespa, aliás, foi uma das instituições que mais sofreu os efeitos do Plano Collor pela redução violenta dos negócios de ações. "Isto não quer dizer, porém, que devemos ficar lamentando as perdas. Agora é hora de trabalhar para gerar novas riquezas, haja os problemas que houver no meio do caminho. É olhar para a frente e seguir, se não estaremos todos mortos", alerta Nabuco. Ele próprio deu o exemplo de adaptação aos novos tempos na semana passada, quando fechou com os 820 funcionários um acordo pelo qual, em troca de estabilidade temporária, eles tiveram seu salário reduzido em percentuais que variam conforme uma série de critérios (*N.H.*).

Consultor tem trabalho dobrado desde o Plano Collor

Sérgio Costa

Elas não escaparam do bloqueio de dinheiro trazido pelo plano econômico, e nem têm dúvidas de que a economia brasileira vai desacelerar pelo menos um pouco nos próximos meses. Mas estão extremamente confiantes no sucesso de seus negócios, principalmente depois que passar a fase mais traumática do choque. São as empresas de consultoria, que dividem entre si o atendimento dos maiores grupos nacionais e estrangeiros do país — um trabalho muito mais intenso em épocas de grandes mudanças no cenário econômico, como nos dias de hoje.

"Ficamos sem um cruzeiro em caixa", relata o chefe do escritório regional da Arthur Andersen no Rio de Janeiro, Rubens Branco, ao comentar os efeitos do pacote. O quadro é mais ou menos o de um *faça o que eu digo e também o que eu faço*: os cerca de mil clientes da empresa no Brasil ficaram sabendo que ela cortou despesas supérfluas, com suspensão temporária de viagens e cursos, por exemplo. "Existem ocasiões benéficas para se eliminar custos desnecessários", assinala Branco, especialista da área fiscal e tributária.

Preparação — Os preparativos das consultorias, para receber o anúncio do plano, foram rígidos. Na Arthur Andersen, as reuniões do dia 16 agora se repetem diariamente. Os clientes (66 mil no mundo), é claro, reagiram com ansiedade. "Um deles ligou de Nova Iorque e me colocou em contato com um de seus gerentes, em Londres. Conversamos os três, por telefone", conta Branco.

Na Price Waterhouse, dez sócios se reuniram no escritório de São Paulo, decifraram as medidas e se prepararam para responder a dúvidas mais imediatas. Na KPMG Peat Marwick Dreyfuss, um resumo em inglês das medidas provisórias foi remetido para as matrizes, no exterior, de clientes estrangeiros.

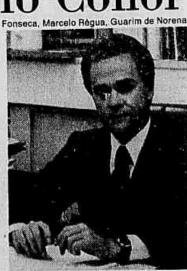
"Dificilmente vamos continuar a ter recessão", diz um dos sócios da Price, Luiz Carlos Simões. Durante alguns dias depois do anúncio das medidas, houve um estranho silêncio dos clientes, também em torno de mil. "Depois do quinto dia, começaram a chover os telefonemas e pedidos de reunião", acrescenta o sócio. Os encontros com os clientes, um por dia antes do pacote, dobraram — as maiores dúvidas eram sobre como movimentar o dinheiro. No dia 22 foi realizado um seminário, no estilo *the day after* (o dia seguinte), que atraiu cerca de 80 executivos.

Auditorias — O que as consultorias esperam, bem animadas, é um bom mercado para serviços de auditoria nos próximos meses. Afinal, o programa de privatização e de levantamento do patrimônio do setor público, promessas do novo governo, exigem um exame minucioso dos valores em jogo. Ainda existem as auditorias com data de 15 de março, lembram Haroldo Maggi e James King, sócios da KPMG, falando dessa exigência para as instituições financeiras, e que poderá se estender a companhias abertas e seguradoras. Simões, da Price, faz as contas: uma auditoria para um grande grupo, exigindo um trabalho de 15 mil horas, custa nada menos que US$ 1 milhão.

"Com o término ou a grande diminuição da economia informal, as empresas precisarão de conselhos para atrair a economia formal", acrescenta Rubens Branco, da Arthur Andersen, apontando para a proibição que agora existe para movimentar grandes quantias ao portador. As consultorias não falam em valores no Brasil, mas Branco revela que já no ano passado os ganhos da Arthur Andersen cresceram entre 15% e 20% — no mundo, no ano fiscal terminado em setembro de 1989, o faturamento chegou a US$ 3,2 bilhões. São resultados ainda melhores em época de recessão: na de 1981/1983, conta, o crescimento foi de 20% a 30% ao ano somente na área de consultoria fiscal.

Produtividade — Na KPMG Peat Marwick Dreyfuss, que tem 700 escritórios em 117 países (faturamento mundial de US$ 4,3 bilhões em 1989), Maggi e King relatam expectativas para o futuro. "Esperamos uma grande incidência, em seis meses, na procura de consultoria na área de produtividade. Alguns executivos já começam a falar nisso, por alto", explica King, falando de um mercado mais exigente na qualidade — e por isso, mais competitivo, levando as empresas a se preocuparem em produzir melhor e mais barato. Um projeto amplo de consultoria empresarial, a um grupo de porte, custa hoje cerca de US$ 500 mil, calcula Maggi.

Para completar o ambiente de otimismo das consultorias, ainda existe o cenário da volta do investimento estrangeiro. "As perspectivas são muito boas", diz Rubens Branco, falando dos serviços de análise dessas empresas especializadas para grupos que tornarem a ver com bons olhos os negócios no Brasil.

Zeca Fonseca, Marcelo Régua, Guarim de Norena

Branco cortou despesas, Maggi prevê muito trabalho e Simões alerta para a recessão

Cresce interesse pelo Leste Europeu

Se no Brasil as grandes empresas de consultoria estão animadas, imagine então nos sonhos de seus executivos depois da perestroika. A maior abertura da economia em países do Leste Europeu, a partir de uma série de estudos, do tipo como viabilizar investimentos norte-americanos no resto da Europa naqueles mercados. Isso inclui, por exemplo, levantamentos sobre as normas de contabilidade na União Soviética, para conhecimento de clientes interessados em negócios no país de Mikhail Gorbatchev.

"Abrimos um escritório em Moscou no final do ano passado", revela Luiz Carlos Simões, da Price Waterhouse. A estratégia é assessorar possíveis investidores não só na URSS, mas também em países socialistas vizinhos. Para isso, uma providência especial foi tomada: enviar um economista soviético, Igor Zukanov, para um curso na Price de Nova York, preparando-se na tarefa de auxiliar companhias norte-americanas em investimentos na União Soviética.

'Joint-ventures' — Na Arthur Andersen, uma experiência foi feita em 1980, quando a empresa ficou responsável pela auditoria dos Jogos Olímpicos de Moscou. "Agora acertamos um acordo com o governo soviético", diz Rubens Branco, falando de assessoria à formação de *joint-ventures* (associações) entre empresas da URSS e grupos estrangeiros. O próprio Branco concluiu agora um trabalho sobre auditoria na União Soviética, falando dos princípios contábeis, principalmente para essas associações — que já chegaram a 700, depois da perestroika.

No caso da KPMG Peat Marwick Dreyfuss, existe a vantagem de um escritório já instalado na Hungria antes mesmo das mudanças ocorridas naqueles países, nos últimos meses. "Temos um grupo estudando operações na União Soviética e no Leste Europeu. Há também possibilidades na Polônia", relata James King. Além disso, a empresa está na expectativa da eventual reunificação das duas Alemanhas. Neste caso, já contando com a presença que mantém hoje na Alemanha Ocidental. (*S.C.*)

BC recua e poderá não realizar leilões de cruzados

BVRJ luta para sobreviver

Sem negócios, a Bolsa só resiste mais dois meses

Sônia Araripe

Uma instituição de 145 anos, que é um dos cartões-postais do sistema capitalista, está praticamente fechando suas portas. A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, em meio a sua mais grave crise dos últimos anos, tem fôlego para permanecer aberta por apenas cerca de dois meses se a nova tributação sobre as ações não for alterada. Este quadro dramático atinge também o *braço* da BVRJ, a Bolsa Brasileira e de Futuros, que há duas semanas não registra a entrada de um só centavo.

"Estamos tentando sobreviver, mas não tem sido fácil", admite Francisco de Souza Dantas, presidente da bolsa, que assumiu no final de julho do ano passado, logo depois do verdadeiro *terremoto* que abalou todo o mercado financeiro e ficou conhecido como Caso Nahas. Na semana passada, na tentativa de aumentar a sobrevida, o conselho da bolsa, formado por 12 corretores e presidido por Souza Dantas, decidiu cortar os gastos pela parte mais significativa, ou seja, pelo topo.

Ao invés de demitir centenas de funcionários de salários baixos, a saída foi dispensar quatro dos sete superintendentes — Carlos Von Doellinger, superintendente geral, espécie de presidente do dia-a-dia; Maria Amélia Lemos, da área operacional; Luís Eduardo Martins, superintendente jurídico e Raimundo Cano, da área administrativa— que vão gerar uma economia de cerca de Cr$ 3 milhões, exatos 10% da folha de pagamento.

Redução — Desde o ano passado, depois do Caso Nahas, quando alguns funcionários de segundo escalão da bolsa deram aval para operações de alto risco, e até mesmo um conselheiro esteve envolvido nos negócios especulativos, o funcionamento da instituição mudou radicalmente. Os superintendentes participavam de todas as decisões operacionais tomadas e os conselheiros ficaram responsáveis pela estratégia mais ampla. A partir de agora, os três superintendentes que ficaram— Sérgio Berardi, que irá acumular a superintendência geral e a área de informática, Ricardo Nogueira, da área técnica e Jorge Quadros, da liquidação e custódia— terão trabalho dobrado, acumulando a função dos demitidos.

"Estamos nos mutilando, mas não havia outra saída", diz Souza Dantas. As medidas de contenção não páram por aí. Os 695 funcionários tiveram que aceitar uma redução nos salários que vai de 5 a 35%. Quem ganhou em março, por exemplo, Cr$ 30 mil, verá o salário diminuir em 10% em abril. "Sabemos que é um remédio amargo, mas precisamos da colaboração de todos os funcionários", justifica. Em troca a direção da bolsa acenou com a garantia de que ninguém será demitido até maio.

Os salários de março já foram todos pagos, mas o caixa de cerca de Cr$ 30 milhões hoje não seria suficiente para pagar a folha de abril. A bolsa também foi atingida pelas mudanças que mexeram com as contas bancárias e investimentos de milhões de brasileiros. O caixa estava aplicado no overnight, e do total de NCz$ 180 milhões, apenas 20% foi liberado. Há negociações com os fornecedores de serviços, como a IBM e a Telerj, para reduzir os custos e este final de semana os dirigentes se reuniram para traçar uma tática de guerra — não desperdiçar um só centavo.

Expectativa — Depois de uma semana confusa encerrada na sexta-feira, em uma longa reunião com cerca de 50 corretores, o presidente da BVRJ admitia estar exausto. Confessa que o mercado está nas mãos do Congresso e do governo, na esperança de uma mexida na tributação do IOF de 25% sobre cada venda (apenas para carteiras acima de 10 mil BTNs, cerca de Cr$ 410 mil hoje). Mas acredita que este quadro drástico — os volumes antes do Plano Collor eram em torno de NCz$ 800 milhões e agora não passam os Cr$ 80 milhões — se reverta. "Se a bolsa fechar, é o mesmo que acabar com o sistema capitalista. Não acredito que é esta a vontade do governo", disse.

Paulo Nicolella — 7.7.89

Souza Dantas ainda espera por mudanças na tributação

BBF paralisada desde o Plano

Criada no final de 1984, a Bolsa Brasileira e de Futuros surgiu como uma espécie de complemento da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Ali só seriam fechados negócios no mercado futuro, seja com ouro, com ações ou com taxa de juros. Depois de momentos poucos felizes, este *braço* da BVRJ vem sofrendo nas últimas duas semanas um verdadeiro pesadelo: nem um só negócio foi fechado desde que o Plano Collor foi anunciado.

"As garantias depositadas passaram a não ter muito valor e as regras mudaram radicalmente", conta Alexandro Marcel, presidente da BBF e diretor da corretora Fator. Desde o final do ano passado ele vem tentando conquistar novos investidores, criar novos produtos e fazer a bolsa mais ágil. Na semana passada admitia que a sobrevivência desta instituição depende agora não tanto das decisões do governo mas principalmente dos corretores cariocas.

"Falta mais bairrismo, como acontece em São Paulo. Os corretores operam onde tiver mais negócios", diz. Esta também é a opinião de Francisco de Souza Dantas, presidente da Bolsa do Rio, que antes de assumir o comando desta instituição passou cerca de dois anos a frente da BBF.

Cortes — O Plano Collor congelou 80% do caixa da BBF, Cr$ 15 milhões, depositado no overnight. Restaram cerca de Cr$ 3,5 milhões. Seguindo o exemplo da *irmã*, fez um corte na folha de 40 funcionários por cima. Demitiu dois gerentes que recebiam salários mais altos, cerca de 30% da folha de Cr$ 1,5 milhões, ou seja, em torno de Cr$ 450 mil. As despesas foram cortadas drasticamente e os serviços prestados pela Bolsa do Rio — como o aluguel do pregão à tarde— não serão pagos enquanto a receita for insuficiente.

Alexandro Marcel prefere não comparar a BBF com sua principal concorrente, a Bolsa Mercantil e de Futuros (BM&F), localizada em São Paulo. "Lá houve uma injeção de US$ 20 milhões da Bolsa de Valores paulista e os corretores foram bairristas o bastante para fazer os negócios crescerem", diz.

A esperança maior da BBF agora é um novo produto, o mercado futuro de câmbio, onde o exportador poderia fechar contratos antecipadamente, para evitar as oscilações da moeda, fazendo uma espécie de proteção. "Se este produto for aprovado será um bom início", espera Souza Dantas. Alexandro fala na necessidade de vontade política dos corretores cariocas. Se depender apenas disto, meio caminho já foi andado: em um documento preparado na última sexta-feira cerca de 50 corretores do Rio definiram que querem manter a BBF aberta.

Joyce Jane

O Banco Central está revendo a idéia de realizar os leilões de conversão de cruzados novos em cruzeiros, prometidos quando o Plano Collor foi anunciado. O governo está preocupado com a perda patromonial que os investidores teriam com essa troca, devido ao deságio que poderá haver nesses leilões. O que admite fazer é encontrar formas alternativas de injetar liquidez na economia como, por exemplo, liberar os cruzados novos retidos, quando o empresário apresentar um projeto de investimento que o governo julgue interessante para o país.

A informação é de um dos seis elaboradores do Plano, o atual diretor de Política Monetária do Banco Central, Luís Eduardo de Assis. Ele diz que "existem mecanismos mais inteligentes de liberar cruzados novos", e que o governo vai começar a utilizá-los à medida em que for julgando que a economia precisa de mais cruzeiros. "Já começamos a fazer isso. A nossa idéia foi fazer um ajuste brusco de liquidez no primeiro momento, mas ir liberando recursos na medida que julgássemos necessário. Isso já começou a ser feito através da liberação do dinheiro para aposentados e casos de doença", afirma Assis.

Devolução antecipada — Essa entrada de dinheiro poderá, inclusive, ser feita através da antecipação da devolução de cruzados novos aos aplicadores. A negociação dos limites da poupança é impensável — "se o Congresso fizer isso terá que arcar com as conseqüências" —, mas o governo pensa em começar a liberar gradativamente os recursos dos aplicadores retidos no Banco Central.

"Na nossa forma de ver as coisas, não vai existir um dia 19 de setembro de 1991 marcado no calendário de todos os aplicadores (esse é o dia em que começariam a ser devolvidos os cruzados bloqueados). A idéia é ir administrando a liberação desse dinheiro de forma que, quando esse dia chegar, ninguém vai sequer perceber", imagina o diretor do BC.

Quanto a essa liberação de recursos, Assis foi enfático ao afirmar que não há chances dos investidores deixarem de receber cruzeiros para ganhar títulos públicos. "Primeiro, há um pressuposto errado de se achar que vai haver devolução do dinheiro. É preciso esclarecer que o dinheiro não foi tirado de ninguém, ele continua no banco, depositado na conta de cada aplicador. O governo não usará esse dinheiro para cobrir seus gastos", diz Assis.

Ele informa que o governo está procurando outras formas de financiar seus gastos, que estão sendo cobertos através de aumento da arrecadação — só com os Impostos sobre Operações Financeiras (IOF), o governo pretende arrecadar 2% do PIB —, além de estar reduzindo suas despesas e ter um programa consistente de privatização. "É preciso compreender que acabou aquela fase em que o governo precisava do dinheiro dos investidores para financiar seus gastos", ensina.

Falta de informação dificultou a criação de regras financeiras

A confusão vivida pelo sistema financeiro, depois do anúncio do Plano Collor, já era esperada pelo Banco Central. Quem admite isso é Luís Eduardo de Assis, que durante meses esteve reunido com a ministra Zélia Cardoso de Mello elaborando o plano. Ele disse que foi muito difícil obter as informações necessárias à formulação das medidas, sem deixar pista das reais intenções do governo. "Eram seis pessoas idealizando um plano, sem ter a máquina do governo como suporte para nos abastecer de informações".

Para contornar esse problema, a equipe usou de artimanhas. Assis lembra uma vez em que formularam um questionário para ser enviado ao Banco Central, pedindo informações sobre saldos em caderneta de poupança. Para não levantar suspeitas, foram criadas 25 perguntas, das quais 24 não tinham o mínimo interesse. A que realmente interessava estava camuflada entre as tantas outras nesse questionário.

Mas foi só a partir da divulgação do plano e da posse da diretoria do Banco Central, que eles tiveram acesso às reais dificuldades. Foi a partir desse momento que as medidas operacionais foram adotadas, com muitas resoluções e circulares determinando como colocar em prática um plano elaborado em gabinete por tão poucas pessoas.

Foi nessa hora que o Banco Central teve que estudar como viabilizar os limites e bloqueios determinados no plano. "Estamos tendo que remontar em 15 dias um mercado financeiro complexo, mais sofisticado do que o existente em muitos países desenvolvidos", explica-se Assis, dizendo que toda essa confusão era previsível.

Eduardo Assis garante que tudo terminará bem. "Os problemas por si só se resolvem". Mas não foram equacionados assim sozinhos como fala o diretor. Os técnicos do Banco Central perderam muitas horas de sono analisando as dificuldades dos grandes bancos e arranjando soluções para que nenhum deles sucumbisse com as medidas do Plano. E o resultado o próprio Assis resume: "Não vai faltar dinheiro para as pessoas sacarem, mesmo que as retiradas se intensifiquem com os boatos infundados. Falta de dinheiro é caso que só acontece em filmes de faroeste americano".(J.J.)

Empréstimo para salários fica mais fácil

BRASÍLIA — O Banco Central reduziu as exigências para a concessão de empréstimos bancários destinados ao pagamento de salários das empresas que tenham cruzados retidos pelo plano de estabilização econômica. De acordo com a Circular 1.697, assinada à meia-noite de sexta-feira, esses financiamentos não precisam mais se sujeitar aos limites impostos pelas resoluções 1.559 e 1.469, ambas de dois anos atrás.

A Resolução 1.559 determina que os empréstimos concedidos por um banco aos seus dez maiores clientes não podem superar 30% de todos os financiamentos concedidos pela instituição. Isto tem como objetivo evitar que o banco concentre suas operações e corra o risco de quebrar se um grande cliente tornar-se insolvente. Com a resolução divulgada ontem, no entanto, os limites impostos anteriormente poderão ser superados desde que os financiamentos sejam para a folha e a empresa tenha cruzados retidos no valor da operação, que ficarão como garantia.

A Resolução 1.469, que também foi flexibilizada, se refere às empresas estatais, estados, municípios e suas entidades da administração direta e indireta que tiveram os limites de empréstimos nos bancos restritos aos saldos de 31 de dezembro de 1987. O endividamento não podia passar daqueles limites. Agora esses limites também poderão ser ultrapassados se as instituições tiverem cruzados retidos no Banco Central e queiram utilizá-los para pagamento dos salários. As operações com empresas públicas e privadas não necessitarão mais de prévia autorização do Ministério da Economia.

Produção de ovos de Páscoa é mantida

Denise Neumann e Cristina Palmeira

SÃO PAULO — Criança não entende de pacote econômico e nem de cruzados novos bloqueados no Banco Central, mas sabe perfeitamente que está chegando a época de ganhar ovos e coelhos de chocolate. Tanto é assim que os fabricantes, confiantes no poder de persuassão de seus jovens e fiéis consumidores, não reduziram a produção apesar das nuvens negras sopradas pelo Plano Collor. Eles esperam vender as mesmas oito mil toneladas de ovos e figuras de chocolate que fizeram a festa na Páscoa do ano passado. E, para atingir esse objetivo, já refizeram suas tabelas, oferecendo, em média, uma redução de 30% nos preços praticados até 16 de março. As campanhas publicitárias não foram canceladas, embora estejam sofrendo pequenos ajustes.

O consumo anual de chocolates no Brasil é de 200 mil toneladas, o que equivale a um faturamento da ordem de US$ 500 milhões e a um consumo *per capita* anual de 1,4kg. A Nestlé é a empresa líder deste mercado, com uma participação de 34%, seguida pela Lacta, com 32%, e a Garoto, com 27%. Na Páscoa, entretanto, essa relação se altera substancialmente. A Lacta assume a liderança absoluta com 44% das vendas, seguida pela Garoto, com 16% do mercado, e a Visconti, com 14%. A Nestlé não aposta na Páscoa, comercializando pouco mais de 4% do total de ovos e figuras de chocolate consumidos neste período.

Com a decretação do Plano Collor, as empresas chegaram a pensar em reduzir a produção, mas terminaram por optar pela redução de preço em 30%. "Esse desconto deve ser transferido para o consumidor final, facilitando as vendas", prevê Getúlio Vesulino Neto, presidente do Sindicato da Indústria de Produtos de Cacau e Balas do Estado de São Paulo (Sicab).

Nova moeda — A Visconti, cujas vendas de Páscoa representam 30% do faturamento global de US$ 40 milhões (números de 1989), esperava um crescimento de 10% em suas vendas neste ano, mas o plano econômico mudou as expectativas. "Esperamos um desempenho igual ao do ano passado", diz Antônio Zambelli, diretor comercial da empresa, atribuindo essa nova avaliação à "atribulação do mercado, que pegou o pessoal que produz diretamente para a Páscoa exatamente no meio da distribuição". A Visconti já tinha vendido metade de sua produção pascal antes do pacote e terá este faturamento pago em cruzados novos; o restante foi negociado após a edição do plano, já em cruzeiros. A redução entre um e outro foi de 30%.

A Chaer & Cia. Ltda., fabricante do chocolate Monte Verde, tem 80% de sua produção de Páscoa — que representa 30% da produção anual — vendida diretamente a empresas, sobretudo para lista de compras dos funcionários, e espera passar incólume pela tempestade. "Não tive nenhum cancelamento", conta exultante o dono, José Carlos Chaer. A previsão da empresa é de um crescimento de 30% este ano em relação ao ano passado, com a venda de 40 toneladas nesta Páscoa. O otimismo de Chaer é comprovado pela contratação de cinco novos funcionários. "Tenho 80 funcionários, mas admiti mais cinco para reforçar o acúmulo de trabalho nesta fase pré-Páscoa e decidi que não vou dispensá-los".

Lacta — Líder absoluta do mercado de ovos e figuras de chocolate, a Lacta — segundo Vesulino Neto, que também é membro do conselho diretor da empresa — foi um dos poucos fabricantes a diminuir a produção depois da decretação do plano econômico. A redução foi de 3%, mas a empresa não cancelou o lançamento do Sonho de Valsa, novo ovo de chocolate, inspirado no tradicional bombom da empresa. A Lacta não gosta muito de falar de números, mas o faturamento em 1989 foi de US$ 169 milhões, e a regra na empresa é destinar 5% deste total para publicidade, dos quais 2,5% são utilizados na Páscoa. No dia 16 de janeiro, a empresa já estava com 80% de sua produção comercializada em cruzados novos.

Detendo uma participação de 6% no mercado da Páscoa, a Bauducco está "bastante animada, apesar das circunstâncias". Embora a Colomba Pascal não seja o seu produto mais vendido, ano após ano, desde o lançamento em 1980, a empresa investe neste produto, uma espécie de panetone adaptado para a Páscoa, com o objetivo de criar "um hábito na população", segundo Célio Conrado Rodrigues, gerente de marketing de produtos sazonais. A Bauducco também renegociou seus preços, oferecendo, em média, 30% de descontos.

A Nestlé não reduziu sua produção de Páscoa porque "ficam sempre faltando ovos Nestlé nos pontos de venda", segundo Gerardo Cabrera, chefe do departamento de moldados, uma vez que ela participa apenas simbolicamente desse mercado, com nove toneladas no total. As vendas dos outros produtos da empresa — como tabletes e barras recobertas — não diminuem na Páscoa, indicando que o consumo de ovos e figuras "é adicional". A empresa não reduziu seus preços, mantendo em vigor a tabela de final de fevereiro.

Garoto — A Garoto está colocando 51 milhões de ovos e coelhos para serem presenteado no dia 15 de abril, com um investimento de US$ 2 milhões, gastos principalmente com a veiculação dos comerciais estrelados, no terceiro ano consecutivo, pela animadora Xuxa. Segundo o diretor de marketing da empresa, Lino Krohling, a produção deste ano é 10% maior que a de 1989. Krohling, no entanto, admite que o período de Páscoa é uma fase apreensiva e de grande risco financeiro. As vendas da Garoto para os comerciantes começaram em janeiro e, quando o Plano Collor foi divulgado, cerca de 50% das entregas já haviam sido feitas. Para conseguir se ajustar, a Garoto adotou um sistema que proporcionou um desconto de 30% na venda de seus chocolates.

Adriana Lorete

Expectativa dos fabricantes é de vender oito mil toneladas de ovos

Angela Duque

Mercado de ovos de Páscoa

Garoto 16%
Visconti 14%
Bauducco 6%
Outros 20%
Lacta 44%

Promoção inclui até sorteio de minibugre

Cupons de brinde dentro dos ovos de chocolate. Esta é grande novidade publicitária da Páscoa deste ano e está sendo desenvolvida pela Visconti. Os 1.700 cupons numerados serão colocados dentro dos ovos de 300g ou mais. Ao todo serão entregues — por sorteio da Loteria Federal do dia 21 de abril — 85 prêmios, entre os quais 17 minibugres e 17 mobiletes. Para divulgar essa promoção, a empresa está investindo US$ 800 mil em um comercial a ser veiculado em 10 inserções diárias na Rede Globo, SBT e Rede Manchete, a partir de hoje; em 600 *out-doors* — 100 no Rio de Janeiro — e na contratação de 800 promotores para atenderem o público nos pontos de venda em todo o país. Junto com isso a empresa apresenta três novos ovos — branco, meio amargo e o metade branco, metade ao leite.

As demais empresas optaram apenas pelas campanhas tradicionais calcadas em cima de novos lançamentos. A Lacta centra esforços na apresentação do Sonho de Valsa, uma continuação da estratégia inaugurada no ano passado de lançar ovos de Páscoa baseados em seus produtos de maior sucesso — Laka (branco), Diamante Negro e Ao Leite. Seu anúncio da TV trabalha o envolvimento e alegria das crianças com a Páscoa e será reforçado, nos pontos de venda, pela presença de 900 divulgadoras.

A Chaer & Cia Ltda não apresenta nenhuma novidade na Páscoa. A partir de maio, entretanto, passa a apostar na consolidação de um novo hábito: tomar café acompanhado de chocolate com menta. Para isso, entrega aos consumidores o Mint, sua versão de chocolate com menta. Ele será comercializado em um caixa de 320 gramas com 36 tabletes embalados individualmente. O desenvolvimento deste produto exigiu um investimento de US$ 120 mil, já incluído o custo da publicidade inicial, um anúncio na *Veja São Paulo* e em rádios, além da promoção nos postos de venda, especialmente casas de café.

A Campanha da Bauducco começa com um comercial em versões de 30 e 15 segundos a ser divulgado pela Rede Globo. O principal produto apresentado é a Colomba Pascal, e o mote da campanha é a idéia de que "O melhor da Páscoa se faz presente", ou seja, a empresa aposta que a Colomba é uma boa opção.

Adriana Lorete

Ainda não apareceram compradores para o ovo da Kopenhagen

Ovo gigante custa Cr$ 35 mil

Imaginem um país onde a maioria da população ganha cerca de Cr$ 3 mil e a elite só consegue tirar do banco Cr$ 50 mil. Nesse mesmo país, um ovo de Páscoa custa Cr$ 35 mil. O produto pode ser encontrado em qualquer loja da Kopenhagen, pesa 10kg e é recheado com bombons finos. Mas, para levá-lo para ca..., o interessado, além de ter dinheiro, precisa esperar: a encomenda deve ser feita com três dias de antecedência.

Apesar de ainda não ter aparecido nenhum cliente com em condições de comprar o ovo, as funcionárias contam que o pique do movimento ocorre sempre na semana da Pascoa. Normalmente, a maioria das pessoas chega, olha o preço, pergunta o que tem dentro e diz que não tem dinheiro suficiente para levar.

É o caso de Paulo José de Queiroz, analista de sistemas e morador na Tijuca. Ele admite que ganha o sufiente para adquirir um ovo daquele porte, mas falta coragem para fazer o gasto. "Não compro nem um ovo de chocolate de Cr$ 2 mil, porque acho muito caro", dispara Paulo. Já a gerente de um banco no centro da cidade confessa que é apaixonada por ovos de Páscoa e diz que todo ano vai à Kopenhagen apreciar o ovo. "Mas, nunca tenho dinheiro suficiente para levá-lo para casa" conta.

Quem não tem *cacife* suficiente para levar o superovo pode, com Cr$ 28 mil, adquirir o *irmão caçula*, que pesa 8kg e que também é recheado com bombons finos. Além disso a loja oferece vários tipos de chocolate. Um ovo dietético de 1kg custa Cr$ 4.600, enquanto o de 150g sai por Cr$ 700.

Divertimentos se adaptam

Empresário desafia ceticismo e prepara estréia de musical

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Apenas 78 pessoas pagaram ingressos na quarta-feira da semana passada para assistir ao show *Cantoras do rádio*, espetáculo em cartaz no Palladium, a casa noturna mais luxuosa de São Paulo, com capacidade para 400 pessoas. Nos cinco anos em que comanda esta pequena indústria de 150 empregados fixos, Abelardo Figueiredo nunca mandou abrir as cortinas para platéia tão pequena. Em vez de reclamar da crise, porém, este lendário fabricante de entretenimento, que acaba de completar 40 anos de shows, está mais animado do que nunca.

O grande projeto de Figueiredo para este ano era montar um espetáculo em homenagem a Vinicius de Moraes, como havia feito em 1989 com Chico Buarque. Mas, como os herdeiros do poeta pediram US$ 25 mil só para autorizar a montagem, rapidamente ele teve que reformular seus planos para se adaptar à nova realidade. A toque de caixa, está ensaiando o novo show que entra no lugar de *Cantoras do rádio*, na próxima quarta-feira.

Com Consuelo Leandro, Agnaldo Rayol e Célia à frente de grande elenco, o novo espetáculo não poderia ter sido batizado com nome mais sintomático: *O show não pode parar*. Para montá-lo, Figueiredo não vai investir nada: seguindo a receita geral de austeridade, cenários e figurinos de outros espetáculos do Palladium serão reaproveitados neste show de entressafra.

"O show vai ser a própria imagem da nossa realidade porque nós temos que continuar trabalhando", diz Figueiredo, que não pretende demitir ninguém do seu elenco permanente. Os três astros do espetáculo vão trabalhar em regime de comissão sobre a renda da bilheteria.

Foi o jeito que encontrou para tomar fôlego e preparar com carinho o carro-chefe deste ano do Palladium, com estréia marcada para o dia 10 de maio. Assim que deixar de ser *Tieta*, Betty Faria, ao lado de Angela Maria e Luiz Carlos Miele, começa a ensaiar a superprodução *Show'S*, um investimento de no mínimo Cr$ 3 milhões para ficar em cartaz por pelo menos cinco meses.

Abelardo Figueiredo não está sozinho nesta empreitada de alto risco diante das incertezas econômicas do país: mesmo sem vender seus automóveis neste momento, a poderosa Autolatina — *holding* que controla as atividades da Volkswagen e da Ford — não desmarcou suas reservas de três *casas fechadas* para junho.

Garantia — Estes contratos, assinados com empresas e instituições, e os pacotes turísticos de agências que incluem o Palladium em seus roteiros paulistanos, continuam até agora sendo uma garantia de faturamento. Na semana passada, por exemplo, o show com Nora Ney, Carmélia Alves e Ellen de Lima, cantando velhos sucessos dos tempos do rádio, foi vendido com exclusividade para os participantes de um congresso de otorrinolaringologia, patrocinado pela Fundação Jorge Portnan.

No último final de semana, a lotação da casa foi garantida pelos turistas que vieram assistir a Fórmula-1. "O problema era sobreviver a março. Em abril, quando o pessoal receber seus salários em cruzeiros, as coisas vão melhorar", prevê Figueiredo, enquanto discute com Elifas Andreatto os cenários de *Show'S*, em que pretende reunir no mesmo palco os melhores momentos do circo, do cinema, do teatro e dos seus próprios shows na televisão.

Eleitor do tucano Mário Covas no primeiro turno da eleição preesidencial (no segundo, votou em branco), Abelardo Figueiredo, mesmo sem ter collorido, acredita no sucesso do plano de estabilização econômica por tudo que tem ouvido dos donos do dinheiro, nacionais e estrangeiros, que freqüentam o Palladium — um dos empreendimentos do Grupo Eldorado.

Os estrangeiros, pelo menos, não têm motivo para se queixar: o *couvert* artístico está congelado em Cr$ 450, algo em torno de US$ 10. "Em nenhum lugar do mundo eles encontram um espetáculo mais barato do que aqui", garante Figueiredo. "Em Miami, qualquer show cubano não sai por menos de US$ 35." Os nativos continuam consumindo do mesmo jeito.

São Paulo — Zaca Feitosa

Motta Mello, Selma Santacruz e Guimarães: vídeo sobre o novo plano

TV1 usa criatividade para pagar salários e se expande

SÃO PAULO — Com o dinheiro velho da empresa trancado no Banco Central, como fazer para honrar sem atraso a folha de pagamentos dos 84 funcionários da empresa que, com os encargos sociais, está beirando os Cr$ 6 milhões por mês? Diante deste dilema, que aflige hoje a maioria dos empresários brasileiros de todos os portes, a produtora de vídeo TV1 jogou tudo para conseguir dinheiro novo, e venceu a parada, sem ter que apelar aos bancos.

"Não adianta chegar e dizer que os bancos não têm dinheiro para emprestar e cobram juros absurdos. Precisamos encontrar outros meios para preservar o quadro de funcionários sem fazer demissões", diz o autor do feito, Sérgio Motta Mello, jornalista e ex-correspondente da Rede Globo em Washington, que há quatro anos largou a emissora para criar sua própria empresa. Ele fez esse desafio num metavídeo de dez minutos sobre o Brasil pós-Collor gravado pela TV1 na semana passada e apresentado a todos os funcionários.

Os salários de março, que devem ser pagos integralmente até o dia 5, foram garantidos por quatro projetos concretizados depois da reinvenção do cruzeiro. Como a empresa só podia converter NCz$ 500 mil de seus recursos em cruzeiros para pagar salários e retirar Cr$ 600 mil correspondentes a 20% de suas aplicações no over, o jeito era correr atrás do prejuízo e, ao mesmo tempo, preparar-se para os novos tempos.

Em menos de 24 horas, logo após o anúncio do plano, a jornalista Glória Di Monaco, também ex-Rede Globo, foi encarregada de fazer uma reportagem sobre o que mudava na vida do país, entrevistando desde a copeira, dona Ozenir, até o dono da empresa. A idéia foi de Woile Guimarães — que largou 13 anos de trabalho igualmente na Globo, onde era diretor de telejornais comunitários — com o objetivo de manter o bom astral entre os funcionários da produtora, "única maneira de encontrar soluções criativas para baixar custos e procurar novas fontes de receita".

O próprio metavídeo, chamado de *Jornal Urgente*, acabou se transformando em um dos três novos produtos desenvolvidos pela TV1 para garantir a folha daqui para a frente. "Se foi bom para nós, por que não fazer para os outros?", animou-se Woile Guimarães, e imediatamente mandou cópias do vídeo para os clientes da produtora.

Semelhanças — "O cliente está igual o Collor: também só tem uma bala na agulha e tem que dar o tiro certo", compara. Os outros dois produtos novos estão sendo desenvolvidos em regime de parceria. A primeira foi acertada esta semana com a Coopers & Lybrand, multinacional americana que é a quarta maior empresa de consultoria do mundo, para a produção do vídeo *Brasil DC (depois de Collor)*, em inglês, dirigido a empresas estrangeiras preocupadas em explicar a suas matrizes o que está acontecendo no Brasil. Na linha de montagem, está outra parceria com a Amana, empresa de desenvolvimento voltada para altos executivos.

A meta é gerar novos cruzeiros e deixar de chorar a perda dos velhos cruzados novos. A caixa de idéias, instalada ao lado do quadro de avisos para que todos pudessem dar sugestões, começou a dar resultados imediatos. O formato do papel de fax, por exemplo, que é importado, foi reduzido pela metade sem nenhum prejuízo para o trabalho. As equipes de produção, que antes saíam para gravar em determinada locação e retornavam à base, agora emendam três ou mais trabalhos por sugestão dos próprios profissionais.

Cortar custos, porém, não basta. Além dos três novos produtos lançados após o pacote, a TV1 prepara-se agora para disputar um naco no filão das campanhas políticas, já que o país está em mais um ano eleitoral. Ao contrário do que aconteceu em 1989, quando a palavra de ordem nas campanhas dos candidatos mais abonados era "dinheiro não é problema", desta vez Guimarães acredita que será preciso investir mais na criatividade do que na ostentação. A TV1 já foi procurada por candidatos de São Paulo, Pará, Amazonas, Bahia e Paraíba. (R. K.)

Tempo

Grace May Domingues

	Graus Celsius máx.	mín.
Belém	28.9	23.0
Boa Vista	....	....
Macapá	28.8	24.2
Manaus	....	....
Porto Velho	33.6	23.2
Rio Branco	....	17.8
Miracema	....	....
Aracaju	30.8	23.2
Fortaleza	30.4	23.9
João Pessoa	....	....
Maceió	....	22.6
Natal	....	....
Recife	32.4	22.1
Salvador	30.5	24.5
São Luis	....	23.8
Teresina	31.3	23.6
Brasília	27.1	19.6
Campo Grande	32.7	21.3
Cuiabá	36.1	23.8
Goiânia	32.2	20.8
Belo Horizonte	28.0	20.6
São Paulo	30.8	21.0
Vitória	31.0	23.6
Curitiba	30.2	18.3
Florianópolis	29.2	21.1
Porto Alegre	34.3	21.4

OUTONO NO RIO

A previsão do 6º Distrito de Meteorologia diz que o carioca terá um dia de céu claro e temperatura elevada. A máxima poderá ficar próximo a 35º e a mínima em torno de 21º. Durante a madrugada, poderá haver formação de nevoeiros devido ao rápido resfriamento noturno.

O mar estará calmo, com pequenas ondas, formadas em intervalos regulares de 4 a 5 segundos, por ventos de Nordeste. A visibilidade será boa, não atrapalhando pousos e decolagens.

As praias serão uma opção para quem gosta de sol e mar. A Feema informa que as praias do Pepino, do Arpoador, do Diabo, do Leme, Vermelha e da Urca estão liberadas. As de São Conrado, diante do Hotel Nacional, do Leblon, em frente à Rua Rita Ludolf, e de Copacabana, próximo à Rua Barão de Ipanema, têm restrições. Impróprias estão as de Botafogo, Flamengo e Forte de São João. A temperatura da água estará em torno dos 22º, segundo informação da DHN (Marinha).

Observatório Nacional

O SOL

nascente 06h00min
poente 17h52min

Observatório Nacional

A LUA

nascente 12h10min
poente 22h56min

Nova 26/3 a 2/4 — Crescente 2 a 10/4
Cheia 10 a 18/4 — Minguante 18 a 25/4

Diretoria de Hidrografia e Navegação

MARÉS

preamar
06h00min 0.8m
23h39min 0.9m

baixamar
02h49min 0.7m
14h51min 0.4m

AP EFE UPI

NO MUNDO, ONTEM

Cidade	Condições	máx.	mín.
Amsterdã	claro	16	3
Atenas	nublado	18	12
Berlim	claro	15	3
Bogota	nublado	22	10
Bruxelas	claro	18	5
Buenos Aires	chuvas	22	16
Copenhague	claro	14	5
Chicago	nublado	7	3
Cairo	claro	24	12
Genebra	nublado	12	4
Havana	claro	31	21
Lima	claro	24	19
Lisboa	nublado	17	9
Londres	claro	18	8
Los Angeles	claro	18	13
Madri	chuvas	19	3
México	nublado	25	9
Miami	nublado	27	22
Montevideu	chuvas	24	18
Moscou	claro	8	2
Nova Delhi	claro	30	16
Nova Iorque	chuvas	5	2
Paris	claro	16	9
Roma	claro	18	5
Tóquio	chuvas	12	10
Viena	claro	16	6
Washington	chuvas	12	10

Mais um dia para recordar o Verão

A frente fria que chegou a assustar o carioca entrou em dissipação (enfraquecimento) e não trará para o domingo nenhuma preocupação. O sol estará radiante e as praias serão um atrativo excelente, com a temperatura das águas em torno de 22º. Existe predomínio da alta pressão do Oceano Atlântico, que bloqueou a frente fria que iria trazer mudanças no clima da cidade. Além de afastar as chuvas, trouxe uma recordação de um passado bem recente, o Verão carioca, que teve em todo o seu período de duração temperaturas altas e praias cheias. Os paulistas desta vez terão um dia de sol e praias. Acostumados com temperaturas mais amenas, eles enfrentarão um aumento sensível do calor durante o dia de hoje.

Para as competições previstas para esse fim de semana, não haverá problemas: não faltará sol durante as regatas Ranger 22 e Star, as provas da Lagoa Rodrigo de Freitas e ainda a terceira etapa do campeonato de surfe off-shore. O mar estará calmo, as ondas pequenas e o vento com velocidade entre 10 e 15 nós, tudo contribuindo para um final de semana de Outono com características de Verão.

A alta pressão do Oceano Pacífico domina toda a costa do Chile e do Equador, impedindo a formação de quaisquer tipo de nuvens. Um dos fatores que certamente fizeram com que os sistemas frontais não atingissem o Brasil foi o domínio deste anticiclone (alta pressão) na costa do Pacífico, que juntamente com o anticiclone do Oceano Atlântico formou uma canalização das frentes frias, enviando-as para o mar. No meio de dois sistemas de alta pressão se formam as baixas pressões, que trazem as

chuvas fortes e as trovoadas isoladas que arrasam plantações e atrapalham o pouso e a decolagem de aeronaves.

A Região Nordeste do Brasil sofre a influência da alta pressão do Atlântico em seu litoral, mas no interior fortes chuvas e trovoadas se fazem presentes. Para a Região Norte, a formação das nuvens de chuvas mostram claramente a contribuição da floresta amazônica, com a alta ocorrência da *evapotranspiração* (evaporação da água e das plantas).

No extremo sul da Argentina, que é visto na foto do satélite Goes-7, aparecem novos sistemas frontais, que tentarão de alguma forma não sofrer modificações em seu caminho normal, em que está incluída também a cidade do Rio de Janeiro, que no momento aproveita seu Verão particular.

José Roberto Serra

Saque — O Supermercado Guanabara, na Rua Silva Vale, 261-B, em Cavalcante, na Zona Norte do Rio (foto), sofreu ontem, às 10h, uma tentativa de saque por 200 pessoas das Favelas Primavera e Iriri, que ficam no morro próximo. O saque foi frustrado porque os funcionários do supermercado perceberam a aglomeração e fecharam imediatamente as portas da loja, chamando a polícia. Soldados da Polícia Militar chegaram logo depois e dispersaram a multidão. Mas, por causa da feira livre que funciona na Rua Laurindo Filho, aconselharam o supermercado a manter as portas cerradas até que a feira terminasse, pois não seria possível distinguir entre o movimento normal de passantes e nova tentativa de invasão.

Jacaré — Uma equipe da Fundação Rio-Zôo está há três dias caçando um jacaré que apareceu nos lagos da Quinta da Boa Vista. Visitantes do parque avistaram o bicho nas águas e avisaram o zoológico. Os jacarés do Zôo continuam todos em seu fosso intransponível e os técnicos do zoológico acreditam que o animal deve ter sido levado para a Quinta por uma pessoa que talvez pretendesse doá-lo ao Zôo, mas acabou preferindo jogá-lo na água. Na sexta-feira, a equipe conseguiu localizá-lo — o que é a parte mais difícil da captura — mas como ele estava enfurnado em uma gruta, não houve espaço suficiente para capturá-lo e o jacaré escapou. Hoje, se ele ainda não tiver sido capturado, a direção do Zôo vai se reunir e avaliar a possibilidade de secar os lagos para pegar o animal.

Invasão — O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), na Avenida Mem de Sá, 208, na Cruz Vermelha (Centro do Rio), que sedia também o movimento SOS Racismo, foi invadido na madrugada de ontem por desconhecidos que entraram pelo telhado do prédio, que não tem vigia noturno. A funcionária da tesouraria Sandra Pinheiro chegou de manhã para fazer um trabalho extra e, ao descobrir tudo revirado e quebrado, ligou para o presidente da entidade, Januário Garcia. No local, Garcia descobriu que os invasores levaram máquinas elétricas IBM, máquinas de calcular, aparelhos de TVs e também vários documentos, especialmente na tesouraria — que guardava documentos de convênios internacionais e ficou toda destruída. Os invasores levaram também Cr$ 15 mil em espécie e espalharam e destruíram tudo o que não levaram. Januário Garcia acha que o episódio é muito semelhante à invasão do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, que ocorreu na madrugada de quinta-feira.

Região dos Lagos terá 35 centros de turismo

O governo estadual, através da AD-Rio, firmará convênio com empresários espanhóis para criação de um pólo turístico na Região dos Lagos, envolvendo investimentos turísticos em sete municípios: Maricá, Saquarema, Araruama, São Pedro d'Aldeia, Cabo Frio, Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu. O governador Moreira Franco viaja para Barcelona onde se encontrará com empresários interessados em aplicar recursos no pólo turístico.

O plano propõe investimentos em 35 novos centros turísticos, que concentrariam hotéis, apart-hotéis, apartamentos, condomínios de veraneio e residenciais, bangalôs e casas, campos de golfe, marinas, portos desportivos, ancoradouros, parques, comércio, serviços de assistência e espaços culturais.

O projeto inclui ainda construção de piscinas públicas, áreas para equitação, camping e traillers, centros de educação física, trilhas para caminhadas e campos de futebol. Estão previstas instalações de eixos náuticos e espaços aquáticos com áreas próprias para pesca, natação, esqui aquático e motonáutica.

Polícia Federal entrega terroristas à Bélgica

RECIFE — Acusados pela prática de 150 assaltos, pelas mortes de dez pessoas e pelo seqüestro do ex-primeiro-ministro belga Paul Van Den Boeynants — o que lhes rendeu US$ 1,5 milhão —, os belgas Patrick Haemens, Denise Tyack e Axel Zeyn foram extraditados ontem e recambiados a seu país de origem, sob forte esquema de segurança. Três helicópteros da Força Aérea Brasileira foram utilizados para transportar os acusados da sede da Polícia Federal até o aeroporto militar.

No aeroporto militar — localizado a 18 quilômetros do DPF —, os três foram colocados em um Hercules C-130 belga, um avião militar, com 45 seguranças munidos de coletes à prova de bala. Os acusados — que têm idades entre 32 e 37 anos — viveram durante algum tempo como milionários no Rio de Janeiro, até serem descobertos pelas polícias da Bélgica e do Brasil. Dizem pertencer a uma organização terrorista chamada Brigada Revolucionária Socialista, que seria composta de 70 pessoas. A embaixada da Bélgica no Brasil, no entanto, desconhece a existência do grupo, segundo informou ontem o DPF, motivo pelo qual serão processados pela Justiça de seu país por prática de crimes comuns.

O delegado Wladimir Cutarelli, encarregado de comandar a operação de retorno desencadeada ontem, informou que, antes de chegar à Bélgica, o C-130 fará escala técnica em Las Palmas, nas Ilhas Canárias. Rindo muito, um dos extraditados, Patrick, chegou até a tentar assustar os jornalistas e agentes do DPF fazendo barulho com a boca semelhante ao da explosão de uma bomba. Os três não mostraram ontem nenhum tipo de constrangimento e se limitaram a dizer que ficaram surpresos, porque até a manhã de ontem não sabiam que seriam recambiados para a Bélgica. Denise chegou a dizer que tem certeza de retornar ao Brasil um dia, embora não soubesse precisar para que finalidade. "Não confirmamos nenhum crime dos quais somos acusados", disse, admitindo que o Brasil tratou o caso deles "com muita diplomacia": "Não estamos preocupados em enfrentar a Justiça."

Na Bélgica existe pena de morte, mas, pelo acordo de extradição, eles não podem ser punidos com nenhuma pena que não exista no país de onde foram extraditados. Assim, estão livres da pena máxima que lhes poderia ser imposta. Eles estão enquadrados em 40 artigos do código penal belga. Os três viviam no Rio com o dinheiro do seqüestro do ex-primeiro-ministro e foram descobertos e presos no mês de junho, sendo enviados para Recife por medida de segurança. Ouvidos uma vez a pedido do governo belga, que solicitou a extradição dos três, confirmada pelo Supremo Tribunal Federal, acusaram a Polícia Federal de lhes tomar alguns pertences. Como US$ 8 mil, mas o delegado Wladimir Cutarelli disse que foi tudo entregue à Justiça da Bélgica, inclusive dois carros — um Fiat Uno e uma A-20, que haviam comprado com nomes falsos.

Obituário

Rio de Janeiro

Alexandre Gnatalli Filho, 72 anos, de infarto agudo do miocárdio, em Petrópolis (Região Serrana). Gaúcho, casado, aposentado, foi sepultado ontem no Cemitério de São João Batista (Zona Sul).

José Oscar Saraiva Marinho, 54 anos, de embolia pulmonar, no Hospital Samaritano, em Botafogo (Zona Sul). Português, casado, comerciante, morava em Laranjeiras (Zona Sul) e tinha cinco filhos. Foi sepultado ontem no Cemitério de São João Batista.

Paulo César de Oliveira, 40 anos, de infarto, em casa, em Ipanema (Zona Sul). Fluminense, advogado, tinha um filho e era casado com Ana Tereza Cavalcanti de Oliveira. Foi sepultado ontem no Cemitério de São João Batista.

Therezinha Periard Sandoval, 55 anos, de leucemia, no Hospital São Vicente de Paulo, na Tijuca (Zona Norte). Capixaba, comerciante, morava em Copacabana (Zona Sul). Era casada com Newton Nicolett Sandoval e tinha filhos. Foi sepultada ontem no Cemitério de São João Batista.

Alberto Cardoso Pereira, 74 anos, de infecção pulmonar, na casa de Saúde Santa Maria, em Laranjeiras. Português, aposentado, morava no Flamengo (Zona Sul). Era casado com Anice de Oliveira Pereira e tinha três filhos. Foi sepultado ontem no Cemitério de São João Batista.

Yacy Resende de Oliveira Almeida, 83 anos, de infecção pulmonar, em casa, em Ipanema (Zona Sul). Fluminense, viúva, aposentada, tinha dois filhos. Foi sepultada ontem no Cemitério de São João Batista.

Antônio Pinto Rezende, 75 anos, de pneumonia e caquexia, no Hospital da Beneficência Portuguêsa, no Catete (Zona Sul). Português, aposentado, morava no Cachambi (Centro), e era casado com Isaura da Conceição Rezende. Tinha um filho. Foi sepultado ontem no Cemitério de São Francisco Xavier, no Caju (Zona Portuária).

Idalina da Conceição Alves, 73 anos, de choque séptico, no Hospital Central do Iaserj, no Centro. Potiguar, morava em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Era casada com Nelson Maria Fabiano Alves. Foi sepultada ontem no Caju.

Sérgio Cardoso de Oliveira, 17 anos, de hemorragia intracraniana. Fluminense, solteiro, morava em Coelho Neto (subúrbio do Rio). Foi sepultado ontem no Caju.

Nova geração toma conta do vôlei brasileiro

SÃO PAULO — Com mais experiência, altura e ousadia, a nova geração do vôlei masculino nacional mostrou a que veio na conquista do título da Liga Nacional pelo Banespa. Jogadores como os paulistas Maurício e Marcelo Negrão, o mineiro Giovane e o carioca Tandi baixaram a idade média do time para 23 anos, contra 26 da Pirelli e não se intimidaram por enfrentar uma equipe de estrelas, lideradas por William e Xandó. A nova geração não teme desafios e pretende chegar muito mais longe do que seus ilustres antecessores.

O técnico Josenildo Carvalho não se arrepende de ter dado lugar a jogadores ainda pouco conhecidos, quando reformulou a equipe do Banespa para a disputa da Liga, em dezembro. Ele conhecia Tandi desde 1988, quando treinava na AABB de Brasília, e tinha trabalhado com Giovane em sua primeira passagem pelo Banespa, em 1987. Marcelo Negrão se destacou nas categorias menores do clube, mas só ficou conhecido mesmo foi indicado como o melhor jogador do Mundial Infanto-Juvenil vencido pelo Brasil, no ano passado. Já Maurício, foi a maior revelação entre os levantadores, pela Telesp. "Essa renovação é definitiva", assegura o técnico, que, no entanto, procura não elogiar muito. "Não se pode julgá-los deuses. Eles ainda têm muito o que aprender e aprimorar."

Josenildo acha que o fundamental é manter o equilíbrio entre experiência e juventude, como fez no seu time, aliando os novos a uma base que tinha Montanaro, Amauri e Léo, três remanescentes da *geração de ouro*. Ele prevê, porém, um futuro brilhante para os garotos, que possuem algumas das qualidades antes raras no nosso vôlei. "Com maior altura e capacidade de bloqueio, eles podem ir longe, enfrentando os times de fora de igual para igual." Para Josenildo, os *homens de ouro* foram pioneiros que prepararam o terreno e, agora, dão respaldo aos mais jovens dentro da quadra.

As novas estrelas têm pouco tempo para pensar em algo que não seja vôlei. Os três dias de folga, depois do título, permitiram a cada um fugir um pouco da rotina de cinco horas de treinos diários, divididos em dois períodos, retomada na sexta-feira, por causa do Sul-Americano. Para Marcelo Negrão, foram dias de dormir até mais tarde e colocar a vida em dia. Maurício foi para Campinas (SP), para ficar com a família e fazer programas descompromissados, como o cinema. Giovane seguiu para Juiz de Fora (MG), onde matou a saudade dos parentes e da namorada Patrícia, e teve o prazer de simplesmente passear no seu Gol GTI 89 ou na moto Ténéré, de que tanto gosta. Namorada e família também faziam parte do programa de Tandi, que aproveitou a chance de rever a praia no Rio.

Gratidão — Eles têm em comum o sentimento de gratidão pela geração que destacou o vôlei brasileiro de 1980 para cá. Apontado por William, há dois anos, como seu sucessor, Maurício Camargo Lima pode ser considerado o *veterano* dos novos. Com 1,84m e 22 anos, ele começou no time da Fonte São Paulo (depois Lojicred), em Campinas, em 1982. Freqüentou a seleção paulista a partir de 1984 e, em 1987, já na Telesp, foi sexto colocado no Mundial da Arábia Saudita, sendo escolhido entre os 12 melhores do torneio. Em 1988, foi chamado por Bebeto de Freitas para a seleção brasileira que disputou os Jogos Olímpicos de Seul e, no ano passado, chegou ao Banespa, participando das conquistas do título paulista e brasileiro.

"Acho que agora começa a afirmação de uma nova geração", diz Maurício. Para ele o desafio é levar à frente o trabalho dos últimos 10 anos a nível nacional e internacional, mesmo achando difícil ao esporte recuperar a empolgação do início da década de 80. Lisonjeado pela condição de ídolo, Maurício mantém uma prudente visão da carreira. "Os elogios são bons para o ego, mas se para subir é difícil, cair é num piscar de olhos." Ver teatro e cinema — aponta Malu Mader e Cássio Gabus Mendes como os atores que prefere — ou ler os *best-sellers* de Sidney Sheldon são alguns dos seus divertimentos.

Melhor saque — Paulistano de nascimento, Marcelo Negrão se revelou em 1986 no Colégio Boa Viagem, de Recife, cidade onde morava com a família. No ano seguinte, Luís Carlos Pereira, *olheiro* do Banespa, viu seu desempenho na seleção pernambucana infanto-juvenil e o trouxe de volta para São Paulo. A partir daí, a carreira foi meteórica e a consagração veio com o título mundial infanto-juvenil na Arábia Saudita, no qual foi sendo considerado o melhor jogador.

"Nossa geração chega com a mesma responsabilidade dos mais velhos", afirma Negrão. Com 1,98m, 18 anos, fazendo com eficiência as funções de ponta e meio, Marcelo impressiona em quadra pela disposição. "Esse menino é inteligente e vai longe", elogiou o técnico Josenildo Carvalho, durante um dos jogos finais, ao comentar a aplicação tática do jogador. Marcelo surpreende também ao analisar com maturidade os conflitos que abalaram a *geração de ouro* do vôlei. "A lição é que, sem um grupo unido, nada vai para frente."

Renato Velasco — 09/01/90

João Cerqueira — 14/09/89

Negrão (E) foi destaque no Mundial infanto-juvenil e Giovane no Mundial juvenil

Medalha olímpica é maior sonho

Considerado o melhor saque no Mundial infanto-juvenil da Arábia Saudita, Tandi, ou Alexandre Samuel Ramos, reverencia os jogadores que projetaram o vôlei nos anos 80. "Se não fossem eles, não teríamos isso." Sua paixão pelo esporte pode ser resumida em uma frase: "O vôlei é a minha vida." Por isso, na quadra, a atenção é toda concentrada no objetivo de chegar a uma medalha olímpica ou título mundial.

Jogar vôlei foi um caminho natural para o carioca Tandi. Aos 12 anos, ele já estava nos times de base do Botafogo, seguindo os passos do pai Samuel e, especialmente, da irmã Adriana, ex-companheira de Ana Richa, Denise e Patrícia no Bradesco, que jogou pela Twill/Lufkin na última temporada. Em 1988, ele disputou o Campeonato Brasileiro pela AABB de Brasília. O técnico Josenildo Carvalho o trouxe para o Banespa no ano passado.

A dedicação ao vôlei faz Tandi enfrentar a distância da família, da praia e da namorada Roberta — da seleção infanto-juvenil — com bom humor, dividindo um apartamento com o levantador Dentinho, no mesmo prédio onde mora Marcelo Negrão, perto do Banespa. Ali, há pouco tempo para outra coisa que não sejam os treinos. Cada um dá sua contribuição. E até na cozinha ele se arrisca, fritando batatas ou hambúrgueres, sem muita maestria. Prova disso é que jogou a última partida com uma atadura na mão, queimada por óleo quente. "A gente tem que levar na esportiva." Tandi pensa às vezes em retomar o curso de Odontologia, que abandonou antes de se formar. Mas reconhece que não tem tanto ânimo assim para estudar.

Ambição — A ambição de conseguir uma medalha ou um título mundial é comum entre os novos. "Quero disputar como titular, na quadra", diz o mineiro Giovane Farinazzo Gavio, eleito melhor bloqueio no Mundial juvenil do Japão, no ano passado. Para ele, o vôlei passa por uma fase de baixa. "Agora, a gente tem a portunidade de levantar, melhorar e dar um passo além do que já foi feito." Com 1,94m, ele se considera até um pouco baixo para o atual nível do vôlei internacional. Mas compensa a diferença com garra. Com pouco tempo para a paixão pelos carros ou a retomada dos estudos, suspensos no terceiro ano colegial, Giovane se consola. "Pelo menos, estou tendo a oportunidade de conhecer o mundo e somar experiências."

Amauri, a 'alma' de um campeão

André Durão — 5/4/88

Seleção ainda atrai Amauri

O Brasileiro de vôlei, vencido pelo Banespa, não apenas confirmou o surgimento de nova geração de bons jogadores. Mostrou também que pelo menos um veterano ainda é destaque nacional. Aos 31 anos, completados em janeiro, Amauri foi a verdadeira *alma* da equipe. Por trás dos ataques de Marcelo Negrão, dos bloqueios de Giovane e levantadas de Maurício, estavam sempre sua precisão nos fundamentos, a técnica impecável e a tranqüilidade de um jogador ainda imprescindível à seleção.

Foi a volta do *Homem Borracha*, apelido recebido na fase áurea do vôlei, devido à sua elasticidade. Amauri foi um dos sete jogadores do grupo dos antigos a pedir dispensa, em novembro, quando a seleção treinava em Teresópolis para excursão à Europa. Mas garante isso não significou um rompimento, como se falou à época. "Não posso falar pelos outros, mas pedi dispensa por não estar em bom momento psicológico, devido à morte do meu pai." Ele não se arrepende. "Dei tudo o que tinha à seleção, e acho que era uma hora boa para uma renovação."

Mas ele ainda pensa em voltar à seleção, para participar de grandes momentos — como a conquista do vice-campeonato mundial, em 1982, na Argentina, ou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. "Gostaria de participar do próximo Mundial no Brasil", admite, colocando-se à disposição de Bebeto.

A importância de Amauri sempre foi reconhecida por técnicos e companheiros de todas as equipes que defendeu (Paulistano, Pirelli e Banespa, além do Kutiba, de Falconara, norte da Itália, e da seleção, na qual chegou aos 17 anos, em 1977). Mas seu jogo nunca foi para o público. Por isso, na fase de explosão do vôlei como esporte de massa, sempre recebeu menos atenções da imprensa e da torcida do que Renan, William, Montanaro, Bernard e Xandó. Mas a falta que Amauri fazia ao time ficou clara na disputa do Mundial da França, em 1986. Ele se contundiu na vitória dramática, 3 a 2, em que o Brasil conseguiu a classificação para as semifinais, contra os donos da casa. Com a contusão, o abatimento foi geral e a equipe perdeu, na seqüência, para Estados Unidos e Bulgária, ficando em quarto lugar.

As complicações no joelho o obrigaram a uma artroscopia, de longa recuperação. No Pré-Olímpico de 1987, em Brasília, o baixo rendimento da equipe causou a crise que levou à substituição do técnico José Carlos Brunoro pelo coreano Yong Whan Sohn. Com Amauri, que tinha visível atrofia na perna, mal, o time também não se encontrou. "Meu jogo sempre dependeu muito da parte física." Agora mesmo, nas semifinais do Brasileiro, ficou 10 dias parado, devido a uma contusão.

Amauri acha que o vôlei vai bem, com a ligação entre a nova e a velha gerações. "Eles trazem a força, que deve se aliar à experiência dos mais velhos." Para ele, os novos têm a vantagem de encontrar uma base muito mais desenvolvida que em seu tempo. "Para nós, tudo era novo e sem a estrutura atual." Após aproveitar os três dias de folga com a mulher Rosângela, Amauri voltou aos treinos, pensando no Sul-Americano desta semana, em Buenos Aires, onde prevê mais um encontro com o rival Pirelli. Um desafio que, mesmo repetido, não cansa um jogador que ainda busca novas conquistas. "Ainda não acabei."

Infanto-juvenis ganham títulos sul-americanos

LA PAZ — As seleções brasileiras feminina e masculina infanto-juvenis de vôlei conquistaram o título sul-americano, ao terminarem invictas o campeonato. Na última rodada, a equipe masculina, campeã por antecipação, derrotou a Bolívia por 3 a 0 (15/1, 15/3 e 15/6), enquanto a feminina venceu o Peru com a mesma facilidade (15/7, 15/13 e 15/1). A Argentina ficou com o vice-campeonato nas duas categorias.

A seleção masculina, dirigida por Marcos Lerbach, disputou a última rodada com o taça na mão, enquanto a feminina, sob o comando de Wadson Lima, dependia ainda de uma vitória sobre o Peru. E não foi difícil, as peruanas, que haviam perdido para a Argentina pela primeira vez na história e estavam fora da disputa do título, ofereceram pequena resistência apenas no segundo *set*. Os únicos *sets* perdidos pelo Brasil foram contra a Argentina — os dois jogos, masculino e feminino, acabaram 3 a 2. O Peru ficou com a terceira colocação no feminino, seguido da Venezuela, Bolívia, Paraguai e Chile. No masculino, o terceiro lugar foi da Venezuela, seguida do Paraguai, Peru, Chile e Bolívia.

Lwart-Lwarcel conta com torcida e calor para vencer Pirelli

SÃO PAULO — Uma vitória hoje, a partir das 17h, em Lençóis Paulista (SP), sobre a Pirelli, classificará a Lwart-Lwarcel para a final da Liga Nacional masculina de basquete. Na primeira partida da série melhor de três, quinta-feira à noite, a Lwart-Lwarcel venceu por 99 a 97, num dos jogos mais disputados do torneio. O outro finalista sairá do confronto entre Ravelli-Franca e Monte Líbano

O técnico Caetano dos Santos, da Lwart, reconhece o favoritismo de sua equipe, que se perder o jogo de hoje vai jogar o desempate, terça-feira, novamente em seu ginásio. Para ele, a fanática torcida da cidade poderá ajudar a decidir a partida, bem como o forte calor. "Para ganhar da gente aqui dentro, tem que estar bem fisicamente. Nosso ginásio é como uma estufa, principalmente quando está lotado e com as luzes da televisão."

O técnico da Pirelli, Claudio Mortari, continua suspenso e impedido de entrar em quadra. A Lwart promete reservar um local seguro para ele em meio à torcida, mas Mortari sabe que será muito difícil orientar seus jogadores pelo rádio, com o barulho do ginásio de Lençóis.

Sadia gasta 24 minutos para vencer

Maurício Cardoso
Correspondente

BUENOS AIRES - Após vencer o Jorge Wilsterman, da Bolívia, por 3 a 0, em partida relâmpago de meros 24 minutos, as meninas da Sadia ficaram na quadra por mais 40 minutos treinando. Preparavam-se assim para o segundo jogo do dia, contra o Recoleta, do Paraguai, que a tabela desta desequilibrada Copa Sul-Americana de Clubes Campeões de vôlei feminino lhes reservou para passar o tempo e se divertir no sábado.

Como era previsto, o campeão boliviano não ofereceu a menor resistência às campeãs brasileiras. Perdeu os três *sets* por 15/1, em tempo recorde, e durante todo o jogo suas atacantes conseguiram passar apenas três bolas pelo desinteressado bloqueio da Sadia. Não era para menos. A mais alta jogadora boliviana mede 1,74, tal como Luiza, que vem a ser a mais baixinha da Sadia. "Elas são baixinhas mas saltam bem", comentava Dario Espinola, tecnico do Wilsterman, clube de Cochabamba que tem também o campeonato nacional de vôlei masculino.

Apesar da fragilidade das adversárias, o tecnico Inaldo Manta mandou à quadra o time titular completo, com Ana Maria, Márcia Fu, Ana Mozer, Cecilia Tait, Ida e Fernanda. No segundo *set*, Cilene substituiu Ana Maria e no terceiro Luiza entrou no lugar de Cecilia Tait. O técnico pretendia assim colocar as jogadoras em ritmo de campeonato. Mas a motivação só chegou depois da partida, quando Inaldo dividiu o elenco em dois times, para uma melhor de três *sets*, e avisou: "Quem perder, paga o almoço". As duas dezenas de torcedores que já haviam abandonado o acanhado ginásio do Boca Juniors perderam então a oportunidade de ver a partida mais disputada na quadra. Com *sets* corridos de 10 pontos, o time formado por Márcia Fu, Cecilia Tait, Cilene, Maria Alice, Edna e o reforço do auxiliar técnico Maurinho ganhou de 2 a 0 do outro, com Luiza, Ida, Ana Maria, Ana Mozer, Fernanda e Patricia.

Completando a primeira rodada, sexta feira, o Power, do Peru, venceu o Wilsterman por 3 a 0 e o Boca Juniors, da Argentina, ganhou do Eafit, da Colômbia, pelo mesmo marcador. No primeiro jogo da rodada de ontem, o Recoleta, do Paraguai, venceu a Universidad, do Chile, por 3 a 1. Hoje serão disputados os jogos que decidem a ordem das quatro equipes que se classificam para as semifinais. Pelo Grupo A, jogam Supergasbrás e Boca Juniors, representante argentino e base da seleção nacional. E, pelo B, a disputa é entre Sadia e Power, do Peru.

Prova de abertura do ciclismo no Rio reúne 140 concorrentes

Um *sprint*, programado para cada três voltas, promete garantir emoção ao carioca que for à orla marítima, hoje, para acompanhar a prova de abertura da temporada de ciclismo do Rio — a 8ª Copa Itaú. A principal atração deverá ser a disputa entre as ciclistas Ieda Botelho, atual campeã brasileira na modalidade resistência, e Cláudia Tourinho, campeã nacional de perseguição individual — ambas vice-campeãs panamericanas nas respectivas modalidades.

A primeira etapa da competição deverá reunir cerca de 140 concorrentes, em circuito localizado na Avenida Atlântica, entre o Forte do Leme e a rua Anchieta. O regulamento da etapa obedecerá ao sistema australiano, também chamado de prova por pontos. A cada volta, o líder marcará cinco pontos, enquanto os colocados subseqüentes — até a quarta posição —, somarão, respectivamente, três, dois e um. A cada seis voltas, a pontuação será dobrada.

Para os competidores da categoria principal, o percurso terá extensão total de 39.100 metros, ou 36 voltas. Para o feminino e juniores, a extensão da prova será de 15.000 metros. Além da presença de ciclistas federados e estreantes, a prova também reunirá adeptos do *mountain bike* e triatletas.

A primeira largada, para os estreantes, será às 8h30. Às 9h, será a vez do feminino, principal força do ciclismo no estado, seguida da de juniores — categoria que contará com a presença da seleção estadual. A prova servirá como treino para a equipe, que vai defender o título do Campeonato Brasileiro, a ser disputado em São Paulo, dia 15 de abril.

As duas outras etapas serão realizadas nos dias 8, em Bangu, e 22, em volta do Maracanã. Segundo Ieda Botelho — que no ano passado obteve resultados expressivos na temporada dos Estados Unidos, entre maio e outubro —, as dificuldades para renovação de patrocínio dificultaram o trabalho de preparação. "Gostaria de me dedicar integralmente ao ciclismo. Mas se, mesmo antes do novo governo ser empossado, as dificuldades já eram grandes, as medidas econômicas agravaram ainda mais a situação dos desportistas que buscam apoio nas empresas."

Easy Won é favorito hoje à tarde para o GP Gervásio Seabra

Easy Won, filho de Ghadeer em Asola, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, é o favorito do Grande Prêmio Gervásio Seabra, prova central desta tarde no Hipódromo da Gávea, na distância de 1.600 metros, na grama. O campo do páreo, entretanto, está equilibrado e vários concorrentes ameaçam o sucesso do alazão, treinado pelo veterano Alcides Morales.

Depois de várias corridas decepcionantes, Easy Won parece ter recuperado a forma do início da campanha, quando venceu o GP Costa Ferraz e perdeu, por diferença mínima, para o craque Laurus no GP Conde de Herzberg. Ele pode repetir o desempenho no Clássico Victor Guilhen, em que atropelou forte nos metros finais, aproveitando-se do ritmo forte da competição — pois gosta de correr nos últimos postos e fazer partida violenta nos 300 metros finais.

Quaech, filho de Clackson em Ivory Queen, de propriedade do Stud José Adamian, aparece como um dos principais adversários. Correu com desenvoltura no Grande Prêmio Estado do Rio de Janeiro, páreo muito mais reforçado. Obteve a sexta posição depois de figurar durante toda a corrida. Mais aguerrido e melhor adaptado ao gramado, deve estar entre os primeiros colocados no final.

Hatch, de criação e propriedade do Haras Doce Vale, é outro competidor certo. Depois de derrotar Fogueteiro no GP Frederico Lundgreen, chegou em ótimo terceiro lugar para Gay Charm e Danilo Príncipe, no GP Presidente Artur da Costa e Silva. Unterwald, do Haras Santa Maria de Araras, e Imnature, do Stud Anderson, completam a relação dos principais candidatos à vitória.

André Barcinski — 01/03/90

Quaech é principal adversário

Quaech apronta bem com Francisco Pereira Filho e ameaça os favoritos

Quaech, treinado por Artur Araújo, foi destaque nos treinos para a corrida desta tarde na Gávea. Conduzido por Francisco Pereira Filho, o tordilho de propriedade do Stud José Adamian passou os 800m em 49s cravados, com ação final das melhores pelo centro da pista. Se confirmar o exercício, pode surpreender os favoritos do GP Gervásio Seabra.

Para a primeira prova da reunião, Forever Alaska, com Cesar Gustavo Neto, floreou os 700m em 44s2/5. Present The Gold, com trabalho forte na distância, foi poupado por Juan Marchant Canales. Montado por Joelson Pessanha, fez apronto suave de 700m na marca de 49s2/5.

Lindsay, dos Haras São José e Expedictus, mostrou boa forma no apronto de 800m, em 51s escassos. Lexington Way, do Stud Anderson, realizou apronto de 37s3/5 na reta. My Sunshine, dos Haras São José e Expedictus, surpreendeu com 52s nos 800m. Gayska igualou a marca, sem ser exigida. Maiambú reapareceu bem preparado por Sebastião Almeida. Montado por Luis Antônio Pereira Alves, floreou os 800m em 52s cravados. Madison também agradou, com exercício de 1.000m em 1m06s. Mocker, da mesma coudelaria, floreou os 800 metros em 52s2/5.

Easy Won, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, aprontou suave os 800m em 56s. Firebag, companheiro de número, diminuiu para 52s, com sobras. Nache, treinado por Leonel Coelho, não foi apurado por Rogério Rodrigues e fechou os 800m em 51s2/5. Lindy Lou, dos Haras São José e Expedictus, foi poupada pelo treinador Francisco Saraiva. Montada por José Ferreira Reis, passou os 700m em 47s, com 39s para a reta final. Jeton Rouge, uma das forças da última prova, fez 51s nos 800m. Ottoni aumentou para 53s, com sobras.

Hoje na Gávea

1º páreo — Às 14 horas — 1.400 mts (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — DUPLA-EXATA PRÊMIO FARNO — 1980

1 Unusal Light, C. Lavor	1	56
2 Has Trata, S.Santos	3	54
3 Gran-Lulu, M. Almeida	4	50
4 Kilda Kyad, Não Corre	5	54
5 Forever Alaska, C.G.Netto	2	54
" Presente the Gold, J. Pessanha	6	56

2º Páreo — Às 14h30m — 1.600 mts (GRAMA) Cr$ 26.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO AFRICAN BOY — 1981

1 Hair Dresser, J. Aurélio	1	57
2 Litigante, J. Ricardo	2	57
3 Racecourt, A. Machado Fº	3	57
4 Linsey, J.F. Reis	4	57
5 Dash On, C. Lavor	5	57
6 Picasso, F. Pereira Fº	6	56

3º Páreo — Às 15 horas — 1.200 mt (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO LUKSOR — 1982 (PÁREO DE LEILÃO)

1 Horopeto, C. Lavor	1	56
2 Flopsy, E.R. Ferreira	2	54
3 Dryslã, J.F. Reis	4	54
4 Mogol, J. Ricardo	5	56
5 Hanap, M. Pinto	7	56
6 Lexington Way, J. Pessanha	3	56
" Friend Mário, J.M. Silva	6	56

4º Páreo — Às 15h30m — 1.600 mts (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA INÍCIO DO CONCURSO DE SETE PONTOS PRÊMIO BE A CHAMPION — 1983

1 Isfahan, J. Aurélio	1	56
2 Ad Usundelphini, J.M. Silva	3	56
3 Uncle Yuka, M.Almeida	4	56
4 Averroes, C.G. Netto	5	56
5 Golden Dancer, M. Cardoso	6	56
6 Gayska, G. Souza	7	54
7 My Sunshine, J.F. Reis	2	56
" Ma Brunette, M. Penafiel	8	54

5º Páreo — Às 16 horas — 2.000 mt (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO ÚLTIMO MACHO — 1984

1 Malambú, L.A. Alves	1	56
2 Midas King, J. Aurélio	2	56
3 Used to Lead, S.Santos	4	56
4 Accepted, J.M. Silva	6	56
5 Quelf, J. Ricardo	3	54
" Un Air Anglais, C. Lavor	5	56
6 Madison, M. Penafiel	7	56
" Mocker, J.F. Reis	8	56

6º Páreo — Às 16h30m — 1.600 mts (GRAMA) Cr$ 90.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA GP GERVÁSIO SEABRA — GRUPO II

1 Easy Won, J. Ricardo	3	60
" Firebag, J. Queiroz	8	56
2 Hatch, J. Aurélio	11	60
3 Imnature, J.M. Silva	10	60
4 Unterwald, C. Lavor	7	56
5 Quaech, F. Pereira Fº	1	54
6 Embaciado, E.S. Rodrigues	6	60
7 Clod Ber, J.F. Reis	2	56
8 Lust Boy, L.A. Alves	12	60
9 Financial Times, M. Andrade	5	56
10 Flore Chiaro, M. Cardoso	4	60
11 Nache, R. Rodrigues	9	56

7º Páreo — Às 17 horas — 1.100 metros Cr$ 40.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO CASTEL — 1985

1 Glory of Love, J. Ricardo	1	55
2 Buena Santa, F. Pereira Fº	2	55
3 Place des Vôges, E.R. Pereira	3	55
4 Viewing Blue, C. Lavor	4	55
5 Reflebda, L.A. Alves	5	55
6 Rondine, J.M. Silva	6	55
7 Ruta Libre, J. Aurélio	7	55

8º Páreo — Às 17h30m — 1.300 metros Cr$ 26.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO PALAZZI — 1986/87

1 Ginaluz, C. Valgas	1	57
2 Lindy Lou, J.F. Reis	2	57
3 Noris, C.G. Netto	3	57
4 Madame Nasrullah, F. Pereira Fº	4	57
5 Linda Ave, J.S. Gomes	5	57
6 Lovaiana, J. Ricardo	6	57

9º Páreo — Às 18 horas — 1.300 metros Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO FOR MERIT — 1988

1 Otra Cosa, C.G. Netto	1	56
2 Linda Vista, M. Penafiel	2	56
3 Aulaka, U. Meirelles	3	56
4 Defy Lee, M. Pinto	4	56
5 Crystal Blue, S.Santos	5	56
6 Adorada, C. Lavor	6	53
7 Aborning, G. Souza	7	56
8 Missa Naipi, J.S. Gomes	8	56

10º Páreo — Às 18h30m — 1.600 metros Cr$ 20.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO DIETER JET — 1989

1 Jeton Rouge, M Penafiel	1	54
2 Nice Luxo, M. Monteiro	2	58
3 Dakmaru, J.M. Silva	3	54
4 Game Vip, R. Antonio	4	58
5 Simbronaco, E.S. Gomes	5	58
6 Jevelot, C. Lavor	6	58
7 Ottoni, G. Souza	7	54

Indicações

1º Páreo : Unusual Light ■ Present The Gold ■ Gran Lulu
2º Páreo : Dash On ■ Hair Dresser ■ Lindsay
3º Páreo : Hanap ■ Mogol ■ Lexington Way
4º Páreo : Isfahan ■ Ad Usundelphini ■ Golden Dancer
5º Páreo : Quelf ■ Mocker ■ Accepted
6º Páreo : Easy Won ■ Quaech ■ Hatch
7º Páreo : Glory Of Love ■ Viewing Blue ■ Rondine
8º Páreo : Lovaina ■ Noris ■ Linda Ave
9º Páreo : Adorada ■ Aborning ■ Crystal Blue
10º Páreo : Dakmaru ■ Jeton Rouge ■ Jevelot
Acumulada : 1º1(Unusual Light), 8º6(Lovaina) e 9º6(Adorada)

Nova geração toma conta do vôlei brasileiro

SÃO PAULO — Com mais experiência, altura e ousadia, a nova geração do vôlei masculino nacional mostrou a que veio na conquista do título da Liga Nacional pelo Banespa. Jogadores como os paulistas Maurício e Marcelo Negrão, o mineiro Giovane e o carioca Tandi baixaram a idade média do time para 23 anos, contra 26 da Pirelli e não se intimidaram por enfrentar uma equipe de estrelas, lideradas por William e Xandó. A nova geração não teme desafios e pretende chegar muito mais longe do que seus ilustres antecessores.

O técnico Josenildo Carvalho não se arrepende de ter dado lugar a jogadores ainda pouco conhecidos, quando reformulou a equipe do Banespa para a disputa da Liga, em dezembro. Ele conhecia Tandi desde 1988, quando treinava na AABB de Brasília, e tinha trabalhado com Giovane em sua primeira passagem pelo Banespa, em 1987. Marcelo Negrão se destacou nas categorias menores do clube, mas só ficou conhecido mesmo foi indicado como o melhor jogador do Mundial Infanto-Juvenil vencido pelo Brasil, no ano passado. Já Maurício, foi a maior revelação entre os levantadores, pela Telesp. "Essa renovação é definitiva", assegura o técnico, que, no entanto, procura não elogiar muito. "Não se pode julgá-los deuses. Eles ainda têm muito o que aprender e aprimorar."

Josenildo acha que o fundamental é manter o equilíbrio entre experiência e juventude, como fez no seu time, aliando os novos a uma base que tinha Montanaro, Amauri e Léo, três remanescentes da *geração de ouro*. Ele prevê, porém, um futuro brilhante para os garotos, que possuem algumas das qualidades antes raras no nosso vôlei. "Com maior altura e capacidade de bloqueio, eles podem ir longe, enfrentando os times de fora de igual para igual." Para Josenildo, os *homens de ouro* foram pioneiros que prepararam o terreno e, agora, dão respaldo aos mais jovens dentro da quadra.

As novas estrelas têm pouco tempo para pensar em algo que não seja vôlei. Os três dias de folga, depois do título, permitiram a cada um fugir um pouco da rotina de cinco horas de treinos diários, divididos em dois períodos, retomada na sexta-feira, por causa do Sul-Americano. Para Marcelo Negrão, foram dias de dormir até mais tarde e colocar a vida em dia. Maurício foi para Campinas (SP), para ficar com a família e fazer programas descompromissados, como o cinema. Giovane seguiu para Juiz de Fora (MG), onde matou a saudade dos parentes e da namorada Patrícia, e teve o prazer de simplesmente passear no seu Gol GTI 89 ou na moto Ténéré, de que tanto gosta. Namorada e família também faziam parte do programa de Tandi, que aproveitou a chance de rever a praia no Rio.

Gratidão — Eles têm em comum o sentimento de gratidão pela geração que destacou o vôlei brasileiro de 1980 para cá. Apontado por William, há dois anos, como seu sucessor, Maurício Camargo Lima pode ser considerado o *veterano* dos novos. Com 1,84m e 22 anos, ele começou no time da Fonte São Paulo (depois Lojicred), em Campinas, em 1982. Freqüentou a seleção paulista a partir de 1984 e, em 1987, já na Telesp, foi sexto colocado no Mundial da Arábia Saudita, sendo escolhido entre os 12 melhores do torneio. Em 1988, foi chamado por Bebeto de Freitas para a seleção brasileira que disputou os Jogos Olímpicos de Seul e, no ano passado, chegou ao Banespa, participando das conquistas do título paulista e brasileiro.

"Acho que agora começa a afirmação de uma nova geração", diz Maurício. Para ele o desafio é levar à frente o trabalho dos últimos 10 anos a nível nacional e internacional, mesmo achando difícil ao esporte recuperar a empolgação do início da década de 80. Lisonjeado pela condição de ídolo, Maurício mantém uma prudente visão da carreira. "Os elogios são bons para o ego, mas se para subir é difícil, cair é num piscar de olhos." Ver teatro e cinema — aponta Malu Mader e Cássio Gabus Mendes como os atores que prefere — ou ler os *best-sellers* de Sidney Sheldon são alguns dos seus divertimentos.

Melhor saque — Paulistano de nascimento, Marcelo Negrão se revelou em 1986 no Colégio Boa Viagem, de Recife, cidade onde morava com a família. No ano seguinte, Luís Carlos Pereira, *olheiro* do Banespa, viu seu desempenho na seleção pernambucana infanto-juvenil e o trouxe de volta para São Paulo. A partir daí, a carreira foi meteórica e a consagração veio com o título mundial infanto-juvenil na Arábia Saudita, no qual foi sendo considerado o melhor jogador.

"Nossa geração chega com a mesma responsabilidade dos mais velhos", afirma Negrão. Com 1,98m, 18 anos, fazendo com eficiência as funções de ponta e meio, Marcelo impressiona em quadra pela disposição. "Esse menino é inteligente e vai longe", elogiou o técnico Josenildo Carvalho, durante um dos jogos finais, ao comentar a aplicação tática do jogador. Marcelo surpreende também ao analisar com maturidade os conflitos que abalaram a *geração de ouro* do vôlei. "A lição é que, sem um grupo unido, nada vai para frente."

Renato Velasco — 09/01/90

João Cerqueira — 14/09/89

Negrão (E) foi destaque no Mundial infanto-juvenil e Giovane no Mundial juvenil

Medalha olímpica é maior sonho

Considerado o melhor saque no Mundial infanto-juvenil da Arábia Saudita, Tandi, ou Alexandre Samuel Ramos, reverencia os jogadores que projetaram o vôlei nos anos 80. "Se não fossem eles, não teríamos isso." Sua paixão pelo esporte pode ser resumida em uma frase: "O vôlei é a minha vida." Por isso, na quadra, a atenção é toda concentrada no objetivo de chegar a uma medalha olímpica ou título mundial.

Jogar vôlei foi um caminho natural para o carioca Tandi. Aos 12 anos, ele já estava nos times de base do Botafogo, seguindo os passos do pai Samuel e, especialmente, da irmã Adriana, ex-companheira de Ana Richa, Denise e Patrícia no Bradesco, que jogou pela Twill/Lufkin na última temporada. Em 1988, ele disputou o Campeonato Brasileiro pela AABB de Brasília. O técnico Josenildo Carvalho o trouxe para o Banespa no ano passado.

A dedicação ao vôlei faz Tandi enfrentar a distância da família, da praia e da namorada Roberta — da seleção infanto-juvenil — com bom humor, dividindo um apartamento com o levantador Dentinho, no mesmo prédio onde mora Marcelo Negrão, perto do Banespa. Aí, há pouco tempo para outra coisa que não sejam os treinos. Cada um dá sua contribuição. E até na cozinha ele se arrisca, fritando batatas ou hambúrgueres, sem muita maestria. Prova disso é que jogou a última partida com uma atadura na mão, queimada por óleo quente. "A gente tem que levar na esportiva." Tandi pensa às vezes em retomar o curso de Odontologia, que abandonou antes de se formar. Mas reconhece que não tem tanto ânimo assim para estudar.

Ambição — A ambição de conseguir uma medalha ou um título mundial é comum entre os novos. "Quero disputar como titular, na quadra", diz o mineiro Giovane Farinazzo Gavio, eleito melhor bloqueio no Mundial juvenil do Japão, no ano passado. Para ele, o vôlei passa por uma fase de baixa. "Agora, a gente tem a portunidade de levantar, melhorar e dar um passo além do que já foi feito." Com 1,94m, ele se considera até um pouco baixo para o atual nível do vôlei internacional. Mas compensa a diferença com garra. Com pouco tempo para a paixão pelos carros ou a retomada dos estudos, suspensos no terceiro ano colegial, Giovane se consola. "Pelo menos, estou tendo a oportunidade de conhecer o mundo e somar experiências."

Amauri, a 'alma' de um campeão

André Durão — 5/4/88

Seleção ainda atrai Amauri

O Brasileiro de vôlei, vencido pelo Banespa, não apenas confirmou o surgimento de nova geração de bons jogadores. Mostrou também que pelo menos um veterano ainda é destaque nacional. Aos 31 anos, completados em janeiro, Amauri foi a verdadeira *alma* da equipe. Por trás dos ataques de Marcelo Negrão, dos bloqueios de Giovane e levantadas de Maurício, estavam sempre sua precisão nos fundamentos, a técnica impecável e a tranqüilidade de um jogador ainda imprescindível à seleção.

Foi a volta do *Homem Borracha*, apelido recebido na fase áurea do vôlei, devido à sua elasticidade. Amauri foi um dos sete jogadores do grupo dos antigos a pedir dispensa, em novembro, quando a seleção treinava em Teresópolis para excursão à Europa. Mas garante isso não significou um rompimento, como se falou à época. "Não posso falar pelos outros, mas pedi dispensa por não estar em bom momento psicológico, devido à morte do meu pai." Ele não se arrepende. "Dei tudo o que tinha à seleção, e acho que era uma hora boa para uma renovação."

Mas ele ainda pensa em voltar à seleção, para participar de grandes momentos — como a conquista do vice-campeonato mundial, em 1982, na Argentina, ou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. "Gostaria de participar do próximo Mundial no Brasil", admite, colocando-se à disposição de Bebeto.

A importância de Amauri sempre foi reconhecida por técnicos e companheiros de todas as equipes que defendeu (Paulistano, Pirelli e Banespa, além do Kutiba, de Falconara, norte da Itália, e da seleção, na qual chegou aos 17 anos, em 1977). Mas seu jogo nunca foi para o público. Por isso, na fase de explosão do vôlei como esporte de massa, sempre recebeu menos atenções da imprensa e da torcida do que Renan, William, Montanaro, Bernard e Xandó. Mas a falta que Amauri fazia ao time ficou clara na disputa do Mundial da França, em 1986. Ele se contundiu na vitória dramática, 3 a 2, em que o Brasil conseguiu a classificação para as semifinais, contra os donos da casa. Com a contusão, o abatimento foi geral e a equipe perdeu, na seqüência, para Estados Unidos e Bulgária, ficando em quarto lugar.

As complicações no joelho o obrigaram a uma artroscopia, de longa recuperação. No Pré-Olímpico de 1987, em Brasília, o baixo rendimento da equipe causou a crise que levou à substituição do técnico José Carlos Brunoro pelo coreano Yong Whan Sohn. Com Amauri, que tinha visível atrofia na perna, mal, o time também não se encontrou. "Meu jogo sempre dependeu muito da parte física." Agora mesmo, nas semifinais do Brasileiro, ficou 10 dias parado, devido a uma contusão.

Amauri acha que o vôlei vai bem, com a ligação entre a nova e a velha gerações. "Eles trazem a força, que deve se aliar à experiência dos mais velhos." Para ele, os novos têm a vantagem de encontrar uma base muito mais desenvolvida que em seu tempo. "Para nós, tudo era novo e sem a estrutura atual." Após aproveitar os três dias de folga com a mulher Rosângela, Amauri voltou aos treinos, pensando no Sul-Americano desta semana, em Buenos Aires, onde prevê mais um encontro com a rival Pirelli. Um desafio que, mesmo repetido, não cansa um jogador que ainda busca novas conquistas. "Ainda não acabei."

Easy Won é favorito hoje à tarde para o GP Gervásio Seabra

Easy Won, filho de Ghadeer em Asola, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, é o favorito do Grande Prêmio Gervásio Seabra, prova central desta tarde no Hipódromo da Gávea, na distância de 1.600 metros, na grama. O campo do páreo, entretanto, está equilibrado e vários concorrentes ameaçam o sucesso do alazão, treinado pelo veterano Alcides Morales.

Depois de várias corridas decepcionantes, Easy Won parece ter recuperado a forma do início da campanha, quando venceu o GP Costa Ferraz e perdeu, por diferença mínima, para o craque Laurus no GP Conde de Herzberg. Ele pode repetir o desempenho no Clássico Victor Guilhen, em que atropelou forte nos metros finais, aproveitando-se do ritmo forte da competição — pois gosta de correr nos últimos postos e fazer partida violenta nos 300 metros finais.

Quaech, filho de Clackson em Ivory Queen, de propriedade do Stud José Adamian, aparece como um dos principais adversários. Correu com desenvoltura no Grande Prêmio Estado do Rio de Janeiro, páreo muito mais reforçado. Obteve a sexta posição depois de figurar durante toda a corrida. Mais aguerrido e melhor adaptado ao gramado, deve estar entre os primeiros colocados no final.

Hatch, de criação e propriedade do Haras Doce Vale, é outro competidor certo. Depois de derrotar Fogueteiro no GP Frederico Lundgreen, chegou em ótimo terceiro lugar para Gay Charm e Danilo Príncipe, no GP Presidente Artur da Costa e Silva. Unterwald, do Haras Santa Maria de Araras, e Imnature, do Stud Anderson, completam a relação dos principais candidatos à vitória.

André Barcinski — 01/03/90

Quaech é principal adversário

Ontem na Gávea

1º Páreo: 1º Financial Times C.Lavor 2º Marubá J.Queiroz 3º Marooner J.F.Reis — Vencedor(3)1,7 D.Inexata(23)3,6 D.Exata(3-2)5,6 tempo: 121s1/5.

2º Páreo: 1º Juca Porto C.Xavier 2º Big-Alfred I.Lanes 3º Lucan J.Ricardo — Vencedor(2)23,0 D.Inexata(24)93,2 Placês(2)10,4 e (4)4,2 D.Exata(2-4)194,3 Triexata(2-4-3)681,0 tempo: 91s.

3º Páreo: 1º Ivory-White C.Lavor 2º Durrington J.F.Reis 3º Grapuitã J.Ricardo — Vencedor(3)1,9 D.Inexata(23)4,1 Placês(3)1,3 e (2)1,7 D.Exata(3-2)7,7 Triexata(3-2-1)19,2 tempo: 83s1/5.

4º Páreo: 1º Miss Dolly M.Garcia 2º Night May N.Cipriano 3º Zip's Gold C.Viana — Vencedor(8)5,4 D.Inexata(48)51,9 Placês(8)4,0 e (4)5,7 D.Exata(8-4)212,0 Triexata(8-4-2)309,4 tempo: 58s.

5º Páreo: 1º Orlando Furioso E.R.Ferreira 2º Ling Heaven J.Ricardo 3º Lee Remick M.Penafiel — Vencedor(6)1,6 D.Inexata(46)5,1 Placês(6)1,2 e (4)2,1 D.Exata(6-4)6,0 Triexata(6-4-5) 22,4 tempo: 71s.

6º Páreo: 1º Gatiuba E.S.Rodrigues 2º Rara Donna J.Ricardo 3º Nedjed L.Esteves — Vencedor(6)1,0 D.Inexata(26)2,2 Placê único(6)1,2 D.Exata(6-6)2,0 Triexata(6-2-4)5,8 tempo: 68s4/5.

7º Páreo: 1º Have A Dream J.Ricardo 2º Elo Sópolis C.Valgas 3º Grand Champion G.Souza — Vencedor(7)2,5 D.Inexata(47)8,9 Placês(7)1,9 e (4)2,0 D.Exata(7-4)12,7 Triexata(7-4-3)48,0 tempo: 69s2/5.

8º Páreo: 1º Exata J.Ricardo 2º Fighting Filly F.A.Ferreira 3º Monesi S.Santos — Vencedor(4)1,5 D.Inexata(46)18,7 Placês(4)1,4 e (6)3,1 D.Exata(4-6)27,7 Triexata(4-6-2)97,8 tempo: 73s1/5.

9º Páreo: 1º Emparito J.F.Reis 2º Farelo J.Aurélio 3º Pai Lacio — Vencedor(4)2,3 D.Inexata(45)5,4 Placês(4)1,5 e (5)2,5 D.Exata(4-5)8,0 Triexata(4-5-8)22,3 tempo: 81s3/5.

10º Páreo: 1º Espagnole R.Marques 2º Outro Lance E.S.Rodrigues 3º Etwall J.Ricardo — Vencedor(4)18,5 D.Inexata(49)665,1 Placês(4)9,7 e (9)6,5 D.Exata(4-9)1.017,5 Triexata(4-9-8)875,0 tempo: 73s3/5.

Hoje na Gávea

1º páreo — Às 14 horas — 1.400 mts (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — DUPLA-EXATA PRÊMIO FARMO — 1980

1 Unusal Light, C. Lavor	1	56
2 Has Trata, S Santos	3	54
3 Gran-Lulu, M. Almeida	4	50
4 Kilda Kyad, Não Corre	5	54
5 Forever Alaska, C.G.Netto	2	54
" Presente the Gold, J. Pessanha	6	56

2º Páreo — Às 14h30m — 1.500 mts (GRAMA) Cr$ 26.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO AFRICAN BOY — 1981

1 Hair Dresser, J. Aurélio	1	57
2 Litigania, J. Ricardo	2	57
3 Racecourt, A. Machado F°	3	57
4 Linsay, J.F. Reis	4	57
5 Dash On, C. Lavor	5	57
6 Picasso, F. Pereira F°	6	56

3º Páreo — Às 15 horas — 1.200 mt (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO LUKSOR — 1982 (PÁREO DE LEILÃO)

1 Horopato, C. Lavor	1	56
2 Flopsy, E.R. Ferreira	2	54
3 Diyalã, J.F. Reis	4	54
4 Mogol, J. Ricardo	5	56
5 Hanap, M. Pinto	7	56
6 Lexington Way, J. Pessanha	3	56
" Friend Mário, J.M. Silva	6	56

4º Páreo — Às 15h30m — 1.600 mts (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA INÍCIO DO CONCURSO DE SETE PONTOS PRÊMIO BE A CHAMPION — 1983

1 Isfahan, J. Aurélio	1	56
2 Ad Usundelphini, J.M. Silva	3	56
3 Uncle Yuka, M.Almeida	4	56
4 Averrões, C.G. Netto	5	56
5 Golden Dancer, M. Cardoso	6	56
6 Gayska, G. Souza	7	54
7 My Sunshine, J.F. Reis	2	56
" Ma Brunette, M. Penafiel	8	54

5º Páreo — Às 16 horas — 2.000 mt (GRAMA) Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO ÚLTIMO MACHO — 1984

1 Maiambu, L.A. Alves	1	56
2 Midas King, J. Aurélio	2	56
3 Used to Lead, S.Santos	4	56
4 Accepted, J.M. Silva	6	56
5 Quelf, J. Ricardo	3	54
" Un Air Anglais, C. Lavor	5	56
6 Madison, M. Penafiel	7	56
" Mocker, J.F. Reis	8	56

6º Páreo — Às 16h30m — 1.600 mts (GRAMA) Cr$ 90.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA GP GERVASIO SEABRA — GRUPO II

1 Easy Won, J. Ricardo	3	60
" Firebag, J. Queiroz	8	56
2 Hatch, J. Aurélio	11	60
3 Imnature, J.M. Silva	10	60
4 Unterwald, C. Lavor	7	56
5 Quaech, F. Pereira F°	1	54
6 Embaciado, E.S. Rodrigues	6	60
7 Clod Ber, J.F. Reis	2	56
8 Lust Boy, L.A. Alves	12	60
9 Financial Times, M. Andrade	5	56
10 Fiore Chiero, M. Cardoso	4	60
11 Nache, R. Rodrigues	9	56

7º Páreo — Às 17 horas — 1.100 metros Cr$ 40.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO CASTEL — 1985

1 Glory of Love, J. Ricardo	1	55
2 Buena Santa, F. Pereira F°	2	55
3 Place des Vôges, E.R. Pereira	3	55
4 Viewing Blue, C. Lavor	4	55
5 Refleida, L.A. Alves	5	55
6 Rondine, J.M. Silva	6	55
7 Ruta Libre, J. Aurélio	7	55

8º Páreo — Às 17h30m — 1.300 metros Cr$ 26.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO PALAZZI — 1986/87

1 Ginaluz, C. Valgas	1	57
2 Lindy Lou, J.F. Reis	2	57
3 Noris, C.G. Netto	3	57
4 Madame Nasrullah, F. Pereira F°	4	57
5 Linda Ave, J.S. Gomes	5	57
6 Lovaiana, J. Ricardo	6	57

9º Páreo — Às 18 horas — 1.300 metros Cr$ 32.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO FOR MERIT — 1986

1 Otra Cosa, C.G. Netto	1	56
2 Linda Vista, M. Penafiel	2	56
3 Aulake, U. Meirelles	3	56
4 Dety Lee, M. Pinto	4	56
5 Crystal Blue, S.Santos	5	56
6 Adorada, C. Lavor	6	53
7 Aborning, G. Souza	7	56
8 Missa Naipi, J.S. Gomes	8	56

10º Páreo — Às 18h30m — 1.000 metros Cr$ 20.000,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA PRÊMIO DISTER JET — 1989

1 Jeton Rouge, M Penafiel	1	54
2 Nice Luxo, M. Monteiro	2	58
3 Dakmaru, J.M. Silva	3	54
4 Game Vip, R. Antonio	4	58
5 Simbronaco, E.S. Gomes	5	58
6 Jevelot, C. Lavor	6	58
7 Ottoni, G. Souza	7	54

Indicações

1º Páreo: Unusual Light ■ Present The Gold ■ Gran Lulu
2º Páreo: Dash On ■ Hair Dresser ■ Lindsay
3º Páreo Hanap ■ Mogol ■ Lexington Way
4º Páreo: Isfahan ■ Ad Usundelphini ■ Golden Dancer
5º Páreo: Quelf ■ Mocker ■ Accepted
6º Páreo: Easy Won ■ Quaech ■ Hatch
7º Páreo: Glory Of Love ■ Viewing Blue ■ Rondine
8º Páreo: Lovaina ■ Noris ■ Linda Ave
9º Páreo: Adorada ■ Aborning ■ Crystal Blue
10º Páreo: Dakmaru ■ Jeton Rouge ■ Jevelot
Acumulada 1º1(Unusual Light), 8º6(Lovaina) e 9º6(Adorada)

Infanto-juvenis ganham títulos sul-americanos

LA PAZ — As seleções brasileiras feminina e masculina infanto-juvenis de vôlei conquistaram o título sul-americano, ao terminarem invictas o campeonato. Na última rodada, a equipe masculina, campeã por antecipação, derrotou a Bolívia por 3 a 0 (15/1, 15/3 e 15/6), enquanto a feminina venceu o Peru com a mesma facilidade (15/7, 15/13 e 15/1). A Argentina ficou com o vice-campeonato nas duas categorias.

A seleção masculina, dirigida por Marcos Lerbach, disputou a última rodada com o taça na mão, enquanto a feminina, sob o comando de Wadson Lima, dependia ainda de uma vitória sobre o Peru. E não foi difícil, as peruanas, que haviam perdido para a Argentina pela primeira vez na história e estavam fora da disputa do título, ofereceram pequena resistência apenas no segundo *set*. Os únicos *sets* perdidos pelo Brasil foram contra a Argentina — os dois jogos, masculino e feminino, acabaram 3 a 2. O Peru ficou com a terceira colocação no feminino, seguido da Venezuela, Bolívia, Paraguai e Chile. No masculino, o terceiro lugar foi da Venezuela, seguida do Paraguai, Peru, Chile e Bolívia.

Lwart-Lwarcel conta com torcida e calor para vencer Pirelli

SÃO PAULO — Uma vitória hoje, a partir das 17h, em Lençóis Paulista (SP), sobre a Pirelli, classificará a Lwart-Lwarcel para a final da Liga Nacional masculina de basquete. Na primeira partida da série melhor de três, quinta-feira à noite, a Lwart-Lwarcel venceu por 99 a 97, num dos jogos mais disputados do torneio. O outro finalista sairá do confronto entre Ravelli-Franca e Monte Líbano.

O técnico Caetano dos Santos, da Lwart, reconhece o favoritismo de sua equipe, que se perder o jogo de hoje vai jogar o desempate, terça-feira, novamente em seu ginásio. Para ele, a fanática torcida da cidade poderá ajudar a decidir a partida, bem como o forte calor. "Para ganhar da gente aqui dentro, tem que estar bem fisicamente. Nosso ginásio é como uma estufa, principalmente quando está lotado e com as luzes da televisão."

O técnico da Pirelli, Claudio Mortari, continua suspenso e impedido de entrar em quadra. A Lwart promete reservar um local seguro para ele em meio à torcida, mas Mortari sabe que será muito difícil orientar seus jogadores pelo rádio, com o barulho do ginásio de Lençóis.

Sadia e Super vencem jogos fáceis

Maurício Cardoso
Correspondente

BUENOS AIRES — Após vencer o Jorge Wilsterman, da Bolívia, por 3 a 0, em partida relâmpago de meros 24 minutos, as meninas da Sadia ficaram na quadra por mais 40 minutos treinando. Prepararam-se assim para o segundo jogo do dia, contra o Recoleta, do Paraguai, que a tabela desta desequilibrada Copa Sul-Americana de Clubes Campeões de vôlei feminino lhes reservou para passar o tempo e se divertir no sábado. A Supergasbrás demorou pouco mais, 45 minutos, mas também venceu fácil o seu jogo — 3 a 0 sobre as colombianas do Eafit (15/3, 15/4 e 15/0).

Como era previsto, o campeão boliviano não resistiu às campeãs brasileiras. Perdeu os três *sets* por 15/1, em tempo recorde, e suas atacantes só passaram três bolas pelo gigantesco bloqueio da Sadia. Não era para menos. A mais alta jogadora boliviana mede 1,74, tal como Luiza, mais baixa da Sadia. "Elas são baixinhas mas saltam bem", comentava Darío Espinola, técnico do Wilsterman, clube de Cochabamba que tem também o campeão nacional de vôlei masculino.

Apesar da fragilidade adversária, o técnico Inaldo Manta escalou as titulares Ana Maria, Márcia Fu, Ana Moser, Cecília Tait, Ida e Fernanda. No segundo *set*, Cilene substituiu Ana Maria, e no terceiro, Luiza entrou no lugar de Cecília Tait. Inaldo pretendia assim colocar dar ritmo de jogo às jogadoras. Mas a motivação só veio após a partida, quando ele separou duas equipes, para melhor de três *sets*, e avisou: "Quem perder, paga o almoço". As duas dezenas de torcedores que já haviam abandonado o acanhado ginásio do Boca Juniors perderam então a chance de ver a melhor disputada na quadra. Com *sets* corridos de 10 pontos, o time formado por Márcia Fu, Cecília Tait, Cilene, Maria Alice, Edna e o auxiliar técnico Maurinho ganhou de 2 a 0 do outro, com Luiza, Ida, Ana Maria, Ana Mozer, Fernanda e Patrícia.

Completando a primeira rodada, sexta feira, o Power, do Peru, venceu o Wilsterman por 3 a 0 e o Boca Juniors, da Argentina, ganhou do Eafit, da Colômbia, pelo mesmo marcador. No primeiro jogo da rodada de ontem, o Recoleta, do Paraguai, venceu o Universidad, do Chile, por 3 a 1. Hoje serão disputados os jogos que decidem a ordem dos quatro equipes que se classificam para as semifinais. Pelo Grupo A, jogam Supergasbrás e Boca Juniors, representante argentino e base da seleção nacional. E, pelo B, a disputa é entre Sadia e Power, do Peru.

Prova de abertura do ciclismo no Rio reúne 140 concorrentes

Um *sprint*, programado para cada três voltas, promete garantir emoção ao carioca que for à orla marítima, hoje, para acompanhar a prova de abertura da temporada de ciclismo do Rio — a 8ª Copa Itaú. A principal atração deverá ser a disputa entre as ciclistas Ieda Botelho, atual campeã brasileira na modalidade resistência, e Cláudia Tourinho, campeã nacional de perseguição individual — ambas vice-campeãs panamericanas nas respectivas modalidades.

A primeira etapa da competição deverá reunir cerca de 140 concorrentes, em circuito localizado na Avenida Atlântica, entre o Forte do Leme e a rua Anchieta. O regulamento da etapa obedecerá ao sistema australiano, também chamado de prova por pontos. A cada volta, o líder marcará cinco pontos, enquanto os colocados subseqüentes — até a quarta posição —, somarão, respectivamente, três, dois e um. A cada seis voltas, a pontuação será dobrada.

Para os competidores da categoria principal, o percurso terá extensão total de 39.100 metros, ou 36 voltas. Para o feminino e juniores, a extensão da prova será de 15.000 metros. Além da presença de ciclistas federados e estreantes, a prova também reunirá adeptos do *mountain bike* e triatletas.

A primeira largada, para os estreantes, será às 8h30. Às 9h, será a vez do feminino, principal força do ciclismo no estado, seguida da de juniores — categoria que contará com a presença da seleção estadual. A prova servirá como treino para a equipe, que vai defender o título do Campeonato Brasileiro, a ser disputado em São Paulo, dia 15 de abril.

As duas outras etapas serão realizadas nos dias 8, em Bangu, e 22, em volta do Maracanã. Segundo Ieda Botelho — que no ano passado obteve resultados expressivos na temporada dos Estados Unidos, entre maio e outubro —, as dificuldades para renovação de patrocínio dificultaram o trabalho de preparação. "Gostaria de me dedicar integralmente ao ciclismo. Mas se, mesmo antes do novo governo ser empossado, as dificuldades já eram grandes, as medidas econômicas agravaram ainda mais a situação dos desportistas que buscam apoio nas empresas."

Brasil fica no Grupo 1 da Copa Davis

BRASÍLIA — Ao marcar 3 *sets* a 1, com parciais de 6/7, 6/4, 7/6 e 6/4, sobre os chilenos Pedro Rebolledo e Cristian Araya, os tenistas Danilo Marcelino e Mauro Menezes garantiram por antecipação a vitória e a permanência brasileira no Grupo 1 da Zona Americana da Copa Davis, seja qual for o resultado das duas últimas partidas de hoje. Com a vitória, o Brasil tem 3 a 0 e não pode mais ser alcançado pelo Chile, que cai para o Grupo 2, mais baixa divisão desta Zona, onde jogará com países como Bahamas, Haiti, Barbados, Colômbia.

A partir das 11h de hoje jogam o gaúcho Fernando Roese contra Gerardo Vacarezza e o paulista Luiz Mattar, com José Antônio Fernandez. A manutenção do Brasil no Grupo 1 lhe dá chance de disputar uma vaga no Grupo Mundial, a elite da competição, reunindo os 16 países mais fortes do tênis, em 1992.

O técnico Paulo Cleto, mais uma vez, guardou uma surpresa para o Chile ao mandar à quadra principal da Academia de Tênis de Brasília uma dupla diferente da que tinha anunciado no sorteio de quinta-feira passada — tinha apontado Mattar ao lado de Menezes. Mas pelo regulamento da Copa Davis, estabelecido pela Federação Internacional de Tênis (ITF), ele pode alterar a escalação até 60 minutos antes do jogo, bastando para isso informar ao árbitro-geral.

As duas vitórias de sexta-feira, nos jogos de simples, provavelmente explicam a mudança de Cleto. O baiano Danilo Marcelino e o paulista Mauro Menezes, atuando pela primeira vez na Davis, são a dupla brasileira de melhor resultado internacional em 1989. Em junho, foram vice-campeões do Aberto de Roma, um dos 10 mais importantes torneios do mundo. As partidas de hoje poderão ser jogadas em melhor de três *sets*. Basta que os dois capitães concordem.

□ **No dia de jogos de duplas da Copa Davis, a Áustria, em Viena, classificou-se para as semifinais do Grupo Mundial ao vencer a Itália e alcançar 3 a 0 no placar geral. Em Brisbane, a Austrália virou para 2 a 1 sobre a Nova Zelândia. E em Praga, os Estados Unidos têm 2 a 1 de vantagem sobre a Tchecoslováquia.**

Brasília — Jamil Bittar

Mauro (e) e Danilo garantiram a vitória no jogo de duplas

Nas quadras de Brasília, um golpe na inflação

Política e esporte, jogos decisivos na Academia de Tênis

José Resende Jr.

BRASÍLIA — É a segunda vez, em menos de três semanas, que o destino do Brasil está em jogo na Academia de Tênis de Brasília. Depois da equipe do Chile, nas quadras, pela segunda divisão da Copa Davis, um combate bem mais importante para o Brasil está ligado ao local. O adversário, muito mais perigoso, é a inflação e, para enfrentá-la, a ministra Zélia Cardoso de Mello e sua equipe se trancaram durante quatro dias e quatro noites no centro de convenções da mesma Academia, de onde só saíram com o Plano Collor debaixo do braço.

O tênis e a política sempre conviveram pacificamente nos 80 mil m^2 do maior complexo tenístico da América do Sul, inaugurado em 1973. São 23 quadras de tênis — inclusive o ginásio para 5 mil pessoas com cobertura retrátil, versão modesta do Flinders Park, de Melbourne, Austrália — e um seleto quadro de 480 sócios-usuários, onde confraternizam ministros militares e civis da Nova República e do Brasil Novo, como José Reinaldo Tavares, Francisco Rezek e os generais Leônidas Pires, Bayma Dennys e Carlos Tinoco (atual ministro do Exército).

Na verdade, para ser sócio da Academia de Tênis não é preciso ser ministro, mas há que desembolsar 30 mil BTNs fiscais (Cr$ 1 milhão 245 mil). E, para não fazer feio, distribuindo raquetadas a esmo, pagar Cr$ 531,00 por cada hora de aula com um professor de nível.

Collor, Sarney & Cia — Além das 23 quadras de tênis — 12 de piso lisonda e 11 de *har-tru*, ambos sintéticos, a Academia tem seis belas piscinas, um completo ginásio de musculação e um restaurante francês, o La Nouvelle, onde é possível degustar um Chateau Laffite Rotschild, safra 83, por Cr$ 31 mil 500, talvez a poucas mesas de distância de um presidente da República — às vésperas de tomar posse, o presidente Collor almoçou lá. No dia seguinte, no apagar das luzes de seu governo, foi a vez do ex-presidente Sarney ser homenageado com um fino jantar.

E há, também, os 10 chalés e as 107 suítes para moradores e hóspedes ilustres. Silvio Santos também, quando, na calada da noite, como diria Lula, tramava sua candidatura à Presidência com os chamados *três porquinhos* (os senadores Hugo Napoleão, Marcondes Gadelha e Edson Lobão). Durante a posse do presidente Collor a Academia esteva completamente lotada, o que levou um certo cidadão chamado Edson Arantes do Nascimento a ver recusado o seu pedido de hospedagem, feito por telefone. "Foi um equívoco. Se ele tivesse avisado que era o Pelé, a gente dava um jeito", explica o diretor de Hotelaria e Eventos da Academia, o holandês Philippus Heijblon.

Moradores — De moradores, a Academia já teve gente como o general Leônidas Pires, o delegado Romeu Tuma e, até o início desta semana, a ilustre ministra da Ação Social, Margarida Procópio, confortavelmente aboletada na suíte presidencial (Cr$ 18 mil a diária). Hoje, Zélia Cardoso, ocupa um aconchegante chalé (Cr$ 11 mil a diária) e tem como vizinhos os presidentes do Banco Central, Ibrahim Eris, e do BNDES, Eduardo Modiano, e os secretários de Política Econômica do Ministério da Economia, Antonio Kandir, e de Política Monetária do Banco Central, Luiz Eduardo Assis.

Brasília — Fotos de Gilberto Alves

A quadra principal é coberta por teto retrátil (móvel)

Um dos chalés abriga a ministra Zélia Cardoso de Mello

João Saldanha

O baio de Bagé

Os jogos da seleção entremeados com os da Libertadores da América sempre minimizam os campeonatos locais. Se é um clube de São Paulo a coisa fica enfraquecida por lá e se é o Vasco o negócio é aqui mesmo. Ainda mais que nossos campeonatos locais têm regulamentos que o grande público não acompanha. Pontos conquistados num turno somados com os do outro, e vai por aí numa trapalhada que faz perder a graça.

Claro que é diferente quando o negócio é lá pelo Rio Grande do Sul, Minas ou Bahia. Há uma espécie de acordo entre os dois clubes de sempre. Grêmio ou Inter, Cruzeiro ou Atlético, e Bahia oito vezes e Vitória duas, quer dizer, nesta proporção. Bem, encurtando o papo, o clássico importante é o chamado Clássico Vovô, o mais antigo da cidade e que reúne os mais sérios rivais da história do futebol carioca. A primeira briga, a primeira cisão, tudo tem origem nestes dois.

E o jeito é contar a história. Eu falei no anúncio do Banerj que não tinha assistido a todas as Copas por causa de uma corrida de cavalo. Foi assim: em 1930 morávamos lá na fronteira. E, apesar de ligações familiares com os uruguaios, não fui para Montevidéu com meus parentes. Um deles até era dono de um hotel. É que preferia ver a decisão de uma séria discussão na época: qual o cavalo mais veloz que andava pelas canchas de lá e de cá? O Clarim, um baio, 7/8, de Bagé, da família dos Mercio, ou o Remendado, um cavalo puro, irmão próprio do Sim Rumbo, filho de Val Dór, o grande garanhão da época.

Discutiram dois anos e ataram a carreira. Quatro quadras lá e cá. Os dois cavalos eram tão ligeiros que se tocavam nos machinhos. Tinham de correr com proteção senão se feriam todos. Mas marcaram duas carreiras. Uma no Uruguai, lá pros lados de Mello, que fica perto de Aceguá. A outra, por ali, entre Don Pedrito e Bagé.

As canchas eram muito iguais e apenas raspadas. Não havia partidor (startingate) e a saída era no grito mesmo. Os dois, se quisessem, poderiam correr encilhados. Valia cinqüenta contos o desafio. Para se ter idéia, o Bento, o Bento Gonçalves, maior páreo do Rio Grande, era de vinte contos para o vencedor.

O Conceição, melhor jóquei largador do Moinhos de Vento, um pretinho, montava o Clarim. O Marcelino Col, grande jóquei uruguaio, montava o cavalo deles. Engraçado o *nacionalismo* dos cavalos. Parece que sabiam onde estavam. O Clarim ganhou no Brasil por palheta. E o cavalo uruguaio ganhou no lado de lá por meio corpo. Nenhum conseguiu tirar luz do outro e isto era condição da aposta. E eu fui ver a carreira em vez de ir para o jogo de futebol.

É necessário que se saiba que uma *cancha reta* leva o dia inteiro. Mal clareia o dia e estão atando carreiras até de uma quadra ou cento e vinte meros. É uma atrás da outra. Nem sei, mas fazem umas quarenta e muitas delas na brincadeira. Atualmente, as melhores do Rio Grande são as de Carazinho e Camaquã. Mas dizem que lá por vacaria estão muito boas.

Cerezo, contundido, mostra prestígio com novo contrato

Araújo Netto
Correspondente

ROMA — Toninho Cerezo recebeu uma prova de estima que pouquíssimos jogadores de futebol tiveram na Itália. Esta semana, o presidente da Sampdoria, de Gênova, Paolo Mantovani, visitou-o na Clínica Montallegro e comunicou a decisão de renovar pela terceira vez o contrato anual do craque brasileiro, no momento mais delicado e incerto de sua longa carreira: exatamente 24 horas após a operação cirúrgica a que se submeteu, para refazer os ligamentos colaterais médios do joelho, gravemente atingidos em partida do Campeonato Italiano, domingo passado.

Falando pelo telefone de seu quarto na clínica genovesa, Cerezo disse que se sentia duplamente feliz, apesar da incômoda presença de um gesso que deverá manter ainda por 20 dias. Primeiro, porque o cirurgião que o operou, professor Andrea Chiapuzzo, assegurou que seu joelho poderá estar recuperado dentro de dois, três meses no máximo. A lesão que sofreu foi a menos grave — dispensou inclusive a retirada dos tendões — e a artroscopia revelou ausência de qualquer tipo de artrose e a perfeita integridade dos meniscos. Além disso, o gesto do armador Mantovani recompensou-o por tantas preocupações e incertezas que sua mulher, Rosa, e ele viveram depois da contusão.

"O que o presidente Mantovani fez me comoveu e restituiu a tranqüilidade à nossa casa", contou Cerezo. "Domingo, ao sair de campo sem saber se voltaria ou não a jogar, só fiz um pedido: que não me abandonassem. Para quem, como eu, nunca tinha sofrido, em mais de 17 anos de futebol, qualquer contusão ou problema mais sério, a sensação que experimentei foi terrível. Cheguei a pensar que, com esse problema físico, nenhum clube teria coragem de propor um contrato a um cara que, aos 35 anos, insiste em se sentir com muita vontade e nas melhores condições para continuar na luta, correndo 90 minutos sem parar."

Até o modo pelo qual Mantovani formalizou a oferta a Cerezo, para mais um ano de contrato, não podia ser mais delicado e original. O presidente da Sampdoria entregou ao jogador uma foto, que recorda a festa pela conquista da Copa Itália de 1989, em que se viam Cerezo, Mancini e o próprio Mantovani. Atrás dessa foto, de seu próprio punho, o presidente escreveu ainda uma dedicatória preciosa. "Ciao Toninho (Alô Toninho) — Paolo Mantovani, 1990-1991", datas que foram duas vezes sublinhadas pelo riquíssimo proprietário da Sampdoria.

Itália derrota a Suíça com boas jogadas de Schillachi

BASILÉIA, Suíça — Salvatore Schillachi deu muito mais mobilidade ao ataque da seleção italiana dirigida por Azeglio Vicini. Apesar da vitória de apenas 1 a 0 sobre a Suíça, ontem, o centroavante da Juventus, de 25 anos, estreou bem na *Scuadra Azzurra*. Sentiu a falta de entrosamento e a emoção de seu *debut*, evidentemente, mas exibiu em algumas oportunidades as características que o transformaram em maior revelação do campeonato italiano e em esperança de gols no ataque da seleção nacional.

Schillachi realizou várias jogadas perigosas, de velocidade, e perdeu três boas chances de gol. Foi numa falta sofrida por ele que a Itália chegou à vitória, aos 23m do segundo tempo. O lateral-esquerdo De Agostini, que substituíra Maldini no intervalo, cobrou com perfeição e fez o único gol da partida.

O juiz alemão-ocidental Karl-Josef Assenmacher anulou um gol de Carnevale no primeiro tempo. A Itália atuou com Zenga, Bergomi (Ferrara), Vierchwood, Baresi e Maldini (De Agostini); De Napoli, Donadoni, Giannini e Marocchi; Schillachi e Carnevale (Serena).

Campeonato na Itália ainda é imprevisível

A quatro rodadas do final do Campeonato Italiano 89/90, parado até o próximo domingo por causa dos amistosos da seleção nacional, três equipes ainda têm chance de conquistar o título: o líder Milan, com 44 pontos, o vice Napoli, com 43, e a Internazionale, campeã da temporada passada, que corre por fora com 40. Mas é impossível fazer previsões. Os dois primeiros ainda têm pela frente caminhos igualmente difíceis. A Inter enfrentará a luta de adversários mais fracos para escapar da segunda divisão. Milan e Napoli vão passar duas vezes pelos mesmos adversários — ambos jogam em Bologna, contra o time local, e recebem o Bari.

No domingo que vem, o Milan enfrenta o Bologna e o Napoli vai a Bergamo jogar contra o Atalanta. No primeiro turno, eles venceram — Milan 1 x 0 e Napoli 3 x 1. Os adversários dividem a sétima posição na tabela com 32 pontos. A Inter recebe, em Milão, ao Cesena, a quem venceu por 3 x 2 no turno.

Na rodada seguinte, o Napoli recebe o Bari (primeiro turno, 1 x 1) e o Milan joga em casa com a perigosa Sampdoria (1 x 1), quarta colocada com 38 pontos. A Inter viaja para enfrentar o Genoa (0 x 0), 11º lugar com 25 pontos. No dia 27 de abril, a penúltima rodada tem o Milan em Verona (0 x 0), o Napoli em Bologna (2 x 0) e a Inter, em casa, contra a Fiorentina (2 x 2). O campeonato termina com Milan x Bari e Napoli x Lazio. Nos jogos do turno, os favoritos perderam — o Napoli por 3 a 0 e Milan por 1 a 0. A Inter vai a Udine enfrentar a Udinese (2 x 0).

O Milan tem um ponto de vantagem. Os campeões mundiais sofrem, entretanto, por jogar em diversas frentes, como a dura Copa dos Campeões, em que enfrenta o poderoso Bayern, de Munique, pelas semifinais. O time milanês tem ainda quatro jogadores — Baresi, Maldini, Donadoni e Ancelotti — na seleção, que deve fazer três amistosos até o final do campeonato. O Napoli também tem jogadores na seleção (Ferrara, De Napoli e Carnevale), mas conta com a ressurreição de Maradona. Além de estar quatro pontos atrás, a Inter terá contra si o desespero de seus quatro adversários que estão entre os sete mais ameaçados pelo rebaixamento.

Quatro clubes caem para a Segunda Divisão. O Ascoli, de Casagrande, está quase lá — tem 19 pontos e é o último colocado. O Verona é o penúltimo com 22 e está em ascenção. Com 23 pontos, estão empatados a Fiorentina, de Dunga, Cesena e Cremonese. Ainda ameaçados estão ainda o Lecce, com 24 pontos, e o Genoa, com 25. Só um desastre completo nas últimas rodadas levaria Lazio (27) ou Bari (28) ao rebaixamento.

Libertadores — Na terceira partida pela Taça Libertadores, o Grêmio perdeu pela segunda vez. Após a derrota para o Olimpia na terça-feira, o time gaúcho cedeu a vitória ao Cerro Porteño na sexta-feira, por 3 a 1, no defensores Del Chaco. O próximo compromisso do Grêmio é contra o Vasco, dia 18 de abril, em São Januário. Ontem, o Emelec, do Equador empatou em 2 a 2 com o Oriente Petrolero, da Bolívia.

Paz — A campeã olímpica Rosa Mota e a Federação Portuguesa de Atletismo fizeram as pazes após dois anos e quatro meses de rompimento. A negativa de Rosa em participar do Mundial de Mônaco por estar se preparando para os Jogos Olímpicos de Seul, irritou a Federação que suspendeu a verba destinada à maratonista e a retirou da equipe olímpica. A atleta só correu por Portugal em Seul e ganhou a medalha de ouro graças à interveniênica do primeiro ministro Cavaco Silva. Hoje Rosa volta a ser uma atleta federada.

Karpov — O ex-campeão mundial de xadrez, Anatoly Karpov, deixou o tabuleiro de lado e declarou ao jornal espanhol *El País* sua insatisfação com a economia soviética, que classificou de "desastrosa". O enxadrista, economista e membro do Congresso dos Deputados do Povo, de Moscou, se definiu como "politicamente independente" e elogiou as reformas implantadas em seu país por Mikhail Gorbachov: "Sei que há muita gente na União Soviética contrariada porque as reformas políticas no país são mais rápidas que as econômicas, mas a reforma de um sistema gigantesco e insensato demanda vários anos."

Placar JB

FUTEBOL

Campeonato Alemão-ocidental

Werder Bremen 2 x 1 Hamburgo
Nuremberg 1 x 1 Cologne
Borussia Moenchengladbach 0 x 0 Karlsruhe
Kaiserlautern 2 x 1 Bayer Uerdingen
Bayern Munich 3 x 1 VfB Stuttgart
Bayer Leverkusen 2 x 1 Bochum
St. Pauli 2 x 2 Eintratch Frankfurt
Fortuna Duesseldorf 1 x 0 Homburg
Borussia Dortmund 2 x 0 Waldhof

Campeonato Inglês

Arsenal 1 x 0 Everton
Charlton 1 x 0 Queen's Park Rangers
Chelsea 1 x 1 Derby
Liverpool 3 x 2 Southampton
Manchester United 3 x 0 Coventry
Millwall 1 x 2 Crystal Palace
Norwich 2 x 0 Luton
Nottingham Forest 0 x 1 Wimbledon
Sheffield Wednesday 2 x 4 Tottenham

BASQUETE

Campeonato da NBA

Chicago 107 x 106 NY Knicks
Boston 123 x 111 Detroit
Phoenix 126 x 119 New Jersey Nets
Philadelphia 149 x 131 Denver
Washington 143 x 115 Orlando
Seattle 139 x 108 Golden State
LA Lakers 135 x 106 Portland

REMO

136ª Regata das Universidades

(Londres, Inglaterra)
1. Oxford 17m15
2. Cambridge 17m22

IATISMO

Campeonato Brasileiro de Ranger 22

(Iate Clube Jardim Guanabara, RJ)
Primeira regata:
1. *Piti* (Clube Naval)

Eliminatória do Mundial de Star

(Escola Naval, RJ)
Terceira regata
1. Torben Grael/Nelson Falcão
Classificação:
1. Torben Grael/Nelson Falcão
2. Gastão Brun/André Leksdydki

TÊNIS

Virginia Slims de San Antonio

M. Maleeva (Sui) 6/1, 6/1 C. Cunningham (EUA)
R. Fairbank (AFS) 6/1, 2/6, 7/5 J. Novotna (Tch)
L. McNeil (EUA) 6/2, 6/0 G. Fernandez (EUA)
M. Seles (Iug) 6/4, 6/4 H. Mandlikova (Austra)

Virginia Slims de Houston

M. Navratilova (EUA) 6/0, 6/1 B. Fulco (Arg)
L. Gildemeister (Per) 6/2, 7/5 I. Cueto (Al.Oc.)
A. Sanchez (Esp) 6/3, 6/3 G. Magers (EUA)
M.L. Daniels (EUA) 6/4, 6/4 S. Hanika (Tch)

Banespa Open

(Rio de Janeiro, RJ)
J. Sobel (EUA) 7/6, 6/7, 6/1 O. Rahnasto (Ind)
E. Nunes (Bra) 6/0, 6/0 R. Gandara (Bra)
E. Barbosa (Bra) 6/1, 6/1 A. Bastos (Bra)

Brasil fica no Grupo 1 da Copa Davis

BRASÍLIA — Ao marcar 3 *sets* a 1, com parciais de 6/7, 6/4, 7/6 e 6/4, sobre os chilenos Pedro Rebolledo e Cristian Araya, os tenistas Danilo Marcelino e Mauro Menezes garantiram por antecipação a vitória e a permanência brasileira no Grupo 1 da Zona Americana da Copa Davis, seja qual for o resultado das duas últimas partidas de hoje. Com a vitória, o Brasil tem 3 a 0 e não pode mais ser alcançado pelo Chile, que cai para o Grupo 2, mais baixa divisão desta Zona, onde jogará com países como Bahamas, Haiti, Barbados, Colômbia.

O fato de jogar em casa foi "de grande ajuda", disse Mauro Menezes. "Isso porque contamos com o calor da torcida ao nosso lado".

"Começamos mais ou menos bem, infelizmente perdemos o primeiro ponto no *break*, mas deu para recuperar", afirmou Marcelino.

A partir das 11h de hoje jogam o gaúcho Fernando Roese contra Gerardo Vacarezza e o paulista Luiz Mattar, com José Antônio Fernandez. A manutenção do Brasil no Grupo 1 lhe dá chance de disputar uma vaga no Grupo Mundial, a elite da competição, reunindo os 16 países mais fortes do tênis, em 1992.

O técnico Paulo Cleto, mais uma vez, guardou uma surpresa para o Chile ao mandar à quadra principal da Academia de Tênis de Brasília uma dupla diferente da que tinha anunciado no sorteio de quinta-feira passada — tinha apontado Mattar ao lado de Menezes. Mas pelo regulamento da Copa Davis, estabelecido pela Federação Internacional de Tênis (ITF), ele pode alterar a escalação até 60 minutos antes do jogo, bastando para isso informar ao árbitro-geral.

As partidas de hoje poderão ser jogadas em melhor de três *sets*. Basta que os dois capitães — Cleto e o chileno Jaime Pinto Bravo — concordem. Os brasileiros, a seguir, seguem para o Rio de Janeiro, onde disputam o Banespa Open (IBM/ATP Tour do Rio).

□ **A Áustria, em Viena, classificou-se para as semifinais do Grupo Mundial da Copa Davis ao vencer a Itália nas duplas e alcançar 3 a 0 no placar geral. Outros resultados: Austrália 2 x 1 Nova Zelândia, em Brisbane; Estados Unidos 2 x 1 Tchecoslováquia, em Praga; Argentina 1 x 1 Alemanha Ocidental, em Buenos Aires.**

Brasília — Jamil Bittar

Mauro (e) e Danilo garantiram a vitória no jogo de duplas

João Saldanha

O baio de Bagé

Os jogos da seleção entremeados com os da Libertadores da América sempre minimizam os campeonatos locais. Se é um clube de São Paulo a coisa fica enfraquecida por lá e se é o Vasco o negócio é aqui mesmo. Ainda mais que nossos campeonatos locais têm regulamentos que o grande público não acompanha. Pontos conquistados num turno somados com os do outro, e vai por aí numa trapalhada que faz perder a graça.

Claro que é diferente quando o negócio é lá pelo Rio Grande do Sul, Minas ou Bahia. Há uma espécie de acordo entre os dois clubes de sempre. Grêmio ou Inter, Cruzeiro ou Atlético, e Bahia oito vezes e Vitória duas, quer dizer, nesta proporção. Bem, encurtando o papo, o clássico importante é o chamado Clássico Vovô, o mais antigo da cidade e que reúne os mais sérios rivais da história do futebol carioca. A primeira briga, a primeira cisão, tudo tem origem nestes dois.

E o jeito é contar a história. Eu falei no anúncio do Banerj que não tinha assistido a todas as Copas por causa de uma corrida de cavalo. Foi assim: em 1930 morávamos lá na fronteira. E, apesar de ligações familiares com os uruguaios, não fui para Montevidéu com meus parentes. Um deles até era dono de um hotel. É que preferia ver a decisão de uma séria discussão na época: qual o cavalo mais veloz que andava pelas canchas de lá e de cá? O Clarim, um baio, 7/8, de Bagé, da família dos Mercio, ou o Remendado, um cavalo puro, irmão próprio do Sim Rumbo, filho de Val Dór, o grande garanhão da época.

Discutiram dois anos e ataram a carreira. Quatro quadras lá e cá. Os dois cavalos eram tão ligeiros que se tocavam nos machinhos. Tinham de correr com proteção senão se feriam todos. Mas marcaram duas carreiras. Uma no Uruguai, lá pros lados de Mello, que fica perto de Aceguá. A outra, por ali, entre Don Pedrito e Bagé.

As canchas eram muito iguais e apenas raspadas. Não havia partidor (startingate) e a saída era no grito mesmo. Os dois, se quisessem, poderiam correr encilhados. Valia cinqüenta contos o desafio. Para se ter idéia, o Bento, o Bento Gonçalves, maior páreo do Rio Grande, era de vinte contos para o vencedor.

O Conceição, melhor jóquei largador do Moinhos de Vento, um pretinho, montava o Clarim. O Marcelino Col, grande jóquei uruguaio, montava o cavalo deles. Engraçado o *nacionalismo* dos cavalos. Parece que sabiam onde estavam. O Clarim ganhou no Brasil por palheta. E o cavalo uruguaio ganhou no lado de lá por meio corpo. Nenhum conseguiu tirar luz do outro e isto era condição da aposta. E eu fui ver a carreira em vez de ir para o jogo de futebol.

É necessário que se saiba que uma *cancha reta* leva o dia inteiro. Mal clareia o dia e estão atando carreiras até de uma quadra ou cento e vinte meros. É uma atrás da outra. Nem sei, mas fazem umas quarenta e muitas delas na brincadeira. Atualmente, as melhores do Rio Grande são as de Carazinho e Camaquã. Mas dizem que lá por vacaria estão muito boas.

Nas quadras de Brasília, um golpe na inflação

Política e esporte, jogos decisivos na Academia de Tênis

José Resende Jr.

BRASÍLIA — É a segunda vez, em menos de três semanas, que o destino do Brasil está em jogo na Academia de Tênis de Brasília. Depois da equipe do Chile, nas quadras, pela segunda divisão da Copa Davis, um combate bem mais importante para o Brasil está ligado ao local. O adversário, muito mais perigoso, é a inflação e, para enfrentá-la, a ministra Zélia Cardoso de Mello e sua equipe se trancaram durante quatro dias e quatro noites no centro de convenções da mesma Academia, de onde só saíram com o Plano Collor debaixo do braço.

O tênis e a política sempre conviveram pacificamente nos 80 mil m² do maior complexo tenístico da América do Sul, inaugurado em 1973. São 23 quadras de tênis — inclusive o ginásio para 5 mil pessoas com cobertura retrátil, versão modesta do Flinders Park, de Melbourne, Austrália — e um seleto quadro de 480 sócios-usuários, onde confraternizam ministros militares e civis da Nova República e do Brasil Novo, como José Reinaldo Tavares, Francisco Rezek e os generais Leônidas Pires, Bayma Dennys e Carlos Tinoco (atual ministro do Exército).

Na verdade, para ser sócio da Academia de Tênis não é preciso ser ministro, mas há que desembolsar 30 mil BTNs fiscais (Cr$ 1 milhão 245 mil). E, para não fazer feio, distribuindo raquetadas a esmo, pagar Cr$ 531,00 por cada hora de aula com um professor de nível.

Collor, Sarney & Cia — Além das 23 quadras de tênis — 12 de piso lisonda e 11 de *har-tru*, ambos sintéticos, a Academia tem seis belas piscinas, um completo ginásio de musculação e um restaurante francês, o La Nouvelle, onde é possível degustar um Chateau Laffite Rotschild, safra 83, por Cr$ 31 mil 500, talvez a poucas mesas de distância de um presidente da República — às vésperas de tomar posse, o presidente Collor almoçou lá. No dia seguinte, no apagar das luzes de seu governo, foi a vez do ex-presidente Sarney ser homenageado com um fino jantar.

E há, também, os 10 chalés e as 107 suítes para moradores e hóspedes ilustres. Sílvio Santos também, quando, na calada da noite, como diria Lula, tramava sua candidatura à Presidência com os chamados *três porquinhos* (os senadores Hugo Napoleão, Marcondes Gadelha e Edson Lobão). Durante a posse do presidente Collor a Academia esteva completamente lotada, o que levou um certo cidadão chamado Edson Arantes do Nascimento a ver recusado o seu pedido de hospedagem, feito por telefone. "Foi um equívoco. Se ele tivesse avisado que era o Pelé, a gente dava um jeito", explica o diretor de Hotelaria e Eventos da Academia, o holandês Philippus Heijblon.

Moradores — De moradores, a Academia já teve gente como o general Leônidas Pires, o delegado Romeu Tuma e, até o início desta semana, a ilustre ministra da Ação Social, Margarida Procópio, confortavelmente aboletada na suíte presidencial (Cr$ 18 mil a diária). Hoje, Zélia Cardoso, ocupa um aconchegante chalé (Cr$ 11 mil a diária) e tem como vizinhos os presidentes do Banco Central, Ibrahim Eris, e do BNDES, Eduardo Modiano, e os secretários de Política Econômica do Ministério da Economia, Antônio Kandir, e de Política Monetária do Banco Central, Luiz Eduardo Assis.

Brasília — Fotos de Gilberto Alves

A quadra principal é coberta por teto retrátil (móvel)

Um dos chalés abriga a ministra Zélia Cardoso de Mello

Cerezo, contundido, mostra prestígio com novo contrato

Araújo Netto
Correspondente

ROMA — Toninho Cerezo recebeu uma prova de estima que pouquíssimos jogadores de futebol tiveram na Itália. Esta semana, o presidente da Sampdoria, de Gênova, Paolo Mantovani, visitou-o na Clínica Montallegro e comunicou a decisão de renovar pela terceira vez o contrato anual do craque brasileiro, no momento mais delicado e incerto de sua longa carreira: exatamente 24 horas após a operação cirúrgica a que se submeteu, para refazer os ligamentos colaterais médios do joelho, gravemente atingidos em partida do Campeonato Italiano, domingo passado.

Falando pelo telefone de seu quarto na clínica genovesa, Cerezo disse que se sentia duplamente feliz, apesar da incômoda presença de um gesso que deverá manter ainda por 20 dias. Primeiro, porque o cirurgião que o operou, professor Andrea Chiapuzzo, assegurou que seu joelho poderá estar recuperado dentro de dois, três meses no máximo. A lesão que sofreu foi a menos grave — dispensou inclusive a retirada dos tendões — e a artroscopia revelou ausência de qualquer tipo de artrose e a perfeita integridade dos meniscos. Além disso, o gesto do armador Mantovani recompensou-o por tantas preocupações e incertezas que sua mulher, Rosa, e ele viveram depois da contusão.

"O que o presidente Mantovani fez me comoveu e restituiu a tranqüilidade à nossa casa", contou Cerezo. "Domingo, ao sair de campo sem saber se voltaria ou não a jogar, só fiz um pedido: que não me abandonassem. Para quem, como eu, nunca tinha sofrido, em mais de 17 anos de futebol, qualquer contusão ou problema mais sério, a sensação que experimentei foi terrível. Cheguei a pensar que, com esse problema físico, nenhum clube teria coragem de propor um contrato a um cara que, aos 35 anos, insiste em se sentir com muita vontade e nas melhores condições para continuar na luta, correndo 90 minutos sem parar."

Até o modo pelo qual Mantovani formalizou a oferta a Cerezo, para mais um ano de contrato, não podia ser mais delicado e original. O presidente da Sampdoria entregou ao jogador uma foto, que recorda a festa pela conquista da Copa Itália de 1989, em que se viam Cerezo, Mancini e o próprio Mantovani. Atrás dessa foto, de seu próprio punho, o presidente escreveu ainda uma dedicatória preciosa. "Ciao Toninho (Alô Toninho) — Paolo Mantovani, 1990-1991", datas que foram duas vezes sublinhadas pelo riquíssimo proprietário da Sampdoria.

Campeonato na Itália ainda é imprevisível

A quatro rodadas do final do Campeonato Italiano 89/90, parado até o próximo domingo por causa dos amistosos da seleção nacional, três equipes ainda têm chance de conquistar o título: o líder Milan, com 44 pontos, o vice Napoli, com 43, e a Internazionale, campeã da temporada passada, que corre por fora com 40. Mas é impossível fazer previsões. Os dois primeiros ainda têm pela frente caminhos igualmente difíceis. A Inter enfrentará a luta de adversários mais fracos para escapar da segunda divisão. Milan e Napoli vão passar duas vezes pelos mesmos adversários — ambos jogam em Bologna, contra o time local, e recebem o Bari.

No domingo que vem, o Milan enfrenta o Bologna e o Napoli vai a Bergamo jogar contra o Atalanta. No primeiro turno, eles venceram — Milan 1 x 0 e Napoli 3 x 1. Os adversários dividem a sétima posição na tabela com 32 pontos. A Inter recebe, em Milão, ao Cesena, a quem venceu por 3 x 2 no turno.

Na rodada seguinte, o Napoli recebe o Bari (primeiro turno, 1 x 1) e o Milan joga em casa com a perigosa Sampdoria (1 x 1), quarta colocada com 38 pontos. A Inter viaja para enfrentar o Genoa (0 x 0), 11º lugar com 25 pontos. No dia 27 de abril, a penúltima rodada tem o Milan em Verona (0 x 0), o Napoli em Bologna (2 x 0) e a Inter, em casa, contra a Fiorentina (2 x 2). O campeonato termina com Milan x Bari e Napoli x Lazio. Nos jogos do turno, os favoritos perderam — o Napoli por 3 a 0 e Milan por 1 a 0. A Inter vai a Udine enfrentar a Udinese (2 x 0).

O Milan tem um ponto de vantagem. Os campeões mundiais sofrem, entretanto, por jogar em diversas frentes, como a dura Copa dos Campeões, em que enfrenta o poderoso Bayern, de Munique, pelas semifinais. O time milanês tem ainda quatro jogadores — Baresi, Maldini, Donadoni e Ancelotti — na seleção, que deve fazer três amistosos até o final do campeonato. O Napoli também tem jogadores na seleção (Ferrara, De Napoli e Carnevale), mas conta com a ressurreição de Maradona. Além de estar quatro pontos atrás, a Inter terá contra si o desespero de seus quatro adversários que estão entre os sete mais ameaçados pelo rebaixamento.

Quatro clubes caem para a Segunda Divisão. O Ascoli, de Casagrande, está quase lá — tem 19 pontos e é o último colocado. O Verona é o penúltimo com 22 e está em ascenção. Com 23 pontos, estão empatados a Fiorentina, de Dunga, Cesena e Cremonese. Ainda ameaçados estão ainda o Lecce, com 24 pontos, e o Genoa, com 25. Só um desastre completo nas últimas rodadas levaria Lazio (27) ou Bari (28) ao rebaixamento.

Itália derrota a Suíça com boas jogadas de Schillachi

BASILÉIA, Suíça — Salvatore Schillachi deu muito mais mobilidade ao ataque da seleção italiana dirigida por Azeglio Vicini. Apesar da vitória de apenas 1 a 0 sobre a Suíça, ontem, o centroavante da Juventus, de 25 anos, estreou bem na *Scuadra Azzurra*. Sentiu a falta de entrosamento e a emoção de seu *debut*, evidentemente, mas exibiu em algumas oportunidades as características que o transformaram em maior revelação do campeonato italiano e em esperança de gols no ataque da seleção nacional.

Schillachi realizou várias jogadas perigosas, de velocidade, e perdeu três boas chances de gol. Foi numa falta sofrida por ele que a Itália chegou à vitória, aos 23m do segundo tempo. O lateral-esquerdo De Agostini, que substituira Maldini no intervalo, cobrou com perfeição e fez o único gol da partida.

O juiz alemão-ocidental Karl-Josef Assenmacher anulou um gol de Carnevale no primeiro tempo. A Itália atuou com Zenga, Bergomi (Ferrara), Vierchwood, Baresi e Maldini (De Agostini); De Napoli, Donadoni, Giannini e Marocchi; Schillachi e Carnevale (Serena).

Libertadores — Na terceira partida pela Taça Libertadores, o Grêmio perdeu pela segunda vez. Após a derrota para o Olimpia na terça-feira, o time gaúcho cedeu a vitória ao Cerro Porteño na sexta-feira, por 3 a 1, no defensores Del Chaco. O próximo compromisso do Grêmio é contra o Vasco, dia 18 de abril, em São Januário. Ontem, o Emelec, do Equador empatou em 2 a 2 com o Oriente Petrolero, da Bolívia.

Paz — A campeã olímpica Rosa Mota e a Federação Portuguesa de Atletismo fizeram as pazes após dois anos e quatro meses de rompimento. A negativa de Rosa em participar do Mundial de Mônaco por estar se preparando para os Jogos Olímpicos de Seul, irritou a Federação que suspendeu a verba destinada à maratonista e a retirou da equipe olímpica. A atleta só correu por Portugal em Seul e ganhou a medalha de ouro graças à interveniência do primeiro ministro Cavaco Silva. Hoje Rosa volta a ser uma atleta federada.

Karpov — O ex-campeão mundial de xadrez, Anatoly Karpov, deixou o tabuleiro de lado e declarou ao jornal espanhol *El País* sua insatisfação com a economia soviética, que classificou de "desastrosa". O enxadrista, economista e membro do Congresso dos Deputados do Povo, de Moscou, se definiu como "politicamente independente" e elogiou as reformas implantadas em seu país por Mikhail Gorbachov: "Sei que há muita gente na União Soviética contrariada porque as reformas políticas no país são mais rápidas que as econômicas, mas a reforma de um sistema gigantesco e insensato demanda vários anos."

Placar JB

FUTEBOL

Campeonato Paulista
Juventus 1 x 2 América
Mogi Mirim 1 x 0 São Paulo

Campeonato Baiano
Galícia 2 x 0 Itabuna

Campeonato Catarinense
Hercílio Luz 1 x 1 Blumenau

Campeonato Paraense
Esporte Belém 2 x 0 Independente
Santa Rosa 1 x 2 Elo Marítimo

Campeonato Piauiense
Comercial 2 x 2 Auto Esporte

Campeonato Mineiro
América 1 x 1 Uberaba

Campeonato Maranhense
Expressinho 2 x 1 Boa Vontade

Campeonato Cearense
Ferroviário 2 x 1 Guarani de Sobral

Campeonato Goiano
Atlético 2 x 1 Itumbiara

BASQUETE

Campeonato da NBA
Chicago 107 x 106 NY Knicks, Boston 123 x 111 Detroit, Phoenix 126 x 119 N. Jersey Nets, 76ers 149 x 131 Denver Washington 143 x 115 Orlando, Seattle 139 x 108 Warriors LA Lakers 135 x 106 Portland

REMO

136ª Regata das Universidades
1. Oxford, 17m15; 2. Cambridge, 17m22

IATISMO

Campeonato Brasileiro de Ranger 22
(Iate Clube Jardim Guanabara, RJ)
Primeira regata:
1. *Piti* (Clube Naval)

Eliminatória do Mundial de Star
(Escola Naval, RJ)
Terceira regata
1. Torben Grael/Nelson Falcão
Classificação:
1. Torben Grael; 2. Gastão Brum

TÊNIS

Virginia Slims de San Antonio
M. Maleeva (Sui) 6/1, 6/1 C. Cunningham (EUA)
R. Fairbank (AFS) 6/1, 2/6, 7/5 J. Novotna (Tch)
L. McNeil (EUA) 6/2, 6/0 G. Fernandez (EUA)
M. Seles (Iug) 6/4, 6/4 H. Mandlikova (Austra)

Virginia Slims de Houston
M. Navratilova (EUA) 6/0, 6/1 B. Fulco (Arg)
L. Gildemeister (Per) 6/2, 7/5 I. Cueto (Al.Oc.)
A. Sanchez (Esp) 6/3, 6/3 G. Magers (EUA)
M.L. Daniels (EUA) 6/4, 6/4 S. Hanika (Tch)

Banespa Open, qualificação
(Rio de Janeiro, RJ)
J. Sobel (EUA) 7/6, 6/7, 6/1 O. Rahnasto (Ind)
E. Nunes (Bra) 6/0, 6/0 R. Gandara (Bra)
E. Barbosa (Bra) 6/1, 6/1 A. Bastos (Bra)

HIPISMO

Torneio Brasil Novo
(Sociedade Hípica Brasileira, RJ)
1,10m x 1,30m, ao cronômetro:
1. L. Blessman/*Maria Castelhana*, 0 pts
1,20m x 1,40m: 1. Claudia Camarão/*Juan Manoel*, 0 pts

Botafogo x Flu, um duelo de estratégias

Os técnicos Edu e Paulo Emílio colocam Botafogo e Fluminense em campo hoje à tarde com uma certeza: o clássico é decisivo e ninguém pode pensar em derrota. Para alcançar a vitória e manter suas possibilidades no campeonato, eles buscam fórmulas diferentes e coerentes. Edu mais que nunca confia em seu ataque, revitalizado após os cinco gols marcados na Cabofriense. Preocupação mesmo só com Donizete, Renato e Luciano. Paulo Emílio vai segurar seu time, bloquear o meio campo e buscar os contra-ataques. Ao contrário do Botafogo, o Fluminense até que pode empatar, porque não ficará numa situação ruim na tabela.

Em Marechal Hermes, o caráter decisivo do clássico dá o tom dos comentários do técnico Edu e dos jogadores. Para os alvinegros, a situação é um pouco mais perigosa porque o time está um ponto atrás do Fluminense no segundo turno. "Sem dúvida, para nós é decisão. Não podemos pensar em derrota, porque, com quatro pontos perdidos, ficaríamos numa situação delicadíssima", afirma Edu. O goleiro Ricardo Cruz acompanha o pensamento: "É decisão porque enfrentamos o Fluminense, que também é sério concorrente e está na frente."

O time defende hoje uma invencibilidade de 19 jogos (contando-se apenas os de estaduais, a marca sobe para 39), e a última derrota foi exatamente contra o Fluminense, por 2 a 0, pelo último campeonato brasileiro, dia 12 de novembro. O fato foi utilizado por Edu para alertar sobre o perigo que representa o tricolor: "Já perdi duas decisões em 84, o brasileiro e o estadual, para o Flu. É uma camisa de respeito, de muitas tradições, que não tememos, mas que respeitamos muito."

As seguidas vitórias do Fluminense não chegaram a sensibilizar Paulo Emílio. Ele mexeu na equipe. Basicamente mantém o sistema, com três zagueiros e Torres como líbero, mas demonstrou uma preocupação maior em se defender ao substituir o ponta-esquerda Rinaldo pelo meio-campo Dacroce. "Com ele, Renato se libera mais", disfarça, sem convencer, o técnico. O Botafogo pode esperar um Fluminense bem fechado.

A esperança de vitória está na velocidade de Sérgio Araújo, no toque sutil de Edmilson e nas investidas de Renato. Os três têm ordens para se deslocarem constantemente. A partida é encarada quase como uma decisão, o primeiro sério obstáculo da série que terá na seqüência o Fla-Flu e a partida com o Americano, em Campos. "Se vencermos poderemos administrar os resultados seguintes. Se perdermos, adeus."

Botafogo	Fluminense
Ricardo Cruz 1	1 Ricardo Pinto
Paulo Roberto 2	4 Marquinhos
Wilson Gotardo 3	2 Torres
Mauro Galvão 4	3 Valbert
Gonçalves 6	6 Luciano
Carlos Alberto 5	5 Edgar
Luisinho 8	8 Donizete
Carlos Alberto Dias 9	11 Dacroce
Donizete 7	10 Renato
Paulinho Criciúma 10	7 Sérgio Araújo
Valdeir 11	9 Edmilson
Técnico:	**Técnico:**
Edu	Paulo Emílio

Local: Maracanã. **Horário:** 18h30m. **Arquibancada:** Cr$ 100,00. **Juiz:** Cláudio Vinícius Cerdeira. **Preliminar de juniores.** As rádios Capital (1030 KHz), Carioca (710 KHz), Globo (1220 KHz), Nacional (1130 KHz) e Tupi (1280 KHz), e a TV Manchete transmitem a partida.

Paulo Nicolella

Gol contra e saída por baixo do Fla cederam lugar a gols e elogios

Marcelo Régua

Sérgio Araújo acha difícil ficar no Flu mas não quer voltar ao Fla

Marcelo Régua

Renato já é o principal artilheiro do Fluminense, com cinco gols

América e Bangu disputam um jogo sem tradição e interesse

Foi-se o tempo em que um jogo entre América e Bangu poderia ser considerado um clássico do futebol do Rio. Agora, a fama mudou. Ambos, em campanha razoável, são considerados *azarões*. Na Taça Guanabara, o América ficou invicto durante algumas rodadas, foi líder, vice-líder, mas não passou de um singelo quarto lugar, ao lado do esfacelado Fluminense e do Itaperuna. Na Taça Rio, o Bangu venceu as três primeiras partidas e assumiu a liderança, mas perdeu por 1 a 0 para o Americano, quarta-feira, e caiu na tabela. Nesse ritmo pouco animador, os dois times se enfrentam hoje, às 15h, no não mais ilustre estádio do América, no Andaraí.

Outro ponto em comum entre Bangu e América é que os dois vêm de uma derrota. Por causa da goleada de 4 a 0 sofrida para o Flamengo, o técnico Antônio Leone promoveu mudanças radicais na equipe americana. Barrou cinco jogadores e trocou o posicionamento de mais dois. "O América que vai a campo contra o Bangu é outro. Não admito perdermos um jogo como aquele contra o Flamengo. O adversário jogou mal e ficamos assistindo a eles fazerem quatro gols."

Os próprios jogadores parecem estar envergonhados com a inconstância. Reunidos pelo capitão Mário, eles discutiram a situação do time e resolveram fazer um pacto para dar a volta por cima. "Quem precisa de vitória são eles mesmos. Eu, amanhã ou depois, posso parar ou ir para outro clube. Os jogadores têm de se projetar", disse Leone.

No Bangu, a situação é um pouco diferente. O treinador Paulo Lumumba considerou a derrota para o Americano um acidente. "Estávamos jogando bem. O suficiente para voltarmos de lá com o empate, pelo menos. O gol deles foi pura sorte." Além disso, não é sua característica passar *pitos* nos atletas. "Jogador do meu time é esperto. Tem de saber direitinho o que pode e o que não pode fazer."

América	Bangu
Chico 1	1 Vagner
Dedé 2	2 Marcão
Paulo Sérgio 3	3 Eduardo
Cláudio 4	4 Denilson
Edvaldo 6	6 Vagner Pepeta
Edson Souza 8	5 Carlito
Valmir 5	8 Julinho
Mário 10	10 Fernando Cruz
Cabé 11	7 João Luís
Amarildo 7	9 Cláudio José
Vágner 9	11 Helinho
Técnico:	**Técnico:**
Antônio Leone	Paulo Lumumba

Local: Estádio Wolney Braune. **Horário:** 15h. **Juiz:** Sérgio Cristiano Nascimento. A rádio Carioca (710 Khz) transmitirá a partida.

Sem motivos para saudades

Do ostracismo no Fla a ídolos no novo clube

Paulo Julio Clement e Ricardo Gonzalez

O clássico de hoje é encarado com muita expectativa por três jogadores em especial. Praticamente despachados da Gávea, eles são novos ídolos de seus novos times. Os tricolores Sérgio Araújo e Renato, assim como o botafoguense Gonçalves, se estão de lado opostos dentro de campo, comungam do mesmo desejo fora deles: não querem mais saber da Gávea, de onde não sentem saudades.

No Fluminense, há argumentos suficientes para o radicalismo. Em apenas dois meses, 11 jogos e seis gols marcados, Sérgio Araújo e Renato conseguiram no clube a paz que jamais tiveram no Flamengo. Sem pressões e críticas quanto a estilo de jogo. E no Botafogo, Gonçalves, de reserva no início, se transformou em lateral e, para comprovar suas ótimas atuações na posição, já tem três gols no Campeonato Estadual.

Sérgio Araújo — Contratado ao Atlético-MG por astronômicos Cz$ 200 milhões (recorde, em 1988), Sérgio Araújo não reeditou no Flamengo o futebol que o levou à seleção. No início até que foi bem, fez gols. Mas logo esbarrou nas concepções táticas de velho conhecido, Telê Santana, que o preteriu, como chegou a fazer por um mês no Atlético, em favor de um jogador mais combativo. "Lá, ele teve que voltar atrás, porque eu tinha prestígio. Aqui, fez o que quis."

Nas Laranjeiras, depois de obscura passagem pelo Grêmio, joga como quer, aberto, sem obrigação de voltar, primeira opção de contra-ataques do time. Há dois meses no clube, sente-se à vontade e sonha em ficar. Não será fácil. Com status de jogador de seleção, foi emprestado com passe fixado em US$ 300 mil dólares (cerca de Cr$ 15 milhões), quantia alta para os padrões brasileiros. "Posso até não ficar, mas não volto para a Gávea"

Renato — Com o artilheiro do Fluminense no campeonato (cinco gols) não é diferente. No Flamengo, a vice artilharia do Campeonato Estadual do ano passado foi esquecida e as falhas de Renato passaram a ser apontadas. "Falavam que era apático, que não joguei o mesmo do América, tudo besteira. No América, era o craque, tudo caía sobre mim. No Flamengo, as estrelas eram Zico, Bebeto, Aldair. Lógico que fui menos badalado." Para ele, sua desvalorização na Gávea serviu apenas de satisfação de dirigentes à torcida. "Este ano, se o time voltar a ter poucas conquistas, outras cabeças vão rolar."

Mas sua cabeça está em outra. Artilheiro do time com cinco gols, só pensa em se afirmar definitivamente no clube. "Aqui, reconhecem nosso valor." Aos 23 anos, sonha com uma transferência para Portugal, mas ficará satisfeito se o Fluminense pagar UU$ 250 mil (cerca de Cr$ 13 milhões) por seu passe, ao final do Campeonato. "Aqui as responsabilidades são divididas, o grupo é unido e há calma. É o paraíso."

Gonçalves — Ele saiu quase escorraçado do Flamengo. Reserva por dois meses no Botafogo, virou *coringa* e chegou a ser vaiado pela torcida e criticado por dirigentes como lateral-esquerdo. Hoje, nove jogos após estrear na posição, sai de campo nos ombros de torcedores, é peça fundamental no esquema de Edu e já repensa a decisão de apenas colaborar com o técnico na lateral. "Mesmo sabendo que tenho de melhorar, já me sinto totalmente à vontade ali. Sempre pensei em voltar à zaga, mas, de repente, posso ficar. Até golzinhos já estou marcando."

Ele não esperava tantas mudanças na carreira. Deixou o Flamengo há nove meses marcado pelo gol contra nos 3 a 3 com o Botafogo, pelo segundo turno do Estadual de 1989. "Lá, as pressões são enormes. Como Sérgio, Renato e eu, muitos saem e se dão bem. Garanto que será assim, por exemplo, com Uidemar, hoje sem vez. Outro motivo de alegria pela boa fase é mostrar aos dirigentes do Flamengo que tenho valor."

Vasco vence o Itaperuna e mantém chance de título por antecipação

ITAPERUNA, RJ — Ainda não foi dessa vez que o Itaperuna conseguiu sua primeira vitória sobre o Vasco. Mesmo sem convencer, o campeão da Taça Guanabara teve tranqüilidade e, principalmente, sorte para virar o marcador para 3 a 1 e deixar a calorenta cidade do norte-fluminense com dois pontos, que ajudaram a reabilitar o time no segundo turno e a manter esperanças na conquista por antecipação do título estadual. Hoje pela manhã, o Vasco viaja para Assunção, onde, terça e sexta-feira, enfrenta Olimpia e Cerro Porteño, pela Taça Libertadores de América.

Novamente, o acanhado estádio Jair Bittencourt, com suas arquibancadas lotadas, justificou a fama de alçapão. No primeiro tempo, o Vasco passou um sufoco, logo transformado em gol do Itaperuna. Aos seis minutos, Mazinho foi envolvido pelo lado esquerdo, Alcer chegou à linha de fundo e cruzou para forte cabeçada do zagueiro Jair. O placar deixou o time mais nervoso e por pouco não sofreu outro gol. Douglas driblou Régis e chutou em cima de Marco Aurélio. Mas o Vasco teve sorte. Seu melhor jogador na partida de ontem, Boiadeiro, acertou chute de fora da área e empatou ainda no primeiro tempo, aos 36 minutos.

Foi o suficiente para dar moral ao Vasco, enervar o Itaperuna e mudar a característica do jogo no segundo tempo. Mazinho reencontrou seu melhor futebol, Roberto passou a correr mais e Boiadeiro voltou a brilhar. Como aos cinco minutos, num passe de calcanhar, dose exata para deixar Vivinho livre que cruzou perfeitamente para o chute colocado de Tita: 2 a 1. A partir daí, o Itaperuna passou a atacar sem organização e o Vasco adotou os contra-ataques. E garantiu a vitória aos 37 minutos. Roberto tabelou com Tita e fez o terceiro gol.

Itaperuna — Chicão, Cláudio Gomes, Zé Carlos, Jair e Ronaldo; Pestana, Agnaldo (Roberto Potiguar) e Alcer; Cacaio, Alexandre e Douglas (Júlio Cesar). *Técnico* — Paulo Matta. **Vasco** — Régis, Luís Carlos, Célio, Marco Aurélio e Mazinho; Zé do Carmo, Boiadeiro, Tita e Bismarck; Vivinho (Tato) e Roberto. *Técnico* — Alcir. *Local* — Jair Bittencourt; *Juiz* — Antônio Renê do Amaral; *Renda* — Cr$ 555.200,00; *Público* — 5.271; *Cartões amarelos* — Boiadeiro, Célio, Marco Aurélio e Douglas; *Gols* — No primeiro tempo, Jair, aos 6 minutos, e Boiadeiro, aos 36 minutos. No segundo tempo, Tita, aos 5 minutos e Roberto aos 37.

Carro é a atração em São Paulo

SÃO PAULO — O clássico entre Palmeiras e Corintians, no Morumbi, é a principal atração da rodada de hoje no Campeonato Paulista. Desconfiados de que a velha rivalidade já não tem apelo suficiente para esgotar os 90 mil ingressos colocados à venda, os dirigentes decidiram anunciar o sorteio de um carro Chevette para quem for ao estádio. Além disso existem outros ingredientes, como o duelo entre a defesa corintiana — apenas quatro gols sofridos em 13 jogos —, e o ataque do vice-líder Palmeiras (17 pontos), o mais positivo com 20 gols marcados.

O técnico Jair Pereira, do Palmeiras, faz mistério sobre a escalação da equipe, que precisa da reabilitação depois de duas derrotas seguidas no interior (Ituano e Novorizontino). Sua principal dúvida está na lateral esquerda. Para o lugar de Dida, vetado pelo departamento médico, ele hesita entre improvisar Celso Gomes ou Elzo. No ataque, o treinador definiu uma formação bem ofensiva, com Careca na meia-esquerda e Buião e Paulinho Carioca nas pontas.

O time corintiano defende uma invencibilidade de 12 jogos, sem contar com o meia Neto, seu principal jogador, expulso contra o Bragantino. O técnico Basílio vai armar o meio campo com Márcio, Eduardo e Tupanzinho. No ataque, volta Viola para a camisa 9. Preocupado com os incidentes da partida entre São Paulo e Santos, Basílio passou a semana pedindo aos jogadores para não aceitarem provocações. "Temos que agir como profissionais". A preocupação também chegou à Polícia Militar, que fez uma reunião com representantes das duas torcidas.

Outros jogos — A Portuguesa recebe o União São João, no Canindé, tentando afastar o fantasma das derrotas em casa. Na Vila Belmiro, o Santos enfrenta o São José. Serginho e Márcio Rossini, expulsos contra o São Paulo, serão julgados amanhã e correm o risco de sofrer uma grande pena. Ainda hoje: Guarani x Novorizontino; Internacional x Bragantino; Botafogo x Ponte Preta; Noroeste x Catanduvense; Santo André x Ferroviária; Ituano x São Bento e XV de Jaú x XV de Piracicaba.

Clássico de Minas empolga os torcedores

BELO HORIZONTE — Há muito tempo o tradicional clássico entre Cruzeiro e Atlético-MG não gerava tamanha expectativa como o jogo de hoje, às 17h, quando os dois rivais disputam o título do primeiro turno do Campeonato Mineiro, no Mineirão. O Atlético conta com a vantagem do empate, por ter um saldo de gols superior ao do adversário. A partida promete um duelo de técnicos entre o experiente Ênio Andrade, do Cruzeiro, e o jovem e desconhecido Arthur Bernardes, do Atlético.

As duas equipes chegam à decisão vivendo momentos distintos. O Atlético, que tinha folgada vantagem sobre o adversário, vem caindo de rendimento. O time dirigido por Bernardes perdeu para o Pouso Alegre, na penúltima rodada, em pleno Mineirão, deixando escapar a chance de garantir o título por antecipação. O Cruzeiro, por sua vez, vem crescendo desde que Ênio Andrade reassumiu o comando da equipe e aparece com certo favoritismo.

"A nossa equipe está motivada e tudo indica que o clássico será muito disputado", comentou Ênio Andrade. Ele tem uma dúvida para definir o time, entre Luís Gustavo e Hamilton, no comando do ataque. No Atlético, Arthur Bernardes confirmou as voltas de Marquinhos e Éder depois de cumprirem suspensões automáticas. Paulo Roberto e Ailton, contundidos, não jogarão, cedendo seus lugares a Carlão e Edu. Atlético e Cruzeiro estão empatados em primeiro lugar, com 26 pontos.

Inter, líder, joga contra o Lajeadense

PORTO ALEGRE — Depois de vencer o clássico Grenal por 1 a 0, o Internacional, que agora divide com o Grêmio a liderança do Campeonato Gaúcho, tenta consolidar a boa fase hoje à tarde, no Beira-Rio, contra o Lajeadense. Guga é o centroavante, ao lado de Nélson. Edu, suspenso — levou o terceiro cartão amarelo —, será substituído por Balalo.

Estava tudo pronto para a estréia do lateral-direito Josimar, emprestado pelo Flamengo, mas ele foi vetado pelo departamento médico, por causa de dores musculares. Completam a rodada: Juventude x Novo Hamburgo; Ypiranga x Pelotas; Guarany x Aimoré; Esportivo x Passo Fundo; e Glória x Caxias. Amanhã, à noite, jogam Santa Cruz x Grêmio.

Botafogo x Flu, um duelo de estratégias

Os técnicos Edu e Paulo Emílio colocam Botafogo e Fluminense em campo hoje à tarde com uma certeza: o clássico é decisivo e ninguém pode pensar em derrota. Para alcançar a vitória e manter suas possibilidades no campeonato, eles buscam fórmulas diferentes e coerentes. Edu mais que nunca confia em seu ataque, revitalizado após os cinco gols marcados na Cabofriense. Preocupação mesmo só com Donizete, Renato e Luciano. Paulo Emílio vai segurar seu time, bloquear o meio campo e buscar os contra-ataques. Ao contrário do Botafogo, o Fluminense até que pode empatar, porque não ficará numa situação ruim na tabela.

Em Marechal Hermes, o caráter decisivo do clássico dá o tom dos comentários do técnico Edu e dos jogadores. Para os alvinegros, a situação é um pouco mais perigosa porque o time está um ponto atrás do Fluminense no segundo turno. "Sem dúvida, para nós é decisão. Não podemos pensar em derrota, porque, com quatro pontos perdidos, ficaríamos numa situação delicadíssima", afirma Edu. O goleiro Ricardo Cruz acompanha o pensamento: "É decisão porque enfrentamos o Fluminense, que também é sério concorrente e está na frente."

O time defende hoje uma invencibilidade de 19 jogos (contando-se apenas os de estaduais, a marca sobe para 39), e a última derrota foi exatamente contra o Fluminense, por 2 a 0, pelo último campeonato brasileiro, dia 12 de novembro. O fato foi utilizado por Edu para alertar sobre o perigo que representa o tricolor: "Já perdi duas decisões em 84, o brasileiro e o estadual, para o Flu. É uma camisa de respeito, de muitas tradições, que não tememos, mas que respeitamos muito."

As seguidas vitórias do Fluminense não chegaram a sensibilizar Paulo Emílio. Ele mexeu na equipe. Basicamente mantém o sistema, com três zagueiros e Torres como líbero, mas demonstrou uma preocupação maior em se defender ao substituir o ponta-esquerda Rinaldo pelo meio-campo Dacroce. "Com ele, Renato se libera mais", disfarça, sem convencer, o técnico. O Botafogo pode esperar um Fluminense bem fechado.

A esperança de vitória está na velocidade de Sérgio Araújo, no toque sutil de Edmilson e nas investidas de Renato. Os três têm ordens para se deslocarem constantemente. A partida é encarada quase como uma decisão, o primeiro sério obstáculo da série que terá na seqüência o Fla-Flu e a partida com o Americano, em Campos. "Se vencermos poderemos administrar os resultados seguintes. Se perdermos, adeus."

Botafogo	Fluminense
Ricardo Cruz 1	1 Ricardo Pinto
Paulo Roberto 2	4 Marquinhos
Wilson Gotardo 3	2 Torres
Mauro Galvão 4	3 Valbert
Gonçalves 6	6 Luciano
Carlos Alberto 5	5 Edgar
Luisinho 8	8 Donizete
Carlos Alberto Dias 9	11 Dacroce
Donizete 7	10 Renato
Paulinho Criciúma 10	7 Sérgio Araújo
Valdeir 11	9 Edmilson
Técnico: Edu	**Técnico:** Paulo Emílio

Local: Maracanã. **Horário:** 18h30m. **Arquibancada:** Cr$ 100,00. **Juiz:** Cláudio Vinícius Cerdeira. **Preliminar de juniores.** As rádios Capital (1030 KHz), Carioca (710 KHz), Globo (1220 KHz), Nacional (1130 KHz) e Tupi (1280 KHz), e a TV Manchete transmitem a partida.

Gol contra e saída por baixo do Fla cederam lugar a gols e elogios

Sérgio Araújo acha difícil ficar no Flu mas não quer voltar ao Fla

Renato já é o principal artilheiro do Fluminense, com cinco gols

Fla sofre para sair com ponto de Cabo Frio

O empate em 2 a 2 com a Cabofriense foi grande negócio para o Flamengo, que enfrentou um adversário extremamente motivado, em Cabo Frio, e ainda foi beneficiado pela péssima arbitragem de Aluísio Viug. Se tecnicamente o time rubro-negro se mostrou mais eficiente, em disposição foi dominado a maior parte do tempo, por um adversário aguerrido e com rápido jogo de contra-ataques.

Não foi apenas o gramado ruim que prejudicou o futebol no primeiro tempo. Havia também a conspirar contra o jogoo confuso Viug, distribuindo cartões amarelos à vontade e sendo contestado em dois lances polêmicos. O primeiro resultou no gol de empate do Flamengo, quando marcou pênalti numa disputa de bola na área da Cabofriense, acusando mão do zagueiro Sandro. Gaúcho converteu, aos 30m. Mas era justo para os rubro-negros, que dominavam quando sofreram o primeiro gol, aos 16m — Zé Carlos rebateu cobrança de falta de Wilson e permitiu a conclusão de Frank. O segundo lance foi na outra área, aos 42m. A bola desviou no braço de Gaúcho e saiu. Mas o juiz marcou córner.

Logo aos 4m do segundo tempo. Cuia caiu na área em disputa com Zé Carlos e Viug novamente não marcou nada. Aos 5m, André Cruz escorou com a barriga cobrança de falta de Júnior, da esquerda, e desempatou para o Flamengo. Aos 13m, golaço da Cabofriense, Carlos Alberto tocou para Frank, recebeu de calcanhar e colocou na saída de Zé Carlos. Empolgado, o time da casa partiu para o ataque e os rubro-negros passaram por momentos de sufoco, só conseguindo respirar no final, quando passaram a tocar bola lentamente, esfriando o ímpeto adversário. Além de um ponto, que, nas circunstâncias, até que foi de bom tamanho, o Flamengo perdeu o zagueiro Fernando, com três cartões amarelos, para o Fla-Flu do próximo domingo.

Renda: Cr$ 420 mil 900, com 4 mil 209 pagantes. O juiz mostrou o cartão amarelo a Sérgio, André Cruz, Evaldo, Ailton, Sandro, Carlos Alberto, Zé Carlos e Fernando. **Cabofriense:** Cláudio, Almir, Sandro, Sérgio e Gilmar; Wilson, Evaldo e Rui; Cuia, Carlos Alberto e Frank. **Flamengo:** Zé Carlos, Mário Carlos, Fernando, André Cruz e Leonardo; Ailton (Edu), Júnior e Marcelinho; Alcindo (Bujica), Gaúcho e Zinho.

América e Bangu fazem jogo com poucas emoções

Foi-se o tempo em que um jogo entre América e Bangu poderia ser considerado um clássico do futebol do Rio. Agora, a fama mudou. Ambos, em campanha razoável, são considerados *azarões*. Na Taça Guanabara, o América ficou invicto durante algumas rodadas, foi líder, vice-líder, mas não passou do quarto lugar, ao lado do Fluminense e do Itaperuna. Na Taça Rio, o Bangu venceu as três primeiras partidas e assumiu a liderança, mas perdeu por 1 a 0 para o Americano, quarta-feira, e caiu na tabela. Nesse ritmo pouco animador, os dois times se enfrentam hoje, às 15h, no não mais ilustre estádio do América, no Andaraí.

Outro ponto em comum entre Bangu e América é que os dois vêm de uma derrota. Por causa da goleada de 4 a 0 sofrida para o Flamengo, o técnico Antônio Leone promoveu mudanças radicais na equipe americana. Barrou cinco jogadores e trocou o posicionamento de mais dois.

América: Chico, Dedé, Paulo Sérgio, Cláudio e Edvaldo; Edson Souza, Valmir e Mário; Cabé, Amarildo e Vágner. *Bangu:* Vagner, Marcão, Eduardo, Denilson e Vagner Pepeta; Carlito, Julinho e Fernando Crúz; João Luis, Cláudio José e Helinho.

Lazaroni acerta com Fiorentina e assume após Copa

Oldemário Touguinhó

Apesar de inteiramente dedicado à seleção brasileira, o treinador Sebastião Lazaroni já acertou sua ida para Florença, onde deve assumir a direção da Fiorentina, logo após a Copa do Mundo, com a missão de organizar o time para a temporada de 1990/91. Seu trabalho passou a ser reconhecido na vitória de 1 a 0 sobre a Holanda, há pouco mais de três meses, em Roterdã. Desde então, o assédio de clubes europeus se intensificou. Aproveitou o bom relacionamento com o empresário Giovani Branchini — responsável pelos contratos de publicidade de Careca, Alemão, Dunga e Romário — e o autorizou a cuidar de seus interesses na Europa.

Até o final do Mundial, Lazaroni não quer se envolver com problemas que não sejam a seleção. Por isso, quem acertou tudo com a Fiorentina foi Branchini. A única preocupação do técnico é com a atual situação do time, ameaçado de rebaixamento para a segunda divisão. A Fiorentina tem o compromisso de pagar ao treinador um contrato recorde na Itália, independente da classificação do Brasil na Copa.

Sem motivos para saudades

Do ostracismo no Fla a ídolos no novo clube

Paulo Julio Clement e Ricardo Gonzalez

O clássico de hoje é encarado com muita expectativa por três jogadores em especial. Praticamente despachados da Gávea, eles são novos ídolos de seus novos times. Os tricolores Sérgio Araújo e Renato, assim como o botafoguense Gonçalves, se estão de lado opostos dentro de campo, comungam do mesmo desejo fora deles: não querem mais saber da Gávea, de onde não sentem saudades.

No Fluminense, há argumentos suficientes para o radicalismo. Em apenas dois meses, 11 jogos e seis gols marcados, Sérgio Araújo e Renato conseguiram no clube a paz que jamais tiveram no Flamengo. Sem pressões e críticas quanto a estilo de jogo. E no Botafogo, Gonçalves, de reserva no início, se transformou em lateral e, para comprovar suas ótimas atuações na posição, já tem três gols no Campeonato Estadual.

Sérgio Araújo — Contratado ao Atlético-MG por astronômicos Cz$ 200 milhões (recorde, em 1988), Sérgio Araújo não reeditou no Flamengo o futebol que o levou à seleção. No início até que foi bem, fez gols. Mas logo esbarrou nas concepções táticas de velho conhecido, Telê Santana, que o preteriu, como chegou a fazer por um mês no Atlético, em favor de um jogador mais combativo. "Lá, ele teve que voltar atrás, porque eu tinha prestígio. Aqui, fez o que quis."

Nas Laranjeiras, depois de obscura passagem pelo Grêmio, joga como quer, aberto, sem obrigação de voltar, primeira opção de contra-ataques do time. Há dois meses no clube, sente-se à vontade e sonha em ficar. Não será fácil. Com status de jogador de seleção, foi emprestado com passe fixado em US$ 300 mil dólares (cerca de Cr$ 15 milhões), quantia alta para os padrões brasileiros. "Posso até não ficar, mas não volto para a Gávea"

Renato — Com o artilheiro do Fluminense no campeonato (cinco gols) não é diferente. No Flamengo, a vice artilharia do Campeonato Estadual do ano passado foi esquecida e as falhas de Renato passaram a ser apontadas. "Falavam que era apático, que não joguei o mesmo do América, tudo besteira. No América, era o craque, tudo caía sobre mim. No Flamengo, as estrelas eram Zico, Bebeto, Aldair. Lógico que fui menos badalado." Para ele, sua desvalorização na Gávea serviu apenas de satisfação de dirigentes à torcida. "Este ano, se o time voltar a ter poucas conquistas, outras cabeças vão rolar."

Mas sua cabeça está em outra. Artilheiro do time com cinco gols, só pensa em se afirmar definitivamente no clube. "Aqui, reconhecem nosso valor." Aos 23 anos, sonha com uma transferência para Portugal, mas ficará satisfeito se o Fluminense pagar UU$ 250 mil (cerca de Cr$ 13 milhões) por seu passe, ao final do Campeonato. "Aqui as responsabilidades são divididas, o grupo é unido e há calma. É o paraíso."

Gonçalves — Ele saiu quase escorraçado do Flamengo. Reserva por dois meses no Botafogo, virou *coringa* e chegou a ser vaiado pela torcida e criticado por dirigentes como lateral-esquerdo. Hoje, nove jogos após estrear na posição, sai de campo nos ombros de torcedores, é peça fundamental no esquema de Edu e já repensa a decisão de apenas colaborar com o técnico na lateral. "Mesmo sabendo que tenho de melhorar, já me sinto totalmente à vontade ali. Sempre pensei em voltar à zaga, mas, de repente, posso ficar. Até golzinhos já estou marcando."

Ele não esperava tantas mudanças na carreira. Deixou o Flamengo há nove meses marcado pelo gol contra nos 3 a 3 com o Botafogo, pelo segundo turno do Estadual de 1989. "Lá, as pressões são enormes. Como Sérgio, Renato e eu, muitos saem e se dão bem. Garanto que será assim, por exemplo, com Uidemar, hoje sem vez. Outro motivo de alegria pela boa fase é mostrar aos dirigentes do Flamengo que tenho valor."

Carro é a atração em São Paulo

SÃO PAULO — O clássico entre Palmeiras e Corintians, no Morumbi, é a principal atração da rodada de hoje no Campeonato Paulista. Desconfiados de que a velha rivalidade já não tem apelo suficiente para esgotar os 90 mil ingressos colocados à venda, os dirigentes decidiram anunciar o sorteio de um carro Chevette para quem for ao estádio.

O técnico Jair Pereira, do Palmeiras, faz mistério sobre a escalação da equipe, que precisa da reabilitação depois de duas derrotas seguidas no interior (Ituano e Novorizontino). Sua principal dúvida está na lateral esquerda. Para o lugar de Dida, vetado pelo departamento médico, ele hesita entre improvisar Celso Gomes ou Elzo.

O time corintiano, sem contar o com o meia Neto, expulso contra o Bragantino, defende uma invencibilidade de 12 jogos. O técnico Basílio armou o meio campo com Márcio, Eduardo e Tupanzinho. O treinador passou a semana pedindo aos jogadores para não aceitarem provocações. "Temos que agir como profissionais". A preocupação também chegou à PM, que fez uma reunião com representantes das duas torcidas.

Outros jogos — A Portuguesa recebe o União São João, no Canindé. Na Vila Belmiro, o Santos enfrenta o São José. Ainda hoje: Guarani x Novorizontino; Internacional x Bragantino; Botafogo x Ponte Preta; Noroeste x Catanduvense; Santo André x Ferroviária; Ituano x São Bento e XV de Jaú x XV de Piracicaba.

Clássico mineiro — Há muito tempo o tradicional clássico entre Cruzeiro e Atlético-MG não gerava tamanha expectativa como o jogo de hoje, às 17h, quando os dois rivais disputam o título do primeiro turno do Campeonato Mineiro, no Mineirão. O Atlético conta com a vantagem do empate, por ter um saldo de gols superior ao do adversário. A partida promete um duelo de técnicos entre o experiente Ênio Andrade, do Cruzeiro, e o jovem e desconhecido Arthur Bernardes, do Atlético.

Internacional — Após vencer o Grêmio, o Internacional, que divide a liderança do campeonato com seu maior rival, enfrenta hoje o Lajeadense sem Josimar, que tinha estréia prevista, mas foi vetado com dores musculares. O Grêmio enfrenta o Santa Cruz.

Vasco vence o Itaperuna e mantém chance de título por antecipação

ITAPERUNA, RJ — Ainda não foi dessa vez que o Itaperuna conseguiu sua primeira vitória sobre o Vasco. Mesmo sem convencer, o campeão da Taça Guanabara teve tranqüilidade e, principalmente, sorte para virar o marcador para 3 a 1 e deixar a calorenta cidade do norte-fluminense com dois pontos, que ajudaram a reabilitar o time no segundo turno e a manter esperanças na conquista por antecipação do título estadual. Hoje pela manhã, o Vasco viaja para Assunção, onde, terça e sexta-feira, enfrenta Olimpia e Cerro Porteño, pela Taça Libertadores de América.

Novamente, o acanhado estádio Jair Bittencourt, com suas arquibancadas lotadas, justificou a fama de alçapão. No primeiro tempo, o Vasco passou um sufoco, logo transformado em gol do Itaperuna. Aos seis minutos, Mazinho foi envolvido pelo lado esquerdo. Alcer chegou à linha de fundo e cruzou para forte cabeçada do zagueiro Jair. O placar deixou o time mais nervoso e por pouco não sofreu outro gol. Douglas driblou Régis e chutou em cima de Marco Aurélio. Mas o Vasco teve sorte. Seu melhor jogador na partida de ontem, Boiadeiro, acertou chute de fora da área e empatou, ainda no primeiro tempo, aos 36 minutos.

Foi o suficiente para dar moral ao Vasco, enervar o Itaperuna e mudar a característica do jogo no segundo tempo. Mazinho reencontrou seu melhor futebol, Roberto passou a correr mais e Boiadeiro voltou a brilhar. Como aos cinco minutos, num passe de calcanhar, dose exata para deixar Vivinho livre que cruzou perfeitamente para o chute colocado de Tita: 2 a 1. A partir daí, o Itaperuna passou a atacar sem organização e o Vasco adotou os contra-ataques. E garantiu a vitória aos 37 minutos. Roberto tabelou com Tita e fez o terceiro gol.

Itaperuna — Chicão, Cláudio Gomes, Zé Carlos, Jaire Ronaldo; Pestana, Agnaldo (Roberto Potiguar) e Alcer; Cacaio, Alexandre e Douglas (Júlio Cesar). *Técnico* — Paulo Matta. **Vasco** — Régis, Luis Carlos, Célio, Marco Aurélio e Mazinho; Zé do Carmo, Boiadeiro, Tita e Bismarck; Vivinho (Tato) e Roberto. *Técnico* — Alcir. *Local* — Jair Bittencourt; *Juiz* — Antônio Renê do Amaral; *Renda* — Cr$ 555.200,00; *Público* — 5.271; *Cartões amarelos* — Boiadeiro, Célio, Marco Aurélio e Douglas; *Gols* — No primeiro tempo, Jair, aos 6 minutos, e Boiadeiro, aos 36 minutos. No segundo tempo, Tita, aos 5 minutos e Roberto aos 37

JORNAL DO BRASIL

Idéias

ENSAIOS

Sumário

O elogio da mentira

O 1º de abril e o susto com o Plano Collor levam a uma reflexão sobre a função do mentiroso

■ *por Alberto Goidin*

(Página 4)

Paulo Mendes Campos

Songbook sem música

Cantiga para Tom Jobim

Quem for além simplesmente
deste espelho transparente
há de sumir ou se ver?
relembrar ou esquecer?
Quem for além simplesmente
deste espelho transparente
há de sentir ou sonhar?
prosseguir? ou regressar?
Mas quem achar uma seta
que lhe apontar o sentido
neste espelho há de se achar
no paraíso, perdido,
onde achará o poeta,
de repente ou devagar.

Cantiga para Geraldo Carneiro

Trazendo versos e prosas
entrei sem lei no reinado.
Cruzei o Morro Pasmado
por picadas amorosas.
Sem dar a mínima bola
a rede armei na mangueira
e afinei minha viola
de doçura brasileira.

Cantiga para Gabriela

Estrangulou-se no ocaso a voz de paz
ou de guerra
do derradeiro tapajós:
restaram garras na terra,
as visões, os bichos, os nós,
coisas de amor visual, elos de argila...
Resistiu a alma tapajônica
- retorcida ou tranqüila.

Cantiga para Hélio Pellegrino

Boi. Tarde esmorece do que foi.
Do que será noturno é que se tece o boi.

Cantiga para Chico Buarque

No carrossel azul do mar
há uma hora de brincar
há uma hora de brincar
no carrossel verde do bar...

No carrossel azul do bar
tocou a hora do recreio
tocou a hora do recreio
no carrossel verde do mar...

Então os golfinhos meninos
fogem das aulas do mar
fogem das jaulas do bar,

e no verde azul vão brincar
no verde mar azul do bar
no carrossel verzul do mar...

Idéias
ENSAIOS

Editor: José Castello/Editor-assistente: Wilson Coutinho
Diagramador: Antoninho de Paula/ Capa: Liberati
Sobre desenho de Walt Dysney

Colaboram nesta edição:

- **Nelson Pereira dos Santos**, cineasta, diretor de *Jubiabá*.
- **Sandra Cavalcanti**, deputada federal pelo PFL.
- **Alberto Goldin**, psicanalista, autor de *Freud explica...* (Nova Fronteira).
- **Ana Maria Nicolaci-da-Costa**, Ph. D. em Psicologia pela Universidade de Londres e vice-decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-RJ.
- **Luis Antonio Mello**, crítico de rock.
- **Emir Sader**, cientista social da Unicamp.

Universidade

Sedução escandinava

A mulher e os caminhos da sedução estarão em destaque no curso *O feminino e a sedução na literatura escandinava*, que terá início no Departamento de Letras, da PUC, na terça-feira e irá até 14 de junho, ministrado pelo professor leitor da Universidade de Arhus, da Dinamarca, Karl Eric Schollammer. O curso será baseado em textos filosóficos, de teatro e roteiros cinematográficos, incluindo obras como *Diário do sedutor*, de Sören Kierkegaard, *A rainha da neve*, de Hans Christian Andersen, *Os espectros*, de Ibsen, *Senhorita Júlia*, de August Strindberg, além de *Gritos e sussurros* e *A hora do amor*, de Ingmar Bergman. A inscrição do curso poderá ser feita até amanhã, na Coordenação Central de Cursos de Extensão (CCE), na PUC. Outras informações pelos telefones 529-9210, 529-9212 e 529-9335, das 8h30m às 20h30m.

Gritos e sussurros, *de Ingmar Bergman: tema de curso*

Psicologia

O Instituto de Psicologia da Uerj lançará na quinta-feira, às 18h, o primeiro número de sua revista *Psicologia e práticas sociais*. Na ocasião haverá uma mesa redonda com tema *Os limites da atuação do psicólogo na sociedade brasileira* com a participação dos professores Celso Pereira de Sá, Helmuth Ricardo Krüger e de Ronald Arendt. O lançamento e o debates serão realizados no auditório 91 da universidade.

Pacote

A explicação do Pacote Collor será o tema do seminário que o Centro de Extensão da Face/Ufgm realizará a partir de amanhã e até 4 de abril. Com o título *Pacote Collor: Cenários possíveis para a economia brasileira* serão debatidas as seguintes questões: inflação: impactos sobre a formação dos preços; visão macroeconômica: contas públicas, setor externo e mercado financeiro; perspectivas de médio e longo prazo e condicionamento político.

Direitos

Será realizada na terça-feira o 4º Curso de Direitos Humanos, Violência e Criminalidade, organizado pela diretoria da 16ª subseção da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Niterói. A aula magna *Retrospectiva dos direitos humanos no Brasil* será proferida, às 19h, por Cândido de Oliveira Bisneto, presidente da OAB RJ, no auditório da OAB/Niterói, av. Amaral Peixoto, nº 507, 11º andar. Para maiores informações sobre o curso telefonar para 719-8470.

Oportunidade

A universidade de São Paulo está oferecendo uma oportunidade ímpar para os aficcionados pela cultura indiana: de 18 a 27 de junho, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas está promovendo um amplo curso sobre o povo e os costumes da Índia, abordando aspectos geográficos, históricos, étnicos e culturais. A matrículas estão abertas e devem ser feitas na Seção de Atividades e Cursos Extracurriculares da USP.

E agora, Fernando?

O Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro lançou o seu primeiro caderno de conjuntura, com texto do professor José Luis Fiori, tendo como título *Ainda a transição democrática: e agora Fernando?*, analisando a nova situação política a partir da vitória de Fernando Collor de Mello.

Filosofia

A Universidade Aberta (Univerta) está promovendo junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Ifcs) da UFRJ, o curso de extensão *Uma história da filosofia: verdade, conhecimento e poder*. O curso conta com conferencistas como Olinto Pegoraro, Luis Carlos Maciel, Joel Birman, Hiton Japiassu, Carlos Henrique Escobar, Alberto Oliva entre outros. As aulas serão dadas no Ifcs no Largo de São Francisco. Para outras informações o telefone é 224-1454.

Literatura

Já estão abertas as inscrições para o 2º Congresso da Associação Brasileira de Literatura comparada (abralic), que será realizado em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais, de 8 a 10 de agosto. Os interessados podem telefonar para (031) 443-4077 para obter informações sobre a inscrição.

Interino

Pacote

A cultura entre duas moedas

O pacote de Collor mexe mais com as idéias do que com o bolso dos artistas, já acostumados à escassez

Nélson Pereira dos Santos

Beatriz

No programa de governo proposto durante a campanha eleitoral, o presidente Fernando Collor apresentou com toda clareza o seu projeto para a cultura. O governo, segundo o então candidato, deveria responsabilizar-se apenas pela preservação do patrimônio histórico e dos sítios arqueológicos, devolvendo aos cidadãos o custo e o prazer da criação e da circulação dos demais bens culturais.

Tendo em vista a tenacidade demonstrada pelo Presidente da República na condução da política econômica, pode-se prever a mesma postura inflexível no desdobramento das medidas aplicadas na área cultural. Impossível acordos, transigências, muito menos mudança de rumo. Acabou-se o mecenato do Estado, direto ou indireto.

A produção cultural não escapou da reforma monetária e encontra-se perplexa diante de duas moedas. Uma que deve guardar obrigatoriamente e, outra, que deve procurar obsessivamente. Sem desaparecer a cultura do cruzado novo, surge ao seu lado a cultura do cruzeiro e as duas deverão coexistir por um prazo certamente superior a 18 meses

Não será difícil ao cinema brasileiro a conversão ao cruzeiro, porque ele nasceu, cresceu e afirmou-se na escassez de recursos, riqueza de idéias e disposição de luta. Se não conseguirem preservar agora o seu patrimônio material, representado principalmente pela Embrafilme, os cineastas brasileiros saberão encontrar outros caminhos para expressar a sua imaginação e poesia.

Vitorioso ou não, o plano econômico do governo provocará um terremoto cultural, pois mexeu mais com a cabeça do povo do que com o seu bolso. Ao contrário da Bolsa de Valores, a bolsa de idéias nunca alcançou tão elevada alta em nossa história — o que se deve também e em grande parte à existência do regime democrático em sua plenitude.

Dessa espetacular mexida pode-se até esperar a irrupção daquela obscura "sociedade desejada por todos os brasileiros", cuja forma de representação só poderá ser construída ou inventada por artistas e pensadores e por mais ninguém.

Devidamente remunerados em cruzeiros, de preferência.

Cartas

Rio

A matéria entitulada *O balanço do Rio* fez-me recordar com saudosismo uma expressão que o urbanista Carlos Nelson F. Santos costumava utilizar. Para ele, a cidade é uma "festa". Dentro desta sábia conceituação, talvez o Rio seja um dos exemplos mais precisos pela capacidade que tem de incorporar essa dinâmica.

Ver a cidade não significa simplesmente olhá-la, ver significa olhar, compreender, tentar entendê-la. Não há meios para se julgar uma cidade sem antes conhecer os parâmetros que a regem.

A visão exótica da revista *Time*, em reportagem publicada em 12 de março, peca quando facciona nossa cidade. O sectarismo cria uma visão obtusa dos fatos e isto gera um radicalismo sem precedentes. O arquiteto Ivan Pinheiro, em seu artigo, diz que a cidade é o reflexo do grande espelho social. Talvez isto justifique a nossa própria "urbanescência" onde, segundo Pinheiro, a miséria se mostra nos guetos privilegiados dividindo com seus seletos moradores o espaço das ruas.

Nós não sofremos de nenhum mal que qualquer grande cidade do mundo não sofra, apenas com uma pequena diferença: aqui as favelas não se escondem atrás de muralhas, de guetos, como se não pudessem ser vistas pela sociedade. Aqui elas estão expostas como pano de fundo de qualquer bairro nobre da zona sul. Aqui a praia se traduz literalmente num dos espaços mais democráticosn do mundo, com a riqueza e a miséria convivendo lado a lado. É essa cidade de todos nós (Difícil de encontrar em países ditos desenvolvidos, com suas teorias segregacionistas) que certamente gera conflitos de uso bem mais explícitos.

A cidade "ilegal" é na maioria das vezes apresentada como imoral, como gueto da criminalidade. Vale lembrar que nem tudo que é legal é moral.

Vale lembrar que há algo de podre também no Reino da Dinamarca. — *Plínio Soares dos Santos*, arquiteto-urbanista, Mestrando em Planejamento Urbano na UFRJ, Rio.

Recado

A volta da velha senhora

O país passa pelo reencontro com velhos valores e pela redescoberta da moral

Sandra Cavalcanti

Na minha opinião, o Plano Collor está devolvendo aos brasileiros o velho e salutar costume de apostar nas vantagens do trabalho, da competência e da honestidade.

Da noite para o dia, vitrinas de lojas e anúncios em jornais revelam este despertar da ética, da garra, do esforço.

Os preços desabam. O cartão de crédito volta a existir, como no resto do mundo. O crediário, que foi sempre o esteio da média empresa e do consumidor de classe média, faz a sua triunfal *rentrée*...

Estoques ganaciosamente escondidos, para alicerçar lucros cada vez mais alucinantes, estão sendo transformados em *cruzeiros*, a toque de caixa...

Médicos reduzem preços de consulta. Dentistas avisam aos clientes que as tabelas já são outras.

Tudo isso por quê?

Porque o país caiu na real!

Não gosto quando ligam o nome de Gerson, meu querido amigo e ídolo de futebol a essa lei da selva que, graças ao Plano, começa a ser varrida de nosso comportamento.

Pelo contrário, o Gerson sempre foi um implacável perseguidor de êxitos às custas de esforço, trabalho e dedicação.

A genialidade no meio-campo, a precisão nos passes, a visão da jogada e a liderança sobre os companheiros, nada disso foi conseguido no *over*, sentado na praia.

Estou relendo, estes dias, a obra-prima de Peter Drucker: *A era da descontinuidade*. Naquelas páginas começo a perceber o que vai acontecer neste país, nestes próximos anos: a volta dos velhos valores, a retomada de antigos costumes.

A modernização do país, por paradoxal que pareça, parte de um velho porto, seguro e conhecido: "Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto"!

Às vezes, as pessoas se esquecem de um pormenor importante na área da economia: é no mundo do dinheiro que a ética não pode faltar.

Nos negócios, o que vale é o *crédito*.

E o crédito, quer queiram, quer não queiram, é um valor moral.

O gozo do mentiroso

O 1º de abril e a surpresa causada pelo Plano Collor motivam uma reflexão sobre o prazer de mentir

Alberto Goldin

Soraia

Ainda não recuperados dos efeitos no cotidiano do novo plano econômico, os profissionais liberais, entre eles os psicanalistas, percebem mais uma vez como o sentido da realidade é precário. Como a verdade e a mentira operam dialeticamente. As verdades vigentes até a semana anterior ao plano deixaram de existir. O dinheiro anônimo passou a ter um nome, a propriedade privada e oficial se misturaram no Banco Central, os ricos choram nas sessões de psicanálise por não conseguir dinheiro para o restaurante, e alguns pobres, perplexos, oferecem seus trocados para aliviar essa transição. Com um pouco de imaginação poderíamos dizer que o 1º de abril este ano se antecipou e chegou no dia 15 de março. Ou talvez que nosso último ano, com 90% de inflação mensal, criou um universo em que a mentira foi oficial e a verdade, reprimida.

Tentemos de todo modo uma leitura da interseção da psicopatologia com os hábitos estranhos que ainda cercam o primeiro de abril.

Nesse dia alguns cidadãos brincam inventando uma história irreal, buscam alguém que nela acredite, e quando tal objetivo é alcançado se exibe a mentira e ridiculariza o incauto.

Dito assim soa um pouco estranho, porque não parece muito clara qual é a motivação que leva as pessoas a se darem todo esse trabalho.

Sei que esse hábito vem desde a Antiguidade e tem um aspecto ritual pagão que atravessou o cristianismo. Deixo a questão de sua origem a historiadores e antropólogos.

Meu ângulo parcializa o problema e dele se aproveita para desenvolver alguns conceitos da teoria psicanalítica.

"Devia ver a cara que fez quando descobriu que estava sendo enganado!!!"

Existe prazer em enganar. Este se faz mais evidente na infância, quando a maior parte das brincadeiras consiste em surpreender, seja a outras crianças, seja aos adultos. A mentira é uma forma de domínio da situação, tal como se evidencia na admiração despertada por aqueles mágicos e prestidigitadores que divertem as crianças nas festas de aniversário.

As crianças gastam grande parte de seu tempo tratando de definir quem é o mais poderoso a esse respeito, quem é o dominador e quem é o dominado. Quem engana e quem é enganado. Em suas bricadeiras, o enganado é ruidosamente humilhado.

Na brincadeira de domínio, a infância subjugada pelo mundo adulto se vinga e elabora sua inferioridade através de tais inversões. Surpreender e enganar a seu coleguinha pode não ser importante na vida real, mas prepara o jovem para assumir seus papéis futuros, do mesmo modo que brincar de professor ou de médico é o oposto da passividade infantil.

Tal prática se perpetua em ocasiões da vida adulta e existem na patologia diversos representantes desse hábito de mentir.

Uma delas é a mitomanía. Nela, o mitômano tem uma necessidade imperiosa e compulsiva de mentir. O prazer consiste em encontrar um interlocutor que aceite a mentira. Nem sempre o faz para obter vantagens com sua mentira, mas pelo puro prazer de enganar, porque nesse momento controla a emoção do outro, a dirige e domina.

Este prazer reaparece na cena preparada para o incauto do primeiro de abril — a vitima da brincadeira. Quanto mais surpreendente e inesperada é a situação, quanto mais longe chegou o engano, maior é o prazer do mentiroso.

O que define a questão humana é a necessidade imperiosa de entender o inesperado, de domesticar a fera irritada da realidade. De parar um dia a constante angústia do que virá.

Toda novidade é ameaçadora, o ser humano quer a todo custo manter uma constância em sua existência, a resistência à mudança, o medo da surpresa.

E em Freud, surpresa é trauma.

Que é um trauma? Não é tão complicado defini-lo, nem entendê-lo; é o trem que descarrilha, é o carro que derrapa, é o avião que perde a roda direita, é o assaltante que aparece por detrás da árvore; é a morte do ser amado. Nos sacode, inocentes, virgens, vitimas, sem tempo de ensaiar que cara faremos ou a frase que iremos pronunciar. O coração dispara e nesse instante fatídico, apesar de fazermos parte da cena, também somos estranhos a ela. Quem sofreu um destes acidentes poderá recordá-lo e assim saberá a magnitude do impacto.

Cena do filme As aventura do Barão de Munchausen, *que narra as aventuras do maior mitômano da literatura*

> Surpreender e enganar seu coleguinha pode não ser importante na vida real, mas prepara o jovem para assumir seus papéis futuros

Qual será nossa reação? Qualquer que seja, será insuficiente, não conseguiremos tirar essa cena da cabeça por muito tempo. Possivelmente sonharemos com ela, e uma e mil vezes voltaremos a repassá-la.

Talvez possamos gritar, talvez o protagonista desmaie. O importante é que a cena termine e que de imediato encontremos alguém a quem contar o ocorrido, não importa a quem.

Freud nos diz que o impacto da cena traumática rompe com nossa capacidade de digeri-la e isso exige que nós a repassemos uma infinidade de vezes para poder esquecê-la em algum momento.

Lembramos com o único objetivo de poder esquecer.

Esses traumas eram frequentes na guerra, e atualmente são frequentes no trânsito ou na simples violência urbana.

O essencial do trauma é que somos vitima dele, e que uma vez deflagrado, não há retorno. Se escutamos com atenção a um sujeito nesse estado, nos dirá que lhe parece mentira, que não pode ser verdade o que está ocorrendo. À semelhança dos pesadelos que se aliviam ao despertar, o trauma inverte a situação e tendemos a vivê-lo como um pesadelo.

Com o trauma, o mundo humano tem três estilos. Os que vivem esperando tragédias, os que vivem

para produzi-las, e a maioria, os indiferentes, isto é, aqueles que só se sacodem com terromotos grau 5 da escala Richter ou planos econômicos.

Os que vivem esperando o trauma são os mais numerosos e os mais infelizes, pelo fato que as tragédias só acontecem quando elas querem, sem dia marcado. A espera da desgraça se converte em determinismo, busca ativa de sofrimento.

Imagine passar a vida esperando um assaltante porque já se foi assaltado, mesmo existindo a possibilidade que um novo assalto jamais ocorra. Então a existência será uma espera inútil, um teatro sem público, um nadador sem água.

Isso se denomina fobia de origem traumática.

Espera ansiosa da tragédia. Como permanecer alegre ante esta perspectiva? Como dormir em paz se a catástrofe chegará de qualquer maneira para acabar comigo? Jamais vai me encontrar desprevenido...

Vítima certa do 1º de abril, ainda falta quem o vai vitimar, seu assaltante, seu verdugo.

Tenho a suspeita de que atualmente há mais vítimas que carrascos, uma certa escassez de sádicos, porque as vítimas ocuparam todo o espaço.

Preste atenção: esta pode ser uma saída para a crise...o mercado está repleto de gente com medo e poucos estão dispostos a maltratá-los. E a lei da oferta e da procura requer, como é sabido, um certo equilíbrio. Procura-se parceiro temível.

Precisamente é esta a segunda categoria, a daquele que assume ativamente sua defesa frente ao trauma e traumatiza. Personagem que busca surpreender, mensageiro da má notícia.

— "Sabe quem morreu?..."

E deixa durante alguns instantes a resposta em suspenso, esperando, deixando-nos imaginar as mais descabeladas hipóteses. Agente do trauma, em certas ocasiões inocente brincadeira; em outras, sádico profissional que, junto com o fóbico, gera pânico na hora certa.

Este é o personagem que perde horas de seu tempo preparando surpresas, que se ocupa da produção do trauma. É óbvio que faz isto porque goza com a angústia de sua vítima. Aprendiz de perverso, futuro exibicionista, ainda inibido de se apresentar numa sexta-feira em um colégio de meninas com um impermeável cinzento e sem roupa de baixo.

Confesse! Esta é a sua verdadeira vocação, sua real tara. Bem, podemos nos conformar com o seu desempenho considerando as épocas que correm. Mas, ao menos admita-se para si mesmo. Não se finja de inocente porque sabe perfeitamente do que estamos falando.

Um é sádico; o outro masoquista. Ambos jogam do mesmo modo que na infância, e por trás das portas as crianças brincam de médico. Nos recordemos destas épocas. "Agora, você vai ser o médico e eu o paciente." Logo, o jogo se inverte. Ambos, médico e paciente de mentira brincam de inverter a história de médico adulto e criança doente de verdade. Sabemos que atualmente, com o progresso da pediatria hoje bem menos cruel, os jogos infantis são menos intensos. Erotiza-se menos o sofrimento do que antigamente, porque se os jovenzinhos brincam de doutor e gozam é, simplesmente, porque sentem que seu médico tem o prazer sádico de fazê-los sofrer.

Chamamos isto de elaborar. De *laboro*. Trabalho. É o trabalho de viver e o 1º de abril as pessoas brincam que são os autores do destino. Eles mesmos geram o argumento. Talvez seja algo ingênuo, mas vale a pena brincar disso, a ilusão de que somos nós mesmos que organizamos os planos econômicos, o assalto ao banco, ou que dirigimos o trem que descarrilha.

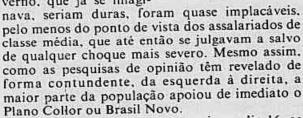
Quando afirmamos que no inconsciente não há tempo, significa que sempre há tempo de pilotar a nossa história, e se por enquanto somos apenas vítimas, nada se perde se em um 1º de abril passamos a brincar de verdugos.

Choques psicológicos do Brasil Novo

Frustração, desespero e insegurança arrasaram a classe média com o Plano Collor. Faltou sensibilidade ao Governo

Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Beatriz

No dia 16 de março, o Brasil viu, ouviu e ficou perplexo. As medidas econômicas do novo governo, que já se imaginava, seriam duras, foram quase implacáveis, pelo menos do ponto de vista dos assalariados de classe média, que até então se julgavam a salvo de qualquer choque mais severo. Mesmo assim, como as pesquisas de opinião têm revelado de forma contundente, da esquerda à direita, a maior parte da população apoiou de imediato o Plano Collor ou Brasil Novo.

No fim de semana que se seguiu ao dia 16, as pessoas contabilizaram os bloqueios, racionalizaram-nos como puderam e, em geral, não se sentiram tão mal quanto viriam a se sentir depois. Ficaram coladas às telas da TV e procuraram, mesmo a partir das exposições pouco sistemáticas do plano feitas pela equipe econômica do governo, fazer sentido da experiência que estavam vivendo. O pior, no plano pessoal, estava por vir.

Com o decorrer da semana que se iniciou no dia 19, concomitantemente com uma rarefação de explicações mais aprofundadas por parte da equipe econômica, os ânimos começaram a ficar combalidos. Muitos ficaram deprimidos, outros foram tomados de irritação, outros ainda ficaram apáticos. A sensação de mal-estar, pelo menos no âmbito das camadas médias assalariadas, começou a se generalizar. A ironia é que esta sensação de mal-estar também foi recebida e percebida por muitos com perplexidade. Dado que estavam apoiando o Plano (mesmo que com algumas restrições mais ou menos localizadas), as pessoas pareciam não conseguir entender por que estavam se sentindo mal.

Se tomarmos alguma distância de nossas próprias reações e sentimentos e procurarmos analisá-las, veremos, no entanto, que este paradoxo pode ser explicado ao menos parcialmente.

As medidas econômicas anunciadas no dia 16 não atingiram somente os investimentos financeiros de milhões de brasileiros. Foram muito mais longe e mexeram fundo em sentimentos muito básicos — como, por exemplo, o de segurança (bem exemplificado pela grande reação ao bloqueio das cadernetas de poupança) e o da liberdade de ter acesso ao próprio passado e de planejar o próprio futuro — de todos aqueles que, sem serem especuladores, foram atingidos. Ou seja, mexeram fundo na cabeça e nos sentimentos daqueles — os assalariados — para quem ao dinheiro investido está geralmente associada uma forte carga afetiva.

Em primeiro lugar, esses assalariados foram obrigados a passar por um processo que poderia ser chamado de um choque de identidade. A representação que sempre haviam tido de si próprios era a de assalariados relativamente mal remunerados por conta de um processo inflacionário galopante que tinham sido obrigados a entrar na ciranda dos investimentos financeiros como uma forma de proteger seus salários. De um momento para outro, no entanto, além de muitas vezes duramente atingidas, essas pessoas passaram a ter que lidar com uma nova representação de si próprias: a de membros da elite econômica do país. Eis uma operação difícil de ser realizada em prazo tão reduzido.

Em segundo lugar, essas mesmas pessoas sofreram um outro golpe duro: o apagamento, como por passe de mágica, de parte de sua história passada. Daquela história que havia resultado no dinheiro que tinham nos bancos — os longos anos de trabalho, as horas extras, as heranças (muitas vezes de pequena monta, mas de inestimável valor simbólico), as vendas de casas e terrenos simplesmente para que outras casas e terrenos fossem compradas para a família em expansão, etc.

Novatos no manuseio de computadores várias vezes passam pela desagradável experiência de, ao dar um comando errado, ver um texto ou cálculos, frutos de horas de trabalho, desaparecerem da tela do monitor como que por encanto. E isto, sabemos, em geral provoca muito desespero e frustração. Mas, para tanto, há uma medida preventiva: o *back-up* ou cópia de segurança, ou seja, um disquete para o qual se transfere de tanto em tanto tempo tudo aquilo que se produz.

Ora, a sensação que milhões de brasileiros assalariados tiveram ao chegar aos bancos e encontrar suas contas zeradas (muitas vezes, dependendo dos bancos, sem nenhum acesso num primeiro momento ao que lá havia antes do Plano) foi análoga ao do usuário do computador, embora muito mais grave: muita frustração, desespero e insegurança. E o pior é que, neste caso, não havia cópia de segurança.

> A questão do bem-estar pessoal passou a ser uma coisa relativa do tipo 'estou melhor do que fulano ou pior do que sicrano'

Além de apagar boa parte do passado de milhões de brasileiros, as novas medidas também provocaram um outro efeito: do ponto de vista

Bruno Veiga

Filas nos bancos depois do Pacote: contas zeradas

das pessoas físicas, houve, simultaneamente ao bloqueio de suas contas bancárias, um bloqueio de seu futuro. Explico: com o passado apagado, estas pessoas não tiveram outra saída a não ser tentar projetar seu futuro. Mas aí surgiu uma outra dificuldade: seus planos e aspirações (em geral altamente investidos afetivamente) tornaram-se em parte inexeqüíveis e inatingíveis, pelo menos por um bom tempo, pois para sua execução seriam necessários os recursos de que não mais podiam dispor.

A questão do bem-estar pessoal passou imediatamente a ser uma coisa relativa, do tipo "estou melhor do que fulano ou pior do que sicrano". Não foram poucos aqueles que passaram a mão no telefone e ligaram para vários amigos esquecidos para se certificarem de que ninguém havia escapado e para, se possível, constatar que estavam "melhor do que..." (embora certamente muitos o tenham feito por um interesse genuíno pelo bem-estar de seus amigos e conhecidos).

Além do enorme cansaço instaurado pelo grande número deste tipo de operação mental necessário para manter a estabilidade psicológica imprescindível inclusive para que se pudesse dar apoio ao Plano, é preciso lembrar que passado apagado e futuro bloqueado podem gerar não somente frustração. As conseqüências de ordem psicológica podem ser muito mais sérias principalmente quando as condições externas são adversas a sua elaboração.

E, na semana que se seguiu à divulgação do Plano, pelo menos dois fatores em muito contribuíram para o agravamento desses problemas.

O primeiro deles foi o cotidiano pós-Plano. Todos vivemos esse cotidiano e sabemos o quão exasperante ele foi. Houve muitos desencontros de informações, o que era noticiado pela televisão e pelos jornais sendo contradito pelos bancos que pareciam, pelo menos num primeiro momento, fazer tudo para dificultar os saques a que se tinha direito, além de muitas vezes sacarem eles próprios das contas, magras em cruzeiros, de seus clientes aquilo a que eles, pelo que os clientes haviam entendido, não tinham direito. Houve filas intermináveis, e acredito que poucas pessoas tenham escapado à desagradável experiência de ter passado um mínimo de 5 a 6 horas em suas agências bancárias para resolver todos os problemas gerados pelo Plano. Houve reformulações do Plano, através de novas medidas provisórias pouco explicitadas de forma direta pela equipe econômica. Houve muita preocupação em relação a como sobreviver até o pagamento do próximo salário por parte daqueles que foram apanhados com pouco dinheiro em suas contas correntes (geralmente contas remuneradas, pois as correntes já eram coisa do passado), ou que tinham compromissos inadiáveis a saldar. E houve muito mais. Mas, para resumir em poucas palavras, foi uma semana inesquecível de tão confusa e desgastante.

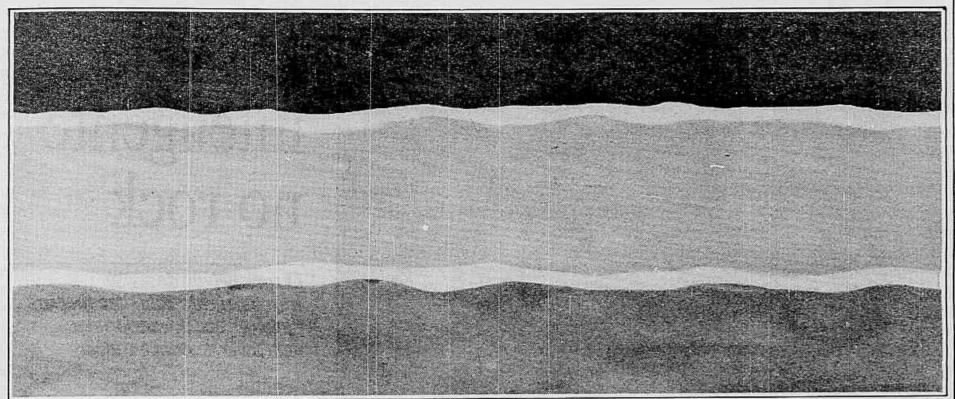
Além disso, o cotidiano das camadas médias foi violentamente alterado de ainda um outro modo. Nada de chope ou de cinema como válvula de escape. O lazer tornou-se interdito porque não há dinheiro.

Muitas dessas dificuldades de desastrosos efeitos psicológicos não poderiam ter sido evitadas pelo novo governo, mas nem todas. E aqui está o segundo fator que mencionei quando me referi ao agravamento dos problemas psicológicos gerados pelo novo Plano econômico. Não teria sido mais fácil viver esse cotidiano difícil, essas alterações radicais nos modos de viver, se auto-representar e sentir se o governo tivesse estado sempre presente, explicitando as novas medidas repetidas vezes, esclarecendo de viva voz como estava lidando com algumas reivindicações de segmentos da população e do Congresso e fornecendo a esta experiência um significado mais concreto?

Por que, perguntamos, não fez o governo uso da poderosa mídia nacional para dar início a um programa de socialização deste nosso povo, já tão desgastado, a uma nova realidade que todos queremos que seja melhor? Por que não está o governo ajudando aqueles que o estão apoiando a digerir tudo isso? Não é, por exemplo, suficiente dizer que a hiperinflação seria mais desastrosa. Para a maior parte da população brasileira a hiperinflação não passa de uma abstração. Há que se fazer uma campanha de esclarecimento, através de documentários e congêneres, do que *concretamente* vem a ser um processo hiperinflacionário e de como estamos escapando desse mal maior.

Há que se proceder a um longo processo de modificação de mentalidades, visões de mundo e dos sentimentos a elas associados. Não se pode imaginar que a *Lei do Gerson* possa desaparecer de uma hora para outra, a partir da publicação de uma medida provisória no *Diário Oficial*. Mentalidades, visões de mundo e sentimentos são coisas difíceis de se mudar, e, para que o plano tenha sucesso a *longo prazo*, faz-se urgentemente necessário que isto seja feito. Necessário inclusive para que se possa lidar com o que poderia ser chamado de adesão reativa, ou seja, o apoio daqueles que terão tanto a perder se o Plano falhar que não têm outra saída senão apoiá-lo

A ausência de uma participação mais sistemática e didática do governo na apresentação e discussões do Plano na mídia, associada à aparente inexistência de um programa de socialização da população à nova realidade do país, poderá prejudicar a emergência de um efeito duradouro que garanta o sucesso do plano além do tempo previsto por sua equipe econômica. Não nos enganemos, não se trata apenas de dourar a pílula, mas de fornecer, *para quem já está disposto a digeri-la*, os instrumentos de fazê-lo do modo mais eficaz e menos doloroso possível.

Com o passado apagado, estas pessoas não tiveram outra saída a não ser tentar projetar o seu futuro. Mas não podiam. Já não tinham recursos

Quem tem medo de verde, amarelo, azul e branco e de Barnett Newman, *de 1981*

Do outro lado do jardim

Carlos Zílio chega à maturidade, depois de um diálogo com a Arte, com uma obra que pensa o abismo

Wilson Coutinho

Podia-se dizer que o ateliê de Carlos Zilio, em Paris, no final dos anos 70, era uma espécie de sala de estudos, cuja discipl a principal era a pintura. Ele estava meio estonteado como fosse obrigado a aprender sânscrito, depois de ter achado que as linguas mortas não ressuscitariam No caso, a língua morta era a pintura. E ela tinha ressuscitado. Mais de uma década depois, pode-se conferir na galeria Paulo Klabin (até 6 de abril) através de 20 telas sobre papel a capacidade de um artista de emergir profundamente na pintura, e conseguir arrancar dela, devido ao seu histórico desgaste, o milagre de um acorde perfeito.

Esta fase, que aliás começou com a exposição também na Paulo Klabin, realizada no ano passado, pode ser chamada de "obras da melancolia", e não só porque a maioria das telas está pintada de negro, mas porque são construídas com a metáfora do abismo e da existência, e que se exprimem através de uma retórica da dissolução Elas têm, apesar de serem obras abstratas, um forte impacto biográfico O luto é o seu pentimento, isto é, aquilo que está esboçado, rasurado, esquecido atrás da compacta matéria de tintas

Duplo luto Zilio começou pintando esta fase em 86 depois da morte do pai, um coronel do Exército - morte que o abalou profundamente, e, talvez, de um modo inesperado. Zílio foi um guerrilheiro, e além da contigência social e histórica do momento, não há duvidas de que como militante terrorista ele desejava acabar com o Exército de seu pai E foi nesse momento que largou as artes plásticas, onde era reconhecido como um jovem de talento, para ser inquilino de *aparelhos*. A morte da arte significava também a morte do capitalismo, embora também estivesse em jogo a figura da ordem, isto é, do pai.

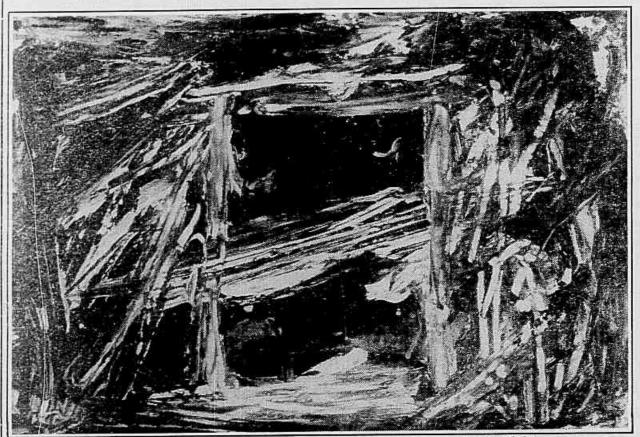
Outra morte é a de seu pai espiritual, o pintor Paul Cézanne, que era concebido como o cimento de onde se ergueu a justificativa mais exemplar da arte moderna, e que Zílio já não podia mais atrelar o seu projeto de pintor. Daí, o vazio e o recomeço fúnebre de sua pintura. Naquela época, parecia inacreditável que um pintor que dialogara com o construtivismo e com os jardins das delícias de Matisse, estivesse colocando aquelas coisas na tela, efeitos de uma dissolução angustiante: caveiras, a maçã cézanneana, o calcar das próprias mãos na tela. Sem pé no chão, ele estava destruindo o seu passado e recolocando a tela frontalmente em direção aos seus olhos como um abismo, suturado por uma biografia em tristeza.

Na fase anterior, quando tinha como ateliê um belo casarão na ladeira do Sacopã, Zílio aderira a "alegria de viver" matisseana, uma época que durou de 83 a 86. São desse período deliciosas paisagens com bananeiras, luares equilibrados por palmeiras, e uma série de arabescos que recorriam aos que Matisse tinha pintado. Era a fase do Éden, ou seja a imersão na sensibilidade tropical e na luxúria carnal desta sensibilidade, um mundo de cores fortes, de onde emergia a inquietação da paisagem e um tentativa de ingenuidade *à la* Rousseau. "O que aconteceria com a percepção de Monet se ele visse a floresta amazônica", ironizava o artista, contrapondo as delicadas ninféias pintadas pelo pintor francês com o volume imenso da paisagem brasileira

Ainda naquela época a sua maneira de conceber a pintura era a de estabelecer paradigmas produtivos com a história da arte. Zilio, que é um artista culto, trabalhava sem a menor inocência sobre os quilômetros de parede pintada que estão nos museus, esta avalancha de historicismo, de procedimentos, de estilos, que deram ao modernismo algo que não estava no seu horizonte uma tradição. Data deste periodo, obras que se apoiavam em modelos de pinturas dos grandes mestres, como o *Balcão*, de Manet, *A janela de Collioure*, de Matisse e *The Gate*, de Barnett Newman.

Não é que ele estivesse metido no beco sem saida da "pintura culta" italiana, um desesperado movimento de arte dos anos 80, que não via outra solução senão a de captar o que o barroco ou neoclássico fizeram no passado e pintavam praticamente da mesma forma. Os críticos conseguiam ver nesta forma de arte alguma ironia, mas era uma ironia amarela, desprovida de qualquer sentimento de espiritualidade, o que torna a ironia o verdadeiro estilo adulto. O que Zilio fazia era um formalismo da história da arte, um pouco como se ele fosse Ernst Gombrich, o famoso historiador austríaco, e não um pintor

Mas as obras daquela época possuíam uma qualidade porque evita-

> A sua maneira de conceber a pintura era a de estabelecer um conjunto de paradigmas produtivos extraídos da história da arte

A impossibilidade da contenção *de 1989, em exposição na Paulo Klabin*

vam o desesperado mimetismo de reproduzir obras de história da arte, enquanto flertava-se com uma ironia qualquer do tipo que só os críticos pretendem entender, mas na verdade não estavam entendendo nada. Zilio, ao contrário, procurava filtrar o vocabulário dos grandes mestres e pintar uma espécie de essência formal. Era a atitude de um discípulo de Platão atrás da fulgurosa e fulminante Idéia, esta perdida no tumulto das formas encravadas nas paredes dos museus, e na qual a obrigação era fazê-las tornarem-se visíveis. Daí que naquelas obras apareciam faixas verdes e grandes blocos de cor negra, a essência pura do que ficara de Manet, Matisse ou de Barnett Newman.

Há também o fato de que Zilio nunca esqueceu o movediço terreno da arte brasileira, e também de que como artista carioca ele não estava vendo um desfiladeiro gélido de arranha-céus, mas montanhas, água, florestas. Isto constrói a percepção para sempre. Em Paris, ele sentia a sua mente aprisionada pela forma do Pão de Açúcar ou pela curva da baía de Guanabara. Ao voltar, realizou no MAM uma espécie de desforra, que foi pouco percebida, mas que cabia como um pequeno escândalo visual. Em oposição às belas e rígidas faixas de cor de Barnett Newman, um artista à procura de Deus e do Absoluto, Zilio transformava as faixas em sinuosas ondas, impregnadas de um colorido fora das normas, apoiando-se no que Volpi fizera na pintura brasileira.

Mas a maneira de Zilio evocar a pintura passava por uma reflexão constante e museológica com a História da Arte e ele ainda não conseguia trabalhar com a liberdade que atingira um pintor como Jorge Guinge Filho, que sabia desses problemas. Com a morte do pai e a de Cézanne na sua mente abriu-se um buraco. Restava ao pintor a tela e não mais um museu. Em vez de estudos e preparações antes de pintar, Zilio atirou-se à tela trabalhando diretamente sobre ela. Pode-se dizer que, em certo sentido, ele eliminou o historicismo em troca da fenomenologia. A obra agora nasce não como uma prévia deliberação; ela, agora, reúne sujeito e objeto na sua constituição. Zilio gosta de usar uma metáfora para isto: a do pistoleiro. O grande medo do pistoleiro é o seu primeiro duelo. Depois, ele transforma-se em um profissional. "Minha mão ficou mais solta", costuma dizer o artista depois de ter enfrentado o seu primeiro tiroteio.

Com materiais agressivos como a lixa, o prego e a serra, Zilio põe na tela ondeamentos de tinta que tornam a matéria espessa. Ele raspa, cria linhas com o prego ou utiliza-se da lixa como colagem. Zilio faz uma observação de que a utilização destes materiais agressivos ainda fazem parte das memórias de guerra de sua experiência política, mas que sofreram uma transcedência, voltando-se para o perigo da existência. Assim, a sua obra perde as relações que travava com uma História da Arte soterrante e sufocante, para se surpreender com o espetáculo precário da existência, tornando seu trabalho mais metafísico do que histórico.

Daí também o quinhão de angústia que ela abriga. Há uma beleza noturna na maioria dos seus quadros (há também pinturas em branco), mas uma beleza que não deixa de mirar o abismo. Não seria absurdo dividir a pintura moderna brasileira entre duas metáforas: a do jardim e a do abismo. No primeira, estão as obras de Volpi, de Tarsila ou de Eduardo Sued, que aspiram à felicidade; na segunda as de Iberê Camargo ou as de Oswaldo Goeldi, que remexem e penetram no fundo da existência. Zilio caminhou do jardim ao abismo, refazendo na Queda, o projeto originário de sua carreira: o de pensar — e de maneira radical — o que se chama de pintura brasileira.

> Hoje, a sua obra perde as relações que travava com a história da arte sufocante. Agora, ela é mais existencial

Há vida inteligente no rock

O rock deixou de ser só entretenimento com uma facção "adulta" que o transformou num meio de crítica e idéias

Luiz Antônio Mello

O rock completa 36 anos de idade. Este movimento quase quarentão acabou se transformando (quem diria?) no único estilo musical sem pátria. Nascido em parto normal nos Estados Unidos, o rock foi apadrinhado pelo charme de Elvis Presley que, por ingenuidade, acabou no pelourinho. O que seria mais um ritmo derramado pela indústria musical acabou se transformando numa fortíssima e indestrutível facção existencial, envolvendo norte-americanos, soviéticos, japoneses, chineses, vietnamitas, brasileiros...

A enorme facção, estável como uma rocha ganhou diversas tribos. Hoje existem *soft rock*, *hard rock*, *heavy metal*, *pós-punk*, *new age* e mais de uma centena de outros rótulos a disposição do mercado. Um mercado que convive com quase cinqüentões como Paul MacCartney, Bob Dylan, Pete Townshend (dono do The Who), os Stones, Paul Simon, e quase adolescentes como Sugarcubes, Primitives, Replicements e muitos outros. Isso sem falarmos das eternas viúvas do rock progressivo, uma massa humana enorme que consegue se manter invisível.

É lógico que neste oceano de conceitos, existem o rock intelectual e o rock de massa. Começando pelo segundo, estamos falando de músicos que só se satisfazem plenamente quando sentem o orgasmo das multidões. Pouco reflexivo, banhado de letras fáceis e de um ritmo absurdamente alucinante, o rock da massa está representado, internacionalmente, por nomes como o grupo Bon Jovi, ou ainda pelo Queen, Rod Stewart, ou os pesados Mettalica, Rush e

muitos outros que não têm qualquer compromisso revolucionário ou revisionista. Tratam o rock como uma forma de entretenimento descomplicado e, por que não, alienado. As letras dessas megabandas não tiram o sono dos moralistas e conservadores. É o rock da diversão, do oba-oba, do *tá tudo bem*. No Brasil, Lulu Santos é imbatível nesta área.

E o rock para os intelectuais? É bom lembrar que hoje já existem cinqüentões ouvindo e comprando rock. Existem roqueiros no poder que rumam para os gabinetes ao som de Suzanne Vega, Joan Armatrading, Elton John, Dire Straits, Pink Floyd e outros nomes classificados pela mídia como "adultos contemporâneos", que destacam, ainda, Sting e a mais nova sensação da nova década, a cantora e compositora Michelle Shocked. Essa faixa da mídia é bastante freqüentada pelo que convencionou-se chamar de intelectuais, que não perdem, por exemplo, o suplemento *Idéias* do *JORNAL DO BRASIL*, que finalmente abre um espaço para falarmos de um movimento que, no passado, foi chamado de "voz da CIA" ou "filhote do imperialismo", e outras bobagens já desmentidas pela história. Junto ao público "adulto contemporâneo" o rock encontra ambiente para expor a sua veia intelectual. A obra *The Wall*, do Pink Floyd, foi visitada até por psicanalistas de vanguarda, que viram neste trabalho um dos mais respeitados resumos do caos existencial. *The Wall* foi um soco no estômago só comparável a *Cal*, trilha sonora do filme que não passou no Brasil, composta, produzida e tocada por Mark Knopfler (43 anos, líder do Dire Straits), que conta a história de um guerrilheiro do Exército Republicano Irlandês — o IRA —, que no Brasil é nome de uma das mais potentes bandas tupiniquins.

Numa faixa etária mais baixa, entre 20 e 35 anos, alguns nomes arrancam urros discretos dos intelectuais prematuros. Encabeçando a lista está o cantor e compositor anarquista Tom Waitts, que nos anos 80 tratou de dar seqüência ao discurso depressivo de Lou Reed. O grupo mentor de Renato Russo (líder da Legião Urbana), o extinto Joy Division, é objeto raro rodando em poucas vitrolas, CDs e cassetes brasileiros. Claro, os intelectuais bebem com prazer na fonte de Jim Morrison, do The Doors, poeta morto em 1971, em Paris, por *overdose*. O irlandês U2, nas iradas letras de Bono Vox, vocalista, já foi elemento obrigatório nas discotecas intelectuais, mas a partir do álbum duplo *Rattle and hum* a banda foi posta na geladeira até segunda ordem. O disco foi considerado "muito americano".

Nesse meio há aqueles que conseguem captar tanto os intelectuais como o povão. Voltamos ao exemplo do Pink Floyd. A platéia que vê na banda apenas o som e a *performance* ficou de pernas para o ar ao longo do *tour* de lançamento do Lp *Animals*, no final dos anos 70. Os produtores do show despejaram uma bateria de *lasers* e fizeram flutuar gigantescos porcos cor de rosa. O povão viu ali uma alegoria, mas o público ligado nas idéias do Floyd entenderam. No disco, os porcos simbolizam os ocupantes da Casa Branca. A banda inglesa, hoje de volta ao mercado, matou duas lebres com um só tiro. Também o U2 conseguiu se transformar numa das bandas mais populares do mundo, com direito a matéria de capa na revista Time, quando lançou o Lp *The Joshua Tree*. Quem vai aos monumentais concertos da banda leva para casa um fantástico aparato de luz e som e, de quebra, verdadeiros comícios de Bono Vox contra a ajuda norte-americana à direita salvadorenha.

The Wall do Pink Floyd foi visitada por psicanalistas que viram neste trabalho um dos mais respeitados resumos do caos existencial

Cena de Pink Floyd/ The wall, *imagem da alma destroçada*

Poucos músicos de rock jogam tão pesado no texto como Pete Townshend. Autor de duas *óperas-rock* (*Tommy*, de 1968, e *Quadrophenia*, de 1972), Pete Townshend gravou uma peça fantástica chamada *White City*, uma história ao redor do racismo na Grã-Bretanha, que acabou virando um documentário para tevê inédito no Brasil. Além de um livro de contos absolutamente demolidor, ele acaba de lançar — no Brasil, inclusive — mais uma estória enfocando a fraqueza do ser humano diante dos sistemas sociais. O nome do disco é *Iron man*. Socialita rebelde, Pete Townshend (45 anos) faz a Corte inglesa rodopiar quando resolve entrar num estúdio de gravação.

E no Brasil? Na linha do *rock para intelectuais*, impera a Legião Urbana, que, como o Dire Straits, consegue atender também à massa de maneira fulminante. O primeiro sucesso da banda, *Será*, abre com um verso demolidor: *"Tire suas mãos de mim Eu não pertenço a você"*. No dia da morte do general Emílio Médici, a Legião tocou no Circo Voador e lá pelas tantas Renato Russo deu um "viva" ao desaparecimento do general, sendo freneticamente aplaudido por uma platéia formada, basicamente, de adolescentes. Na mesma linha de impacto duplo estão os paulistas do Titãs. As letras são descaradamente furiosas e belas. O Lp *Cabeça Dinossauro* é um clássico da pancadaria inteligente e bem nutrida: "Polícia para quem precisa de polícia". Lembram? No bojo desse discurso caótico estão também o Ira! (é assim mesmo, com um ponto de exclamação), os "fuzis" dos Inocentes, e ainda Cólera, Ratos do Porão, Barão Vermelho (*"Chega de passar a mão na cabeça de quem te sacaneia"*), e os novos.

O principal aeroporto de bandas novas continua a ser a Rádio Fluminense FM. O último lote de fitas foi um desastre. Das três mil recebidas pela emissora, somente trinta foram ao ar. Faltou qualidade musical e também literária. O público da rádio (classes A B, de 15 a 35 anos) a cada dia cobra mais o rock como postura ideológica e não apenas gracinhas. Uma exceção para o disco da dobradinha Planeta Casseta, um dos mais significativos Lps dos últimos tempos

O povão que compra Paul MacCartney surfa na onda romântica do ex-beatle. A prova disso está nas vendagens sempre baixas de John Lennon no Brasil, antes de sua morte. Lennon era a postura ideológica do rock, enquanto que MacCartney cuidava, como cuida até hoje, estritamente de música. Talvez esteja aí um dos mais clássicos exemplos dessa divisão do rock para a massa e para os intelectuais. Quem já ouviu Revolution Number 9, o auge do experimentalismo dos Beatles, sabe que é tudo Lennon, enquanto que, por exemplo, *Let it be* é toda MacCartney. O importante e que todos os "rocks" são Rock. De Paul Simon a Jimi Hendrix, passando por The Mission, Tears For Fears, Neil Young e Eric Clapton. Até a puberdade sonora do Pet Shop Boys e do A-ha devem ser respeitadas e assimiladas como rock, o som mais democrático do mundo.

Os barões da aldeia global

Os grandes magnatas das comunicações constituem uma ameaça ao pluralismo político, econômico e de informação

Emir Sader

Beatriz

A queda dos "muros" abre para os países do Leste europeu nova oportunidade de reorganização em que a heterogeneidade de nacionalidades e minorias pode estar democraticamente representada em sociedades pluralistas. Já na Europa ocidental, regimes consolidados, prestes mesmo a abolir suas fronteiras, se vêem ameaçados por um dos mais poderosos inimigos do pluralismo e da convivência das diferenças — o monopólio dos meios de comunicação.

Quando, em 1960, Marshall McLuhan anunciou a era da "aldeia global", ele pensava num mundo de "compreensão universal e de unidade", em que a "consciência cósmica" integraria as diferenças num fluxo de intercâmbio em todas as direções. Chegados a 1990, o que de fato existe é um grupo de megaorganizações privadas dispostas e com poderes para, a partir da nova década, controlar a grande maioria dos jornais, revistas, editoras, estações de rádio e TV, produtoras de cinema, de discos e videocassetes — a indústria cultural do Primeiro Mundo, com ramificações, portanto, pelos países subdesenvolvidos. Além do monopólio planetário em escala horizontal, essas corporações pretendem deter o controle total de cada um dos processos de informação no seu conjunto, da criação do produto até todos os vários meios pelos quais a tecnologia moderna faz chegá-lo ao público.

Acompanhar a dimensão que tomaram as jogadas financeiras nesse ramo é suficiente para se visualizar a importância da mídia como negócio. Até 1979, a maior transação de que se tinha notícia era a aquisição de uma rede de televisão pela cadeia de jornais americana Gannett, que desembolsara US$ 362 milhões. Em 1988, o magnata australiano das comunicações, Rupert Murdoch, comprou a publicação *TV Guide*, popularíssima nos EUA, e mais uma série de revistas por US$ 3 bilhões. Sete meses mais tarde, a fusão das corporações Time e Warner criou a maior firma do mundo, com capital calculado em US$ 18 bilhões, mais do que os produtos internos somados da Jordânia, Bolívia, Nicarágua, Albânia, Laos, Libéria e Mali.

Enquanto isso, a companhia petrolífera Gulf, que já foi o conglomerado mais diversificado dos EUA, somava-se à Warner, incluindo aí a editora Simon & Schuster e a Paramount, para anunciar que estava vendendo todas as suas indústrias não ligadas à mídia. Mudou seu nome para Paramount Communications e passou a concentrar-se na mina de ouro dos negócios no mundo atual.

Descobertas científicas, como as fibras óticas e os satélites, permitem a publicação e a emissão de programas para todo o mundo a velocidades sempre maiores e custos cada vez mais baixos. A instauração da Comunidade Européia em 1992, com um mercado consumidor de 320 milhões de pessoas, intensificou o processo de fusões, incorporações e acordos de controle de mercados, em que despontam cinco corporações — A *Time Warner*, com leitores estimados em 120 milhões, através da edição de publicações como *Time*, *Life*, *Sports Illustrated*, *Fortune*, *People*

Robert Maxwell: sonho de ser o primeiro-ministro da Inglaterra

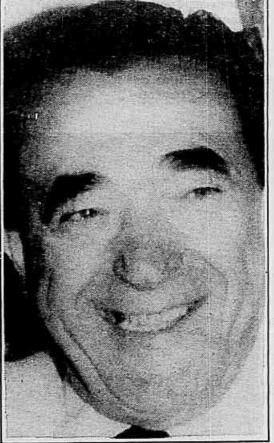
— A *Bertelsmann*, a maior empresa do ramo até a fusão Time-Warner, de propriedade do alemão Reinhard Mohn que, depois de atingir o limite de empresas possível na Alemanha pela legislação antitruste desse país, passou a comprar firmas norte-americanas. Entre elas estão as editoras Doubleday, Bantam Books, Dell e o clube do livro Literary Guild, bem como as gravadoras RCA e Arista. Publica revistas como *Parents* e *Young Miss*, em quinze países de quatro continentes.

— A *News Corporation*, empresa dirigida pelo australiano Rupert Murdoch, responsável pela tiragem recorde no mundo, com 14 milhões de exemplares entre a Austrália, a Inglaterra e os EUA. Em Londres, ele publica o *News of the World* (5 milhões de exemplares), o *The Sun* (4 milhões) e o *Times*. Seu controle se estende a empresas como a Pearsons PLC, que publica o *Financial Times* e o *The Economist*. Murdoch detém ainda o controle da Fox Broadcasting — a quarta maior rede de televisão dos EUA — e da *20th Century Fox*.

— A *Hachette*, a maior produtora de revistas do mundo, com um total de setenta e quatro, em dez países, entre as quais *Elle* e *Paris-Match*. Dedica-se também ao controle do mercado mundial de enciclopédias, contando com a *Enciclopédia Americana* e com a compra da editora espanhola *Salvat* para penetrar no mercado de língua castelhana.

— A *Capital Cities ABC*, que atua através da rede de televisão ABC, possuindo o controle de oito televisões locais e 21 rádios, nas maiores cidades dos EUA. Tem ainda uma cadeia de nove jornais, estúdios em Hollywood, o canal a cabo esportivo ESPN, além de participações em várias outras empresas do ramo.

Valendo-se do auge do neoliberalismo na Europa, grupos como os controlados por Berlusconi, Lagardère, Murdoch e Maxwell se apropriam de boa parte dos canais de televisão que, crescentemente, deixam de ser públicos, para cair em mãos privadas, com a invasão de programas de baixo nível, incluindo pornografia e violência, em detrimento da programação de informação e cultura que caracterizava aqueles canais. Esses magnatas se tornam os principais beneficiários das políticas de desregulação estatal, diante das enormes dificuldades de competir com eles por parte das televisões públicas de países como a Bélgica, a Holanda e a Dinamarca, que ainda não entraram na onda de mercantilização dos meios de comunicação. A abertura dos mercados dos países do leste permitiu a Maxwell e Murdoch se adiantarem aos outros, lançando jornais na Hungria e se candidatando a canais de televisão.

O poder dos monopólios domina o mundo inteiro e não seria nenhuma novidade que isso também acontecesse na mídia. Mas os gigantes da mídia dispõem de vantagens adicionais que fazem delas perigos particulares para a democracia. Eles controlam a imagem pública dos líderes políticos, que, por sua vez, têm medo e terminam favorecendo os magnatas da mídia. Por outro lado, controlam também a informação e o lazer condicionando as opções econômicas, os comportamentos sociais, as definições políticas e os valores culturais e sociais de amplos setores da população. Nos EUA os presidentes se preocupam mais com suas relações com as três principais redes de televisão -

a NBC, a ABC e a CBS - do que com seus próprios partidos. Isenções fiscais e burlas das leis antitrustes são usuais para facilitar as relações dos governos com esses meios.

Uma verdadeira liberdade de informação requer três condições: a oportunidade de ler e ver tudo o que exista; uma diversidade de fontes a escolher; e um sistema de mídias que possibilite o acesso para os que desejam se comunicar com os outros cidadãos. Em regimes democráticos, normalmente a primeira das condições costuma existir, mas a monopolização cada vez maior dos meios de comunicação vai reduzindo as outras duas a proporções cada vez menores. Fica mais longínqua a possibilidade de que esses meios abram seus canais para jornalistas, autores, dramaturgos, músicos, grupos de cidadãos.

O objetivo último das grandes corporações do ramo pode ser sintetizado num roteiro ideal, que não está longe de ser atingido porque uma corporação possui subsidiárias em todos os meios. Uma de suas revistas compra um artigo que pode ser desdobrado em um livro, cujo autor é amplamente entrevistado pelas revistas, estações de rádio e de TV da empresa. O livro é transformado em um roteiro para a empresa cinematográfica da corporação e o filme é automaticamente progamado na cadeia de cinemas da corporação. O filme tem a trilha sonora gravada pela companhia de discos do grupo, o cantor é transformado rapidamente em uma celebridade com capas de revistas e entrevistas. O disco é tocado nas rádios AM e FM e colocado entre os mais vendidos. O filme é vendido em videocassetes e depois passa na televisão. Esse mesmo ciclo é repetido nos outros países onde existem subsidiárias das corporações ou mediante acordos com outras empresas, utilizando o mesmo esquema promocional.

Um trio forma o eixo de toda essa máquina: os chefões dos meios de comunicação, as agências de publicidade e as empresas multinacionais produtoras de bens de consumo. Essa conexão disputa uma das mais importantes mercadorias do mundo moderno: a atenção das pessoas. A primeira preocupação de um canal de televisão comercial é o de congelar os espectadores, bloqueando a mudança de canal. Conhecem-se casos de redes de televisivas que se negam a aceitar publicidade de controle remoto, porque gozam da liderança de audiência e preferem se valer da inércia, não correndo o risco de ser submetida a comparações com outros canais.

Até mesmo a edição de livros passa a estar submetida à disposição de financiamento da publicação de obras, fazendo com que vontade de patrocionar pesquisas por empresas privadas funcione como um filtro que passa a definir o que tem prioridade para publicação. O que parece uma ampliação das possibilidades de publicação, com novas fontes de financiamento, na realidade se transforma num condicionamento dos temas, abordagens e autores. Até nas escolas dos EUA existe um programa de *doação* de equipamentos cinematográficos ou de vídeos para estabelecimentos públicos, em troca do direito de exibição de filmes de publicidade de 20 minutos diários. Mesmo antes desses programas, um jovem norte-americano de 16 anos já viu mais do que 300 mil comerciais.

A Declaração pela Liberdade de Informação das Nações Unidas, feita em 1960, estabelecia que "todos os governos deveriam desenvolver políticas favoráveis ao livre fluxo de informações dentro dos países e além de suas fronteiras. O direito de buscar e de transmitir informação deveria ser assegurado para capacitar o público de conhecer os fatos e julgá-los". Naquele momento, a preocupação maior da ONU era com as ditaduras políticas.

Nos anos 90, é chegado o tempo de uma nova Declaração de Liberdade de Informação, desta vez estabelecendo princípios antimonopolistas dos meios de comunicação para todos os países do mundo. Uma convenção internacional preocupada em resguardar a liberdade de opções deve estabelecer os limites sobre quantos meios de comunicação uma pessoa ou uma megacorporação poderia controlar, da mesma forma que outras convenções criaram regras para outros ramos. A questão deve estar dirigida para regular o tamanho das corporações, sem se preocupar com o conteúdo do que elas difunda. Trata-se de garantir um dos pilares indispensáveis da democracia e da liberdade: o livre direito de produzir, de ter acesso e de transmitir informação. Este mesmo problema afeta hoje a Europa em unificação e outros países. A greve dos trabalhadores do setor na Itália no final de janeiro pode ser um marco para a discussão internacional e a elaboração, por toda a cidadania, dos códigos que assegurem a descontaminação da vida dos indivíduos da poluição produzida pelas megacorporações da mídia, em detrimento da democracia e da liberdade dos homens.

Os grandes magnatas de um império feito de notícias

Jean-Luc Lagardere

Aos 37 anos, Lagardere se tornou o presidente da Matra, uma das maiores empresas da indústria bélica francesa. Aos 52, ele comprou a editora Hachette, para o que teve que contar com a amizade do então primeiro-ministro Giscard d'Estaing, pela repercussão causada pelos vínculos diretos entre uma empresa bélica e uma editora.

Desde então, a Hachette se tornou a maior empresa de comunicação do país e uma das maiores do mundo, apoiada em revistas de grande circulação e no controle da rádio Europe. A partir de 1988, a Hachette penetrou definitivamente no mercado editorial norte-americano, tornando-se o maior editor de revistas do mundo.

Lagardere divide com Maxwell, com Murdoch, com Berlusconi e com alguns outros magnatas similares em outros países do mundo — todos chefões dos grandes meios de comunicação — o privilégio de serem as pessoas mais odiadas de seus respectivos países. Isto, porém, não impede que sejam as pessoas que mais tempo disponível dos outros conseguem obter.

Rupert Murdoch

Murdoch começou sua carreira em 1954, depois da morte de seu pai, que lhe deixou um jornal em Adelaide. Ele permaneceu ali até 1960, quando, com 29 anos, iniciou a construção de seu império conseguindo o controle de jornais em Sydney, Melbourne e Brisbane. Naquela época, Murdoch era um vereador socialista. Em 1969, desembarcou na Inglaterra, onde ganhou uma concorrência contra Maxwell pelo *News of the World* e logo comprou também o *Sun* para, em 1977, tornar-se o proprietário da empresa com maior circulação de jornais de língua inglesa. Em 1981, Murdoch comprou o *Times* e o *Sunday Times*. Nos EUA, conseguiu permissão para burlar a lei, comprando uma estação de televisão numa cidade onde ele já possuía um jornal, o que abriu o caminho para ter acesso à compra da Fox, a cadeia de televisão de Murdoch nos EUA.

Silvio Berlusconi

Com o controle majoritário da Editora Mondadori, Berlusconi passa à situação privilegiada de ser o proprietário das duas principais revistas semanais italianas — *L'Espresso* e *Panorama*, do jornal de maior circulação no país — *La Repubblica*, das três maiores redes privadas de televisão — *Rete 4*, *Italia I* e *Canale 5*, o que representa mais de 18% da tiragem da imprensa diária e 33% da semanal, além de 42% das verbas publicitárias e mais da metade do mercado televisivo. Fora da Itália, Berlusconi é proprietário do canal francês *Le Cinq* e do *Canal Cinco* da Espanha. Íntimo dos dois partidos que repartem o Estado italiano há décadas — a Democracia Cristã e o Partido Socialista, de Bettino Craxi, de quem é amigo pessoal — Berlusconi tem um império da informação no país que o credencia a participar da partilha internacional ao lado dos outros magnatas da informação.

Robert Maxwell

Às vésperas da Segunda Guerra, Maxwell deixou a Tcheco-Eslováquia, onde havia nascido, para um refúgio de judeus na Inglaterra. Ingressou na Marinha inglesa, casou-se com uma inglesa, quando jurou: "Vou ganhar uma condecoração militar. Vou recriar uma família. Vou fazer uma fortuna. E serei primeiro-ministro da Inglaterra."

Em 1988 ele adquiriu a editora norte-americana Macmillan por US$ 2,62 bilhões de dólares, o que dá uma idéia de seu poderio atual. Seu jornal principal na Inglaterra é o **Daily Mirror**, com circulação de 3,5 milhões de exemplares, do mesmo estilo sensacionalista dos jornais de Murdoch.

Ele aos 66 anos se considera um político de esquerda moderada, define-se como um "socialdemocrata" e há muito tempo está ligado ao Partido Trabalhista britânico, em cuja legenda ele foi deputado.

O que eles estão pensando

Collor é um político de esquerda?

Dora Bria
Windsurfista

Jorge Guinle
Socialite

Renée Dreiffus
Cientista político

Jambert
Cabeleireiro

Agildo Ribeiro
Humorista

Pepê
Piloto de Vôo Livre e empresário

■ Depende. Sempre foi de direita, mas agora adquiriu um *collorido* levemente avermelhado. Não aquela coisa ultrapassada, aquela cor desbotada do Lula, mas também sem ficar próximo demais do socialismo. A esquerda não sabe se concorda com ele, a direita está esperando. Ficou difícil definir o que o Collor é hoje

■ Sim. Mais precisamente, de centro-esquerda - se comparado ao Brizola, por exemplo. Collor não é um marxista, é claro, mas sem dúvida possui um perfil de esquerdista, independente deste plano econômico, que não era mais do que sua obrigação decretar.

■ Não, não é, apesar de que tem pretendido se situar acima dos compartimentos políticos da sociedade. O seu Plano também não é de esquerda, pois são medidas privatizantes e *transnacionalizantes*; seu referencial de ação não é o da reforma socialista, mas o de aprofundar o sistema capitalista de produção e do Estado brasileiro.

■ Depende. Agora, não existe direita nem esquerda. O que existe é um momento de máxima preocupação com o Brasil, independente de cor, credo ou ideologia. Agora é o Brasil. Não acredito que Collor seja de esquerda só porque favorece o pobre e a classe média. É alguém tentando organizar a sociedade, um homem de centro, como eu sou.

■ Não, definitivamente não. Não é possível! É uma imagem que não consigo conceber na minha cabeça. Ele continua de direita, mesmo que as suas medidas tenham alguma semelhança com as que a esquerda tomaria.

■ Não. Não é de esquerda nem de direita. É progressista. Tanto que a esquerda e a direita estão surpresas com o seu Plano. Suas atitudes são um passo adiante dos velhos conceitos, um impulso em direção à modernidade.

O que ele está fazendo

"Com essa confusão criada pelo Collor no país, é difícil fazer alguma coisa", brinca o professor de Teoria Literária da PUC-RJ. "Mas até que estou com alguns compromissos", completa. Esses compromissos são três textos para simpósios. O primeiro será em São Paulo e terá como tema *Poesia e crítica*. O segundo será sobre o livro *A formação da literatura brasileira*, do crítico e escritor Antônio Cândido, e acontecerá em Marília, interior de São Paulo. O terceiro será em Minas Gerais, sobre *Literatura comparada*. "São iniciativas do Augusto Massi, diretor da coleção *Claro enigma*, da Editora Duas Cidades, mas só o primeiro está confirmado. Ainda não sei o local, mas apenas que será em São Paulo", explica o professor. Além das aulas que dá normalmente na PUC, Costa Lima está com dois cursos na UERJ: *Momentos capitais na história do romance*, analisando de Cervantes a Dostoievski, entre outros, e *A narrativa grega — filosofia e ficção na Grécia*, em colaboração com o professor francês Eric Alliez.

Feiffer

Ano 14 — nº 720, 1º de abril de 1990. Não pode ser vendida separadamente
JORNAL DO BRASIL
Domingo
GERENTES
Um grupo de alto risco
Eles pagam a conta do Plano e às vezes acabam na polícia
prende 3 gerentes de
Sexta-feira, 23 de março de 1990
ida de gerente de agência vi
em 2 mil bancos
complicado trabalho do gerente
à delegacia
Justiça
solta gerente
Gerentes se explicam na PF
CB desrespeita
e tem gerente
por policiais
bancos
DPF prende gerente das Casas da Banha
O gerente-geral do Porcão das Casas da Banha na Avenida Brasil, Jaime Reis, foi preso pela Polícia Federal por estar vendendo mercadorias acima da tabela. P. 2
Populares aplaudiram os agentes federais que prenderam o gerente Jaime Reis
prende gerentes
cantil e Na
Arrocho nos ba
GERENTES QUE
PAGAM SÃO PR

Praias belíssimas, indústria naval, Banerj.

Niterói se orgulha do que tem.

Com as praias oceânicas mais bonitas do Estado — Itacoatiara, Itaipu, Camboinhas e Piratininga — e referenciais históricas da importância da Fortaleza de Santa Cruz, fundada em 1955, Niterói tem como atividade principal a indústria naval e uma população de 500 mil habitantes, em 134 mil km² de área do município. Para muitos moradores, apesar do desenvolvimento, Niterói ainda guarda traços de cidade provinciana, calma e com a maior parte de sua beleza natural preservada.

Niterói é o sexto município mais populoso do Estado.

Na indústria naval, o Estaleiro Mauá — o maior de capital nacional e também o que constrói o maior número de navios para armadores do país e do exterior — é pioneiro no Brasil. Destacam-se ainda o McLaren, Ebin, Renave e Enave.

As duas principais colônias pesqueiras, Jurujuba e Itaipu, geram milhares de empregos nas fábricas de sardinha em conserva. O comércio e a prestação de serviços também se colocam entre os pontos fortes da economia.

Ao longo das praias de Icaraí, São Francisco e Charitas encontra-se a maioria das opções de lazer, como cinemas, teatros, clubes, restaurantes e bares. Entre os pontos turísticos, destacam-se a igreja de São Lourenço dos Índios, o forte de Gragoatá, o acervo arqueológico e paisagístico da Ilha da Boa Viagem, o Parque da Cidade, o Horto Municipal, o Solar do Jambeiro e o Teatro Municipal, que será reformado ainda este ano. A Praça da República também faz parte do roteiro turístico. Situada em frente à Câmara Municipal, foi derrubada para construção de um prédio no Governo Raimundo Padilha. Em 1975, com a fusão, a obra foi paralisada, ficando no local apenas o esqueleto. No Governo Moreira Franco, o prédio foi implodido e reconstruída a Praça da República, já entregue aos niteroienses.

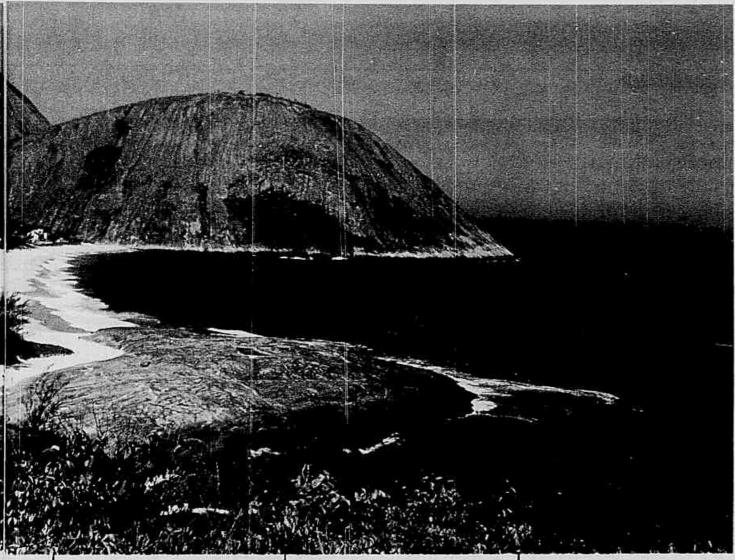
A colônia de pescadores de Jurujuba é uma das principais de Niterói e fornece sardinhas para as fábricas de conserva.

O ÍNDIO FUNDADOR DA CIDADE

A história de Niterói começa em 1573, quando o índio Araribóia chega ao Morro de São Lourenço. Cacique da tribo dos Temiminós que habitavam o atual Estado do Espírito Santo, Araribóia, que significa "cobra feroz", ajudou Mem de Sá a expulsar os franceses que, desde 1555, haviam invadido o Rio de Janeiro e estabelecido fortaleza na Ilha de Sirigipe, hoje Villegaignon. Depois de conquistar a vitória e a confiança dos portugueses, Araribóia foi batizado com o nome de Martim Afonso de Souza, e escolheu o Morro de São Lourenço para fundar sua cidade.

A Igreja de São Lourenço, inaugurada em 1573, é o marco de onde nasceu Niterói.

Em Niterói, como em todas as agên[...]
você encontra todos os serviços d[...]

Itacoatiara é o ponto preferido dos surfistas.

O marco desse gesto está de pé até hoje. É a igreja de São Lourenço dos Índios, inaugurada dia 22 de novembro de 1573. Ela fica na Praça General Rondon, no alto do Morro de São Lourenço, e numa placa de bronze, na porta principal, lembra bem o orgulho que a população tem pela cidade: "A Igreja de São Lourenço, que o tempo jamais destrói, é o marco, cheirando a incenso, de onde nasceu Niterói."

A lagoa de Piratininga, entre o mar e a montanha, é um paraíso natural.

UMA ATRAÇÃO MUITO ESPECIAL

A beleza natural das praias contagia o visitante: não há quem fique insensível diante dos atrativos de Itaipu, Camboinhas, Itacoatiara e Piratininga. A cerca de 22 km do centro de Niterói, Itaipu é uma colônia de pescadores valorizada por figuras históricas como "seu" Oscar, de 62 anos. Aposentado, nasceu em Itaipu e lembra que, quando menino, brincava na areia quase deserta. Mais tarde saiu para o mar, trazendo sempre o barco cheio de peixes, que a poluição não afastou de Itaipu. Ele também se orgulha de ter ajudado a construir o santuário de São Pedro, protetor dos pescadores.

Outro personagem nascido no lugar é Alcebíades Gomes de Araújo, o Bidu. Com 46 anos, mergulha há 30 anos, pescando polvo. Em seu barco, usando nadadeiras, máscara, respirador e um bicheiro (anzol grande preso na ponta de uma haste de ferro), Bidu desce cerca de 20 metros e não há polvo que lhe escape. Seu recorde são 200 quilos em duas horas e meia.

Camboinhas é a continuação de Itaipu, só separada por um canal artificial, mas sua beleza também atrai milhares de banhistas nos fins de semana. A praia de Itacoatiara, que fica logo depois de Itaipu, é outro paraíso natural de Niterói. Todas as ruas têm nome de flores. A entrada parece um condomínio particular, mas uma cabine da PM mostra que o lugar é de todos que respeitem as regras. Uma placa avisa que é proibido a entrada de ônibus de excursão, caçar e apreender aves e animais silvestres.

Piratininga é a praia mais procurada e a mais popular de Niterói. Com a inaugura-

Em Itaipu os visitantes convivem com pescadores, como o Sr. Oscar, que nasceram e passaram toda a vida na praia.

ção do calçadão, em 1981, pelo então prefeito Moreira Franco, as melhorias foram surgindo. Nos quiosques ao longo dos 3 km de extensão da praia, famílias e casais de namorados passam momentos descontraídos, durante o banho de mar e também à noite. A paisagem é única: de um lado o mar aberto com ondas sempre convidativas e do outro a montanha. Separando esses dois pontos, a lagoa, que leva o mesmo nome da praia.

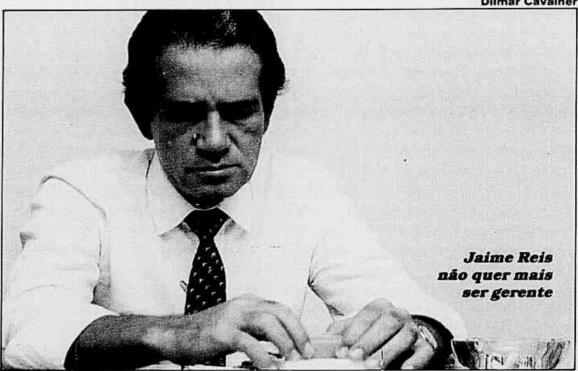
CONVERSA DE DOMINGO

Dilmar Cavalher

Jaime Reis não quer mais ser gerente

— **Ladrão, bota na caçapa!**

O grito ecoou dia desses na calçada do CB-Porcão, quando um homem cabisbaixo estava sendo levado pela Polícia Federal. O 'temível' personagem era Jaime Reis Filho, 56 anos, 20 de supermercado, sendo que 12 deles dedicados a uma profissão que, antes de 16 de março, tinha seu charme e poder, mas que agora virou uma ocupação de risco. Jaime é gerente e estava sendo conduzido à delegacia para prestar esclarecimentos sobre o preço de alguns produtos. A bem da verdade, a frase deve ser corrigida: Jaime **era** gerente. "Não quero mais, nunca mais", declarou, depois de passar algumas horas diante dos policiais, ao repórter Sérgio Rodrigues, que apurou, junto com Esther Damasio, a matéria de capa desta edição.

A culpa é da medida provisória nº 153, já revogada, que definia crimes contra a economia popular, e colocava gerentes de supermercados e bancos no papel de vilões do Plano Brasil Novo. É uma profissão em cheque — e olhe que para praticá-la, há pessoas, como Wilem Tavares, gerente do supermercado Big, no Leblon, que recebem ao final do mês um cheque de apenas Cr$ 9 mil. O presidente do Banerj, Márcio Fortes, acha que os problemas dos últimos dias "fazem parte integrante das funções do gerente", enquanto Larissa Elias, que viu o gerente de seu banco ser preso, acredita que "os verdadeiros culpados são os banqueiros e donos de supermercados". A razão encontra-se perdida em alguma fila.

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

SUMÁRIO

Marcelo Régua

Luiz Oscar Niemeyer

Natanael Guedes

Fila da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém

Ricardo Leoni

Domingo

Editores Alfredo Ribeiro e Joaquim Ferreira dos Santos. **Subeditores** Fábio Rodrigues e Paulo Vasconcellos. **Redator** Cadu Ladeira. **Repórteres** Cláudio Figueiredo, Helena Tavares, Maria Sílvia Camargo, Márcia Vieira, Mauro Ventura, Sidney Garambone, Sérgio Rodrigues. **Moda** Regina Martelli. **Arte** Fábio Dupin (editor), Fernando Pena (subeditor). **Diagramadores** David Lacerda, Eliana Krajcsi, Ila Maria Kohen. **Fotografia** Jurandir Silveira (editor), Hipólito Pereira (subeditor). **Colaboradores** Apicius, Bruno Liberati, Danusia Barbara, Dulce Caldeira, Esther Damasio, Carlos Magno, Marilia Sampaio, Miguel Paiva, Roni Filgueiras, Regina Rito, Tutty Vasques. **Secretária** Oneir Pinho. **Secretário gráfico** José Fernando Cordeiro. **Gerência comercial** Heloysa Helena C. Magalhães — **RJ.** Tels.: 585-4324 e 585-4322; Tile Avelaira — **SP.** Tel.: (011) 284-8133. **Redação** Av. Brasil, 500/ 6º andar. Tel.: 585-4697. **Composição e fotolito JORNAL DO BRASIL. Impressão JB Indústrias Gráficas S/A.** Rua P., nº 200, Penha. Uma publicação do **JORNAL DO BRASIL.**

Nº 726, 1º de abril de 1990
Capa: Foto de Bruno Veiga

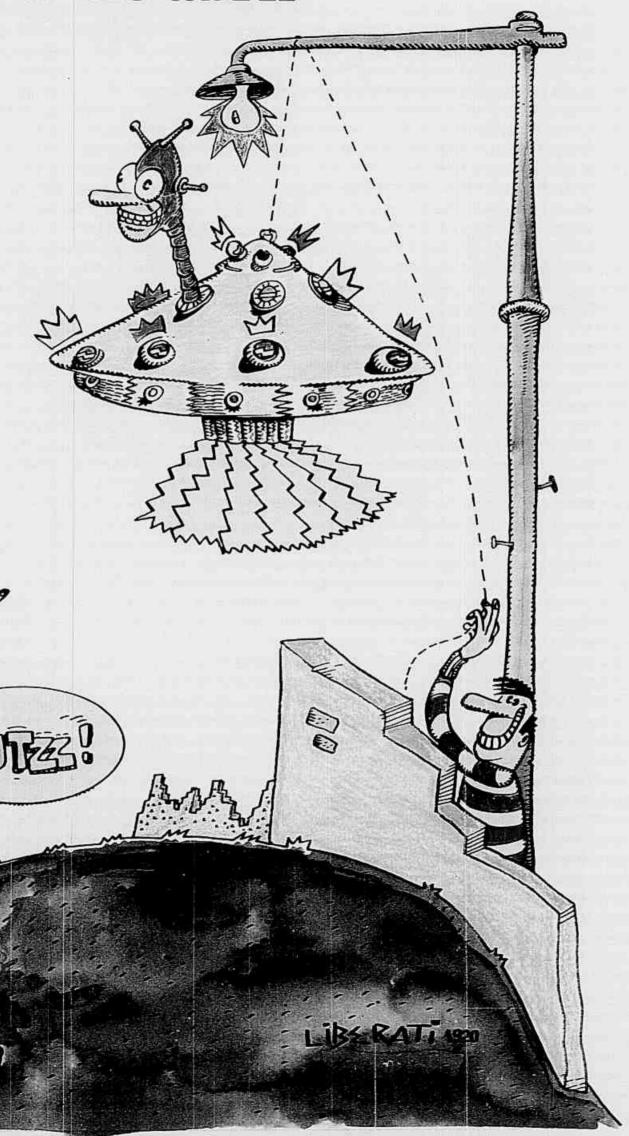
● COMPORTAMENTO

Caímos no 1º de abril

Mentir deixou de ser uma brincadeira com data e virou cotidiano

Aquela irritação de todo carioca que precisa usar o telefone está com os dias contados. O presidente da Telerj, Joost van Damme, entrega hoje à cidade 250 mil novos terminais telefônicos que irão descongestionar as linhas e baixar em 20% as tarifas. O investimento de Cr$ 100 milhões termina também com o sofrimento dos 50 mil inscritos no Plano de Expansão da empresa, que terão finalmente seu telefone instalado.

Ninguém vai cair no conto acima — e não é porque hoje é 1º de abril, consagrado como o dia da mentira, mas porque já está todo mundo cansado de ouvir essa lengalenga. No Brasil é assim: o 1º de abril não cai num único dia do ano. Ele é vivido cotidianamente. Exemplos não faltam. São as autoridades que prometem não mexer na caderneta de poupança, levar o metrô até Ipanema e acabar com a violência em seis meses — o Brasil oficial, do papel, é lindo. São ainda os *171* — espertalhões que ganham a vida enga-

nando os outros. E são também os próprios cidadãos, que descumprem sem cerimônia a maioria das leis.

EXCEÇÃO E REGRA. Talvez por isso sejam cada vez mais raros os que ainda se animam a inventar mentirinhas. "Perdeu a graça, já se prega tanta peça no dia-a-dia", lamenta o cartunista Ota, editor da revista Mad. Em outros tempos, Ota não se contentava em brincar só no dia 1º de abril, caçoava dos colegas durante uma semana. "Eu adorava", lembra. "A brincadeira tem que ser uma exceção, mas no Brasil já se tornou regra há muitos anos", constata o filósofo e ficcionista Roberto Gomes, autor do livro *Crítica da razão tupiniquim*, já na 10ª edição. Quem ainda se dispõe a cultivar o costume, porém, tem um aliado na Confeitaria Colombo. A casa parou de fabricar há 10 anos o salgadinho *Maravilha*, com algodão dentro, mas ainda tem a bala de ovo com pimenta e sal. "O espírito alegre resiste", acredita José Pereira, chefe de confeitaria da loja do Centro. "Mas já se brincou mais", ressalva Miguel de Almeida Fernandes, gerente da loja de Copacabana. Tanto que foram feitos apenas três quilos da bala (o quilo está a Cr$ 280).

O dono da retífica Recamovo, Afonso Carapenticov, é um que resolveu ignorar o sinal vermelho da crise e retomar a tradição. Preparou um anúncio comunicando o fim da crise do álcool para publicar hoje. Só que o Plano Brasil Novo acabou com a liquidez e com a festa. Carapenticov cancelou a brincadeira. "*Nego* está com os nervos à flor da pele e não dá nem para fazer mais piadinhas." Mas ele é um privilegiado. Afinal, é um dos poucos que não se tornou vítima do engodo do carro a álcool. No auge da euforia pelo novo combustível, chegou a converter por dia 30 carros de gasolina para álcool, quase todos de órgãos públicos. Mais recentemente, em tempos pré-Plano Brasil Novo, passou a transformar diariamente 10 carros de álcool para gasolina. Nenhum com chapa branca. "O usuário é sempre o bobo da história", constata.

Não é de hoje. "Os sucessivos traumas que o brasileiro vem sofrendo — da morte de Tancredo Neves ao Plano Cruzado — baniram o senso lúdico e o tom de puro jogo infantil", acredita Roberto Gomes. Esse desrespeito também tem ajudado a pavimentar a estrada que leva à delinqüência. "Existe no Brasil uma irresistível tendência à inobservância de normas", verifica o advogado Antônio Carlos da Gama Barandier. "Aqui todas as leis são descumpridas", concorda o advogado Jorge Béja, especialista em responsabilidade civil, que já entrou com mais de 500 ações indenizatórias por desobediência a leis. "O povo desconhece seus direitos e não vê consideração do governo para com ele", entende. E reage. É o que o psicanalista Eduardo Mascarenhas cha-

Bruno Veiga

A confeitaria Colombo mantém a tradição com suas balas de sal

Flávio Rodrigues

Sinal vermelho serve de enfeite

A mentira de cada um

Artur Omar, *41 anos, cineasta* — Uma vez descolei a melhor mulher de uma festa. Dançamos inebriados a noite inteira, nos beijamos e nos alisamos. Tripudiei meus amigos, que estavam sozinhos. Só que a tal mulher era um travesti.

Alceu Valença, *43 anos, músico* — Minha empresária aplicou todo o meu dinheiro e o dela na Coroa Brastel. Perdi tudo. Foram três anos de trabalho jogados fora.

Isabel Stasiak, *33 anos, modelo e empresária* — Fui com outras modelos famosas recepcionar alguns políticos e suas famílias em Belo Horizonte. Na hora descobrimos que eles queriam outra coisa. Reclamei e um deles, hoje bem em voga, me chamou de ingênua e disse que eu não ia receber o dinheiro. Fiquei até 4h30 da manhã pegando friagem, mas aprontei: risquei o carro chapa branca e escondi as chaves.

Úrsula Canto, *27 anos, atriz* — Um produtor chamado Cavalcanti me ligou convidando para fazer o papel principal de um filme que o Martin Scorcese rodaria no Brasil. Seria a grande chance da minha vida. Marcou um almoço num restaurante de luxo e até hoje não apareceu.

Hilton Berredo, *36 anos, artista plástico* — Nas vésperas da Bienal de 1985, levei a delegação argentina para ver minha exposição. Ao chegarmos, as peças estavam espalhadas pelo chão: a dona da galeria tinha desmontado tudo para pôr outro artista no lugar. Fiquei furioso.

Renato Velasco

O motorista cobrar é ilegal

Bruno Veiga

Plano Brasil Novo frustrou 1º de abril de Afonso Carapenticov

ma de "revanchismo generalizado." Ou o que o psicanalista Jurandir Freire Costa chama de legislar em causa própria.

ACHADO É ROUBADO. Essa institucionalização da mentira se dá em todos os níveis — é bom não esquecer o que os médicos noticiavam no dia 1º de abril de 1985: "Os riscos do Presidente Tancredo Neves são mínimos. Ele está fora da fase crítica." Também aquele papo de que achado não é roubado é furado. Apropriar-se de objetos achados é crime. Alguém precisa avisar a cantora Fafá de Belém e o presidente Collor de que o hino e a bandeira nacionais são símbolos inalteráveis. A lista de exemplos é infinita. Levar para casa papel ou qualquer outro material da repartição é peculato, informa o professor Augusto Thompson em *Quem são os criminosos*. Já o Código Nacional do Trânsito proíbe em seu Artigo 84, Letra A, que os motoristas de ônibus sejam também cobradores. Exatamente o que ocorre com os microônibus que a CTC pôs há pouco nas ruas do Centro. Essa tradição de desobediência do trânsito motivou uma frase definitiva de Millôr Fernandes: "Dirigir bem (no Brasil) é ultrapassar devagarzinho o sinal vermelho." Uma atitude que revolta estrangeiros, como o alemão Georg Herz, diretor de relações externas da Unysis. "Vivo aqui há 50 anos, adoro o país", diz Herz, que preside a Associação dos Amigos da Sala Cecília Meirelles. "Mas até o fim dos meus dias não vou me acostumar à falta de disciplina e de civismo do brasileiro."

A impunidade generalizada desobstrui o caminho para os golpes. As estatísticas do Artigo 171 do Código Penal, que engloba do conto-do-vigário à emissão de cheque sem fundo, vêm engordando assustadoramente. Em 1982, a Delegacia de Defraudações, que trata dos crimes acima de 52.604 BTN, registrou 511 casos de estelionato. Em 1988, esse número subiu para 708 e, ano passado, para 1.380. O número de inquéritos abertos este ano já chega a 245. "A pessoa nunca é só vítima. A cobiça e a ilusão de ganhar dinheiro rápido falam mais alto", avisa o delegado Bismarck Sant'Anna. O golpe mais freqüente é o do diploma falsificado por funcionários públicos ou estudantes. Mas não é raro o caçador se transforma em caça. É que algumas faculdades particulares aceitam o aluno mesmo sabendo que o diploma é falso. Nas vésperas da formatura, a faculdade dá queixa e o curso é invalidado. Artifícios como esse são comuns. Teve até quem se deu bem com a crise do álcool, como explica Hélio Trigo, dono da agência de automóveis Diske Car. É que muitos sabidões — ele, inclusive — compraram carro a álcool, converteram o motor, trocaram os documentos no Detran e venderam como se fosse a gasolina. Diante de tanta malandragem, não causa surpresa que as brincadeiras ingênuas estejam desaparecendo.

MAURO VENTURA

Bruno Veiga

Úrsula viveu a ilusão de que um dia trabalharia com Martin Scorcese

Que fila é essa?

Fila — quem não tem, teve ou terá a sua? Nos últimos dias o país inteiro esteve numa delas, a dos bancos, exatamente um mês depois de ter ficado na do álcool e dias antes de alguma outra. Neste teste você identifica filas célebres. É ótimo passatempo para quem está numa delas.

Pesquisa: Sandra Coelho
Arte: Édio Xavier

João Cerqueira

1
a) Fila para o GP de Fórmula 1, Rio, 1989
b) Engarrafamento na Região dos Lagos, 1990
c) Opep sobe preço, óleo racionado, 1979
d) Tem álcool neste posto, Rio, 1990

Dilmar Cavalher

2
a) Açougue vende filé a Cr$ 10 o kg, 1990
b) Plano Cruzado deixa o boi no pasto, 1986
c) Açougue na Romênia de Ceaucescu, 1988
d) Arte conceitual em Nova Iorque, 1969

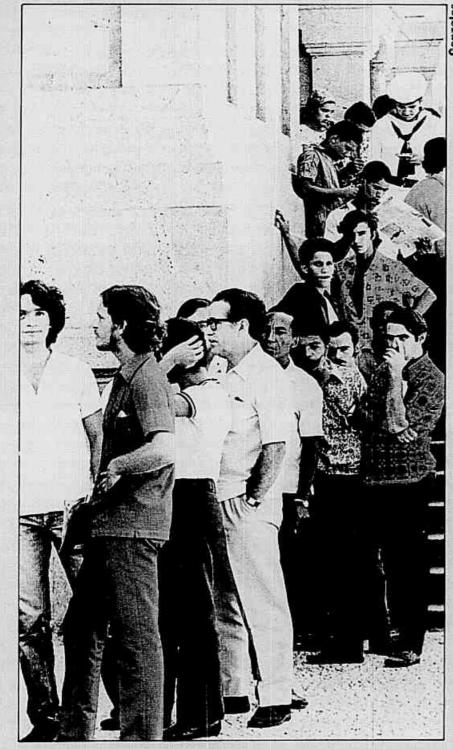
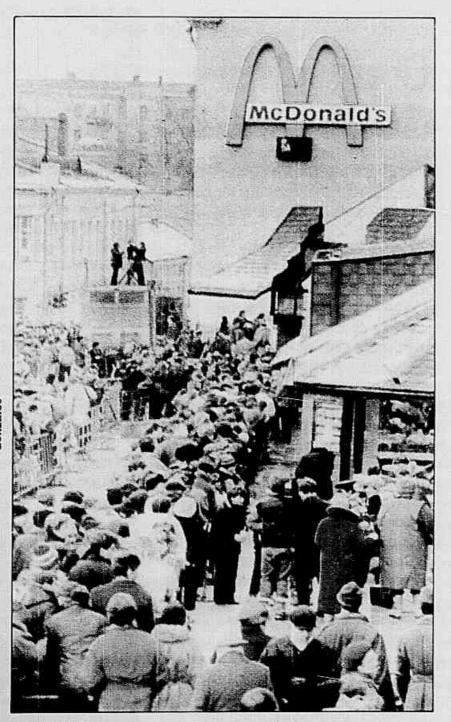
André Câmara

3
a) Fila de *Embalos de sábado à noite*, 1977
b) Ingressos para o Rock in Rio, 1985
c) Vestibular, quando tinha fila, 1986
d) Pagamento do funcionalismo público, 1987

W. Santos

4
a) Prisões no congresso da UNE, Ibiúna, 1968
b) Fila do alistamento militar, 1966
c) Inscrição para peão do Metrô, Rio, 1975
d) Blitz na Baixada Fluminense, 1969

5
a) Olha o Cometa Halley! 1986
b) Explodiu o Challenger, 1986
c) Titãs em Õ blésq blóm, 1990
d) Trenzinho da alegria, 1988

Gonzales

6
a) Ingressos para ver Fla X Botafogo, 1972
b) Marinheiros presos após greve, 1963
c) Pagamento de funcionários do SNI, 1970
d) Ingressos para a ópera *Carmen*, 1990

7
a) Liberaram os passaportes na URSS, 1988
b) Fila para comer Big Mac em Moscou, 1990
c) Brasileiros em Bariloche, 1987
d) Raisa mostra a perestroika, 1987

Calazans

8
a) Seleção de manequim de trem-fantasma, 1972
b) O dentista chegou atrasado, 1967
c) Colegas de sala de aula do Arnon, 1989
d) Estréia *Help*, dos Beatles, no Rio, 1965

Respostas 1) d, 2) b, 3) c, 4) a, 5) c, 6) a, 7) b, 8) d

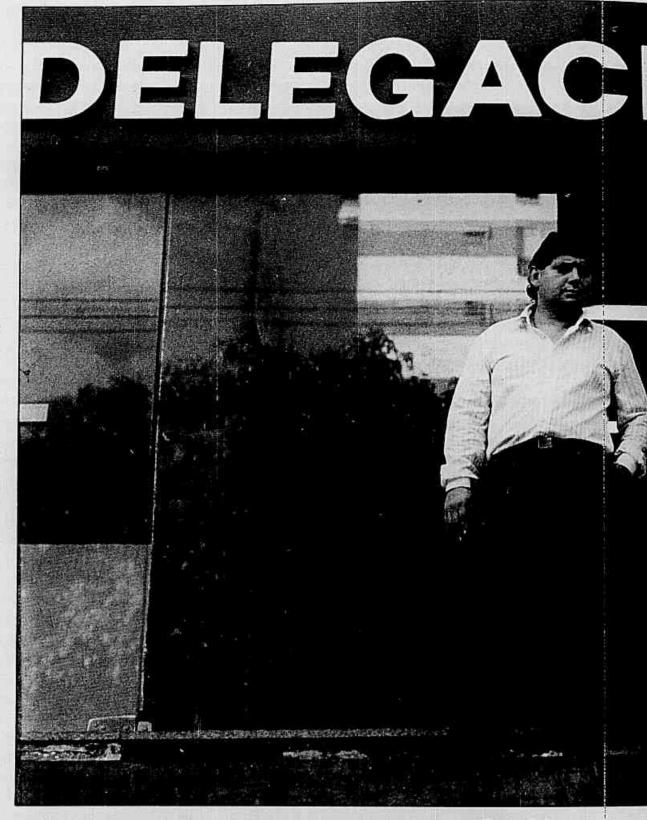
CAPA

O Judas do Brasil Novo

Às voltas com o Plano, os gerentes enfrentam polícia e consumidores

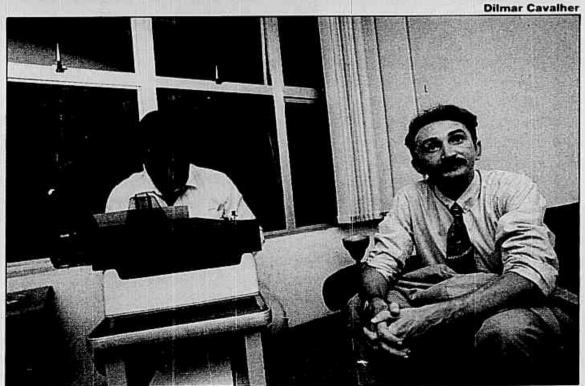
Na tarde de quinta-feira, 22 de março, quando o Plano Collor estava prestes a completar uma semana, um homem sério, de meia idade e cabelos grisalhos, saiu pela porta principal do hipermercado Porcão, da rede CB, na Avenida Brasil, acompanhado por policiais federais e fiscais da Sunab. Centenas de pessoas, fregueses da loja ou não, excitadas pela *blitz* que vinham acompanhando de perto, aplaudiram a ação da polícia, mas não ficaram satisfeitas ao ver que o homem era autorizado a entrar num Chevette particular — pertencente a seu filho — em vez de ser enfiado no camburão. "Bota na caçapa!", começaram a gritar. "Ladrão! Filho da...", bradavam outros. Na confusão, muitos batiam na capota e balançavam o carro, ameaçando virá-lo. O homem — Jaime Reis Filho, 53 anos e há 20 trabalhando em supermercado, 12 deles como gerente — recordou a cena muitas vezes em sua insônia naquela noite, como se evocasse um pesadelo. "Isso foi o mais duro, ver os consumidores me tratando como um marginal", diz.

Depois de horas sob uma suspeita inédita em sua carreira — ele escapou até da fúria dos *fiscais do Sarney*, na época do Plano Cruzado —, Jaime foi liberado e voltou para casa, mas só conseguiu dormir às quatro da manhã. Amadurecia em sua cabeça uma decisão: "Ser gerente, nunca mais" (veja quadro na pág. 12). Como ele, o país inteiro acompanhou nas duas últimas semanas a decadência do charme da gerência, uma atividade que já foi o sonho de muita gente, por pagar bem e dar prestígio, mas que, em momentos de

Fernando Lemos

Alérçon, que custa Cr$ 200 mil à Caixa, ajudou a organizar fila

Carlos Mesquita

Luiz Lopes, do Disco, ligou para a polícia e acabou sendo preso

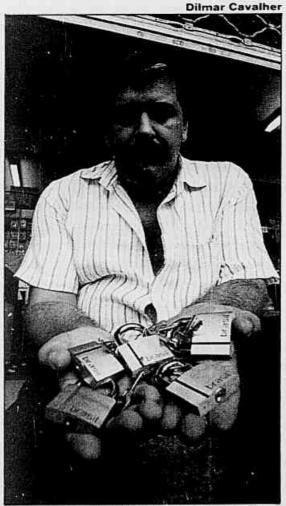
Dilmar Cavalher

Valdir, do Itaú, foi para a delegacia num carro com sirene ligada

alvoroço social e indefinição econômica, fica exposta como nenhuma outra ao fogo cruzado — ou seria fogo cruzeiro? Nas duas primeiras semanas de aplicação do Plano Collor, centenas de gerentes de bancos, lojas de departamentos e supermercados de todo o país pagaram o pato. Trabalharam em dobro para se adaptar às novas medidas, confundiram-se com as normas que o Banco Central corrigia dia a dia, foram tratados como suspeitos ou autuados em flagrante como criminosos e ouviram reclamações ofensivas de clientes exaltados.

TEMPORADA DE CAÇA. O gerente comercial do Itaú da Rua da Assembléia, Valdir de Oliveira, sentiu o problema na pele ao ser levado no carro da polícia, com sirene ligada e tudo, para a Delegacia de Defraudações. "Queriam que eu pagasse uma retirada de CDB imediatamente, mas o cálculo só pode ser feito na sede, em São Paulo", justificou-se, antes de ser liberado. O gerente operacional do Banerj da Avenida Rio Branco, 185, Alfredo Almeida, 46 anos, foi mais feliz, mas também se angustiou. "Estou dando visto em cheques de Cr$ 20 mil sem saber se têm fundos. Isso não existe!", espantava-se. Nos primeiros dias, ele não permitiu saques de poupança fora da data do vencimento, nem aceitou o pagamento em cruzados de contas emitidas antes da decretação do plano, ao contrário do que determinava o BC. "Não veio ordem especifica do banco para isso", explicou. Ou seja: se passasse um policial por ali, poderia ser preso. Mas acha que isso seria uma grande injustiça, diante da confusão geral. "A própria Zélia está insegura e se confunde com as perguntas que lhe fazem. Vi o Tuma falar um monte de bobagens na televisão", afirmou.

> *"O pior foi ver que os consumidores me tratavam como marginal. Ser gerente, nunca mais"*

Com a suspensão, segunda-feira passada, da medida provisória 153, considerada inconstitucional por

Dilmar Cavalher

Jordão: cadeados contra saques

juristas e congressistas, os gerentes puderam respirar um pouco, mas a guilhotina continua pairando sobre suas cabeças. Permanece inalterado o dilema de um profissional que ganha para atuar na linha de frente das empresas, cara a cara com um público que, na ânsia de zelar pelos bolsos esvaziados há anos, está sempre disposto a reclamar. Afinal, as penas para os crimes contra a economia popular — ainda que mais brandas do que as previstas na medida 153 — ganharão no Congresso a força de lei. Em outras palavras: a temporada de caça ao gerente deve prosseguir. O delegado-titular da Delegacia de Defraudações, Bismarck Costa Sant'Anna, de tanto ver gerentes de banco passarem por sua sala nessas duas semanas, compreende a situação difícil em que eles foram colocados. "Pegue o exemplo de um banco que não está seguindo o Banco Central. Se o gerente pagar o que o cliente exige, perde o emprego. Se não pagar, é preso. O que você escolheria?"

Para muita gente, como o gerente Jaime, não é difícil resolver esse problema: basta trocar de função. "Nessas horas, pela responsabilidade e pelo volume de trabalho, não vale a pena ser gerente", pondera Antônio da Silva Jordão, 40 anos, responsável pelo supermercado Rio da Estrada Velha da Pavuna e atingido por outro fantasma que assombra os supermercados neste momento de crise: o saque. Em fevereiro, Jordão recebeu um pouco menos de NCz$ 12 mil líquidos, já incluídas as gratificações — para chegar em casa, em Riachuelo, onde o esperam mulher e quatro filhos, é obrigado a pegar dois ônibus. Enquanto reforça os trincos da loja com cadeados enormes, para evitar novos saques, tem o consolo único de não ser um poupador: "Pelo menos, o Plano não me levou dinheiro nenhum."

Era uma vez um gerente

Enquanto Jaime Reis Filho, gerente do Porcão, prestava esclarecimentos na sede da Polícia Federal sobre os preços de dois produtos que os fiscais consideraram suspeitos — sal e lingüiça —, o telefone tocou em seu apartamento de dois quartos no Méier, que ele comprou financiado e ainda não terminou de pagar. Sua mulher, Marinilda, atendeu e recebeu de sua irmã a notícia que todas as rádios já divulgavam. Teve uma crise de choro. Mais tarde, quando chegou a assistente social que a direção do supermercado mandou para consolá-la, o telefone tocava sem parar. Amigos e parentes tinham sabido da novidade e ficaram preocupados com a saúde de Jaime.

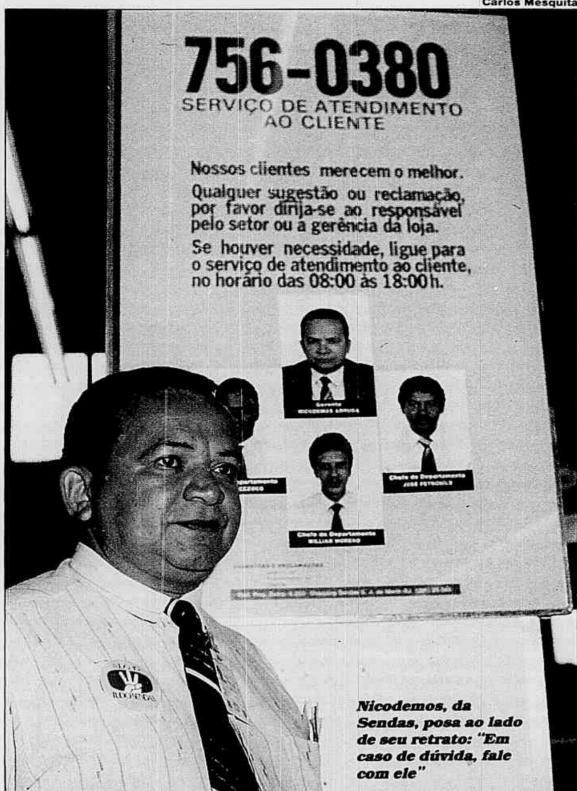
A preocupação fazia sentido. Segundo Marinilda, o marido é "um homem aparentemente calmo, mas na verdade muito tenso, muito sério, que interioriza os problemas e faz questão de fazer tudo certinho". Um rigor que o levou, na segunda-feira anterior, a tomar a decisão de não abrir o Porcão, para que as etiquetas em cerca de 200 mil produtos fossem conferidas à exaustão. Esse mesmo rigor e senso de disciplina transformaram a humilhação daquela quinta-feira num trauma inesquecível. "A polícia foi correta, mas fiquei profundamente abalado com as coisas que a multidão gritou para mim", diz. Naquela noite, decidiu que jamais voltaria à função de gerente. No dia seguinte começou a trabalhar na sede da empresa, coordenando a assistência às lojas.

Com dois filhos casados e dois netos, ganhando algo próximo de NCz$ 35 mil em fevereiro e morando num típico apartamento de classe média no Méier (com direito a três-em-um CCE e enciclopédia Conhecer na estante da sala), Jaime elogia o Plano Collor. "Fiquei só com NCz$ 13 mil bloqueados, e mesmo assim porque tinha recebido uns quebrados da aposentadoria." Mas acha que o público está cometendo injustiças na fiscalização dos preços. "O arroz branco está tabelado, mas o amarelo não. Só que a maioria dos consumidores é desinformada", exemplifica. Agora, está definitivamente afastado desses problemas.

Jaime Reis, detido pela PF, ficou "profundamente abalado"

Carlos Mesquita

Nicodemos, da Sendas, posa ao lado de seu retrato: "Em caso de dúvida, fale com ele"

Mauro Nascimento

Carlos Rocha passou a noite preso e pensa em processar Saboya

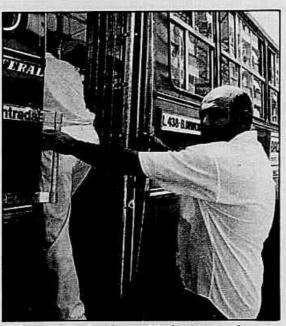
GRANADA FEDERAL. Há quem ganhe ainda menos do que Jordão para segurar *abacaxis* semelhantes. É o caso de Ilzo de Almeida, 26 anos, gerente do supermercado Carneiro, de Vicente de Carvalho, na Zona Oeste. Ele ficou traumatizado após uma tentativa de saque e manteve a loja funcionando com uma única porta aberta. "Parece que somos os culpados de tudo. Se arrumar outro emprego, mudo de profissão", desabafou ele, que em fevereiro ganhou apenas NCz$ 6 mil. Mas também há gerentes, principalmente nos bancos, que recebem gordos salários (veja quadro na pág. 14). O que há em comum entre Ilzo e Alérçon Parreira de Gouveia, gerente da agência Leblon da Caixa Econômica Federal, que revela ter tirado perto de NCz$ 200 mil em fevereiro? Apenas o nome de gerente e o fato de gozarem da confiança dos donos de suas empresas — além, claro, dos aborrecimentos próprios da carreira que abraçaram.

"Até Zélia está confusa e insegura. Vi o Tuma na TV falar um monte de bobagens"

Geraldo Campos de Faria, 49 anos, por exemplo, pegou "uma granada federal" ao assumir, menos de duas semanas antes da decretação do Plano, a agência da Caixa Econômica Federal na Avenida Almirante Barroso — a maior agência bancária da América Latina, com 330 mil contas. Mas a maior chateação que sofreu não partiu dos clientes, e sim de vizinhos e amigos. "Todo mundo vem me pedir informações sobre o Plano: em casa, pelo telefone, no elevador", queixa-se. "E às vezes não tenho como responder. Uma conta conjunta dá direito a dois saques, mas, e se um dos titulares já morreu?", lança a dúvida. É grande a confusão. Quando chamou a polícia para deter cerca de 30 pessoas que saquearam sua seção de importados, no último dia 23, o gerente do Disco da Rua Conde de Bonfim, Luiz Guilherme Lopes,

não imaginava que iria acabar ele próprio na delegacia: os policiais descobriram carne estragada no açougue e mercadorias iguais com preços diferentes. "Acho que os clientes queriam provocar uma reação, pois alguns funcionários viram donas-de-casa trocando as etiquetas de preço", defende-se ele, repetindo uma queixa de vários gerentes.

CASO DE COAÇÃO. A confusão não prejudica apenas os gerentes. Embora muitos bancos tenham cometido irregularidades, o secretário de Polícia Civil do Estado, Hélio Saboya, escolheu a razão errada para prender e autuar em flagrante o gerente Carlos Rocha, da agência Castelo do Mercantil de São Paulo. O gerente se recusou a autorizar dois saques de 20% de uma conta do *overnight* que tinha dois CPFs. Naquele mesmo dia, o BC havia divulgado um esclarecimento dando razão ao gerente. "Sinto muito se errei, mas é difícil ser polícia numa hora tão confusa", desculpou-se Saboya. Carlos Rocha, 40 anos e gerente há 10, pagou fiança para ser libertado no dia seguinte, depois de passar a noite num sofá da Coordenadoria de Análise, na sede da Polícia Civil, e considera a possibilidade de processar o secretário por danos morais. "Foi praticamente uma coação: ou você paga ou é preso. Antes de chegar a polícia, uma equipe da TVS já estava esperando fora da agência", afirmou.

As bombásticas investidas das autoridades contra os gerentes — que o líder do próprio PFL, Ricardo Fiúza, chamou de "espetáculos circenses" — podem ter tido platéias entusiasmadas, mas não ganharam o apoio irrestrito da população. "O gerente é um pau-mandado. Culpados são os banqueiros", acredita o funcionário público aposentado José Mello, 72 anos. "Acho um absurdo. Fica sendo uma demonstração de poder que não atinge os verdadeiros culpados", protestou a cliente do Mercantil Larissa Elias. "Estamos dispostos a investigar uma cadeia de responsabilidades que chegue até o ponto mais alto, até os diretores", garante o delegado Bismarck Sant'Anna, numa promessa que ganha credibilidade diante do caso Eldorado, em São Paulo. No entanto, o gerente que se nega a cumprir a lei, ainda que esteja cumprindo ordens, "passa a ser criminoso e tem que ser detido", segundo explicou Hélio Sa-

Fotos de Renato Velasco

Diferenças começam no salário

"Espelho, espelho meu — existe gerente mais eficaz que eu?", quis saber um dia o norte-americano Ernest Dichter. A pergunta virou título de um de seus livros, editado pela McGraw Hill, e, no Brasil, serve de lema para a carreira de Ciro Beltrão, 46 anos, no Banerj: "Procuro fazer tudo a que me dedico da melhor maneira possível." Esse mesmo entusiasmo com a profissão não é compartilhado por Wilem Tavares, 40 anos, funcionário dos supermercados Big: "Se eu pudesse, mudava de emprego." Ciro e Wilem são gerentes, trabalham a poucas quadras um do outro, no Leblon, mas as coincidências entre os dois terminam por aí. As diferenças começam nos salários. Ciro recebe por mês o que Wilem não fatura em um ano de trabalho.

Wilem Tavares é funcionário da rede Big há 11 anos, e, em fevereiro, seu salário mensal girava em torno de NCz$ 9 mil, por 12 horas diárias de trabalho durante seis dias da semana.

Ciro Beltrão (no alto) chega de Santana Quantum no Banerj; Wilem vai de ônibus ao trabalho

Ciro Beltrão também trabalha muito. Há 20 anos no Banerj, ele passa atualmente 12 horas de seu dia na agência Leblon, mas no início de março viu transferido para a sua conta um salário de NCz$ 120 mil. Nada mal. Com esse dinheiro, dá para chegar ao banco a bordo de um Santana Quantum, que diariamente parte da garagem de um prédio da Lagoa, onde Ciro ocupa um amplo apartamento. A alvorada de Wilem é bem mais austera. Acontece em Guadalupe e é sacudida pela rotina das viagens em dois ônibus, antes do desembarque junto à loja da Rua General Artigas.

É verdade que Wilem tem um Fusca 68, um luxo que só sai da garagem aos domingos para levar os dois filhos do gerente a uma área de lazer na Penha. Domingo é assim mesmo: dia de farra. Dia que Ciro Beltrão costuma passar em sua casa de campo de Teresópolis, jogando uma partidinha de xadrez. Isso quando não está voando por aí numa asa delta, esporte que pratica há 15 anos, ou se banhando nas piscinas do Marina Barra Clube ou do Piraquê. Ser associado de clubes não chega a ser vantagem. Wilem tem um título do Cascadura Tênis Clube, mas está afastado da prática de esportes. "Não tenho tempo para isso." Falta isso e muito mais na vida desse gerente.

Dilmar Cavalher

Marcelo Régua

Secretário Saboya: "É difícil ser policial nesses momentos"

boya ao gerente da agência Nilo Peçanha do Banerj, Dílson Maciel.

OSSOS DO OFÍCIO. Uma coisa é certa: mesmo que escapem das grades, os gerentes não conseguirão escapar da função de pára-raios das queixas da população nos momentos de incerteza. O velho mote — "qualquer reclamação fale com o gerente" — é usado até no longuíssimo anúncio em que Rosamaria Murtinho diz que nos supermercados trabalha gente como eu e você, veiculado na televisão pela Associação de Supermercados do Estado do Rio de Janeiro (Asserj). Afinal, uma pesquisa feita este ano pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras) revela que 65% dos gerentes atendem pessoalmente os clientes insatisfeitos. Um que está neste caso é Nicodemos Joaquim Arruda, 47 anos, que se orgulha do quadro exposto na loja da Sendas de Bento Ribeiro, com sua foto e a recomendação feita aos fregueses de procurá-lo em caso de dúvida.

> *"É incrível, mas estou dando visto em cheque sem saber se tem fundo. Isso não existe!"*

Se o diretor de marketing do CB, Miguel Christophe, teme que o tumulto do Plano Collor provoque uma queda no número de interessados na carreira de gerente, há quem considere tudo isso normal. "Os gerentes precisam entender que todos esses problemas que estão tendo agora não são anormais, fazem parte de suas funções", sentencia o presidente do Banerj, Márcio Fortes. Para os gerentes interessados em suportar melhor o momento de crise, com boa dose de estoicismo e sem repassar suas angústias para os patrões, recomenda-se consultar um dos itens da vasta bibliografia sobre a profissão, disponível nas livrarias, escrito pelo americano Martin Smith. Chama-se *Eu odeio ver um gerente chorar ou Como impedir que a ladainha da administração atrapalhe sua carreira* e está com o preço congelado desde o último dia 16.

ESTHER DAMASIO E SÉRGIO RODRIGUES

PERFIL

As jogadas de um mestre

Niemeyer traz McCartney e anuncia Eric Clapton

Luiz Oscar Niemeyer, 33 anos, não costuma se meter em coisas pequenas. O homem que fez a produção executiva do Rock in Rio, em 1985, e as duas edições do Hollywood Rock, conseguiu com um golpe de mestre escapar ileso do Plano Collor e lucrar com um dos projetos culturais mais ambiciosos do ano. O ex-Beatle Paul McCartney desembarca dia 17 no Rio para dois shows, dias 19 e 21 de abril no Maracanã. Niemeyer convenceu a prefeitura de que patrocinar os shows era um excelente negócio para a imagem turística da cidade e não vai precisar desembolsar nenhum centavo ou esperar ansioso pelo fechamento dos contratos de publicidade. "Como produtor não corro nenhum risco. A Riotur é quem busca a receita." Essa não é a única cartada do ano do diretor da Mills & Niemeyer. No final de julho, ele inaugura o Imperator, uma casa noturna no Méier com capacidade para três mil pessoas. O primeiro astro da nova casa será o guitarrista inglês Eric Clapton. "Méier e Eric Clapton têm tudo a ver," aposta.

Para fazer alquimias como essas, o sobrinho do arquiteto Oscar Niemeyer e filho do neurocirurgião Paulo foi obrigado a largar a prancha de surfe aos 22 anos e acumular a Faculdade de Comunicação na PUC com um estágio na agência de publicidade Artplan, da família Medina. Dois anos depois, arrumou as malas e foi para os Estados Unidos fazer mestrado. Em 1983 voltou para a Artplan e em 1985 fazia a coordenação geral do Rock in Rio. Niemeyer não gosta de explicar os motivos que o levaram a deixar a empresa. "Senti que havia espaço para entrar nesta área de produção e resolvi abrir meu próprio negócio." Mas os amigos de Lulu, como ele é chamado, têm outra versão. Na verdade, ele deixou a Artplan magoado com a falta de reconhecimento da família Medina. Um fato teria deixado Niemeyer irritado. O gerente da loja MacDonald's que funcionou dentro do Rock in Rio, Norman Baines, ganhou dos patrões um Escort XR3 pelo recorde de vendas de sanduíches naquele ano. Niemeyer não tinha ganho o suficiente nem para comprar um Fiat.

Ele mantém o máximo de discrição. Jura que não tem nenhuma rivalidade com o ex-patrão Roberto Medina. Nega até qualquer tipo de competição, apesar de os dois estarem trazendo grandes espetáculos para o Maracanã num espaço de três meses. Depois de Paul McCartney, Medina ocupará o gramado do estádio em julho com os astros do Rock in Rio II. Os nomes, Roberto Medina só anuncia dentro de 10 dias, mas especula-se sobre as presenças de Madonna e Stevie Wonder. "Existe espaço para nós dois no Rio", calcula Niemeyer. Pode até ser, mas Medina não quis fazer nenhuma declaração sobre Niemeyer. O diretor da Mills & Niemeyer, ao contrário, garante que as relações entre os dois são tão boas que até ajudou no roteiro deste Rock in Rio II.

TÁTICA. Escapar de qualquer tipo de polêmica é uma tática muito usada por Niemeyer. Ex-produtor de Marina, ele não gosta de comentar o motivo da separação. "A gente tenta fazer a coisa certa para a carreira do artista, mas se ele discorda, vai cada um para o seu canto." Marina também prefere não explicar detalhes do rompimento. "Eu acho que ele é um cara que quer pensar grande. E muitas vezes realiza projetos ambiciosos. Comigo não funcionou porque eu queria um empresário, e penso que ele é mais um produtor." Atualmente, Niemeyer é empresário de Lulu Santos, Simone e Djavan.

Geralmente monossilábico e tímido, Niemeyer só mostra entusiasmo quando fala do seu primeiro encontro com Paul McCartney. Foi em setembro, em Estocolmo, quando o ex-Beatle fazia o terceiro show da sua turnê mundial de lançamento do LP *Flowers in the dirt*. "Estava no meio da organização do Hollywood Rock quando me ligou o agente da turnê, Barrie Marshall, me mandando viajar no dia seguinte para Estocolmo." Niemeyer e o sócio Cristian Nacht seguiram a ordem à risca e 48 horas depois já estavam diante de Paul. "De repente me bateu que eu ia falar com ele. Era o Paul quem estava ali, na minha frente, de calça Lee passando o som antes do show." Não resistiu e acabou pedindo um autógrafo que exibe na parede da sua sala no Centro do Rio. Este não foi o único momento emocionante do encontro. No dia seguinte, quando voltou para assistir ao show, ele e Cristian já estavam sendo barrados por seguranças na área dos

Marcelo Régua

O antigo cine Imperator vai receber um megastar da guitarra: "O Méier e Eric Clapton têm tudo a ver", diz Niemeyer

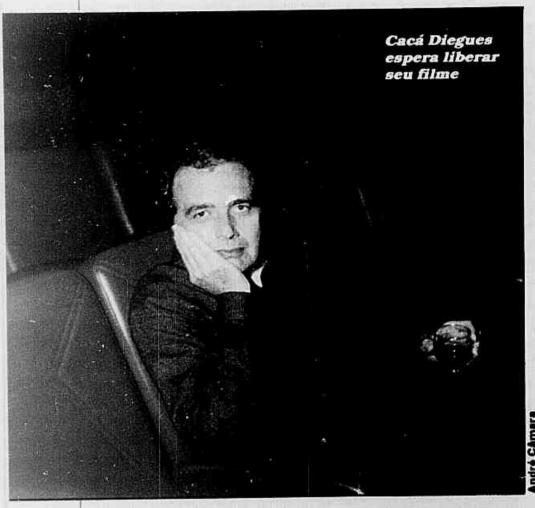
camarins, quando o próprio Paul apareceu para salvá-los. "Podem deixar. Eles são os brasileiros, são gente boa." Foi a glória.

Beatlemaníaco assumido, Niemeyer viajou semana passada para os Estados Unidos onde verá o show pela nona vez. Seu projeto de trazer Paul ao Rio começou quando leu nos jornais que haveria uma turnê mundial para promover o lançamento de *Flowers in the dirt*. Ele procurou Jerry Stickells, o produtor musical de Paul que havia conhecido no Hollywood Rock, e acabou realizando o sonho de qualquer empresário. Mais do que isso. Niemeyer convenceu o presidente da Riotur, Trajano Ribeiro, a assumir o patrocínio do espetáculo. Para incluir o Rio na turnê, Paul McCartney cobrou US$ 2 milhões. O orçamento inicial apresentado à Riotur incluía outros US$ 2 milhões, com as despesas de pessoal, propaganda e montagem da infra-estrutura, mas Trajano Ribeiro já pensa em fazer um corte de pelo menos 25%. "Com o Plano Collor, o mercado se retraiu. Temos que fazer uma reavaliação da situação. De qualquer jeito, não tenho dúvidas de que além de vender a imagem do Rio, a Riotur terá um lucro de US$ 1 milhão."

Uma quantia que Niemeyer considera facílima de conseguir. "Só a bilheteria completa já garante US$ 3 milhões. É uma operação sem risco." Niemeyer não tem a menor dúvida de que o Maracanã vai ficar lotado. A largada para o Paul in Rio é amanhã com a venda dos 60 mil ingressos de arquibancada a Cr$ 250 e os 45 mil de gramado, a Cr$ 500. "Vai ser o maior acontecimento artístico do ano no Brasil".

MÁRCIA VIEIRA

Cacá Diegues espera liberar seu filme

André Câmara

Dias melhores

□ Cacá Diegues anunciou: *Dias melhores virão* em abril. Chegou a até a marcar data: dia 12. Mas o cineasta terá que esperar que haja uma definição na embaraçosa situação da Embrafilme, extinta pelo governo.

□ Todo o material de lançamento do filme *Dias Melhores virão* ficou retido nos cofres da empresa. Em tempo: Diegues diz que não deve nada à Embra.

Impressionante

□ Ele já saiu de um ovo de 1,50 m vestido apenas com uma luva e algumas penas, e em outra ocasião desfilou com uma pantera negra na coleira. Não é à toa que os vernissages do pintor brasileiro Tony Klarwasser têm provocado frisson em Zurich, onde mora. "A idéia era levar um filhote de elefante, mas não passou na porta", lamenta. Ex-maquia-

Ricardo Leoni

De lá e de cá

Quando em 1986 o governo francês o convidou para curador da exposição que iria inaugurar, quatro anos depois, a Casa França-Brasil no Rio de Janeiro, Pierre Beaudet encarou a missão com tranqüilidade. Afinal, conhecimento de causa para tanto não faltava. De Brasil, Pierre sabia muito graças ao período em que foi Adido Cultural da embaixada francesa no Rio de Janeiro, entre 1970 e 1975. E formação para a tarefa também não era um problema para alguém que se diplomou em Letras e Artes Clássicas. "Pesquisamos mais de 2.200 documentos, que depois de uma seleção foram reduzidos a cerca de 500", lembra ele. Por documentos entenda-se um rico acervo de mapas históricos franceses dos séculos 16 e 17, gravuras e textos que retratam o Brasil, seus índios, fauna, flora e excursões científicas. Tudo isso compondo uma viagem que vai até a missão artística francesa do século 18, que tanto influenciou a arquitetura e o urbanismo brasileiros, e da qual o prédio da Casa, projetado por Grandjean de Montigny, é um bom exemplar. Como o próprio Pierre define, "a exposição não tem caráter científico, mas procura ilustrar o intercâmbio que sempre marcou os dois países, inclusive pelo lado pitoresco". Aberta ao público desde a quinta-feira, a mostra Par-Delà Par-Deçà traz até no nome esse espírito de integração que inspirou a restaurada Casa França-Brasil.

Ricardo Leoni

As Amazonas: gravuras francesas trazidas por Pierre

Ricardo Leoni

Tony: ao vivo e em penas (E)

dor, Tony já cuidou dos rostos de Emilinha, Marlene, Dalva de Oliveira e outras, e há 10 anos vem construindo sua reputação no circuito de arte europeu, onde expôs na Suíça, Bélgica e Itália. "Minha arte não copia ninguém. Alia a técnica européia às cores brasileiras."

Perde e ganha

☐ Uma vítima dos ladrões de automóveis foi acordada por um telefonema na manhã seguinte ao furto de seu veículo.

☐ Era o ladrão que, sem dinheiro para botar gasolina no carro roubado, queria negociar o veículo com seu proprietário por Cr$ 60 mil.

☐ A *venda* foi acertada e fechada em meia hora.

Brilho próprio

Se a história de Cristina Canale se confunde com a de uma geração, os caminhos que essa pintora carioca de 29 anos trilha hoje já começam a dar a seu trabalho um brilho próprio. Para quem inaugura o mês de abril com uma exposição individual no mercado paulista, do dia 5 ao dia 26 na Galeria São Paulo, de Regina Boni, Cristina não tem nada do que reclamar: "É um momento importante na minha carreira, e a Regina está investindo seriamente em novos talentos." Cria da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, ela integrou o grupo Geração 80 e fez a primeira mostra individual de suas telas em 1987, no Centro Empresarial Rio. Daí pra frente, o sucesso não foi difícil. Em 1988 esteve na renomada Galeria Passárgada de Arte Contemporânea de Recife e ano passado na coletiva de artistas cariocas no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Foi quando surgiu o convite de Regina Boni, que aposta fundo na arte de Cristina. Tanto que nem mesmo as mudanças econômicas do novo governo abalaram as convicções da marchand paulista.

Bruno Veiga

Tal e qual

☐ Quem gosta de interpretar as atitudes do presidente Collor à luz do caratê, de que é faixa-preta, tem, depois do pacote, um prato cheio.

☐ Segundo um ex-colega de Collor, quando ele era praticante costumava aplicar a técnica conhecida como *deai* — o contendor percebe qual é o golpe que o adversário está prestes a desferir e, em vez da defesa, opta por avançar antes.

☐ E mais: como carateca, Collor gostava de aplicar saraivadas de golpes diferentes em série — estratégia que tem um efeito devastador.

☐ Com o pacote, não deu outra.

A bela favelada

A niteroiense Luma de Oliveira escolheu 1990 para estourar na mídia. Apareceu nos jornais por causa do namoro com o jogador Renato e desfilou elegância nas edições de carnaval sambando pela Caprichosos de Pilares. Agora, recebe os elogios de quem já viu o filme *Boca de Ouro*, que estréia dia 14 e onde interpreta a favelada Celeste, seduzida pelo bandidão Boca, vivido por Tarcísio Meira. "Foi bárbaro, só tinha gente de peso. Deixei viagens e um papel em *Kananga do Japão* para fazer esse filme. Eu precisava de um teste forte como atriz", diz ela. *Boca de Ouro*, de Nelson Rodrigues, virou filme pela primeira vez em 1963, dirigido por Nelson Pereira dos Santos. Na versão 90, a história do bicheiro de arcada dentária dourada é revisitada pelas mãos, estreantes no cinema, do televisivo Walter Avancini, que transformou Boca num narcotraficante. "Eu apareço em três versões. Pobre, safada e safadíssima. Não sei qual é a verdadeira", conta Luma. E o teatro? "Não gosto. Cinema foi sempre minha paixão."

Boca de Ouro *traz Luma de volta às telas*

• Nomes

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Marli Martins

Se depender dos centros de cultura, o Rio está salvo. Além do Banco do Brasil e da Casa Brasil-França, o curso de inglês Auding, dirigido por Marli, começou a espalhar centros e espaços culturais por suas sedes da Tijuca, de Botafogo e, futuramente, da cidade. Marli promove exposições (como a de fotos antigas de Botafogo, a partir desta semana na Tijuca), shows, sessões de vídeo e *happyhours*. "Na crise, cultura é indispensável."

Luiz F[illegible]

Ele é um dos proprietários da Camélia Bouquet e esta semana, talvez para comemorar a abertura da temporada da flor (produz sete mil camélias por mês, no outono, num sítio do Alto da Boa Vista), Luiz uniu-se a Ana Bustamante numa cartada poética. Ana escreveu *Alimente-se de flores* e Luiz ilustrou a coisa numa escultura de pétalas. "É uma temporada muito bonita e precisa ser anunciada. Chega de notícia ruim."

Foto de Bruno Veiga

Renato Gomes

É a saída: nestes dia bicudos, impossibilitada de aumentar os investimentos, a empresa precisa motivar seus funcionários para aumentar a produção. O *designer* Renato, diretor da Incentiva, saiu na frente e está fornecendo técnicas aos escritórios: da participação no lucro das empresas a brincadeiras de caça ao tesouro, passando pelas inevitáveis reduções de custos. "Só a criatividade vai fazer o dinheiro reaparecer", diz.

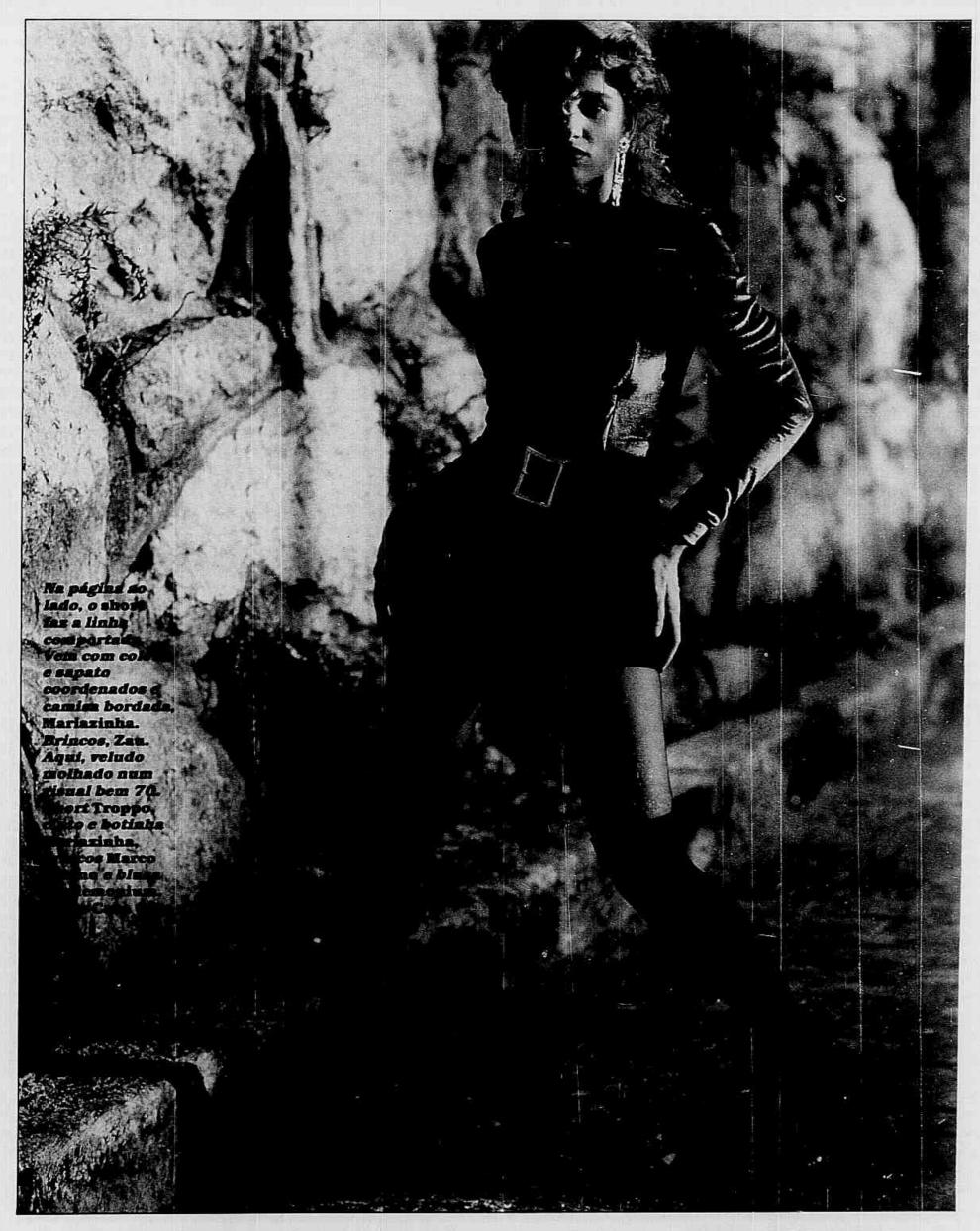
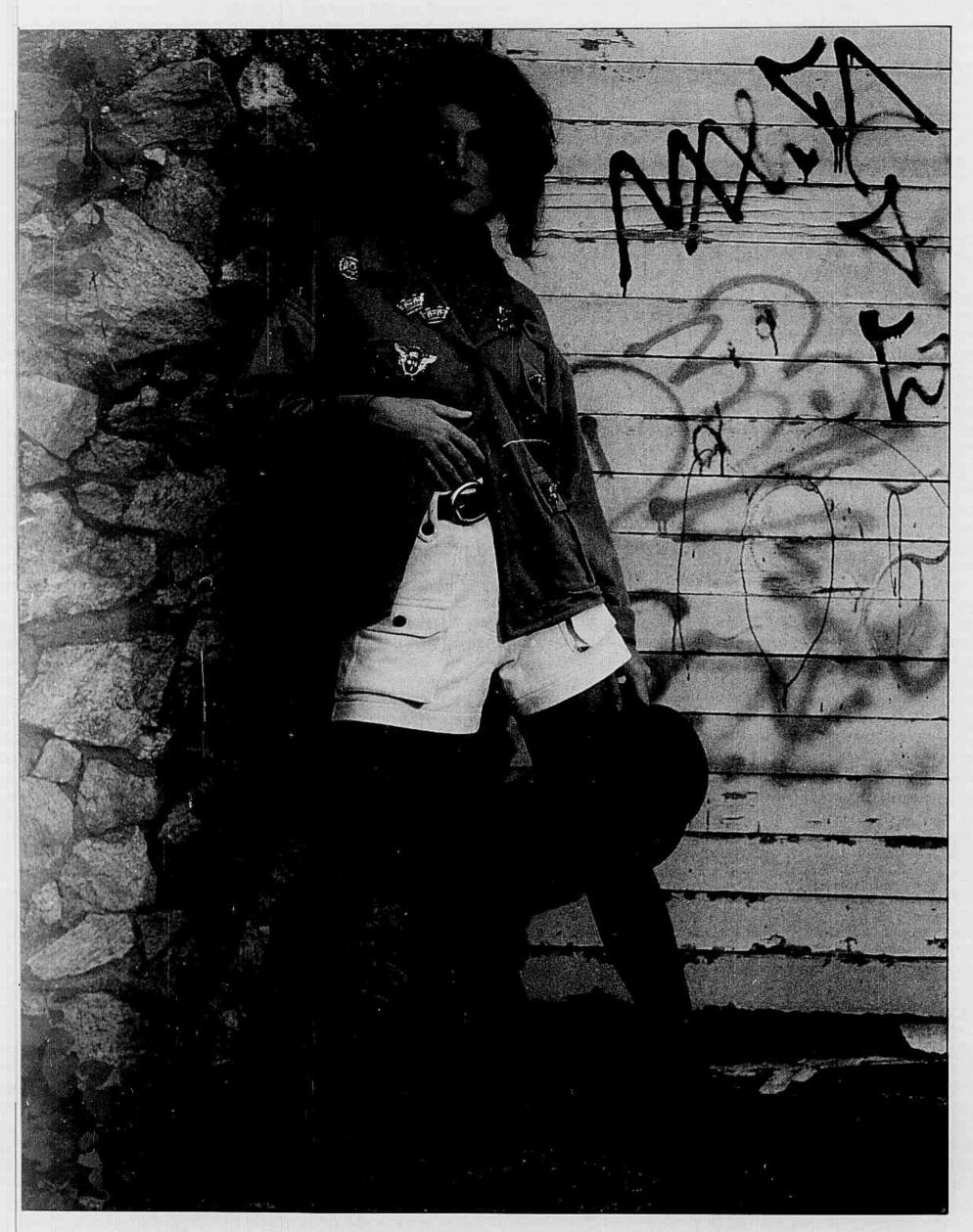
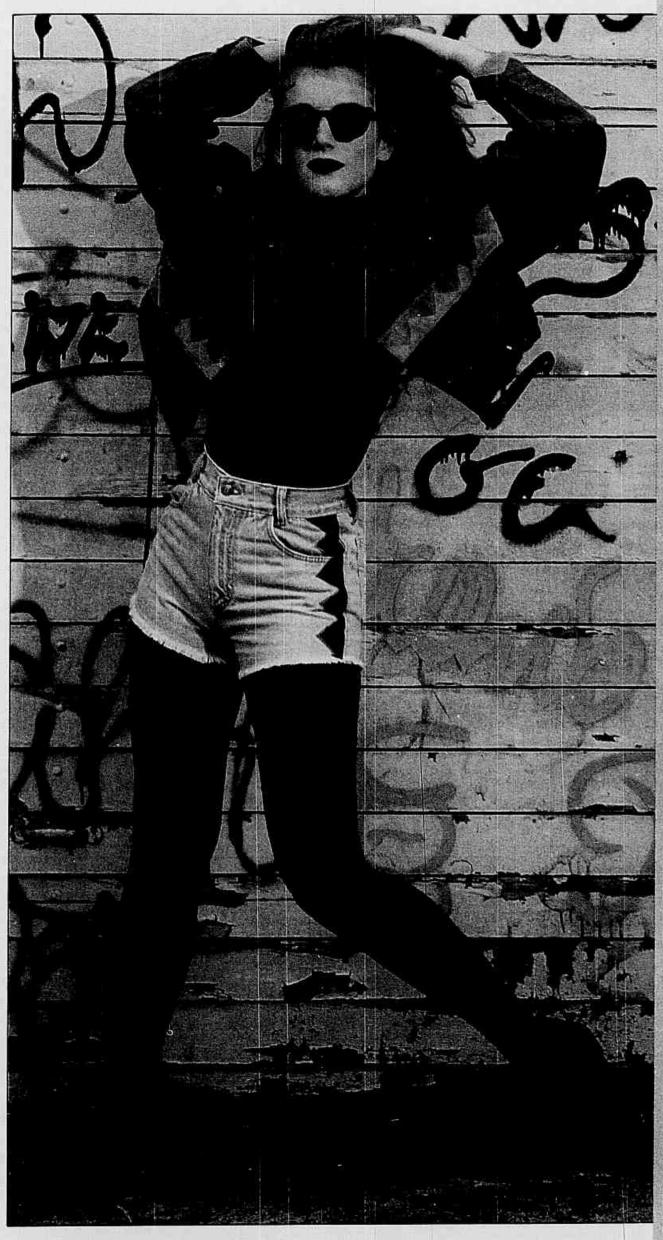
[illegible]

"**T**udo será mais discreto, com o surubim no lugar do salmão", diz Helena, que está comemorando 20 anos à frente das mais sofisticadas festas, a maioria deles como chefe do cerimonial do Ministério da Fazenda: "Mas as pessoas vão continuar recebendo." Para maio, por exemplo, estão confirmados três grandes casamentos: "Tudo mais dentro da realidade, talvez com *Aquarela do Brasil* no lugar de *New York, New York*."

Curtos, mas resolvem

Com esta redução generalizada de tudo e em todas as áreas, por que também não reduzir a roupa? A moda, em colaboração premonitória com a nova situação econômica, trouxe de volta para esta temporada os *shorts*. Estes, pela economia de tecido, certamente custarão mais barato do que calças, pantalonas ou saias longas e voltam com truques para que uma faixa etária mais elástica faça uso deles. Os badalados *hot pants*, do início dos anos 70, recebem tratamento novo e chegam em sintonia total com meias grossas e opacas, no tom do tecido. Esse detalhe não só esconde possíveis imperfeições em pernas que já os usaram na primeira versão, como ajuda a alongar a silhueta. A partir da compra de um *short* da nova coleção — o tecido deve ser mais pesado —, é só combiná-lo com peças que já se tenha no armário, como paletós, blusas de gola rolê, coletes, camisas. Os *shorts* do último verão, desde que não sejam de algodãozinho, podem entrar na dança do outono, apenas obedecendo às regras de estilo da estação, claro. Atenção para os sapatos: estes devem ser fechados e sem saltos ou abotinados e com saltos bem baixos. Um outono totalmente curto, inclusive na roupa. Nas fotos, Daniela Colasanti com maquiagem e cabelos de Ronald Pimentel. Produção de Daniele Scherer.

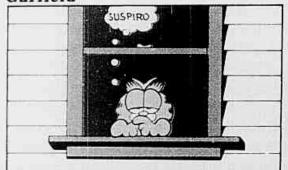
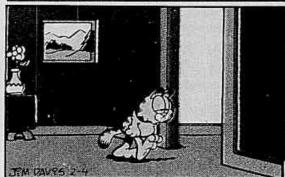
REGINA MARTELLI

Fotos de Ricardo Leoni

À esquerda, o charme informal da jaqueta e **short** ***de malha.*** **Malha e Companhia.** ***Broches e lenço*** **Marco Sabino.** ***Cinto da*** **KCB** ***e sapato abotinado,*** **Mariazinha.**

Ao lado, **short** ***e jaqueta*** **Enrico Coveri.** ***Blusa tipo cacharel,*** **New Gipsy.** ***Pulseira*** **Zau** ***e óculos*** **Lunetterie.** ***Abaixo, macacão colante*** **New Gipsy,** ***com*** **short Jo and Co.** ***Cinto*** **Vera Benchimol,** ***anel e brincos*** **Zau.** ***Botas e chapéu,*** **Pandemonium.** ***Meias*** **Casa Olga**

Endereços da Moda

☐ **Marco Sabino** — Fórum de Ipanema, sobreloja ☐ **Jo and Co** — (021) 255-7684 ☐ **New Gipsy** — Rio Sul, 1º piso ☐ **Mariazinha** — Barrashopping, nível Lagoa ☐ **Pandemonium** — Rua Garcia D'Ávila, 17 ☐ **Troppo** — Rua Visconde de Pirajá, 282-A ☐ **Zau** — Av. Henrique Dumont, 68-H ☐ **Casa Olga** — Rua Visconde de Pirajá, 550-A ☐ **Vera Benchimol** — São Conrado Fashion Mall, 2º piso ☐ **Malha e Companhia** — São Conrado Fashion Mall, 1º piso ☐ **KCB** — (021) 294 1591 ☐ **Heckel Verri** — Anibal de Mendonça, 81 ☐ **Lunetterie** — Visconde de Pirajá 550, 2º andar ☐ **Enrico Coveri** — (021)259 8243 ☐ **Ivan Aaron** — Av. Henrique Dumont, 68-G

QUADRINHOS

Garfield JIM DAVIS

Belinda DEAN YOUNG E STAN DRAKE

GRRRR-R
PARE, DAISY, JÁ ESTOU LEVANTANDO!

Peanuts CHARLES M. SCHULZ

 1-14

Mago de Id

BRANT PARKER E JOHNNY HART

Geraldão

GLAUCO

Ran

SALVADOR

SINTA A NATUREZA!

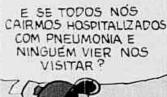
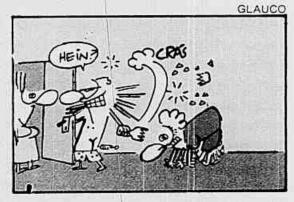
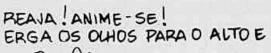
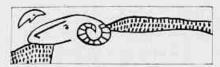
Salvador

Classe & Mídia

MARCO

RADICAL CHIC
MIGUEL PAIVA
UMA SALADINHA DE ALFACE, TEMPERADA COM SAL E LIMÃO, MEIA GARRAFA DE MINERAL COM GÁS E UM ALKA-SELTZER.
MINHA VIDA PODE TER PERDIDO A LIQUIDEZ... MAS NÃO PODE PERDER A EFERVESCÊNCIA JAMAIS!

HORÓSCOPO de 1º a 7 de abril

CARLOS MAGNO

Áries 21/03 a 20/04

Aumente a sua prudência na terça e na quarta, tanto na vida pessoal quanto na vida pública. Você pode tornar-se hipertenso e confuso. Depois, cuide mais da saúde. Sirva.

Câncer 21/06 a 21/07

Em semana de Lua crescente você vive sua Lua nova particular de hoje até a tarde de terça-feira, quando a Lua em Câncer trará emoções dentro e fora da sua casa. Indecisão.

Libra 23/09 a 22/10

A quadratura Sol-Netuno, culminando na quarta-feira, dilui, confunde e torna você mais vulnerável aos outros e destituído de todo o seu habitual bom senso. Fuja de fofocas.

Capricórnio 22/12 a 20/01

Terça e quarta concentram muita tensão para todos os signos e você não foge à regra. Até para fazer as coisas mais simples será exigido grande esforço. Anime-se.

Touro 21/04 a 20/05

Semana de muita ação, onde as coisas podem acontecer num ritmo vertiginoso. Até quarta-feira você poderá enfrentar oposições e nebulosidades profissionais. Comunique-se.

Leão 22/07 a 22/08

Leoninos da segunda parte do segundo decanato podem viver uma semana de muita tensão e conflitos, e por isto merecem desviar-se de confrontos perigosos. Não se engane.

Escorpião 23/10 a 21/11

A quadratura Marte-Plutão, culminando na terça-feira, torna você hiperagressivo, podendo romper com os outros de forma súbita e explosiva. Proteja-se de todo risco.

Aquário 21/01 a 19/02

Aquarianos do segundo decanato precisam desviar-se de choques e confusões, sobretudo na terça e na quarta. Os do terceiro estão abertos para um novo amor.

Gêmeos 21/05 a 20/06

Terça e quarta são dias escorregadios e possivelmente tensos, acumulando agressividade e tendências a escapismos. Por isto, comece a semana com tato e calma.

Virgem 23/08 a 22/09

Até quarta-feira, atenção à falta de praticidade e também evite fanatismos, esquivando-se de tensões nervosas e rivalidades. A semana é ruim para negócios decisivos.

Sagitário 22/11 a 21/12

Preservar seu equilíbrio e não aceitar provocações são atitudes inteligentes que poderão ser muito úteis para atravessar barreiras e nebulosidades nesta semana. Poder.

Peixes 20/02 a 20/03

Utilize seu livre arbítrio para transformar esta semana confusa e um tanto quanto agressiva em uma etapa a mais no seu crescimento. Fim de semana amoroso. Arte.

● TUTTY VASQUES

Nós, os descamisados de vênus!

Colunista descobre o prazer do plano por debaixo dos panos

Há malles que vêm para o bem! Tudo o que arde, cura! O que aperta, segura! Foi Deus! Foi Deus quem me fez enxergar muito além do pacotão. Tá certo que a morena também ajudou ao bater com o seu desespero na porta do meu aparelho no Encantado. "O quê que eu vou fazer agora?" — a menina descapitalizava-se em lágrimas. Sexo, minha filha, faça sexo! — recomendei. Com absoluto sucesso, diga-se de passagem. O broto passou o *overnight* comigo e, desde então, nunca mais reclamou, nunca mais entrou em fila, nunca mais cuspiu na cara de gerente. Concordem comigo: sexo é o que nos resta! Não custa nada e é mais divertido do que *War*. Ouso, então, encravar uma pérola erótica no delicioso terço de ditados populares: depois do aperto vem aquela liquidez gostosa. Eu também vou começar a fazer as coisas por debaixo dos panos!

E quer saber mais uma coisa, meu bem: eu gosto de você assim, descamisada da cabeça aos pés descalços. Sem distinção de rendimento sexual. Se você, minha senhora, tiver mais que 50, pode estar certa que vai poder ficar ali naquele saca, deposita, saca, deposita, à vontade. É claro que não se vai comparar o rendimento de quem tem 20 com o de quem tem 50. É por isso que eu decidi investir no meu corpo. Parei de malhar o Planalto e comecei a malhar na Quinta da Boa Vista. O importante é estar em forma à noite. E que se dane o *over*! *Over*, pra mim, é coisa do tempo em que Tânia Alves e Elba Ramalho contracenavam no Teatro Rival. Viva o cordão encarnado!

Sou um membro da confraria dos descamisados de vênus. E o que tem de membro descamisado por aí não é mole. Não entro no mérito do Magri. Refiro-me aos magrinhos desse país. Essa gente sofrida do meu Brasil que só agora descobre que o cinema, o teatro, o futebol, o jantar fora e todas aquelas guloseimas do Brasil véio de guerra podem muito bem dar lugar ao cenário da cama. Sexo também é cultura! Se bem que, por dúvida das vias, sou virgem para efeito de imposto de renda. Como se sabe, quando se é erótico logo na declaração, do broto espera-se só negação. Espero que o Romeu não me entenda mal e que o Tuma não me encane.

E por falar em encanamento — desculpem, mas eu não resisto —, vocês já viram a campanha publicitária do nosso Franco na TV? Na telinha, uma animadíssima — diria felizarda, mesmo — moradora da Baixada jura que, embora a gente não possa ver, "aqui embaixo tá tudinho cheio de cano que o governo botou". É verdade, minha senhora: a herança de canos que o Moreira nos deixa é impressionante. Ih, gozei com a política! Mas não tem problema não, gata! Já, já, eu te dou atenção de novo. Enquanto eu me recupero, vamos comprar uma pizza, umas cervejinhas, um cigarrão, um polenguinho... Grana? A gente passa na casa do companheiro Milton Temer e pega um dinheirinho emprestado. Ele é o único deputado meu amigo e nessas horas nada mais normal que recorrer a um compadre que ganha Cr$ 356 mil por mês, não é? PS: Daqui não saio, daqui ninguém me tira!

● AS COBRAS

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

A GELLI,
A GELLI,
A GELLI,
ESTÁ VENDENDO,
ESTÁ VENDENDO,
ESTÁ VENDENDO,
ARMÁRIOS,
ARMÁRIOS,
ARMÁRIOS,
EM 3 VEZES IGUAIS,
EM 3 VEZES IGUAIS,
EM 3 VEZES IGUAIS,
SEM JUROS,
SEM JUROS,
SEM JUROS.

Você tem **20%** de desconto sobre o preço à vista dos armários, cozinhas e estantes **Bem Bolado Gelli** e ainda pode pagar em 3 vezes iguais, sem juros. Aproveite, aproveite, aproveite. Poucos dias, poucos dias, poucos dias.

Gelli
O móvel bem bolado

Gelli
O móvel bem bolado

Gelli
O móvel bem bolado

Tijuca: R. Conde de Bonfim, 149 - Tel.: 248-1786 e 284-0799 - **SuperGelli:** Av. Brasil, 12.025 - Tel.: 590-8322 - **Copacabana:** Av. Copacabana, 1032 - Tel.: 521-3341 e 521-0740. Estacionamento próprio. **Rio-Sul:** 2º Pavimento - Tel.: 295-6691 - **Barra:** CasaShopping - Tel.: 325-1431 e 325-1265 - **NorteShopping:** 1º piso - Tel.: 269-5591 e 269-7297 - **Niterói:** R. Gavião Peixoto, 115 - Tel.: 714-8851 - **Petrópolis:** Magazin Gelli - Tel.: 42-0775.

GIOVANNI GIOVANNI GIOVANNI

CREDICARD À LA CARTE

Para o seu deleite, alguns dos melhores restaurantes que costumo visitar em honra do meu prazer, além do meu trabalho.

CHURRASCARIA COPACABANA
Carnes - Av. N. Sra. de Copacabana, 1.144
Copacabana
tel. 267-1497

CHURRASCARIA PAMPA
Carnes - Av. das Américas, 5.150 - Barra da Tijuca
tel. 325-0861

A MARISQUEIRA
Frutos do mar
R. Barata Ribeiro, 232
Copacabana
tel. 237-3920

CHURRASCARIA CARRETÃO

Carnes
R. Siqueira Campos, 23
Copacabana
tel. 236-3435

BELLA BLÚ
Massas - R. Siqueira Campos, 107 - Copacabana
tel. 257-2041

PLATAFORMA I
Carnes - R. Adalberto Ferreira, 32 - Leblon
tel. 274-4022

FLORENTINO
Frutos do mar - Av. Gen. San Martin, 1.227
Leblon
tel. 274-6841

PRONTO
Massas - R. Dias Ferreira, 33
Leblon
tel. 259-7898

MARIU'S HOUSE
Carnes - R. Francisco Otaviano, 96 - Copacabana
tel. 287-2552

CAFÉ DE LA PAIX
Cozinha internacional - Av. Atlântica, 1.020 - Copacabana - tel. 275-9922

RESTAURANTE RIO'S
Cozinha brasileira - Parque do Flamengo, s/nº - Flamengo - tel. 551-1131

DISCOTECA HOLLYWOOD
Danceteria - R. Alfredo Backer, 115
Niterói
tel. 701-4245

CASTELO DE ICARAÍ
Carnes e frutos do mar
Praia de Icaraí, 407
Icaraí - Niterói
tel. 714-9396

BOTEQUIM
Carnes
Rua Visconde de Caravelas, 184 - Botafogo
tel. 266-0437

GAROTA DA URCA
Carnes - Av. José Luiz Alves, 56 - lj. A - Urca
tel. 541-8585

CHURRASCARIA RINCÃO GAÚCHO
Carnes
R. Marquês de Valença, 83/85
Tijuca
tel. 284-5889

CHURRASCÃO DA COLINA
Carnes - Rod. Presidente Dutra, 420, lj. c/45
Centro - S. João Meriti
tel. 751-0017

DON RAFFAELO
Massas - R. S. Francisco Xavier, 210 - Maracanã
tel. 234-0769

RESTAURANTE SONAMASSA
Massas - R. Dias da Cruz, 322/328 - Meier
tel. 289-3797

CHURRASCARIA GRUTA DO BARÃO
Carnes - R. Candido Benício, 2.113 - Jacarepaguá
tel. 392-8022

Você ainda não é Credicard? Solicite o seu pelos telefones:
São Paulo - 282-0044
Rio de Janeiro - 221-2651.
Demais localidades (9-011) 282-0044 - ligação gratuita. Ou passe em uma das agências dos bancos associados ao sistema.
Você vai descobrir como é bom ser Credicard.

O CARTÃO OFICIAL DA COPA 90

Fischer, Justus

Ano 4, nº 726, 1º de abril de 1990. Não pode ser vendida separadamente
DOMINGO ■ JORNAL DO BRASIL

Programa

'Rainha da sucata', com Regina Duarte, estréia amanhã na Globo

O lazer possível

Abra Cadabra

- ARMÁRIO COMPLETO - 5 x 9.085,62
- CÔMODA - 5 x 2.816,56
- BERÇO C/COLCHÃO - 5 x 2.045,62
- GAVETÃO P/BERÇO - 5 x 816,56

PROMOÇÃO:
Escolha em mercadorias,
até 20% do valor de sua compra.

- BERÇO C/COLCHÃO - 5 x 3.996,40
- GAVETÃO P/BERÇO - 5 x 1.305,66
- MÓDULO C/2 GAVETAS - 5 x 1.725,66
- ARMÁRIO 2 PORTAS - 5 x 3.896,56
- MALEIRO 2 PORTAS - 5 x 2.616,56
- CÔMODA 5 GAVETAS - 5 x 5.396,56
- PRATELEIRA DE PAREDE - 5 x 565,66
- ARMÁRIO C/3 PRATELEIRAS - 5 x 4.656,56

DESCONTO ESPECIAL PARA PAGAMENTO À VISTA.

Estoque limitado.

- ARMÁRIO COMPLETO - 5 x 9.445,62
- CÔMODA - 5 x 2.056,56
- CAMA C/COLCHÃO -5 x 1.777,78
- GAVETÃO P/CAMA - 5 x 1.165,66
- BAU - 5 x 916,56

- **TIJUCA:**
  Rua Conde de Bonfim, 484
  Tel.: 208-9549
- **MÉIER:**
  Rua Dias da Cruz, 335 - Lj. GH
  Tel.: 289-3547
- **MADUREIRA:**
  Rua Carvalho de Souza, 170
  Tel.: 390-1896
- **COPACABANA:**
  Av. N.S. de Copacabana, 1.137
  Tel.: 521-0991

aberto aos sábados até às 16h.

SEGREDO

Rádio

A **JB-AM** transmite hoje às 11h um especial com a cantora Gal Costa. Ela dá entrevista e mostra faixas do seu novo LP, *Plural*, que teve boa crítica. **Pág. 6**

Tasso Marcelo

José Roberto Serra

Enquanto o choque está nas ruas, acabando de devorar a liquidez que restou, não há nada mais barato, interessante e aconselhável esta semana do que ficar em casa e assistir a estréia, amanhã na Globo, da novela *Rainha da sucata*. Ela ocupa o horário das 20h30 e traz de volta Regina Duarte. Outra curiosidade é a apresentação, pela primeira vez no horário nobre, do autor Sílvio de Abreu, uma espécie de Midas das 19h. Sílvio, que costuma apostar em boas doses de humor, sofreu com o choque: várias cenas tiveram que ser regravadas com as novidades do Brasil Novo. **Pág. 4.** Capa, foto de José Roberto Serra.

Teatro

Há muitas estréias, entre elas a do grupo Contadores de Estórias, que monta no Centro Cultural do Banco do Brasil a peça *Impressões*, abaixo, de Marcos Caetano Ribas. **Pág. 24**

Andrea Durfler

José Roberto Serra

Comida

As irmãs Claudia e Rosemeri Wanderley, acima, estão fazendo saladas especiais para escritórios no Centro. **Pág. 22**

Serviço

Siga o 'cracão' José Inácio, abaixo, e saiba como reservar os campos do Aterro e Lagoa, um programa barato e de sucesso garantido. **Pág. 26**

Renato Velasco

Bom, engraçado e barato

Regina Duarte é Maria do Carmo, a rainha da sucata: no rastro do sucesso da viúva Porcina

A 'Rainha da Sucata' estréia amanhã na Globo

Depois de *Guerra dos Sexos*, Sílvio de Abreu parte para a guerra de classes. Em *Rainha da Sucata*, que estréia amanhã na Globo às 20h30 e marca também a primeira incursão do autor numa novela das oito, são os novos ricos e ex-milionários decadentes que medem forças — não é dessa vez ainda que o proletariado vai invadir o horário das oito. Os dois grupos são representados respectivamente por Maria do Carmo (Regina Duarte), herdeira de uma fortuna construída a partir dos depósitos de sucata do pai, e por Lurdinha Figueiroa (Glória Meneses), uma aristocrata que perdeu o dinheiro mas não a pose. As duas personagens, assim como a

Fagundes e Fernanda Montenegro: elenco de peso

trama toda da novela, brotaram dos frios números de uma pesquisa realizada em outubro do ano passado pela Saldiva e Associados. Os pesquisadores da empresa paulista deixaram de lado os sobrenomes dos quatrocentões e saíram em campo para descobrir quem são os verdadeiros ricos da cidade. Os números mostraram que, enquanto parte da burguesia dormiu sobre os lucros de fortunas herdadas, os novos ricos foram à luta e estão abocanhando uma fatia cada vez maior do dinheiro que circula por São Paulo.

Que ninguém espere, porém, uma reedição do duelo *Brega e Chique*, também de Sílvio de Abreu. O filão do pobre que precisa ser lapidado para ser aceito no mundo dos ricos parece já ter se esgotado depois de ter dado filhotes que vão de *My fair lady* a *Pigmalião*. A nova classe que emergiu dessa pesquisa deixou claro que não se propõe a trocar Roberta Miranda por Mozart. "O que Maria do Carmo quer é se projetar no universo da alta sociedade, mas quer ser aceita do jeito que é", adianta Regina Duarte, a respeito do personagem — uma nova-rica atrás de fama e nome que inaugura uma casa noturna chamada Sucata no topo de um arranha-céu da Avenida Paulista. Depois da bem-sucedida experiência de interpretar a viúva Porcina, a atriz encara agora o desafio de superar o desempenho de *Roque Santeiro*. "Difícil não é fazer sucesso, e sim sobreviver a um sucesso como a Porcina", diz. "Eu estava louca para fazer um

Assessora de elite

Com suas raízes solidamente plantadas numa família de classe média, o autor Sílvio de Abreu se sentiu inseguro na hora de levar sua trama até os círculos da alta sociedade. Foi para contornar essa dificuldade que ele recorreu à amiga Danuza Leão. Ex-diretora de arte em *Sassaricando*, ela aparecerá nos créditos de *Rainha da Sucata* como assessora de texto. Na realidade, ela vem sendo uma espécie de assessora junto ao autor para explicar como vivem estes bichos exóticos, os muito ricos. "Não tenho nenhuma vivência nesse meio. E para fazer uma comédia é preciso construir personagens absolutamente reais, humanos e verossímeis antes de jogá-los em situações absurdas." Como falar com a empregada, como um mordomo serve, o jeito de falar, de se comportar, como fazer para estar sempre nas colunas sociais? Danuza vem presenteando o autor com essas e outras dicas que lhe valeram muitos elogios de Sílvio de Abreu. "Não queria alguém que tivesse um conhecimento literário do tema e sim alguém que conhecesse essas pessoas por dentro. Ela não se deixa deslumbrar. É uma pessoa inteligente e perspicaz."

"Às vezes, ele me liga para me perguntar se uma determinada passagem está muito exagerada ou não", conta Danuza. Nessas ocasiões, seus palpites escorados em anos de vivência na alta sociedade não costumam falhar. "Quem não convive muito com essas pessoas tende a mitificá-las. O que ele não sabe é que às vezes essas pessoas finas não são tão finas quanto a maioria imagina." Depois de vencer o pavor da máquina de escrever, ela já está mandando para Sílvio de Abreu, em São Paulo, muito mais do que palpites. São diálogos, monólogos, sugestões de situações e casos reais que podem acabar inspirando novos episódios para a próxima novela das oito. O que uma mulher rica diria ao ver a portaria do seu prédio cheia de pedintes e camelôs, por exemplo. "Se eu não vou pra frente da favela deles o que eles vêm fazer aqui?" dita a intuição de Danuza. Mas muitas vezes as soluções não saem da sua imaginação e sim de suas lembranças. Ela, aliás, conta com a compreensão das amigas se uma delas se reconhecer em algum episódio da novela. "Se isso acontecer vão entender que não é nada pessoal."

Danuza Leão: especialista em gente fina

Chiquito Chaves

texto leve e bem-humorado."

Sílvio de Abreu é garantia das duas coisas. Além da ajuda de Danuza Leão no roteiro (leia quadro ao lado), ele contou com uma mãozinha da equipe econômica do Plano Collor para acrescentar emoções extras à sua trama. "Quando veio o pacote, parei de escrever durante dois dias até entender todas as medidas. Depois, tive de reescrever as primeiras 700 páginas, senão a novela, que gira em torno da vida de uma empresária, estava arriscada a virar uma história de época", conta o autor. As mudanças não ficaram só no papel. Muitas cenas tiveram de ser regravadas para garantir aos espectadores uma novela colada nos acontecimentos. "A decadência da Lurdinha, uma aristocrata que vive de rendas, ficou muito mais real depois de ter seu dinheiro no over confiscado. O que poderia ser a história de uma pessoa virou a história de uma classe e a novela até parece feita de encomenda para esta época."

Rainha da Sucata não se esgota, no entanto, na briga Maria do Carmo versus Lurdinha. "Esse é só o ponto de partida da trama", avisa o autor. A história, como nas outras novelas que levam a assinatura da dupla Sílvio de Abreu e Jorge Fernando, promete abrir espaço suficiente para um elenco que inclui também

Cláudia Raia e Marília Pera: promessa de diversão

Antonio Fagundes, Raul Cortez, Fernanda Montenegro, Renata Sorrah, Tony Ramos, Gianfrancesco Guarnieri e Claudia Raia. "A adesão de todos esses atores ao projeto vem da minha parceria com o Jorginho. Eles sabem que, com a gente, fazer novela deixa de ser algo árido para se tornar divertido. E ator é que nem criança, gosta de brincar." Brincadeira, afinal, é o que não vai faltar. Como nas outras cinco novelas que levaram as assinaturas Abreu/Fernando, *Rainha da Sucata* não vai se deixar limitar muito rigidamente por nenhum gênero. "Não quero fazer só comédia, só drama, só musical", avisa o autor. "Novela não é arte, é entretenimento. E pode ser tudo, menos chata." Os espectadores agradecem.

CLAUDIO FIGUEIREDO

Do além...

Quem quiser testar as qualidades do ator Paulo Figueiredo como roteirista de programa de TV não perde por esperar.

É dele o roteiro do episódio *O resgate*, do programa *Fronteiras do desconhecido*, que vai ao ar dia 24 às 22h30 na TV Manchete.

A história foi psicografada pelo médium Divaldo Franco e ditada pelo espírito do escritor francês Victor Hugo.

No elenco já confirmados estão Thelma Reston, Ana Kfouri e Isaac Bardavich. Cotados para os demais papéis, Renée de Vielmond, Chico Diaz e Fernando Eiras.

A direção é de Augusto César Vannucci.

A volta

Breve os aficionados por música erudita, ópera e balé não terão do que se queixar.

Depois de um ano e meio a TVE vai reeditar o programa *Os clássicos*. O primeiro da nova série, que vai ao ar sábado à meia-noite e meia, apresenta *A missa em dó menor*, de Mozart e um concerto de Karl Stamitz com a Orquestra Sinfônica da Rádio de Hanover.

A mil

Armando Nogueira, diretor de telejornalismo da Rede Globo, está cheio de planos literários.

Começou a escrever um livro sobre as dez mulheres de ouro do esporte. Entre elas estão Isabel, Hortência, Nadia Comanecci e Gabriela Sabatini.

Ao mesmo tempo, seu poema sobre o Maracanã — que em maio completa 40 anos — faz parte de um livro que tem lançamento marcado para setembro, junto com a reabertura do estádio. Tudo isso sem contar com o *Diário da Copa* e as crônicas sobre a Copa do Mundo.

Marco Antônio Cavalcanti

Armando Nogueira: com 10 mulheres na cabeça

Vaivém

☐ *Cigano*, de Djavan, é a música-tema de Renato, personagem de Daniel Filho na novela *Rainha da Sucata*, que estréia amanhã na TV Globo.

☐ Por falar em Daniel Filho, ele riscou definitivamente o nome de Cláudia Raia de seu caderninho.

☐ A Rocinha é tema de *Documento especial*, sexta-feira às 22h30 na Manchete.

☐ Fazendo muito sucesso o *cult* programa *Celeste Maria recebe*, da TV Corcovado.

☐ Ecos da crise: a TV Bandeirantes adiou para final de maio as gravações da minissérie *Anita Garibaldi*.

Exportação

A TV Bandeirantes está exportando novelas.

Na mira da TV grega estão *Dulcinéia vai a guerra*, *Os imigrantes* e *Meu pé de laranja-lima*.

Já a WDR de Colônia, Alemanha Ocidental, está negociando a compra de *Capitães de areia*.

"Originalidade"

Já se sabe de onde Sílvia Popovic tirou a idéia de fazer em seu programa na TV S um quadro com vídeos caseiros.

O original chama-se *America's funniest home videos*, é exibido aos domingos pela rede americana ABC e lidera atualmente a audiência nos Estados Unidos.

Em tempo: os vídeos caseiros americanos dão de dez nos brasileiros...

REGINA RITO

RÁDIO

JB traz especiais de volta

Tasso Marcelo

Gal reabre a série

Se você sente saudades dos tempos em que podia ouvir seus ídolos em ondas médias e curtas, hoje é dia de se ligar no rádio. A **JB-AM** (940 KHz) resolveu ressuscitar o horário de seus antigos especiais, às 11 da manhã, e leva ao ar neste domingo entrevista de uma hora com cantora Gal Costa, inaugurando a série. Uma volta em grande estilo. "Mais que um horário, o que nós queremos é recuperar uma tradição", diz o produtor e programador Jorge Martins, lembrando os tempos em que nomes como Luiz Carlos Saroldi e Eliakim Araújo apresentavam o *Especial JB*. Um *cult* da época.

Gal aproveita o momento para lançar, depois de quase dois anos longe das gravadoras, seu novo disco, *Plural*, e conta para o público um pouco da sua história, da influência de João Gilberto em sua carreira, da chegada ao Rio com os doces bárbaros Caetano e Gil, em 1964, das aventuras tropicalistas e da fase mais romântica de seu trabalho atual. "A idéia é trazer os artistas de volta ao rádio, revelando seu lado mais humano numa conversa informal", conta J. Carlos, entrevistador que vai comandar os especiais. Mas como rádio não vive só de conversa, música também não vai faltar nos intervalos do bate-papo. Os fãs vão poder ouvir canções de uma Gal total e plural, de sucessos antigos como *Divino maravilhoso*, *Coração vagabundo* ou *Só louco* até as faixas de seu último LP, que traz um repertório mais eclético, com lambadas e músicas gravadas em inglês.

Amigas para sempre

Hoje, o diluído *Indiana Jones e o Templo da Perdição* (*Indiana Jones and the Temple of Doom*, EUA, 1984), de Steven Spielberg, e *Operação resgate* (*Cloak and dagger*, EUA, 1946), um dos filmes mais fracos do mestre alemão Fritz Lang, podem ser vistos sem sustos ou maiores alegrias. No terreno dos equívocos quem se sai melhor é *Julia* (EUA, 1977), de Fred Zinnemann, um pedaço saboroso da vida da escritora Lillian Hellman transportado para o cinema sem os devidos cuidados.

Fred Zinnemann — de *Matar ou morrer* e *A um passo da eternidade* — tinha 70 anos de idade e quase 40 de uma carreira já pouco produtiva quando se propôs a levar o livro *Pentimento*, de Lillian Hellman, para o cinema. Alvin Sargent escreveu o roteiro, que lhe garantiu um Oscar. Vanessa Redgrave também levou seu prêmio, de melhor atriz coadjuvante, pelo personagem título, uma mulher memorável engajada na luta contra o ascendente nazismo dos anos 30. Jane Fonda teve de se contentar com uma mera indicação para melhor atriz por sua composição para Lillian, preocupada durante anos com o destino de sua grande amiga Julia.

Jason Robards e Jane Fonda em Julia, na Globo

Como se pode ver na segunda-feira desta semana, as folias da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood nem sempre se justificam. O roteiro cheio de flashbacks de Sargent, as interpretações de Redgrave — pesada — e Fonda — modernosa — são justamente o que tornam Julia um filme artificial. Mas a história do filme é fascinante. E o antipático Jason Robards tem o único prêmio justificado — de ator coadjuvante — e a melhor atuação do filme como o escritor Dashiell Hammett. Injustiçado mesmo foi Douglas Slocombe — preterido no prêmio de melhor fotografia por Vilmos Zsigmond, por seu espetaculoso trabalho em *Contatos imediatos do 3º grau* — que ajuda a tornar *Julia* um filminho memorável. Infelizmente a fita é também uma prova em celulóide do envelhecimento de um bom diretor.

ROGÉRIO DURST

INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO

TV Globo — 13h30

(**Indiana Jones and the Temple of Doom**) de Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Kate Capshaw. EUA, 1984.

Aventura. O arqueólogo Indiana Jones desta vez está envolvido com o rapto de crianças na Índia. **Cor** (118'). **Cotação: ★ ★**

O HOMEM QUE ENTENDIA AS CRIANÇAS

TV Manchete — 16h30

(**The man who could talk to kids**) de Donald Wrye. Com Peter Boyle, Scott Jacoby, Robert Reed, Colin Wilcox-Horne e Tyne Daly. EUA (TV), 1973.

Drama. Casal leva seu filho problemático a um terapeuta pouco ortodoxo que tem o dom de se comunicar com as crianças. **Cor** (75'). **Cotação: ★**

OPERAÇÃO RESGATE

TV E — 20h

(**Cloak and dagger**) de Fritz Lang. Com Gary Cooper, Lili Palmer, Robert Alda, Vladimir Sokoloff e Marc Lawrence. EUA, 1946.

Espionagem. Durante a 2ª Guerra, professor trabalha como espião ajudando a resgatar cientistas presos pelo nazismo. **P&B** (106'). **Cotação: ★**

O ENIGMA CHINÊS

TV Bandeirantes — 20h

(**China hand**) de James L. Conway. Com David Soul, Mike Preston, David Hemmings, Mel Harris e Lisa Lu. EUA (TV), 1986.

Mistério. Detetive se põe numa situação perigosa ao investigar a morte do antigo chefe da polícia de Hong Kong. Inédito na TV. **Cor** (96').

A CHANTAGEM

TV S — 22h

(**Cross country**) de Paul Lynch. Com Richard Beymer, Nina Axelrod, Michael Ironside e Brent Carver. Canadá, 1983.

Mistério. Investigando o assassinato de uma bela modelo, detetive persegue o antigo namorado da moça que está em viagem de carro através do país. **Cor** (95'). **Cotação: ●**

JULIA

TV Globo — 22h55

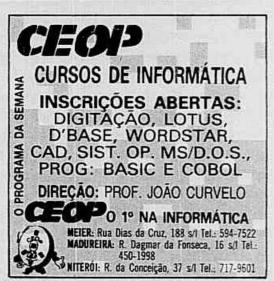
(**Julia**) de Fred Zinnemann. Com Jane Fonda, Vanessa Redgrave, Jason Robards e Meryl Streep. EUA, 1977.

Drama. A história real da escritora Lillian Hellman e sua atribulada amizade com Julia, uma mulher marcante. **Cor** (118'). **Cotação: ★ ★**

O REPÓRTER MALDITO — O MONSTRO

TV Bandeirantes — 0h

(**Il monstro**) de Luigi Zampa. Com Johnny Dorelli, Sydne Rome, Renzo Palmer, Yves Deneyton, Enzo Santaniello e Renato Scarpa. Itália, 1973.

Mistério. Assassino psicopata envia para um repórter bilhetes avisando qual será a próxima vítima a ser morta e mutilada. Envolvido no caso, o jornalista acaba se tornando suspeito. **Cor** (82'). **Cotação: ★**

TV. Manhã

6h30 13 VINDE A CRISTO — Religioso

6h45 4 SANTA MISSA EM SEU LAR — Religioso

7h 7 PARE E PENSE — Religioso

7h15 9 PROJETO VIDA NOVA — Religioso

7h30 6 PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA
7 KUNG FU — Seriado
11 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL — Educativo

7h40 4 TELECURSO IRRIGAÇÃO — Informativo sobre agricultura. Apresentação de Sérgio Roberto Ribeiro. Tema: **Captação de condução de água**

7h45 9 ESCOLA BÍBLICA DO AR — Religioso
11 CLUBE IRMÃO CAMINHONEIRO SHELL — Informativo

8h 2 PALAVRAS DE VIDA — Mensagem religiosa de d. Eugênio Sales
4 GLOBO RURAL — Informativo sobre o campo
6 HOMENS E LIVROS — Programa sobre o mercado editorial. Apresentação de Lourivaldo Filho
9 POSSO CRER NO AMANHÃ — Religioso
10 TVE — Retransmissão da programação da TVE do Rio
11 VOYAGERS — Seriado
13 STADIUM — Esportivo

8h30 6 JORNAL DO PROFESSOR — Programa com informações para o professor. Apresentação de Eliane Furtado
7 ANUNCIAMOS JESUS — Religioso

8h45 2 MISSA AO VIVO — Culto religioso

8h55 7 CADA DIA — Religioso
9 PROGRAMA GERSON BERGER — Apresentação de Gerson Berger

9h 4 A TURMA DO CHARLIE BROWN — Desenho
6 VERSO E REVERSO — Informativo sobre educação. Apresentação de Álvaro Goulart
7 BRASIL RURAL — Musical regional
9 COMUNIDADE NA TV — Programa de entrevistas organizadas pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro
11 MILIONÁRIO E JOSÉ RICO — Música sertaneja
13 NASHVILLE — Musical regional

9h25 4 DISNEYLÂNDIA — Seriado

9h30 2 ZERO A SEIS — Programa sobre puericultura. Tema: **Persuadir**
6 ESTAÇÃO CIÊNCIA — Programa sobre ecologia e ciências. Apresentação de Gonzaga Motta e Tânia Viegas
7 SHOW DO ESPORTE — Programa esportivo. Apresentação de Luciano do Valle
10 REALCE — Programa para jovens com entrevistas. Apresentação de Patrícia Barros, Ricardo Bocão e Antônio Ricardo
11 JOÃO MINEIRO E MARCIANO — Música sertaneja

10h 2 BAIXADA MARAVILHA — Documentário jornalístico enfocando a Baixada Fluminense. Hoje: **São João de Meriti**
6 MANCHETE RURAL — Informativo sobre o campo. Apresentação de Luiz Adriano
9 RESGATE — Debates, denúncias e pesquisas. Apresentação de Ronaldo Gomlevsky
11 PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório
13 CAMPEONATO DE FUTEBOL DAS ESCOLAS DE SAMBA

10h05 9 MESQUITA BRÁULIO PERGUNTA: QUEM TEM A RESPOSTA? — Programa de competições. Apresentação de Mesquita Bráulio

10h10 4 SUPER VICKY — Seriado

10h30 2 DOCUMENTÁRIOS — Temas: **Agropecuária: perigos para o solo. Remédios: alarme: angina do peito e Vírus e bactérias — Pequenos grandes inimigos**
10 TVE — Retransmissão da programação da TVE

10h35 4 ANJOS DA LEI — Seriado

11h 6 ESPORTE E AÇÃO — Esportivo. Apresentação de Halmalo Silva
9 SELEÇÕES PORTUGUESAS — O SHOW DA MALTA — Musical. Apresentação de Jorge Sereno

11h05 13 AERÓBICA NA TV — Programa sobre ginástica. Apresentação de Aldo Ribeiro

11h15 2 UNIVERSIDADE — Documentário jornalístico

11h20 4 ALF, O E. TEIMOSO — Seriado

11h30 6 BOLETIM DA COPA

11h45 2 GLOBO CIÊNCIA — Documentário

11h50 4 UM HOMEM CHAMADO FALCÃO — Seriado

TV. Tarde

12h 6 CAMPEONATO PORTUGUÊS DE FUTEBOL — Ao vivo
9 PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório
13 ROCK IN RUA — Esporte e música. Apresentação de Renato Rabelo

12h15 2 FUTEBOL — Compacto dos jogos da semana

12h40 4 PROFISSÃO: PERIGO

13h30 4 TEMPERATURA MÁXIMA — Filme: **Indiana Jones e o templo da perdição**

14h 2 STADIUM — Esportivo
6 O MUNDO DOS ESPORTES — Esportivo. Apresentação de Mylena Ciribelli
13 PERDIDOS NO ESPAÇO — Seriado

14h30 6 ESPORTÍSSIMO — Esportivo. Apresentação de Halmalo Silva

15h 2 DOCUMENTÁRIO ESPECIAL — **A escalada do homem** (5º episódio)
10 AUTOMOBILE — Automobilístico. Apresentação de Paulo Sant'Anna Jr.

15h35 4 DOMINGÃO DO FAUSTÃO — Programa de auditório. Apresentação de Fausto Silva

16h 2 BALEIA VERDE — Espaço aberto para a ecologia
10 TVE — Retransmissão da programação da TVE

16h30 6 DOMINGO NO CINEMA — Filme: **O homem que entendia as crianças**

17h 2 DOCUMENTÁRIO ESPECIAL — **Viagens de Charles Darwin** (4ª parte)
10 ECOLOGIANDO — Jornalismo ecológico. Apresentação de Ana Richard e Ricardo Guterres

17h30 10 VIBRAÇÃO — Musicais e esporte. Apresentação Cesinha Chaves

TV. Noite

18h 2 INTERVALO — Informativo sobre a propagadanda no Brasil e no mundo
6 FERAS DA COPA — Entrevistas e os melhores lances das Copas
10 TVE — Retransmissão da programação da TVE
13 ROCK DRINK'S — Musical e entrevistas

Santoro, na JB/FM

18h20 6 COPA RIO — Jogo: a programar

19h 2 ESPECIAL — Tema: **História da TV no Brasil** (1ª parte)
4 OS TRAPALHÕES — Humorístico

19h40 2 JORNAL VISUAL — Noticiário dedicado a surdos-mudos

19h50 2 REDE BRASIL — DOMINGO — Noticiário nacional e internacional. Apresentação de Vera Barroso e Dinoel Sant'Anna

20h 2 CINEMA DE DOMINGO — Filme: **Operação resgate**
4 FANTÁSTICO — Variedades
7 CINEMAX — Filme: **O enigma chinês**
13 CLIP SHOP — Musical

20h30 6 PROGRAMA DE DOMINGO — Variedades. Apresentação de Paulo Alceu e Carolina Ferraz

21h 13 COMBATE — Seriado

22h 2 OPINIÃO PÚBLICA — Revista jornalística. Apresentação de Tarcísio e Haroldo de Hollanda
4 ESPORTE ESPETACULAR — Esportivo. Apresentação de Fernando Vanucci
7 CARA A CARA — Entrevistas. Apresentação de Marília Gabriela
9 CAMISA NOVE — Mesa-redonda sobre esporte e entrevistas. Apresentação de Oldemário Touguinhó, Luiz Orlando e Orlando Baptista
10 PLEBISCITO DA EMANCIPAÇÃO — Jornalístico
11 SESSÃO DAS DEZ — Filme: **A chantagem**
13 POLÍTICA NACIONAL — Programa político. Apresentação de Berto Filho

22h30 6 A HISTÓRIA DAS COPAS — A história dos 13 campeonatos disputados até hoje. Apresentação de Milena Ciribelli

22h55 4 DOMINGO MAIOR — Filme: **Júlia**

23h 7 CRÍTICA E AUTOCRÍTICA — Entrevistas. Apresentação de Dirceu Brizola

23h30 2 ESPORTE VISÃO — Mesa redonda sobre esportes. Apresentação de Januário de Oliveira
6 TOQUE DE BOLA — Esportivo. Apresentação de João Saldanha e Alberto Léo
10 TVE — Retransmissão da programação do Rio

0h 7 VÍDEO CLUBE — Filme: **O repórter maldito**
9 POINT BY BENÍCIO BRAGA — Variedades
11 REPRISE DA SESSÃO DAS DEZ
13 SESSÃO MADRUGADA — Seriado

1h 10 BOA NOITE BÚZIOS — Tema: **Canta Búzios**. Apresentação de Flávia Werger

(A programação da **TV Búzios/10/25** só pode ser captada na Armação de Búzios, Cabo Frio, Arraial do Cabo, São Pedro da Aldeia e Rio das Ostras).

Rádio Jornal do Brasil
AM 940 KHz ESTÉREO

JBI — Jornal do Brasil Informa — Sáb., dom. e feriados às 8h30, 12h30, 18h30 e 0h30.
Repórter JB - de 2ª a dom. informativo às horas certas.
Som Latino - dom., às 21h, com Márcia Rodrigues.
Arte Final Jazz - dom., às 22h, produção de J. Carlos e Célio Alzer. Apresentação de Maurício Figueiredo.

FM ESTÉREO 99, 7 MHz

10 horas - Reprodução digital (CDs e DATs): O Magnum Mysterium e Canzon XII a 8, de Giovanni Gabrieli (King's College, Philip Jones Brass Ens. Cleobury - DDD - 7:49); Trio com piano nº 29, em mi bemol maior, de Haydn (Beaux Arts - ADD - 16:49); Abertura da Ópera A Noite de Maio, de Rimsky-Korsakoff (Fil. Rotterdam, Zinman - DDD - 8:08); Introdução e Rondó Caprichoso, op. 28, de Saint-Saens (Perlman, Orq. Paris, Martinon - ADD - 9:13); Sinfonia nº 7, em ré menor, op. 70, de Dvorak (OS.Minnesota, Marriner - DDD - 36:38); Los Requiebros, das Goyescas, de Granados (Larrocha - AAD - 8:43); Suite do ballet Les deux pigeons, de André Messager (Royal Opera, Mackerras - ADD - 21:50); Canción de Cuna e Ojos Brujos, de Leo Brower (Kayath - DDD - 5:32); Variações sobre um tema de Haydn, op. 56a, de Brahms (Fil. Berlim, Karajan - DDD - 18:55); Fantasia Improviso em dó sustenido menor, op. 66, de Chopin (Arrau - ADD - 5:42); Dixit Dominus, de Vivaldi (Cleobury - DDD - 25:06).
20 horas - Reprodução digital (CDs e DATs): Actus Tragicus - Cantata BWV 106, de Bach (Toepper, Haefliger, Adam, Coro, Orq.Bach Munique, Karl Richter - ADD - 22:14); Sonata em ré maior, para violino e piano, op. 12 nº 1, de Beethoven (Menuhin, Kempff - ADD - 21:33); Sinfonia nº 88 em sol maior, de Haydn (Fil. Berlim, Furtwangler - Grav. 1951 - ADD - 21:04); Navarra, de Albéniz (Rubinstein - AAD - 5:20); Petroushka - versão original, de 1911, de Strawinsky (Strawinsky - AAD - 34:18); Trio nº 2, em fá maior, para piano, violino e violoncelo, op. 80, de Schumann (Beaux Arts - AAD - 26:57); Sixieme Concert em sextuor: La Poule, La Menuet Um e Dois, L'Enharmonique e L'Egyptienne, de Rameau (Paillard - AAD - 12:30); Fantasia em fá menor, para piano a quatro mãos, D 940, de Schubert (Duo Kontarsky - AAD - 18:37); Ponteio, de Cláudio Santoro (George Kaszas - AAD - 4:44).

FM 105 — 105, 1 MHz

105 na madrugada - à 0h.
As mais Pedidas na Madrugada — às 5h.
Vale a Pena Ouvir de Novo - às 12h.
Roberto Carlos em Detalhes — às 13h.
105 sem Parar - às 14h.
Melhor da Hora - aos 55 min de cada hora.

Rádio Cidade 102,9 MHz

Saudade Cidade — às 8h10.
Cidade Dá de Dez — de 9h às 21h, de hora em hora.
102 Decibéis — às 22h.

FILMES DA SEMANA

DIA	CANAL/H	FILMES	SINOPSE
seg 2	4 • 15:20	TUBARÃO III (Jaws 3) EUA, 1983, cor, 97'. De Joe Alves. Com Dennis Quaid, Lois Gossett Jr., Bess Armstrong e John Putch.	Suspense. Filhote de tubarão morre num aquário da Flórida e mamãe aparece no local para uma violenta vingança.
	4 • 22:00	PORKY'S II (Porky's II: The next day) Canadá, 1983, cor, 95' De Bob Clark. Com Dan Monahan, Wyatt Knight e Mark Herrier.	Comédia. Na Flórida, grupo de adolescentes do segundo grau continua pelejando para fazer sucesso entre a mulherada.
	7 • 00:00	O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO. Brasil, 1969, cor, 100'. De Glauber Rocha. Com Maurício do Valle.	Farnordeste. Antônio das Mortes, matador de cangaceiros, é contratado para limpar uma cidade infestada de jagunços.
	4 • 00:30	VIVENDO NA CORDA BAMBA (Blue collar) EUA, 1978, cor, 114'. De Paul Schrader. Com Harvey Keitel e Richard Pryor.	Drama. Operários em dificuldade roubam o cofre de seu sindicato e encontram documentos altamente comprometedores.
ter 3	4 • 15:20	DE VOLTA ÀS AULAS (Back to school) EUA, 1986, cor, 96'. De Alan Metter. Com Rodney Dangerfield e Sally Kellerman.	Comédia. Velho rico e inculto resolve realizar um velho sonho e se matricula na faculdade onde estuda seu filho.
	9 • 21:30	SOZINHO NO ESCURO (Alone in the Dark) EUA, 1982, cor, 92'. De Jack Sholder. Com Jack Palance e Donald Pleasence.	Terror. Quatro pacientes de um asilo de loucos fogem espalhando o pânico e a morte por uma cidade.
	4 • 23:55	UM TOQUE DE AMOR (Touched by love) EUA, 1980, cor, 95'. De Gus Trikonis. Com Deborah Raffin, Diane Lane e John Amos.	Drama. Enfermeira se dedica além do dever a tratar de uma adolescente que recusa comunicar-se com outras pessoas.
qua 4	4 • 15:20	INIMIGO MEU (Enemy mine) EUA, 1985, cor, 108'. De Wolfgang Petersen. Com Dennis Quaid, Louis Gossett Jr. e Brion James.	Ficção científica. Durante numa guerra galática, dois inimigos se perdem num planeta deserto e aprendem a ser amigos.
	4 • 21:30	HOWARD, O SUPER HERÓI (Howard, the duck) EUA, 1986, cor, 111'. De Willard Huyck. Com Lea Thompson e Jeffrey Jones.	Fantasia. Acidente cósmico leva habitante de um planeta de patos até a Terra, onde ele causa uma grande confusão.
	4 • 22:30	O MÉDICO ERÓTICO (The man with two brains) EUA, 1983, cor, 95'. De Carl Reiner. Com Steve Martin e Kathleen Turner.	Comédia. Cirurgião casa com uma dona vadia e planeja transplantar o cérebro de outra mulher para o corpo da esposa.
	4 • 00:00	O FANTASMA DA ÓPERA (The phantom of the Opera) EUA, 1943, cor, 92'. De Arthur Lubin. Com Claude Rains e Nelson Eddy.	Drama de suspense. Músico horrendamente deformado assombra a Ópera de Paris como se fosse um verdadeiro fantasma.
qui 5	4 • 15:15	D.A.R.Y.L (D.A.R.Y.L.) EUA, 1985, cor, 99'. De Simon Wince. Com Barret Oliver, Mary Beth Hurt e Michael McKean.	Fantasia. Garoto sem memória é adotado por típica casal americano que acaba descobrindo que ele é um computador humano.
	7 • 22:00	LUCKY LUCIANO (Lucky Luciano) Itália, 1973, cor, 115'. De Francesco Rosi. Com Gain Maria Volonté e Rod Steiger.	Criminal. Em 1946, chefão da Máfia é libertado mas um comissário quer provar que ele voltou às sendas do crime.
	4 • 00:20	JOVENS GUERREIROS (Young warriors) EUA, 1983, cor, 103'. De Lawrence D. Foldes. Com Ernest Borgnine e Richard Roundtree.	Policial. Numa cidade do interior dos Estados Unidos, grupo de jovens resolve enfrentar a ineficiência da polícia local.
sex 6	4 • 15:20	A LENDA DE BILLIE JEAN (The legend of Billie Jean) EUA, 1985 cor, 96'. De Matthew Robbins. Com Helen Slater.	Aventura. Acusados de um crime que não cometeram, adolescen tes fogem da polícia e conquistam a opinião pública.
	7 • 21:30	O PODER MALDITO (The power) EUA, 1983, cor, 83'. De Jeffrey Obrow. Com Susan Stokey, Warren Lincoln e Lisa Erickson.	Terror. Ocultista cria uma imagem do demo capaz de causar a morte de qualquer pessoa que o possua.
	11 • 21:30	UM DIA DE CÃO (Dog day afternoon) EUA, 1975, cor, 118'. De Sidney Lumet. Com Al Pacino, John Cazale e Sully Boyar.	Drama. Dois assaltantes inexperientes acabam acossados pela polícia dentro de um banco com um grupo de reféns.
	2 • 23:30	O EXPRESSO DE PARIS (The Paris express) Ingl., 1953, cor, 83'. De Harold French. Com Claude Rains, Herbert Lom, Anouk.	Drama criminal. Velho funcionário de uma empresa prepara um golpe que culmina numa arriscada viagem de trem até Paris.
	4 • 00:30	O PRÊMIO DO ASSASSINO (Badge of the assassin) EUA, 1985, cor, 100'. De Mel Damski. Com James Woods e Yaphet Kotto.	Policial. A luta de um promotor e um detetive de Nova Iorque para encontrarem os assassinos de uma dupla de policiais.
	4 • 02:20	A FONTE DOS DESEJOS (Three coins in a fountain) EUA, 1954, cor, 102'. De Jean Negulesco. Com Jean Peters e Clifton Webb	Romance. A história de três secretárias americanas que vão a Roma encontrar os homens com que sempre sonharam.
	4 • 04:10	ATÉ QUE ENFIM É SEXTA-FEIRA (Thank God it's friday) EUA, 1978, cor, 90'. De Robert Klane. Com Donna Summer.	Musical. Cantora iniciante tenta se apresentar na mais movimentada discoteca de Los Angeles numa noite de sexta-feira.
sáb 7	4 • 21:40	PERIGOSAMENTE JUNTOS (Legal eagles) EUA, 1986, cor, 115'. De Ivan Reitman. Com Robert Redford, Debra Winger e David Hart.	Mistério. Promotor e advogada se unem na defesa de uma bela e problemática moça acusada de roubar um valioso quadro.
	2 • 23:00	O CÉU AMARELO (Yellow sky) EUA, 1949, P&B, 99'. De William Wellman. Com Gregory Peck, Anne Baxter e Richard Widmark.	Faroeste. Sete ladrões de banco se refugiam numa cidade fantasma onde uma bela moça semeia a discórdia entre o bando.
	4 • 23:50	MUTANTE (Mutant) EUA, 1983, cor, 90'. De John Cardos. Com Bo Hopkins, Wings Hauser, Jody Medford e Cary Guffey.	Terror. Durante uma viagem, dois irmãos param numa cidadezinha do interior habitada por perigosos seres mutantes.
	7 • 00:00	UM HOMEM ATRÁS DA PORTA (Someone behind the door) França e Itália, 1971, cor, 102'. De Nicolas Gessner.	Suspense. Anthony Perkins é o médico que planeja matar a mulher usando como instrumento o desmemoriado Charles Bronson.
	4 • 02:00	SEGREDOS DE UM HOMEM CASADO (Secrets of a married man) EUA, 1984, cor, 95'. De William Graham. Com William Shatner.	Drama. Marido entediado se diverte com prostitutas mas tem problemas quando acaba apaixonado por uma delas.
	7 • 02:00	O TREM MORTÍFERO (The death train) Austrália, 1978, cor, 99'. De Igor Auzins. Com Hugh Keays-Byrne e Ingrid Mason.	Mistério. Detetive investiga o caso de um homem misteriosamente atropelado por um... trem fantasma?
	4 • 04:00	LABIRINTO DE PAIXÕES (The spiral road) EUA, 1962, cor, 145'. De Robert Mulligan. Com Rock Hudson e Gena Rowlands.	Drama. Em 1936, médico oportunista combate uma epidemia de lepra na Ilha de Java e se torna um missionário.
dom 8	4 • 13:30	RAMBO II — A MISSÃO (Rambo — First blood part II) EUA, 1985, cor, 95'. De George Pan Cosmatos. Com Sylvester Stallone.	Ação. O soldado John Rambo volta ao Vietnã para ganhar a guerra perdida pelos Estados Unidos anos atrás.
	2 • 20:00	INDISCRETA (Indiscreet) Ingl., 1958, cor, 100'. De Stanley Donen. Com Cary Grant, Ingrid Bergman e Phyllis Calvert.	Comédia. Bela atriz se apaixona por diplomata casado e ao descobrir que o homem é solteiro planeja uma vingança.
	7 • 20:00	ARMADILHA MORTAL (Deathtrap) EUA, 1982, cor, 110'. De Sidney Lumet. Com Michael Caine, Christopher Reeve e Dyan Cannon.	Suspense. Autor de histórias de mistério planeja assassinar um jovem concorrente e roubar o ótimo manuscrito deste.
	4 • 23:00	TESTEMUNHA FATAL (Eyewitness) EUA, 1981, cor, 100'. De Peter Yates. Com William Hurt, Sigourney Weaver e James Woods.	Mistério. para se aproximar de bela repórter, faxineiro finge ter testemunhado o crime que ela está investigando.

Esta é uma seleção dos filmes programados para a semana.
Confira a programação completa, diariamente, pelo Caderno B.

Recomendações

Lançamentos

COMANDO DE HERÓIS *(The siege of firebase gloria)*, de Brian Trenchard-Smith. Com R. Lee Ermey, Wings Hauser, Robert Abevalo e Gary Hershberger. *Studio-Catete* (Rua do Catete, 228 — 205-7194), *Studio-Copacabana* (Rua Raul Pompeia, 102 — 247-8900): 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos).
Soldados americanos lutam para defender suas posições durante a ofensiva do *tet*, no Vietnã. EUA/1988.

BOTANDO FOGO NA NOITE — LAMBADA *(Set the night on fire — Lambada)*, de Joel Silberg. Com J. Eddie Peck, Melora Hardin, Shabba-Doo e Rick Paull Goldin. *Palácio-2* (Rua do Passeio, 40 — 240-6541), *Tijuca-1* (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246): 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. *Madureira-3* (Rua João Vicente, 15 — 593-2146), *Art-Méier* (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544), *Ramos* (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 15h, 17h, 19h, 21h. *Palácio* (Campo Grande): 16h, 18h, 20h. (Livre).
Alunos ajudam professor ameaçado de perder o emprego, quando é descoberto dançando num *night-club*. EUA/1990.

LAMBADA! A DANÇA PROIBIDA *(Lambada! The forbidden dance)*, de Greydon Clark. Com Laura Herring, Jeff James, Barbra Brighton e Richard Lynch. *Art-Copacabana* (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), *Star-Ipanema* (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. *Art-Casashopping 2* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-1258), *Art-Tijuca* (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578), *Art-Madureira 1* (Shopping Center de Madureira — 390-1827), *Campo Grande* (Rua Campo Grande, 880 — 394-4452), *Paratodos* (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 15h, 17h, 19h, 21h. *Pathé* (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. (10 anos).
Filha do chefe de uma tribo amazônica vai para os Estados Unidos lutar pela preservação da ecologia, dançando a lambada, um dos rituais de sua tribo. EUA/1990.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS *(Dead poets society)*, de Peter Weir. Com Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke e Josh Charles. *Veneza* (Av. Pasteur, 184 — 295-8349): 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. *Barra-2* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), *Tijuca-2* (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246): 14h, 16h20, 18h40, 21h. (10 anos).
Numa escola conservadora, professor de literatura estimula o inconformismo dos alunos, mas essa nova postura cria inúmeros conflitos. Oscar de melhor roteiro original. EUA/1989.

BAGDAD CAFE *(Bagdad Cafe)*, de Percy Adlon. Com Marianne Sagebrecht, C.C.H. Pounder, Jack Palance e Christine Kaufmann. *Cinema-1* (Av. Prado Júnior, 281 — 295-2889): 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. *Tijuca-Palace 1* (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (Livre).
Alemã hospeda-se num motel, em pleno deserto americano, e sua presença muda a vida de todos os habitantes do local. Alemanha/1988.

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER *(The unbearable lightness of being)*, de Philip Kaufman. Com Daniel Day-Lewis, Juliette Binoche, Lena Olin e Derek de Lint. *Lido-1* (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642): 15h, 18h, 21h. (16 anos).
Médico e fotógrafa vivem apaixonada história de amor, quando explode a repressão em Praga e eles são obrigados a emigrar. Baseado no romance homônimo de Milan Kundera. França/1988.

NASCIDO EM 4 DE JULHO *(Born on the fourth of july)*, de Oliver Stone. Com Tom Cruise, Raymond J. Barry, Josh Evans e Willem Dafoe. *Metro Boavista* (Rua do Passeio, 62 — 240-1291), *Odeon* (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835), *Barra-3* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), *Carioca* (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178), *Madureira-2* (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 450-1338), *Norte Shopping 2* (Av. Suburbana, 5.474 — 592-9430): 13h30, 16h, 18h30, 21h. *Condor Copacabana* (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), *Largo do Machado 1* (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 14h, 16h40, 18h50, 21h. *São Luiz 1* (Rua do Catete, 307 — 285-2296), *Roxy* (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), *Leblon-1* (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048)): 14h, 16h30, 19h, 21h30. *Olaria* (Rua Uranos, 1.474 — 230-2666): 15h30, 18h, 20h30. (10 anos).
Soldado volta do Vietnã preso a uma cadeira de rodas e, aos poucos, torna-se líder de um grupo de veteranos contra a guerra. Oscar de melhor diretor e montagem. EUA/1989.

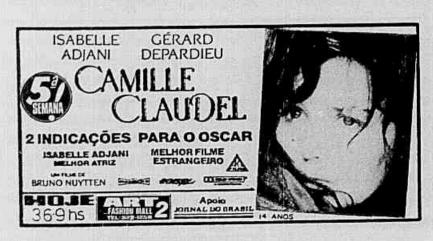
SHIRLEY VALENTINE *(Shirley Valentine)*, de Lewis Gilbert. Com Pauline Collins, Tom Conti, Julia McKenzie e Alison Steadman. *Largo do Machado 2* (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).
Dona-de-casa inglesa viaja com uma amiga para a Grécia e decide ficar lá, quando descobre novos prazeres para sua vida. Inglaterra/1989.

CONDUZINDO MISS DAISY *(Driving Miss Daisy)*, de Bruce Beresford. Com Jessica Tandy, Morgan Freeman e Dan Aykroyd. *Barra-1* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), *Copacabana* (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), *Rio-Sul* (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), *América* (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246): 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. *Palácio-1* (Rua do Passeio, 40 — 240-6541): 13h40, 15h30, 17h20, 19h10, 21h. *Ópera-1* (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945): de 2ª a 6ª, às 16h, 17h50, 19h40, 21h30. Sábado e domingo, a partir das 14h10. *Norte Shopping 1* (Av. Suburbana, 5.474 — 592-9430), *Madureira-1* (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 450-1338): 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (Livre).
Mulher de 72 anos emprega motorista, contra sua vontade, mas os dois acabam tornando-se bons amigos. Baseado na peça de Alfred Uhry. Oscar de melhor filme, atriz, roteiro adaptado e maquiagem. EUA/1989.

CRIMES E PECADOS *(Crimes and misdemeanors)*, de Woody Allen. Com Mia Farrow, Woody Allen, Anjelica Huston e Alan Alda. *Leblon-2* (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. *Ópera-2* (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945): de 2ª a 6ª, às 16h, 17h50, 19h40, 21h30. Sábado e domingo, a partir das 14h10. (14 anos).
Relações familiares interligadas em torno de um famoso médico chantageado pela amante e um cineasta em conflito com o produtor bem sucedido. EUA/1989.

CINEMA PARADISO *(Cinema paradiso)*, de Giuseppe Tornatore. Com Philippe

Tom Cruise está em **Nascido em 4 de julho**

Isabela Rossellini: **Um toque de infidelidade**

Noiret, Jacques Perrin, Salvatore Cascio e Mario Leonardi. *São Luiz 2* (Rua do Catete, 307 — 285-2296): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. *Tijuca-Palace 2* (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).
A morte de um projecionista de cinema, num vilarejo da Sicília, traz velhas recordações a um bem sucedido cineasta. Oscar de melhor filme estrangeiro. França/Itália/1989.

FÚRIA CEGA *(Blind fury)*, de Phillip Noyce. Com Rutger Hauer, Brandon Call, Terry O'Quinn e Lisa Blount. *Art-Casashopping 1* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746), *Art-Madureira 2* (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 15h45, 17h30, 19h15, 21h. (14 anos).
Menino de nove anos, perseguido pela máfia, viaja em companhia de um cego, que foi companheiro de seu pai no exército. EUA/1989.

PECADOS DA GUERRA *(Casualties of war)*, de Brian de Palma. Com Michael J. Fox, Sean Penn, Don Harvey e John C. Reilly. *Lagoa Drive-In* (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h30, 22h30. Último dia. (14 anos).
Drama. No Vietnã, sargento ordena o seqüestro e o estupro de moça vietnamita, mas não é obedecido pelo soldado a quem salvara a vida. EUA/1989.

CAMILLE CLAUDEL *(Camille Claudel)*, de Bruno Nuytten. Com Isabelle Adjani, Gérard Depardieu, Laurent Grevill e Allain Cuny. *Art-Fashion Mall 2* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h, 18h, 21h. (14 anos).
Baseado em fatos reais. A trágica história de amor entre a escultora Camille Claudel e seu mestre, o célebre Rodin. França/1988.

O CAMPO DOS SONHOS *(Field of dreams)*, de Phil Alden Robinson. Com Kevin Costner, Amy Madigan, James Earl Jones e Burt Lancaster. *Art-Fashion Mall 3* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258), *Ricamar* (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. *Art-Casashopping 3* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746), *Bruni-Tijuca* (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).
Fazendeiro ouve uma voz que lhe diz para transformar sua plantação de milho num campo de beisebol e assim acertar contas com o passado. EUA/1989.

VÍTIMAS DE UMA PAIXÃO *(Sea of love)*, de Harold Becker. Com Al Pacino, Ellen Barkin, John Goodman e Michael Rooker. *Jóia* (Av. Copacabana, 680 — 255-7121): 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (14 anos).
Policial. O ardente caso de amor entre a principal suspeita de uma série de crimes e o detetive encarregado da investigação. EUA/1989.

UM TOQUE DE INFIDELIDADE *(Cousins)*, de Joel Schumacher. Com Isabella Rossellini, Ted Danson, Sean Young e Norma Aleandro. *Art-Fashion Mall 4* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h30, 17h40, 19h50, 22h. (10 anos).
Primo e prima começam romance, depois que o marido dela tem um caso com a mulher dele. Refilmagem do filme francês *Primo prima*. EUA/1989.

O URSO *(The bear)*, de Jean-Jacques Annaud. Com Bart, Douce, Jack Wallace, Tcheky Karyo e Andre Lacombe. *Lido-2* (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642): 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (Livre).
Ursinho órfão aprende a sobreviver na floresta com a ajuda de um enorme urso pardo. França/1989.

Reprises

FAÇA A COISA CERTA *(Do the right thing)*, de Spike Lee. Com Danny Aiello, Ossie Davis, Ruby Dee e Giancarlo Esposito. *Star-Copacabana* (Rua Barata Ribeiro, 502/B): 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (14 anos).
Numa pizzaria administrada por ítalo-americanos, conflitos raciais latentes explodem num dia de forte calor. EUA/1989.

NASCIDO PARA MATAR *(Full metal jacket)*, de Stanley Kubrick. Com Matthew Modine, Adam Baldwin e Vincent D'Onofrio. *Cândido Mendes* (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7295): de 4ª a 6ª, às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, às 18h, 20h, 22h. (14 anos).
A dura preparação de um grupo de jovens norte-americanos para o Vietnã e as primeiras experiências na guerra, com a violência real dos combates. EUA/1987.

A MULHER DO LADO *(La femme d'a côté)*, de François Truffaut. Com Fanny Ardant, Gérard Depardieu, Henri Garcin e Michele Baugartner. *Estação 1* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 16h, 20h. Último dia. (16 anos).
Ex-apaixonados voltam a se encontrar, por acaso, morando lado a lado, mas ambos estão casados e o novo encontro é cheio de culpas. França/1981.

AMOR EM FUGA *(L'amour en fuite)*, de François Truffaut. Com Jean-Pierre Léaud, Marie-France Pisier, Dorothée e Claude Jade. *Estação 1* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 18h, 22h. Último dia. (14 anos).
Quinta e última aventura do personagem Antoine Doinel. O filme mistura cenas novas interligadas por *flashbacks* dos filmes *Os incompreendidos*, *Amor aos vinte anos*, *Beijos proibidos* e *Domicílio conjugal*. França/1978.

ZERO EM COMPORTAMENTO *(Zero de conduit)*, de Jean Vigo. Com Louis Lefévre, Gérard de Bedarieux, Robert le Blond e Gilbert Prudhon. *Estação 2* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 19h, 20h. Último dia.
As aventuras dos meninos de um internato de província e sua luta contra a ordem estabelecida. França/1933.

O ATALANTE *(L'atalante)*, de Jean Vigo. Com Jean Daste e Michel Simon. *Estação 2* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 21h. Último dia.
Marinheiro casa-se com uma jovem e partem em viagem pelo Sena. Ela adapta-se mal à vida no barco e, chegando a Paris, abandona o marido. França/1934. P&B.

PRECE PARA UM CONDENADO *(A prayer for the dying)*, de Mike Hodges. Com Mickey Rourke, Bob Hoskins e Alan Bates. *Estação 3* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 17h30, 19h30, 21h30. Até amanhã. (14 anos).
Terrorista do IRA comete erro fatal durante atentado e foge para a Inglaterra, mas é perseguido pelos ex-companheiros, pela polícia e pela máfia local. Inglaterra/1987.

A GUERRA DOS ROSES *(The war of the Roses)*, de Danny DeVito. Com Michael Douglas, Kathleen Turner, Danny DeVito e Marianne Sagebrecht. *Art-Fashion Mall 1* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (10 anos).
Casal super-feliz entra em guerra quando a mulher pede divórcio, depois de 17 anos de casamento. EUA/1989.

■ *Perto de você*

Shoppings

ART-CASASHOPPING 1 — *Fúria cega*: 15h45, 17h30, 19h15, 21h. (14 anos). Curta: *Amerika*, de Octávio Bezerra.

ART-CASASHOPPING 2 — *Lambada! A dança proibida*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos). Curta: *Trajetória do frevo*, de Fernando Spencer.

ART-CASASHOPPING 3 — *O campo dos sonhos*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

ART-FASHION MALL 1 — *A guerra dos Roses*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (10 anos). Curta: *Beco sem número*, de Octávio Bezerra.

ART-FASHION MALL 2 — *Camille Claudel*: 15h, 18h, 21h. (14 anos).

ART-FASHION MALL 3 — *O campo dos sonhos*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

ART-FASHION MALL 4 — *Um toque de infidelidade*: 15h30, 17h40, 19h50, 22h. (10 anos). Curta: *Carnaval*, de Francisco Liberato de Matos.

BARRA-1 — *Conduzindo Miss Daisy*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (Livre). Curta: *Lá*, de Carmem Pereira Gomes.

BARRA-2 — *Sociedade dos poetas mortos*: 14h, 16h20, 18h40, 21h. (10 anos). Curta: *Carrossel*, de Antonio Carlos Textor.

BARRA-3 — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

NORTE SHOPPING 1 — *Conduzindo Miss Daisy*: 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (Livre). Curta: *O muro — O filme*, de Sérgio Péo.

NORTE SHOPPING 2 — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

RIO-SUL — *Conduzindo Miss Daisy*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (Livre).

Ipanema e Leblon

CÂNDIDO MENDES — *Nascido para matar*: de 4ª a 6ª, às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, às 18h, 20h, 22h. (14 anos). Curta: *Ressurreição*, de Arthur Omar.

LAGOA DRIVE-IN — *Pecados da guerra*: 20h30, 22h30. (14 anos). Curta: *V'am p'ra Disneylândia*, de Nelson Xavier.

LEBLON-1 — *Nascido em 4 de julho*: 14h, 16h30, 19h, 21h30. (10 anos).

LEBLON-2 — *Crimes e pecados*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos).

STAR-IPANEMA — *Lambada! A dança proibida*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (10 anos). Curta: *Roberto Rodrigues*, de Antonio Carlos Amâncio.

Copacabana

ART-COPACABANA — *Lambada! A dança proibida*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (10 anos).

CINEMA-1 — *Bagdad Cafe*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (Livre).

CONDOR COPACABANA — *Nascido em 4 de julho*: 14h, 16h40, 18h50, 21h. (10 anos).

COPACABANA — *Conduzindo Miss Daisy*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (Livre). Curta: *Santa do maracatu*, de Fernando Spencer.

JÓIA — *Vítimas de uma paixão*: 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (14 anos). Curta: *Lampião, capitão Malazarte*, de Octávio Bezerra.

RICAMAR — *O campo dos sonhos*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Curta: *Memória das Minas*, de Luiz Keller e Tânia Quaresma.

ROXY — *Nascido em 4 de julho*: 14h, 16h30, 19h, 21h30. (10 anos).

STAR-COPACABANA — *Faça a coisa certa*: 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (14 anos).

STUDIO-COPACABANA — *Comando de heróis*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos). Curta: *Patativa do Assaré, um poeta do povo*, de Jefferson de Albuquerque Junior.

O amor é o tema de...

Botafogo

BOTAFOGO — *28 centímetros de taras sexuais*: de 2ª a 6ª, às 14h, 16h40, 19h25. Sábado e domingo, às 15h, 17h40, 19h10. (18 anos).

ESTAÇÃO 1 — *A mulher do lado*: 16h, 20h. (16 anos). *Amor em fuga*: 18h, 22h. (14 anos).

ESTAÇÃO 2 — *Zero de conduta*: 19h, 20h. *O atalante*: 21h.

ESTAÇÃO 3 — *Prece para um condenado*: 17h30, 19h30, 21h30. (14 anos).

ÓPERA-1 — *Conduzindo Miss Daisy*: de 2ª a 6ª, às 16h, 17h50, 19h40, 21h30. Sábado e domingo, a partir das 14h10. (Livre). Curta: *Amerika*, de Octávio Bezerra.

ÓPERA-2 — *Crimes e pecados*: de 2ª a 5ª, às 16h, 17h50, 19h40, 21h30. Sábado e domingo, a partir das 14h10. (14 anos).

VENEZA — *Sociedade dos poetas mortos*: 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (10 anos).

Catete e Flamengo

LARGO DO MACHADO 1 — *Nascido em 4 de julho*: 14h, 16h40, 18h50, 21h. (10 anos).

LARGO DO MACHADO 2 — *Shirley Valentine*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).

LIDO-1 — *A insustentável leveza do ser*: 15h, 18h, 21h. (16 anos).

LIDO-2 — *O urso*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (Livre). Curta: *A última canção do beco*, de João Carlos Velho.

SÃO LUIZ 1 — *Nascido em 4 de julho*: 14h, 16h30, 19h, 21h30. (10 anos).

SÃO LUIZ 2 — *Cinema Paradiso*: 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (Livre). Curta: *Teatro negro*, de Daniel Caetano.

STUDIO-CATETE — *Comando de heróis*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos).

... A mulher do lado

Centro

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL — Ver a programação em *Projeto Drummond*.

METRO BOAVISTA — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

ODEON — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

PALÁCIO-1 — *Conduzindo Miss Daisy*: 13h40, 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (Livre). Curta: *As cobras*, de Otto Guerra.

PALÁCIO-2 — *Botando fogo na noite — Lambada*: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (Livre). Curta: *Ô de casa*, de Katia Messel.

PATHÉ — *Lambada! A dança proibida*: de 2ª a 6ª, às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. (10 anos). Curta: *Carrossel*, de Antonio Carlos Textor.

REX — *Orgasmos selvagens*: de 2ª a 6ª, às 13h, 15h45, 18h30. Sábado e domingo, às 15h, 17h55, 19h30. (18 anos).

VITÓRIA — *28 centímetros de taras sexuais*: de 2ª a 6ª, às 13h30, 15h, 16h30, 18h, 19h30, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. (18 anos). Curta: *Eclipse*, de Antonio Moreno.

Tijuca

AMÉRICA — *Conduzindo Miss Daisy*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (Livre).

ART-TIJUCA — *Lambada! A dança proibida*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos).

BRUNI-TIJUCA — *O campo dos sonhos*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre). Curta: *Chico Caruso*, de Joatan Vilela Berbel.

CARIOCA — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

TIJUCA-1 — *Botando fogo na noite — Lambada*: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (14 anos).

TIJUCA-2 — *Sociedade dos poetas mortos*: 14h, 16h20, 18h40, 21h. (10 anos).

TIJUCA-PALACE 1 — *Bagdad Cafe*: 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (Livre).

TIJUCA-PALACE 2 — *Cinema Paradiso*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).

Méier

ART-MÉIER — *Botando fogo na noite — Lambada*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre). Curta: *Iberê Camargo, pintura, pintura*, de Mário Augusto.

BRUNI-MÉIER — *Sacanagem no bordel*: 15h, 16h30, 18h, 19h30, 21h. (18 anos). Curta: *Livio Abramo, gravuras*, de Fernando Coni Campos.

PARATODOS — *Lambada! A dança proibida*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos). Curta: *Justiça para Manoel Congo*, de Milton Alencar Júnior.

Ramos e Olaria

RAMOS — *Botando fogo na noite — Lambada*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

OLARIA — *Nascido em 4 de julho*: 15h30, 18h, 20h30. (10 anos).

Madureira e Jacarepaguá

ART-MADUREIRA 1 — *Lambada! A dança proibida*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos). Curta: *Trajetória do frevo*, de Fernando Spencer.

ART-MADUREIRA 2 — *Fúria cega*: 15h45, 17h30, 19h15, 21h. (14 anos).

MADUREIRA-1 — *Conduzindo Miss Daisy*: 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (Livre). Curta: *Carnaval*, de Francisco Liberato de Matos.

MADUREIRA-2 — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

MADUREIRA-3 — *Botando fogo na noite — Lambada*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre). Curta: *Perto de Clarice*, de João Carlos Horta.

Campo Grande

CAMPO GRANDE — *Lambada! A dança proibida*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos). Curta: *Histórias da Rocinha*, de José Mariano.

PALÁCIO — *Botando fogo na noite — Lambada*: 16h, 18h, 20h. (Livre). Curta: *Fla X Flu, à sombra das chuteiras imortais*, de Alexandre Niemeyer.

Niterói

ARTE-UFF — *Minha vida de cachorro*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos). Até sexta.

CENTER — *Sociedade dos poetas mortos*: 14h, 16h20, 18h40, 21h. (10 anos).

CENTRAL — *Conduzindo Miss Daisy*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (Livre). Curta: *A última canção do beco*, de João Carlos Velho.

ICARAÍ — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

NITERÓI — *Nascido em 4 de julho*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (10 anos).

NITERÓI SHOPPING 1 — *Comando de heróis*: 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos). Curta: *Spray jet*, de Ana Maria Magalhães.

NITERÓI SHOPPING 2 — *Lambada! A dança proibida*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos). Curta: *Meu nome é...*, de David Quintana.

WINDSOR — *O campo dos sonhos*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre). Curta: *Arte nas cidades*, de Carmem Pereira Gomes.

São Gonçalo

STAR SÃO GONÇALO — *Lambada! A dança proibida*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos). Curta: *Mercadores de São José*, de Sani Lafon de Pádua.

TAMOIO — *Missão Thunderbolt*: 15h, 18h, 21h. (18 anos). *Comando de ataque*: 16h30, 19h30. (14 anos). Curta: *MAM SOS*, de Walter Carvalho.

GRUPO SEVERIANO RIBEIRO

HOJE — HORÁRIOS DIVERSOS

PALÁCIO 1 · OPERA 1 · COPACABANA · RIO SUL GÁVEA · BARRA 1 · AMÉRICA · MADUREIRA 1 · NORTE SHOPPING 1 · CENTRAL · D. PEDRO

MORGAN FREEMAN · JESSICA TANDY · DAN AYKROYD

2ª SEMANA!

LIVRE

CONDUZINDO MISS DAISY

A COMÉDIA QUE CONQUISTOU O PRÊMIO PULITZER

LE CANTON HOTEL VILLAGE · Bob's · Driving Miss Daisy

3 GLOBOS DE OURO: MELHOR FILME, MELHOR ATOR, MELHOR ATRIZ

4 OSCAR

O MAIOR VENCEDOR DO OSCAR 90

MELHOR FILME
MELHOR ATRIZ: JESSICA TANDY
MELHOR ROTEIRO ADAPTADO
MELHOR MAQUIAGEM

PARIS FILMES apresenta mais uma SUPERPRODUÇÃO
MORGAN FREEMAN - JESSICA TANDY - DAN AYKROYD
produzido por RICHARD D. ZANUCK e LILI FINI ZANUCK - dirigido por BRUCE BERESFORD

VENCEDOR DO OSCAR MELHOR FILME ESTRANGEIRO

VENCEDOR DO GLOBO DE OURO MELHOR FILME ESTRANGEIRO

PHILIPPE NOIRET · JACQUES PERRIN

CINEMA Paradiso

com Salvatore Cascio como "TOTO"

LIVRE

FESTIVAL DE CANNES — PRÊMIO ESPECIAL DO PÚBLICO

Garson

um filme de GIUSEPPE TORNATORE

SOVEREIGN · Produzido por FRANCO CRISTALDI · 20th Century Fox

HOJE

SÃO LUIZ 2: 3-5.10-7.20-9.30

TIJUCA PALACE 2: 2.30-4.40-6.50-9

3ª SEMANA

LS • CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO •

Ique e Lan Com uma pincelada de humor. **JB**

Fernanda Mayrink

Suzana Vieira em A Partilha, no Cândido Mendes

A ESTRELA DO LAR — Texto e direção de Mauro Rasi. Com Marieta Severo, Sérgio Viotti, Sônia Guedes e outros. *Teatro Copacabana*, Av. N.S. de Copacabana, 291 (257-0881). De 4ª a sáb., às 21h. Dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 300,00 (4ª e 5ª), Cr$ 350,00 (6ª e dom.) e Cr$ 400,00 (sáb.). Duração: 2h.

Pai e filho escrevem, paralelamente, textos com visões antagônicas sobre a mulher e a mãe.

A PARTILHA — Texto e direção de Miguel Falabella. Com Susana Vieira, Natália do Vale, Arlete Sales e Thereza Piffer. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). De 4ª a 6ª, às 21h30. Sáb., às 19h e 21h30; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 350,00 (4ª, 5ª e dom) e Cr$ 400,00 (6ª e sáb). Duração: 1h30. *O espetáculo começa rigorosamente no horário. O valor do ingresso não será devolvido aos retardatários.*

Nesta comédia dramática em que quatro irmãs compartilham o passado, a lembrança do teatro de Tchekov se expressa através de um humor, com alguma crueldade, mas tocando profundos sentimentos.

AGRADOS E AGRESSÕES — Texto de Christopher Hampton. Tradução de Ewa Procter. Direção de Luís de Lima. Com Pereio, Thais Portinho e Nildo Parente. *Teatro Posto 6*, Rua Francisco Sá, 51 (287-7496). De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h. Ingressos de 5ª e 6ª a Cr$ 100,00; sáb. a Cr$ 150,00 e dom., a Cr$ 120,00. Duração: 1h20. Comédia. Personagens formam um triângulo amoroso que ora se agride, ora se ama.

AMORES DE VERÃO — Texto de Silveira Andrade. Direção de Roney Villela. Com Alexandre Frota, Eri Johnson, Roney Villela e outros. *Teatro Ginástico*, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). De 4ª a 6ª, às 21h, sáb., às 21h30 e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 100,00 (4ª), Cr$ 150,00 (5ª, 6ª e dom.) e Cr$ 200,00 (sáb.). Duração: 1h35. Último dia.

BAIXA SOCIEDADE — Texto de Juca de Oliveira. Direção de Oswaldo Loureiro. Com Oswaldo Loureiro, Irwing São Paulo, Cristina Mullins e Edna Velho. *Teatro Vanucci*, Rua Marquês de São Vicente, 52/3º (274-7246). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30; dom., às 19h e 21h30. Ingressos a Cr$ 250,00 (4ª e 5ª), Cr$ 300,00 (6ª e sáb.) e Cr$ 140,00 (dom).

Homem de classe média perde o emprego e tenta ganhar a vida como profissional liberal.

UMA CAMA PARA QUATRO — Texto de Older Cazarré. Direção de Olney Cazarré. Com Zaira Zambelli, Alcione Mazzeo e outros. *Teatro BarraShopping*, Av. das Américas, 4.666 (325-5844). 5ª e 6ª, às 21h; sáb, às 20h e 22h; dom, às 19h30 e 21h30. Ingressos a Cr$ 400,00 (5ª e dom.) e Cr$ 450,00 (6ª e sáb.). Duração: 1h40.

Comédia. Um mesmo apartamento é alugado por dois casais, durante o Carnaval.

COCTEAU 90 - O BELO INDIFERENTE — Texto de Jean Cocteau. Direção de Rubens Lima Júnior. *Teatro do América*, Rua Campos Sales, 118 (234-2068). De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 150,00. Duração: 1h50.

DESPAUTÉRIO — Texto de Ludovico Maia. Direção de Roberto Muniá. Com o grupo Jurisdrama. *Aliança Francesa de Botafogo*, Rua Duvivier, 43). Sáb. e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 100,00. Duração: 1h10.

EU, HENRIQUE VIANA, DEZESSETE ANOS, REPROVADO EM SEIS MATÉRIAS, VIRGEM, ESTOU VOLTANDO PARA CASA — Adaptação do texto O Apanhador no Campo de Centeio, de J.D. Salinger. Direção de Bernardo Jablonski. Com Luís Carlos Tourinho, Jandir Ferrari, Jaime Leibovitch e outros. *Teatro Tablado*, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). 6ª e sáb., às 21h30 e dom., às 20h30. Ingressos a Cr$ 120,00.

FICA COMIGO ESTA NOITE — Texto de Flávio de Souza. Direção de Jorge Fernando. Com Debora Bloch e Luiz Fernando Guimarães. *Teatro dos Quatro*, Rua Marquês de São Vicente, 52 2º (274-9895). 5ª e 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 400,00 (5ª, 6ª e dom.) e Cr$ 500,00 (sáb., feriado e véspera de feriado).

MARAGATO — Texto e direção de Valter Sobreiro Junior. Com o grupo de teatro da Escola Técnica Federal de Pelotas. *Teatro Glauce Rocha*, Av. Rio Branco, 179 (220-0259). 5ª a sáb., às 21h; dom., às 19h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00 (classe artística). Duração: 1h30. Último dia.

O MISTÉRIO DE IRMA VAP — Texto de Charles Ludlan. Direção de Marília Pêra. Com Marco Nanini e Ney Latorraca. *Teatro Casa Grande*, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4045). De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 400,00 (4ª e 5ª), Cr$ 500,00 (6ª e dom.) e Cr$ 600,00 (sáb). *Todas as 6ªs jovens de 10 a 18 anos pagam Cr$ 400,00.*

Comédia que envolve suspense, terror e mistério e acontece no final do séc. 19, na Inglaterra.

MOÇA, NUNCA MAIS — Texto de Ary Fontoura e Júlio Dessaune. Direção de Ary Fontoura e Ivan Senna. Com Ary Fontoura e Suely Franco, Ivan Senna e outros. *Teatro Glória*, Rua do Russel, 632 (245-5527). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h, dom às 19h. Ingressos a Cr$ 250,00 (4ª e 5ª) e Cr$ 350,00 (de 6ª a dom.). Duração: 1h30. *O espetáculo começa rigorosamente no horário.*

Comédia musical. Tentativas de uma funcionária pública, solteirona, para perder a virgindade.

MUSICAOS/O PRAZER SUBVERTE — Texto e direção de Helvécio Júnior. Coreografias de Marcellus Ferreira. Com Ana Palma, Fábio Guimarães, Gislane Bongiorno e outros. *Teatro Villa Lobos*, Sala Monteiro Lobato. Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 150,00 (4ª e 5ª) e Cr$ 200,00 (6ª, sáb e dom.).

Escritor encontra personagem criado por ele e, a partir daí, mergulha num grande delírio musical.

NA SAUNA — Texto de Nell Dunn. Direção de Bibi Ferreira. Tradução de Flávio Marinho. Com Luiza Tomé, Cláudia Gimenez, Sura Berditchevsky e outros. *Teatro Villa Lobos*, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 600,00. Duração: 1h40. *Não é permitida a entrada após o início do espetáculo.*

Seis mulheres, em crise de identidade, expõem suas frustrações e expectativas.

O NOSSO MARIDO — Comédia de Marilú Saldanha e Marília Garcia. Direção de Cláudio Cavalcanti. Com Cláudio Cavalcanti, Maria Lúcia Frota e Maria Helena Dias. Participação especial de Lídia Mattos. *Teatro Senac*, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2640). 6ª e sáb., às 21h30; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 350,00.

PELOS 7 PECADOS — Texto de Gugu Olimecha. Direção de Oswaldo Loureiro. Com Simone Carvalho e Edson Fieschi. *Teatro Operon*, Rua Sargento João Lopes, 315 — Ilha do Governador (393-9454). 6ª e sáb, às 21h30; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 200,00, (6ª), Cr$ 300,00 (sáb.) e Cr$ 250,00 (dom.). Duração: 1h30. Último dia.

Adão e Eva chegam à modernidade e mostram os sete pecados capitais.

POR FALTA DE ROUPA NOVA, PASSEI FERRO NA VELHA — Texto de Abílio Fernandes. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Amândio, Vanda Lacerda, Monique Lafond, Saluquia Rentine, Henriqueta Brieba, entre outros. *Teatro da Praia*, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). 4ª e 5ª às 21h30; 6ª, às 22h, sáb., às 20h e 22h30; e dom., às 18h30 e 21h. Ingressos de 4ª e 5ª, a Cr$ 150,00, 6ª e dom., a Cr$ 175,00; sáb. a Cr$ 200,00. Duração: 1h30.

Comédia em torno de dois casais desempregados, morando num pequeno apartamento.

SONHOS DE UM SEDUTOR — Texto de Woody Allen. Direção de Cecil Thiré. Com Luisa Thiré, Alexandre Lippiani, Cláudio Torres Gonzaga, Edgard Amorim e outros. *Teatro Sesc Tijuca*, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 20h. Ingressos de 5ª e 6ª a Cr$ 100,00; de sáb. e dom., a Cr$ 150,00. Duração: 1h40.

Um especialista em cinema, pessimista e inseguro, é abandonado pela mulher e parte para novas conquistas.

SUBURBANO CORAÇÃO — Texto de Naum Alves de Souza e Chico Buarque. Direção de Naum Alves de Souza. Com Fernanda Montenegro, Otávio Augusto, Ana Lúcia Torre e Ivone Hoffmann. *Teatro Clara Nunes*, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-9696). De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 19h. Ingressos de 4ª, 5ª e 6ª, a Cr$ 500,00; sáb., véspera de feriado, feriados e dom., a Cr$ 600,00. Duração: 1h50.

Comédia musical. Conta a história de uma mulher que persegue o sonho de um amor eterno.

Infanto-Juvenil

UMA AVENTURA CARIOCA — Texto e direção: Caio de Andrade. Com Adriana Maia, André Reis, Carla Costa e outros. *Teatro da Cidade*, Av. Epitácio Pessoa, 1.664 (247-3292). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00 (classe artística).

Pessoas separadas por 120 anos se encontram e realizam intensa troca de informações e emoções.

Cinema

BENJI, O PERSEGUIDO (*The hunted*), de Joe Camp. Com Benji, Frank Inn, Red Steagall e Nancy Francis. *Metro Boavista*, Rua do Passeio, 62 (240-1291): às 10h. (Livre)
O cãozinho Benji escapa de um naufrágio nadando até uma praia, perto de um bosque. Lá, ele e seus novos amigos, três filhotes de puma, enfrentam inúmeras dificuldades, até se encontrado por seu dono. EUA 1987.

A DAMA E O VAGABUNDO (*Lady and the tramp*), desenho animado de Walt Disney. Dublado em português. *Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7098): às 14h. *Lagoa Drive-in*, Av. Borges de Medeiros, 1.426 (274-7999): às 18h30. (Livre)

AS FANTÁSTICAS AVENTURAS DO FAMOSO BARÃO DE MÜNCHAUSEN (*Les fabuleuses aventures du legendaire baron de Münchausen*), desenho animado de Jean Image. *Estação 2*, Rua Voluntários da Pátria, 88 (286-6149). Às 15h30. (Indicado para maiores de 7 anos) Complemento: *Os bisões*. Tchecoslováquia.

Shows

RÉPLICAS DA TELEVISÃO — Apresentação dos super-heróis Jaspion, Batman, Thendman e Bozo. Às 17h. *Teatro do Clube Municipal*, Rua Haddock Lobo, 359 (264-4652). Ingressos a Cr$ 150,00.

A ALEGRIA DA PIRRALHADA — Show do palhaço Palito e suas Palitetes, com brincadeiras e sorteios. Às 15h. *York Esporte Clube*, Av. Nova York, 336 (230-0200). Ingressos a Cr$ 20,00.

Extras

DOMINGO DA FANTASIA — Música, cinema, pintura e atividades de recreação em comemoração ao Dia Internacioanl do Livro Infantil. Às 14h. *Museu da República*, Rua do Catete, 153 (225-4302). Entrada franca.

JARDIM ZOOLÓGICO — 2.400 animais entre répteis, aves e mamíferos. *Parque da Quinta da Boa Vista*, s/nº (254-2024). De 3ª a 6ª, das 9h às 16h30; sáb. e dom., das 9h às 17h30. Ingressos a Cr$ 60,00. Entrada franca para criança até um metro de altura.

PARQUE PLAYTOY — TIJUCA — Parque de diversões. Diariamente, das 10h às 22h. *Tijuca Off Shopping*, Av. Maracanã, 987. Ingressos a Cr$ 30,00 (por brinquedo) e a Cr$ 240,00 (dez brinquedos).

PARQUE PLAYTOY — BARRA — Parque de diversões. Sáb. e dom., espetáculo de marionetes de Gilvan Javarini, *Circo de bonecos animados*, com o grupo Ilusões Cômicas Teatro de Bonecos e Circo Dom Ramon. De 4ª a 6ª, das 16h às 22h; sáb., das 14h às 22h; dom. e feriados, das 10h às 22h. Ingressos a Cr$ 300,00. Av. Alvorada, 2.150, ao lado do *Casashopping*.

MINICLUBE SHOPPING RIO — Apresentação da peça infantil *Cataplum a viagem de um balão azul*. Às 16h. *Praça das Águas no Madureira Shopping Rio*, Estrada do Portela, 222. Entrada franca.

Karaokê

KARAOKÊ DO VOVÔ JEREMIAS — Discoteca, brincadeiras, gincanas e karaokê com Walter Jeremias. Sáb. e dom., às 18h, no *Botanic*, Rua Pacheco Leão, 70 (259-6427). Ingressos a Cr$ 150,00, com direito a lanche.

Circo

CIRCO SHOW — Palhaços, mágicos e os super-heróis Changeman e Jaspion. Sáb., dom. e feriados às 17h e 19h30. Ao lado do *Casa Shopping*, Barra da Tijuca. Ingressos a Cr$ 1.000,00 (camarote), Cr$ 200,00 (cadeira) e Cr$ 150,00 (arquibancada).

Teatros

TARÔ-BEQUÊ — Texto de Márcio Souza. Direção de Waldez Ludwig. *Teatro Posto Seis*, Rua Francisco Sá, 51 (287-7496). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 100,00. *Comemoração de 50 apresentações*.

BRINCANDO DE VIDA — Musical. Texto e direção de Mongol. *Teatro Vannucci*, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (239-8545). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 150,00.

HISTÓRIAS E PRÉ-HISTÓRIAS — Teatro de bonecos. Roteiro e direção de Cacá Sena. Com o grupo A de Convir. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7098). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 80,00. Até dia 8 de abril.

O REI ARTUR E OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA — Texto e direção de Celso Lemos. *Teatro Cacilda Becker*, Rua do Catete, 338 (265-9933). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 70,00. O espetáculo começa rigorosamente no horário. Até dia 29 de abril.

LILI, UMA HISTÓRIA DE CIRCO — Texto Lícia Manzo. Direção de Isabella Secchin. Músicas de Eduardo Dusek. Com Bel Kutner e elenco. *Teatro de Arena*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). Sáb. e dom., às 17h. Ingresssos a Cr$ 100,00.

O COMETA VASSOURINHA — Opereta-rock infantil de Demétrio Nicolau e Fernando Lobo. Direção de Demétrio Nicolau. Com o Pessoal do Maluquinho. *Teatro Clara Nunes*, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-9696). Sáb., às 17h30; e dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 120,00.

SONHATOS DE MONTEIRO — UM SONHO DE LOBATO — Texto e direção de Marcelo de Barreto. *Teatro Villa-Lobos*, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb., às 17h; e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 100,00.

O MISTÉRIO DE FEIURINHA — Texto de Pedro bandeira. Direção de Leonardo Simões. *Teatro da Cidade*, Av. Epitácio Pessoa, 1.664 (247-3292). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 100,00. Promoção: Crianças de nome Caio e Pedro, com identificação, pagam a metade do ingresso. Até dia 28 de abril.

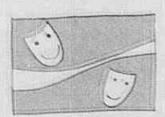
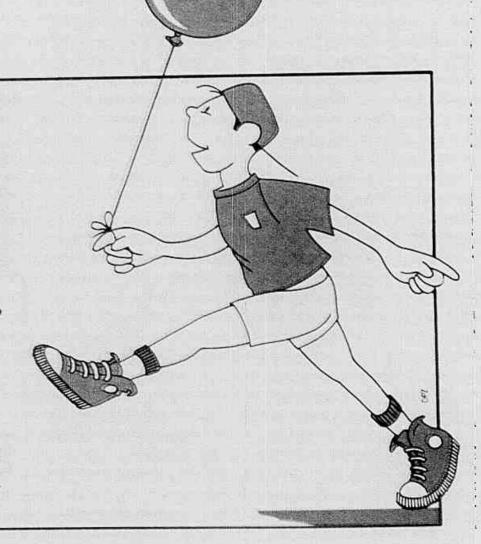
A MENINA E O VENTO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Cacá Mourthé. *Teatro Tablado*, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 100,00.

SONHOS CRESCENTES E MINGUANTES NUMA NOITE DE LUA CHEIA — Texto e direção de Sonia de Oliveira. *Centro de Artes Calouste Gulbenkian*, Rua Benedito Hipólito, 125 (próximo ao metrô da Praça XI). Sáb. e dom., às 17h. Cr$ 50,00. Acompanhante, com duas ou mais crianças, não paga. Último dia.

BRANCA DE NEVE NO JARDIM DAS BORBOLETAS — Texto de Limachem Cherem. Direção de Henriqueta Brieba. Com o grupo Tapuminho. *Teatro Tereza Rachel*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb., às 17h; e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 100,00. Último dia.

O CIRCO MÁGICO DE PROVOLONE, GOIABADA E GUARANÁ — Texto e direção de Carlos Henrique Casanova. Participação da Banda do Big Pig. *Teatro Barrashopping*, Av. das Américas, 4.666 (325-5844). Sáb. e dom., às 16h e 17h30. Ingressos a Cr$ 180,00. Último dia.

MAMÃE ABELHUDA — Texto de Penafort, Miranda e Alexander. Direção de Eliane Dutra. *Teatro de Bolso Aurimar Rocha*, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (294-1998). Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 120,00. Adulto, acompanhado de quatro ou mais crianças, não paga. Último dia.

O COELHO DIRCEU EM: VERDE DE VERDADE, TANTO FAZ? — Texto de Nestor d'Azevedo Lemos. Direção de Ney Leontsinis. *Teatro Barrashopping*, Av. das Américas, 4.666 (325-5844). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 100,00. Último dia.

A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Vivaldo Franco e Gilson de Barros. *Centro Cultural C.E.U.*, Av. Rui Barbosa, 762 (551-7671). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 100,00. Acompanhantes pagam meia entrada. Até maio.

UMA ARMADILHA PARA BRANCA DE NEVE — Texto e direção de Luna Brum. *Teatro do Planetário*, Av. Padre Leonel Franca, 240 (274-0046). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 100,00.

O LOBO MAU EM APUROS...! — Texto e direção de Jorge Rosa Jr. Teatro *Brigitte Blair I*, Rua Miguel Lemos, 51-H (521-2955). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 150,00.

O SOLDADINHO DE CHUMBO, NO MUNDO DOS SONHOS — Texto e direção de Jorge Rosa Jr. Teatro *Brigitte Blair I*, Rua Miguel Lemos, 51-H (521-2955). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 150,00.

O CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto e direção de Jorge Miguel Rosa Jr. Teatro *Brigitte Blair I*, Rua Miguel Lemos, 51-H (521-2955). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 150,00.

APENAS UM CONTO DE FADAS — Musical de Eduardo Tolentino. Direção de Fernando Carrera. *Teatro Vannucci*, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (239-8545). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 200,00. Crianças que levarem uma varinha de condão, pagarão Cr$ 150,00. Maiores de 60 anos não pagam.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Texto de Jayr Pinheiro. Direção de Maurício Barros. *Teatro de Bolso Aurimar Rocha*, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (294-1998). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 170,00.

REBECA, A BRUXINHA ENCANTADA — Texto e direção de Limachem Cherem. *Clube Municipal*, Rua Haddock Lobo, 359 (264-4652). Dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 70,00. Acompanhante não paga.

FESTIVAL DE PALHAÇOS — Musical de Dilú Mello. *Teatro Posto 6*, Rua Francisco Sá, 51 (287-7496). Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 80,00. Último dia.

O BRUXINHO TRAPALHÃO — Texto e direção de Luiz Alfredo de Lima. *Casa de Cultura Lima Barreto*, Av. Heitor Beltrão, 353 (228-2938). Dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 40,00. A criança que levar um desenho de bruxa paga Cr$ 30,00.

A PRINCESINHA TEIMOSA — Texto de Luiz Alfredo de Lima. *Casa de Cultura Lima Barreto*, Av. Heitor Beltrão, 353 (228-2938). Dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00. A criança que levar um desenho de uma espiga de milho pagará Cr$ 30,00.

A HISTÓRIA DE ZEZEU — Texto de Cláudio Carvalho. Direção de Ediélio Mendonça. *Teatro do América*, Rua Campos Salles, 118 (234-2060). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 80,00. Até dia 13 de maio.

O MISTÉRIO DO PROGRAMA VERDE — Texto de Dirceu de Mattos. Direção de Yonne Storni. Com Dirceu de Mattos, Regina Fontenelle, Miro Canejo e outros. *Teatro América*, Rua Campos Salles, 118 (234-2060). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 90,00.

SOCORRO! TEM UM CAÇADOR NA FLORESTA — Direção de Wall Barret. *Teatro Retiro dos Artistas*, Rua Retiro dos Artistas, 571 (392-7427). Sáb., às 17h. Ingressos a Cr$ 80,00.

O CAÇADOR E OS FANTASMAS — Texto de Anchizes Pinto. Direção de Ankito. *Teatro Sesc Engenho de Dentro*, Av. Amaro Cavalcanti, 1.661 (249-1391). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 100,00. Até dia 29 de abril.

TEATRO INFANTIL DE MÍMICA — Com o grupo Os Mimos. Direção de Josué Soares. *Dueré*, Estrada Caetano Monteiro, 1.882 — Pendotiba (710-3435). Dom., às 18h. *Couvert* a Cr$ 80,00.

A BRUXINHA QUE ERA BOA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Victor Hugo Santiago. *Teatro Sesc Madureira*, Rua Ewbank da Câmara, 90 (350-9433). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 80,00. Último dia.

VERÔNICA SABINO — Show da cantora e banda. De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h. *Teatro da Barra*, Av. Sernambetiba, 3.800 (399-4992). Ingressos a Cr$ 300,00 (5ª e dom.) e Cr$ 350,00 (6ª e sáb.). Até dia 8 de abril.

PARALAMAS DO SUCESSO — Show do conjunto. 5ª, às 21h30; 6ª e sáb., às 22h30; dom., às 19h. *Canecão*, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). Ingressos a Cr$ 280,00 (arquibancada e pista), Cr$ 340,00 (mesa lateral e mezzaninos) e Cr$ 400,00 (mesa central e frisas). Último dia.

ORQUESTRA DE VIOLÕES — Show da orquestra. De 6ª a dom., às 18h. *Arcadas da Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176 (227-2444). Ingressos a Cr$ 200,00.

SÔNIA BONFÁ — Show da cantora. Participação da bailarina Gisele Ruiz. 5ª, às 18h30; 6ª, às 12h30 e 18h30; sáb. e dom., às 21h. *Teatro João Teotônio*, Centro Cultural Cândido Mendes, Rua da Assembléia, 10. Ingressos a Cr$ 120,00.

AGNALDO TIMÓTEO — Show do cantor. De 6ª a dom., às 21h30. *Teatro Suam*, Praça das Nações, 247 (270-7082). Ingressos a NCz$ 100,00. Último dia.

O CANTO DAS LAVADEIRAS/MARTINHO DA VILA — Show do cantor. De 4ª a dom., às 19h30. Ingressos a Cr$ 120,00 (4ª e 5ª) e Cr$ 150,00 (de 6ª a dom.). *Teatro Suam*, Praça das Nações, 247 (270-7082). Último dia.

JU CASSOU — Show da cantora e pianista. Sáb., às 22h; dom., à 21h. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176 (267-1647). Ingressos a Cr$ 200,00.

SÉRGIO RABELLO E O CONCERTO DESCONCERTANTE — Apresentação do humorista Sergio Rabello. *Teatro da Lagoa*, Av. Borges de Medeiros, 1426 (274-7999). 6ª e sáb., às 21h30; dom., às 20h. Ingressos de 6ª a Cr$ 300,00; sáb. a Cr$ 400,00, e dom. a Cr$ 250,00.

JOÃO KLEBER, HUMOR PRÁ VALER — Show do humorista. Direção de Chico Anysio. *Teatro da Cidade*, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h30. Ingressos a Cr$ 200,00 (14 anos).

PENETRAÇÕES HUMORÍSTICAS — Show do homorista Otávio de Carvalho. Sáb. e dom., às 18h. *Teatro do Sesc de São João de Meriti*, Av. Automóvel Clube, 66 (756-4615). Ingressos a Cr$ 50,00.

QUEM Ô...NA MINHA MULHER — Texto de Anchizes Pinto. Direção de Ankito. Com Ankito, Sueli Suzuki, Eduardo Jardel e outros. 6ª e sáb., às 21h; dom., às 20h. *Teatro Sesc do Engenho de Dentro*, Av. Amaro Cavalcanti, 1.661 (249-1391). Ingressos a Cr$ 150,00.

AGILDO RIBEIRO — Show do humorista. Texto de Agildo Ribeiro e Gugu Olimecha. 6ª e sáb., às 21h30; dom., às 20h. *Teatro Cawell*, Rua Desembargador Isidro, 10 (238-6000). Ingressos a Cr$ 400,00.

Revistas

É MOLE OU QUER MAIS? — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Clovis Gierkens, Luis Valentim e grande elenco. *Teatro Brigitte Blair II*, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). De 5ª a dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 300,00.

FOLIA TROPICAL — Roteiro de Rogéria, Fábio Pillar e Franncis Mayer. Direção de Fábio Pillar. Com Rogéria, Marlene Casanova e grande elenco. *Teatro Alaska*, Av. Copacabana, 1.241 (247-9842). De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 19h. Ingressos de 4ª e 5ª a Cr$ 250,00 e de 6ª a dom. a Cr$ 300,00. *O espetáculo começa rigorosamente no horário.*

FRESCURA TAMBÉM É CULTURA — Texto de Wagner Ribeiro. Direção de Lennie Dale. Com Jane Di Castro, Valéria e grande elenco. *Teatro Brigitte Blair I*, Rua Miguel Lemos, 51 H (521-2955). 5ª, 6ª e dom., às 21h30; sáb., às 22h. Ingressos a Cr$ 200,00 (estudantes pagam a metade).

NOITE DOS LEOPARDOS — Show erótico com o travesti Eloina e modelos masculinos. *Teatro Alasca*, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). 5ª, 6ª e sáb., às 24h; e dom., às 21h30. Ingressos a Cr$ 250,00 (5ª) e Cr$ 300,00 (de 6ª a dom.).

OS BELOS DA TARDE — Texto e direção de Brigitte Blair. Show de rapazes sensuais. Apresentação de Marlene Casanova. *Teatro Brigitte Blair II*, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). 5ª, 6ª e dom., às 18h30. Sáb., às 24h. Ingressos a Cr$ 250,00.

Pagodes e gafieiras

FORRÓ DO LEBLON — 3ª, Johnny Clay Show; 4ª e dom., a Banda Regue da Bahia Brilho do Som. 5ª, Zé da Onça e Sua Gente. A partir das 22h, na Rua Bartolomeu Mitre, 630. Ingressos de 3ª a 5ª: Cr$ 5,00 (homens); mulheres não pagam. De 6ª a dom. Cr$ 7,00 (homens) e Cr$ 3,00 (mulheres).

DOMINGUEIRA VOADORA — Música para dançar com a Orquestra Tabajara do Maestro Severino Araújo. Dom., a partir de 22h. *Circo Voador*, Lapa. Ingressos a Cr$ 100,00.

ELITE CLUBE — Programação: 6ª e sáb., às 23h, e dom., às 21h, conjunto Turma da Gafieira. Rua Frei Caneca, 4 (232-3217). Ingressos a Cr$ 6,00, homem e Cr$ 5,00, mulher (5ª) e Cr$ 3,00, mulher e Cr$ 4,00, homem (de 6ª a dom.).

PAGODE DA HARMONIA — Apresentação dos conjuntos Só Samba e Balanço, de Bruno Maia. *Prédio da ACM*, Rua da Lapa, 86. Todos os domingos a partir de 20h30. Ingressos a Cr$ 4,00 (mulheres) e Cr$ 7,00 (homens).

BANDA AFRO LEMY AIÔ — Apresentação da banda. Todos os domingos de 16h às 22h. *Quadra do Grêmio Recreativo Unidos de São Braz*, Rua Goiás, 16 — Engenho de Dentro. Entrada franca.

PROJETO DRUMMOND

(Centro Cultural Banco do Brasil, Rua 1º de Março, 66 — 216-0237)

CINEMA/IMAGENS DE MINAS — Hoje: *O padre e a moça (Brasileiro)*, de Joaquim Pedro de Andrade. Com Helena Inês, Paulo José e Fauzi Arap. Complemento: *A bolsa e a vida*, de Bruno Barreto. Às 20h30. (18 anos).
Baseado num poema de Carlos Drummond de Andrade. Produção de 1966.

CINEMA/IMAGENS DE MINAS — Hoje: *Cabaret mineiro (Brasileiro)*, de Carlos Alberto Prates Correia. Com Nelson Dantas, Tamara Taxman, Tânia Alves e Louise Cardoso. Complemento: *O fazendeiro do ar*, de Fernando Sabino e David Neves. Às 16h30 e 18h30. (18 anos).
Aventureiro envolve-se com três mulheres diferentes durante viagem pelo interior mineiro. Produção de 1980.

VÍDEO/AS DIVAS DE DRUMMOND — Hoje: *Europa 51*, de Roberto Rossellini, com Ingrid Bergman e Alexander Knox (dublado em inglês). Às 19h30.

GATÃO DO LEBLON — Todos os domingos, a partir de 20h, samba e pagode com o Grupo Taberna. Rua Humberto de Campos, 699 (294-5535). Ingressos a Cr$ 60,00.

Casas noturnas

GRUPO GUMBO — Show do grupo. De dom. a 3ª, às 22h. *Couvert* a Cr$ 250,00 e consumação a Cr$ 250,00. *Mistura UP*, Rua Garcia D'Ávila, 15 (267-6596).

DUO FENIX — Show de Cláudio Dauelsberg (piano) e Délia Fisher (sintetizadores e piano). 5ª e dom., às 22h; 6ª e sáb., às 23h. *Couvert* a Cr$ 300,00 (5ª e dom.), Cr$ 350,00 (6ª e sáb.). *Rio Jazz Club*, Rua Gustavo Sampaio, s/nº (541-9046).

WANDO/OBSCENO II — Show do cantor. 4ª e 5ª, às 22h; 6ª e sáb., às 23h30; dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 200,00 (4ª, 5ª e dom) e Cr$ 300,00 (6ª e sáb). *Asa Branca*, Av. Mem de Sá, 17 (242-7066).

BILLY BLANCO/ESSE RIO QUE EU AMO — Show do cantor e da dupla Kris e Cristina. De 5ª a dom., às 23h. *Couvert* a Cr$ 180,00 (5ª e dom.) e Cr$ 250,00 (6ª e sáb.). Em seguida apresentação do quinteto de Manoel Gusmão. *Vinicius Piano Bar*, Rua Vinicius de Moraes, 39 (287-1497). Último dia.

LENO & LILIAN — Show da dupla. Todos os domingos, às 22h30. *Couvert* a Cr$ 150,00. *Un-Deux-Trois*, Rua Bartolomeu Mitre, 123 (239-4448).

PEOPLE — Show do grupo Terra Molhada, com músicas dos Beatles. Dom. e 2ª, a partir de 22h30. *Couvert* a Cr$ 250,00 (dom) e Cr$ 200,00 (2ª). Show do grupo Friends, com música country. 3ª, às 22h30. *Couvert* a Cr$ 200,00. Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547).

BÚFFALO GRILL — Música ao vivo, a partir de 20h. Show de Fernando Uchoa (voz), Diana (voz) e Ribamar (piano). Dom. e 2ª. Show de Jotan (violão e voz). De 3ª a dom. Show de Téo (piano). 6ª e sáb. *Couvert* de 2ª a 5ª e dom., a Cr$ 70,00; de 6ª e sáb., a Cr$ 100,00. Rua Rita Ludolf, 47 (274-4848).

OLD VIC — Show com o cantor Wil Botelho. De 4ª a dom., a partir de 21h30. *Couvert* a Cr$ 60,00. Av. N. Sra. Copacabana, 7 (275-4099).

BACO — Show do cantor e violonista Renato Vargas. Diariamente, às 22h30. *Couvert* a Cr$ 50,00. Av. Ataulfo de paiva, 1.235 (294-0047).

JAZZMANIA — Show de lambada com o grupo Terra. Todos os domingos, às 23h. Show de rock com o grupo Analfa. Todas as 2ªs, às 23h. Show da Orquestra Cuba Libre. Todas as 3ªs, às 23h. *Couvert* a Cr$ 150,00. *Jazzmania*, Av. Rainha Elizabeth, 769 (227-2447).

VÍDEO/O ESTRANHO BICHO QUE TINHA CORAÇÃO (EU?) — Vídeo dirigido por Walter Avancini. Hoje, às 16h.

TEATRO/MUNDO,VASTO MUNDO — Poemas, crônicas e músicas de Drummond. Roteiro de Paulo Autran e Francisco Pennafiel. Direção de Paulo Autran. Direção musical de Marcos Leite. Com Tônia Carrero, Paulo Autran e o grupo vocal Garganta Profunda. Às 19h30. Ingressos a Cr$ 100,00. Último dia.

POESIA/DECLARAÇÃO DE AMOR (RELENDO DRUMMOND) — Colagem de poemas de amor de Drummond escritos em diferentes fases de sua vida, acompanhada de música barroca. Roteiro e direção de Maria Fernanda. Direção musical de Helder Parente. Com Maria Fernanda, Rubens de Falco, Oswaldo Neiva e Quadro Cervantes. Às 17h. Ingressos a Cr$ 100,00. Último dia.

PERFORMANCE/CRÔNICA VIVA — Encenação de crônicas de Drummond. Roteiro de Pedro Augusto Graña Drummond e João Brandão. Direção de João Brandão. Com Alexandre Dacosta, Ana Cretton, Danielle Barros, Drica Morais e outros. Das 11h às 21h, em diversos pontos do Centro Cultural. Até 29 de abril.

FRIENDS — Show da banda country. Diariamente, a partir das 21h. *Couvert* a Cr$ 100,00. *Jakui*, Av. Prefeito Mendes de Morais, 222 (322-2200).

SOBRE AS ONDAS — Diariamente, a partir de 21h a banda de Miguel Nobre, com os cantores Roberto San e Cacy, revezando-se com a banda de Beto Godoy. *Couvert* a Cr$ 160,00 (de dom. a 5ª) e Cr$ 250,00 (6ª, sáb. e véspera de feriado). Consumação a Cr$ 150,00 (só 6ª, sáb. e véspera de feriado). Av. Atlântica, 3.432 (521-1296).

BIBLOS — Show com o grupo Geração Trini Rivers. Todos os domingos, às 23h. *Couvert* a Cr$ 60,00 (homem) e Cr$ 30,00 (mulher). Av. Epitácio Pessoa, 1.484 (521-2645).

VICE-REY — Música ao vivo, com o pianista Hector Capobianco. Diariamente, a partir das 20h30. Sem *couvert*. Sem consumação. Av. Monsenhor Ascâneo, 535 (399-1683).

BECO DA PIMENTA — Show dos cantores Adriana, Angélica e Sidney Lima. Às 20h. *Couvert* a Cr$ 80,00. Nos intervalos participação de João Francisco. Rua Real Grandeza, 176 (266-5746). Até dia 1º.

Exposições

BERNARDELLI — Esculturas. *Sala Clarival do Prado Valladares do MNBA*, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Último dia.

O CÉU NA TERRA/DER HIMMEL AUF ERDEN — Instalação de Norbert Hinterberger. *Museu de Arte Moderna*, Av. Beira-Mar, s/nº. Das 12h às 18h. Último dia.

HENRY MOORE — Gravuras. *Paço Imperial*, Praça XV. Das 11h às 18h30. Até dia 8.

ICONÓGRAFOS, 16 FOTÓGRAFOS HOJE — Coletiva de fotografias. *Escola de Artes Visuais*, Rua Jardim Botânico, 414. Das 10h às 17h. Até dia 8.

PORTOS E MARINHAS — Coletiva com obras de várias escolas. *Museu Nacional de Belas Artes*, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 6 de maio.

RESTAURAR E PRESERVAR — Painéis demonstrativos das técnicas utilizadas para restaurar obras de arte. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marechal Âncora, s/nº. Das 14h30 às 17h30. Último dia.

ESPELHO REBELDE — Coletiva de fotografias. *Museu de Arte Moderna*, Av. Beira-Mar, s/nº. Das 12h às 18h. Último dia.

JOÃO ATANÁSIO — Gravuras. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176. Das 16h às 19h. Último dia.

RESGATE DA MEMÓRIA — O ACERVO DO MHN — Exposição com cerca de 400 peças, incluindo porcelanas, mobiliário, quadros e esculturas. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marachal Âncora, s/nº. Das 14h30 às 17h30. Último dia.

FEIRA DE ANTIGUIDADES — Barracas que expõem obras de arte como cristais, porcelanas e quadros. Das 10h às 19h, no *Casashopping*.

O ETERNO FEMININO — Fotografias. *Plaza Shopping*, Rua XV de Novembro, em frente às barcas — Niterói. Das 10h às 22h. Até dia 6.

TAPEÇARIAS E ESCULTURAS — Tapetes arraiolos e esculturas de Paulo Massena. *Hotel Nacional*, Av. Niemeyer, 769. Das 10h às 22h. Até dia 6.

MAM-ATELIER DE LITOGRAFIA DE PORTO ALEGRE — Coletiva de litografias. *Museu Nacional de Belas Artes*, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 6.

COLETIVA — Pinturas e esculturas. *Centro de Convenções do Hotel Nacional*, Av Niemeyer, 769. Das 9h às 21h. Até dia 10.

INÁCIO RODRIGUES — Pinturas e litografias. *Museu do Ingá*, Rua Presidente Pedreira, 78 — Niterói. Das 14h às 18h. Até dia 14.

FERNANDO DEL PRETTI — Fotografias. *Museu do Ingá*, Rua Presidente Pedreira, 78 — Niterói. Das 14h às 18h. Até dia 14.

A PAIXÃO SECRETA DOS MARCHANDS — Coletiva com as obras preferidas dos marchands do Rio. *Rio Design Center*, Av. Ataulfo de Paiva, 270. Das 12h às 20h. Até dia 15.

EXPOSIÇÃO DE HOLOGRAFIAS — 45 trabalhos. *Barrashopping*, Av. das Américas, 4.666. Das 14h às 21h30. Ingressos a Cr$ 70,00 e a Cr$ 50,00 (crianças até 10 anos). Até dia 30.

COLEÇÃO BOUDIN — Pinturas. *Sala Joaquim Lebreton do MNBA*, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 5 de agosto.

MUSEU DA REPÚBLICA — Hall de entrada, escadaria e 7 salas do andar nobre decoradas como à época da Presidência da República. *Palácio do Catete*, Rua do Catete, 153. Das 12h às 17h. Exposição permanente.

MARQUESA DE SANTOS — Objetos pessoais, cartas e reproduções fotográficas sobre a vida da marquesa. *Museu do Primeiro Reinado*, Av. Pedro II, 293. Das 13h às 17h. Exposição permanente.

COLONIZAÇÃO E DEPENDÊNCIA — Documentos históricos que traçam a evolução econômica do país, desde a colônia. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marechal Âncora, s/nº. Das 14h30 às 17h30. Exposição permanente.

Danceterias

BABILÔNIA — Discoteca a cargo de Denise Liporaci, Tony d'Carlo e Fernando Portugal. Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4835). De 4ª a dom., às 22h30. Ingressos a Cr$ 180,00 (mulher) e 200,00 (homem). Matinê a Cr$ 100,00.

BALI BAR — Apresentação de vídeos e música para dançar com o discotecário Anwar. 6ª a sáb., às 22h. Dom., o discotecário Fernando Costa em participação de Nabby Clifford. A partir de 22h30. Estrada da Barra da Tijuca, 1636 (399-3460). Ingressos a Cr$ 100,00 (homem) e Cr$ 70,00 (mulher).

PSICOSE — Música mecânica e vídeos. De 4ª a dom., a partir das 22h e vesp. de dom., às 16h. Rua Mariz e Barros, 1050 (284-1796). Ingressos de 4ª a dom., a Cr$ 100,00, homem e Cr$ 70,00, mulher; vesperal de dom., a Cr$ 50,00.

CARINHOSO — Música para dançar com a banda da casa e o conjunto da cantora Dora. Diariamente a partir das 22h. De 2ª a sáb., às 24h, o cantor Pedrinho Rodrigues. Rua Visc. de Pirajá, 22 (287-0302). *Couvert* de dom. a 5ª a Cr$ 150,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 200,00.

HELP — Discoteca a cargo de Tom, André e Adão. Av. Atlântica, 4332 (521-1296). Diariamente a partir das 22h. Ingressos a Cr$ 300,00.

ZODÍACO — Música de fita para dançar. Av. Sernambetiba, 1996 (399-0375). Consumação de dom. a 5ª a Cr$ 40,00; 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 80,00.

ZOOM — Lambada com Naum e o Brilho da Lua. Todas as 4ªs., a partir das 22h. Discoteca com Gustavo de Caux e Aires Diógenes. De 4ª a dom., às 22h e vesp. dom., às 16h e 20h. Lgo. de S. Conrado, 20 (322-4179). Ingressos a Cr$ 150,00 (homem) e Cr$ 120,00 (mulher).

LEON'S DISCO — Discoteca e música ao vivo, com o discotecário Edinho. De 5ª a dom., às 21h; e vesp. sáb. e dom., às 15h. Travessa Almerinda Freitas, 42 (359-0277). Ingressos 5ª a Cr$ 2,00; 6ª a Cr$ 20,00 (homem) e Cr$ 10,00 (mulher); sáb. a Cr$ 25,00 (homem) e Cr$ 15,00 (mulher); dom. a Cr$ 10,00; vesp. de sáb. e dom. a Cr$ 8,00.

VINÍCIUS — Música ao vivo para dançar, a partir das 22h, com a Bigband e os canto-

res Regina Falcão, Cássia e José Carlos. Av. Copacabana, 1144 (267-1497). *Couvert* de dom a 5ª a Cr$ 110,00; 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 170,00.

SOBRE AS ONDAS — Música ao vivo para dançar, diariamente a partir das 21h, com a banda de Beto Godoy e o quinteto de Miguel Nobre e a cantora Cacy. Av. Atlântica, 3432 (521-1296). *Couvert* de dom. a 5ª a Cr$ 120,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 190,00. Consumação 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 120,00.

COLUMBUS — Discoteca a cargo de Amândio da Hora e Nino Carlo. Diariamente, a partir das 22h. Matinê, dom., a partir das 16h. Rua Raul Pompéia, 94 (521-0279). Ingressos a Cr$ 400,00 (de dom. a 5ª) e Cr$ 500,00 (6ª, sáb. e véspera de feriado) e matinê a Cr$ 140,00.

MR MERENGUE — Discoteca a cargo de Luis Fernando. Diariamente, lambada, salsa e merengue. Rua Raul Pompéia, 94 (521-0279). Ingressos a Cr$ 400,00 (de dom. a 5ª) e Cr$ 500,00 (6ª, sáb. e véspera de feriado. Matinê de dom., 16h, a Cr$ 140,00.

PAPILLON — Discoteca de 3ª a dom., a partir das 21h. *Hotel Intercontinental*, Av. Prefeito Mendes de Morais, 222 (322-2200) Ingressos de 3ª e 5ª a Cr$ 410,00,; 6ª, sáb. e vépera de feriado a Cr$ 560,00 e dom. a Cr$ 410,00 (homens) e Cr$ 310,00 (mulher). Matinê, sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200,00 (com direito a um refrigerante).

PRESS — Discoteca e vídeos a cargo de Ricardo Araújo. Aberta de 3ª a dom., a partir das 22h. Av. Sernambetiba, 4700 (385-2813). Consumação de 3ª a 5ª a Cr$ 120,00 e 6ª, sáb., dom. e véspera de feriado a Cr$ 150,00.

BOITE VOGUE — Música ao vivo com o conjunto da casa e discoteca. A partir das 22h. Rua Cupertino Durão, 173 (274-4145). *Couvert* de dom. a 4ª a Cr$ 100,00; de 5ª a Cr$ 200,00; e de 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 160,00. Consumação de dom. a 4ª a Cr$ 120,00; de 5ª a Cr$ 120,00; e de 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 240,00.

CHAMPAGNE — Música ao vivo e discoteca. De 3ª a dom. a partir de 21h. Rua Siqueira Campos, 225 A (255-7341). *Couvert* a Cr$ 15,00 (6ª), Cr$ 20,00 (sáb. e véspera de feriado) e Cr$ 10,00 (dom.).

A alemã Pina Bausch e seu Tanztheater Wuppertal (foto) fazem hoje sua última apresentação no Teatro Municipal. O grupo não admite meio termos. O público costuma adorar ou odiar. Amanhã e terça é a vez do norte-americano David Gordon e a Pick Up Company, que preferem coreografias mais bem-humoradas, encerram o Carlton Dance deste ano.

CALÍGOLA — Diariamente, a partir de 22h. Discoteca a cargo de Rodrigo Vieira. Rua Prudente de Morais, 129 (287-1369). Consumação a Cr$ 700,00.

CLUB 1910 — Discoteca a cargo de Roberto Franklin e Geraldo. Diariamente, a partir das 22h30. Av. Atlântica, 1.910 (237-9246). Sem *couvert* e sem consumação.

LAMBADA NO BOTECOTECO — Show com o cantor Dido Oliveira e banda. Todos os domingos, a partir de 21h30. Boulevard 28 de Setembro, 205 (204-2727). Ingressos a Cr$ 150,00.

LAMBARRA — Lambada com o conjunto Casanova's. Todos os domingos, a partir de 20h. *Ilha dos Pescadores*, Estrada da Barra da Tijuca, 793 (399-0005). Ingressos a Cr$ 50,00.

LAMBADA CHIC — Lambateria com o conjunto de Wander Paul. De 3ª a dom., a partir de 22h. Av. N. Srª. de Copacabana, 1.102 (287-8253). Ingressos a Cr$ 100,00 (de 3ª a 5ª e dom.) e Cr$ 150,00 (6ª e sáb.).

Dança

CARLTON DANCE FESTIVAL — Apresentação dos grupo Tanztheater Wuppertal/Pina Bausch. De 6ª a dom., às 21h. *Teatro Municipal*, Praça Marechal Floriano, s/nº (262-3935). Ingressos a Cr$ 2.300 (frisa/camarote), Cr$ 1.900 (platéia/balcão nobre), Cr$ 1.300 (balcão simples) e Cr$ 900,00 (galeria).

Vídeos

VÍDEOS NO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL — Às 10h30: *O meu pé de laranja lima*. Às 17h, 18h e 18h45: *Entre sem bater — O Barão de Itararé* e *Caju for all*, de Luiz Carlos Lacerda. Hoje, no *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66.

VÍDEO-INDEPENDENTE — Exibição de *Há arte no vídeo-clip*, de Jodele Larcher. Hoje, às 18h, 20h, 22h, no *Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63. Entrada franca.

VÍDEOS NO TV PIRATA — Exibição dos vídeos *Rock é rock mesmo*, com Led Zeppelin e *Pink Floyd* (Veneza 89). Hoje, às 18h, no *TV Pirata*, Rua do Catete, 243.

BARATO DO DOMINGO

O que há para fazer gastando pouco ou quase nada

8h

Comece o dia comemorando o início da temporada de montanhismo do Centro Excursionista Guanabara. Na praça da Praia Vermelha haverá sorteios e caminhadas. **DE GRAÇA**

9h

Vá à Marina da Glória (Parque do Flamengo, em frente ao Hotel Glória) e curta de perto a beleza dos barcos que ficam atracados ali. As crianças adoram o passeio. **DE GRAÇA**

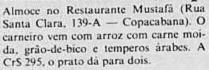
10h

O programa da manhã em Niterói é ir ao Plaza Shopping (em frente à estação das barcas) ver a mostra de fotografias O Eterno Feminino, na Praça Central. **DE GRAÇA**

11h

Um bom passeio para este domingo é ir curtir os cristais, porcelanas e quadros da Feira de Antiguidades do Casa Shopping (Avenida Alvorada, 2.150 — Barra). **DE GRAÇA**

Carneiro à moda árabe

Almoce no Restaurante Mustafá (Rua Santa Clara, 139-A — Copacabana). O carneiro vem com arroz com carne moída, grão-de-bico e temperos árabes. A Cr$ 295, o prato dá para dois.

Virado à paulista

Se você estiver pelo Flamengo, dê uma chegada no Restaurante Parque Recreio (Marquês de Abrantes, 92-A) e aproveite o virado bem-servido. Dá para dois e sai por Cr$ 320.

Escalopinho

A pedida deste domingo no Pizza Shop (Rua Ataulfo de Paiva, 375-A — Leblon) é o escalope ao molho madeira, com arroz de passas. Para duas pessoas, o prato está por Cr$ 325.

Churrasco misto

Uma boa escolha para o almoço é o churrasquinho misto do Café e Bar Jóia do Botânico (Rua Jardim Botânico, 594-A). Vem com arroz, farofa e batata frita. Cr$ 160, para dois.

14h

Leve as crianças às comemorações do Dia Internacional do Livro, nos jardins do Museu da República (Rua do Catete, 153). Tem bandinha, jogos e desenhos animados. **DE GRAÇA**

16h

Vá com as crianças curtir a peça musical *Cataplum, a viagem de um balão azul*. Na Praça das Águas do Madureira Shopping Rio (Estrada do Portela, 222), a atração é **DE GRAÇA**.

16h

Na Casa de Cultura Laura Alvim (Avenida Vieira Souto, 176 — Ipanema) também só dá a criançada. O Núcleo Atlantic de Vídeo exibe o filme *Dumbo*, de Disney. **DE GRAÇA**

16h30

Dê uma esticada até o Centro Cultural Banco do Brasil (Rua 1º de Março, 66 — Centro) para assitir o filme *Cabaré mineiro*, com Tânia Alves e Nélson Dantas. **DE GRAÇA**

18h

Caia no samba do grupo Sambossa e esqueça a dureza geral. A festa é no Centro Cultural Laurinda Lobo (Rua Monte Alegre, 306 — Santa Teresa) e o ingresso está a Cr$ 150.

18h30

Pra quem gosta de cinema francês, é hora de ir à Cinemateca do MAM (Avenida Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo) ver a comédia *Aventuras de Monsieur Hulot*. Cr$ 50.

20h

Convide sua namorada para o Festival Grito Ecológico. No Planetário da Gávea (Rua Padre Leonel Franca, 240), artistas como Cláudio Nucci e Flávio Venturini estarão lá. Cr$ 120.

22h

Libere o dançarino que existe em você. A Orquestra Tabajara, do maestro Severino, continua animando com sua música a domingueira do Circo Voador (Arcos da Lapa). Cr$ 100.

Estética & Beleza

Por Laura Fabris. Tel.: 287-3266.

MOLDE SUAS UNHAS NO TAMANHO DESEJADO

• Você tem que ir a uma festa e sua unha quebrou? Não se preocupe. Agora já existe um **método alemão** que permite **moldar suas unhas** deixando-as no tamanho que você quer. **Não é unha postiça**. É um processo inédito. **Manon** também faz **trancinhas africanas** de seu próprio cabelo, **implanta cílios** (fio por fio) e deixa seus cabelos **longos** com cabelos naturais, além de fazer **maquilagem personalizada**. Mais detalhes com Manon pelo telefone **255-9269**.

TRATAMENTO DE VARIZES E MICROVARIZES

• **Saúde e estética andam juntas.** E são fundamentais. Dê trato às suas **pernas** marcando uma consulta com o **Dr. Ivan S. Almeida** (CRM-52.07.620-4). Além de **indolor**, o tratamento é feito no **menor prazo de tempo possível**. **Não deixa marcas, não requer o uso de faixas** e tampouco lhe impede de **ir à praia**. O material usado é totalmente **descartável**. A Clínica do **Dr. Ivan** fica à Av. Copacabana, 613 Sala 804 (frte. Loja Americana) e o telefone é (021) **235-6701**.

GORDURAS LOCALIZADAS E REJUVENESCIMENTO FACIAL

• **LA BEAUTÉ**— Centro de Estética, **sob nova direção, com supervisão médica** e uma equipe de experientes profissionais, realiza tratamentos específicos para as **gordurinhas incômodas, flacidez** e **celulite**, através de **técnicas avançadas de estética em modelagem do corpo**. Utiliza também modernos métodos de **hidratação** e **rejuvenescimento facial**, os quais permitem **retardar a cirurgia plástica**. Todos os tratamentos do **LA BEAUTÉ** são feitos em **cabines individuais**, inclusive **bronzeamento** e **depilação**. Prepare seu corpo aproveitando a **promoção especial de verão**. Maiores informações pelo telefone (021) **235-4084** ou à Rua Siqueira Campos 43 sala 706 (Copacabana).

MAQUILAGEM PERMANENTE

• Realce seu olhar através da **maquilagem definitiva**. Ir à praia ou aparecer de rosto lavado não é mais problema. A esteticista **Marly**, que também atende a domicílio, não só faz **micropigmentação** nos olhos, **sobrancelhas e lábios**, como também **dá o curso completo**. Para maiores detalhes, telefone **399-8404 e 399-4090**.

ODONTOLOGIA ESTÉTICA

• Herculite XR System, Heliosystem, Silux, P-50, podem parecer nomes estranhos para você. Para nós estas **resinas de altíssima tecnologia** e mundialmente famosas, são mais do que familiares. Em nosso centro a estética do seu sorriso tem importância fundamental. **Dentes manchados, escuros, descolorados, fraturados, separados, curtos** ou com **alteração de forma**, não precisam mais ficar assim. Venha para o mundo fascinante da odontologia estética e recrie seu sorriso. Maiores informações com o **Dr. Carlos Henrique Seabra** (CRO-12319), pelo telefone (021) **249-8064**.

LENTES DE CONTATO MULTIFOCAIS

Agora fluorcarbonadas (Substituem os óculos bifocais)

• As novas lentes de contato **multifocais** da **SÖNGES** (Alemã), são **fluorcarbonadas**, material muito fino e poroso, de altíssima técnica, que permitem **adaptação perfeita** até para pessoas muito sensíveis às **lentes de contato** de maneira geral. Podem ser de **uso prolongado**, não necessitando retirá-las para **dormir** ou **praticar esportes**. Proporcionam **perfeita visão** para **perto, intermediário e longe**, em todas as direções, **sem distorções**, como num jovem de **20** anos de idade, com **visão perfeita**. Sua durabilidade é de até **12** anos, sem alterar o material ou mesmo os graus. **Marcio de Uzeda Guimarães**, formado também na **Alemanha**, com **20** anos de experiência no ramo de **lentes de contato no Brasil**, atende exclusivamente no **Centro Internacional de Lentes de Contato** no Rio de Janeiro, que fica na Av. Rio Branco, 156 sobreloja 233 (Ed. Av. Central). Para maiores informações ou para marcar hora para testes, o telefone é (021) **262-0791**. O **Centro Internacional de Lentes de Contato** tem representantes também em **Belo Horizonte** (031) **226-3666** e em **Niterói** (021) **717-1001**.

CIRURGIA PLÁSTICA

SATISFAÇÃO DE CRIAR SUA PRÓPRIA IMAGEM

• É muito importante o **estado psicológico** de uma pessoa, quando se dispõe a se submeter a uma cirurgia plástica. É preciso que seu problema esteja bem colocado e bem entendido. Depois, o paciente deve ter **total confiança no cirurgião**. Quando tais fatores estão presentes, a cirurgia tem tudo para ser bem sucedida. O prestígio do **Dr. Onofre Moreira** na cirurgia plástica é resultante de sua experiência com milhares de cirurgias já realizadas. **Mestre em Cirurgia pela UFRJ e membro do International College of Sugeons**, o **Dr. Onofre Moreira** é também formado em **Escultura** pelo **Instituto de Belas Artes**. Sendo profissional atualizado, sempre presente aos congressos, isso lhe dá **completo domínio da técnica** — muitas de sua autoria — e **da arte**, qualificando-o para realizar verdadeiras **esculturas na matéria viva. O Dr. Onofre Moreira** realiza todos os tipos de **cirurgia plástica** em sua clínica. Utilizando a **LIPOESCULTURA**, elimina as gorduras (papada, abdome, culote, coxa, nádegas, braços, costas e ginecomastia (busto em homem) e o **silicone** para correções diversas como **sulcos e depressões faciais, mamas, nádegas, pernas, etc.**). O **queixo**, o **nariz** e as **orelhas em abano**, podem ser corrigidas por dentro **sem cicatrizes externas**. As **mamas**, mesmo as volumosas, são operadas sem cicatrizes medianas. Também podem ser feitas outras correções como: **seqüelas de acidentes** e de **queimaduras, cicatrizes de operações e defeitos na face**. Pode ainda ser **rejuvenescido o rosto**, devolvendo-lhe a graça natural, eliminando **rugas**, sem esticar em demasia a pele. Em sua clínica, **com aparelhagem moderna, o Dr. Onofre Moreira** (CRM-52-10741-3) dá muita importância à **Anestesia**, que pode ser local, analgesia **(um sono leve) ou anestesia** geral **conforme indicação e desejo do paciente. Por ser especializado em** Cirurgia Plástica, **em sua** clínica **só se operam pessoas em** ótimo estado de saúde, **após passarem por** rigoroso exame pré-operatório, **evitando assim, o perigo de infecção hospitalar**. Maiores informações pelo telefone (021) **265-6565 ou 245-4545**.

Espaço country

O cliente paga a entrada (Cr$ 980,00), recebe sua caneca de cerveja e, ao estilo *self-service*, come e bebe à vontade. Na grelha, há salsicha branca de vitela, salsicha de porco, hamburger, steak de presunto, costeleta de porco, carne e frango. Dez tipos de molho, quatro saladas, guarnições como pipoca, batata assada, espiga de milho e legumes variados. As sobremesas vão de *brownies* à torta de maçã quente, torta de queijo e abóbora, salada de frutas, *donuts*, chantilly e caldas.

Enquanto isto, rola ao vivo o som do *Country Express* (*country music*, claro) com gente dançando *On the road again*, *Jambalaya*, *Duelling Banjos*, *Country Roads*. O local é bonito e os americanos dizem que agora também têm seu espaço, assim como os ingleses do Rio têm seu The Lord Jim Pub. Todas as noites de quinta-feira na churrascaria Casarão, em pleno Sheraton hotel. No preço, está incluído o show e o estacionamento. Tel.: 274-1122.

José Roberto Serra

Rosemeri e Cláudia: especialidade em saladas

Saladas muito amorosas

As irmãs Claudia e Rosemeri Wanderley podem não ser do ramo — uma é administradora; a outra, contabilista. Mas o *chef* delas, esse é profissional à beça: Rosemiro do Nascimento está há 12 anos nas cozinhas dos hotéis cinco estrelas do Rio, e não há salada que não saiba fazer, com todos os detalhes de decoração e acabamento da cozinha internacional.

Por exemplo: a salada de bacalhau. A criação da Lovely — a empresa das irmãs Wanderley — é tão gostosa, redondinha no gosto e ao tato que empalidece os bacalhaus quentes da tradição lusa — o à Gomes Sá, o ao Zé do Pipo. Você acaba achando que o peixe tem mesmo é que ser comido assim, frio. Ou a salada de frango defumado com abacaxi e passas — os portugueses da Idade Média e os marroquinos de hoje em dia têm razão ao preferir galinha com frutas e doces.

Lindas, práticas, as saladas da Lovely são entregues nos escritórios do Centro na hora do almoço e têm sobre as concorrentes o toque de profissionalismo de um *chef* bem treinado: Waldorf, camarão tropical, queijo malhado, língua, verde, ovos russos, dietéticas etc. Lovely, sem dúvida, mas muito mais do que isso. Aceitam tíquetes, fazem contratos mensais com descontos, atendem a jantares sob encomenda. Tel.: 233-1939 e 263-8398.

Compra da Semana

Abacaxi — Repleto de sucos agridoces, polpa saborosa, começa a surgir o abacaxi, ideal para quem quer se desintoxicar. A fruta crua é ótima, em doces melhor ainda, e dá o refresco tipo aluá, batendo no liquidificador com água e açúcar. Não se esqueça de coar. Unidade, Cr$ 30,00.

Danusia Barbara

Heloísa e Maria Helena

Assumir a roça

A socióloga Heloísa Parga mora há alguns anos num sítio em Vargem Grande, mas quando o caseiro lhe perguntava o que fazer com as jacas, tangerinas, laranjas e mangas que caíam das árvores, ela morria de culpa. Parecia até pecado. Um dia, tirou do baú as receitas caseiras da mãe e assumiu a roça. Uma delícia: faz compotas, geléias e coisas como pão de abóbora com nozes ou um bolo gaulês — com iogurte, açúcar queimado e um pouco de farinha envolvendo um monte de frutas secas.

Heloísa se associou com a psicopedagoga Maria Helena Loureiro Pinto. Resultado: uma delicatessen cheia dos pães e bolos e produtos especiais, como o iogurte natural e com frutas que parece feito por vacas holandesas, tamanha textura e sabor. Compotas, strudel e promessa de pratos quentes para breve na Ragout, Estrada dos Bandeirantes 23.579 (Tel.: 437-6117). Segunda a quarta, das 8h às 18h. Quinta a domingo, até o último freguês. A loja fica no posto Atlantic.

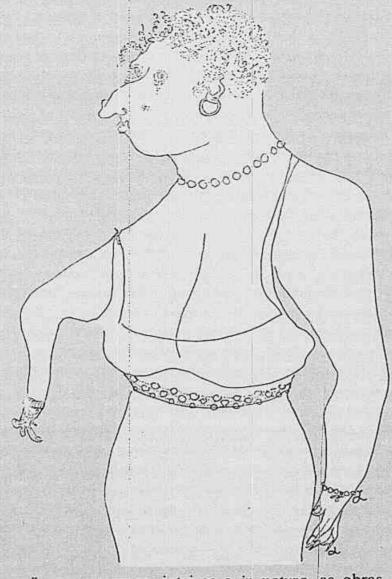
DANUSIA BARBARA

Geraldo Viola

Receita: Helena Londres

Carioca da Urca, química, *sommelier* e boa cozinheira (aceita encomendas para pequenos jantares pelo tel.: 295-0629), Helena Londres tem uma receita fácil e rápida para o dia de domingo, o Frango Tai.

Ingredientes para duas pessoas: 300g de frango desossado, sem pele, cortado em pedaços de aproximadamente 2,5cm; 1 cebola média, cortada em lascas; 1 dente de alho picado; meio pimentão em tiras; um pedaço de cerca de 2,5cm de gengibre em lascas finas; óleo, molho de soja, sal, pimenta e limão.

Feitura: Deixar o frango temperado com sal, pimenta e limão por cerca de meia hora. Aquecer bem uma frigideira pesada (de preferência, de ferro), dourar o frango no óleo por cerca de 4 minutos. Juntar a cebola, alho, pimentão, gengibre, mexer por mais ou menos 5 minutos. Juntar o molho de soja e, se precisar, tampar até acabar de cozer o frango. Servir com arroz.

Ainda ontem

Mais, bom leitor, não agüento escutar tantas conversas sobre economia! Que são muitas besteiras pelo ar, contas infindas, queixumes, gemidos, cálculos, profecias — que sei mais? *Ut melius quicquid erit pati*, repetiria eu, com Horácio, se alguém quisesse falar de poesia. Mas ninguém quer. A este Plano só censuro por ter transformado a todos nós em agiotas falidos. Paupérrimos agiotas! Que cinza aborrecimento destilam! Mais bondosa foi Circe, ao transformar seus amantes em porcos. Ecológica Circe! Leitõezinhos são tão mais comestíveis e gentis que banqueiros irritadiços!

Por isso volto ao passado. Não ao de Circe — vago — ou ao de Horácio, latino demais para meu latim. Volto ao Búzios de ainda outro dia — e volto com uma certa irritação, pois leio que Cabo Frio não quer que o município tenha autonomia. Pois deve ter, para melhorar.

De política não entendo, leitor. Mas de cheiros entendo um pouquinho. E é grande escândalo para o nariz que em Búzios, na rua principal — a das Pedras — mal bata meia-noite — qual vampiro — um cheiro ignóbil se espalhe pelo ar. Trata-se de um esgoto clandestino que carrega, inteiros e *in natura*, as obras dos habitantes locais até a porta dos restaurantes e ao fundo sensível dos narizes.

No entanto, há belos restaurantes por lá.

No Maia come-se barato e simples (mas come-se com o nariz no lugar das obras olfativas clandestinas). Quase ao lado, no Cheval Blanc (da coisa um pouco mais protegido) comi um *blinis* de camarões com brócolis, que estava uma cuidada delícia. Bem desconfio eu de pratos mais elaborados em lugares esportivos — mas aquele *blinis* era de se tirar o chapéu às cozinhas. Depois vieram lagostas (apesar da pesca, então, estar proibida). E eram lagostas como as prefiro: cozidas e com maionese só. Então a sobremesa: um *soufflé* de chocolate amargo, que vai bem — para os que não temem a barriga — com sorvete de creme.

No vizinho Le Streghe comi umas gentis e jovens lulas fritas. E se mais não pedi, foi porque, no almoço daquele dia, tinha encontrado um lindo *bollito* na casa de Stefano Monti. Sobre o prato, leitor, te falo ainda algum dia, se a usura não tiver comido todo o papel que existe no país.

Show

Pelas águas do oceano

Mais ocupado em construir sua carreira no exterior, Djavan nos últimos tempos tem ficado menos no Brasil do que no circuito EUA-Japão-Europa, onde gravou com artistas como Quincy Jones. Depois de quatro anos longe do público carioca, ele volta ao Rio esta semana para se apresentar no Canecão de quarta a domingo. Com direção e roteiro de Nelson Motta, o show é o mesmo que deu início a sua turnê nacional, e já foi visto no Nordeste por mais de 50 mil pessoas. Nele, o cantor relembra sucessos como *Seduzir*, *Meu bem querer* e outras. Com seu último LP, Djavan conseguiu ser apontado como o melhor cantor na promoção Diretas na Música de **Domingo**, além de ter a sua *Oceano* escolhida como a melhor música do ano.

CLAUDIO FIGUEIREDO

Fernando Lemos

Djavan volta ao Canecão depois de quatro anos longe dos palcos cariocas

Outros

AQUARELA CARIOCA — O grupo faz um dos melhores e mais originais trabalhos na música instrumental. De quarta a sábado, no Mistura Up.

GOLDEN BOYS — Os rapazes voltam com seus antigos sucessos e um *medley* da Jovem Guarda. De quarta a sábado, no Jazzmania. Até dia 14.

MAITE-TCHE — O quinteto vocal canta Pat Metheny, Lennon & McCartney e outros. De quinta a domingo, no Rio Jazz Club.

ZÉ LOURENÇO — Com um "espetáculo músico-teatral", o tecladista, compositor e arranjador se apresenta de quarta a sábado no Gig Video Bar.

14 BIS — O rock mineiro do grupo promete algumas músicas inéditas em seu show, nesta sexta e sábado, no Circo Voador.

LUIS MELODIA — Com o show Jazz Band Blue, ele fica durante três semanas de segunda a sexta, no Seis e Meia do João Caetano.

JAIR RODRIGUES — Afastado do Rio desde 1986, ele volta para se apresentar durante o mês de abril. De quarta a sábado, no Un, deux, trois.

SÉRGIO ROJAS — Sob a direção de Bia Lessa, o músico e compositor lança o LP *Zoa*. De quarta a domingo, no Teatro Ipanema.

PAULO MOURA — Num recital com entrada franca, o músico toca Cartola, Pixinguinha e outros. Amanhã e terça, às 18h30, no Teatro dos Quatro.

MOREIRA DA SILVA e MACALÉ — Muito humor e irreverência nessa dupla que volta a se encontrar, de quarta a sábado, no People.

Andrea Dorfler

Impressões: B. do Brasil

Teatro

Vivo, apesar do choque

O teatro foi apanhado no contrapé do Plano Collor. Sem o apoio da Lei Sarney, com o pouco dinheiro disponível retido, só restou lutar pela sobrevivência. Uma das formas é lançar espetáculos. O grupo Tá na Rua suspendeu temporariamente o início da temporada de *Uma casa brasileira, com certeza*, de Wilson Sayão. Mas o Teatro Ziembinski, que havia adiado a estréia de *Retrato falado*, confirma que sexta-feira esse roteiro sobre os 40 anos de carreira de Walmor Chagas estréia no simpático teatro da Tijuca. Baseado em depoimentos do ator, Fauzi Arap e Maria Thereza Vargas roterizaram a biografia de Walmor, incluindo textos de Plínio Marcos, Caetano Veloso e Eugene O'Neill entre outros. Direção de Fauzi, com Walmor, Bety Schumaccher, Clara Becker e José Maria Rocha.

Também na sexta, no Teatro Nelson Rodrigues, o grupo paulista Boi Voador mostra *Beatrícias: cânticos aos pedaços*, "inspirado livremente na poesia de Blake, Rimbaud e Baudelaire". Na quinta, *Maragato*, texto e direção de Válter Sobreiro Júnior chega de Pelotas para o palco do Glauce Rocha. E, a partir de sábado, os Contadores de Estórias ocupam o Teatro II do Centro Cultural do Banco do Brasil com as suas *Impressões. Coreodrama* (o neologismo se justifica pela fusão de teatro e dança) em dois atos, *Impressões*, de Marcos Ribas, busca nos pintores impressionistas o clima cênico e a emoção do espectador.

Cristina Hirtsch

Walmor: Retrato falado

MACKSEN LUIZ

Cinema

Quando a história se repete

Quem gosta de filmes de guerra e cansou de ver banhos de sangue sobre o Vietnã como *Nascido em 4 de julho*, de Oliver Stone, e *Pecados da guerra*, de Brian de Palma, deve assistir *Tempo de glória*, de Edward Zwick. Um filme histórico sobre a participação dos negros na guerra civil americana que rendeu a Densel Washington — de *Um grito de liberdade* — o Oscar de melhor coadjuvante. Em 1863, negros do Norte formam um regimento voluntário no Massachusetts e ajudam a União a vencer a guerra. O filme fala do confronto entre os negros e os soldados brancos que lutavam ao seu lado na guerra. No mais há *Inimigo mortal*, de Richard Serafian, a vingança de um homem que é preso por engano e tem a mulher assassinada.

MARIA SILVIA CAMARGO

Denzel Washington: Oscar para Tempo de glória

Artes plásticas

Olhos muito abertos

Programas gratuitos não são sinônimo de espetáculos chinfrins em locais precários, como prova a programação da semana. A cultura japonesa costuma chegar em doses ínfimas, mas esse ano o conta-gotas foi mais generoso. Depois da exposição Eternos Tesouros do Japão, que ocupou até semana passada o Museu de Arte de São Paulo com peças avaliadas em US$ 100 milhões, é a vez da mostra A Gravura Japonesa Contemporânea estrear na quinta no Museu Nacional de Belas Artes. Entre os 39 artistas, mestres como Kiyoshi Hasegawa, já morto, e nomes como Satoshi Saito e Tetsuya Noda. Não causa espanto muitos deles já tenham estado na Bienal de São Paulo, na de Veneza e na Documenta de Kassel, as mais importantes mostras do mundo.

MAURO VENTURA

A gaúcha Flávia Moraes

Cláudio Freitas

Restos e talento

Ela tem 30 anos e na bagagem um pronto-socorro de sobrevivência nesta selva cultural. A cineasta gaúcha Flávia Moraes não chora, nem escreve artigos reclamando subsidios culturais. Ela faz filmes-sucata. De uma sucata de luxo, é verdade. Publicitária, autora de mais de 500 anúncios, há dois anos ela descobriu que poderia filmar ficção com pontas de película, cenários, atores dos comerciais. Ao terminar uma campanha para a Sadia, por exemplo, antes de dispensar a equipe Flávia ligou para Luís Fernando Veríssimo, seu padrinho profissional. "Perguntei se ele tinha algum conto que se encaixasse num cenário de sala classe média, um casal de atores e um pedaço de peru", conta. Foi assim que surgiu *Mentira*, curta que os cariocas verão amanhã na Mostra Flávia Moraes, exibida pelo Cândido Mendes de Ipanema.

Chamar a exibição de dois curtas, *Mentira* — sucesso do último Festival de Berlim — e *O brinco*, de mostra é piada. Mas Flávia promete animar várias outras mostras. Quanto a seu primeiro longa, *Big loira e outras estórias*, de Dorothy Parker, o Plano Collor o levou para o arquivo por enquanto. Dona da Film Cinematográfica, talvez se tivesse dinheiro a empresária Flávia nem faria filmes enxutos e divertidos como os que fez. "Mas neste país é assim. O filme que eu quero fazer é o filme que eu posso fazer", descobriu. Esperta.

A arte japonesa no Rio

Outros

NAIF — O misticismo e a religiosidade popular nas telas primitivas do pintor Nonato Oliveira. Exposição a partir de quarta, na Casa de Cultura Laura Alvim.

COLETIVA — Pinturas e esculturas das artistas Cassou, Deusaly, Marcia Lins, Maria Nolide e Theresinha Minervini. A partir de amanhã, na Oficina de Arte Maria Teresa Vieira.

Serviço

Entre na fila da pelada

Pode ser que chiem, pode ser que não. Mas para jogar uma peladinha nos campos do Aterro ou da Lagoa o carioca bom de bola agora vai pagar uma taxa de utilização, ainda não fixada. Se antes bastava a autorização do Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura, desde que o departamento virou fundação e passou a ter que gerar recursos para sobreviver e manter os campos a coisa mudou. Justifica-se. "Os campos são públicos, mas na hora em que se joga ocorre uma espécie de privatização, e é justo que se pague", explica Nazaré Piquet, gerente de eventos da Fundação Parques e Jardins.

Renato Velasco

Para jogar nos campos do Aterro ou da Lagoa é preciso pagar uma taxa

Até segunda ordem, o procedimento para a reserva dos campos de pelada é o mesmo de antigamente. De segunda a sexta, das 9 às 17 horas, na casinha situada na Cidade das Crianças, Praia do Flamengo, quase em frente aos cinemas Lido. Como normalmente a disputa pelos melhores horários acontece às segundas, fixou-se neste dia o horário de 9 às 13h para a marcação dos oito campos do Aterro, e das 14 às 17h para o campo do Rebouças e para o Faria Lima, perto do Tivoli Park. Basta levar carteira de identidade e muita sorte para ajudar no sorteio, porque os jogadores têm que pegar um número num saco entre 1 e 150. Quem tirar o mais baixo escolhe o campo e assim sucessivamente. Mas é bom chegar na hora. Eles são pontualíssimos.

Autógrafo

Jadir, Dequinha e Pavão: tricampeões nos anos 50

Noite rubro-negra

"Todo brasileiro é um pouco rubro-negro." A frase de Nélson Rodrigues, tricolor e sábio, já seria justificativa suficiente para que *Nação rubro-negra*, de Edilberto Coutinho, fosse o primeiro lançamento da série *Grandes clubes do futebol brasileiro*, que chega com patrocínio da Fundação Nestlé de Cultura para preencher lacunas na memória da paixão nacional. Trabalho titânico — 504 páginas em formato de lista telefônica —, o livro tem na capa o maior ídolo da história do clube, Zico, e desfaz mitos como o de que o Flamengo nasceu de uma costela do Fluminense. Coutinho, rubro-negro doente ou, como prefere, "saudável", estará autografando a obra amanhã, às 20h, no Hotel Glória.

Música

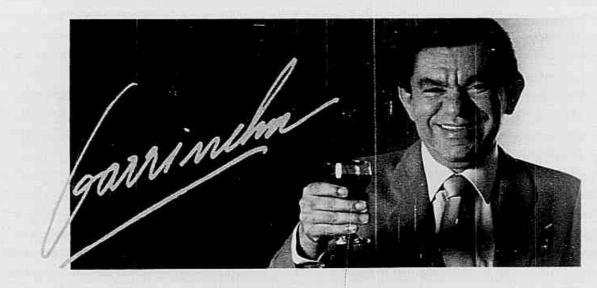
Concerto em dois pianos

O destaque da semana é a estréia, nesta temporada, da Orquestra Pró-Música, regida por Armando Prazeres: na Sala Cecília Meireles, dia 6, a orquestra está se apresentando com o duo pianístico Linda Bustani/Lilian Barretto, solistas do belíssimo concerto para dois pianos de Mozart. Também no programa, a sinfonia *Pastoral*, de Beethoven. Como atração extra, antes do concerto, uma apresentação da Orquestra Infantil Suzuki, formada por violinistas de 4 a 14 anos. Será solista a jovem Renata Joffe, de 11 anos. Terça-feira, merece igualmente destaque a inauguração da temporada do IBAM: o patrocínio da Fiat Lux permite a realização de concertos com entrada franca, o que

Linda Bustani

não é de se desprezar nas atuais circunstâncias. Inaugura a série o duo violinístico Cervera/Fiorini, em peças de Leclair, Boccherini, Viotti e Prokofiev. Co-promoção do Instituto Italiano de Cultura. Dia 4, no auditório Guiomar Novaes, recital da soprano Marilia Furiati e da pianista Miriam Braga, com participação do clarinetista Marcelo Oliveira.

LUIZ PAULO HORTA

Você sabe qual a diferença entre a carne do Búffalo e as outras?
Mestre Garrincha. Um toque que diferencia a carne, da água para o vinho.
Você, associado American Express Card é nosso convidado especial.
Venha conhecer o novo Búffalo do Rio Sul e prove uma carne preparada por quem mais entende do assunto.

Ser Um Associado Tem Seus Privilégios.

Leblon
Rua Rita Ludolf nº 47
Tels.: 274-4848/512-3215

Rua Lauro Müller nº 116
Rio Sul Shopping Center 1º Piso Loja 41 B
Tel.: 541-2644

Não saia de casa sem ele.

CRAYON

Para solicitar o American Express Card ou obter informações, ligue para o DDD gratuito (011) 800-5050.

CADEIRA
TITIO COM PUFF

CADEIRA
ALDA

Ipanema Design

IPANEMA
JARDIM DE ALAH
AV. EPITÁCIO PESSOA, 224
TELS.: 294-9044 E 294-9143
FÁCIL ESTACIONAMENTO.

CASASHOPPING
AV. ALVORADA, 2150 - BLOCO D
LOJA J - TELS: 325-1858 E 325-9620
AMPLO ESTACIONAMENTO.

RIO DESIGN CENTER
AV. ATAULFO DE PAIVA, 270 - SS
LOJA 106 A - LEBLON - TEL.: 259-0033
ESTACIONAMENTO NO LOCAL.

PRONTA ENTREGA.
TRAGA SUA PLANTA BAIXA,
EXECUTAMOS NOSSOS PROJETOS
DE DECORAÇÃO EM 7 DIAS.

CADEIRA
TIZ

CADEIRA
ARGENTINA

CADEIRA
INGLESA

CADEIRA
GÁVEA

POLTRONA
ITALIANA

CADEIRA
ZÉZE

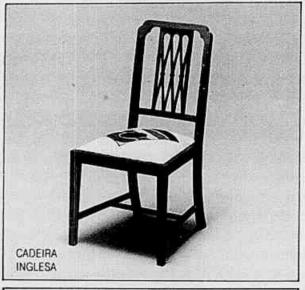
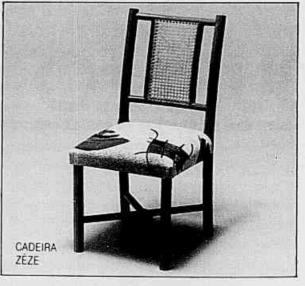
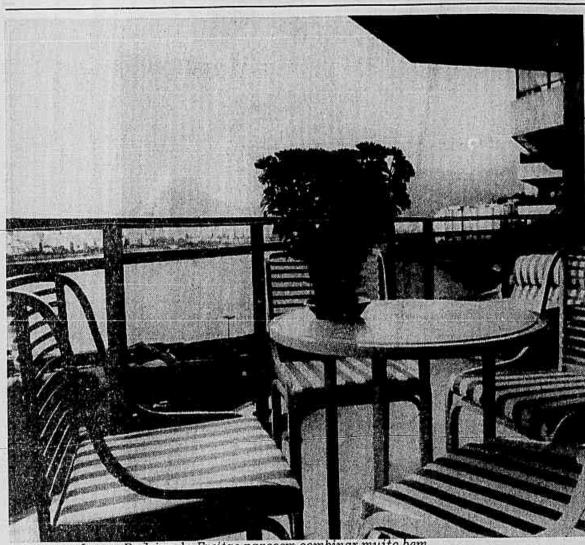
Tecidos: Larmod

Rio de Janeiro, 1º de abril de 1990 — Ano II — Nº 111

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

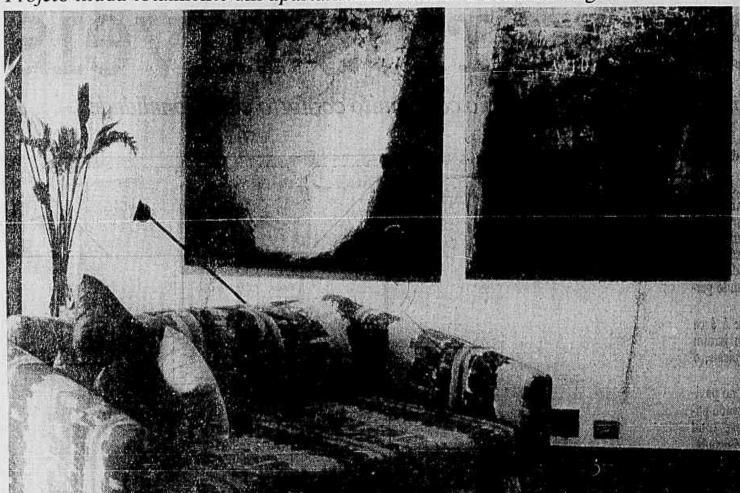
JORNAL DO BRASIL

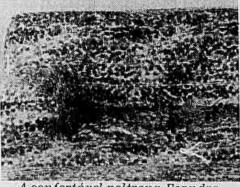
Casa e Decoração

Fotos de Márcia Kranz

Listras e a Lagoa Rodrigo de Freitas parecem combinar muito bem. Esses móveis supercharmosos em alumínio e nas cores bege e marrom, colocados na varanda, são da loja paulista Se essa rua fosse minha

Na sala de estar, um enorme sofá em L, de couro bege, mesa central em madeira, um quadro de Lídia Ribeiro, almofadas, livros, no canto um vaso e, junto à vidraça, uma televisão de 26 polegadas

Opção pelo moderno

Projeto muda totalmente um apartamento comum à beira da Lagoa

O sofá, forrado com tecido da Larmod, foi desenhado pela arquiteta com grande profundidade para permitir muito conforto e criar um ambiente de intimidade. Na parede, dois quadros do mineiro Marco Túlio Resende

A nova iluminação aérea de luz halógena destaca o aparador em mármore bege Bahia com fruteira

Isabella Vargas

Um apartamento enxuto, bem em sintonia com os dias de hoje, marcado pela sensibilidade e bom gosto, a começar pelas grandes vidraças da varanda, de onde se desfruta de toda a extasiante beleza da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Funcionalidade e móveis com **design** escolhidos a dedo, de acordo com a filosofia de que o essencial basta, são os ingredientes da receita assinada pela arquiteta Maria Cândida Machado, num projeto da Interni. Nos trabalhos que acumula, Cândida deixa bem claro sua opção pelo que é considerado moderno (e habitável).

Num apartamento de planta comum, desses que são construídos às centenas no país, Cândida fragmentou em vários ambientes um único salão. Na parte principal está um enorme sofá em L de couro bege — as cores do apartamento tendem a ser neutras como bege, branco, marrom, preto e eventualmente um cinza; revelando certa economia de vibração — com **design** da arquiteta. A mesa central, em madeira, também leva a sua assinatura; e almofadas, livros e um vaso são os poucos acessórios desse ambiente, completado pela televisão à frente e um quadro de Lídia Ribeiro na parede

Também dentro desse conjunto está um **arranjo** interessantíssimo. A enorme poltrona Feandra, do **designer** italiano Vico Magistretti, de tecido manchado e supermoderna, aparentemente se chocaria com o quadro de Carlos Araújo, de ares renascentistas, colocado bem acima.

O lado direito de quem entra na sala é dividido em dois. Em frente à porta está a mesa de jantar com um aparador em mármore bege Bahia fixado à parede; e de ponta à ponta, a iluminação aérea de luz halógena cria um clima romântico pós-moderno.

Um bar com cadeiras de Harry Bertoia, uma outra televisão e tampos de mármore bege Bahia, são as fronteiras de um novo ambiente aconchegante, onde um sofá de dimensões diferentes do habitual, de grande profundidade, é um convite à preguiça. Com desenho de Cândida, o sofá é forrado com tecido da Larmod. Atrás, quadros do mineiro Marco Túlio Resende.

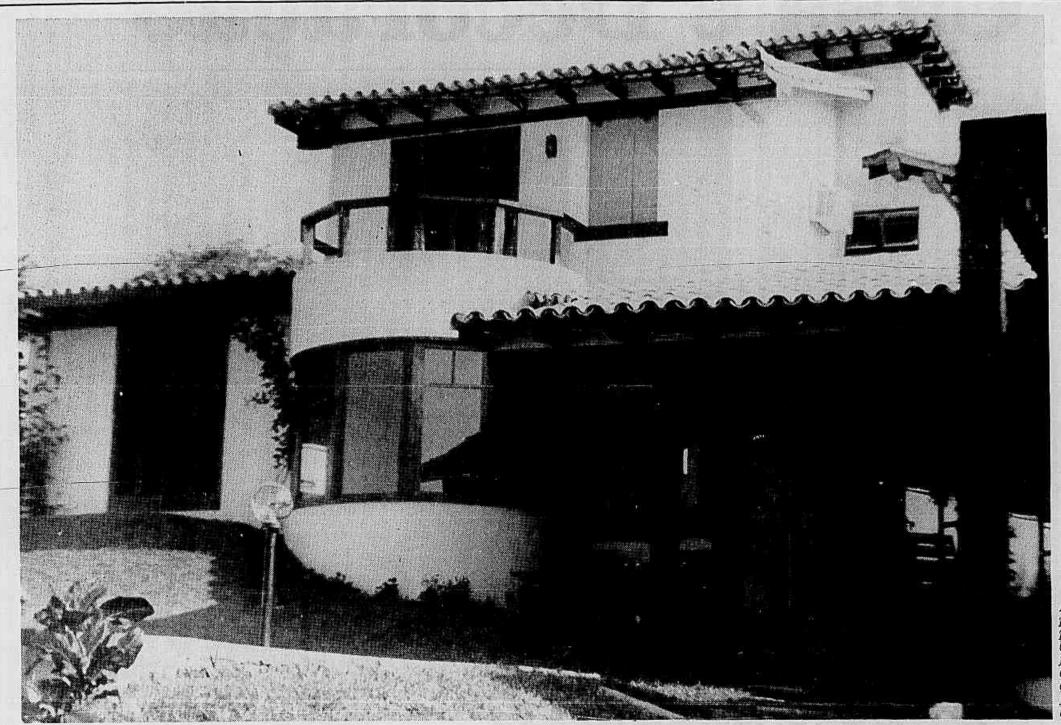
Para finalizar, a arquiteta colocou na varanda móveis da loja paulista Se essa rua fosse minha, em alumínio com pintura eletrostática e estofados de listras bege e marrom. Na sala, estão tapetes paquistaneses espalhados sobre o chão de tábua corrida, raspado e encerado.

A confortável poltrona Feandra contrasta com o quadro de Carlos Araújo

Onde encontrar

Interni (arquiteta e móveis assinados por ela) — Tel 5293030 r. 116
Outros móveis — Forma — Rua Farme de Amoedo 82-A
Móveis varanda — Se essa rua fosse minha — (011) 8812400 SP
Larmod — Rua Corcovado, 250
Iluminação — Dominici — Shopping da Gávea. 3º piso

O bar que tem cadeiras de Harry Bertoia, bancada e prateleiras em mármore bege Bahia, serve também para a televisão, além de criar um lugar especialmente aconchegante, de acordo com definição da arquiteta

Morar

A base para este projeto à beira-mar foi a exploração de formas leves

Beleza em vários níveis

Casa de veraneio em Búzios compatibiliza em 420m² sofisticação com muito conforto e funcionalidade

O maior êxito na construção desta residência para veraneio, localizada no sofisticado balneário de Búzios, no litoral fluminense, foi o de distribuir os 450m² de área de uma maneira bastante harmônica, compatibilizando a leveza dos volumes e o destaque das formas.

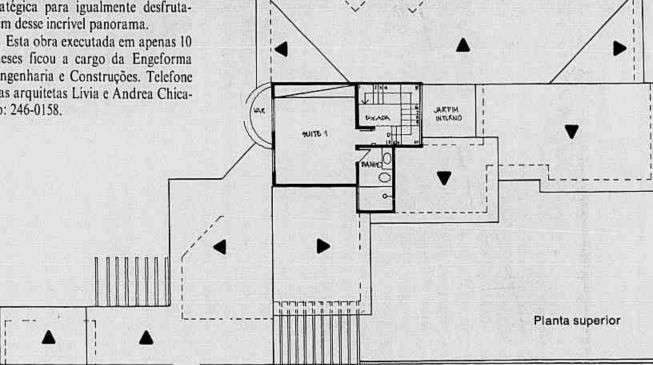
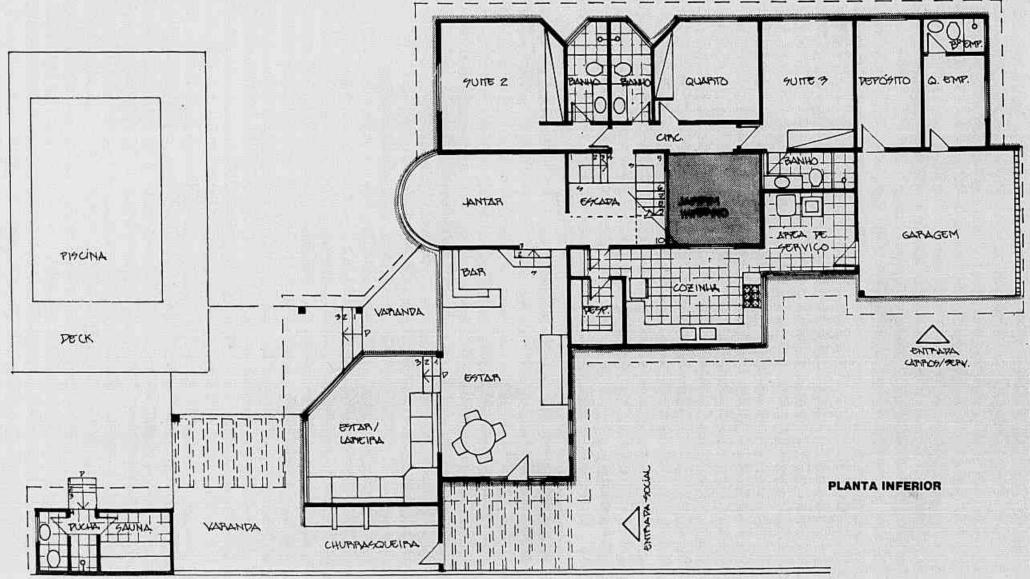
Para isso, as arquitetas Lívia e Andrea Chicharo dispuseram os ambientes em vários níveis, aproveitando a irregularidade natural do terreno à beira-mar. Um outro detalhe arquitetônico que ajudou muito a embelezar o projeto ficou por conta da movimentação no jogo de telhados. O uso de muita madeira e as telhas de barro completaram o **clima** descontraído que se desejava obter para o conjunto.

Além do lado estético, a funcionalidade da casa foi um outro item tratado com particular atenção por parte da dupla de arquitetas, que escolheram pisos cerâmicos e tinta lavável para o revestimento das paredes de todos os ambientes.

Como convém a uma casa de praia, as arquitetas planejaram cômodos bem ventilados e iluminados. Sendo assim, todas as esquadrias foram especialmente desenhadas por elas, atendendo as necessidades específicas e ao mesmo tempo dando personalidade ao projeto.

A circulação que conduz à área íntima gira em torno de um jardim interno cheio de plantas tropicais, o que a torna clara e arejada.

Propositalmente disposta no pavimento superior, a suíte reservada para os donos da casa obteve total privacidade e uma vista privilegiada. O toque de originalidade do projeto ficou por conta da sala de jantar, cuja parede externa redonda proporciona melhor visão da paisagem, que inclui a piscina, jardins, a praia da Ferradura e o mar como horizonte. Os quartos e as salas de estar também foram dispostos em posição estratégica para igualmente desfrutarem desse incrível panorama.

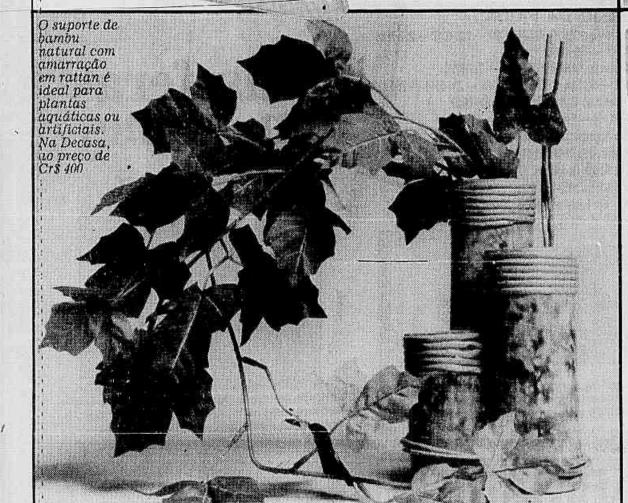
Esta obra executada em apenas 10 meses ficou a cargo da Engeforma Engenharia e Construções. Telefone das arquitetas Lívia e Andrea Chicaro: 246-0158.

No andar superior, unicamente a suíte do casal. As setas indicam o bonito movimento dos telhados

Nesta construção, todos os ambientes sociais foram estrategicamente colocados de frente para o mar. A garagem e a parte de serviço ficaram de frente para a rua

Achados

Fotos Flávio Rodrigues

Para donas-de-casa que gostam de tudo muito bonitinho, a lixeirinha de pia e o suporte para pá e escovinha, pintados com motivos florais. Cada um custa Cr$ 465, na Cia. da Terra

O artesão paulista Ivo Dantas utiliza sucata de latas para confeccionar vários tipos de pássaros, como o papagaio (Cr$ 3.900) e o martim-pescador (Cr$ 2.500). Na Trem de Minas

O suporte de bambu natural com amarração em rattan é ideal para plantas aquáticas ou artificiais. Na Decasa, ao preço de Cr$ 400

Para acompanhar as mesas de jogos, os copos decorados com naipes de cartas de baralho. Na Dote, além dos copos que custam Cr$ 150 cada um, podem ser encontradas louças decoradas com o mesmo motivo

Onde encontrar

Cia. da Terra - Shopping da Gávea - 1º piso
Decasa - Shopping da Gávea - 1º piso
Dote - Av. Ataulfo de Paiva, 1079 - loja 103
Laçarote - Rua General San Martin, 360
Trem de Minas - Rua Cosme Velho, 433

Os suportes de mesa em resina, para pratos frios ou quentes, são pintados com motivos de frutas, fazendo alegres caras e bocas. Na Cia da Terra, Cr$ 950

Simples pregadores de roupa decorados com bichinhos de cerâmica, pintados e imantados, servem como porta-recados em geladeiras. Por Cr$ 290, na Laçarote

As novidades da Donatelli

A Donatelli Rio está lançando uma linha infantil de tecidos para decoração, composta de três novas estampas — "Pato", "Abecedário" e "Balão" — que fazem parte da coleção 90, ideais para cortinas, colchas, almofadas, forrações de parede, protetores de berço, enfim para o quarto das crianças.

O modelo "Pato", em **chintz** ou algodão, é um tri-composé, trazendo desenhos de flores miúdas, listras ou só patinhos desenhados. Já o "Abecedário" traz todo o alfabeto decorado com flores, chapéus, guarda-chuvas, nuvens e laços. O modelo "Balão" apresenta balões de diversos tamanhos, bem alegres. Os tecidos da coleção infantil têm 1,30 de largura. A Donatelli Rio fica na rua Garcia D'ávila, 149-B, Ipanema.

Divulgação

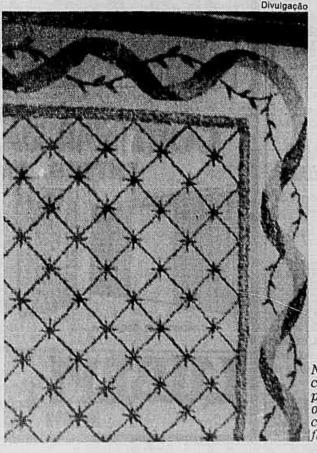
Patos, letras e balões na Coleção 90

Avanti lança o falso liso

A indústria Avanti, há 12 anos no mercado de tapetes com 15 linhas de produtos — entre eles Toscano, Toccata e Zênite —, apresenta agora as coleções Pontilhados, Borders e Tapetes 89/90.

Em quatro modelos diferentes (1001, 1002, 1003 e 1004), a coleção Pontilhados segue a tendência mundial em decoração, em que o piso ocupa a posição de quinta parede do ambiente. A mais nova e exclusiva criação da Avanti é o que se pode chamar de falsos lisos: a cor básica é valorizada pela composição de mesclados e geométricos, realçando os ambientes pelo efeito visual e a perda da monotonia. A coleção apresenta um design com predominância de desenhos clássicos e florais.

Os novos lançamentos — em fio 100% nylon e uma espessura de 8 mm — são encontrados em 45 tonalidades e estão em exposição no show-room da Avanti, no Rio Design Center : Av. Ataulfo de Paiva, 270 ljs 105 e 111.

Divulgação

Na nova coleção predominam os desenhos clássicos e florais

A Verdade dos Móveis de Jardim e Piscina

- □ **Madeira** Apodrecem, descolam, descascam e quebram.
- □ **Ferro** Desconfortáveis, pesados, enferrujam etc...
- □ **Tubular** Trincam, as cores esmaecem, as juntas quebram, as tiras soltam. (Vide encanamentos de PVC).
- ☒ **Alumínio Silício c/Polipropileno** Consagrados na Europa, resistentes à umidade,maresia, sol, chuva, poeira e a maus tratos.

A incrível resistência do **alumínio-silício** e a durabilidade do polipropileno, garantem a estes móveis para jardins, coberturas ou beiras de piscina, longos anos de vida.

Cadeira polipropileno c/braços — De 7.278, Por 3.999,
Poltrona integral c/5 posições — De 14.558, Por 7.999,
Cadeira Alumínio Silício — De 13.102, Por 7.199,
Espreguiçadeira Polipropileno — De 15.468, Por 8.499,
Mesa Alumínio Silício c/polipropileno Diâmetro 0,80 — De 21.474, Por 11.799,
1,101. De 28.754, Por 15.799,

Espreguiçadeira Alumínio Silício — De 23.840, Por 13.099,

PREÇOS COM DESCONTO CONGELADOS 3 X SEM JUROS

SÓ ATÉ SÁBADO

Direto da Fábrica sem Intermediários

O design italiano de **GIULIO FRASCARI** consegue a leveza nas linhas curvas dos móveis e aglutinados de mármore c/ poliester.

Mesa Alumínio silício com Mármore revestido de poliester

Diâmetro 0,80 — De 27.298, Por 14.999,
Diâmetro 1,00 — De 33.122, Por 18.199,
Diâmetro 1,20 — De 41.858, Por 22.999,

TEMOS EM ESTOQUE TODAS AS MERCADORIAS ANUNCIADAS

MATRIZ DAS ESTANTES

LOJAS DO VAREJO DA FÁBRICA

CENTRO — Rua Riachuelo, 325, loja B, esquina Henrique Valadares. 242-7003 — 242-4047 — 232-7586
COPACABANA - Av. Copacabana, 581/209 - 256-4865
NOVA IGUAÇU — Rua Otávio Tarquino, 282, Na rua do BANERJ. 767-8369 — 767-9770
SÃO JOÃO DE MERITI — Rua Expedicionário, 46 — Na Rua da CEF. 756-3765 — 756-5811 — 756-4934
MADUREIRA — Rua Edgar Romero, 526 — em frente ao Campo do Cajueiro 351-8919
BENTO RIBEIRO — Rua Carolina Machado, 1482/1488 — Em frente a Estação. 390-2954
IRAJÁ — Av. Monsenhor Félix, 870 — Ao lado do Supermercado Guanabara. 371-9977
MÉIER — Cônego Tobias, 31 — Em frente a Estação. 593-9849 591-9990
CAXIAS — Av. Duque de Caxias, 333. Ao lado da Antiga Rodoviária. 771-5430
ABOLIÇÃO — Av. Suburbana, 7131, ao lado do Bradesco. 593-1899
CAMPO GRANDE — Av. Cesário de Melo 3393 — Em frente as Sendas, 394-8799
Show-Room - Martins Junior 44 Km 4,5 Washington Luiz (descida). 771-4717 771-0770 771-6132 772-0064

TELEX 21.40784

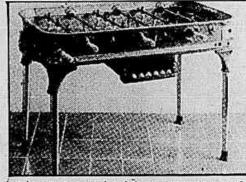
Essas feras têm nome: Gabima

A Grande Tacada!

— DO JANTAR AO LAZER - Excelente mesa de jantar com gaveteiro, transformável em maravilhosa sinuca 2,00 x 1,20. De 44.770, Por 24.599,

Brinde 7 bolas e 2 tacos.

— As mesas de sinuca **GABIMA** são construídas em aço 1.020 e aço Inox, com tampos resínicos, totalmente indeformáveis e garantidas.

— O tamanho é rigorosamente oficial. Fácil de abrir e fechar (basta uma simples pessão nas travas) a mesa Gabima, semi-aberta, permite o treinamento dos seus reflexos no quique da bola. Fechada, é fácil de guardar, ocupando espaço mínimo. De 36.398, Por 19.999,

Fabricada em aço e alumínio a mesa de totó **GABIMA** é uma festa permanente para adultos e crianças. Durabilidade ilimitada. De 59.512, Por 32.699,

---

CASA — PRODUTOS E SERVIÇOS PARA O LAR

700

MÓVEIS DECORAÇÕES 710

ARMÁRIOS SOB MEDIDA - Bar, cozinha, banheiros, etc. Tel. 220-9862 dias úteis e Domingo de 9 às 15 Horas 521-4429.

CORTINAS PRONTA ENTREGA Vários tamanhos e cores. Temos também Rolô, Painel e Romântica. Chame a gente. 258-2424 ou 238-8648

ANTIGÜIDADES 711

SÉCULO XX ANTIQUÁRIO COMPRA, VENDE, CONSIGNA. Louças, Lâmpadas, Telas, Móveis, Bonecas, Vasos, Pratas, Bronzes, etc. R. Visc. Pirajá 540/205 T. 259-0246 Também domingos 245-4943 e Feriados 227-3965

FINAL DE ESTOQUE Formipiso Vulcapiso Unifloor Carpetes 580-9532

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

ESTOFADOR REFORMAMOS Fabricamos e modificamos. Entrega rápida. Chame a gente. 258-2424 ou 238-8648

LAQUEAÇÃO À PISTOLA Móveis e armários embutidos Demétrio tel: 581-4916

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

RAMOS ESTOFADOR — Reforma o seu estofado em geral. Pagamento em 3 vezes s/juros. T. 201-7409. Sr. Ramos.

COZINHAS & ARMÁRIOS

PARA QUEM EXIGE PREÇOS REAIS, BELEZA, QUALIDADE E GARANTIA DE ENTREGA.

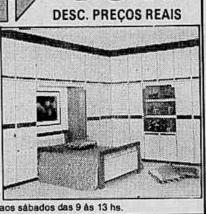
PROMOÇÃO ESPECIAL **40%** DESC. PREÇOS REAIS

OU EM ATÉ **3 x S/JUROS** PROJETO E ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO.

KiT'S * QUARTO * COZINHA * BANHEIRO

LIGUE AGORA 511-2938

Rua Alm. Pereira Guimarães, nº 72 — Lj. D — Leblon — Rio (Próx. Av. Ataulfo de Paiva — Ao lado da Bijou Box)
HORÁRIO DE ATENDIMENTO: de 2ª à 6ª feira, das 9 às 19 hs. e aos sábados das 9 às 13 hs.

LIQUIDAÇÃO ARRASADORA! QUEIMA DE ESTOQUE!

A **GEIMAR DECORAÇÕES**, esta liquidando todo todo seu estoque de tecidos finos para confecção de cortinas, colchas e almofadas em matelassê. Aproveite! A mão-de-obra você paga metade do preço!
R. Siqueira Campos, 143 sblj. 110 ☎ 235-3648 255-9492 • 255-5029

CASAS EM MADEIRA DE LEI

SUPER PROMOÇÃO
SL + 2Q. + 1 Wc. + 1 Coz. .... = 251.000,
SL + 3Q. + 2 Wc. + 1 Coz. + Var. ...... = 469.000,
SL + 4Q. + 2Wc. + 1 Coz. + Var. .... = 588.000,
* FACILITAMOS O PAGAMENTO

Antônio Lemos Rep. e Serv. Ltda.
Rua Senador Dantas, 117 s/509 Centro - Tel: **240-2295**

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

(Gradis de Proteção — Janelas, portas para box, fechamento de área, basculantes especializada em substituição de janelas de madeira por alumínio e mármore orç s/comp — entrega rápido — 3 vezes sem juros
METALÚRGICA AME Rua Dona Romana, 236 — Eng. Novo — PBX — 261-4482

CHURRASQUEIRAS E LAREIRAS

RV

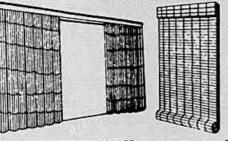
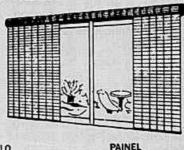
PINTOU NOVIDADE!!
A CHURRASQUEIRA QUE FALTAVA

- Qualidade
- 1 ano de garantia
- Refratários legítimos
- Menor preço

Ligue já ☎ 290-6168.

Rua Periantã, 99 G-6 Inhaúma - RJ

MÓVEIS RATTAN • JUNCO • VIME • CANA-DA-ÍNDIA

CORTINAS JAPONESAS ENTREGA EM 48h.

TRADICIONAL-CORRER ROLO PAINEL

FACILITAMOS EM 3 PAGAMENTOS ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO
DESCONTO ESPECIAL PARA PAGAMENTO À VISTA.

LUBEPI MÓVEIS Show-Room Rua do Catete, 160 — Loja s/loja-RJ. Tels.: 205-1598 e 205-0047

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

Antiguidades Quadros Porcelanas Pratarias Tapetes Persas Jóias, Móveis Marfins, etc... **COMPRO** Amaury Torreão Tradição de 45 anos ☎ 227-3905 (Noite, Domingos e Feriados)

CASAS E CHALÉS

PRÉ-FABRICADOS no Paraná em madeira de lei com tecnologia européia. Dez anos de garantia! Construímos em qualquer local, cidade, praia, campo.

KIT CABANA 1, 2 ou 3 qts

40 PROJETOS DIFERENTES À SUA ESCOLHA

EM APENAS 30 DIAS PRONTINHA PARA MORAR, ENVERNIZADAS, NOSSO PREÇO INCLUI: FRETE, HIDRÁULICA, ELÉTRICA, FUNDAÇÃO ETC...

KIT LUXO 2 OU 3 QTOS

GRAMARCOS Casas Pré-Fabricadas

EXPOSIÇÃO E VENDAS
EST. CAETANO MONTEIRO, 1550 PENDOTIBA - NITERÓI - RJ FONES: 711-2070 e 714-4175
RODOVIA AMARAL PEIXOTO - BR 106 (Via Serra de Mato Grosso) Km 9 — Varzea das Moças
PLANTÃO INCLUSIVE SÁB. E DOMINGOS DAS 9 ÀS 19 Hs.
PGTº A VISTA OU ATÉ 3 VEZES

Amor à primeira vista que resiste ao tempo.

* Cama Casal Ref. 2000

* Palma Solteiro

* Begonia Casal

* Beliche

* Penteador Petunia

* Carrinhos de Chá Várias Côres.

* Bancos p/Bar

COMPRE DIRETO DA FÁBRICA

Móveis com 1 ano de garantia

Artes em Metais

Show-Roon Rod. Niterói Manilha Br-101 à 8 Km do pedágio
Tel.: (021) 712-9398

NITERÓI: Sleep Móveis
R. Dr. Borman, 25 e 27 -
Tel.: (021) 717-4158

FÁBRICA: Garden Artes em Metais
Rua Oliveira Martins, 31 - Itaúna - SG

Adver

ELETRODOMÉSTICOS
780

COMPRO TUDO GELADEIRAS TV
Ar Condicionado e móveis e tudo do lar, pago bem hoje mesmo. Tels., 389-4142 e 253-0618.

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

COMPRA TUDO
222-3451
252-7060
Aparelho de som e vídeo, ar refrig. aicodeon, LP máq. de lavar,escrever e costura, freezer, geladeira, TVs à cor e PB e relógio de ponto, eletro doméstico em geral.

SEDA — Compro (só) retalhos (com % viscose). Vou ao local. Pago em dinheiro 3224919 (Ros).

BUFFET FESTAS E REFEIÇÕES
760

BALÕES METALIZADOS
Colocamos foto em Copos, bolas, toalhas, etc. Enchemos no local. Tel. 286-7877

FESTAS INFANTIS GABILOLA - Você escolha, nós realizamos todos os temas. T 331-2236. Vera ou Alfredo

MINEIRA DE JUIZ DE FORA — Vende biscoitos amanteigados e salgados atacado e varejo. Tel (032) 212-5594, Cristina.

REFEIÇÕES DOMICÍLIO/TRABALHO — Almoço, janta. Tel: 265-7621

PLANTAS E JARDINS
770

GUILLER & PAOLA PAISAGISMO

Projetamos e executamos gramados, jardins, pomares, laje verde, mini cachoeiras e lagos.
Fornecemos:
Terra, grama, plantas, frutíferas, pedras, etc...
Orçamento s/ compromisso, c/ croquis detalhado.
AQUÁRIOS
Projeto e execução aquários especiais.
Peixes: Nacionais e importados.

Estudamos parcelamento.
Atendemos 2ª. à sáb., Rio, Grande Rio, SP.
Tel: (021) 351-6786.

Telex: 213-4111 (MCHV)
Breve loja: R. Alm. Gonçalves, 4. Copacabana-RJ.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

PROMOÇÃO da SEMANA

- PREÇOS À VISTA
- 3 VEZES SEM JUROS
- USE SEU CARTÃO DE CRÉDITO

AZULEJOS

CECRISA		À VISTA
DECORADOS		
15 X 15 VITRAL	EXTRA	365,56
15 X 15 LIVERPOL	EXTRA	365,56
15 X 15 LORETA VERDE	EXTRA	365,56
15 X 15 PARANGA	EXTRA	420,49
15 X 20 PAQUETÁ	EXTRA	420,49
15 X 20 TENERIFE	EXTRA	420,49
15 X 20 RAMALHETE	EXTRA	420,49
20 X 20 MARINA	EXTRA	420,49
20 X 20 CAMILA	EXTRA	420,49
LISOS		
15 X 15 CREME	EXTRA	321,26
15 X 15 AREIA	EXTRA	321,26
15 X 15 BRANCO NEVE	EXTRA	321,26
15 X 15 BRANCO	C	240,99
ELIANE		
DECORADOS		
15 X 15 IMP 3299	EXTRA	371,33
15 X 15 RAQUEL	EXTRA	371,33
15 X 15 GRAVATAL	C	315,63
15 X 15 BRUNA	C	315,63
15 X 15 GASPAR	C	315,63
LISOS		
20 X 20 BRANCO	C	313,85
GUAINCO		
20 X 20 EXTRA		533,56
20 X 20 1ª		426,85
20 X 25 EXTRA		667,04
22 X 33 FUENTE	EXTRA	475,79
22 X 33 PIAZZA	EXTRA	475,79
22 X 33 FONTANA	EXTRA	475,79
22 X 33 GRECIA	EXTRA	475,79
22 X 33 BLANCO	EXTRA	475,79
22 X 33 FLORIDA	EXTRA	475,79
22 X 33 BLANCO	1ª	380,64
22 X 33 FUENTE	1ª	380,64
22 X 33 PAJUCARA	1ª	380,64
CHIARELLI		
20 X 20 EXTRA		475,79
20 X 20 1ª		380,63
20 X 30 EXTRA		475,79
20 X 30 1ª		380,63
30 X 40 EXTRA		646,00
30 X 40 1ª		516,80
30 X 40 C		387,90
34 X 34 EXTRA		529,55
33 X 33 EXTRA		529,55
33 X 33 1ª		423,30
33 X 33 C		317,05
43 X 43 EXTRA		691,05
43 X 43 1ª		663,00
ORNATO		
20 X 20 SAN REMO	EXTRA	360,40
20 X 20 SETIBA	EXTRA	360,40
20 X 20 ALASSIO	EXTRA	360,40

LAJOTAS

SÃO JOSÉ	
30 X 30 BRILHANTE	256,78
30 X 30 GRASUR, FOSCO 1ª	231,82
30 X 30 ANTI-DERRAPANTE	289,39

GABINETES P/BANHEIROS

GAB. CEREJ. 0.60 DULAR	5.579,60
GAB. CEREJ. 0.80 DULAR	7.759,33
GAB. CEREJ. 1.00 DULAR	8.418,01

PISOS

GUAINCO		À VISTA
22 X 33 ENSEADA	EXTRA	475,79

TINTAS

SUVINIL	
TINTA SUVINIL BL	3.427,15
TINTA SUVINIL GL	754,01
YPIRANGA	
SUPER CONCRETINA BL	3.114,87
SUPER CONCRETINA GL	682,09
VERNIZ COPAL GL	444,42

CIMENTO AMIANTO

ETERNIT		
CAIXA D'ÁGUA		
CAIXA C/TAMPA 1000	LITROS	3.618,24
CAIXA C/TAMPA 500	LITROS	1.814,31
CAIXA C/TAMPA250	LITROS	1.156,51

ETERNIT	A Vista
ONDULADA 4 MM	
1.22 X 0.50	77,56
2.44 X 0.50	157,03
ONDULADA 5 MM	
1.22 X 1.10	232,27
1.53 X 1.10	291,95
1.83 X 1.10	346,46
2.13 X 1.10	405,64
2.44 X 1.10	464,85
ONDULADA 6 MM	
1.22 X 1.10	286,49
1.53 X 1.10	359,80
1.83 X 1.10	430,97
2.13 X 1.10	501,82
2.44 X 1.10	574,74
3.05 X 1.10	718,23
3.66 X 1.10	863,18

TUBOS

BRASILIT/CARDINALLI	
ÁGUA ROSCA	
1/2 C/6 MT	198,52
1 C/6 MT	435,62
1 1/2 C/6 MT	902,63
2 C/6 MT	1.206,50
ESGOTO	
40 C/6 MT	244,02
50 C/6 MT	377,59
75 C/6 MT	592,63
100 C/6 MT	815,52
TIGRE	
ÁGUA ROSCA	
1/2 C/6 MT	231,07
3/4 C/6 MT	330,05
1 C/6 MT	503,91
1 1/4 C/6 MT	780,47
1 1/2 C/6 MT	1.050,09
2 C/6 MT	1.403,06
ESGOTO	
40 C/6 MT	280,82
50 C/6 MT	440,02
75 C/6 MT	688,32
100 C/6 MT	962,22

TIRANTE

ITAIPU: Estrada de Itaipu, 3.675 - Niterói 709-3938 — 709-0011 ★ S. GONÇALO: Nova Cidade R. Vicente de Lima Cleto, 66 701-4840 ★ MARICÁ: Inoã - Rod. Amaral Peixoto, RJ 106 Km 18 736-5210 — 736-5211 ★ ROCHA: Pça. do Rocha Av. Maricá, 44 712-3104 — 712-7834

Mármores & Granitos

BANCAS E LAVATÓRIOS

A PARTIR DE	GRANITO	MÁRMORE
120 x 55	5.150,00	4.500,00
160 x 55	6.500,00	6.000,00
200 x 55	8.100,00	7.500,00

ORÇAMENTO E MEDIÇÃO SEM COMPROMISSO
☎ 581-7945
☎ 581-5651

RUA LINO TEIXEIRA 307

ESCADAS • PISOS • FACHADAS	MÁRMORE GRANITO
	3.500,00m² 5.400,00m²

ARMÁRIOS DE COZINHA PLANEJADA

PROMOÇÃO ESPECIAL

40% DE DESC. À VISTA

10% EM 3 VEZES SEM JUROS

Consulte-nos sem compromisso. Projetos e orçamentos grátis de acordo c/seu espaço.

COZINHAS Tubella

Av. Pedro II, nº 322/Ljs A/B São Cristóvão - Rio de Janeiro
Tels.: 228-5994 e 254-1467
EXPOSIÇÃO E VENDAS:
De 2ª à 6ª feira de 8 às 19 hs. - Aos sábados de 8 às 13 hs.

MADEIRAS

O menor preço, a melhor qualidade e o maior estoque. Ligue e confira!

VOCÊ TEM CRUZEIROS???
NÃO!!!!
Fique tranqüilo, a **PICA-PAU** inova outra vez e lança o mercado **TROCA-TROCA.** Se você tem algo para trocar, venha nos procurar.“**FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO**”

AGORA, SE VOCÊ TEM CRUZEIROS...
Aproveite para comprar com qualquer **CARTÃO DE CRÉDITO,C/ 10% DE DESCONTO**, pelos menores preços do Rio, ou em **3 (TRÊS) VEZES IGUAIS**, sem juros ou ainda **À VISTA** com **30%**(trinta por cento) de desconto.

“Os preços para as condições acima são os efetivamente praticados em 12/03/90.”

Não perca esta oportunidade agora é “**TUDO OU TUDO**”

JACAREPAGUÁ
Estr. Marechal Miguel Salazar Mendes de Moraes, 1487.
342-2424 / 342-1000

ESPECIAIS DE IPÊ

15x15cm =	1.143,04
20x20cm =	2.032,24
25x25cm =	4.234,72
27x27cm =	4.938,10
30x30cm =	6.098,24
12x30cm =	2.438,84

PINHO 1ª

1"x3" =	40,54
1"x4" =	54,34
1"x6" =	81,51
1"x9" =	113,62
1"x10" =	135,82
1"x12" =	163,02

PINHO 3ª

1"x3" =	ACABOU
1"x4" =	ACABOU
1"x6" =	ACABOU
1"x9" =	43,56
1"x10" =	ACABOU
1"x12" =	ACABOU

ACABOU

Chega ao Rio

VENHA A LOJA NOSSOS TELEFONES ESTÃO SUPER OCUPADOS

TEFATOS LTDA.

5.681 CAMPO GRANDE

SÓ MADEIRAS DE 1ª QUALIDADE, COM O PREÇO DE "NOSSAS SERRARIAS"

ATENDEMOS A PEDIDOS ESPECIAIS EM COMPRIMENTO, LARGURA E ESPESSURA.

ENTREGAMOS EM TODA PARTE DO ESTADO DO RIO (REGIÕES PRAIANA, SERRANA E INTERIOR)

DESDE JÁ AGRADECEMOS A PREFERÊNCIA!!!

PINHO 4ª

1x3" =	18,12
1x4" =	24,62
1x6" =	36,93
1x9" =	56,77
1x10" =	62,24
1x12" =	74,21
3x3" =	69,42

ADUELAS

10,5cm =	441,10
13cm =	661,80
15cm =	882,51
ALISAR ML =	49,02
RODAPÉ ML =	49,02
GRANSEP =	49,02

DIVERSOS

IPÊ M^3 =	33,858,00
CANELA M^3 =	25,460,00
MOGNO M^3 =	33.858,00
FREIJO M^3 =	33.858,00
ANG. FAVA =	19.760,00
CEDRO =	33.858,00
GARAPA =	19.760,00
L. VERMELHO =	24.434,00
L. FAIA =	19.760,00
AMARELO =	19.760,00
JATOBÁ =	21.470,00
MASSARANDUBA =	17.784,00
ANG. PEDRA =	24.434,00

PARABÉNS! A BARRA GANHOU

Marmoraria Ibiapina

O maior estoque · O menor preço · Entrega imediata

Agora, quem quer comprar mármores, granitos, pisos e revestimentos não precisa mais rodar por aí, vai direto á novissima MARMORARIA IBIAPINA Barra e conta com a tradição de quem já está há mais de 10 anos no Mercado.

PARABÉNS BARRA
PARABÉNS PARA VOCÊ

PARA SER O MELHOR NÃO PRECISA SER O MAIOR

SELECIONAMOS AS MELHORES OFERTAS PARA SUA ESCOLHA

Granitos

Granitos	Preço
MIXTO	CZ$ 1.490,m2
JUPARANÁ	CZ$ 1.490,m2
CINZA IBIAPINA	CZ$ 1.990,m2
CINZA ANDORINHA	CZ$ 2.200,m2
CINZA TROPICAL	CZ$ 1.990,m2
JUPARANÁ CORAL	CZ$ 4.990,m2
CINZA PRATA	CZ$ 1.990,m2
CINZA CLÁSSICO	CZ$ 2.200,m2
CINZA PRECIOSO	CZ$ 1.990,m2
OURO VELHO	CZ$ 2.490,m2
OURO MEL	CZ$ 2.290,m2
JUPARANÁ EXPORTAÇÃO	CZ$ 2.490,m2
AMARELO FLORIDO	CZ$ 3.600,m2
AMARELO BANGU RIO	CZ$ 2.290,m2
AMARELO DOURADO CARIOCA	CZ$ 3.300,m2
AMARELO IMPERADOR	CZ$ 3.720,m2
ROSA IMPERIAL	CZ$ 3.600,m2
VERDE UBATUBA EXP.	CZ$ 2.790,m2
LILÁS MEDITERRANNE	CZ$ 5.399,m2
MARRON PAULISTA	CZ$ 3.990,m2
VERDE CANDEIAS	CZ$ 2.990,m2
VIOLETA TROPICAL	CZ$ 2.990,m2
VERDE TROPICAL	CZ$ 2.990,m2
VERMELHO JACARANDÁ	CZ$ 3.990,m2

Granitos

Granitos	Preço
PRETO TIJUCA	CZ$ 2.990,m2
ROXO GAÚCHO	CZ$ 3.690,m2
DOURADO GUARAPARI	CZ$ 4.490,m2
VERDE ANGRA	CZ$ 3.600,m2
MARRON CAFÉ	CZ$ 3.990,m2
CAPÃO BONITO	CZ$ 3.990,m2
ROSA GUARAPARI	CZ$ 4.490,m2
AMARELO OURO	CZ$ 3.990,m2
CARIJÓ	CZ$ 3.990,m2
ÁS DE OURO	CZ$ 3.990,m2
VERMELHO BRAGANÇA	CZ$ 4.990,m2
BRUNET IMPERIAL EXP.	CZ$ 5.790,m2
ÁS DE ESPADA	CZ$ 3.990,m2
AZUL BAHIA	CZ$ 9.990,m2
VERDE CARIJÓ	CZ$ 3.600,m2
VERDE AMAZÔNIA	CZ$ 3.600,m2
AMARELO EXP	CZ$ 3.200,m2
AMARELO BANGÚ ESP	CZ$ 3.200,m2
AMARELO OURO ESP	CZ$ 3.200,m2
AMARELO AMENDOA	CZ$ 3.200,m2
CAPÃO BONITO ESP.	CZ$ 3.990,m2
ROSA BIRITIBA	CZ$ 4.290,m2
MARRON CALDAS	CZ$ 4.290,m2
SOROCABA	CZ$ 3.990,m2

Mármores

Mármores	Preço
BRANCO COMUM	CZ$ 799,m2
BRANCO NACIONAL	CZ$ 999,m2
CINZA NÚBIA	CZ$ 1.512,m2
BEGE NÚBIA	CZ$ 1.690,m2
BRANCO CLÁSSICO	CZ$ 2.690,m2
BRANCO EXTRA	CZ$ 4.139,m2
CHOCOLATE	CZ$ 2.990,m2
BEGE BAHIA (TAMP. PEQ.)	CZ$ 1.990,m2
BEGE BAHIA	CZ$ 2.990,m2
ROSA BAHIA	CZ$ 2.990,m2
MARFIM CARRARA	CZ$ 6.880,m2
CINZA ABERESCATO	CZ$ 2.890,m2

SÁBADO ABERTO ATÉ 14 HORAS

VENDAS PARA TODO BRASIL

Matriz: Penha - Rua Ibiapina, 253 • (PABX) 290-2997 Telex (21) 21285 YBIA
Filial: Barra - Av. Olegário Maciel, 260

BOX • VIDROS • ESPELHOS

- BANCADA EM CRISTAIS
- TAMPOS DE MESA
- VIDROS JATEADOS

TUDO EM 3 X S/JUROS

GLASS SHOP R. Garcia D'Ávila, 173 Lj H ☎ 267-4641 • 267-4759

PAGAMENTO FACILITADO — BLINDEX — REVENDEDOR AUTORIZADO BLINDEX
VITEMPER
325-1039/325-3346
GARANTIA 1 ANO Assist. Téc. Permanente
"Exija marca Blindex gravada no vidro"

LIQUIDAÇÃO TOTAL

- Carpete • Reviflex
- Paviflex • Decorflex

Tel.: 281-6324

FORMIPISO

Papel de Parede
3 pagamentos sem juros
À vista 10% de desconto
Tel 201 8651

LIQUIDAÇÃO COLORIDA

REDES DE PROTEÇÃO

PROTEJA SUAS CRIANÇAS
- Redes de proteção para varandas, áreas de serviço e quadras esportivas.
- Suporta 300 kg/m2, 100% nylon, material transparente.
- Instalação rápida.

LIGUE JÁ
☎ (021) 208-1319
EVITE ACIDENTES

ANIMAIS E VETERINÁRIA 791

CANÁRIOS BELGAS — Frisado, Glosters e Rolers inclusive gaiolas. Vende-se Sr Nogueira. 274-0432

DOBERMANS — Excel. filhotes c/ ou s/ orelhas cortadas, ótimo pedigree, preço do ano passado T 446-5114

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

FILA BRASILEIRO Últimos filhotes 10 mil Machos e fêmeas 70 dias Tigrados, dourados e baios Vacinados e vermifugados Pedigree BKC Tel 423-1118

LULU DA POMERÂNIA — Vendo lindos filhotes do grande campeão sulamericano Tel 275-0463 Tratar segunda-feira

PASTOR BELGA GROENENDAEL — Atenção! O canil Diamond's Garden (Reg em fev/83) alerta aos senhores que pretendem adquirir um exemplar da raça pura Exijam no ato da compra a tarjeta de identificação do filhote e pedigree emitidos pela confed do Brasil Kennel Club Somente a tarjeta e o pedigree da CBKC comprovam a pureza rácica do filhote T 446-5790

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira

ROTTWEILER — Canil Diamond's Garden (reg em Fev/83) "Excelente guarda e companheiro, fiel, obediente e bem disposto para o trabalho" Filhote com pedigree 70 dias tatuado, vacinado e vermifugado com garantia do canil e apostila de cuidados, básicos 446-5790

VENDO OU TROCO POR TERRA — Uma égua, 1 poldro e uma poldra, 14 vacas mestiças, dando leite e + 9 bezerros Cr$ 350 mil Tel 236-7084

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO 795

PARALELEPÍPEDO DE GRANITO — Meio-Fio, Lajota de granito 40 x 40 Dir da pedreira, próprios p/ jardins, calçadas, estradas etc Quaisquer quantidades Domingo 9/ 15 h 521-4429, d úteis 220-0862 Louzada

---

ESCADAS CARACOL

FERRO E ALUMÍNIO
- ESCADAS CARACOL
- BOX
- JANELAS
- PORTÕES
- GRADES
- BANCOS P/JARDINS
- PORTAS
- PORTAS DE AÇO

3 PAGAMENTOS
Celso Araujo Teixeira
Ind. Com. Ltda.
Rod. Amaral Peixoto, Km 7
701-0538 701-5817

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira

BOX BLINDEX 248-0399
VIDRAÇARIA WERNECK
REVENDEDOR AUTORIZADO

OBRAS E REFORMAS 796

A 20 ANOS COM QUALIDADE — Impermeabilização, telhados, piscinas, projetos, obras e reformas Valorize o imóvel ☎ 359-6423

É HORA DA CLASSE MÉDIA 1 - Contrate uma Empresa para projetar e fazer sua obra Sai mais barato! Confira 233-8993

Classificados
Negócios de ocasião no lugar certo.
580-5522
JB

O NOSSO **bazar**

A MAIS COMPLETA ORGANIZAÇÃO EM MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

PAGUE EM 2 VEZES IGUAIS S/ JUROS PELOS PREÇOS DE À VISTA DESTE ANÚNCIO.

PRESTAÇÃO MÍNIMA DE UM SALARIO MÍNIMO

CONSTRUIR OU REFORMAR O MELHOR INVESTIMENTO

PRODUTOS BASICOS

Produto	Preço
CIMENTO BRANCO 15 KG	792,70
ELEMENTO VAZADO RETO CUBINHO	20,84
ELEMENTO VAZADO RETO	20,94
ELEMENTO VAZADO ENVIEZADO	29,92
ARGAMASSA QUARTZOLIT 50 KG	1.089,00
ARGAMASSA QUARTZOLIT 20 KG	449,00
QUALIMASSA MAUA 50 KG	209,00
CAL SACO 8 KG	128,52
TERRA METRO	1.076,73
AREIA METRO (GUANDU)	1.076,73
PEDRA METRO	2.250 00
SAIBRO METRO	1.076,73
TELHA COLONIAL (CAPA E BICA PÇAS)	27,12
TELHA DUPLANA (CASA NOVA)	39,27
TELHA CUMIEIRA FRANCESA	53,86
TELHA FRANCESA DIREITA	35,90
TELHA RABO DE GALO	270,64
TIJOLO BOCA DE SAPO	16,83
TIJOLO 4 FACES	16,83
TIJOLO 10 FUROS	16,83
TIJOLO APARENTE MACIÇO 20x15x10	13,33
TIJOLO 18 FUROS	11,62
TIJOLO CUBINHO	19,64
TIJOLO 2 FUROS	24,27
TIJOLO 20x20 MILHEIRO	5.665,53
TIJOLO 20x30 MILHEIRO	7.721,40
TANQUE DE CIMENTO ARMADO Nº 01 (NORVAL)	1.952,96
TANQUE DE CIMENTO ARMADO Nº 02 (NORVAL)	2.696,92
BASE P/ CAIXA DE INSPEÇÃO (FUNDO)	745,28
ANEL DE CONC. P/ CX. INSP. 0,60x0,20	590,92
CX. DE GORDURA Nº 1 DE CIM. ARM. COACI	1.246,64
CX. DE GORDURA Nº 2 DE CIM. ARM. COACI	1.927,80
TAMPÃO DE FERRO T. 33	TEMOS
TAMPÃO DE FERRO T. 70	TEMOS
GRELHAS DE FERRO DIVERSOS TAMANHOS	TEMOS

OS PREÇOS DOS PRODUTOS BÁSICOS SÃO P/ RETIRAR A MERCADORIA

FERRAGEM E FERRAMENTA

Produto	Preço
PÁ DE BICO C/ CABO Nº 04	610,86
PÁ DE BICO C/ CABO Nº 06	769,53
PÁ QUADRADA Nº 04	610,86
CAVADEIRA ARTICULADA REF. 554	745,86
FOICE MEIA-LUA	293,53
CAVADEIRA ARTICULADA	712,86
MARTELO C/ CABO PINTADO 27/ 130	656,20
MARTELO C/ CABO PINTADO 23/ 130	588,20
FORMÃO GOIVA 5/8	66,86
SANCHO 1 PONTA C/ CABO	225,53
SANCHO 2 PONTAS C/ CABO	225,53
ENXADA P/ JARDIM C/ CABO	168,87
TRILHO 1/4 P/ JANELA DE CORRER	187,42
TRILHO P/ CORTINA 6M	285,46
CANTONEIRAS 6x6 P/ CORTINA	28,89
TERMINAL LATONADO	5,31

ACEITAMOS TODOS CARTÕES DE CRÉDITO

SOBRE OS PREÇOS DE À VISTA DESTE ANÚNCIO

AZULEJOS

KLABIN

Produto	Preço
AREIA 15x15 EXTRA	395,53
SAMAMBAIA 15x15 EXTRA	622,20
NICOLE 15x15 EXTRA	622,20
AREIA 15x15 COM.	327,53
MELANCIA ALMOND 15x15 EXTRA	395,53
W. S. PINK FIELD 15x15 EXTRA	395,53
MONTREAL SALMÃO15x20 COM.	327,53
MONTREAL SALMÃO 15x20 EXTRA	372,87
MARFIM 15x15 COM	372,86
MARFIM 15x15 EXTRA	418,20
FLAVIA 15x15 EXTRA	678,86
CALICE 15x15 EXTRA	678,86
IPANEMA 15x20 EXTRA	372,87
VITÓRIA 15x15 EXTRA	622,20

CESACA

Produto	Preço
ARCO VERDE 15x15 EXTRA	678,86

GUAINCO

Produto	Preço
CAMPESTRE 20x20 EXTRA	465,37

PORTINARI

Produto	Preço
ICÊ 20x20 COM	452,20
MANHATTAN 20x20 COM.	452,20

PISOS

PORTOBELLO

Produto	Preço
ICE GELO 31x31 COM	712,86

ELDORADO

Produto	Preço
NANHATTAR 30x30 EXTRA	474,86

CHIARELLI

Produto	Preço
WHITE 20x20 1ª	452 20
COBRE 33x33 EXTRA	633,53
MUSGO 34x34 EXTRA	633,53

GUAINCO

Produto	Preço
GAMA 34x34 1ª	486,20
FLUENTE 22x33 EXTRA	588,20
FLÓRIDA 22x33 EXTRA	588,20
BLANCO 22x33 EXTRA	588,20
SPORTA 22x33 EXTRA	588,20
ENSEADA 22x33 EXTRA	588,20
PAJUÇARA 22x33 EXTRA	588,20
NAVEGANTES 22x33 EXTRA	588,20
FONTANA 22x33 EXTRA	588,20
FIASA 22x33 EXTRA	588,20

CERÂMICA INDAIATUBA

Produto	Preço
REVEST. TERRA COTA 25x07 COM	452,20

DE LUCCA

Produto	Preço
PALHA 20x30 EXTRA	486,20
MARROM 20x30 EXTRA	879,00
CAFÉ 20x30 EXTRA	486,20
BEGE 20x30 EXTRA	875,21
CARAMELO 20x30 EXTRA	486,20
SELVA 33x33 EXTRA	542,86

CERÂMICA

Produto	Preço
LAJOTÃO COLONIAL NATURAL 30x30 COM	214,20

FIBRO-CIMENTO

TELHA VOGATEX (ET/SUPERONDA)

ADICIONAL + 40% DESCTº

Medida	Preço
1,22 x 0,50	134,87
2,44 x 0,50	270,87

TELHAS ONDULADAS (ETERNIT)

ADICIONAL + 40% DESCTº

Medida	Preço
1,22 x 1,10	504,08
1,53 x 1,10	633,25
1,83 x 1,10	758,61
2,13 x 1,10	883,46
2,44 x 1,10	1.013,27
3,05 x 1,10	1.268,17
3,66 x 1,10	1.522,65

TELHAS MODULADAS (ETERNIT)

ADICIONAL + 40% DESCTº

Medida	Preço
1,85	583,58
2,30	727,61
3,20	1.012,17
3,70	1.169,88
4,10	1.295,98
4,60	1.457,75

CANALETES 49 (ETERNIT)

ADICIONAL + 40% DESCTº

Medida	Preço
2,00	916,87
2,50	1.154,87
3,00	1.358,87
3,60	1.608,20
4,00	1.766,87
4,50	1.982,20
5,00	2.197,53
5,50	2.378,87
6,00	2,605,53
6,50	2.832,20
7,20	3.172,20

CANALETES 90 (ETERNIT)

ADICIONAL + 40% DESCTº

Medida	Preço
3,00	2.231,53
3,70	2.752,86
4,60	3.432,86
6,00	4.577,53
6,70	4.996,86
7,40	5.518,20

CAIXAS D'ÁGUA (ETERNIT)

ADICIONAL + 40% DESCTº

Produto	Preço
50 Litros S/Tampa	508,87
100 Litros C/Tampa	1.087,86
150 Litros C/Tampa	1.404,20
250 Litros C/Tampa	1.936,87
500 Litros C/Tampa	3.058,87
1000 Litros C/Tampa	6.118,87

Os descontos acima (Fibrocimento) são de caráter provisório podendo retornar aos preços congelados.

MATERIAL HIDRÁULICO

TUBOS P/ÁGUA ROSCAVEIS 6m (PROVINIL)

ADICIONAL + 15% DESCTº

Medida	Preço
1/2	214,20
3/4	282,20
1	429,53
1 1/4	656,20
1 1/2	882,86
2	1.188,86
2 1/2	1.812,20

TUBOS P/ESGÔTO 6m (PROVINIL)

ADICIONAL + 15% DESCTº

Medida	Preço
40 mm	236,86
50 mm	372,86
75 mm	576,86
100 mm	803,53
150 mm	1.721,53

TUBOS P/ÁGUA ROSCÁVEIS 6m (FORTILIT/TIGRE)

ADICIONAL + 20% DESCTº

Medida	Preço
1/2	252,35
3/4	373,39
1	546,15
1 1/4	860,57
1 1/2	1.156,35
2	1.567,42
2 1/2	1.961,02
3	2.152,20

TUBOS P/ESGÔTO 6m (FORTILIT/TIGRE)

ADICIONAL + 25% DESCTº

Medida	Preço
40 mm	384,20
50 mm	588,20
75 mm	938,20
100 mm	1.268,20
150 mm	2.186,20

Os descontos acima são de caráter provisório podendo retornar aos preços congelados.

TINTAS

TINTAS E VERNIZES

Produto	Preço
Tinta óleo 'Galão'	1.018,87
Tinta Star Acetinado 'Galão'	1.710,20
Bandeja Condor	134,87

MONTANA Osmocolor Incolor 'GALÃO'

Produto	Preço
Canela, Peroba, Imbuia, Nogueira	1.133,35

MONTANA

Produto	Preço
Monta 1 balde	1.018,87

Os nossos preços estão congelados a partir da data de publicação no Diário Oficial de 16/3/90 conforme Medida Provisória 154. os preços acima deste anuncio são para pagamento à vista. Aceitamos todos os cartões de crédito pelo preço de a vista deste anúncio.

ACESSÓRIOS P/BANHEIRO

SABONETEIRA 15x15

Produto	Preço
REF. 781 (CRIS-METAL)	576,86
SABONETEIRA EMBUTIR (EXPAMBOX)	576,86
PORTA PAPEL DUPLA 15x30 C/ 2 PORTAS LUXO 217 B'	1.528.87
PORTA PAPEL MOLDENOX CONJ. SABON/ P. BIDÊ/VASO LUXO 217 C'	1.528,87

H. CHEBLI

Produto	Preço
ESPELHO REF. 4073	41.243,41
ESPELHO REF. 3064	22.833,26

AQUECEDOR (COSMOPOLITA)

Produto	Preço
AQUECEDOR A-15 GB	19.390,20

GABINETE P/ BANHEIRO S/ MÁRMORE TODO EM CEREJEIRA

Medida	Preço
0,60 cm	3.851,56
0,80 cm	5.268,58
1,00 cm	6.685,25
1,20 cm	7,421,91

METAIS SANITÁRIOS

Produto	Preço
CHUVEIRO P/ SAUNA SUPRYTEC CR. COLORIDO	610,87

METAIS LEISER

Produto	Preço
TORNEIRO FILTRO COMPLETA REF. 1000 (COLORIDO)	2.696,20
APARELHO BIDÊ C-50	1.857,53

METAIS RIO

Produto	Preço
REGISTRO GAVETA 3/4 BEGE	576,87
REGISTRO PRESSÃO 3/4 BEGE	622,20
APARELHO BIDÊ BEGE	2.639,51

METAIS

Produto	Preço
SIFÃO MICTÓRIO 2x30 cm	792,20

ILUMINAÇÃO

Produto	Preço
Luminária Lumillex 2018 s/Lâmpada	2.956,07
Refletor Jormana 60 c/Cinta	1.552,44
Refletor Jormana 100	2.106,87
Refletor Jormana 200	3.082,10
Calha Tubular 1x20 Jormana	1.064,20
Calha Tubular 2x20 Jormana	2.129,53
Calha Tubular 2x40 Jormana	3.308,20
Calha Tubular 3x20 Jormana	3.194,87
Calha Silvestre c/ Acrilico Branco	
Calha Silvestre 2x20	1.166,20
Lampião Portátil Jr. 25103100	962,20
Lampião Portátil Luxo 25103300	1.064,20
Fogareiro Pampa 25101600	554,20

MORATORI

Produto	Preço
Caixa de Passagem 30x30	758,20
Caixa Moratori Ref. 418	7.139,72

BANHEIRAS DE LUXO

ACQUAVIVA C/HIDROMASSAGEM

Produto	Preço
Studio 154 4 Jatos	57.025,01
Studio 170 4 Jatos	57.646,66
Studio (Metacril) 170 4 Jatos	91.202,33
Spazio 180 4 Jatos	77.338,21
Spazio (Metacril) 180 4 Jatos	105.200,51
Relax 120 2 Jatos	56.409,81
Piccola 120 2 Jatos	52.486,71
Duchesse 135 3 Jatos	56.409,81
Donna 151 4 Jatos	59.513,18
Donna 154 4 Jatos	60.580,91
Donna 174 4 Jatos	61.983,63
Donna 180 4 Jatos	71.635,16
Donna (Dupla) 174 5 Jatos	68.185,55
Due 158 5 Jatos	70.039,20
Nuova 150 4 Jatos	84.662,23
Nuova 170 5 Jatos	87.200,33
Skina 150 4 Jatos	78.703,50

★ RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 552
(RUA EM FRENTE AO NORTE SHOPPING)
PABX-594-9342 TELEX(021)21018

LOJA A:
SHOW ROOM DE:
PISOS, AZULEJOS, LOUÇAS E METAIS SANITÁRIOS E ACESSÓRIOS DE FINOS ACABAMENTOS
PLANTÃO SÁBADO ATÉ AS 17:00 HORAS

LOJA B:
SEÇÃO DE:
PRODUTOS BASICOS, MATERIAL ELETRICO, HIDRAULICO, FERRAGENS, FERRAMENTAS TELHAS E CAIXA D'AGUA DE AMIANTO TINTAS, PRODUTOS QUIMICOS E TUDO QUE VOCÊ PRECISA PARA SUA CASA

DE 2ª A 6ª-FEIRA DE 8:00 AS 18:00 HS SÁBADOS DAS 8:00 AS 15:00 HS COM AMPLO ESTACIONAMENTO

★ ENG. DE DENTRO
AV. AMARO CAVALCANTI, 1949 A 1959
BEM EM FRENTE À ESTAÇÃO DO TREM
TEL.: 594-2584, 594-2960
NOVO HORÁRIO DE 2ª A 6ª-FEIRA DAS 8:00 ÀS 18:00 HS. SÁBADOS DE 08:00 ÀS 13:00 HS.

★ VILA ISABEL
AV. 28 DE SETEMBRO, 310
PRÓXIMO À RUA SOUZA FRANCO
C/ ESTACIONAMENTO C/ MANOBREIRO
☎ 288-0065 e 208-9948
HORÁRIO 2ª A 6ª-FEIRA DE 8:00 AS 18:00 HORAS SÁBADO DE 8:00 ÀS 13:00 HORAS

★ TIJUCA
RUA URUGUAI, 240
AMPLO ESTACIONAMENTO
☎ 288-3293/ 258-6333 E 208-1969
HORARIO: 2ª A 6ª-FEIRA DE 8:00 AS 18:00 HORAS SÁBADO DE 8:00 ÀS 15:00 hs.

★ JACAREPAGUÁ
AV. NELSON CARDOSO, 1.267
BEM NO LARGO DA TAQUARA
COM AMPLO ESTACIONAMENTO
☎ 392-2551/ 392-3296 E 392-6619
HORÁRIO: 2ª A 6ª-FEIRA DE 8:00 ÀS 18:00 HORAS SÁBADO DE 8:00 ÀS 15:00 hs.

★ TIJUCA
RUA BARÃO DE MESQUITA, 608/610
QUASE ESQUINA C/ RUA URUGUAI
C/ ESTACIONAMENTO EM FRENTE
☎ 288-7444 E 258-2497
HORARIO 2ª A 6ª-FEIRA DE 8:00 AS 18:00 HORAS SÁBADOS DE 8:00 ÀS 13:00 HORAS

★ ANDARAÍ
RUA BARÃO DE MESQUITA, 811
TEL.: 208-9149
NOVO HORARIO DE 2ª A 6ª-FEIRA DAS 8:00 ÀS 18:00 HS. SABADOS DE 08:00 AS 13:00 HS.

Cesar Branco Publicidade

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A REFORMA

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DESCONTO DE 10% EM QUALQUER COMPRA, INCLUSIVE COM CARTÃO DE CRÉDITO

3 VEZES SEM JUROS (ENTRADA DE 40% + 2 IGUAIS)

BANCAS P/PIA COZINHA

Item	Preço
Marf Granitus II Cores 1.80 x 60	3.850,00
Marf Granitus II Cores 1.00 x 50	2.232,00
Marf Granitus II Cores 2.00 x 60	5.016,80
Marf Granitus II Cores 1.20 x 57	2.568,00
Marf Granitus II Cores 1.50 x 57	3.150,00
Douat Banca Aço inox 1.00 Concret	5.985,00
Douat Banca Aço inox 1.20 Concret	6.025,00
Douat Banca Aço inox 1.30 Concret	6.185,00
Douat Banca Aço inox 1.40 Concret	6.410,00
Douat Banca Aço inox 1.50 Concret	6.642,00
Douat Banca Aço inox 1.60 Concret	7.860,00
Douat Banca Aço inox 1.80 Concret	9.112,00
Douat Cuba Nº 1 Furo 3.1/2 - 304	2.305,00
Douat Cuba Nº 2 Furo 3.1/2 - 304	2.512,00
Douat Cuba Nº 2 Furo 3.1/2 - 430	2.348,00
Douat Cuba Nº 1 Furo 3.1/2 - 430	2.142,00

AZULEJOS & PISOS

CECRISA

15 x 15 - COMERCIAL - C

Item	Preço
Azul Liso / Branco/White	379,00 m²
Cintia Bone	473,00 m²
Priscila Fdo. / Samambaia	499,50 m²

15 x 15 - Extra-A

Item	Preço
Areia/Almond	273,20 m²
Branco/White	629,80 m²
Diplomata 50 / Flamengo 687 / Nicole Marrom / Samambaia / Vitória Verde	631,25 m²

15 x 20 - Extra A

Item	Preço
Ipanema	335,10 m²
Outono	304,00 m²

INCEPA

Item	Preço
Faixa Barena Ônix 7.5 x 25	54,00 PÇ
Azulejo Barena Grey A / Azulejo Fundo 207 Verde A / Azulejo Ícaro Snow A / Azulejo Noturno Shell I - A / Azulejo Oberon Snow A / Azulejo Savona Snow A	690,00 m²
Faixa Noturno Shell 6,5 x 20	62,00 PÇ
Azulejo Oberon Ônix A / Azulejo Virgo Pérola A	550,00 m²
Piso Critios Verde A	826,00 m²
Piso Épiro Snow A	1.310,00 m²

TUBARÃO

Item	Preço
Azulejo 20 x 20 Extra A	436,00 m²
Piso 20 x 30 Comercial	278,67 m²
Piso 20 x 30 A - Couro Guandu	317,34 m²
Piso 20 x 30 A - Altamira	320,00 m²
Piso 20 x 30 A - Ocre - Palmares	322,60 m²
Piso 20 x 30 A - Bom Jardim - Canela	390,00 m²

DIVERSOS

Item	Preço
Secador Roupa Tipo Varal 1.20 Andrevar	445,00
Secador Roupa Tipo Varal 1.50 Andrevar	489,00
Papel de Parede A Rolo de 5 m	190,50
Papel de Parede B Rolo de 5 m	227,50
Papel de Parede C Rolo de 5 m	238,00
Tampa Elétrica Fame Versátil 220V	375,20
Espelho Bronze H. Chebli 3053 - 53 x 70	9.859,00
Espelho Bronze H. Chebli 4073 - 73 x 70	11.933,30
Espelho Bronze H. Chebli VA 9100 - 1.00 x 70	18.720,00
Espelho Bronze H. Chebli VA 4120 - 1.20 x 75	17.735,50
Lâmpadas fluorescentes 20/40 Philips/Osram	110,20

Grande Venda de Fios e Cabos Pirelli

TUBOS DE PVC

Item	Medida	Preço
Roscado para Água (VULCAN)	1/2" x 6 m	206,80
	3/4" x 6 m	284,00
	1" x 6 m	434,00
	1 1/4" x 6 m	664,00
	1 1/2" x 6 m	894,00
	2" x 6 m	1.194,00
	2 1/2" x 6 m	1.594,00
Esgoto Sanitário (VULCAN)	40 mm x 6 m	234,00
	50 mm x 6 m	374,00
	75 mm x 6 m	594,00
	100 mm x 6 m	814,00
	200 mm x 6 m	2.384,00
	250 mm x 6 m	3.654,00
	300 mm x 6 m	5.054,00

Temos Toda Linha de Conexões de Ferro Galvanizado e PVC. Rosca e Cola.

PREGO P/CONSTRUÇÃO

Item	Preço
Pacote de 1 Kg com e sem cabeça 16 x 24 / Pacote de 1 Kg com e sem cabeça 17 x 27 / Pacote de 1 Kg com e sem cabeça 18 x 30 / Pacote de 1 Kg com e sem cabeça 19 x 36	79,90
Grampo p/Cerca 1 x 9 Pacote Kilo	82,00
Arame Farpado Urso Rolo 250 m	680,00
Vergalhão (5/8) CA 50 16.0 mm Vara	1.215,63
Vergalhão CA 60 4.2 mm	95,79

PROTETOR P/AR CONDIC.

Item	Preço
Fibra de 91 x 84 x 43 Bege	589,00

A Última Palavra na Proteção de Seu Condicionador

FILTROS PARA PISCINA

Item	Preço
Darka 36 DF1	26.655,00
Darka 40 DF2	33.480,00
Darka 50 DF3	36.292,00
Darka 60 DF4	41.840,00
Darka 75 DF5	56.842,00
Darka 100 D7 - Apenas	28.220,00

Temos Piscinas de Vários Tamanhos e Todo Equipamento e Acessórios.

ASSENTOS SANITÁRIOS

Item	Preço
Integral Goyana Cores / Mônaco Goyana Cores / Extra Macio Cipla Cores	850,00

COFRES & PORTA-JÓIAS & CX. P/CARTAS

Item	Preço
Embutir 32/08 Cofre	5.774,00
Porta-Jóias c/Segredo 22/6	3.086,00
Cx. p/Cartas 47 CCS / Cx. p/Cartas 47 CCE	421,20

CIMENTO AMIANTO

Item	Preço
Telha Ondulina Isdralit 1.53 x 50 x 4 mm	86,60
Telha Ondulina Isdralit 1.83 x 50 x 4 mm	99,80
Telha Ondulina Isdralit 2.13 x 50 x 4 mm	118,50
Telha Ondulina Isdralit 2.44 x 50 x 4 mm	126,20

METAIS SANITÁRIOS

LEISER

Item	Preço
Aparelho Lavat. 1875 C 48 IMP	2.889,00
Aparelho Bidê 1895 C 48 IMP	3.785,00
Reg. Gav. 1509 C 48 IMP - 3/4	1.005,00
Reg. Pressão 1416 C 48 IMP - 3/4	959,00
Torneira Lavat. 1194 C 48 IMP - 1/2	1.402,00

Grande Promoção em Toda Linha de Metais de Diversas Marcas e Modelos.

ARMÁRIOS P/BANHEIRO

LUMIGLASS EM ALUMÍNIO

Item	Preço
Embutir Ref. 3500 de 32 x 48	950,00
Embutir Ref. 3501 de 43 x 60	1.200,00
Embutir Ref. 3502 de 48 x 75	1.732,00
Sobrepor Ref. 4600 de 32 x 48	1.490,00
Sobrepor Ref. 4601 de 43 x 60	1.930,00
Sobrepor Ref. 4602 de 48 x 75	2.620,00

ANODIL ALUMÍNIO

Item	Preço
Embutir 33 x 47	441,30
40 x 50	482,20
45 x 60	595,80
50 x 70	828,80
Sobrepor 33 x 47	698,40
40 x 50	746,20
45 x 60	928,80
Papeleira 18 x 18 / Saboneteira 18 x 18	180,00
Luminária 75 cm	805,30

CRIS-METAL

Item	Preço
Gabinete Avance 905-76 x 52	5.696,00
906-95 x 52	6.456,00
907-116 x 52	7.561,00
Papeleira 701 - 15 x 15 / Saboneteira 751 - 15 x 15	359,00

LOUÇA SANITÁRIA

Item	Preço
Bacia p/Caixa Acoplada Bca. Icasa Diam.	2.800,00
Caixa Desc. p/Bacia Bca. Icasa Diam.	3.150,00
Lavatório Diam. 46 x 34 Bco./Areia	840,00
Tanque 50 x 50 Icasa IT 2 Areia/Bco./Ocre	4.250,00
Coluna p/Tanque IT 2 Icasa Areia/Bco./Ocre	898,00

IDEAL STANDARD

ASCOT

Item	Preço
Conj. 4 peças cores: 56-72-79-84-85	9.415,60
Conj. 4 peças cores: 75-78-89	8.775,00
Conj. 3 peças cor: 73	10.658,00
Carina - Bacia p/cx. acopl. 56-72-79-89	2.960,00
Tivoli — Caixas p/acoplar 56-72-79-89	5.450,00
Plebe — Bacia p/cx. Acoplada - 56-89	2.990,00
Caixas Plebe p/Acoplar - 56-89	3.800,00
Coluna Plebe B/Tri 56-89	1.824,00
Lavatório Plebe B/Tri 56-89	2.722,80

FORNOS & FOGÕES

CONTINENTAL

Item	Preço
Forno Maxims I Embutir	36.913,00
Forno Micro Digital	55.715,00
Forno Micro Júnior	34.825,00
Forno Micro Seletor	46.425,00
Fogão 4 Bocas Compact I	45.427,00
Fogão 6 Bocas Compact II	52.756,00
Fogão Maxims Mesa II	27.015,00
Fogão Mesa I	21.940,00
Compact 2 em 1 Gel/Fogão	8.660,00
Compact 3 em 1 Gel/Fogão - Pia	9.100,00
Suggar Depurador Luxo cores 060	4.060,00
Suggar Depurador 1160 cores	2.890,00
Suggar Depurador 1180 cores	3.290,00
Suggar Depurador 1160 inox	3.790,00
Suggar Depurador 1180 inox	4.990,00

MASSA PVA

Item	Preço
Kolimar Lata	611,12
Kolimar Galão	222,23

Grande Variedade de Produtos Para Pintura em Geral.

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO.

MAIOR, MELHOR E MAIS BARATO PARA VOCÊ.

Preços válidos até 06/04/90 ou término do estoque.

ATENÇÃO SENHORES CONSTRUTORES, INSTALADORES E REVENDEDORES, CONSULTEM NOSSO DEPTO. DE ATACADO FONES: (021) 756-5130/751-0362 TELEX: 21-38966

Shopping Sendas
Via Dutra, Km 4 Tel.: 751-1700/1765 e 756-2915
De segunda a sábado. Das 8 às 21 horas - Telex: 21-38966.

Campo Grande
(ao lado da Sendas) Av. Cesário de Melo, 3.170 - Tel.: 391-3131/3123
Das 8 às 20 horas. De segunda a sábado. Telex: 21-39219.

Visite o nosso show-room no Leblon.
Rua Dias Ferreira, 320-A - Tel.: 274-9448 e 239-6544.
Das 9 às 20 horas (De segunda a sábado). Telex: 21-39139.

800 SOM VÍDEO INFORMÁTICA

810 EQUIPAMENTOS DE VÍDEO

ÓPERAS E BALLETS - Em vídeos. As grandes produções do Metropolitan (Carmem, Tosca, Turandot, Lohengrin, Manon Lestaut, Ballo, Forza) e do American Ballet (Giselle, Lago, Dom Quixote). Hi-fi stéreo perfeito. Tel. 266-6876.

VÍDEO PANASONIC - L-25 e 4920, câmera PV 400 e 520, secretária eletr. KXT 1418, telefone s/ fio. Tel. 247-5475, o menor preço da praça.

VÍDEOS PV 4010 E L 26BR — Lançamentos. Novos na caixa, remoto s/ fio. Bons preços. 390-4328, entrego.

820 INFORMÁTICA

IMPRESSORA LAZER HP — Jet II. Ótimo preço. Tel: 399-7387

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

830 INSTRUMENTOS MUSICAIS

A ARTSOM PIANOS — Cauda, apto. arm., ult. mod. PIANOS NOVOS, bom pequenos. R. Dias Ferreira, 90/294-2799. Fácil estacionar — Leblon.

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

A BEETHOVEN PIANOS — Vende/compra Cauda, apto., arms., todas as marcas fácil pag. Garantia total Riachuelo, 390 — Centro 222-2791/232-5209.

A CASA PIERRE PIANOS — Cauda, apto, armários, todas as marcas Venda, compra e conserta. Arnaldo Quintela 124 — Botafogo 541-5795.

CASA MILTON PIANOS — Desde 1925, Pianos, Órgãos, Guitarras, Amplificadores, Instrumentos de sopro e percussão. Financiamento próprio. Rua Mariz e Barros, 920 Tel: 264-8585 (Tijuca) Rua Hilário de Gouvea, 88-A Tel: 255-7770 (Copacabana).

AGORA É VENDER OU VENDER

Armários • Cozinhas • Banheiros • Estantes
Salas de Jantar • Conjuntos Estofados
Camas • Bares • Mesas • Peças Avulsas

ENTRADA 10%

Saldo em até 3x iguais

DOMINGO
Plantão Eletrônico
208-4085

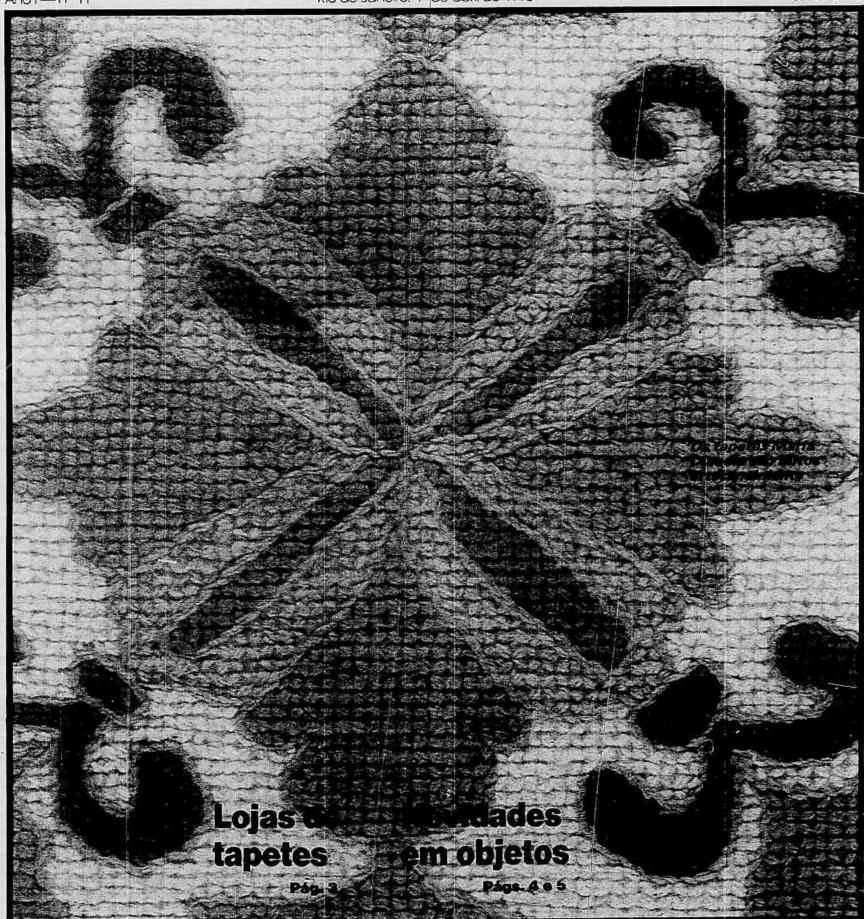
VOGUE

móveis práticos
VOCÊ MERECE

BARRA: CasaShopping - Tels.: 325-9837/325-8588 (Sábados até 20h) LEBLON: Ataulfo de Paiva, 80-B - Tel.: 259-0545
LEBLON: Ataulfo de Paiva, 19-F - Tel.: 239-5195 COPA: Barata Ribeiro, 194-J - Tels.: 542-2698/541-8447
CENTRO: Buenos Aires, 85 - Tel.: 222-2134 TIJUCA: Conde de Bonfim, 80-B - Tels.: 234-5775/234-4788
V. ISABEL: Pereira Nunes, 395 - Tels.: 228-1992/254-5637 (Sábados até 18h) AV. BRASIL: Av. Brasil, 6.179 - Tel.: 260-4897 (Sábados até 15h)

Promoção somente para mercadorias em estoque.

SHOPPING DA
GÁVEA

Ano I — nº 11 Rio de Janeiro, 1º de abril de 1990 PUBLICIDADE

Exposição mostra imagens da mídia

O artista plástico Luiz Ernesto trabalha em sua tela como se ela fosse um elemento cinematográfico. Utilizando cores densas e inspirado em objetos do cotidiano mostrados pela mídia, ele pintou sete quadros em técnica mista, que podem ser vistos até a próxima sexta-feira na Galeria AMNiemeyer.

Em seu trabalho atual, o aspecto crítico e irônico permanece através de uma fusão entre as imagens institucionalizadas pela publicidade e o repertório de toda uma tradição iconológica das pinturas medievais e bizantinas, épocas em que os apelos visuais eram exagerados.

Professor de pintura e coordenador de cursos da Escola de Artes Visuais, Luiz Ernesto pinta imagens banais, como eletrodomésticos, brinquedos, mas, através da matéria, da cor e da textura, revela o aspecto fetichista dos objetos, provocando no observador sensações ambíguas: sagrado/mundando, templo/loja, altar/vitrine. Em cada obra sua, há uma solução própria, onde elementos pintados se misturam a relevos moldados. Ouro, brilhos, padrões e pesos falsos são usados num jogo visual, que nos traz à lembrança certas alegorias do carnaval e alguns aspectos cenográficos.

A pintura de Luiz Ernesto se inspira em objetos do cotidiano, como brinquedos e eletrodomésticos

A Trufferie já tem ovos de Páscoa

Já está se aproximando o Domingo de Páscoa — no próximo dia 15 — e, quando chega essa época, todos pensam logo na compra dos ovos de chocolate para os parentes e amigos. A Trufferie já está vendendo várias novidades em chocolate puro e branco: ovos tradicionais, pirulitos, coelhos em diversos tamanhos e formatos.

Há também as cascas de ovos de verdade pintadas à mão, recheadas com dezenas de bombons-chumbinho. Uma surpresa para as crianças quando tiram o tampo adesivo. A cara de coelho está presente nas caixas de cetim, onde podem ser colocados bombons, trufas ou *fondants*. Muito original é o bauzinho de madeira cheio de coelhinhos e ovinhos de chocolate. Todas são lembranças deliciosas e criativas.

Ovos de Páscoa, coelhos e pirulitos de chocolate já estão à venda na Trufferie.

Fique por dentro

● Após um ano em cartaz, no *Teatro Clara Nunes*, "Suburbano Coração" com Fernanda Montenegro e Otávio Augusto, se despede do público carioca no dia 15 de abril. A próxima atração do teatro é a peça "O Protagonista", com Cecil Thiré.

● **A *Marie Papier* criou especialmente para a Páscoa embalagens redondas em vários tamanhos com padronagens exclusivas. Uma forma original de presentear os ovos de chocolate.**

● No próximo dia 11, a *Átrio Arte e Interiores* inicia um novo ciclo de cursos ligados à arte e decoração: "Perspectiva de Interiores" e "Ilustração a Lápis de Cor", com o professor Maurício Porto. A novidade fica por conta do curso "Como Cobrar em Decoração", a cargo do arquiteto Walter Maffei.

● **A boutique *Linhagem* está com uma linha exclusiva de bijuterias — brincos e colares — em cerâmica, criadas pelo artesão Hilton Lemos.**

● Inaugura no próximo dia 19, na *Galeria Paulo Klabin*, a exposição de esculturas do artista plástico Ernesto Neto. Todas as peças dessa mostra são feitas com chumbo de caça (esferas de chumbo banhadas em grafite de diversos calibres) e "meia de seda" (malha de poliamida com dimensões e cores variadas). Vale a pena ser visitada.

● **O lançamento da *Acrilo* é o balde de gelo, todo em acrílico transparente a design moderno: quadrado por fora e redondo por dentro.**

● A loja infantil *Chicletaria* lançou a coleção outono-inverno com roupas em molleton, couro e veludo. A butique continua liquidando as peças do final da estação. Uma boa oportunidade de comprar o vestuário da garotada para o próximo verão, a um bom preço.

● **A *343 Galeria de Arte Erótica* tem no seu acervo trabalhos do artista plástico Bandeira de Mello, um dos mestres de desenho da atualidade.**

● Nessa quarta-feira, dia 4, a partir das 21h, Gilda Salém estará na *Timbre Livraria* autografando o livro "O Bom Fim do Shtetl: Moacyr Scliar."

● **A *Pied de Poule* já recebeu a nova coleção de roupas para o outono, com destaque para saias, calças, blusas e saias-calças, encontradas em diversos tecidos e padronagens, principalmente, "príncipe-de-gales" e "pied-de-poule".**

● Os famosos móveis em fibras naturais da fábrica gaúcha Saccaro já podem ser encontrados no Shopping da Gávea: a *MVM Interiores* está comercializando a linha completa de mobiliário em rattan, junco e vime, para decorar residências e apart-hotéis.

● **A partir do dia 19, o artista plástico mineiro Fernando Velloso estará na *Galeria A.M. Niemeyer*, expondo seus quadros-objetos.**

● Pode ser encontrada na *Bottoni* variedade de botões dourados e em madrepérola, o grande "must" no vestuário do outono-inverno. Na loja, há também todos os tipos de aviamentos como linhas, fitas, fivelas, velcro, ombreiras, elástico, agulha de costura, tricô e crochê, entre outros.

● **Começa amanhã, na loja de decoração e presentes *Desenho Novo*, uma grande promoção de peças assinadas em cerâmica e objetos em vidro, para decorar casas e escritórios. Uma boa dica para quem quer comprar um presente de bom gosto a preço acessível.**

● *Mini-boots* e mocassins em couro são os lançamentos de inverno da *Manufact*.

● **Estréia nessa quarta-feira no *Teatro Vanucci*, "A Partilha", peça de Miguel Falabella que está fazendo o maior sucesso e tem no elenco as atrizes Suzana Vieira, Natália do Vale e Arlete Sales. Para a criançada, um bom programa é o musical 'Brincando de Vida', que iniciou a temporada no mesmo teatro.**

● A *Galeria Passe-Partout* recebeu novidades em reproduções importadas, serigrafias e litografias. Vale a pena conhecer também as novas molduras em cores laqueadas e "passe-partouts" importados.

● **O *Cantão* acaba de lançar no mercado a calça "Cantão Denim" que tem aquela aparência de jeans velho e desbotado.**

● A grande novidade da *Modelus* são as maletas de couro com jogos completos de gamão, pôquer, roleta e múltiplos — baralho, xadrez, damas com peças e fichas em resina colorida.

● **Para as crianças que adoram brincar em casa de teatrinho, uma boa sugestão são as fantasias de algodão — bruxa, coelho, leão, jacaré, elefante —, à venda na *Malasartes Livraria Infantil*.**

● A *Bottega Venetta* recebeu a coleção de calçados para o outono-inverno. A grande tendência da estação são as botinhas de couro e as sapatilhas em camurça e gorgurão.

● **Práticas e bonitas são as cestas de palha pintada, lançamento da butique *Socco*.**

● Aderindo ao Plano Collor, a *Cor e Textura* "coloriu" os preços dos móveis, objetos e projetos de decoração, oferecendo descontos especiais e formas de pagamentos acessíveis para todas as pessoas que têm vontade de decorar os ambientes das suas casas com classe e bom gosto.

Jornal do Shopping da Gávea (tel: 259-5896) ● Editora: Elaine Uzêda ● Programação Visual: Evaldo C. Lima ● Fotografias: Visual Studio.

O detalhe que dá charme aos pisos

Não basta apenas um ambiente estar com um papel de parede exclusivo e um revestimento de piso supermoderno. Sem um belo tapete a decoração da sua casa pode passar a impressão que não está totalmente "vestida". No Shopping da Gávea você pode resolver o seu problema, basta conhecer as suas três lojas de tapetes: Maria Claudia, Santa Mônica e Orlean Revestimentos.

Elaine Uzêda

Tapetes Maria Claudia

Quem observa a beleza artesanal dos Tapetes Maria Claudia não imagina que em cada metro quadrado da peça há um total de 64 mil pontos de bordado feitos a mão. Na loja do Shopping da Gávea há tapetes em tamanhos convencionais, mas o cliente tem a opção de fazer a encomenda no tamanho e padrão que deseja. Como é quase uma obra de arte, vale a pena esperar pelo tempo em que será confeccionado: entre 60 e 150 dias.

Um total de 2 mil 500 bordadeiras trabalham na produção dos Tapetes Maria Claudia, feitos em pura lã com tingimento exclusivo. A própria Maria Claudia e uma equipe de designers não se cansam de criar novas padronagens: as últimas peças estão sendo bordadas em desenhos florais, de acordo com a moda internacional.

"Os meus tapetes" — conta ela, que está há 15 anos à frente desse negócio — "tem uma característica que diferencia dos concorrentes: ficam em alto-relevo porque os contornos dos desenhos são rebordados. Dou preferência aos tons pastéis, embora produza também tapetes em cores vivas."

Facilmente laváveis e muito duráveis os tapetes Maria Claudia estão sendo exportados para Nova Iorque. Ela confecciona também tapetes com desenhos geométricos feitos em tear manual, e com o bordado *gobelin*, presente em tapeçarias para recobrir assentos de cadeira, banquinhos para descansar os pés, chales para mesas e almofadas.

Os tapetes Maria Claudia estão sendo exportados para Nova Iorque

Os tapetes Santa Mônica são encontrados em 120 padrões e 56 tonalidades

Tapetes Santa Mônica

Para o outono-inverno a fábrica paulista de Tapetes Santa Mônica está lançando no mercado 26 tonalidades pastéis: cáqui, lilás, grafite, salmão, pêssego, entre outros. Os tapetes semi-artesanais, em 100% náilon e sem emendas, fazem parte da decoração das residências dos cantores Lobão e Roberto Carlos, do ator Jorge Dória e do jogador Júnior.

A única loja carioca dos Tapetes Santa Mônica funciona no Shopping da Gávea há dois anos e oferece aos clientes 120 padrões diferentes, com a opção de 56 cores. O último lançamento é o tapete com desenhos geométricos em alto relevo, mas um dos mais procurados é o com estampa em *pois*.

Cerca de 40% dos tapetes comercializados na loja são para projetos de arquitetos e decoradores. Para clientes particulares os projetos e orçamentos são feitos sem compromisso, e a entrega é em apenas 30 dias.

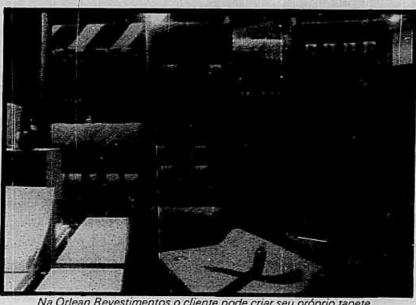
Os arquitetos-vendedores dos Tapetes Santa Mônica já sabem recomendar à clientela o tipo de tapete para cada ambiente: em alto relevo para sala de estar, barrado para sala de jantar, xadrez ou mesclado para o escritório e liso com espessura de 70 milímetros para o banheiro. Para os quartos a escolha é muito pessoal.

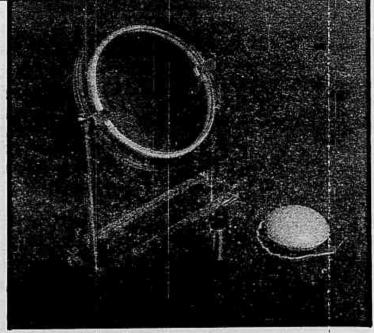
Orlean Revestimentos

Imagine que você tenha vontade de ter um tapete com um desenho seu, mas acha muito difícil concretizar esse sonho. Na Orlean Revestimentos, representante exclusiva no Rio da empresa paulista Itarbi-Ibrata, isso é possível: basta levar seu rascunho. Além disso, a loja oferece 50 padrões permanentes de tapetes, cada um com uma grande variedade de cores.

O cliente, ali, fica muito à vontade para escolher o formato, tonalidade, espessura e tamanho. Os tapetes confeccionados com 100% náilon são forrados com uma camada de látex que vem com um preparado antimofo e anticupim. A loja comercializa também tapetes em algodão, muito procurados para residências decoradas em estilo rústico.

Na Orlean Revestimentos há tapetes para decorar qualquer tipo de ambiente. Para grandes empresas e escritórios, confecciona tapetes com o logotipo da firma. Mas, para os quartos infantis, há uma série com desenhos especiais, que podem ser coordenados com um detalhe do papel de parede. Os egocêntricos também têm sua vez: a loja recebe encomendas de tapetes personalizados, com assinatura e tudo.

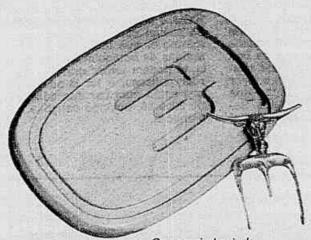
Podem ser encontrados na Orlean todos os tipos de revestimentos: espelhos, vidros laqueados, laminados, pisos vinílicos, cortina de palhinha, papéis de parede nacionais e importados. Enfim, tudo para modificar o visual da sua casa com o bom gosto das arquitetas Maria Celina Machado e Tânia Andrade Vergueiro, responsáveis pelos projetos de interiores da loja.

Na Orlean Revestimentos o cliente pode criar seu próprio tapete

*Bem no estilo country, o porta-pratos (Cr$ 1 mil 460), porta-garrafa (Cr$ 2 mil 246) e porta-talheres (Cr$ 2 mil 815), em vime com babados em algodão. Na **Local Presentes**.*

*A **Acrilo** tem novidades em acrílico: espelho para maquiagem (Cr$ 5 mil 400) e saboneteira em forma de concha (Cr$ 600).*

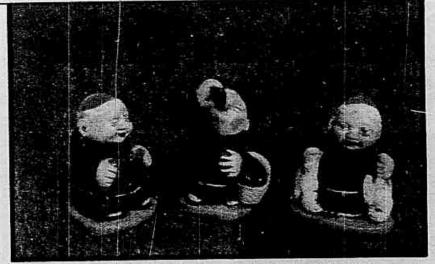
*Muito praticas, e originais as geleiras de isopor com acabamentos em palhinha e cana-da-India. A partir de Cr$ 550, na **MVM Interiores**.*

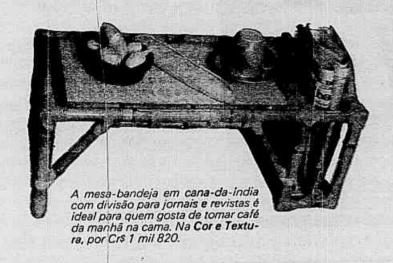
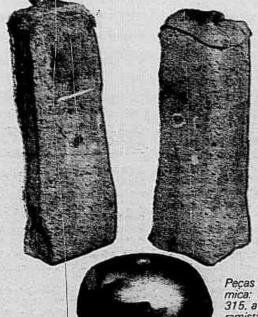
*Muito útil para guardar os sapatos finos, os saquinhos em feltro (Cr$ 1 mil 15, a unidade), da **Alfazema**.*

*Centro de mesa em vidro artesanal (Cr$ 2 mil 290) e frutas em papier-maché (Cr$ 350, a unidade). Na **Fragille***

*Jogo americano (Cr$ 1 mil 200, cada peça) em patch-work e matelassê. Encontrado em diversos padrões no **Studio Mágico***

ano (Cr$ 1 mil 200, cada peça) rk e matelassê. Encontrado em padrões no **Studio Mágico**

A concha de prata (Cr$ 6 mil 993) com recipiente de vidro da **Tutto per la casa**, serve para manteiga, patê ou caviar

Os apreciadores de churrasco vão gostar dessa tábua em frejó com garrote de cobre para segurar a carne na hora do corte. Na **Decasa**, por Cr$ 5 mil 200.

Uma gracinha o trio de frades (Cr$ 780) em gesso pintado da **Companhia da Terra**.

A mesa-bandeja em cana-da-índia com divisão para jornais e revistas é ideal para quem gosta de tomar café da manhã na cama. Na **Cor e Textura**, por Cr$ 1 mil 820.

Peças assinadas em cerâmica: os vasos (Cr$ 6 mil 315, a unidade) são da ceramista Clara Fonseca e estão à venda na **Arte Movimento**; San assina o cinzeiro vitrificado, que custa Cr$ 1 mil 400, na **Desenho Novo**

Projeto musical

Finais de tarde com boa música

Paulo Moura é a atração de amanhã e terça-feira do projeto "Música no Teatro dos 4"

Os finais de tardes das segundas e terças-feiras têm sido muito movimentadas no Teatro do 4. Desde o final de março, esses dois dias da semana, considerados ociosos no meio teatral, vêm sendo preenchidos com uma programação musical de primeira categoria: "Música no Teatro dos 4".

O projeto dirigido pelo maestro Ricardo Prado que se estende até 29 de maio, ainda contará com apresentações de grandes nomes da música instrumental como Paulo Moura, Quinteto Villa-Lobos, Paulo Porto Alegre, Quadro Cervantes, Quarteto de Cordas da UFF, entre outros. Cada semana há uma atração diferente e o espetáculo de segunda-feira se repete no dia seguinte.

Com um repertório que vai do clássico ao popular, e há um detalhe que torna ainda mais atraente esse projeto musical: a entrada é franca. Para conseguir o ingresso basta ir à bilheteria do Teatro dos 4, a partir das 14h. Os bilhetes só valem para o dia em que forem retirados.

Os shows que começam às 18h30, vem atraindo um grande número de apreciadoras da boa música. Mas a grande dica é chegar às 18h, para assistir no *foyer* do teatro, a apresentação dos instrumentistas Maria Alice Saraiva (piano), Homero Gelmini (violino) e Eugênio Martins (flauta), que tocam músicas de Pixinguinha, Villa-Lobos e Lamartine Babo, o ambiente fica ainda mais agradável com as mesinhas de mármore, que lembram aquelas antigas de botequim. Ali, as pessoas podem tomar drinks, saborear petiscos, e ter a sensação que estão num bar das décadas de 30 e 40, ouvindo canções românticas.

Programação

Maio

Dias 1º — *Trio Senise e Lanzelotte e Chew*
7 e 8 — *Duo Lehinger e Jank*
14 e 15 — *Paulo Porto Alegre*
21 e 22 — *Quadro Cervantes*
28 e 29 — *Quarteto de Cordas da UFF*

Abril

Dias 2 e 3 — *Paulo Moura*
9 e 10 — *Ruth Sterke e Inácio de Nonno*
16 e 17 — *Quinteto Villa-Lobos*
23 e 24 — *Coro de Câmera Pro-Arte*
30 — *Trio Senise e Lanzelotte e Chew*

Programe-se

Teatro

SUBURBANO CORAÇÃO — Texto e direção de Naum Alves de Souza. Músicas de Chico Buarque. Com Fernanda Montengro, Otávio Augusto e outros. **Teatro Clara Nunes**. De 4ª a sábado às 21h30; domingo, às 19 e 21h. Até dia 15 de abril.

A SORTE GRANDE — Texto de Scholem Aleihem. Direção de Felipe Wagner. Com Berta Loran, Marcos Wainberg, Clarita Paskin e outros. **Teatro Vanucci.** 2ª e 3ª feira, às 21h30.

FICA COMIGO ESTA NOITE — Texto de Flávio de Souza. Direção de Jorge Fernando. Com Debora Bloch e Luiz Fernando Guimarães. eatro dos 4. De 5ª a 6ª feira, às 21h30; sábado, às 20 e 22h e domingo, 19h.

A PARTILHA — Texto e direção de Miguel Falabella. Com Suzana Vieira, Natália do Vale, Arlte Sales e Thereza Piffer. **Teatro Vanucci**. De 4ª a 6ª feira, às 21h30; sábado, às 20h e 22h30; domingo, às 19h30. Estréia na próxima quarta-feira, dia 4.

VIVÊNCIAS ESOTÉRICAS COM O EREMITA — Palestra sobre esoterismo com o professor Kaanda Ananda e um convidado. **Teatro Clara Nunes.** 4ª feira, às 15h.

APENAS UM CONTO DE FADAS — Espetáculo infantil. Texto de Eduardo Folentino. Direção de Fernando Carrera. Com Gisela Sá, Paula Burlamarqui, Jorge Cherques e outros. **Teatro Vanucci.** Sábado e domingo, às 17h30.

O COMETA VASSOURINHA — Espetáculo infantil. Texto de Dimitrio Nicolau e João Batista Pinheiro. Com André Schutz, Luiza Buarque, Julieta de Faria e outros. **Teatro Clara Nunes.** Sábado, às 16 e 17h30; domingo, às 15h.

BRINCANDO DE VIDA — Musical infantil de Mongol. Com Daniela Giordano, Flávia Oliveira, Giovana Albúquerque e outros. **Teatro Vanucci.** Sábado e domingo, às 16h.

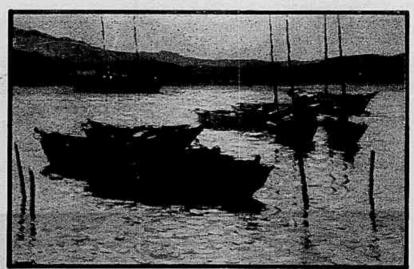
Exposições

A.M.NIEMEYER — Exposição de pinturas-objetos de Fernando Velloso. De 19 de abril a 8 de maio. De 2ª a 6ª feira, das 10 às 22h; sábado, das 11 às 21h.

PAULO KLABIN — Mostra de esculturas de Ernesto Neto. De 19 de abril a 8 de maio. De 2ª a 6ª feira, das 14 às 21h; sábado, das 14 às 18h.

GALERIA G— Coletiva de Satyro Marques, Bianco, Antônio Maia e outros. De 2ª a 6ª feira, das 14 às 21h; sábado, das 11 às 21h.

CHAGALL — Coletiva de Inos Corradin, Heitor dos Prazeres, Sorensen e outros. De 2ª a 6ª feira, das 14 às 22h; sábado, das 11 às 21h.

TOULOUSE — Avant-première da exposição de Sebastião Rodrigues. De 2ª a 6ª feira, das 10 às 22h; sábado, das 10 às 18h.

Óleo sobre tela de Romanelli, em exposição na Galeria Borghese

BORGHESE — Coletiva de Carlos Anesi, Manabu Mabe, Romanelli e outros. DE 2ª a 6ª feira, das 10 às 22h; sábado, das 10 às 18h.

ÁTRIO — Exposição coletiva de David Largman, Desirée Monjardim, Marco Antônio Fernandes e outros. De 2ª a 6ª feira, das 10 às 19h.

SARAMENHA — Coletiva de Beatriz Milhazes, Gonçalo Ivo, Delson Uchoa e outros. De 2ª a 6ª feira, das 10 às 21h; sábado, das 10 às 18h.

CONTORNO — Coletiva de Fukuda, Romanelli, Ivan Freitas e outros. De 2ª a 6ª feira, das 10 às 19h, das 10 às 17h.

D'BIELER — Coletiva de Dallier, Bracher, Carlos Eduardo Zinermmann e outros. De 2ª a 6ª feira, das 10 às 22h; sábado, das 10 às 18h.

343 GALERIA DE ARTE ERÓTICA — Coletiva Mônica Magalhães, Scliar, Tawfik e outros. DE 2ª a 6ª feira, das 10 às 22h; sábado, das 10 às 18h.

ARTEFLEX — Exposição de objetos laminados do artista plástico Walter Becker. De 2ª a 6ª feira, das 9 às 21h; sábado, das 10 às 18h.

BRONZE ESCULTURA — Mostra permanente dos trabalhos em bronze e mármore do escultor Mário Agostinelli. De 2ª a 6ª feira, das 10 às 22h.

Uma loja com o estilo do seu criador

Após passar quase 15 anos fazendo projetos de decoração, Carlos Eduardo Affonso Penna resolveu, em 84, abrir a Oblíquo, justamente para mostrar o seu trabalho a um público diverso, onde pudesse criar um "móvel livre", ou seja, independente da função ou medida adequada para um cliente particular.

"É tão bom — conta ele — poder desenhar um móvel, mesmo que seja uma estante, sem saber quem vai gostar. Fica a sensação de uma liberdade plena. Através das junções de materiais, da utilização da cor e da textura, criamos os objetos sem perder o senso estético e sua finalidade inicial."

Seguindo o seu estilo clássico contemporâneo, Carlos Eduardo projeta mesas, colunas, cadeiras, consoles e até um bar, com o uso da criatividade em diversos materiais, que vão do granito ao ferro pintado, do marfim ao bronze, da terracota ao concreto. Esse mesmo estilo, está presente nos móveis e objetos da Oblíquo.

Na loja podem ser vistas uma infinidade de luminárias em osso, metal, laca, resina e cópias art-déco e art-noveau. Vários artistas e *designers* expõem ali seus trabalhos: Osvaldo Soares e Lilian Sommbra, com esculturas e mesas em concreto; Jadir Freire e Ricardo Becker, com telas em óleo e acrílico; Paulo Vergueiro com mesas e abajures em terracota; esculturas de Celina Lisboa e Gloria Corbetta; móveis e objetos de Romildo Silva Pinto; e os móbiles de alumínio do argentino Claudio Alvarez.

Carlos Eduardo Affonso Penna mantém na sua loja móveis e objetos no estilo clássico-contemporâneo

Para os que gostam de dar presentes raros e de bom gosto, a Oblíquo é o caminho certo. Ali tem pesos de papel em cristal, miniaturas de carrinhos da Burago, cinzeiros de bronze, castiçais e porta-retratos em diversos materiais.

Apesar de se sentir totalmente realizado com a Oblíquo Carlos Eduardo continua se dedicando intensamente aos projetos de móveis e interiores. Junto com o arquiteto Renato Tedeschi, ele mantém no final da loja um escritório, onde cria ambientes finos e de bom gosto para residências, escritórios e lojas comerciais.

Uma butique de cosméticos naturais

A Natureza é a principal fonte de sobrevivência, de inspiração e de ensinamentos do ser humano. Com os desenvolvimentos tecnológico, químico e biológico descobriram-se fórmulas de milhares de vegetais, que estão sendo aplicadas em tratamentos de saúde, de beleza e de rejuvenescimento. No Shopping da Gávea está a única loja carioca que comercializa uma linha de cosméticos para rosto, corpo e cabelos produzidos à base de plantas: a Rama Fytocosmétika.

A proprietária, a cosmetóloga Ligia Carrato, conta que sua mãe, a química e bióloga Lucila Belfort Bastos, passou muitos anos na região da Amazônia fazendo pesquisas científicas das plantas utilizadas pelos índios. "Em 1980 resolvi dar prosseguimento ao trabalho da minha mãe, fabricando suas fórmulas exclusivas em produtos destinados a tratamentos de estética e de beleza.

A Rama Fytocosmétika comercializa 200 produtos cosméticos naturais, feitos à base de frutas, de flores, de raízes e de óleos vegetais. A linha inclui sabonetes, desodorantes, maquiagem, bronzeadores, hidratantes, shampoos, cremes para massagens e limpeza, tônicos e perfumaria.

A Rama comercializa 200 produtos cosméticos naturais, fabricados com fórmulas exclusivas

Uma das fórmulas de maior sucesso é a do perfume "Tigreza", uma mistura de mais de 165 aromas — rosa, jasmim, alecrim, cedro, entre outros —, que está sendo comercializado para o exterior. Outros produtos muito procurados são o sabonete de erva-doce, o hidratante "EH-29" para corpo e cabelo, e o shampoo "Herbal", feito à base de ervas. Toda a linha da Rama Fytocosmétika é comercializada através de revendedoras distribuídas em todo opaís.

Mas, além de vender os cosméticos naturais que produz, a loja da Rama mantém, no andar superior, um estúdio de beleza com poltronas especiais reclináveis e os equipamentos mais modernos. Ali, competentes esteticistas fazem com espátulas de porcelana diversos tipos de tratamentos: para acne, pele oleosa, lifting biológico, cromoterapia, limpeza de pele.

Os produtos naturais da Rama agradam em cheio a classe artística. A loja é muito freqüentada pelos atores José Lewgoy, Joana Fomm, Betty Faria, Moacyr Deriquem e Lilia Cabral.

ACADEMIAS/CURSOS

THE GROUP ENGLISH COURSE — lj 211
REYLSON GRACIE — lj 232
SIVANANDA YOGA & GINÁSTICA — lj 306
BALLET MODERNO ENID SAUER — lj 402
C. R. GÁVEA NATAÇÃO INFANTIL & MUSCULAÇÃO — lj 403

ANTIQUÁRIOS

FINE ART & ANTIQUES — lj 128
JOACHIM MITNITZKY — lj 246/250
GALERIA SARTUN — lj 257/260
LÚCIA AMÉLIA MARTINS — lj 317
R.S. ANTIGUIDADES E OBJETOS DE ARTE — lj 336

BELEZA / ESTÉTICA

CARLINHOS CABELEIREIRO — lj 131
BRITO CABELEIREIRO — lj 135
O BOTICÁRIO — lj 142
B.L.B. ESTÉTICA E EMBELEZAMENTO — lj 145
HERMANNY — lj 238
LA VIE EN ROSE — lj 312
VISAGE — lj 318
RAMA — lj 357

BRINQUEDOS/ PAPELARIA

ROZENLANDIA — lj 156
MARIE PAPIER — lj 216

BANCOS

BANCO NACIONAL S/A — lj A
BANCO ITAÚ S/A — lj B
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — lj E

CALÇADOS E BOLSAS

NAZARETH — lj 262
CIA DOS PÉS — lj 319
MANUFACT — lj 341
BOTTEGA VENETTA — lj 222

CAMA E MESA

CASA VENEZA — lj 231
ALFAZEMA — lj 320

COMESTÍVEIS

OFICINA DO PASTEL — lj 104
BOCA RESTAURANTE — lj 127
CROISSANT STORE — lj 136
ÁRABE DA GÁVEA — lj 141
SHOW PIZZA — lj 154
CHEZ ANNE — lj 171
BELUGA DELICATESSEN — lj 176
PALHARES — lj 201
TRUFFERIE (Bombons) — lj 217
BATATA INGLESA — lj 252
CHORINHO ODEON — lj 315

CULTURA E LAZER

REPUBLICA LIVRARIA — lj H
LAS VEGAS FLIPER — lj 133
TIMBRE LIVRARIA — lj 221
CINEMA RIO SUL — lj 264
TEATRO DOS QUATRO — lj 265
MALASARTES LIVRARIA INFANTIL — lj 367
TEATRO CLARA NUNES — lj 370
TEATRO VANUCCI — lj 371

ESCRITÓRIOS/SERVIÇOS

CONTAF CONTABILIDADE — lj 337
PRONIL ENGENHARIA — lj 401

FOTO/ÓTICA

CANTO DO OLHO — lj 137
CURT S/A — lj 143
LUTZ FERRANDO — lj 172

FLORISTA

PROJETO VERDE FLORICULTURA — lj I

GALERIAS DE ARTE

BORGHESE — lj 138/139
A.M.C. — lj 160
PASSE-PARTOUT — lj 162
SARAMENHA — lj 158/165
PAULO KLABIN — lj 204
A.M. NIEMEYER — lj 205
GALERIA G — lj 210
ART POSTER GALLERY — lj 214
PICTUS — lj 215
BRONZE ESCULTURA — lj 220
D'BIELER — lj 251
GALERIA CHAGALL — lj 255/256
CONTORNO — lj 245/261
343 GALERIA DE ARTE — lj 343
TOULOUSE — lj 350

INFORMÁTICA

MICRO CONSULT — lj 346

JOALHERIAS

ARIELLA — lj 119
DE CASTRO JÓIAS — lj 233
ANTONIO BERNARDO — lj 330
AUGUSTO JÓIAS — lj 342

LABORATÓRIOS/MÉDICOS

CLÍNICA DE OLHOS ROSEMARY DAYE — sobreloja
CLÍNICA ODONTOLÓGICA ALEXANDER HOHN — lj 170
CLÍNICA INFANTIL LEOPOLDO ARRAES — lj 174
LABORATÓRIO DEIVISSON — lj 339
CENTRO ORTOPÉDICO DA GÁVEA — lj 403

MÓVEIS E DECORAÇÕES

SAUVAGE — lj 107
DECASA — lj 124
TERRACOTA — lj 144
DI CLASSE — lj 159
STUDIO MÁGICO — lj 169/173
NANDO'S SOFÁ CAMA — lj 201
DESENHO NOVO — lj 202
METAL & BAGNO — lj 206
DOZIL COZINHAS — lj 207
MOMENTUM — lj 208
RELEVO — lj 209
NEON SHOP — lj 225
CRISTALLO — lj 227/228
MODELUS — lj 230
ELGIN COZINHAS — lj 234
A.M.C. DESIGNERS — lj 235/236
ACRILO — lj 263
AQUAMARINA NAUTIC DESIGN — lj 266
BECO DA ARTE — lj 301/368
M.V.M. INTERIORES — lj 307/308
MATIAS MARCIER — lj 309
ARTE MOVIMENTO — lj 310/356
L'ABAT JOUR — lj 316
VILLAGE — lj 321
ARMAZÉM — lj 322
WAY DESIGN — lj 323
COISA FOFA — lj 325
CALANDRA ILUMINAÇÕES — lj 326
L'HARMONIE — lj 327/328
BAX ARQUITETURA DE BANHEIROS — lj 329
COISINHA FOFA — lj 331
OBLÍQUO — lj 332
COR E TEXTURA — lj 340
BRONZE DESIGN — lj 348
MOBÍLIA ATUAL — lj 352
TAPETES MARIA CLAUDIA — ALFAZEMA — lj 358
ATRIO — lj 359

PRESENTES

FRAGILLE — lj 166
COMPANHIA DA TERRA — lj 167
TUTTO PER LA CASA — lj 168
YACHTING GEAR — lj 241
LARMOD — lj 242
LOCAL PRESENTES — lj 248
SUNFLOWER — lj 253
JOHN SOMERS — lj 305

REVESTIMENTOS

TESSUTO — lj 111
LARO TECIDOS — lj 125
STª MÔNICA TAPETES E FORRAÇÕES — lj 155
ARTEFLEX — lj 334/335
CERÂMICA SANTO ANTÔNIO — lj 344
ORLEAN REVESTIMENTOS — lj 360
CELATUS TECIDOS CORTINAS — lj 364/365

SOM/VÍDEO

GRAMOPHONE — lj 161 / 311
AUDIOPHILE — lj 363

VESTUÁRIO

FIORUCCI — lj 105
DIMPUS — lj 106
SHOP 126 — lj 108
CANTÃO — lj 109
SOCCO — lj 110
SAVILLE — lj 112
PONTAS E EXTREMOS — lj 116
BENETTON — lj 118
FÍSICO E FORMA — lj 121
POSTO 11 — lj 122
LINHAGEM ASSESSORIA DE MODA — lj 123
KIKO T'SHIRTS — lj 130
NEW WOMAN — lj 134
ASTROLOGIE — lj 140
BOTTONI — lj 163
RENOVA — lj 163 A
CORPO E ALMA — lj 177
SÔNIA MARTINS — lj 178
FOLIC — lj 213
EFÊMERA — lj 218
YES, BRASIL — lj 223
EDUARDO GUINLE — lj 226
PÉ DO ATLETA/CHOCOLATE — lj 229
FATTA — lj 239
PIED DE POULE — lj 240
ATOBÁ — lj 243
LOCAL 244 — lj 244
COMPANY — lj 304
FRANKIE AMAURY — lj 333
STEWART — lj 349
NOLAÇO — lj 353
ANDREA SALETO — lj 361

VESTUÁRIO INFANTIL

TIJOLINHO — lj 132
CHICLETARIA — lj 175
POP CORN — lj 203
BENETTON INFANTIL — lj 212
LOCAL GOUACHE — lj 247
BABY BOOM — lj 249
SPLISH SPLASH — lj 254
JOANA JOÃO — lj 313
TOM CAT — lj 338
LÁPIS DE COR — lj 366